



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE MÚSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**

JURACY DO AMOR CARDOSO FILHO

**MÚSICA (IN) VISÍVEL: PESSOAS E SONORIDADES
EXCLUÍDAS**

Salvador
2020

JURACY DO AMOR CARDOSO FILHO

**MÚSICA (IN) VISÍVEL: PESSOAS E SONORIDADES
EXCLUÍDAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Música. Área de concentração: Etnomusicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laila Andresa Cavalcante Rosa
Coorientador: Prof. Dr. Alain Basail Rodríguez

Salvador
2020

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca da Escola de Música - UFBA

C268 Cardoso Filho, Juracy do Amor
Música (in) visível: pessoas e sonoridades excluídas / Juracy do
Amor Cardoso Filho.- Salvador, 2020.
454 f. : il. Color.

Orientador: Profa. Dra. Laila Andresa Cavalcante Rosa
Co-orientador: Prof. Dr. Alain Basail Rodríguez
Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de
Música, 2020.

1. Etnomusicologia. 2. Música - Política social. 3. Exclusão
social - Música. I. Rosa, Laila Andresa Cavalcante. II. Rodríguez,
Alain Basail. III. Universidade Federal da Bahia. IV. Título.

CDD: 780.89

JURACY DO AMOR CARDOSO FILHO

MÚSICA (IN) VISÍVEL: PESSOAS E SONORIDADES EXCLUÍDAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Música da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Música.

Salvador, 31 de julho de 2020.

Banca examinadora:

Laila Andresa Cavalcante Rosa — Orientadora _____
Doutora em Música pela Universidade Federal da Bahia.
Universidade Federal da Bahia.

Alain Basail Rodríguez — Coorientador _____
Doutor em Sociologia pela Universidade de Havana.
Universidade de Ciências e Artes de Chiapas.

Joel Luís da Silva Barbosa _____
Doutor em Música pela Universidade de Washington.
Universidade Federal da Bahia.

Deise Lucy Oliveira Montardo _____
Doutora em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo.
Universidade Federal de Amazonas.

Carlos Alberto Bonfim _____
Doutor em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo.
Universidade Federal da Bahia.

Dinamara Garcia Feldens _____
Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.
Universidade Federal de Sergipe.

A
Maria Lúcia Santos Pereira da Silva

AGRADECIMENTOS

A grande Deusa criadora e ao poder da natureza. Ao inesperado, ao acaso e ao poder de transformação. Aos seres de luz e música. Ao poder do amor, da caridade, da coragem, do afeto e carinho, sentimentos imprescindíveis para a realização desta tese.

A minha filha Luiza Flor da Silva Caffé do Amor Cardoso, Ana Cristina Caffé e família, meu pai Juracy do Amor, tio Jesuíno, tia Marlene, tio Ari e família do Amor, Arlinda, Marinalva, tia Jesler Caffé, tio Hesler, tia Odete, vó Helena Caffé, vó Josefa de Jesus, tia Iracy Cardoso e a minha querida e amada mãe Iesler Darcidalma Caffé e a toda minha família.

A Maria Lúcia, além da dedicatória desta tese, o meu sincero agradecimento.

A Maria Sueli Oliveira e aos Movimentos Sociais da cidade de Salvador.

A minha incrível (des) orientadora Laila Rosa e a Feminária Musical - Grupo de pesquisa e experimentos sonoros

Ao meu também incrível coorientador Alain Basail.

A María Luisa de la Garza, Deise Lucy Oliveira, Angela Elisabeth Lühning, Dinamara Feldens, Carlos Bonfim, Joel Barbosa, Flávia Candusso, José Maurício, Máisa Oliveira dos Santos, Selma Magalhães, Natalia Bieletto, Christian Spencer, Samuel Araújo, Olival Freire, Sergio Ferreira, Michelle Cristine, Margarida Paredes, Carlos Jesus, Mônica Aguilar, Axel Kohler, Pablo e Jesus Solis.

A CAPES que proporcionou o auxílio financeiro para realizar este trabalho.

A Universidade Federal da Bahia, Escola de Música, docentes, discentes, técnicos e terceirizados.

Ao IF Baiano Governador Mangabeira - Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, alunos/as, docentes, técnicos, colaboradores/as e terceirizados.

Aos professores, professoras alunos/as, funcionários/as e colaboradores/as da CESMECA – UNICACH, Centro de Estudos Superiores do México e Centroamérica, onde realizei meu doutorado sanduíche, em San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México.

Ao Movimento de População de Rua, ao Programa Corra pro Abraço, ao CAPS Gregório de Matos, e a todos/as seus/suas profissionais, técnicos/as, colaboradores/as e educadores/as. A todas as pessoas dos Centros de Atenção Psicossocial e Abrigos da cidade de Salvador/Ba, pelo excelente trabalho que desenvolvem, em especial, aos amigos e amigas dos CAPS Gey Espinheira e CAPS Rosa Garcia.

A Antônio Nery Filho, Edward MacRae, Patrícia Von Flach, Luana Malheiro e a todos e todas do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas, do Projeto Saúde de Cara na Rua e do Projeto Ponto de Encontro. A Ana Marcílio e toda a equipe da Ong. Avante.

A Pastoral Nacional da População em situação de rua, núcleo Bahia, ao grupo Multiplicação do Bem, a Prefeitura de Salvador, em nome da SEMPRE: Secretaria de Promoção Social e Combate à Pobreza, ao Projeto Levanta-te e Anda, a Defensoria Pública do Estado da Bahia e a Escola de Enfermagem da UFBA. A Osvaldo Gouveia, Maria Del Carmen, Iramaia Amaral, Itaiane Sousa, Kelton Rocha e a todos/as profissionais das Obras Sociais Irmã Dulce, do Centro de Convivência Irmã Dulce dos Pobres, e do Centro de Acolhimento e Tratamento de Alcoolistas.

A Trícia Calmon, Jamile Carvalho, Vilma Reis, Sérgio Brito, Luan Sodré, Patrick Andrew, Marcos Santos, Alexandre Vargas, Jorge Lampa, Rodrigo Heringer, Pedro Filho e família

UFRB, Leonardo Moraes, Pedrinho Mendonça, Lino Amorim, Yago Tojal, Alice Alves, Cristiane Galdino, Agenor Vasconcelos, Yva Rothe-Neves, Ana Lucia, Eric Assmar, Nora Bammer, Tainá Façanha, Jane Cresus, Dainho Xequerê, Israel Barão, estúdio Ilê Aiyê, Laurisabel Maria, Renato Brito, Márcio Pereira, Ariana Mara, Moacir Cortes, Silvana Cardoso, Iuri Passos, Marcelo Pinho, Caio Rodrigo Chaves, Apoena Serrat, Alen Peixinho e Sow Digital, Merry Batista, Midiã Noelle, Patricia Maia, DeJane Barbosa, Ana Claudia Bastos, Debora Campelo, Enio Saldanha, Daiane Sodré, Guilherme Storti, Wagner Coutinho, Sintia Araújo, Edlúcia Soares F. de Menezes Souza, Sheila Maloca, Luís Lázaro Silva Nascimento, Sr. Edson Alexandre da Silva, Luiz Gonzaga Alves, Jedilson dos Santos, Robson da Hora, Juliana Alves Trindade, Lucas, Lidineia de Oliveira Lima, D. Conceição Cardoso, Manoel Pereira da Cruz, Alcides Ribeiro D' Vinllen`s, Zeferino Pereira, Almir Bispo de Jesus, Cledson Braga Santos, Joilson Oliveira, João Alexandre, Diogo Santos Silva, Anatólio Píton, Josuel de Jesus Oliveira, Robson de Jesus, Silvano Santos de Oliveira, Isaac Jesus Santos, Laercio Santos, Manezinho, Renato Ferreira, Antônio Ferreira, Bruno Cavalcante, Heloína Souza de Jesus, Ramon Pereira, Lucas Pereira da Silva, Everaldo Santos Silva (in memoriam), Rosilene Ferreira, Antônio Carlos dos Santos, Luís Alberto da Silva, Evandro de Jesus Messias da Silva, Aline, Alan da Silva, Antônio Pereira “sem fronteira”, Anselmo Santos, Ed Carlos, Renildo da Silva (Renny), Verinilson Lima, Jeane Freitas, Karol Gomes, Tânia Nogueira, Ravena Lima e Tatiana Behrens (SEMPRE), Eliana Dumêt, Carlita Moraes Bastos e Christiane Moraes Bastos (Pastoral Nacional da População em situação de rua, núcleo Bahia), Valéria Figueira (grupo Multiplicação do Bem), Maria de Fátima Cavalcanti, Adauto Leite Oliveira, Leandro Dominguez, Hans Peter Gutmann, Blas Gonzalez, Fernanda Mota, Renata Maria Pimentel, Andréa Leite, Gabriel Pamponet, Patrícia Rachel, Isabel Castro, Lucas Gerbazi, Laíze Lantyer, Joey Coutinho, Mabel Jansen, Maude, Aline Soares, Jamile Soares, Rose Boaretto, Livia Ribeiro, Dani e a toda equipe da Neurocirurgia da Ala B do Hospital Geral Roberto Santos.

A Wagner De Angeli Ferraz e Bando Flores da Massa e a Renata Berenstein de Azevedo e grupo: Os Insênicos, do Hospital Juliano Moreira.

A Elísio da Silva, Elaine Amazonas, Gilberto Portugal, Well Bitencourt, Cíntia Liberato, Alexandre Vídero - Rosk, Uagda da Silva, Bruna da Silva, Teresther Rossainzz, Valéria Macedo, Bruno e Rickson Bala.

A Anselmo Serrat (in memoriam) e a minha família Picolino e Fulanas companhia de circo.

A família Temazcal de Sancris.

A professora Therezinha Requião, professora Maju, Rita Dultra, Hélio Rabello, Gil Caribé, Carlos Chenaud, Josmar Assis, e aos colegas do Instituto de Música da Universidade Católica do Salvador.

A Diego Badaró, Luiza Olivetto, India Tiso, Peu Meurray, Davi Caires e Ronan Caires, Jan Cathalá, Nato Araújo, Marcos Pedreira, Luciana Príncipe, Francisco Don Pancho, Caro Alvarez, João Deogracias, Flavus Regis, Viva Varjão, Felipe de Souza e Hip Hop Roots, Naiana Laborda, Flávia Castagno, Rachel Café, Renata Gelamo, Guma Ogburn, Marcos Tostes, Noberto e Humberto Salomão, Francisco Silva, Fábio Di Rocha, Clara Domingas, Marcela Costa, Alessandro Félix, Utan Souza, Sica Freitas, Nãna Dias, Eduardo Bessa, Manoel Junior Batera, família Zion Gate, e Ital studios, aos amigos e amigas parceiros/as de vida e de música, aos amigos e amigas que fiz na rua e nos espaços de pesquisa, homens e mulheres incríveis, que colaboraram imensamente com/para minha transformação. E a todos e todas que colaboraram com suas histórias, afetos e inspirações para a realização desta tese, muito obrigado, gracias, kolaval.

E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam
escutar a música.
Friedrich Nietzsche.

Do Amor, Juracy. **Música (in) visível: Pessoas e sonoridades excluídas**. Orientadora: Laila Rosa. 2020. 454f. il. Tese (Doutorado em Música). Escola de Música, Universidade Federal da Bahia. Salvador/Ba, 2020.

RESUMO

Música (in) visível: Pessoas e sonoridades excluídas, consiste numa etnografia musical a partir dos encontros e oficinas de música realizadas com pessoas em situação/contexto de rua, que frequentaram o Movimento de População de Rua, o Programa Corra pro Abraço e o Centro de Atenção Psicossocial Gregório de Matos, todos em Salvador/Ba. A investigação apresenta como essas pessoas realizaram suas práticas musicais e quais situações, atividades e produtos foram desenvolvidos ao longo da pesquisa. A fundamentação teórica integra contribuições advindas das Ciências Sociais, Antropologia, Música e Etnomusicologia e dialoga com estudos decoloniais e feministas latino-americanos e de outros territórios. Situa-se dentro dos referenciais da pesquisa qualitativa com práticas engajadas e comprometidas, por meio da interação, observação e descrição etnográfica e performativa. Aproxima-se da abordagem da Fenomenologia, da abordagem Multirreferencial, da epistemologia do Acontecimento, da pesquisa-ação, pesquisa participativa, dialógica, colaborativa, engajada, ética e compartilhada. Esta tese pretende colaborar com a desfragmentação do imaginário social perverso que se tem sobre pessoas em situação/contexto de rua, e fomentar a ampliação dos horizontes epistemológicos vigentes, além de propor discussões sobre gênero, raça, classe, espaço urbano e territórios sonoros na cidade de Salvador/Ba.

Palavras-chave: Música. Exclusão social. Vulnerabilidade social. Pessoas em situação/contexto de rua. Etnografia. Etnomusicologia.

Do Amor, Juracy. **(In) visible music: People and sonorities excluded.** Thesis advisor: Laila Rosa. 2020. 454f. il. Thesis (Doctorate in Music). Musicschool, Federal University of Bahia. Salvador/Ba, 2020.

ABSTRACT

(In) visible music: Excluded people and sounds, consists of a musical ethnography based on meetings and music workshops held with people in a street situation/context, who attended the Movimento de População de Rua, the Programa Corra pro Abraço and the Psychosocial Care Center Gregório de Matos, all in Salvador/Ba. The investigation shows how these people performed their musical practices and what situations, activities and products were developed throughout the research. The theoretical foundation integrates contributions from Social Sciences, Anthropology, Music and Ethnomusicology and dialogues with decolonial and feminist studies from Latin America and other territories. It is located within the framework of qualitative research with engaged and committed practices, through interaction, observation and ethnographic and performative description. It approaches the Phenomenology approach, the Multi-referential approach, the Epistemology of the Event, the action research, participatory, dialogical, collaborative, engaged, ethical and shared research. This thesis intends to collaborate with the defragmentation of the perverse social imaginary that has about people in a situation / street context, and to promote the expansion of the current epistemological horizons, besides proposing discussions about gender, race, class, urban space and sound territories in Salvador/Ba.

Keywords: Music. Social Exclusion. Social vulnerability. People in street situation/context. Ethnography. Ethnomusicology.

LISTA DE FIGURAS

Figura	1	Dia da gravação do Cd do Corra pro Abraço.	132
Figura	2	Primeiro dia de gravação no estúdio do Ile Aiyê.....	133
Figura	3	Gravação no estúdio do Ile Aiyê.	135
Figura	4	Oficina de música na sede do Movimento de População de Rua.	430
Figura	5	Alcides Ribeiro D' Vinllen`s praticando o violão.	431
Figura	6	Descontração na antiga sede do Programa Corra pro Abraço.	432
Figura	7	Dia de oficina de música da sede do Movimento de População de Rua.....	433
Figura	8	Oficina de música no Movimento de População de Rua, Salvador/Ba.	434
Figura	9	Evandro de Jesus Messias da Silva, praticando músicas no violão.	435
Figura	10	Praticando música na antiga sede do Programa Corra pro Abraço.....	436
Figura	11	Dia de oficina de masculinidades na sede do Programa Corra pro Abraço.....	437
Figura	12	Evento promovido pelo Corra pro Abraço no Campo da Pólvora, Salvador/Ba.	438
Figura	13	Dia de oficina de música na sede do MPR.	439
Figura	14	Dia de gravação no estúdio do Ilê Aiyê, Salvador/Ba.	440
Figura	15	Momentos da gravação do disco do Programa Corra pro Abraço.	440
Figura	16	Dainho Xequerê e os músicos do disco “Outros caminhos são possíveis”.....	441
Figura	17	Juracy do Amor e Jedilson dos Santos no estúdio do Ilê Aiyê.	442
Figura	18	Músicos e compositores do disco “Outros caminhos são possíveis”.....	443
Figura	19	Práticas musicais na sede do Programa Corra pro Abraço.	444
Figura	20	Dia de oficina de música na sede do Programa Corra pro Abraço.	445
Figura	21	Alongando o corpo nas oficinas de música, na sede do MPR.	446
Figura	22	Dia de oficina de música na sede do MPR.	447
Figura	23	Cledson Braga Santos ensaiando sua composição na sede do Corra.	448
Figura	24	Zeferino Pereira Nascimento e Juracy do Amor.	449
Figura	25	Movimentando o corpo nas oficinas de música, na sede do MPR.	450
Figura	26	Apresentando o violão nas oficinas de música, na sede do MPR.....	451
Figura	27	Apresentando a escala musical nas oficinas de música na sede do MPR.....	451
Figura	28	Oficinas de música na sede do MPR.	452
Figura	29	Violão e bandeira do MPR.	452
Figura	30	Maria Lúcia Pereira dos Santos.	453

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico	1	Grupos Etários – População em Situação de Rua (%).....	92
Gráfico	2	Idade de chegada à rua por grupos etários (%).....	93
Gráfico	3	Tempo de experiência de Rua (%).....	94
Gráfico	4	Gênero – População em Situação de Rua (%).....	95
Gráfico	5	Cor/ Raça Autodeclarada e Observada (%).....	96
Gráfico	6	Motivo para acessar os serviços/instituições que compõem a SGD (%).....	97
Gráfico	7	Violências sofridas nas ruas. (%).....	233
Gráfico	8	Autores das violências sofridas nas ruas (%).....	234
Gráfico	9	Acesso negado/impedido em instituições/serviços (%).....	234

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	Associação Brasileira de Antropologia
ABESUP	Associação Brasileira de Estudos Sociais do Uso de Psicoativos
ABET	Associação Brasileira de Etnomusicologia
ACASA	Associação Criança na Arte Sarajane
ADRA	Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais Brasil
AICO	Associação Ibero-americana de Câmaras de Comércio.
AIDS	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
ASA	Ação Social Arquidiocesana de Salvador
ASPEC	Associação Pleno Cidadão
CAMAPET Ambiental	Cooperativa de Coleta Seletiva, Processamento de Plástico e Proteção
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS	Centros de Atenção Psicossocial
CAS	Centro Antigo de Salvador
CATA	Centro de Acolhimento e Tratamento de Alcoolistas
CCIDP	Centro de Convivência Irmã Dulce dos Pobres
CD	Compact Disc ¹
CEEBA	Centro de Educação Especial da Bahia
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CESMECA	Centro de Estudos Superiores do México e Centroamérica
CETAD	Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
COMVIDA	Comunidade Cidadania e Vida
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa em Seres Humanos
CORRA	Programa Corra pro Abraço
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

¹ Disco compacto.

DISOC	Diretoria de Estudos e Políticas Sociais
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
DVD	Digital Versatile Disc ²
EBTT	Ensino Básico, Técnico e Tecnológico
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FUNARTE	Fundação Nacional de Artes
FUNCEB	Fundação Cultural do Estado da Bahia
GIA	Grupo de Interferência Ambiental
HEMOBA	Fundação de Hemoterapia e Hematologia da Bahia
HGE	Hospital Geral do Estado da Bahia
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICEIA	Instituto Central de Educação Isaías Alves
ICTM LATCAR	Grupo de Estudos sobre Música e Dança na América Latina e Caribe
ICTM	Conselho Internacional de Música Tradicional
IF BAIANO	Instituto Federal de Educação, Ciência E Tecnologia Baiano
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais, entre outras possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero
MPNR	Movimento Nacional de População de Rua
MPR	Movimento de População de Rua
MPR/BA	Movimento de População de Rua – Bahia
NUAR	Núcleo de Ações Articuladas para População em Situação de Rua
OBADX	Orquestra de Berimbaus Afinados
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
OSCIP	Organização da Social Civil de Interesse Público
OSID	Obras Sociais Irmã Dulce

² Disco versátil digital.

P.E.	Ponto de Encontro
PFEM	Policial Militar Feminina
PM	Policial Militar
PPGMUS	Programa de Pós-Graduação em Música
RAP	Ritmo e Poesia
RENFA	Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas
SEAP/BA Bahia	Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização do Estado da Bahia
SEMPRE	Secretaria Municipal de Promoção Social de Combate à Pobreza
SEMPS	Secretaria Municipal de Promoção Social, Esporte e Combate à Pobreza
SENAD	Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas
SGD	Sistema de Garantia de Direitos
SIC	Segundo Informações Colhidas
SJDHDS Estado da Bahia	Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do Estado da Bahia
SPA'S	Substâncias Psicoativas
SUPRAD Vulneráveis	Superintendência de Políticas Sobre Drogas e Acolhimento a Grupos Vulneráveis
SUS	Sistema Único de Saúde.
TCA	Teatro Castro Alves
UAI	Unidades de Acolhimento Institucional
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNICACH	Universidade de Ciências e Artes de Chiapas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	19
1.1. A PESQUISA	31
1.1.1. Exclusão	34
1.1.2. Campos pesquisados.....	39
1.1.3. Quem são as interlocutoras e interlocutores da pesquisa?	43
1.2. MÚSICAS QUE NOS REPRESENTAM	53
2. MÚSICA (IN) VISÍVEL	68
2.1. QUE MÚSICA É ESSA?	68
2.2. POR QUAL MOTIVO PESQUISAR SOBRE PESSOAS EM SITUAÇÃO/CONTEXTO DE RUA E SUAS PRÁTICAS MUSICAIS?	73
2.3. ESTAR JUNTO.....	84
2.4. LUGAR DE FALA.....	85
2.5. OLHARES CONTEMPORÂNEOS.....	89
3. ETNOGRAFIA MUSICAL	102
3.1. CAMPO DE PESQUISA	102
3.1.1. Maria Lúcia.....	103
3.2. CHEGANDO AO CAMPO.....	106
3.2.1. Silêncio no estúdio... Gravando	126
3.2.2. Pós-campo	139
3.2.3. O músico e suas práticas na área da saúde: Outras epistemologias etnomusicológicas	166
3.2.4. Primeiros passos	171
3.2.5. Chegando ao Ponto de Encontro.....	175
3.2.6. Redução de danos	183
3.2.7. Drogas: que onda é essa? Será que dá som?	189
4. REFERENCIAL TEÓRICO	192
4.1. ABORDAGEM METODOLÓGICA	192
4.2. COMPROMISSO ÉTICO	201
4.3. ÉTICA(S) NA(S) PESQUISA(S): A ÉTICA SERVE PARA QUEM MESMO?.....	203
4.4. A(S) ÉTICA(S) NO BRASIL.....	209
4.4.1. Deveres do/da pesquisador/pesquisadora.....	214
4.4.2. Deveres dos Comitês de ética em pesquisa	215

5. DIÁRIOS DE CAMPO- LOCALIZANDO NOSSO(S) TERRITÓRIO(S) – OS PERCURSOS ENTRE PRÁTICAS ENGAJADAS E A PESQUISA TEÓRICO-METODOLÓGICA NO CAMPO DAS ETNOMUSICOLOGIAS	219
5.1. DIÁRIO#1 O NAVIO DAS INTERSECCIONALIDADES.....	220
5.2. DIÁRIO#2 (RE) VISITANDO O FEMININO	244
5.3. DIÁRIO#3 ETIQUETAS	248
5.4. DIÁRIO#4 COSMOLOGIA ANCESTRAL	255
5.5. DIÁRIO#5 NO LIMITE DA ATUALIDADE	260
5.6. DIÁRIO#6 SOMOS DIFERENTES	266
5.7. DIÁRIO#7 FALE MINHA LÍNGUA	269
5.8. DIÁRIO#8 IRREVERSÍVEL.....	273
6. ANÁLISE ESTRUTURAL	282
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	294
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	304
ANEXO A — Relatórios do consultório de rua Saúde de cara na rua, do Projeto Ponto de Encontro e do CCIDP.	315
01. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, julho de 2010	315
02. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, agosto de 2010	317
03. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, setembro de 2010	318
04. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, outubro de 2010	319
05. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, novembro de 2010.....	321
06. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, dezembro de 2010	323
07. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, janeiro de 2011	325
08. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, fevereiro de 2011.....	328
09. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, março de 2011	330
10. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, abril de 2011	331
11. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, maio de 2011.....	333
12. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, junho de 2011	335
13. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, julho de 2011	337
14. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, agosto de 2011	339
15. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, outubro de 2011	340
16. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, novembro de 2011.....	341
17. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, janeiro, fevereiro e março de 2012.....	342
18. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, outubro de 2012.....	344
19. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, novembro de 2012	348
20. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, dezembro de 2012	351

21. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, junho de 2013	360
22. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, julho de 2013	362
23. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, agosto de 2013	365
24. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, setembro de 2013.....	370
25. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, outubro de 2013.....	375
26. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, novembro de 2013	378
27. Relatório CCIDP / Salvador, dezembro de 2013.....	381
28. Relatório CCIDP / Salvador, janeiro de 2014	383
29. Relatório CCIDP / Salvador, fevereiro de 2014	384
30. Relatório CCIDP / Salvador, março de 2014.....	388
31. Relatório CCIDP / Salvador, abril de 2014	397
32. Relatório CCIDP / Salvador, maio de 2014	402
33. Relatório CCIDP / Salvador, agosto de 2014.....	407
34. Relatório CCIDP / Salvador, setembro de 2014.....	413
ANEXO B — Letras das músicas do Cd do Programa Corra pro Abraço.....	414
01. Sou a rua.....	414
02. Canto a vida	414
03. Tributo a Salvador	415
04. Um gesto de amor	415
05. Vacilão	416
06. Um dom	416
07. A cultura está em nós	417
08. Maloqueiro não	417
09. Correria	418
ANEXO C — Cartas de apresentação.....	419
ANEXO D — Código de ética da ABA	421
ANEXO E — Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).....	422
ANEXO F — Termo de autorização do uso de imagem, voz e som.....	423
ANEXO G — Parecer da comissão de ética do PPGMUS.....	424
ANEXO H — Sumário Executivo da pesquisa Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal?	426
ANEXO I — Nota técnica - População em situação de rua em tempos de pandemia: um levantamento de medidas municipais emergenciais	427
ANEXO J — Manifesto sobre as mortes das pessoas em situação de rua na pandemia em Salvador	428

ANEXO K — Cartografias dos Desejos e dos Direitos: Mapeamento e Contagem da População em Situação de Rua na Cidade do Salvador, Bahia, Brasil.	429
ANEXO L — Fotos.....	430
ANEXO M — Autor.....	454

1. INTRODUÇÃO

No mistério do sem-fim
equilibra-se um planeta.
E, no planeta, um jardim,
e, no jardim, um canteiro,
no canteiro uma violeta,
e, sobre ela, o dia inteiro,
*entre o planeta e o sem-fim,
a asa de uma borboleta*
(Canção Mínima - Cecília Meireles).³

Ao contrário de algumas estatísticas,⁴ posso garantir que o doutorado salvou minha vida. 2015 foi o ano mais sombrio que vivi, primeiro perdi meu emprego, depois veio falecimento da minha querida mãe, seguido do término do meu casamento, com isso, comecei um uso abusivo de drogas e a cada dia que se passava, minhas perspectivas iam diminuindo. Parei de tocar, de compor, não saía mais, não visitava e nem recebia amigos em casa. Comecei a perceber que não escutava mais música, não fazia mais nenhuma atividade esportiva, minha rotina era dormir, acordar e ficar chapado o resto do tempo.

Em agosto desse mesmo ano viajei ao Rio de Janeiro, numa tentativa de sair de casa e buscar outros ares. Esse afastamento foi importante e ali comecei a perceber que não estava bem. Estava no Rio de Janeiro, mas minha aparência era de uma pessoa perdida numa ilha. Sim, estava perdido, buscando fugir da realidade. A todo momento fugia de mim mesmo, de tudo. Mas, no fundo do meu coração, eu sabia que precisava de alguma reviravolta. Depois de muita reflexão, percebi que a melhor coisa a fazer era voltar a estudar. Mas estudar o quê? Bem, em verdade, queria continuar meu trabalho com música, primeiro pensei novamente na carreira artística, afinal de contas, tinha muitas músicas que queria gravar, mas novamente veio a depressão, uma falta de vontade de fazer, de realizar. Acabei novamente me trancando em casa e chapando a cabeça. Já em Salvador, comecei a ler alguns artigos sobre música e decidi que para voltar a estudar teria que ser algo que realmente valesse a pena, que tivesse sentido não só para mim, mas para quem estivesse envolvido.

Com muito sacrifício, após várias tentativas, entre as vontades momentâneas e a depressão constante, consegui a duras penas escrever, ou melhor, consegui esboçar um possível

³ Disponível em http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?poeta_id=222&obra_id=3472.

⁴ “Depressão e tentativas de suicídio entre universitários e pós-graduandos não são assunto novo dentro das universidades. Em 2017, o tema chegou a ganhar páginas de jornais com o termo “surto de suicídios” depois que seis alunos da Faculdade de Medicina da USP tentaram se matar, entre janeiro e abril. Pouco depois, alunos da Universidade Federal de Viçosa (MG) lançaram a campanha #NãoÉNormal na internet para expor casos de demandas abusivas de escolas e professores que comprometem a saúde mental dos estudantes”. Disponível em: <https://www.metropoles.com/saude/um-terco-dos-alunos-de-pos-graduacao-tem-depressao-ou-ansiedade>.

anteprojeto de pesquisa, em verdade, não era um projeto em si, mas, reflexões do que poderia ser uma pesquisa sobre música e pessoas em situação de rua, já que, nos últimos cinco anos de minha vida, estive envolvido em atividades com essas pessoas. Com certa insegurança e muita ansiedade, liguei para algumas professoras da Escola de Música solicitando ajuda, sim, procurei antigos mestres e mestras para uma possível interlocução, mas todas estavam ocupadas, parecia que as portas estavam fechadas. Numa última tentativa liguei para a professora Angela Lühning em busca de alguma orientação.

Na conversa lhe disse que tinha vontade de voltar a estudar, afinal, já havia passado 9 anos desde a finalização do meu Mestrado em Educação Musical, e que, se fosse possível, eu gostaria de lhe enviar uma proposta de estudo para uma avaliação, em verdade, queria saber se eu estava no caminho certo, pois até aquele momento, só enxergava que minha única saída era voltar para a academia, para a Escola de Música. Como todas as outras professoras me negaram orientação, eu me segurei nas últimas esperanças de que professora Angela me ajudasse.

Passou um tempo e chegou 2016, outro ano, vida nova, mas meus hábitos continuavam os mesmos. Após praticamente um ano que enviei o anteprojeto, como não obtive nenhuma resposta, tive coragem e liguei novamente para a professora. Rapidamente perguntei o que ela tinha achado do projeto e quais colaborações ela poderia dar. A resposta foi a seguinte:

— *Juracy, tudo bem? Eu nem abri seu e-mail [...].*

Naquele momento minha energia que já estava baixa foi se esvaindo em alta velocidade, o silêncio prevaleceu na linha telefônica e quando eu já ia me despedir, ela me disse:

— *[...] mas vamos ter a seleção para o doutorado agora no meio do ano, por que você não submete seu projeto? Com certeza, se você submeter⁵ eu irei ler.*

Foi a partir desse momento que percebi o tamanho das responsabilidades e como se delineava a conduta ética profissional de um/a professor/a de Pós-Graduação, ou seja, se eu desejava tanto adentrar no doutorado, que eu o fizesse pela forma correta – a seleção pública do doutorado. Pronto, o desafio foi lançado, eu não tinha outra alternativa, essa era a única opção que tinha, ou me dedicava a entrar no páreo, ou abandonava tudo de uma vez. Agarrei essa oportunidade como minha única saída possível de toda a depressão que vinha me assolando desde 2015.

Dediquei meu tempo para as leituras e li toda a bibliografia apresentada para o certame umas 8 vezes (ou mais), e após diversas provas, recital e entrevista, consegui adentrar no

⁵ E caso fosse aprovado na primeira fase.

Doutorado em Etnomusicologia na Universidade Federal da Bahia. Que vitória! Lembro que na hora que obtive o resultado da aprovação, não sei se devido ainda a meu estado depressivo, o efeito que surgiu em mim foi um misto de alegria e de um:

— *Meu Deus, onde estou me metendo?*

Mas as angústias logo se transformaram em desejos e fui com tudo para cima dos estudos e leituras, com isso, fui reduzindo minhas ansiedades, (mas criando outras mais saudáveis), e fui me apropriando desse novo lugar de pesquisador/investigador acadêmico. Naturalmente fui me afastando do uso abusivo de drogas, comecei a escutar mais música e conseqüentemente a tocar meus instrumentos. A vida começou a florescer de dentro para fora novamente, comecei a me sentir produtivo, desafiado e instigado a compreender todo um mundo novo a minha volta.

No primeiro semestre viajei para o México, onde pude participar do 4º Encontro de Etnomusicologia – “*La Música y los Mitos*”, foi a partir daí, que comecei a perceber a riqueza e quantas possibilidades eu poderia ter como um pesquisador em Etnomusicologia. A vida acadêmica me tomou por completo, já não saía mais de casa, não por estar deprimido, mas sim, para dar conta de tantas leituras, temas que nunca tinha pensado em refletir. Com a dedicação, surgiram outras viagens, participações em congressos, encontros, simpósios, publicações em anais de eventos e um capítulo no Livro: *La Música y los Mitos. Investigaciones etnomusicológicas*, (2018),⁶ publicado no México, fruto da minha primeira viagem como pesquisador.

Assim, fui vencendo a depressão e a cada dia que passava, percebia-me mais envolvido com a pesquisa. No meio do processo, passei em um concurso público federal e me transformei professor do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, ou seja, foram desafios que me trouxeram outros desafios. Com todas essas mudanças, fui me livrando das amarras que me prendiam no fundo de um poço metafórico e com tempo e cuidado, dediquei-me a pesquisa de campo. Fui ao encontro dos interlocutores e interlocutoras desta tese, ao encontro de tudo que foi possível vivermos juntos.

⁶ *La música y los mitos. Investigaciones etnomusicológicas*. (2018). Editores María Luisa de la Garza Chávez e Carlos Bonfim, aborda a música humana desde macroestruturas antropológicas até seu uso como uma ferramenta política para capacitação e visibilidade de setores subalternizados. A partir do papel da música nas mitologias indígenas e na mitologia grega, ela atinge práticas atuais, como tochas guatemaltecas musicalizadas ou iniciativas de jovens compositores que interrompem a hegemonia sonora nas cenas locais e nas escolas de música. A pesquisa etnomusicológica apresentada aqui tem dois contextos predominantes: sul do México e nordeste do Brasil, e um texto do antropólogo e historiador das religiões Ernesto de Martino é publicado pela primeira vez na América Latina. Disponível em: https://www.academia.edu/37932408/La_m%C3%BAAsica_y_los_mitos._Investigaciones_etnomusicol%C3%B3gicas_2018_.

A partir de todas as experiências obtidas, com fé e afinco, comecei a produzir esta tese, uma mistura de inquietações por respostas e por novas/outras perguntas, alicerçadas pelo desejo e busca constante por diferentes perspectivas críticas, apoiadas por uma escrita que possibilitasse revelar afetos e histórias que pudessem servir para as *(re) existências* de relações mais significativas. Finalmente comecei a viver novamente e a colocar no papel as ideias e as reflexões acerca da pesquisa etnográfica.

Porém, antes de adentrar o texto em si, desejo apresentar o esboço da tese. Optei em dividi-la em sete capítulos, seguido das referências bibliográficas e anexos.

O primeiro capítulo - **Introdução**. Está dividido em dois subcapítulos: 1.1. A pesquisa e 1.2. Músicas que nos representam. Aqui apresento a categoria exclusão social, os campos de pesquisa e quem são/foram os/as interlocutores/as desta tese, no subcapítulo: 1.2. Músicas que nos representam, apresento um relato de experiência anterior ao campo atual de pesquisa. Este relato foi fruto das minhas interlocuções e práticas musicais realizadas com pessoas em situação/contexto de rua, em dois projetos em Salvador/Ba, antes de adentrar o Doutorado em Etnomusicologia. Este subcapítulo faz parte do Livro: *La Música y los Mitos. Investigaciones etnomusicológicas*, como já dito, publicado no México em 2018.

O segundo capítulo - **Música (in) visível**. Está dividido em cinco subcapítulos: 2.1 Que música é essa? 2.2. Por qual motivo pesquisar sobre pessoas em situação/contexto de rua e suas práticas musicais? 2.3. Estar junto, 2.4. Lugar de fala e 2.5. Olhares contemporâneos. Através das autoras e autores: (GARCIA, 2010), (HARAWAY, 1995), (ROSA e NOGUEIRA, 2015), (LÊ BRETON, 1953), (KLEBER, 2008), (CARNEIRO, 2005), (LÜHNING, 2014), (PINTO, 2001) e (TURINO, 2008), apresento o porquê de pesquisar sobre práticas musicais realizadas por pessoas em situação/contexto de rua. Trago alguns olhares contemporâneos que pesquisam sobre a temática, além de localizar a importância do “estar junto” e meu lugar de fala, em detrimento aos objetivos deste trabalho.

O terceiro capítulo - **Etnografia musical**. Este capítulo está dividido em dois subcapítulos: 3.1. Campo de pesquisa, e 3.2. Chegando ao campo. Através das autoras (OCHOA GAUTIER, 2006), (HARAWAY, 1995), (HARDING, 2007), (CUSICK, 1994), dentre outras, dialogo com as diversas interlocutoras e interlocutores desta tese. Trata-se de uma aproximação etnográfica do processo de pesquisa de campo, por meio dos encontros, do registro áudio visual, das trocas de experiências sonoras e artísticas vivenciadas em, e no campo de pesquisa. Digo aproximação, pois é impossível colocar no papel tudo que vivenciamos juntos, mas aí se encontra boa parte das reflexões. Um processo embasado em meu compromisso social. Uma investigação: “[...] cujas raízes na América Latina podem ser

encontradas em Paulo Freire e Orlando Fals Borda, em pesquisa-ação, pesquisa participativa e educação popular, embora novas vozes e pesquisadores participem do debate atual”. (ESPINOSA, 2017, p. 22).

Algumas experiências que obtive anteriormente, deram-me as bases e algumas ferramentas sobre como se construir/executar uma pesquisa colaborativa e participativa,⁷ no entanto, cada pesquisa possui sua singularidade, é única, com isso posto, não sabia até onde poderíamos chegar. Portanto, não se trata de uma etnografia detalhista, eu me atentei muito mais pela descrição dos processos, do que pela descrição das pessoas, até porque, estávamos/estamos em processo de transformação, então, descrever como as pessoas chegavam, ou como se vestiam, pareceu-me um caminho de possíveis criações de estigmas, e disso, fujo neste trabalho.

O que posso dizer é que a investigação começou a ganhar corpo, quando a qualidade dos vínculos firmados com os/as interlocutores/as foi ficando mais forte. Falo de comprometimento profundo, e isso implicou investigar o sentido (significado) das ações das pessoas envolvidas, e o significado que as pessoas atribuem/atribuíram aos processos e situações que vivenciaram/vivenciam em seus cotidianos e em seus territórios. Isso impulsionou a investigação na direção de: “[...] um compromisso político e epistemológico de pesquisar com outras pessoas”. Esse caminho colaborou para o entendimento de que: “[...] a crítica cultural e a política não precisam necessariamente ser atividades separadas e que não apenas o conhecimento deve ser descolonizado, mas também o processo de produção do conhecimento”. (ESPINOSA, 2017, p. 23, 24).

A etnografia desta tese, revela-se por meio de escritos originados a partir dos encontros musicais, uma etnografia dos sentidos e das sensações que obtivemos, dos sabores, das cores e desafios que passamos juntos, falo muito mais da força dos encontros, da alegria de estar juntos e poder fazer música. Como dito, impossível colocar tudo numa escrita. Esta tese é um recorte temporal, uma escrita de um momento, uma experiência sensorial, musical e afetiva. Sabendo que: “[...] quem escreve ordena a reflexão coletiva, relata o que foi deixado à solta, seleciona, completa, acrescenta, analisa, conclui ... vai além do que é verbalizado”. (ESPINOSA, 2017, p. 32).

O quarto capítulo - **Referencial teórico**. Está dividido em quatro subcapítulos: 4.1. Abordagem metodológica, 4.2. Compromisso ético, 4.3. Ética (s) na (s) pesquisa (s): a ética

⁷ Ver o anexo A — Relatório nº 29 - Relatório CCIDP / Salvador, fevereiro de 2014. Neste relatório apresento possíveis metodologias para se construir uma oficina de música.

serve para quem mesmo? E 4.4. A (s) Ética (s) no Brasil. Através das autoras e autores: (SEEGER, 2008), (RAGO, 1998), (FREIRE, 1989), (CAROSO, 2004), (ALMEIDA W, 2003), (HARAWAY, 1995), (FELD, 1994), (MINAYO, 1994), (MACEDO, 2000, 2016), (MARTINS, 1998), (BURNHAM, 1998), (ALVES, 1980), (BASTIDE, 1946, 1983), (DINIZ, 2007), (GOLDIM, 2004), (KUBIK, 2010), (QUEIROZ, 2013), (SLOBIN, 1992), (HEILBORN, 2004), (LENCIONI, 2008), (SILVA, 2007), (GARCIA, 2010), problematizo os caminhos teóricos que tomei para escrever esta tese e também apresento meu compromisso ético para realizar este trabalho. Trago a discussão sobre ética nas pesquisas, e (re) faço a pergunta:

— *A ética serve para quem mesmo?*

Propositalmente o quarto capítulo - Referencial teórico, e o quinto capítulo - Diários de campo, localizam-se depois da parte etnográfica, exatamente para trazer à tona o valor da etnografia e do conhecimento localizado/empírico como fonte de saber e poder. As vozes das interlocutoras têm o mesmo peso que as vozes das teorias aportadas nesta tese.

O Quinto capítulo - **Diários de campo - Localizando nosso (s) território (s) – Os percursos entre práticas engajadas e a pesquisa teórico-metodológica no campo das etnomusicologias**. Este capítulo está dividido em oito subcapítulos em formatos de diários de campo. 5.1. O navio das interseccionalidades, 5.2. (re) visitando o feminino, 5.3. Etiquetas, 5.4. Cosmologia ancestral, 5.5. No limite da atualidade, 5.6. Somos diferentes, 5.7. Fale minha língua e 5.8. Irreversível. Através das autoras e autores (VERGUEIRO, 2015), (CASTRO, 1983), (GARCIA, 2010), (WACQUANT, 2001), (MASSOLO, 2002), (KOTARBA, JOSEPH, 2009), (DUARTE, 2006), (SANTOS, 1977), (BOUKHARINE, 1921, 1979), (VELHO, 2009), (SEGATO, 2007), (FOUCAULT, 2003), (ANZALDÚA, 2000), (bell hooks, 2011), (MALINOWSKI, 2005), (BOAS, 2005), (COMAROFF e COMAROFF, 2011), (SPIVAK, 2010), (TOSCANO, 2005), (SOVIK, 2009), (DUSSEL, 1993), (MIGNOLO, 2015), (GIDDENS, 1991), (OLIVEIRA, 2012), (DOS SANTOS, 2013), (TODOROV, 1989), (WATHIONG'O, 1986), (HALL, 2003), (COLAÇO, 2012), (SHOHAT, 1992), (BECK, 2002, 2006, 1998) dialogo a partir das minhas inquietações, ações e pensamentos no processo do doutoramento em Etnomusicologia.

Os diários são o entrelaçamento das leituras que tive acesso durante o processo de investigação, com o meu cotidiano/rotina de pesquisador, meus desafios, trajetórias e percepções acerca do que estava a minha volta. Desta maneira, dividi este capítulo em oito subcapítulos, todos em formatos de diário de campo. A ideia foi refletir sobre as inquietações que obtive a partir da leitura de livros, artigos e textos, e apresentar algumas questões e

situações que vivi (e imaginei), durante os dois primeiros anos de doutorado na UFBA, entre o segundo semestre de 2016 e o primeiro semestre de 2018.

A escolha em escrever este capítulo em formato de diário, surgiu pela perspectiva de entrelaçar a escrita acadêmica com a performativa,⁸ mundos distintos, mas que se conectam. Sendo assim, a partir de um processo de leituras e pesquisa etnográfica, apresento as reflexões que tive no processo de doutoramento em música. Portanto, teci uma trama, a partir de meu encontro com as leituras e aportes teóricos que tive acesso, e cruzei com minha trajetória pela cidade e com as interlocutoras e interlocutores desta tese.

No primeiro diário - **5.1. O navio das interseccionalidades**, busquei escrever a partir das inquietações sobre as Interseccionalidades na cidade de Salvador, e a partir dos saberes e dos territórios (des) construídos pelas diversas (des) continuidades advindas do período colonial. Busquei intenções em dialogar através de caminhos possíveis, na tentativa de chegar perto de uma escrita possível, em que discuto a possibilidade de estarmos no mundo como sujeitos ativos, fugindo e destruindo os epistemicídios. A ideia foi politizar o próprio conceito do urbano, ou seja, a necessidade em trazer à tona elementos que se relacionem com a vida na/da cidade e com os indivíduos que nela habitam.

No segundo diário - **5.2. (re) visitando o feminino**, procurei (re) visitar o feminino e adentrei no universo de Glória Anzaldúa⁹ e em sua escrita performativa. Nesta parte, incito a necessidade, em nós, subalternizados pelas hegemonias, colocarmos no papel nossas inquietações e desejos. Anzaldúa, mulher Feminista, lésbica decolonial e antirracista, trouxe a escrita como uma ferramenta para a sobrevivência e nesse espelho me apoio para realizar este trabalho.

No terceiro diário - **5.3. Etiquetas**, abordei sobre o Sul Global e Pós-colonial, leituras que facilitaram minha percepção no sentido em ampliar a discussão sobre termos acadêmicos e sobre a importância em nos situarmos em nossos territórios. Reflito sobre as mudanças das produções, mudanças das teorias e do capital financeiro para lugares *ex-cêntricos*, e em como essas migrações facilitaram o entendimento e ressignificação desses termos acadêmicos, ou diria, etiquetas, como: terceiro e/ou quarto mundo para Sul global.

⁸ “O estudo da performatividade da escrita se apresenta como um estudo relativamente novo em que as pesquisas têm se intensificado a partir do início do século XXI. Na sequência, trabalhar-se-á na enumeração dos diferentes conceitos que podem constituir uma escrita performativa, dentre os quais podemos destacar: “eu escrevente”, “autor performer”, “coescritor performático”, “escrita de si” e “narrativa performática”. (SEIXAS, 2017, p. 129). Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/viewFile/1414573102292017128/7144>

⁹ Escritora teórica cultural, foi uma das primeiras autoras americanas de origem mexicana assumidamente e lésbica, e desempenhou um papel de grande relevância na redefinição de identidades chicanas, lésbicas e queer. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000100002

No quarto diário - **5.4. Cosmologia ancestral**, discuto em como o perfil cultural do ser humano é/foi mutável ao longo dos diferentes períodos do tempo. Trago o legado de nossos antepassados como uma epistemologia antirracista que se refaz em suas atualidades. Nessa cosmovisão, nossas ancestralidades surgem como anteriores, posteriores e subseqüentes ao que se chama de moderno. Nesta percepção, é seu, o início e o seu fim. Nossa ancestralidade dialoga com o moderno, e as modernidades refletem as ancestralidades. Esse diário surgiu a partir das inquietações e intenções de realocar e resinificar o termo “modernidade” para longe de toda as desgraças que a dita “modernidade” traz/trouxe consigo.

No quinto diário - **5.5. No limite da atualidade**, continuo as discussões sobre as concepções de modernidade e modernização, e como o conceito “modernidade”, instaurado pelo capital e pela exploração, carregou ondas de extermínio e epistemicídio, na qual outras modernidades “não-europeias” foram massacradas e dizimadas, subjugadas pela força da bala, pelo ódio e pela escravidão.

No sexto diário - **5.6. Somos diferentes**, trago uma abordagem sobre processos coloniais que construíram o exótico, o outro, e o etno, a partir do euro centrismo perverso. Já que tudo se transforma/transformou e se reconfigura/reconfigurou a partir do encontro e contato com o outro, este diário aparece para borbulhar nossos sentidos, em como somos vistos pelas hegemonias colonialistas patriarcais.

O sétimo diário - **5.7. Fale minha língua**, trata sobre a necessidade em contarmos nossas outras histórias. Através do escritor Wa Thiong’o, apresento a língua como cultura e como um banco de memória coletiva da experiência de um povo na história.

— *Onde estão nossas epistemologias Indígenas, Africanas, Nativas, Originárias?* Discuto como o mundo se transformou a partir da colonização e como o europeu exerceu o controle através da cultura, construindo os modos em como as pessoas percebiam a si mesmas, e suas relações com o mundo.

O oitavo diário - **5.8. Irreversível**, traz um questionamento por meio da perspectiva decolonial. Essa postura implica uma luta contínua contra os poderes colonialistas, e traz possibilidades de enfrentamentos, e busca de garantias de direitos. Neste sentido, o pensamento decolonial aparece como forma de desconstrução dos poderes hegemônicos e colonialistas do conhecimento.

O sexto capítulo - **6. Análise estrutural**. Neste capítulo apresento uma análise que pretende acompanhar os fenômenos vivos e dinâmicos, a partir das diversas formas de violências que presenciei/presenciamos no processo investigativo. Descrevo sobre os desafios da pesquisa, e em como essas violências geram/geraram outras formas de convivências

violentas.

O sétimo capítulo, trata-se das **Considerações finais**, como já dito, seguido das referências bibliográficas e anexos.

A partir das experiências obtidas por meio dos trabalhos realizados nos últimos 10 anos, investi na pesquisa de campo e na etnografia¹⁰ como alicerces para a realização desta pesquisa. De fato, uma pesquisa-ação,¹¹ em que a convivência com as interlocutoras e interlocutores foi determinante para esboçar aproximações possíveis entre Etnomusicologia, práticas musicais, saúde e cidadania.

O mais importante e acredito que a base de toda essa pesquisa foi a criação e a manutenção dos vínculos afetivos, sem isso nada seria possível. Principalmente no primeiro ano de campo, a convivência foi o alicerce da investigação e os afetos e os vínculos se configuraram como métodos do encontro. Muitas das vezes, percebi-me simplesmente vivenciando o momento, não como um pesquisador que realiza muitas perguntas direcionadas a pesquisa, mas como uma pessoa envolvida em todos os processos que construíamos juntos a cada dia. De certa forma, este desafio colaborou para o entendimento de que o método vem e veio de fato depois.

No entanto, na perspectiva de ter uma metodologia para a realização desta tese, posteriormente apostei nos referenciais da pesquisa qualitativa, e me aproximei da abordagem da Fenomenologia, da Multirreferencialidade, do Acontecimento, da Pesquisa-Ação, da pesquisa Participativa, dialógica, engajada, ética, compartilhada e colaborativa, através da interação, observação e descrição por meio da escrita etnográfica e performativa. Mas o negócio é o seguinte: ou você está, ou não está. A base da construção foram os vínculos, essa foi a metodologia mais assertiva e possível para a realização desta tese, e óbvio, muita prática musical.

— *E o que pretende esta tese?*

Apresentar e discutir como homens e mulheres que estão em situação de vulnerabilidade social em Salvador/Ba, organizaram-se a partir da perspectiva musical.

¹⁰ “Etnografia - Grafia vem do grego graf (o) significa escrever sobre, escrever sobre um tipo particular - um etn(o) ou uma sociedade em particular. Antes de investigadores iniciarem estudos mais sistemáticos sobre uma determinada sociedade ele escreviam todos os tipos de informações sobre os outros povos por eles desconhecidos. Etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo”. (MATTOS e CASTRO, 2011, p. 53).

¹¹ “A pesquisa-ação possibilita que o pesquisador intervenha dentro de uma problemática social, analisando-a e anunciando seu objetivo de forma a mobilizar os participantes, construindo novos saberes. É através da pesquisa-ação que o docente tem condições de refletir criticamente sobre suas ações”. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/pesquisa-acao/>. Acesso em 19/10/2018.

Investigar quais repertórios foram executados, quais gêneros musicais foram mais apreciados, quais qualidades e competências foram desenvolvidas, compreender como se deram as relações e situações que emergiram a partir das experiências e dinâmicas sócio musicais, sócio terapêuticas, sócio integrativas e de ensino/aprendizagem que vivenciamos coletivamente.

Pretende principalmente, colaborar para a desfragmentação do imaginário social¹² perverso construído sobre pessoas em situação/contexto de rua, fomentar a ampliação dos horizontes epistemológicos vigentes e possibilitar a construção de novas/outras políticas públicas que beneficiem pessoas em desvantagem social, além de propor discussões que abordem gênero, raça, classe, espaço urbano e territórios sonoros.

A proposta foi viver intensamente os momentos, e a partir deles, entregar-me a uma possível etnografia musical. Foi a partir dessas experiências, que se configurou o objetivo geral desta tese. Trata-se dos relatos das experiências obtidas em campo através dos encontros e práticas musicais compartilhadas com pessoas em situação/contexto de vulnerabilidade social, ou seja, foi a partir dos (re) encontros que esta tese foi elaborada.

Os objetivos específicos foram: Investigar, observar e descrever através de uma etnografia musical colaborativa, engajada e participativa, como se configuraram as práticas musicais de grupos excluídos socialmente, fossem pessoas em situação/contexto de rua, usuários de drogas, e/ou pessoas em situação/contexto de vulnerabilidade social; Aprofundar conhecimentos sobre as relações de gênero, raça e classe em interação com a linguagem musical e o cotidiano dessas pessoas; Aprofundar questões sobre conhecimentos musicais, experiências de vida; Compreender as relações que emergiram a partir dos encontros musicais; Investigar os modos de construção de conhecimentos com ênfase em suas formas de apropriação:

— *Como pessoas que estão em situação de rua se organizam a partir e por meio da música?*

A resposta a esta questão, encontra-se na compreensão de quais qualidades musicais foram desenvolvidas nestes contextos urbanos, em meio aos processos de pertencimentos e protagonismos das interlocutoras e interlocutores.

As entrevistas, conversas e escutas que foram transcritas nesta tese, respeitaram o modo de falar de cada pessoa entrevistada, e não houve nenhum tipo de manipulação nas informações obtidas. Todas as falas das interlocutoras e interlocutores foram

¹² Ver o anexo A — Relatórios nº 27, 28, 29 e 30. Nestes relatórios comento sobre a importância da desfragmentação do imaginário social perverso que se tem sobre pessoas em situação de rua.

registradas/anotadas, e/ou gravadas durante os encontros musicais, fosse nas ruas, nos campos de pesquisa, nos eventos em que participamos, e/ou por redes sociais e mídias de comunicação.¹³ Optei em transcrever as falas, assim como Claudia Pons Cardoso, e meus colegas da UFBA, Laurisabel Maria de Ana da Silva e Eric Hora Fontes Pereira, fizeram em seus respectivos trabalhos.

Importante salientar que só conseguir realizar minha primeira entrevista, uma foto, ou uma gravação de vídeo, depois de aproximadamente 13 meses de campo. Parece estranho? Mas não foi. O que mais me preocupava era em como poderia ser útil, como poderia colaborar nos encontros que realizávamos. Além disso, ou eu filmava, gravava, ou tocava junto e participava. Somente depois da entrega, da criação dos afetos, das subjetividades ampliadas, vínculos firmados e muita música acontecendo, que me senti realmente a vontade como pesquisador para perguntar e realizar as entrevistas com perguntas mais específicas.

No entanto, não criei um roteiro de perguntas, as especificidades das perguntas surgiram muito a partir da criação dos vínculos e da ampliação das nossas relações e sensibilidades, assim, aos poucos, comecei a perceber como cada pessoa se expressava, se comportava e como interagira nas oficinas e práticas musicais. Com isso, delinee e direcionei as perguntas de maneira diferente a cada pessoa. Sendo assim, tudo fluiu a partir do que nos perpassava, e do percebíamos juntos.

— *Você gosta de música? Você toca algum instrumento?*

— *Qual a música que você mais gosta? Quais lembranças ela te traz?*

— *Por que você faz música?*

Ao indagar estas perguntas, comecei a criar outras perguntas direcionadas a mim mesmo como investigador:

— *Como se configuram as práticas musicais nestes contextos?*

— *Como se dá o processo de prática musical com essas pessoas?*

— *Quais qualidades e competências são promovidas neste jogo sócio interativo com a música?*

— *Como se dá a relação música x cidadania x protagonismo social nestes contextos?*

Essas perguntas subsidiaram a pesquisa, mas não inviabilizaram o surgimento de outras questões, bem como o surgimento de novas/outras variáveis decorrentes das reflexões e análises realizadas durante o processo investigativo. Acredito que a imersão nessas questões,

¹³ Aplicativos e redes sociais como: *Whatsapp, Instagram*.

poderão desencadear novos problemas de pesquisa, e aqui clamo por outras pesquisadoras e pesquisadores aprofundarem outros temas pertinentes a este universo.

De forma prática, realizamos mais de 150 encontros musicais, com cerca de 40 temas musicais trabalhados. Desenvolvemos práticas de meditação, alongamentos, relaxamentos, práticas de respiração, yoga, consciência prânica,¹⁴ audição e percepção como princípios do fazer musical.

Todas as pessoas envolvidas nesta pesquisa autorizaram sua participação, e a maioria fez questão em ser identificado e terem seus nomes inseridos nesta tese. Acredito que essa ação colaborou para o fortalecimento da autoestima¹⁵ e da participação social e política. Muitos e muitas não quiseram ficar escondidos atrás de nomes fictícios. No entanto, algumas pessoas autorizaram a sua participação, mas solicitaram não ter seus nomes revelados, nestes casos, os chamei de interlocutor ou interlocutora, mas mantive suas falas no texto. Essa escolha delicada que perpassa pelo campo ético só foi resolvida a partir da pergunta esclarecida:

— *Você deseja ser identificado com seu nome no trabalho final da pesquisa?*

Aos que disseram sim,¹⁶ aí estão.¹⁷ Percebi também que o trabalho de campo desta tese colaborou com a visibilidade social e impulsionou muitos protagonismos, pois muita música aconteceu em diversas performances, shows e até a feitura do disco do Programa Corra.

Além dos nomes das interlocutoras e interlocutores, esta tese também traz os nomes de alguns profissionais, líderes, redutores de danos, coordenadoras e coordenadores dos campos investigados. Somente no subcapítulo: “1.2. Músicas que nos representam”, e nos

¹⁴ É uma forma de viver conectado à percepção de que tudo é energia divina. Viver na frequência da Felicidade, que permite acessamos o vasto campo das infinitas possibilidades. Viver na Presença. Disponível em: <https://www.conscienciapranica.com/blank>.

¹⁵ Ver o anexo A — Relatório nº 19 - Relatório Ponto de Encontro / Salvador, novembro de 2012. Neste relatório descrevo sobre o aumento da autoestima dos beneficiários do Ponto de Encontro.

¹⁶ [...] Se essa é uma discussão presente em outros momentos da história da antropologia brasileira (DURHAM, 1986), com o avanço e massificação da internet, sobretudo nas redes móveis, e o surgimento do fenômeno das redes sociais, que tornam seus participantes em produtores ativos e imediatos no compartilhamento de informação, assim como o vazamento de dados como o Wikileaks, Anonymous e Panama Papers, novos questionamentos éticos surgem para os antropólogos: como iremos produzir e expor os dados de nossa pesquisa de campo, como iremos responder às demandas dos interlocutores de campo. Afinal, por mais que haja empenho na escrita para garantir o sigilo dos interlocutores da pesquisa, muitas das vezes, o simples cruzamento de atas de reuniões locais e/ou governamentais, publicizados em Portais da Transparência, com a coleta de informações em redes sociais pode apontar o local e as pessoas relacionadas nos trabalhos de campo. Informações que podem ser usadas, inclusive, na judicialização de laudos e perícias. Assim como bastam algumas consultas para que os envolvidos na pesquisa de campo possam acessar os resultados, seja no formato de teses e dissertações, assim como em artigos e vídeos. (HARAYAMA 2017, p. 33).

¹⁷ Ter a permissão para incluir os nomes das pessoas foi importante para este trabalho. Percebi que se não revelasse os nomes das interlocutoras e interlocutores, acabaria por promover mais um processo de exclusão, um processo que manteria a invisibilidade das pessoas que participaram, discutiram e compartilharam coletivamente seus saberes e conhecimentos nos encontros e práticas musicais. Se não revelo os nomes das pessoas envolvidas, sinto que poderia colaborar com processos de exclusão e invisibilidade – música invisível.

relatórios do “anexo A”, quando aparecem nomes de algum interlocutor ou interlocutora, essas pessoas aparecem por meio de iniciais fictícias.

Apesar destes campos fazerem parte do corpo da tese, foram trabalhos realizados antes da minha seleção no Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA em 2016, portanto, anteriores aos campos que corresponderam ao período de 2017 a 2020. Como não tive mais contato com essas pessoas, resolvi fazer desta forma para preservar as identidades. Este cuidado e respeito foi fundamental, pois foram pessoas que convivi antes da minha abordagem de pesquisa oficialmente como etnomusicólogo. Essas experiências construíram alicerces importantes para que pudesse me dedicar completamente a este campo de estudos, além de fomentar os desejos, vontades e coragem para escrever esta tese.

O cruzamento da leitura da tese com os relatórios do “anexo A”, constituem a completude deste trabalho, neles apresento acontecimentos, relatos, desafios e ações que foram tomadas naqueles tempos, antes do meu doutoramento, ou seja, estes relatórios compreendem toda minha produção realizada entre 2010 e 2014 em diversas instituições.

A medida que as situações discutidas nesta tese, remetam a questões já vivenciadas anteriormente, irei direcionar o/a leitor/a para a complementação da leitura, indicando algum relatório anexo, em específico. Sendo assim, a leitura dos relatórios¹⁸ do “anexo A” completam a etnografia desta tese, pois apresentam-se como o material empírico que deu base para este (re) encontro com pessoas em situação/contexto de rua de Salvador/Ba.

1.1. A pesquisa

*Por que eu escrevo?
Por que tenho que
Porque minha voz
em todas suas dialéticas
foi silenciada por muito tempo
Jacob Sam – La rose.¹⁹*

Esta tese que apresento procura atender aos princípios e aos métodos. Falo dos princípios do amor, da tolerância, dos afetos, da paz, das singularidades, do encontro sincero e

¹⁸ Optei por apresentar no “anexo A” todos os relatórios que enviei às respectivas instituições que trabalhei entre 2010 e 2014, pois eles, como já dito, além de se configurarem como o material empírico para a realização desta tese, apresentam situações e desafios que demonstram a complexidade e a beleza que foi desenvolver trabalhos ligados a música em contextos de exclusão social, em diálogo com a área da saúde e da assistência social. Não se trata de rever o passado, muito menos de comparar situações, mas sim, de marcar no tempo um trabalho que em 2020 completou dez anos de dedicação e engajamento social. — *Conhecer para lutar!*

¹⁹ (In RIBEIRO, D. O que é: Lugar de fala? Belo Horizonte, Letramento, 2017, p. 55).

verdadeiro. Os métodos foram construídos ao longo do encontro, com base nas epistemologias dos sentidos e do acontecimento.²⁰ (MACEDO, 2016).

Música (in) visível: Pessoas e Sonoridades Excluídas é uma pesquisa de doutorado realizada na Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Música, linha de pesquisa Etnomusicologia. A investigação dialoga com estudos decoloniais e feministas latino-americanos e de outros territórios. Trata-se de uma pesquisa inter e transdisciplinar (ALMEIDA FILHO, 2005), que buscou integrar contribuições advindas de campos teóricos das Ciências Sociais, Antropologia, Música e Etnomusicologia.

É uma etnografia musical sobre práticas musicais de pessoas que se encontram em situação/contexto de rua, de exclusão e vulnerabilidade social em Salvador, Bahia, Brasil. Possui um caráter etnográfico, na qual descrevo, como aconteceram os encontros musicais entre agosto de 2017 a dezembro de 2019 com pessoas em situação/contexto de rua e em vulnerabilidade social, que frequentam/frequentaram o Movimento de População de Rua, o Programa Corra pro Abraço, e o Centro de atenção psicossocial Gregório de Matos, todos localizados em Salvador, Bahia, Brasil.

A pesquisa de campo se dividiu em dois momentos, o primeiro, de agosto de 2017 a dezembro de 2018, no Programa Corra pro Abraço e no Movimento de População de Rua, e de janeiro a dezembro de 2019, o trabalho continuou com a banda Tambores da Alegria, grupo formado no CAPS²¹ Gregório de Matos.

Considerarei o campo com a banda Tambores da Alegria, como um pós-campo de pesquisa, pois, já havia finalizado o campo em dezembro de 2018 com o Programa Corra pro Abraço, e de certa forma, por uma questão de análise temporal e determinação/delimitação de tempo da pesquisa, com o Movimento de População de Rua. No entanto, no Movimento a relação se ampliou, tornando-se um espaço no qual sempre estarei ministrando encontros musicais para além da pesquisa. Portanto, o ano de 2019 foi de dedicação exclusiva aos encontros com a banda Tambores da Alegria, este tempo a mais dedicado a pesquisa no CAPS Gregório, possibilitou novos/outros desafios que colaboraram para uma melhor compreensão de todo o processo de pesquisa. Desafios esses que comentarei no subcapítulo: “3.2.2. Pós-campo”.

Para realizar essa tese não bastou vontade, comprometimento e/ou interesse no tema, mas sim, como já dito, uma postura participativa, engajada, dialógica, compartilhada e

²⁰ Ver o anexo A — Relatório nº 31 - Relatório CCIDP / Salvador, abril de 2014. Neste relatório comento sobre possíveis indicadores de como desenvolver metodologias e propostas para a realização das oficinas.

²¹ Centro de Atenção Psicossocial.

colaborativa, pois, desde 2010 já estava envolvido com práticas musicais e com pessoas em situação/contexto de rua, no entanto, a observação com a perspectiva da etnomusicologia, atrelada aos novos/outros aportes teóricos, só começou quando adentrei no Doutorado em junho de 2016. Portanto, em 2017 posso dizer que retornei ao campo. No início deste reencontro o desejo foi de fomentar oficinas de música, ou pelo menos, encontros nos quais pudéssemos estudar música, mas com o tempo fui percebendo que o mais importante era somente estarmos juntos, o aprendizado veio com as próprias práticas musicais.

Muito mais que ensinar algo, a metodologia passou a ser provocar algo. Provocar as pessoas para se expressarem através da música, trazendo à tona suas memórias afetivas e suas lembranças musicais. Com isso, outras questões surgiram, como: territórios (sonoros), problemas sociais, como a fome, a falta de moradia e a falta de emprego. Criamos um espaço no qual era/foi possível discutir qualquer tema. As oficinas de música foram se transformando em encontros musicais, por meio dos quais as pessoas que participavam podiam se expressar sem culpa ou medo de serem repreendidas, um espaço-tempo de intencionalidades e desejos que afloravam em temas musicais, fossem eles da tradição afropopular brasileira, desde os sambas mais esquecidos, até as bossas novas e temas standardizados da atualidade brasileira, além de composições e criações próprias.

Estávamos construindo relações significativas, criando sentidos e despertando sensibilidades acerca do que nos rodeava. Cotidianamente estávamos dialogando com outras pessoas e outras instituições. Estávamos construindo tempos e espaços de (re) existências políticas, de guerrilhas políticas, tudo por meio das práticas musicais.

Como diz Paulo Freire (1988) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” então ensinar/aprender a ler o mundo foi a epistemologia mais utilizada nos encontros. Nós nos ensinamos a desvendar nossos mundos diversos, ou pelo menos, a compreender possibilidades de caminhar, em meio aos desafios que a sociedade baiana nos impõem. Reconhecíamos que estávamos construindo lugares seguros para trocas sinceras de saberes, mas também de emoções, sentidos e experiências que se revelaram como epistemologias fundantes no cuidado e na lida com o/a outra, ainda mais, sendo esse outro/a uma pessoa em situação/contexto de rua, vulnerabilidade e exclusão social. A categoria exclusão social se configurou como um ponto de partida para pensar como seria possível desenvolver trabalhos com música e pessoas em processos de exclusão. Essa categoria advém de diversas realidades caóticas, que muitas vezes, não se pode designar por meio de conceitos.

[...]. Seria, então, repensar conceitos não a partir do próprio conceito, mas a

partir da construção da realidade como objeto de conhecimento, não como uma teoria preexistente, mas como uma teoria construída a partir da unidade epistemológica entre o sujeito e o objeto. [...] Em particular, a categoria de exclusão como sinônimo de pobreza é ilustrativa desse caráter. No entanto, seu potencial explicativo é enorme se você pensar em sua relação com a ideia de desigualdade-igualdade, enquanto estiver associado aos processos de inclusão como produto do próprio sistema social e à racionalidade de seus mecanismos que institucionalizam e regulam os processos de desigualdade-exclusão igualdade-inclusão (De Souza, 2005). Em outras palavras, o conceito requer ressignificação com base em um posicionamento crítico. (ROHÁN, LOMELI, 2010, p. 62).²²

1.1.1. Exclusão

Pensar a categoria exclusão como ponte de partida deste trabalho, fez-se importante para delimitar um campo político de relações heterogêneas e desiguais. A partir do posicionamento crítico, foi possível refletir sobre as diversas relações que promovem os diversos processos de exclusão social e política das pessoas. Ou seja, as diversas formas de abandonos, seja pela família, amigos/as, pelo Estado, e/ou comunidade. Seja pelas dificuldades cotidianas, a falta de trabalho, de dinheiro, de comida, de habitação, de saúde, tudo isso colabora para que pessoas se encontrem em desvantagem social e sejam alocadas como subalternas e subordinadas a um poder estabelecido.

Em outras palavras, a exclusão ocorre em vários níveis, você é um excluído se não pertence a um grupo dominante, seja em relação a estrutura do poder político estabelecido, seja na estrutura de suas próprias famílias, amigos/as, colegas, grupos, territórios. No entanto, com base no pensamento crítico, e na reflexão, surge a oportunidade de compreender que existem vários níveis de exclusão social e política, sendo assim, torna-se coerente tentar perceber e compreender em como a pessoa/indivíduo/a pensa sua própria realidade, como articula a capacidade de questionar em meio as questões sociais postas. Questionar o cotidiano, os saberes, os desafios, questionar os conceitos em função de sua própria realidade.

²² “[...] se trataría, pues, de repensar los conceptos no desde el concepto mismo sino desde la construcción de la realidad como objeto de conocimiento, no como teoría preexistente sino como teoría construida a partir de la unidad epistemológica entre el sujeto y el objeto. [...] En Particular, la categoría exclusión como un sinónimo de pobreza resulta ilustrativa de este carácter. Sin embargo, su potencial explicativo es enorme si se piensa en su relación con la idea de desigualdad-igualdad, a la par que se asocia a los procesos de inclusión como producto del propio sistema social, y la racionalidad de sus mecanismos que institucionalizan y regulan los procesos de desigualdad-exclusión igualdad-inclusión (DE SOUZA, 2005). Es decir, el concepto requiere resignificarse a partir de una postura crítica.” (trad. nossa). Texto: Repensar la exclusión-inclusión desde la lógica de los excluidos Daniel Carlos Gutiérrez Rohán y Elia Guadalupe Villegas lomeli. In LÚGICO, Manuela Guillén, VALENZUELA, Blanca, ROHÁN, Daniel Carlos Gutiérrez (Coordenadores). Procesos de exclusión e inclusión social: Indicadores, conceptos, contextos y significados. Hermosillo, Sonora, México, 2010.

A exclusão se dá em diversos níveis e a partir de múltiplas interações e determinações. O assalariamento das pessoas, por exemplo, constituiu-se como mecanismo de inserção social, no entanto, as constantes mudanças dos processos produtivos, somado as lógicas econômicas excludentes, fez com que não houvesse trabalho para todos/as, com isso veio o desemprego - pessoas sem trabalho, sem salários e muitas delas sem perspectivas de melhoras. Estou somente comentando sobre uma das diversas vias de acesso a categoria exclusão. Categoria na qual as desigualdades sociais imperam e pessoas percebem-se sem possibilidades de inserção social por falta de recursos básicos, falta de assistência social em geral, dentre outros.

São pessoas que se tornam excluídas economicamente, socialmente e politicamente, excluídas emocionalmente, excluídas da vida, excluídas da vida com o/a outro/a, e assim, vão sendo vistos como mortos-vivos, como pessoas que a sociedade higienista não quer por perto. Quer por perto somente nos anos eleitorais, pois são poder de voto, e assim, são lembrados. Essa fratura que vivemos em nossa utópica ideia de coesão social, construiu o campo das pessoas excluídas, pessoas estas que se encontram em situação/contexto de rua, e que se configuram como os/as sujeitos interlocutores/as desta tese.

A população em situação de rua encerra em si o trinômio exprimido pelo termo exclusão: expulsão, desenraizamento e privação. Segundo a definição de cientistas sociais como Alcock (1997) e Castel (1998), exclusão social relaciona-se com situação extrema de ruptura de relações familiares e afetivas, além de ruptura total ou parcial com o mercado de trabalho e de não participação social efetiva. Assim, pessoas em situação de rua podem se caracterizar como vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes (Martins, 1994). (In Política Nacional para inclusão social da população em situação de rua, Governo Federal, 2008).²³

Outro tema importante a ser apresentado logo na introdução é sobre o método de pesquisa etnográfico. A escolha pela etnografia se entrelaçou com meu próprio caminho como pesquisador ao vivenciar o campo de pesquisa. O fazer etnográfico permitiu-me interagir com pessoas em seus contextos sociais. Foi a partir dos encontros, vivências, desejos e aspirações que pude presenciar as diferentes interações sociais entre pessoas em situação/contexto de rua, desde as relações com as instituições pesquisadas, até as mais íntimas situações que os encontros puderam proporcionar.

²³ Política Nacional para inclusão social da população em situação de rua. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/acoes_afirmativas/inclusaooutros/aa_diversos/Pol.Nacional-Morad.Rua.pdf.

A proposta foi vivenciar o trabalho de campo como uma criança no mundo, disposta e atenta para interagir, aprender, observar e descrever sobre o que nos rodeava, percebíamos, víamos e sentíamos. A etnografia proporcionou descobertas de valores, normas, crenças, estéticas, e diria até padrões de comportamento, jeitos de ser diversos que se misturaram com o coletivo. Sendo assim, a etnografia demonstrou que:

[...] os fenômenos sociais são substancialmente diferentes dos fenômenos físicos e que o mundo social não pode ser entendido em termos de relações causais, pois, entre outras coisas, as ações humanas são baseadas ou induzidas por significados sociais. (MUÑOZ, 2014, p. 237).

Na busca por uma etnografia que também revelasse minhas intenções como pessoa, pesquisador e músico em contato direto com pessoas com distintas realidades, aproximei-me de estratégias de pesquisa que tivessem a capacidade de incorporar, tanto as referências tradicionais da atividade etnográfica, com o meu próprio percurso como pesquisador (MUÑOZ, 2014).

Evidentemente esta tese não trata sobre minha vida, mas é importante frisar que ela é fruto do entrelaçamento da minha vida, meus pensamentos, reflexões e experiências construídas no campo, atrelados a minha análise cultural e interpretação acerca do que vi, presenciei, senti, ouvi e performei junto com as pessoas em seus distintos territórios. Portanto, a etnografia em minha metodologia, surgiu como ferramenta política, já que uma das intenções deste trabalho também foi/é colaborar para o rompimento de tradições hegemônicas e restritivas, oriundas das metodologias positivistas que insistem em afirmar, validar e reconhecer como autêntico, somente o conhecimento científico atrelado a métodos científicos, e que hoje em dia, ainda persistem e suplicam pela verificação e replicação das pesquisas.

Com a perspectiva de descolonizar o pensamento, busquei desde o início uma metodologia que tivesse a força de incluir o pessoal e o subjetivo na pesquisa (KILOMBA, 2010), com isso, aos poucos, pude construir junto com as pessoas em situação/contexto de rua um espaço-tempo de intencionalidades e produção de conhecimento. Esta perspectiva facilitou minha inserção em todo o processo de pesquisa, sendo assim, atuei como pesquisador, educador, parceiro, músico e colaborador. Foi a partir do diálogo com essas pessoas que foi possível construir este texto, ou seja, os questionamentos e reflexões construídos a partir dos dados obtidos, da análise estrutural e das considerações finais, entrelaçaram-se com minhas experiências, que inevitavelmente, também influenciaram nas escolhas e no desenvolvimento desta tese.

Foi a partir dos encontros musicais que pude desenvolver a pesquisa em Etnomusicologia. Foi por meio da etnografia musical (SEEGER, 2008), que foi possível interpretar como homens e mulheres dialogaram, interagiram, riram, choraram, dançaram, cantaram, se expressaram e revelaram suas experiências e seus saberes localizados (HARAWAY, 1995), a partir e por meio de suas práticas musicais. Tudo fluiu como uma forma de troca de conhecimentos, e da minha parte, intencionalmente a prática musical como uma devolutiva imediata aos participantes. Ou seja, os encontros musicais delinearam as temáticas desta tese, e ao mesmo tempo, proporcionaram um tempo-espaco de trocas de saberes e aprendizado, configurando-se num retorno imediato para as pessoas envolvidas.

A etnografia como método de pesquisa possibilitou a construção de processos de transmissão de saberes e competências, nas quais se incluem os processos de ensino e aprendizagem em música. Foi por meio da participação, criação dos vínculos e reflexão crítica, que foi possível conhecer, compreender e entender como cada pessoa funcionava melhor, qual atividade seria melhor aceita, qual instrumento seria melhor executado, qual tema musical seria melhor apreciado. “[...] Estes exercícios de reflexão sobre as práticas de pesquisa e sobre os sujeitos de pesquisa resulta da prática etnográfica”. (SENNA, 2011, p. 6).²⁴

O plano de conflito entre excluídos, de um lado, e intelectuais, de outro, junto aos quais se formulavam as políticas públicas de governo orientadas para as minorias sociais, apresenta-se como cenário para o desenvolvimento de um ramo das ciências humanas chamado Etnografia, cujos objetos são a identificação e o registro dos sujeitos sociais situados para além dos imaginários clássicos da Modernidade. A etnografia é, portanto, a porta através da qual o pós-estruturalismo pôde vir a se tornar uma prática com verdadeiro impacto social, revolucionário, pois que vai ao povo, torna-o visível, cômico de si e o traz para o centro da sociedade, sem máscaras, sem vergonha, sem pudores higienistas. (SENNA, 2011, p. 5).

A etnografia atrelada a educação foram atividades fundamentais no processo de pesquisa. Os estudos etnográficos puderam contribuir significativamente na construção de reflexões sobre a própria prática pedagógica, pois estávamos a todo tempo envolvidos em processos de ensino e aprendizagem, ou como Luís Ricardo Queiroz (2010) nos explica: Processos de transmissão. “Para a análise de processos, situações e contextos de práticas, assimilação e formação musical, considero mais adequado o uso do termo transmissão, ao invés de ensino e aprendizagem. (QUEIROZ, 2010, p. 115).

²⁴ *In Etnografia e educação: conceitos e usos.* MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de e CASTRO, Paula Almeida de. (Organizadoras). – Campina Grande: EDUEPB, 2011. 298 p.: Il.color.

A abordagem etnográfica por sua natureza descritiva da realidade, rigorosa quanto ao entendimento do significado das ações sociais para o outro, quando associada a uma visão crítica da justiça social enquanto abordagem teórica, não pode deixar de reivindicar a parceria do professor para a análise dos processos interativos de sala de aula. (MATTOS e CASTRO, 2011, p. 87).

A prática etnografia facilitou o entendimento de todo o processo em si, ou seja, delineou as formas como as relações foram construídas, como interagíamos e desenvolvíamos nossos saberes. Um processo de tornar o que era familiar estranho e o que era estranho, familiar. Nesta minha dupla tarefa professor/pesquisador, a prática etnográfica atrelada aos processos de transmissão, facilitaram a observação, reflexão, comparação e contraste das situações observadas, com isso, foi possível construir uma pesquisa sobre a nossa própria prática.

[...] ensino e aprendizagem são somente dois entre os múltiplos aspectos que fazem com que um determinado conhecimento seja transmitido culturalmente, de forma mais ou menos sistemática. Nesse sentido, a transmissão musical envolve ensino e aprendizagem de música, mas também abrange valores, significados, relevância e aceitação social, bem como uma série de outros parâmetros que caracterizam a seleção, resignificação e, conseqüentemente, transmissão de uma cultura musical em um contexto específico. (QUEIROZ, 2010, p. 115).

Sendo assim, foram vários os fatores que permearam nossos processos de transmissão. A etnografia como uma ferramenta para a Educação Musical,²⁵ permitiu-me conhecer, interagir e promover planos de trabalho que fossem condizentes com as pessoas envolvidas, um ato de cuidado com o/a outro/a, compreendendo e aprendendo sobre seus desejos e vontades, sobre o que eles/elas podiam fazer e o que poderiam fazer. Uma construção dinâmica de processos de ensino e aprendizagem (transmissão), como afirma Queiroz (2010), baseadas em práticas musicais localizadas, permeadas pelos vínculos, afetividades e valores construídos/atribuídos acerca das nossas práticas musicais.

No âmbito da educação musical contemporânea e das perspectivas das pesquisas etnomusicológicas, temos a convicção de que pouco importa se, segundo determinada concepção, uma música é considerada “boa” ou “ruim”.

²⁵ [...] a educação musical, enquanto área de conhecimento, abrange o estudo de qualquer processo, situação e/ou contexto em que ocorra transmissão de saberes, habilidades, significados e outras aspectos relacionados ao fenômeno musical, tanto no que se refere aos aspectos sonoros quanto no que concerne a dimensões mais abrangentes da música enquanto expressão cultural, o que significa lidar com toda a gama de aspectos que caracteriza tal fenômeno, tais como estruturas sonoras, habilidades de execução, correlações performáticas e, conseqüentemente, processos, situações e estratégias diversas de transmissão de saberes. (QUEIROZ, 2010, p. 116, 117. In QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. Educação musical e etnomusicologia: caminhos, fronteiras e diálogos. Opus, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 113-130, dez. 2010).

Importa, de fato, que significado ela tem para as pessoas que a vivenciam, a praticam e, por consequência, lhe atribuem valor. (QUEIROZ, 2010, p. 118).

Com o método de pesquisa definido, posso dizer que esta tese foi/é um registro dos encontros, permeados por práticas musicais e suas relações, advindas de um processo de construção coletiva, por meio de práticas musicais e outras questões que rondam o campo da saúde e assistência social. Através de uma escrita híbrida, pretendo dialogar entre a dinâmica do rigor (sem a rigidez) e a leveza da poesia, pretendo situar esta tese no tempo, espaço e na sociedade em que vivemos e interagimos (SANTOS, 1977), e com suavidade, perturbar os horizontes epistemológicos vigentes e trazer discussões que abordem questões de gênero, raça, classe e espaço urbano (LENCIONI, 2008), (SILVA, 2007), (GARCIA, 2010), territórios (SEGATO, 2007), além dos saberes localizados, tão essenciais em nosso tempo (HARAWAY, 1995).

Outro ponto de partida foram as leituras que tive acesso desde 2016 quando adentrei o doutorado em música, elas foram essenciais e colaboraram para a compreensão das situações observadas e vividas no processo de pesquisa, isso tudo somado as experiências anteriores a academia (2010 até 2014) até o campo acadêmico que se construiu desde 2016, até o ponto de maturação que começou novamente em agosto de 2017 e que se estendeu até a defesa desta tese em 2020.

1.1.2. Campos pesquisados

Na cidade de Salvador existem lugares que realizam ações com música para pessoas em situação de rua. As atividades são promovidas nas ruas, e/ou dentro dos espaços institucionais. Nesses contextos, percebi que a música é compreendida como veículo de transformação social, mas também como forma de (auto) conhecimento com um rico potencial para a promoção de mudanças significativas na vida dos/as envolvidos/as. Ou seja, a música apresenta-se como ferramenta de instrumentalização para a vida, para a redução de danos no uso de drogas, redução de conflitos e inclusão social destas pessoas.

A compreensão das práticas musicais enquanto articulações socioculturais permeadas de formas e conteúdos simbólicos se refletem no fluxo e refluxo da organização social e no modo de ser dos respectivos grupos, em que a construção de identidades individual e coletiva tem seu lastro no processo histórico rememorado e reconhecido pelos atores sociais. Trata-se, portanto, de uma construção e reconstrução das identidades sociais e culturais de

grupos sociais em que a diversidade cultural implica a formação/configuração dos mesmos. (KLEBER, 2008, p.02).²⁶

A opção em realizar o trabalho de campo junto a instituições, associações e projetos que desenvolvem ações para com pessoas em situação/contexto de rua, foi pela percepção/constatação da abrangência que a pesquisa teria. Nestes espaços eu tive acesso a um maior número de pessoas, pessoas oriundas de diversos territórios, que se encontravam em um determinado lugar, pessoas com realidades distintas. Assim, foi possível juntar todos e todas interessadas em participar em atividades permeadas por práticas musicais. A possibilidade de encontrar com pessoas de distintos territórios em um mesmo lugar, facilitou o processo de pesquisa e viabilizou os encontros musicais.

Introduzo o Programa Corra pro Abraço,²⁷ que é/foi uma iniciativa do Governo do Estado da Bahia, através da Superintendência de Política sobre Drogas e Acolhimento a Grupos Vulneráveis (SUPRAD) da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SJDHDS).

Este Programa tem como objetivo a promoção da cidadania e viabiliza garantias de direitos de pessoas que se encontram em contextos de vulnerabilidade social, seja pelo uso abusivo de drogas, ou pelo fato de estarem em situação/contexto de rua. O Programa tem por característica aproximar as pessoas das políticas públicas existentes e facilitar o acesso e acolhimento pelos serviços públicos. O Programa age prioritariamente nas áreas de saúde, assistência social, educação e justiça.

O Programa Corra pro Abraço é uma iniciativa da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SJDHDS) do Estado da Bahia, coordenada pela Superintendência de Políticas sobre Drogas e Acolhimento a Grupos Vulneráveis, que tem como objetivo promover cidadania e garantir direitos de usuários de drogas em contextos de vulnerabilidade social, baseado nas estratégias de Redução de Danos físicas e sociais, aproximando seus beneficiários das políticas públicas existentes e entendendo que o estigma e as desigualdades interferem em suas capacidades de busca, acesso e acolhimento pelos serviços públicos. O Programa possui em cada campo de atuação equipes multidisciplinares, compostas por assistentes sociais, psicólogos, educadores jurídicos, cientistas sociais, pedagogos, arte-educadores, educadores e tem como público prioritário pessoas em situação de rua e jovens que residem

²⁶ Práticas musicais em ongs: possibilidade de inclusão social e o exercício da cidadania. Universidade Estadual de Londrina – UEL. Magali Oliveira Kleber (Docente de Música no Departamento de Música e Teatro na Universidade Estadual de Londrina. Mestre em Música/Artes pela UNESP/ São Paulo e Doutora em Educação Musical pela UFRGS Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF15/Artigo_08_ABRIL-MAIO-JUNHO_2008_Magali_Oliveira_Kleber.pdf.

²⁷ Endereço: Rua Arquimedes Gonçalves, 240 - Nazaré, Salvador - BA, 40050-300.

e transitam em territórios com altos índices de violência e problemas sociais. O “Corra” existe desde 2013 e tem como marca uma atuação que aceita e acolhe as pessoas da forma que elas se apresentam ao mundo, com respeito aos seus modos de vida, e tendo como princípios norteadores o acolhimento, a construção de vínculo e a escuta qualificada. A entrada e a permanência nas áreas onde o programa se desenvolve, se dão através de um processo de aproximação respeitoso e cuidadoso. Atualmente, o Programa está em: Salvador, Lauro de Freitas e Feira de Santana. Dentro de sua metodologia, o Corra Pro Abraço realiza atividades de arte-educação, com recortes para cada público. São oficinas de leitura e escrita, teatro e música, atividades esportivas, cursos profissionalizantes e encaminhamentos para o mercado de trabalho. A equipe também acompanha os beneficiários em passeios pela cidade a lugares nunca ou pouco visitados diante de suas condições. O Programa também realiza intervenções culturais em cenas de uso de drogas e concentração de pessoas em situação de rua. (Site COMVIDA).²⁸

O outro espaço foi o Movimento de População de Rua,²⁹ uma organização/associação criada por pessoas que se encontravam em situação/contexto de rua. Este espaço tem como característica a abordagem e interlocução política com o governo e a sociedade civil, e se propõem a manter diálogo com qualquer organização que tenha interesse em desenvolver trabalhos e projetos que assegurem e ampliem os direitos e o bem-estar das pessoas em situação/contexto de rua. Além disso, todas as decisões e ações que envolvam questões relacionadas a pessoas em situação de rua, devem ser discutidas com o Movimento de População de Rua.

Em Salvador, já existiam militantes atuando junto ao MNPR, foi decidido que já era hora para fundar mais um núcleo, agregando assim força ao movimento regional e nacional. Em 21 de março de 2010 foi realizado um evento no qual participaram aproximadamente 120³⁰ moradores em situação de rua, além de entidades amigas e integrantes da coordenação nacional do MNPR, dessa forma nasceu o Movimento de População de Rua da Bahia (MPR-BA). As primeiras reuniões do MPR ocorreram em Salvador nos espaços oferecidos por entidades amigas. Em julho de 2010 o Movimento conquistou sua sede, num espaço do Convento de São Francisco, para se consolidar como uma referência na luta da população em situação de rua.³¹

²⁸ A COMVIDA- Comunidade Cidadania e Vida é uma OSCIP - Organização da Social Civil de Interesse Público, criada em julho de 2005, é pessoa jurídica de direito privado e sem finalidade lucrativa dotada de autonomia administrativa, financeira e patrimonial. Disponível em: <http://www.comvida-ba.org.br/programa-corra-pro-abraco/>. Acesso em 10/12/2018.

²⁹ Em julho de 2010 o Movimento conquistou sua sede, num espaço do Convento de São Francisco. Ladeira de São Francisco. Pelourinho. Salvador/BA.

³⁰ Nestas duas citações aparece uma disparidade em relação ao número de pessoas envolvidas no evento, mas o mais importante aqui é a criação do MPR/Ba.

³¹ “O Surgimento do Movimento Nacional da População de Rua”. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/alavieira/pop-rua-sumrio>, p.3.

O movimento surge após a chegada de Maria Lúcia Pereira dos Santos ex-moradora em situação de rua, ter chegado de São Paulo, que foi fazer uma capacitação, e juntamente com mais outros três, resolvem então criar em Salvador o Movimento População de Rua. Saíam pelas ruas, onde se concentravam a maioria destes usuários, e ali faziam rodas de bate papo com a finalidade de levar a todos os conhecimentos e, principalmente uma perspectiva de que aquela situação não era impossível de sair, que da mesma maneira que ela conseguiu sair desta condição, eles também poderiam. E foi assim que em um encontro que reuniu 450 pessoas em situação de rua, que ficou instituído o MPR/BA. O MPR, situa-se no Largo Cruzeiro de São Francisco/n Pelourinho lugar cedido pelos Frades Franciscanos para ser a Sede. O Movimento da População de Rua de Salvador é um espaço no qual os moradores trazem suas demandas, problemas, expectativas, sonhos e esperanças. Portanto, o trabalho desenvolvido pelo Movimento da População de Rua tem como objetivo construir uma rede que facilite o diálogo com os órgãos responsáveis como Governo Federal, dos Estados e dos Municípios que tem o dever de implantar a política, através de comitês, com a participação dos movimentos sócias das pessoas em situação de rua. Através desse diálogo, os militantes do MPR-BA poderão expor seus problemas e propor soluções para questões primárias e fundamentais como o direito à habitação, a saúde, a educação, ao trabalho, e ao lazer, através de políticas públicas para a população em situação de rua.³²

Além da oportunidade de poder desenvolver a pesquisa com as pessoas que frequentam/frequentavam estes espaços, a escolha dos mesmos se deu pela importância e significado que os mesmos têm na cidade de Salvador, junto à população em situação/contexto de rua. São projetos comprometidos, atuantes e que integram a rede de assistência a essa população.

Posteriormente, quando já havia finalizado o campo no Programa Corra pro Abraço e no Movimento de População de Rua, surgiu a possibilidade de continuar a pesquisa no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas Gregório de Matos, localizado no Pelourinho, Centro Histórico, Salvador, Bahia.

É um serviço público de saúde aberto e propõem um modelo de assistência prioritário da Saúde Mental no Brasil. O CAPS Gregório promove atividades e práticas de cuidados para as pessoas que ali frequentam. Oferece diversas atividades e modalidades de acompanhamento com base no projeto terapêutico de cada usuário. É um espaço de cuidado dentro da escola mais hegemônica da Bahia: A Escola de Medicina, incrustada no ponto mais alto do Pelourinho na esquina com antigo restaurante Cantina da Lua. Este espaço se configurou como um lugar de fruição em música e pesquisa musical, no qual o estar junto promoveu encontros musicais que ultrapassaram os muros institucionais.

³² Idem, p. 4.

O recorte nos campos de estudo foi necessário para viabilizar a pesquisa, além de que, muitas das interlocutoras e interlocutores que hoje integram estes projetos e colaboraram com suas histórias de vida para esta tese, já eram meus conhecidos nas atividades que realizei entre 2010 até 2014, em outras instituições. Isso facilitou muito meu acesso, e por consequência, meu aceite nesses espaços como pesquisador, pois já existiam vínculos construídos e parcerias com muitas pessoas, antes mesmo de iniciar esta pesquisa em Etnomusicologia.

Portanto, considerando as experiências obtidas anteriormente, percebi que as dinâmicas que circundaram o fazer musical por pessoas em situação de rua, apresentaram-se como uma rica oportunidade de pesquisa, em que a rua, no espaço urbano, configura-se em vários contextos nos quais imperam ritualizações de desigualdades sócio raciais e de gênero. (GARCIA, 2010).

A perspectiva incidiu sob o olhar etnomusicológico, apoiado pelas Ciências Sociais, Artes, Humanidades e Saúde, numa mescla entre a escrita etnográfica e a escrita performativa. Minha intenção foi buscar o movimento e a fluidez, entrelaçar teorias com performance, apoiado pelo uso de tecnologias do encontro e do desejo, uma busca constante por desfragmentar as visões ainda vigentes que se tem sobre as pessoas nestes contextos sociais.

Uma busca por outros referenciais, novas escutas, práticas musicais e práticas de sensibilidades, na tentativa de compreender esses universos situados, entre, e a partir da Antropologia urbana, da Etnomusicologia, dos Estudos sociais, do exercício da cidadania, do acesso aos bens culturais, ao lazer, justiça, saúde e música.

1.1.3. Quem são as interlocutoras e interlocutores da pesquisa?

A categorização da população de excluídos é bastante heterogênea. São pessoas oriundas de diferentes realidades e que estão nas ruas, nos hospitais, psiquiátricos, nas escolas, e também em projetos, programas, instituições e associações, muitas delas da área da saúde coletiva e saúde mental.

Essa população insere-se na categoria de excluídos em decorrência de vários fatores, como a ausência de vínculos familiares, desemprego, violência, perda da autoestima, alcoolismo, uso de drogas, doenças, transtornos psicossociais, pobreza, marginalidade.³³

³³ “O Brasil não realiza contagem oficial da população em situação de rua em nível nacional. Por conta disso, torna-se difícil incluir adequadamente esse segmento nos “cenários de atenção pública” (Schuch, 2015) e no planejamento governamental em geral”. (NATALINO, 2020, p. 7). De acordo com Marcos Natalino, Especialista em políticas públicas e gestão governamental em exercício na Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea, em março de 2020 existiam 221.869 pessoas em situação de rua no Brasil. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10074/1/NT_73_Disoc_Estimativa%20da%20populacao%20em%20situacao%20de%20rua%20no%20Brasil.pdf.

Nesta pesquisa, as interlocutoras e interlocutores são pessoas com faixa etária entre 18 a 76 anos.³⁴ Muitas destas pessoas estão em situação/contexto de rua, e algumas possuem histórico de abuso de substâncias psicoativas. A maioria pessoas negras, com baixa, ou nenhuma renda fixa e pouca formação escolar tradicional, muitas sem emprego fixo, mas com atividades como reciclagem de objetos, guardadores de carro, retirada de entulho de alguma obra, auxílio na descarga de produtos de caminhões para comerciantes locais, dentre outras funções. Algumas destas pessoas também recebem algum auxílio financeiro do Estado e/ou recebem ajuda de pessoas próximas, colaboradores/as e militantes da causa.

Na busca por uma definição sobre o termo “pessoa em situação de rua”, encontrei o Decreto Nº 7.053, de 23 dezembro de 2009, no qual consta a seguinte definição:

O grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (site: gov.br – Ministério da mulher, da família e dos direitos humanos).³⁵

Já a definição de “pessoa em contexto de rua”, não encontrei em nenhum lugar, porém, assemelha-se em quase todos os aspectos com a definição de uma pessoa em situação de rua, as diferenças podem estar relacionadas principalmente em relação a questão da habitação, ou seja, a pessoa pode estar vivendo em algum abrigo, ou através de um aluguel social, e/ou por meio da ajuda de outras pessoas, no entanto, ela também é compelida a utilizar a rua como espaço de sustento, seja temporariamente, ou de forma permanente. Isaac Jesus Santos, interlocutor desta tese, enviou-me um poema de sua autoria, no qual constam algumas das suas reflexões relativas a essa questão. Segue abaixo:

Morador de rua!

É morador de rua,

Ou está em situação de rua?

Isso me inquieta,

Me leva a questionar

³⁴ Nas oficinas realizadas na sede do MPR e no CAPS Gregório, apareceram jovens com menos de 18 anos que também estão nas ruas, além de crianças acompanhadas de suas respectivas mães que também se encontram em situação de rua.

³⁵ Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/populacao-em-situacao-de-rua>.

São diversas situações a relatar.
Aquele cara lá, é doutor, sim!
Porque fez doutorado, veio de outro estado,
Algo deu errado!
Tem também o mestre, ele olha carro,
Mas fez o mestrado,
Já não sei qual foi o caso,
Mas olha o resultado.
Desperdício pra mim,
Pra você e pra o estado
Talentos e habilidades
Não sendo aproveitado
Nem falo do graduado
Ele fez graduação.
Eu vejo arquitetos, engenheiros,
Médicos, doutores e graduados
Por um motivo, ou por outro,
Se encontram neste estado.
Situação de rua!
Morador de rua!?
Tudo bem, vamos lá
De um outro ângulo vamos analisar
Aqueles que já vieram ao mundo
Conhecendo as ruas
Com os obstáculos de conhecer seus talentos
Florescer os seus dons
Na arte, no esporte, no meio acadêmico!
O que está acontecendo?
É a vida!!!
Situação de rua, ou morador de rua?
Hum... moradia, ponto de partida!
Casa, vida! Minha casa minha vida!
Ponto de partida.
Um lugar pra se guardar.

A si e os seus acessórios
Que é necessário na vida caminhar
Dormir com dois olhos abertos
Sem um teto não dá.
Casa, vida! Minha casa minha vida!
Vamos parar pra pensar
Até um outro momento
Pra a gente conversar!
(Isaac Jesus Santos).

A constatação da predominância de pessoas negras em situação/contexto de rua em Salvador/Ba, se dá pelo processo histórico brasileiro no qual a exclusão social e as mazelas oriundas do período escravocrata, atrelada a ausência de políticas públicas compensatórias e reparadoras, contribuíram para diversos tipos de discriminação e preconceito, principalmente o preconceito racial. As pessoas foram e são marginalizadas pela cor da pele e pela sua condição social.

O racismo ganha força mais devastadora quando é associado a outras discriminações como de classe, gênero e idade. Portanto, não existe uma equidade social entre as pessoas que vivem em Salvador, principalmente quem vive nas ruas. Os/as afrodescendentes estão sempre em desvantagem social se comparados a mulheres e homens brancos, e quando empregadas, seguramente recebem ainda os menores salários, além de normalmente estarem nos piores lugares no mercado de trabalho. Observe os dados do DIEESE.³⁶

Conforme os dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) – (CARVALHO, PEREIRA, 2006) -, A população negra, que representa mais de 80% da população soteropolitana, tem o maior contingente do total de pessoas desempregadas (90,4%), evidenciando as desigualdades de oportunidades de acesso a postos de trabalho. Porém, estes dados são agravados em relação às mulheres negras, que têm as maiores dificuldades de inserção, apresentando a mais elevada taxa de desemprego de Salvador com 22,7% do total. Discriminados a séculos e com restritas oportunidades de educação, de inserção produtiva e ascensão social, pretos e pardos se estabelecem, historicamente, na base da pirâmide social. (CARVALHO, PEREIRA, 2006).³⁷

³⁶ Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.

³⁷ MACEDO, Renato Filho; COSTA, Ana Alice Alcântara. A participação das mulheres no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto em Salvador. In. SALLES, Severo (coord.). A diversidade das lutas sociais. Salvador, EDUFBA, 2015, p. 62.

São pessoas implicadas em diversos contextos de exclusão social e que frequentam o Movimento de População de Rua, o Programa Corra pro Abraço e o CAPS Gregório de Matos, mas também frequentam outros dispositivos da rede de saúde, e outros espaços³⁸ que oferecem serviços direcionados a essa população, e que compõem o Sistema de Garantia de Direitos da região metropolitana de Salvador.

Nos campos selecionados para esta pesquisa, a frequência oscilou de 03 a 25 pessoas por encontro, essas pessoas se revezaram, umas eram bem assíduas, outras apareciam de vez em quando, outras apenas transitaram entre os espaços, e outras apareceram somente uma vez e nunca mais. Importante frisar que a maioria das interlocutoras e interlocutores que fizeram parte desta investigação, apresentaram/desenvolveram em pouco tempo (tempo da criação dos vínculos), capacidades de interpretação, análise e síntese de situações e temas abordados durante os encontros, mas o que ficou mais evidente, foi que, de certa forma, as práticas musicais estimularam o posicionamento pessoal crítico de cada participante perante situações cotidianas e extramusicais.

Apesar de estarem envolvidos em processos de vulnerabilidade e exclusão social, não os/as percebi como pessoas tímidas, ingênuas, despreparadas ou isoladas do mundo, pelo contrário, a convivência me mostrou que são pessoas organizadas e interessadas em aprender (e ensinar) algo.

Durante os encontros, percebi que foram capazes de expressar e afirmar seus pontos de vista, suas reflexões e decisões sobre os temas abordados. Óbvio que nos percebemos e perpassamos por alguns momentos de divergências, mas também de convergências emocionais, sociais, epistêmicas e políticas. O trabalho portanto, foi não esgotar as possibilidades, assim, estávamos sempre a imaginar como poderíamos fazer algo melhor, isso dinamizou nossas identidades em busca pelo desejo de transformação e selou nosso compromisso coletivo em atuarmos juntos por um momento de nossas vidas.

É fato que grande parte da sociedade enxerga os interlocutores e interlocutoras desta pesquisa como miseráveis desterrados, marginais (marginalizados), no entanto, por meio de um olhar mais sensível e sensitivo, perceberia facilmente que são pessoas organizadas, interessantes, musicais, e com um rico potencial criativo, repleta de saberes e belezas. Pessoas íntegras e sensíveis, que estão nas ruas por falta de oportunidades, no entanto, muitas das vezes, a rua se apresenta como o único lugar possível para se viver (é necessário repensarmos nossos olhares). São pessoas portadoras de conhecimentos valiosos e saberes localizados importantes

³⁸ Instituições, Ongs, abrigos, organizações associações.

para o convívio social. São pessoas repletas de sensibilidades, sonhos, conhecimentos, musicalidades, assuntos e temas diversos

No Programa Corra pro Abraço, semanalmente acontecem diversas oficinas, dentre elas a oficina de música, na qual, participei de agosto de 2017 a dezembro de 2019 como colaborador e pesquisador junto ao professor oficial do Programa: Dainho Xequerê.

Já no Movimento de População de Rua o momento é de reestruturação das ofertas de oficinas, no qual eu colaboro de agosto de 2017 até a presente data como professor de música, e redutor de danos. São homens e mulheres que se propõem a revelar e trocar suas experiências e seus saberes localizados (HARAWAY, 1995) a cada encontro musical, nos quais dialogam, interagem, riem, choram, dançam, cantam e se expressam a partir e por meio da música.

Desde o início percebi que são pessoas que, dentre suas dinâmicas, circunda um fazer musical invisível, ou melhor, invisibilizado. São homens e mulheres que se encontram às margens do entorno social e econômico, que são/foram marginalizados, subalternizados, alocados como periféricos, ignorados.

Não pretendo rebuscar a escrita, nem trazer um mundo de palavras difíceis para o entendimento dos problemas a serem apresentados e discutidos ao longo desta tese, simplesmente desejo compartilhar novas/outras perspectivas de possibilidades de transformação social por meio das práticas musicais, práticas essas que foram possíveis de serem realizadas por pessoas que convivem em contextos urbanos desiguais e conflituosos. As práticas musicais surgiram como construção de possibilidades de transformações reais, seja no aspecto simbólico, físico, emocional, musical, espiritual, e o que viesse. Aqui apresento um relato de Antônio Pereira “sem fronteira”, beneficiário do CAPS, o qual me contou um pouco sobre sua história, e em como a música colaborou para sua transformação:

— [...] *minha história foi muito difícil mesmo, tinha transtorno mental, muito louco mesmo, eu nem me reconhecia, tinha medo de voltar pro bairro imaginando que pessoas queriam me matar, me pegar, me bater, mas não era, era transtorno mental, cara! Aí eu sei que fui pro Caps Gregório de Matos, né? O Caps quebrou a cabeça comigo, remédio, isso e aquilo, eu tinha psicólogo, professor, assistente pessoal, e medicina, muita medicina, e graças a Deus e a Universidade Federal da Bahia, que quebrou a cabeça, mas recuperou eu cara, eu tenho um transtorno, mas tomo remédio controlado, entende? Mas dá pra segurar a onda! E não sou mais aquela pessoa. Se você chegasse junto de mim, antes, como eu era, com transtorno mental, você nem queria eu perto de você, mas de acordo com muitos tratamentos, foram três anos dando trabalho na Faculdade de Medicina da Bahia, que é pegada com a Ufba, eu dei trabalho, três anos e não melhorava pra nada, tomava remédio e recaída, tomava*

remédio, e recaída. Comecei a dormir na rua, era transtorno mental, totalmente, mas eu não sabia, e aí, através da terapia musical que me ajudou muito, desde que eu entrei lá no Caps já fazendo a terapia musical, professor Joel... A música salva muita gente. A música sabendo trabalhar, é muito bom pra mente, porque minha mente ficou focada na música, não ficou focada na cachaça, nem na cocaína, nem no crack com maconha, pitilho, entende? Isso aí foi uma coisa muito boa pra mim, que eu agora tô te falando a verdade aí ó! Pereira “sem fronteira”... porra meu irmão...foi difícil, foi difícil, não é todos que chegam igual a mim, que chega nessas condições não, tem muitos lá, que tão pior do que eu. Eu não, eu passei por cima, Deus botou a mão na minha cabeça, fiquei lá de boa, tranquilo, hoje em dia você vê que sou um cara recuperado, sou cantor agora papá! Ó pra aí! Ainda tenho a banda show “Segredo Nativo”, ééé.... Também sou percussionista, você sabe, já conheci vários países e também queria conhecer todas as drogas, não vou mentir pra você, ácido inglês, entende? Heroína, cocaína, cola... queria experimentar de tudo, de tudo, todo tipo de droga, só nunca me piquei, porque eu tinha medo de contaminar meu sangue com droga, entende? Mas meu sonho era conhecer todas as drogas, entende? Mas graças a Deus, eu não vou entrar numa dessa mais, porque é retorno, eu posso morrer, tomava ácido com um litro de álcool, passava uma hora, tomava outro e ficava na rua mesmo, andava sujo, rupinol, tudo isso. Queria me lombrar mesmo, que onda... Cola foi na minha infância, foi isso aí, quando era pequeno, depois eu peguei a visão deixei a cola e fiquei na cocaína e pitilho de crack, e o álcool acabou de lenhar mais ainda a minha vida. Não tinha jeito, eu ficava pela rua todo sujo mesmo, entende? A galera com pena de mim, me dava comida, me dava um dinheiro, entende? Mas o dinheiro que me davam eu ia tomar cachaça, dizia que era pra comer, mas não era, ia todo pra cachaça, entende? Parecia um alambique de pessoas de rua, ficava lá bebendo, pessoal botava até droga em meu copo, eu não sabia, mas graças a Deus eu me saí disso e polícia nunca mais meteu a mão em mim, porque me viam assim, mas eu não era ladrão, nunca roubei, nunca matei, mas eles faziam isso, só pra botar o nome na ocorrência, pra dizer que estavam trabalhando, mas pegavam embaixo, porque quando me levavam pra delegacia e puxavam no computador, via que eu não era ladrão. — “ O cara né nada não, vá embora Pereira”, e logo estava na rua, mas o Caps Gregório de Matos que conseguiu, foi Deus que botou no meu caminho e conseguiu me curar. Depois disso tudo eu te conheci e estamos fazendo música, né? Banda show “Segredo Nativo” e a gente tá nessa aí, na tranquilidade, entende? Sigo fazendo minha terapia no Caps, tomo meu remédio, não posso deixar de tomar meu remédio, mas a música também me cura de tudo, entende? E os remédios também, né? Que os remédios é pra limpar o corpo de álcool, das drogas, entende? Eu não gosto de cocaína mais, eu não gosto

de cachaça mais, entende? É isso aí! Eu não gosto de pitilho de crack, é, mudei totalmente, totalmente, sinto nojo dessas drogas, tudo é verdade! Agora sou um cara na paz de Deus, um cara de maior, com 52 anos. Mas foi uma vida muito difícil, eu não morava com meus pais, eu morava na rua desde pequeno, entende? Desde pequeno eu era menino de rua. Hoje eu tô enconstado pelos transtornos mentais, mas graças a Deus tô fazendo meu tratamento no Caps, não posso deixar o Caps, entende? Tomo meu remédio controlado e vou levando a vida na terapia com a música e vamos continuar quando você voltar do México, fazer nossa banda “Segredo Nativo” ééé, banda show Segredo Nativo, e a terapia segue, que é cantar, fazer música, e tá chegando! Agora manter a mente legal, não usar mais drogas, não dormir na rua, hoje durmo cedo. Paz amor e liberdade. — Com vocês, banda Segredo Nativo...

— [...] o depoimento que tô dando não é mentira não, o Caps tá de prova de quando cheguei lá, entende? Cheguei lá no Caps sete anos atrás, dando trabalho, deixa eu te explicar: me levavam pra enfermaria pra ficar deitado, me davam soro, entende? Porque eu não conseguia ficar legal cara, aí depois de três anos eu segui firme mesmo meu tratamento e hoje eu tô de boa tranquilo. E o Caps me dá maior ponto, porque através de mim, veio a rádio de Brasília me entrevistar, tudo isso, aí depois saiu no Jornal do Brasil, Jornal Aurora da Rua, Jornal A tarde eu saí também, Correio da Bahia, com o Samba do Caps, entende cara? Eu fiz o samba do Caps, que é o hino de lá até hoje. Eu melhorei graças a Deus, e não sou aquela pessoa que eu era antes, álcool e drogas, eu não tava nem aí. Ainda por cima tenho artrose, hérnia de disco, e também levei muita porrada na cabeça, a polícia me dava sem eu fazer nada. Quando o Caps me recuperou, eles anunciaram pra todos os periódicos, todo globo da terra sabe, lá teve congresso, e eles falaram, né? Pereira “sem fronteira”, que sou eu, o cara que se recuperou no Caps, tá aí, pode perguntar a qualquer um de lá do Caps, tá tudo de prova, por isso que eles me ajudam, porque eles me recuperaram e não podem me deixar assim a toa né? Não deixa não, é só alegria! Se precisar de documento, o Caps faz tudo, porque foi eles que me cuidaram, que me deixou de boa. Foi muito bom, e essas raízes não vamos perder não. [...] Graças a Deus, a música e as medicinas, que eles são da faculdade de medicina, né véio? Os caras são da medicina, são crânio, os caras botam pra fuder meu irmão, maluco que chegar lá e não ficar bom, meu irmão, porque é descarado mesmo, é verdade, quer ficar na putaria memso. Meu psicólogo tá de prova, já resolveu muita coisa pra mim.

A realização de uma pesquisa engajada implica em mudanças, sejam elas individuais, coletivas ou institucionais, o mais importante a saber é que destrinchamos outros caminhos, nos quais tornaram-se visíveis elementos, sujeitos, coisas e situações que antes estavam ocultas, invisíveis, ou careciam de uma abordagem científica, artística, crítica, balizada principalmente

pela conduta ética e intervenções que possam contribuir para a promoção do bem-estar das pessoas.

Os encontros proporcionaram crescimentos e alterações, mesmo que desiguais, como era de se esperar, mas crescimentos também em nível cosmológico, ou seja, não só o intelecto, mas as sociabilidades, as relações, os ritos e as formas de ser e estar, no e com o/a outro/a no mundo. Todos esses processos, foram exaustivamente mixados e reformulados a partir dos encontros e desencontros realizados entre agosto de 2017 a dezembro de 2019, com os/as frequentadores/as do Movimento de População de Rua, Programa Corra pro Abraço e CAPS Gregório de Matos.

Foram dias em que as expectativas em participar de algo novo possibilitaram alguma inovação, quando surgiram novas experiências e desejos, mas também novos desafios, como poder cantar, ler uma letra de música, construir uma letra de música, participar de oficinas de composição musical, assistir filmes e clips sobre música e outras atividades artísticas, participar de eventos tocando e cantando as músicas trabalhadas nos encontros, além das experiências em poder adentrar um estúdio profissional de gravação musical, registrar as músicas trabalhadas em formato Cd, atuar nos palcos da cidade com apoio financeiro da Prefeitura da Cidade de Salvador, dentre outros.³⁹

Para mim, como pesquisador, tudo sempre foi um desafio. Desde o retorno a universidade até o dia de (re) começar a pesquisa de campo. O tamanho das minhas preocupações em fazer tudo certo era enorme, depois entendi que a preocupação se chamava comprometimento engajado, participativo e situado nos territórios com as interlocutoras e interlocutores, com a universidade, com a cidade, e com as instâncias políticas, pessoais e institucionais.

Ao refletir sobre o processo, percebi que tudo começou bem antes do meu processo de doutoramento em Etnomusicologia na UFBA. Em 2010, como já dito, eu já estava envolvido em práticas musicais com pessoas em situação/contexto de rua e com usuários de Spa's,⁴⁰ em diversos projetos,⁴¹ centros⁴² e associações sociais⁴³ em que trabalhei⁴⁴ nos últimos 10 anos⁴⁵

³⁹ Todas essas experiências estão descritas no capítulo Etnografia musical.

⁴⁰ Substâncias psicoativas.

⁴¹ Projeto Saúde de Cara na Rua (Projeto de redução de danos itinerante), Projeto Ponto de Encontro (Centro de convivência com práticas redutoras de danos, educativas e culturais)

⁴² CETAD (Centro de estudos e terapias do abuso de drogas), CAPS AD III Gey Espinheira (Centro de atenção psicossocial álcool e outras drogas), CCIDP (Centro de convivência Irmã Dulce dos Pobres), CATA (Centro de tratamento de alcoolistas).

⁴³ Movimento População de Rua, Obras Sociais Irmã Dulce, Ong Avante.

⁴⁴ Em Salvador.

⁴⁵ Entre 2010 e 2020.

na cidade de Salvador/Ba, nas funções de educador musical, educador social, pesquisador e redutor de danos.

As experiências obtidas em trabalhos desenvolvidos nas áreas da saúde coletiva e saúde mental foram determinantes e deram o lastro suficiente para começar esta pesquisa. Uma dessas experiências está no corpo deste trabalho no subcapítulo: “1.2. Músicas que nos representam”, este capítulo vem a seguir, e se trata de um relato quando atuei como redutor de danos, músico e educador social no Projeto Ponto de Encontro e posteriormente no Centro de Convivência Irmã Dulce dos Pobres, ambos em Salvador/Ba.⁴⁶

Ao leitor e a leitora que esperam de pronto os resultados etnográficos, eu os guardarei para os subcapítulos posteriores e procurarei ao máximo manter a escrita dentro de uma linha performática/performativa, criando pontos de interseção entre o real e o mágico, entre o mito e o rito, entre o que é, e o que poderia ser. Elementos estes que fazem parte da mesma moeda - as subjetividades, a metalinguagem, a inocência e o conhecimento.

Apresentarei a fundamentação teórica após o relato etnográfico, como dito, a ideia é trazer os interlocutores e interlocutoras ao mesmo nível de validação de conhecimento que as teorias propõem. Discutiremos territórios, saberes localizados, espaço urbano e as relações que se desencadearam a partir desses lugares que também são lugares metafóricos.

Pretendo apresentar problemáticas acerca das matrizes da desigualdade e sobre os marcadores sociais da diferença. Estes temas foram/são fundamentais para a temática a ser discutida, são temas necessários para ampliar a compreensão dos sujeitos, seus desejos e vontades, seus lugares no mundo, suas vidas.

Acredito que no decorrer da narrativa, e na medida em que ela for evoluindo para o telos final, a leitura se transformará cada vez mais interessante, pelo menos é o que espero, na medida em que começarmos a desfrutar das histórias dos encontros com essas pessoas, suas músicas, seus desejos e suas aspirações, numa sociedade/comunidade em crescimento e mutação dentro e entre as suas múltiplas identidades.⁴⁷

Portanto, descrevo sobre processos de protagonismo, empoderamento, desobediência e emancipação de pessoas que se encontram mais adentro da categoria de exclusão e vulnerabilidade social, seja em seus diversos níveis. Minhas reflexões incidiram sobre

⁴⁶ No subcapítulo 1.2. Músicas que nos representam, explicarei o que foi o Projeto Ponto de Encontro e o Centro de Convivência Irmã Dulce dos Pobres.

⁴⁷ Desejo compartilhar que tive que corrigir boa parte da escrita, pois na tentativa em buscar uma neutralidade de gênero na escrita, eu comecei a usar a letra x em várias palavras, como por exemplo: “todxs”, e “interlocutorxs”. Mas depois percebi, que pessoas com deficiência visual que utilizam softwares de leitura de tela, poderiam ter dificuldades de compressão nessas palavras. Então esse estilo de escrita performativa estaria excluindo essas pessoas, portanto, resolvi reescrever utilizando os dois gêneros, por exemplo: “interlocutoras e interlocutores”.

paisagens sonoras, e multiterritorialidades, atrelados a processos colaborativos de construções dinâmicas de identidades, artevismos, arte ativista, arte política e engajamento social. Também proponho a perspectiva de colaborar no sentido de potencializar a reflexão das pessoas sobre seus direitos sociais e civis. Colaborar para a emancipação individual e o florescer da consciência coletiva tão necessária para a superação da dominação sociopolítica e econômica.

Pretendo discutir e problematizar não somente o meu lugar como educador, músico e pesquisador, bem no estilo, quem eu sou? Onde estou? Mas principalmente apresentar as interlocutoras e interlocutores desta pesquisa e como dialogaram com suas práticas musicais, escolhas e situações reais de vida. Agora apresento um relato de experiência que tive como educador social, músico e redutor de danos, em projetos que antecederam a pesquisa de campo atual.

1.2. Músicas que nos representam

Dentre as diversas oportunidades de trabalhos com música e pessoas em vulnerabilidade social, dentre os diversos relatos de experiências obtidos até a finalização dos campos de pesquisa no Movimento de População de Rua, no CAPS Gregório de Matos e no Programa Corra pro Abraço, destaco as experiências obtidas no Projeto Ponto de Encontro,⁴⁸ e no Centro de Convivência Irmã Dulce dos pobres.⁴⁹

Foi a partir das experiências obtidas nos encontros realizados entre 2012 e 2014⁵⁰ com pessoas em situação/contexto de rua e pessoas que chegavam até o Ponto de Encontro e posteriormente, ao Centro de convivência Irmã Dulce dos pobres em busca de alguma informação, aulas e/ou vivências, que percebi como as canções que permearam os encontros que aí se deram, transformaram o cotidiano de pessoas. Foram sujeitos que experimentaram a música como ponto de partida para as relações sociais.

O Ponto de Encontro foi um centro de convivência com práticas redutoras de danos, educativas e culturais que estimulavam cuidados com a saúde, fortalecimento da autoestima⁵¹ e a inclusão sócio artístico cultural de grupos de pessoas em situação/contexto de rua. Era

⁴⁸ Ver o anexo A — Relatório nº 18 - Relatório Ponto de Encontro / Salvador, outubro de 2012. Neste relatório apresento como surgiu o Ponto de Encontro. Ver também: <https://blogpontodeencontro.wordpress.com/o-que-e-o-ponto-de-encontro>.

⁴⁹ Ver o anexo A — Relatório nº 26 - Relatório Ponto de Encontro / Salvador, novembro de 2013. Neste relatório descrevo a mudança do Ponto de Encontro para o CCIDP.

⁵⁰ Ver o anexo A — Relatórios do Ponto de Encontro e do CCIDP. Relatórios - 18 ao 34.

⁵¹ Ver o anexo A — Relatório nº 19 - Relatório Ponto de Encontro / Salvador, novembro de 2012. Neste relatório apresento a música como atividade presente nas atividades do Ponto de Encontro, e como a prática musical colaborou para a diminuição da agressividade e aumento da autoestima dos frequentadores da casa.

localizado na Rua Direita do Santo Antônio, em frente à igreja do Boqueirão, bairro do Santo Antônio Além do Carmo, no Centro Histórico de Salvador.

A inauguração oficial aconteceu no dia 14 de setembro de 2012 e contou com a presença da comunidade, do ex-governador Jacques Wagner e ex-ministro da Saúde Dr. Padilha. Numa síntese, o Ponto de encontro basicamente acolhia e oferecia para os/as usuários de drogas, pessoas em situação/contexto de rua e comunidade em geral, a possibilidade do diálogo, do encontro consigo mesmo e com o/a outro/a, através de atividades de baixa exigência,⁵² e intervenções breves entrelaçadas em práticas redutoras de danos, artísticas e educativas.

A base do trabalho musical foi o afeto, o carinho, a atenção e a escuta do/a outro/a, na compreensão da música como uma forma especial de comunicação, facilitadora de encontros entre pessoas que experimentaram a música como ponto de partida para as relações sociais.

Para assumir diálogos interdisciplinares e buscar a horizontalidade nas relações, foi importante construir e introduzir metodologias, digamos que, anárquicas e libertárias, que fugissem, quebrassem, implementassem e superassem os padrões e *standards* metodológicos ainda vigentes de ensino. Não se tratou de trazer anarquia ao método, mas sim, fazer com que os encontros se desdobrassem em experiências significativas de vida. Viver o aqui e agora.

Eu como pesquisador, homem, heterossexual, branco, na cidade de Salvador, ainda que oriundo de periferia, não me fechei na minha masculinidade, e sim, abracei a abordagem feminista como ponto de partida e encontro para as discussões sobre o fazer musical de grupos esquecidos socialmente.

Assumi um posicionamento etnográfico das “*quase-verdades*”, porque de fato, apesar de saber que estamos unidos por placas tectônicas “isoladas por profundezas abissais, mas conectadas por atritos e choques que provocam terremotos e fissuras continentais” (ALMEIDA W, 2003, p. 14), carrego comigo minhas dúvidas sobre a comensurabilidade de mundos tão distantes e diferentes, mas que vivem sobre o mesmo chão e sob o mesmo céu, que se cruzam, encontram-se, entrelaçam-se, mas também se distanciam.

⁵² As atividades não exigiam nenhum requisito prévio e não era necessário a apresentação de documentos que comprovassem a identidade da pessoa. Muitas pessoas em situação/contexto de rua não possuem documentos.

Através da perspectiva etnomusicológica periférica,⁵³ apeguei-me ao encontro, aos sons e aos sentidos, numa etnografia qualitativa, intencional, participativa, interacional, híbrida e politizada.

A etnografia é então interação – hibridação politizada, e orientada cognitiva e moralmente para zonas de quase verdade. Ela assiste à construção de novos corpos singulares e coletivos politicamente orientados: caso da territorialidade, das identidades étnicas, das definições de paisagens-patrimônio, mas também de corpos com gênero, corpos com cor, com historicidade. Antropólogos por um lado são parceiros na emergência das ‘culturas híbridas’ – e por outro são membros de uma comunidade orientada para verdades e juízos. O nexos entre as suas duas posições é essencial para sua atuação e para sua contribuição no processo de construção de consensos necessários sobre a natureza do mundo social (ALMEIDA W, 2003, p. 24).

Os participantes dos encontros musicais no Ponto de Encontro e posteriormente no CCIDP, também eram homens e mulheres com faixa etária entre 18 a 65 anos, alguns em situação/contexto de rua, oriundos de diversas trajetórias sociais, outros eram moradores do bairro, e adjacências que adentravam o espaço para pegar informações e acabavam participando das práticas musicais.

Às vezes me sentia como um professor de música, outras, como um educador social ou redutor de danos, ou como um psicólogo, terapeuta. Mas muitas vezes, sentia-me simplesmente como um amigo/parceiro bom ouvinte, uma pessoa que dava/emprestava o seu tempo para escutar as histórias de outra. Eram histórias de pessoas transpassadas por seus marcadores sociais da diferença,⁵⁴ pois: "[...] são vários os nossos marcadores que atravessam nossas falas e nossas produções, identidades, identificações, bem como, desejos de intervenção e de interlocução". (ROSA, NOGUEIRA, 2015, p. 33).

⁵³ Poderia ter usado a expressão: perspectiva etnomusicológica do Sul, ou ter utilizado o termo epistemologia do Sul, mas neste caso, preferi usar ainda a palavra periférica. Compreendo o conceito como saberes produzidos em zonas que foram alocadas como subalternas, nas quais o poder do imperialismo, colonialismo, capitalismo e patriarcado exerceram domínios devastadores. Apesar do termo epistemologia do Sul assumir uma posição metafórica, e não um posicionamento geográfico, o termo pode sugerir a algum leitor desatualizado, que atualmente também não existam subalternidades no Norte. Geograficamente, no Norte, também existem epistemologias do Sul, ou seja, epistemologias periféricas, ou ditas como periféricas. São saberes que representam a diversidade de conhecimentos e culturas que por muito tempo foram inferiorizadas. Pensar e dialogar através de uma epistemologia que não seja a dominante, é assumir contar (as outras) novas histórias e promover outros conhecimentos. Apesar de que, sempre que penso em epistemologia periférica, corro o risco de deslocar o centro para outro lugar. Mas esses termos são etiquetas acadêmicas e não pretendo estender muito sobre a real utilização dos termos. Só desejo lembrar que ainda somos vistos pelo resto do mundo hegemônico como periféricos, mas estamos prontos e resguardados pelas nossas epistemologias, e nossos saberes localizados.

⁵⁴ Como raça, classe social, etnia, orientação sexual, identidade de gênero, geração, acessibilidade, dentre outros marcadores.

Foi através da música e dos saberes localizados que consegui dialogar com pessoas em situação de rua, sem perder de vista nosso principal instrumento de pesquisa: o próprio corpo, "[...] o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída". (LÊ BRETON, 1953, p. 07).

Minha desobediência epistêmica e minhas pretensões decoloniais em como se fazer música me auxiliaram no processo do encontro, no qual se sentir bem era estar no mundo como sujeito ativo, livre do “[...] domínio da oposição interna aos conceitos modernos e eurocentrados, enraizados nas categorias de conceitos gregos e latinos e nas experiências e subjetividades formadas dessas bases, tanto teológicas quanto seculares”. (MIGNOLO, 2008, p. 288).

A ideia foi assumir nossa identidade em política, e com isso, interagir com as incertezas em nosso tempo, em nossos espaços e territórios. Hoje quando lembro daqueles encontros, percebo mais nitidamente os desafios vividos e o quão grande foi e ainda é o emaranhado sistêmico e imaginário que se constrói em torno dessa população.

Não, não estou falando de “política de identidade”, mas de “identidade em política”. Não há, pois, necessidade de argumentar que a política de identidade se baseia na suposição de que as identidades são aspectos essenciais dos indivíduos, que podem levar à intolerância, e de que nas políticas identitárias posições fundamentalistas são sempre um perigo. Uma vez que concordo parcialmente com tal visão de política de identidade – da qual nada é isento, já que há políticas identitárias baseadas nas condições de ser negro ou branco, mulher ou homem, em homossexualidade e também em heterossexualidade [...] a identidade em política é crucial para a opção decolonial, uma vez que, sem a construção de teorias políticas e a organização de ações políticas fundamentadas em identidades que foram alocadas (por exemplo, não havia índios nos continentes americanos até a chegada dos espanhóis, e não havia negros até o começo do comércio massivo de escravos no Atlântico) por discursos imperiais (nas seis línguas da modernidade europeia – inglês, francês e alemão após o Iluminismo, e italiano, espanhol e português durante o Renascimento), pode não ser possível desnaturalizar a construção racial e imperial da identidade no mundo moderno em uma economia capitalista. As identidades construídas pelos discursos europeus modernos eram raciais (isto é, a matriz racial colonial) e patriarcais. (MIGNOLO, 2008, p. 289).

A partir dos territórios e trajetórias dessas pessoas, ficou bem evidente para mim, em como a formação econômica e social determina os modos e jeitos de ser. Sim, são os meios de produção que determinam nosso espaço.

Os modos de produção tornam-se concretos sobre uma base territorial historicamente determinada. Deste ponto de vista, as formas espaciais seriam

uma linguagem dos modos de produção. Daí, na sua determinação geográfica, serem eles seletivos, reforçando dessa maneira a especificidade dos lugares. (SANTOS, 1977, p. 87).

Uma pequena parte das interlocutoras e interlocutores dos encontros possuíam em sua trajetória de vida algum crime, ou casos de roubo, homicídio, latrocínio, passagens pela polícia e/ou passagens por presídios. Estes históricos, a primeira instância, não trouxeram problemas para a perspectiva da minha atual pesquisa em etnomusicologia no curso de doutorado na UFBA, apesar do desafio e do aparente clima de insegurança que rondava meu trabalho de campo, eu coloquei no poder das práticas musicais toda a essência em potencializar protagonismos, cidadania, autoestima, lazer, socialização e processos de ensino/aprendizagem.

Através da etnografia, entreguei-me como pesquisador participante nativo, êmico, e autóctone, e que, ao resgatar minhas memórias, em meu tempo como *brancoafroíndio* tupinambá canibal, galego esquina de periferia, cana verde, feiticeiro, visto como periférico, morador da Rua da Vala, na Boca do Rio, Salvador, Bahia, Brasil. Eu assumi minhas pretensões em te deixar confuso, pois como na letra *Tupinambá*, de minha autoria com um dos melhores rapeiros do Brasil - Gaspar,⁵⁵ sei que sou índio brasileiro, não cafuzo, mais maluco, em que ser mameluco é coisa de monarca. Bem, eu nunca pretendi solucionar os problemas, mas sim, (e) levá-los a outro nível.

Foram várias as canções apreciadas⁵⁶ com o grupo, mas para este momento me atentarei em quatro músicas que foram trabalhadas em nossos encontros. A primeira foi trazida

⁵⁵ Raper, compositor e integrante do grupo Z'África Brasil, Capão Redondo, São Paulo, Brasil.

⁵⁶ Compreendo o ato de apreciar não só em ouvir, mas, dançar, cantar, dialogar, e interagir com a música, e a partir dela.

por mim: *Tupinambá*.⁵⁷ Foi com essa letra que me apresentei ao grupo, sinto que ela me representa. Já por parte das interlocutoras e interlocutores, uma das escolhidas e mais lembradas foi *Revolta Olodum* (José Olissan e Domingos Sérgio), muitos se reconheciam nessa letra.

São territorialidades, atitudes e reflexões que vibravam para além das paredes institucionais, principalmente quando cantávamos a parte: “*somos do nordeste*”,⁵⁸ o grupo delirava, a percussão ficava mais forte, sorriam, dançavam e fechavam os olhos de emoção. Eu percebia uma conexão de ideais e identidades, havia orgulho em suas falas. Foi um processo de criação de sentidos.

Outras interlocutoras e interlocutores lembraram do tema trabalho, e da necessidade em ganhar dinheiro de forma honesta, neste caso, em suas falas a profissão de camelô surgia como uma boa possibilidade de vida financeira estável. A música escolhida pelo grupo foi *Camelô* (Edson Gomes). Mas, das muitas formas em se apresentar, o rap nacional sempre foi um dos pontos fortes do encontro: A música *Negro Drama* (Racionais Mc's - Edy Rock / Mano Brown) sempre foi uma coqueluche entre as interlocutoras e interlocutores, principalmente as que eram da população em situação/contexto de rua. Ou seja, nesta experiência vivenciada o Rap, o Samba-Reggae e o Reggae, apareceram como estruturas muito fortes como gênero musical.

Todas essas quatro canções revelam desejos e afirmações em suas letras, e foram utilizadas como elementos do encontro. Caminhos metodológicos anárquicos que provocaram

⁵⁷ “Tupinambá” (Gaspar / Juracy do Amor). Tupinambá ao som do ganzá, na pajelança rei mago no reisado pra zumbizar. Já dizia o velho Abú, alma não tem cor, liberdade é conquistada quando se elimina a dor. Na quebrada descobri quem sou, ao sentir na alma batida do tambor. Da periferia pro mundo universal gueto. Na cadência do batuque, do balanço som de preto. Cavaco, pandeiro, quilombo, favela, fuzil. Brasil de Áfricas mil, periférico de pele branca te deixa confuso. Sei que sou índio brasileiro, não cafuzo. Mais maluco, mameluco é coisa de monarca. Navio negreiro, camburão sem frio. Jogando corpos em alto mar da barca. Ninguém se opõe a sociedade pra não cair em desgraça. Mais um daqueles enforcado na praça. Sou periferia e a guerra não acabou. É que a terra o capitalista confiscou. Sabe carajá, já passei por tudo. Da zona sul, é! eu xingo pro mundo. Quando o caxambu toca tem algo que me guia. Medicina palmaria indígena que purifica. Rimador, jogador é, sou quilombola. Casa de pau a pique mitongo da grande Angola e vai. Tupinambá ao som do ganzá, na pajelança rei mago no reisado pra zumbizar. Já dizia o velho Abú, alma não tem cor, liberdade é conquistada quando se elimina a dor! Tupinambá canibal tupinambá!!! Sou periferia e o que importa é a cor. Pra quem tem coragem quebrada é luta pelo amor. Sou galego esquina de periferia. Calabrês mafioso com mescalina sem melanina na rima caipira (viola minha viola), rainha Inezita (periferia cheira pólvora). Branco pobre que não aceita a lei. Que não segue regras, em nome do pai, amém. Não me engano cigano sem lenço nem documento. Sou cana verde feiticeiro por isso não me rendo. De mão em mão lendo o seu destino. De baião em baião, sou potiguar nordestino. Louco por natureza, medicina é meu remédio. Religioso pela crença sigo na fé sem mistério. Rimador, jogador é dois por dois e passo a bola. Boca do Rio, Baixa Fria, Salvador maloca, então. Tupinambá ao som do ganzá, na pajelança rei mago no reisado pra zumbizar. Já dizia o velho Abú, alma não tem cor, liberdade é conquistada quando se elimina a dor! Assim que é! Dialeto Capão, potiguar, tupinambá, canibal, Záfrika! Tupinambá, Hip Hop Roots...Liberdade é conquistada quando se elimina a dor! Liberdade é conquistada quando se elimina a dor!

⁵⁸ O Nordeste é uma região do Brasil.

perspectivas de transformação social através da arte. Muitas das interlocutoras e interlocutores são pessoas em situação/contexto de violência interna e externa, que em seu histórico de vida possuem trajetórias complicadas, em que raramente existe uma estabilidade emocional e/ou financeira. Mas são pessoas, pessoas ricas em potencial criativo, artístico e musical.

Os vários modos de viver na rua foram indicativos de caminhos possíveis para realizar uma aproximação através da música. Amplio minha percepção do social através dos encontros musicais, aí começo a pensar não somente nos sons e nos sentidos, mas também em imagens.

Na medida em que a percepção do social se prende a princípios e a valores considerados universais, verdadeiros, legítimos e únicos que precisam ser relativizados, questiona-se o fato de a cultura e a alteridade se expressarem por linguagens nem sempre visíveis e explícitas, que exigem um olhar atento e aprofundado nas muitas realidades do campo social e no seu cotidiano como meio de compreender-lhes seus muitos significados. (GUSMÃO, 1999, p. 41).

Tudo que vemos ao nosso redor tem a ver com o olhar que imprimimos sobre as pessoas, coisas e situações. Larrosa,⁵⁹ (apud GUSMÃO, 1999) e Lara⁶⁰ (apud GUSMÃO, 1999) discutem o entendimento sobre as *imagens do outro*, e apontam que normalmente a imagem do outro somos nós que as criamos, e que aparentemente elas necessitam ser enquadradas em:

[...] Aparatos pedagógicos, assistenciais ou terapêuticos [...] têm como função fazer os loucos entrarem em nossa razão, as crianças em nossa maturidade, os selvagens em nossa cultura, os estrangeiros em nosso país, os delinquentes em nossa lei, os miseráveis em nosso sistema de necessidades e os marginalizados e deficientes em nossa normalidade. (LARROSA e LARA, 1998. p. 8, apud GUSMÃO, 1999, p. 42).

Os pontos de vista são diferentes e diversos. Mas partir de uma perspectiva feminista compreendo que as interlocutoras e interlocutores da pesquisa também se encontram nas:

[...] inquietações artísticas, nos artevismos, na militância e na produção de conhecimento feminista. Neste sentido, que ainda que consideremos a dimensão subjetiva como fundamental, pois “o pessoal é político”, não propomos uma narrativa de nossas obras, sonoridades e desejos de modo individualizado *apenas*, mas que estejam em consonância e em prol de um bem comum, dos direitos humanos que incluem os direitos das mulheres, da

⁵⁹ É professor de Filosofia da Educação da Universidade de Barcelona.

⁶⁰ É professora da Universidade de Barcelona, no departamento de Organização de Ensino e Educação.

comunidade LGBTQIA+,⁶¹ das comunidades indígenas, negras, periféricas, que ainda não estão representadas ou contempladas dignamente pelos estudos e ações em música". (ROSA e NOGUEIRA, 2015, p. 27, 28).

E aqui incluo as pessoas em situação/contexto de rua, usuárias de drogas, pessoas com transtornos mentais, ou problemas sociais. Chego nestes territórios sócio sonoros com a inversão do olhar. Somente assim será possível compreender “a imagem do outro não como a imagem que olhamos, mas como a imagem que nos olha e que nos interpela”. (LARROSA e LARA, 1998, p. 8, In GUSMÃO, 1999, p. 42).

Nestes anos de encontros, em que nos reuníamos uma vez por semana, foi necessário desfragmentar cotidianamente minha cabeça de educador e pesquisador, meus valores e crenças e, portanto, compreender a alteridade como linguagem, muitas vezes invisíveis aos olhos e ouvidos que comumente estagnam aprisionados em padrões que se dizem universais, morais, únicos ou verdadeiros.

Importante compreender que cada pessoa tem sua singularidade e forma de interagir, cada caso é um caso e cada pessoa exerce sua sensibilidade na resolução dos conflitos e nos processos de criação musical, cada um usa sua experiência na condução de algum trabalho ou dinâmica.

A dimensão do desejo e do afeto, da atenção e do carinho foi fundamental. Afinal de contas, é importante dialogar sempre com nossa criança interior, mas sem infantilizar o outro. Um processo de experimentar tudo. As carências ainda são muitas, e as formas, que aqui posso chamar de metodologias anárquicas, em como adentrar esses universos, foram imprescindíveis para se alcançar novas possibilidades de atenção *psico-musical-social*.

Este trabalho de construção no (em) campo, com cumplicidade, e sensibilidade fortaleceu minhas intenções para continuar estudos e práticas musicais com pessoas em vulnerabilidade social. Percebi como foi importante viabilizar acordos coletivos com as interlocutoras e interlocutores da pesquisa nas atividades criativas, lúdicas, musicais e artísticas, como em se comprometerem a chegar no horário, tentar não chegar com uso abusivo de substâncias psicoativas, trazer suas ideias musicais, e as músicas que mais gostavam.

Escolhi atividades que ultrapassassem a ordinariedade do dia-a-dia e promovessem ressignificações de símbolos, experiências e sentidos. Sendo assim, o fazer musical se

⁶¹ Para mais informações sobre a sigla, acessar o endereço: <https://bluevisionbraskem.com/desenvolvimento-humano/o-que-significa-a-sigla-lgbtqia/#:~:text=Nascido%20sob%20a%20sigla%20GLS,n%C3%A3o%20heterosuais%20e%20n%C3%A3o%20cig%C3%AAnero>. Também recomendo acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=UQET557cAKU>.

apresentou como um ponto de partida e encontro dos diferentes mundos. Foram atividades que colaboraram para preencher esse vazio aparente.

Aposto em uma formação continuada neste campo, seja por meio de novos encontros musicais e oficinas diversas, com os mais variados assuntos e temas, dinâmicas, jogos, vivências workshops, leituras e discussões construtivas. Que isso se faça possível e que seja com música. Um fazer musical que fale sobre nós mesmos.

— *Quem nós somos a partir das músicas que nos representam?*

Preciso olhar, cheirar e sentir o contexto, entender as demandas e dialogar com sabedoria. Favorecer a construção de um ambiente sadio, amoroso e em constante movimento de renovação de ideias, ações e atitudes.

Este trabalho tornou-se também um processo terapêutico, no qual foi possível construir e realizar coletivamente, encontros musicais de criação e composição, com temas que fizeram e fazem parte do universo dos sujeitos. Explorar e investigar, aprender, criar e refletir. Encontros que favoreceram um desabrochar de situações e valores.

Ao refletir sobre a ampliação da percepção dos contextos, busquei uma aproximação entre linguagens e formas de ser. Trouxe a suavidade para o diálogo, a simpatia, a alegria no bom convívio, desvendei e debulhei situações com sensibilidade e percepção ativa.

A intenção era que o indivíduo melhorasse a auto percepção, por meio da qual fosse possível se transformar em espectador de si mesmo, (re) criar uma visão de si próprio, sem perder a compreensão e a percepção do/a outro/a. Centrando-se no aspecto ético nas relações vividas, procurei não priorizar exigências técnicas específicas e/ou hegemônicas e percebi que talvez nenhuma técnica possa funcionar fora de uma consistente relação que se estabeleça com as pessoas.

Como já dito, de acordo com Paulo Freire (1988), antes de lermos as palavras, lemos o mundo. Portanto, a questão é que precisamos ler os signos de um mundo em particular. Essa dificuldade em envolver todos os sentidos no processo da socialização, reside no fato de que muitas vezes, somos ignorantes, em geral, para a leitura dos sons, dos gostos e cheiros, dos movimentos e dos fenômenos que se apresentam. É importante nos reinventarmos e abrirmos nossas possibilidades de percepção.

O instinto e a experiência instruem as pessoas e por isso não ofereço receitas, bulas, nem condutas a serem seguidas, simplesmente tento apresentar outros paradigmas balizados pela intuição e pelo contato imediato e experimental que estabelecemos. Assim como

Bergson⁶² (1989) eu acredito que devemos nos aproximar da realidade tal como é em si, precisamos ir direto ao ponto e usar nossa intuição como método.

A heterogeneidade e as singularidades dos sujeitos foram aspectos importantes em todo o processo. Foi fundamental que cada um dentro da sua experiência de vida e grau de sensibilidade, buscasse suas formas de agir e interagir. Ao mesmo tempo, compreendi a importância do olhar coletivo para situações em que demandasse a operacionalidade de todo o grupo. A percepção do outro tornou-se fundamental para alcançar êxito em trabalhos com essa natureza.

Ao mesmo tempo, foi fundamental estarmos misturados como um só corpo, extrapolando nossas ações, funções e experiências, exercendo com totalidade nosso encontro coletivo. Foi preciso estar presente e juntos como grupo e equipe. Todas nós somos aprendizes. A ideia era aprender a aprender.

Numa descrição mais detalhada deste campo, posso dizer que desde que comecei o trabalho no Ponto de Encontro⁶³ e posteriormente no CCIDP, eu senti uma forte tendência em me articular através da música, e em especial, utilizar canções com suas letras repletas de sentido nas práticas musicais.

Sem perceber, estávamos juntos penetrando no mundo da subjetividade, ampliando os limites do encontro. Chegar, beber água, aguardar outras pessoas chegarem, curtir as trocas de olhares, os sorrisos. Alguns chegavam mais confiantes, outros ainda percebendo o ambiente.

Começávamos a oficina nestes espaços, sempre com uma roda de conversas. E logo disparava perguntas:

— *Como foi sua semana?*

— *O que aconteceu de bom durante a semana?*

A ideia era compartilhar boas histórias, afetos e boas experiências, mas também as angústias e os medos. Logo adentrávamos na prática de alongamentos, aquecimento vocal e respiração profunda. Todo o processo sempre foi um convite para adentrarmos em nosso ser, em nosso ser musical.

Depois, para aquecer o corpo, introduzia uma roda rítmica, quando todos e todas construía variações rítmicas, utilizando as mãos, os pés, a voz e o corpo. Percebíamos os sons intencionais e não intencionais ao nosso redor, produzíamos sons e também tocávamos e cantávamos diversas releituras do cancionário popular (afro) brasileiro. Foram encontros nos

⁶² Prêmio Nobel de literatura em 1927.

⁶³ Por convite do Professor e Doutor Antônio Nery Filho e da assistente social e psicóloga Patrícia Flach.

quais vivenciamos momentos de entrega total na prática musical, momentos em que as subjetividades afloravam o processo do fazer música.

Estávamos então a desmascarar as doutrinas de objetividade, exatamente porque elas ameaçavam a criação do sentimento de subjetividade e atuação histórica coletiva. Nós não somos: “[...] um escravo do senhor que encerra a dialética apenas na sua agência e em sua autoridade de conhecimento objetivo”. (HARAWAY, 1995, p. 36). Tudo era desenvolvido da forma mais leve e descontraída possível, com a intenção de construir e compreender as relações entre as participantes⁶⁴ e suas músicas, o que elas diziam sobre eles/elas mesmos.

Portanto, para alcançar minhas intenções, procurei não ser rígido nas ações e tentei ser mais subjetivo que objetivo, mas isso não quer dizer que eu não planejava os encontros, de fato, existia certa objetividade, mas sempre estava aberto às possíveis mudanças no planejamento. Eu pretendia e ainda pretendo adentrar na subjetividade através de uma relação Cri (ativa) e Po (ética), atento para fugir das epistemologias hierarquizantes e das epistemologias purificadoras (OCHOA GAUTIER, 2006).

Os adeptos da construção social deixam claro que as ideologias oficiais sobre a objetividade e o método científico são péssimos guias, particularmente no que diz respeito a como o conhecimento científico é realmente fabricado. (HARAWAY, 1995, p. 09).

A proposta foi vivenciar encontros engajados e mediados por diálogos interdisciplinares.

— *Quem eu sou? Quem nós somos? Onde estamos? Para onde vamos?*

Situar-nos no tempo, espaço e na sociedade em que vivemos e interagimos (SANTOS, 1977).

A música estava presente todos os dias nas instituições, seja no mp3 dos celulares e/ou computadores, ou nas rodas de violão, ou nas dinâmicas de construção de rap. A música agia como veículo construtor de possibilidades, e de certa forma, como resgate de potencialidades, pois trabalhávamos com sensibilidades, com percepções, ritmos e texturas. Com a apreciação de letras, poesias e músicas que diziam algo e naturalmente criavam referenciais positivos no convívio.

Os encontros eram realizados numa das salas do projeto, mas é importante deixar evidente que o fazer musical na casa não se dava somente dentro da sala, e sim, por todo o

⁶⁴ As participantes sempre traziam consigo diversos conhecimentos, dentre os quais, destaco: linguísticos, sociais, ideológicos, culturais, além das suas crenças e valores.

espaço. Nós fazíamos música na recepção, nos corredores, na cozinha, enfim, onde houvesse interesse e oportunidade sempre estávamos envolvidos em práticas musicais.⁶⁵ Muitas vezes a música foi o veículo fundamental para apaziguar e solucionar conflitos.

Gradativamente começaram a chegar as pessoas em situação/contexto de rua. Estes chegavam de diversos territórios de Salvador, mas muitos também chegavam encaminhados por outras instituições, como os Centros de Atenção Psicossocial. Os encontros eram permeados por práticas e conversas sobre música, vida, cotidianos e saberes localizados. Como esta foi uma experiência anterior ao meu doutorado em Etnomusicologia, eu optei em colocar somente as iniciais das interlocutoras e interlocutores.

Desde os primeiros encontros procurei investigar e instigar a criação e produção musical dos sujeitos implicados. Neste processo ocorreram muitas falas interessantes.⁶⁶ Destaco algumas: O usuário A.F:

— [...] *eu moro em Cajazeiras e estou aqui, preciso lhe dizer mais? As aulas me ajudam no meu trabalho, é muito bom estar aqui. [...].*

A usuária R.S. destacou:

— [...] *é muito interessante ter a oportunidade em aprender e criar. Vamos fazer uma oficina de composição? Que vocês acham? Eu tenho várias músicas e quero compor mais [...].*

Em outros encontros aconteceram os seguintes relatos. A usuária V.R.L.:

— [...] *adoro cantar, quero cantar, você sabe... [...].*

A usuária V.O. relatou:

— [...] *eu já canto na igreja, e quero muito poder tocar violão. Vamos continuar com o violão? Claro, além de cantar [...].*

O usuário A.C. disse:

— [...] *estou na gestação da música, como você sabe minha praia é a escrita, na música nem cheguei a nascer ainda, eu estou na barriga, mas a pedagogia é ótima, com seu jeito holístico, hindu, indiano [...].*

O usuário P.L. disse:

— [...] *moro na rua, na rua a gente esquece que também pode cantar, quero aprender mais professor.*

⁶⁵ Agradeço ao redutor de danos Kelton Ubiraci de Oliveira Rocha, por toda a ajuda e colaboração para que essas práticas musicais acontecessem.

⁶⁶ Ver o anexo A — Relatório nº 32 - Relatório CCIDP / Salvador, maio de 2014. Neste relatório constam as falas que trago no subcapítulo: “1.2. Músicas que nos representam”.

A partir das canções nós nos apresentamos uns aos outros. Este processo nos conectou e nos situou, pois discutimos quem éramos em relação ao território sônico social que se construía à nossa frente. (TORRES, 2011).

O território é um espaço incorporado por um ou mais atores sociais, demarcado e definido por relações de poder, em suas várias dimensões. A territorialidade, como fenômeno associado, entende as relações sociais estabelecidas no e a partir do território. São relações que compreendem a noção de pertencimento, de delimitação, de limites e fronteiras a partir das necessidades constituídas pelos indivíduos e por coletividades em função de um determinado espaço, de um território. (DA COSTA, 2013, p. 34).⁶⁷

Como metodologia, solicitava uma pesquisa musical na qual cada participante deveria trazer o título/nome da canção que mais lhe representasse como sujeito e indivíduo, poderia ser um trecho da música, ou de um poema, qualquer elemento musical ou textual que dissesse algo sobre eles/elas mesmos. Eu também entrava na dança e trazia meus referenciais de músicas. Os nossos encontros ganharam cara de artevismo engajado, uma espécie de simbiose entre arte e política. Nesse sentido, a proposta básica para com o grupo era:

[...] simplesmente exercer sua poética livremente, independente de qual o assunto que desejasse discutir, provocar e gerar reflexão. Isto tudo porque além do posicionamento político dos indivíduos agentes das ações, havia também a própria natureza das ações, com suas dinâmicas específicas, que impunham de maneira apropriada, o direcionamento do trabalho conforme a condição específica existente no momento. (VILAS BOAS, 2015, p. 40).

A partir dos vínculos construídos, hoje percebo que meu foco sempre esteve na criação e produção musical, foi a partir do desejo de articular conexões possíveis entre mundos diferentes que a música pode desenvolver competências, habilidades e sensibilidades nestes territórios aparentemente destituídos de certezas, saberes, sons e sentidos.

Muitas vezes era somente eu e meu violão, e a partir de rimas e improvisos começava a entrar em diálogo com as/os frequentadoras/es da casa, às vezes usava o celular ou o notebook conectado à internet, mais dois violões, dois pandeiros e pequenos instrumentos de percussão, como xeiques e chocalhos. Usávamos também as cadeiras como instrumento, e obviamente, nossos corpos e vozes.

⁶⁷ Ver também: ALBAGLI, Sarita. “Território e territorialidade”. In: LAGES, Vinícius; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo (Orgs.). Territórios em movimento: Cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Brasília: SEBRAE, 2004. p. 23-69.

Quando era possível realizar um encontro mais elaborado, introduzia uma leitura, ou pelo menos a leitura do textual das letras e discutíamos sobre o que a letra queria nos dizer, com isso, trabalhávamos também a dicção, a leitura, imitação vocal e a concentração, principalmente quando os encontros eram exclusivamente com pessoas em situação/contexto de rua.⁶⁸

Trabalhávamos sons vocálicos, mnemônica e onomatopeias na tentativa em desvendar as figuras rítmicas. A partir dos dados obtidos, dávamos sequência ao plano da execução e apreciação das músicas, ou partíamos para outras perspectivas, como uma escuta mais sensível e troca de experiências sensoriais expressadas através da fala, gesto, corpo, narrativas das dificuldades da semana e da vida em geral.

Foi muito interessante o processo de pesquisa para encontrar quais músicas pudessem falar sobre nós mesmos, fosse uma composição autoral ou de alguma outra compositora ou compositor. O processo foi bem acessível, digitavam⁶⁹ no *youtube* pedaços de letras das músicas, escutávamos a música, cantávamos juntos, ou tentávamos cantar juntos. A letra era um desafio. Quando conseguíamos de fato realizar essa proposta, solicitava que falassem sobre suas escolhas.

Essa dinâmica ampliou o trabalho para um nível mais subjetivo e mais sensível. Em alguns casos, assistíamos o audiovisual das referidas obras. Os cliques musicais com suas estéticas e produções. A cada dia de encontro as mesmas músicas ganhavam novos significados, eram novas escutas e comportamentos. Muitas descobertas vieram à tona, principalmente no aspecto social, musical, emocional, e me ousa a dizer também, no âmbito espiritual. Ou seja, o uso da criatividade nos encontros surgiu como metodologia anárquica. Morin afirma:

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar. (MORIN, 2000, p. 39).

As práticas musicais nesses encontros resultaram em diversas formas de protagonismo. A autoestima melhorou substancialmente, o desejo em aprender foi ativado e a certeza de que seria escutado e de que poderia experimentar, ouvir, tocar e cantar coletivamente

⁶⁸ Uma vez por semana chegavam 5 ou 6 usuárias, mas nunca menos que três.

⁶⁹ Às vezes eu mesmo fazia isso.

a música que mais o representava naquele momento, foi importante para a manutenção dos encontros e da presença das pessoas.

Direito ao seu tempo e espaço em interação com o/a outro/a, por meio das práticas musicais e criação musical, desde a arranjos vocais, rítmicos, interações em tempo real, gargalhadas, descontração, prazer em estar junto, compartilhar e participar. Como resultado prático musical, desenvolvemos estudos sobre as melodias das músicas apresentadas, ritmos, harmonias, além de outros parâmetros musicais. Estudamos literatura, praticamos leitura, dicção, postura, expressão vocal, respiração, consciência corporal e consciência de si mesmo. Foram momentos de conexão musical, todos e todas conectadas. Pessoas em movimento, em interação com o mundo, com situações e com outras pessoas e suas alteridades.

2. MÚSICA (IN) VISÍVEL

2.1. Que música é essa?

Temos um dever para com a música: inventá-la.
Igor Stravinsky.

As experiências obtidas nos projetos anteriores, como no Ponto de Encontro e no Centro de Convivência Irmã Dulce dos pobres (CCIDP), colaboraram para a reflexão sobre a possibilidade em realizar uma pesquisa engajada, que ampliasse a discussão sobre os temas e situações recorrentes nestes contextos socioculturais, mas agora a partir da música.

O tempo passou, em 2016, como já dito, retornei para a Universidade no curso do Doutorado em Etnomusicologia. Foi uma mudança profunda na minha rotina, quando me vi, estava devorando artigos e livros e meu tempo basicamente era ler refletir e resenhar. De fato, eu precisava me afastar de alguns hábitos e me conectar com algo que me fizesse voar novamente. Apesar da quantidade de leituras que minhas professoras exigiram, essa imersão me possibilitou o contato direto com novas/outras histórias e aportes teóricos, o processo de reflexão crítica ficou mais intenso e denso, com isso, no decorrer do tempo, comecei a imaginar como seria o retorno e encontro com essas pessoas a partir da música. Imaginar, conceber e realizar. Com as ideias em efervescência, cheguei a uma categoria ampliada para essa pesquisa: as excluídas, pessoas em processo de exclusão social e vulnerabilidade social.

Essa categoria analítica para a discussão neste trabalho, como já exposto, compreende uma população enorme, já que o processo de exclusão social e o estar em vulnerabilidade, não só abrange pessoas que estão em situação de rua ou em contexto de rua, mas abarcam também outras situações e outros casos que transitam em nossa sociedade e na nossa contemporaneidade.

Vulnerável, vulnerabilidade, não é um adjetivo, mas sim, um substantivo comum. Comum a todas nós, que de fato, somos vulneráveis em alguma esfera, umas mais que outras, e outras bem mais que outras. Mas não é o caso aqui comparar pessoas, muito menos situações, e sim, refletir que, bem-estar e assistência social, moradia, alimentação, educação, saúde, segurança e lazer, deveriam e devem ser direitos garantidos e assegurados a todas as pessoas, no entanto, a cada dia ainda enfrentamos situações de preconceito e discriminação, como por exemplo, no Brasil, basta a pessoa ser pobre, ou negra, que ela pode ser (é) considerada suspeita, criminosa, marginal, ou seja, a criminalização da pobreza, e o açoite do racismo.

[...] O processo de estigmatização e de criminalização por que tem passado essas famílias pobres, e o qual muitas vezes tem o respaldo dos meios de comunicação, passa pelo não reconhecimento desta sociabilidade enquanto legítima, além de ser um processo intrinsecamente político. A criminalização da pobreza é também intrinsecamente ligada ao recrudescimento da exclusão social causada pela implementação do neoliberalismo. A desigualdade social aliada à instauração de uma sociedade de consumo e à ausência de políticas públicas, e de acesso aos direitos, são fatores que certamente repercutem atualmente no aumento da criminalidade. No entanto, a criminalidade assumiu feições que hoje são praticamente ‘indiscutíveis’ na sociedade: ser jovem, negro e de baixa escolaridade – quase que generalizadamente (BARROS, 2011, p. 06).⁷⁰

Há muito tempo pessoas são expostas a situações e condições de miséria, submetidas a falta de oportunidades, falta de saúde, educação, moradia e emprego. Subalternizadas pelo capital econômico agressivo, pela força da bala e do açoite desse modelo socioeconômico em que vivemos.⁷¹ O domínio do patriarcado e das hegemonias classistas, branca e heteronormativa, continuam a alimentar suas ideologias através de discursos de ódio, reforçando as matrizes da desigualdade, os racismos diários, os machismos, os fascismos, as intolerâncias.

Atrelado a este contexto, milhares de pessoas lidam diariamente com diversas dificuldades para acessar a rede de saúde pública para ter acesso à educação, transporte, segurança, moradia. Ou seja, são diversas situações que nos atingem, nos transpassam e nos dividem. São situações que constroem muros quase intransponíveis, por meio das quais surge a invisibilidade social extrema, principalmente para pessoas que estão em situação/contexto de rua.

O conceito de música invisível vem daí. Práticas musicais produzidas por pessoas em processos de vulnerabilidade social, pessoas que são cotidianamente invisibilizadas pela sociedade classista, racista e preconceituosa. Além das pessoas privilegiadas que não tem interesse em conhecer outros contextos menos favoráveis, e com isso, deslegitimam toda uma produção cultural artística/musical. Isso novamente tem a ver com o imaginário social que se tem sobre pessoas em situação/contexto de rua (novamente outros caminhos retornam ao ponto do imaginário social).

⁷⁰ BARROS, Lia Canejo Diniz. Violência, criminalização da pobreza e os desafios para a constituição da cidadania. V jornada internacional de políticas públicas. UFMA - Centro de ciências sociais, Programa de pós-graduação em políticas públicas. 2011. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/PODER_VIOLENCIA_E_POLITICAS_PUBLICAS/VIOLENCIA_CRIMINALIZACAO_DA_POBREZA_E_OS_DESAFIOS_PARA_A_CONSTITUICAO_DA_CIDADANIA.pdf.

⁷¹ Após essa pandemia (Covid-19), rogo por mudanças significativas.

No entanto, existem práticas musicais em contextos desfavoráveis. Sim, pessoas em situação de rua produzem música, constroem seus repertórios, apresentam suas ideias, suas composições, arranjos, levadas rítmicas e fazem escolhas. Apresentam e politizam seu entorno social e desejos por meio de práticas musicais e por meio de discussões acerca de uma variedade de letras de música, que remetem a questões sociais, ao lúdico, e a novas/outras contextualizações. Somos por natureza musicais, faz parte da nossa essência, do nosso dia-a-dia.

O conceito da música invisível, pode/deve/começa a se tornar visível, quando dentro de processos colaborativos, e por meio da prática musical, começamos a falar/questionar sobre o que nos envolve, nos afeta, nos rodeia e nos percebe. Começamos a falar mais sobre nosso pessoal/político, nossas dificuldades e interesses. Ou seja, um caminho para a formação de consciência crítica sobre a vida, para e com a vida. Um caminho que possibilita e fortalece as lutas em prol de políticas públicas eficientes para as pessoas em situação de rua.

Essa música invisível, que agora pretendo grifar de música (in) visível, se fez/faz presente no cenário soteropolitano, e foi por meio das práticas musicais, que pessoas em situação de rua se fizeram visíveis. Participaram dos festejos da cidade de Salvador, de eventos, cerimônias, seminários, encontros, gravaram o disco do Corra, exerceram e continuam a exercer sua cidadania e consciência crítica, social e política. Pessoas que desenvolveram/desenvolvem caminhos para diálogos institucionais, frequentam os dispositivos da rede de assistência social, programas do governo, centros de atenção psicossocial, abrigos, Defensoria Pública, associações, grupos de estudo, oficinas, Fórum de pessoas em situação de rua de Salvador, palestras, seminários. Ou seja, é muita coisa envolvida. A visibilidade foi/está sendo paulatinamente conquistada e a música se mostrou um veículo para a conquista dessa visibilidade. É necessário a visibilidade.

Por meio da música conseguimos trilhar esse caminho do invisível para o visível, e nesse processo, percebi que as práticas musicais, dentre outras funções, colaboraram para transformações possíveis das pessoas. Onde existia uma aparente apatia, surgia um início de um vigor, um aumento da percepção, fosse a partir do ato da respiração profunda, ou da audição/prática de uma música que remetesse a suas memórias, as epistemologias dos sentidos. A sensação de participar de uma atividade, na qual era/foi possível ter momentos de relaxamento e consciência corporal, momentos esses que afloraram sorrisos e o sentimento da alegria de poder estar junto a outras pessoas e participar de algo de seu interesse, de forma coletiva, sem julgamentos, ou preconceitos. Essa conjuntura de fatores, favoreceu às pessoas participantes, momentos de bem-estar, sensação tão necessária para projetarmos nossas

intenções e desejos, principalmente nestes contextos exclusivos.

A continuidade do trabalho culminou na natural elevação da autoestima, o que impulsionou realizações por parte de muitos integrantes. Esse basicamente foi o caminho que as práticas musicais exerceram no cotidiano das pessoas envolvidas nos encontros, e acredito que colaborou para desfragmentação da invisibilidade, já que, é uma questão que está intrinsecamente ligada ao ato de como a pessoa é vista, é lida.

A música invisível começou a transitar para a visibilidade. Foi por meio das práticas musicais que nos conectamos com nossas memórias afetivas, e com nossas sinapses e conexões mais profundas. Num desses mergulhos nas práticas musicais, Antônio Carlos dos Santos Matos⁷² um dos interlocutores dessa tese, revelou:

— [...] *Música não é só a pessoa curtir a música, é entender que cada música, ela é feita, né? numa história, num passado, ou alguma coisa parecida, antes de você falar que a música é boa ou ruim, você tem que ouvir a letra, o que a letra quer dizer, né? Que sempre as letras tá falando alguma coisa com a gente, ou alguma coisa do passado, ou do presente que a gente tá vivendo, então eu acho uma coisa boa, mas não é só o ouvir, e sim, prestar atenção na letra no que quer dizer a letra. Se tem a ver com você atualmente, agora ou no passado alguma coisa. Comigo mesmo sempre as músicas me lembram alguma coisa, seja ela no presente, seja ela no passado, mais no passado do que no presente.*

Eu segui e perguntei sobre o tema musical que trabalhamos na oficina, “Tempo perdido” da banda Legião Urbana e ele comentou:

— [...] *Tempo perdido tem a ver com meu passado, o tempo perdido que eu passei, né? Foi 35 anos perdido, então eu não aproveitei nada. Em certas situações tinha 18, então encerrei com os 18 e passei 35 anos sem usufruir da liberdade, sem usufruir das coisas que eram do Deus infinito. Tempo perdido, [...]. Agora o tempo tá ganhado, tô retomando o tempo.*

— [...] *como eu falei, eu falo das letras e também de um tipo de terapia ocupacional, em vez de nós aqui tá na rua, tá catando reciclagem, outro brigando com outro, discutindo, a falta de respeito um com outro, nós tamo unido, né? Ouvindo a música, é... participando das terapias ocupacionais, seja ela mental, ou seja, ela física, aqui no caso é o relaxamento, o alongamento, o preparo pra receber (ouvir/praticar) as músicas. Eu mesmo gosto, no relaxamento chega a dar sono (risadas), me deixa tranquilão, relaxadão, é boa, é boa é boa, tá de parabéns.*

A memória de Antônio foi ativada por lembranças musicais, a partir do textual das

⁷² Entrevista concedida por Antônio Carlos em 08/11/18 na sede do MPR.

canções ele conseguiu visitar espaços e tempos, permitiu-se a refletir sobre sua condição, sobre sua realidade, sobre seu tempo de vida, seus desejos e aspirações. Percebeu a composição como uma história de vida de algo ou alguém, que pode também sintetizar sua vida, ou momentos de sua vida.

As reflexões sobre a vida, a partir de memórias ativadas por meio de canções, foram um dos resultados mais impressionantes no meu cotidiano com as interlocutoras e interlocutores. As histórias que foram compartilhadas em grupo, só foram possíveis de virem à tona, por meio da memória ativada. As músicas e suas letras abriram essa porta, portas repletas de subjetividades e lembranças, algumas boas, outras nem tanto, mas que nos ajudaram a construir trampolins. Sim, trampolins, pois nos impulsionaram para outras direções, outros sentidos, outro sentir, ou seja, foi a partir das audições e das execuções dos temas musicais, que conseguimos criar um tempo-espaço de retorno às lembranças/memórias, no qual, pudemos nos conectar com o imaginar por um futuro melhor e pela busca por dias melhores, seja em qual nível fosse esse lembrar e esse projetar, a perspectiva em poder questionar, compartilhar, reviver e discutir sobre histórias, pessoas, fatos e coisas que nos perseguiram/perseguem em nossas memórias, foi um dos desafios mais prazerosos a ser trilhado.

Antônio Carlos, em sua fala, ao perceber seu envolvimento nas práticas musicais, comentou sobre sua própria aprendizagem nas práticas de relaxamento, respiração e alongamentos, e como isso ampliou sua percepção sobre o papel terapêutico da música. Essa e outras reflexões dos interlocutores/as durante a pesquisa, reforçaram o poder das práticas musicais como ferramenta de construção de sociabilidades, sentidos, afetos, resgate de memórias e planejamento de futuro.

— *Todos os dias quando acordo / Não tenho mais o tempo que passou / Mas tenho muito tempo/ Temos todo o tempo do mundo / Todos os dias antes de dormir / Lembro e esqueço como foi o dia/ Sempre em frente / Não temos tempo a perder / Nosso suor sagrado/ É bem mais belo que esse sangue amargo / E tão sério / E selvagem, selvagem, selvagem / Veja o sol dessa manhã tão cinza / A tempestade que chega é da cor dos teus olhos Castanhos / Então me abraça forte/ Me diz mais uma vez que já estamos / Distantes de tudo / Temos nosso próprio tempo/ Temos nosso próprio tempo / Temos nosso próprio tempo / Não tenho medo do escuro / Mas deixe as luzes / Acesas agora / O que foi escondido / É o que se escondeu / E o que foi*

prometido / Ninguém prometeu / Nem foi tempo perdido / Somos tão jovens / Tão jovens / Tão jovens. (Tempo Perdido, Renato Russo, 1986).⁷³

2.2. Por qual motivo pesquisar sobre pessoas em situação/contexto de rua e suas práticas musicais?

Aguce a sua consciência negra cor, negra cor.
Extirpar o mal que nos rodeia se defender
A arma é musical.
(Pierre Onassis, Germano Meneghel e Marquinhos).⁷⁴

A temática mais ampla desta pesquisa foi a interação entre a música e o cotidiano de pessoas em situação/contexto de rua. Os processos de conhecimento compartilhados que permearam a interação se configuraram no tema de estudo. Portanto, como já dito, esta pesquisa se insere no campo inter e transdisciplinar de estudos, sobre articulações entre: Etnomusicologia, Ciências Sociais, Música, Educação Social, Cidadania, Saúde e Arte-Educação.

Evandro de Jesus Messias da Silva, frequentador do Programa Corra pro Abraço e interlocutor desta pesquisa, em entrevista me revelou:

— [...] *música é uma forma de se expressar, é onde ponho meus sentimentos, que realmente, assim, no dia-a-dia eu não ponho pra fora, mas na hora que eu tô ali tocando, na hora que eu tô cantando, consigo expressar esse sentimento de uma forma, na qual me sintam bem, e na qual forma esteja me expressando e os outros não vão me julgar, entendeu? Por isso eu amo fazer música. Que é algo compreensível por todos e aceitável por todos.*

Evandro de Jesus Messias da Silva revela o poder que a música tem em sua vida, é por meio da música que ele consegue dizer o que sente para o mundo, as expressões, os sentimentos. O fazer música exerce um papel definitivo de lugar, onde é possível dizer coisas, revelar ideias, um meio possível para se expressar sem medo, uma forma de resistência social e política.

A produção de conhecimentos no campo proposto sempre esteve atrelada às possibilidades de transformação social, não que fosse o objetivo central deste trabalho, mas sim, aconteceram. A produção de conhecimentos alimentou a reflexão sobre as práticas musicais e socioeducativas entre pessoas em situação/contexto de rua. As histórias aqui escritas podem subsidiar novas/outras ações em organizações governamentais e não governamentais, e com isso, ampliar o conhecimento sobre perspectivas contemporâneas de implicação da música

⁷³ Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/tempo-perdido.html>. Acesso em 05/11/2018.

⁷⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/olodum.oficial/posts/2260687817326860>.

nestes contextos urbanos, bem como, sobre as especificidades dos processos de conhecimento, pois são pessoas com um rico saber musical, mas que devido às situações econômico e sociais, foram/são alocadas como subalternas e marginalizadas em seus processos de conhecimento. Seus saberes foram/são tidos como menores, ou sem valor. Em entrevista Alan da Silva Teixeira, interlocutor desta pesquisa, revelou-me:

— [...] *por muito tempo eu vivi alienado, a sociedade colocava em minha cabeça que eu não tinha condições de nada. E o Corra pro Abraço me ensinou que eu sou capaz de fazer muita coisa, e desde então eu tenho produzido essas músicas, não só por causa disso, porque também eu tô junto das pessoas que eu gosto, queridas, eu gosto do calor humano, e é isso, tentando mostrar isso somente.*

Continuei e perguntei sobre as expectativas em tocar no carnaval da Bahia com a banda formada no Corra pro Abraço e ele respondeu:

— [...] *minha expectativa é conseguir fazer, cumprir com... fazer uma coisa decente, bonita, não só pra mim, mas também pro público.*

Jedilson dos Santos, também interlocutor e que estava ao seu lado, completou:

— [...] *A expectativa maior é a alegria, deixar a galera mesmo feliz com o que a gente vai passar, né? O som, fazer um som legal pra gente poder mostrar nosso trabalho, e a diversão mesmo que é importante.*

Segui a pergunta e questionei se as práticas musicais tinham contribuído com algo.

— *O que você aprendeu?*

Jedilson dos Santos continuou:

— [...] *é um incentivo, um incentivo, as oficinas de música têm me ensinado, melhorado mais o meu conceito de música, né? Músico mesmo, o que é mesmo uma clave? Porque muitas coisas assim, eu não entendia. [...] eu já cantava, assim, já pensava em fazer algumas coisas, mas não tão profundo assim como eu venho fazendo agora aqui no programa Corra pro Abraço, e é isso aí.*

Em entrevista, Dainho Xequerê, professor de música do Programa Corra pro Abraço, revelou:

— [...] *as pessoas que estão em situação de rua contêm um potencial muito grande da música, né? A rua é muito musical, a rua é muito musical, então... seja com melodias... [...] tem pessoas muito afinadas na rua, é... ritmicamente, são, tem muita potência, muita qualidade nessas pessoas, então é necessário que possamos dar mais vezes, mais voz a essas pessoas e a música proporciona isso, né? Então eu acredito muito na qualidade das pessoas, nas potências, que as vezes, não estão, não descobriram ainda, e cabe a nós como educadores,*

abrir, e, ou influenciar a essa busca, esse desejo com a música. Então a potência é muito boa na rua. A rua é musical.

Meu intuito como investigador, atrelado com todas minhas inquietações e desejos como pessoa, fizeram-me acreditar que só seria possível meu retorno a universidade, se estivesse envolvido em algum projeto que pudesse colaborar para transformações significativas, não somente nas vidas das pessoas envolvidas, mas também, transformações pessoais. Eu necessitava dessas possibilidades de transformações, precisava viver e experimentar mudanças, cambiar modos de ser, sentir, pensar e agir.

Portanto, busquei como pesquisador traçar ações em que pudesse ser útil as pessoas, a mim mesmo, e às situações vivenciadas. Ser útil não significava em meus pensamentos necessariamente “ajudar”, até porque, não sabia até que ponto poderíamos chegar nessa investigação, não sabia se teria condições de ajudar alguém, e muito menos de ser ajudado, tudo o que busquei foram parcerias sinceras, ou seja, um processo de descobertas mútuas e construção de vínculos.

Mas ao refletir sobre o conceito e semântica do termo “ajuda”, e questionar se minha investigação ajudaria alguém, percebi que fui muito mais ajudado, do que ofereci ajuda. Percebi minha própria transformação para uma pessoa melhor, mais paciente, observadora, diria até mais agradável, mais em paz comigo mesmo. Fico feliz em compartilhar essa sensação, pois, como já dito, a ideia que o pesquisador/investigador vai chegar no campo e ajudar as interlocutoras, sempre me pareceu muito pretencioso, traz consigo uma sensação de:

— *Minha pesquisa vai salvar o mundo, vai salvar pessoas.*

Ou

— *Minha pesquisa vai te ajudar, portanto, participe...*

Creio que esse sentimento é perigoso e deve ser analisado e continuamente administrado com bastante paciência e percepção, pois nenhum pesquisador/a é salvador do mundo de ninguém/alguém, ninguém salva ninguém, muito menos um pesquisador/a, pois, o processo é único, é de cada um. Acredito que existam colaborações possíveis para que uma pessoa possa escolher melhores caminhos, e isso talvez possa ser chamado de ajuda, mas acredito que essa escolha é individual e faz parte do livre arbítrio.

No entanto, sem pretensões, posso dizer que ocorreram ajudas mútuas, mas que, como já dito, não foram intencionais, aconteceram no processo do tocar, de estar juntos e ver no que poderia dar. Nesse florescer de experiências por meio da música, e nessa busca muito mais pelo bem-estar e pela tranquilidade, do que necessariamente aprendizagem, estudos sobre música. Não estávamos em um curso, e sim, estávamos mergulhados em práticas musicais, e nesse mar

de possibilidades emergimos muitas vezes a partir de letras, poemas, conversas e discussões sobre nosso momento, o que queríamos, desejávamos e onde poderíamos chegar.

Jedilson dos Santos sempre foi um entusiasta, ativo nos encontros, inteligente, rápido e perspicaz. Como capoeirista já possuía conhecimento sobre música, e já fazia suas composições. Um mandingueiro musical que compartilhava seu tempo e seus saberes com todos nós. Numa tarde ele me disse:

— [...] *faço música pra me sentir bem, por estar refletindo mais sobre o que eu tenho passado, o que eu tenho... onde eu estou. Faço música pra... me completar, essa aí é a palavra-chave, pra me completar.*

Talvez essa realmente seja uma das palavras-chave no processo de fazer música em situações de vulnerabilidade – “completar”. Estávamos/estamos sempre a buscar nossas outras partes, buscamos o que nos falta, ou o que precisamos e queremos, as vezes também não sabíamos/sabemos o que queremos, e não há nada de errado nisso, faz parte do descobrir, e nesse processo, às vezes, também nos dávamos/damos conta do que não queremos para nós, e isso também faz parte do ato de descobrir. Estar atento é uma postura eficaz na construção das nossas intenções e desejos. No entanto, a busca atenta nem sempre traz a garantia de que vamos encontrar o que desejamos, mas o processo de buscar algo faz parte de nossa essência, e a palavra “completar” no ato de fazer música tem todo sentido. Jedilson dos Santos está/estava certo, estávamos a nos completar de afetos e sensibilidades por meio das práticas musicais.

Por meio da descrição das performances musicais, descrição da gravação do Cd do Programa Corra pro Abraço, das reflexões sobre as avaliações durante os encontros musicais, da descrição das performances pela cidade de Salvador com a banda Tambores da Alegria e por meio da etnografia musical dos diversos encontros realizados entre 2017 e 2019, que esta tese pretende colaborar para a desfragmentação do imaginário social perverso que muitas pessoas tem sobre pessoas em vulnerabilidade social.

A marginalização/criminização do outro/a é extremamente abusiva na sociedade baiana e brasileira em geral, principalmente quando o outro/a é pobre, mora nas periferias, nas favelas, é negro/a, mulher, transgênero, tem uma orientação sexual divergente dos binarismos Cisgêneros. Ou seja, tudo/todos que não são brancos héteros e economicamente estáveis, estão na mira do preconceito.

Portanto, ao longo do texto, o tema: “imaginário social”, continuamente irá aparecer, e é (in) tens(o)cional trazê-lo para a discussão, e como uma (re) volta, voltar a refletir sobre este ponto. É um tema delicado e que influencia diretamente nos processos de transformação, seja coletiva e/ou individual. O que proponho é que nos permitamos a nos livrar de velhas

imagens e conceitos que temos sobre pessoas e situações, e aos poucos, começamos a compreender que velhos conceitos e imagens, não conseguem mais traduzir e explicar o mundo e as suas diversas realidades dinâmicas atualmente postas. Portanto, sugiro nos fortalecer em todos os níveis, espiritual, físico e emocional. Seja através do esporte, da leitura, da meditação, dos estudos, enfim, não tenho a receita, cada um irá/deverá encontrar o gatilho interno para as transformações.⁷⁵

O poder da imaginação é extremamente forte, é assim que criamos nossos mundos, mas também nossos monstros. Portanto, esta tese, fortalece as intenções para este desfragmentar tão necessário de nossos saberes e imaginações sobre o/a outro/a. Basta somente abriremos os olhos para outras realidades diferentes das nossas e aceitar, compreender, e se possível, colaborar para mudanças positivas e salutares. A necessidade de mudança de olhar, de pensamento e paradigmas em relação as pessoas em situação de vulnerabilidade social, faz-se eminente, pois são pessoas iguais a todas as outras, com desejos, possibilidades e muitas das vezes, riquezas escondidas, que quando estimuladas, afloram como fractais de potencialidades, repletas de autonomias e protagonismos.

Mudanças de paradigmas e olhares são processos complexos, e quando reflito sobre os imaginários sociais, ou seja, os imaginários coletivos sobre algo ou alguém, percebo que a transformação caminha em processo lento, no entanto, assim como música, está em movimento e sempre estará em movimento enquanto existirem boas intenções e boas oportunidades. Enquanto existirem pessoas que acreditam em suas melhoras, e que sim, é possível mudar de vida, de opinião, de postura, as mudanças serão possíveis. Também quando aparecerem mais colaboradores/as privilegiados, que ao refletirem sobre seus privilégios, possam colocá-los a serviço das lutas sociais, da luta antirracista, antissexista. Juntos conseguiremos caminhar mais adentro das possibilidades de transformação. Sempre com amor.

O fato é que depois de tantos encontros musicais, percebi que a escrita desta tese poderia trazer, dentre outras singularidades, reflexões e diálogos possíveis para a construção de novas/outras possibilidades de acesso a (e com) essas pessoas, e que, com tempo e planejamento, poderia fomentar novas/outras ações, até o ponto de incentivar novas/outras políticas públicas e/ou outros caminhos para lidar com as situações em questão.

Ainda que pareçam marcadamente de cunho etnográfico, as pesquisas e práticas etnomusicológicas no Brasil incorporam em seus procedimentos um

⁷⁵ Ver o anexo A — Relatório nº 23 - Relatório Ponto de Encontro / Salvador, agosto de 2013. Neste relatório apresento atividades como o cinema, esporte e a música, como excelentes ferramentas para o convívio e redução de danos.

vínculo com as políticas públicas, com a mobilização social, com a proteção de territórios e saberes, com o cotidiano da violência urbana e da violência simbólica e com a urgência que marca a sobrevivência de alguns dos povos com os quais elas trabalham e se solidarizam. (LÜHNING, TUGNY, 2016, p. 23).⁷⁶

Meu comprometimento social em investigar novas demandas e a reduzida quantidade de referências bibliográficas consistentes acerca da temática (música e pessoas em situação de rua), fortaleceram o sentido das opções que permearam a pesquisa, bem como, a compreensão da importância do desenvolvimento deste tipo de estudos para a sociedade e comunidade acadêmica. Aprofundar conhecimentos sobre as práticas sociais emergentes é uma das funções das pesquisas contemporâneas, principalmente em Etnomusicologia.

A partir dos dados estatísticos da pesquisa: “*Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal?*”⁷⁷ e das experiências obtidas nos encontros com pessoas em situação/contexto de rua, percebi que muitos possuíam o desejo de poder executar canções através de instrumentos musicais, cantar, criar e se expressar em meio a tantas divergências sociais.

Essa percepção aumentou quando comecei a perceber seus modos de criar seus estilos, suas falas, seus gostos e preferências musicais, suas ideias e jeitos de ser, de falar e estar. Num dos encontros eu perguntei a Isaac Jesus Santos, músico/compositor sobre sua trajetória com a música, e ele me disse:

— [...] *A música eu conheci ela no início da minha adolescência, primeiro contato da música que eu tive foi com o violão. Eu não levei muito a frente, depois eu conheci a galera do bairro onde eu morava, fui nascido e criado, e com a galera do bairro eu conheci o Hip Hop e através disso na convivência com a galera do bairro eu comecei a me desenvolver com Hip Hop, e venho fazendo algumas composições sempre com a temática das questões sociais e política. Particpei um tempo do Movimento Negro. Tenho duas letras que falam das questões raciais. Uma delas é que fala sobre a independência da Bahia, o 2 de julho. E enfim, ultimamente eu venho desenvolvendo um trabalho de militância na rede da saúde mental. Também vim trazendo algumas letras com essa ideologia, e por último, eu acabei participando também do grupo de música o Bando Flores da Massa, e pra fechar, foi o que... a gente fez uma parceria também com teatro de música, “Os Insênicos” tal qual a gente produziu um musical, e uma das letras minha com a temática social eu levei pra lá.*

⁷⁶ Etnomusicologia no Brasil / Ângela Lühning, Rosângela Pereira de Tugny, Organização. Salvador. EDUFBA, 2016.

⁷⁷ Ver anexo H — Sumário Executivo da pesquisa Cartografia dos desejos e direitos.

Com base na produção cultural emergente nesses contextos, compreendi que dentre as diversas linguagens vivenciadas, a música sempre estava presente como um produto da realidade vivida no cotidiano dessas pessoas e o fazer musical colocava-os como sujeitos da ação nos ambientes com os quais se relacionavam.

[...] Música é definida por Merriam como um meio de interação social, produzida por especialistas (produtores) para outras pessoas (receptores), o fazer musical é um comportamento aprendido, através do qual sons são organizados, possibilitando uma forma simbólica de comunicação na interação entre indivíduo e grupo [...] (PINTO, 2001, p. 224).

A possibilidade de estudar antropologia, ciências sociais e música, ampliou minhas ideias e percepções sobre o que seria uma pesquisa em Etnomusicologia. Ampliou meu olhar para este campo de estudos e colaborou para a construção de diálogos sobre como aconteceram as práticas musicais, as relações, os modos de criação musical, e os processos de trocas de conhecimentos entre pessoas em situação de vulnerabilidade social.

[...] aqui música não é entendida apenas a partir de seus elementos estéticos, mas, em primeiro lugar, como uma forma de comunicação que possui, semelhante a qualquer tipo de linguagem, seus próprios códigos. Música é manifestação de crenças, de identidades, é universal quanto à sua existência e importância em qualquer que seja a sociedade.[...] (PINTO, 2001, p. 223).⁷⁸

Num dos momentos da oficina de música no Programa Corra pro Abraço, Evandro de Jesus Messias da Silva, interlocutor desta pesquisa, dedicou uma canção a uma profissional do Programa, Merry Batista. Segue sua fala:

— [...] *eu sei, num sei, num tô muito lembrado qual a banda ou cantor que toca, mas vou dedicar ela a Merry Batista, minha professora de teatro.*

Nesse momento outro interlocutor comentou:

— [...] *só tem que ficar de frente pra ela.*

Merry Batista estava presente e tudo aconteceu na antiga sede do Programa Corra, ao fundo, no pátio, embaixo da mangueira, Evandro de Jesus Messias da Silva já com violão no colo começou a tocar e a cantar a música “Eu sei” do grupo Papas da Língua. Nesse momento a descontração já era grande e ele começou:

⁷⁸ Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora. Revista. Antropologia. vol.44 n.1, São Paulo 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100007.

— [...] *eu sei, tudo pode acontecer. Eu sei, nosso amor não vai morrer, vou pedir aos céus você aqui comigo, vou jogar no mar flores pra te encontrar.*⁷⁹

Merry Batista aproveitou e fez uma cena de teatro que todos participaram. Esses momentos são/foram de extremo aprendizado, de fato, momentos de descontração, mas é/foi ali que se desenvolvia o ato de tocar, cantar, de direcionar a voz, cantar para alguém. Depois desse momento, conversamos um pouco e Evandro de Jesus Messias da Silva me disse:

— [...] *tá vendo, a oficina de música pra mim eu acho que é o único momento no qual eu fico calmo, fora disso [...].*

Num dos encontros no Movimento de População de Rua, conheci Bruno Cavalcante, e ele se apresentou da seguinte forma:

— [...] *Boa tarde eu sou Bruno Cavalcante, eu sou cantor, compositor, ritmista e percussionista e tive a oportunidade e a honra em conhecer esse projeto que é o movimento de rua, num é? Junto com vocês aqui na oficina, num é? E aprender um pouco mais a cada dia com os irmãos sobre a música, porque a música ela é muito importante, a música ela liberta, a música ela, ela nos leva ao, ao além, então pra mim tá sendo muito gratificante conhecer esse projeto e agradeço a Deus por tudo, num é? E que Deus possa sempre a cada dia, estar colocando a suas mãos nesse projeto aqui, e que esse possa crescer mais e mais, em nome de Jesus eu agradeço a minha oportunidade, valeu.*

Perceber o desejo dos interlocutores e interlocutoras de aprender mais sobre música, ampliar as qualidades e conhecimentos que traziam para os encontros, decorrentes de seus percursos formativos, que aí incluem saberes construídos nos diversos contextos que compõem seus universos culturais, grupos de pertencimento, comunidades, famílias, espaços escolares, locais onde vivem, instituições e organizações que frequentam, e sobre tudo a rua, fortaleceram as intenções desta tese em dialogar sobre estes processos.

Durante os encontros eu sempre utilizava as epistemologias de Laila Rosa, minha orientadora, com isso, sempre começava perguntando aos/as participantes quais foram as coisas boas que aconteceram durante os dias anteriores ao nosso encontro. Esse momento sempre transformava o ambiente, pois trazíamos para o presente somente as sensações boas. Veja a fala da senhora Edlúcia Soares de Menezes, integrante da Pastoral de rua e da Banda Tambores da Alegria. Em uma tarde no Movimento de População de Rua, após nosso encontro, ela me disse:

⁷⁹ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/papas-na-lingua/47916/>.

— *Eu sou professora, moradora em situação de rua há 11 anos, tem dois anos que eu tô no sem teto, e venho de Pernambuco. Já tô aqui há onze anos, doze anos na cidade e a primeira coisa boa esse ano que aconteceu comigo foi meu filho ligar pra mim e dizer que vai casar, né? Eu vou entrar na igreja com ele dia 17 de março.⁸⁰ A segunda coisa boa é que eu fiz uma bateria de exames novamente e a doença tá sumindo. A doença que estou com ela, que é o câncer está sumindo. Graças a Deus depois de seis cirurgias e ainda vou fazer mais três, e graças a Deus, a notícia é boa, que tá sumindo. A terceira coisa boa é que minha filha tinha sumido já tinha três meses e na hora que ia pra delegacia, ela apareceu e tá bem graças a Deus, com alegria pra mim. São as três coisas boas que aconteceu agora já no início do ano.*

Eu segui a pergunta e indaguei sobre nossos encontros musicais, e ela respondeu:

— *A oficina de música é tudo de bom, eu prefiro nem falar que sou suspeita, né? Que eu já venho fazendo aulas com você lá desde o ano passado, no começo do ano... no final do ano, né? Lá no Corra pro Abraço e tô aqui no Movimento, Movimento pra mim é tudo de bom. É muita coisa boa pra mim na minha vida. O Movimento de População de Rua foi a primeira, é... lugar, que me ajudou, a primeira associação que começou a me ajudar quando eu cheguei aqui na cidade. Pra mim tá bom, a aula, o professor os colegas, alguns eu já conheço, outros eu tô conhecendo agora, e é tudo de bom.*

Os encontros serviram como válvulas de expansão de possibilidades, colaboraram para a organização pessoal, para o aprofundamento e sistematização desse todo complexo sistema que é ser uma pessoa em vulnerabilidade social e participar de práticas musicais inseridas em contextos urbanos, interativos e colaborativos. Nesse caldeirão de situações, tive a preocupação e o trabalho de não dissociar a dimensão sócio formativa de cada participante, da experiência de vida e cidadã, da criação musical e das realidades de vida de cada participante.

Em entrevista, Dainho Xequerê comentou:

— *[...] mesmo com toda dificuldade que existe nas ruas, é muito visível que a música ela possibilita organização... organização pra tudo. Por que as vezes tem uma célula rítmica que é passado uma vez por semana, e mesmo assim as pessoas conseguem se organizar, mesmo com toda dificuldade, conseguem se organizar e trazerem na outra semana organizado, ou mesmo quando faltam e voltam pra atividade, estão muito linkadas àquilo ali. Tudo consegue fluir bem, né? Chega no dia, já tiveram diversas outras apresentações, já fizemos apresentações no teatro Martin Gonçalves, na praça do Pelourinho, na Pedro Arcaño, e*

⁸⁰ 2018.

antigamente não tinha sede, as atividades aconteciam na rua, diretamente na rua, como ainda acontecem, mas atividades de música específicas são mais complicadas na rua por várias influências, né? Como som de carro, como cachorro, as pessoas que estão ali por motivo da alimentação e acabam dispersando as atividades, e da mesma forma, tudo conseguia acontecer muito bem, tudo aconteceu muito bem e consegue acontecer muito bem, porque eu acredito que a música traz esse sentimento. A música consegue organizar as pessoas a partir do sentimento que ela produz.

Essa organização que as práticas musicais oferecem, revelam-se a partir da fala de Renato Ferreira, participante dos encontros na sede do Movimento de População de Rua:

— [...] meu nome é Renato Ferreira, e a oficina pra mim foi uma novidade porquê eu adoro música e agora eu entendo um pouco mais de música, pra mim tá sendo importante, eu agradeço a oportunidade e venho semana que vem, valeu!

Nessa fala, Renato demonstra seu desejo e gosto em aprender mais sobre música e informa que virá para participar do próximo encontro. Ou seja, as pessoas se organizam em função das práticas musicais, pois elas se configuram também como um compromisso prazeroso. Aí surge a importância da prática musical em contextos de vulnerabilidade social, pois o fazer música agrega e colabora para que pessoas como Renato Ferreira possam falar e se expressar perante outras interlocutoras e interlocutores, demonstrando e revelando afetos e desejos de participação.

Portanto, investigar pessoas em situação de rua e suas práticas musicais em contextos urbanos e conflituos, caracterizou-se como um fazer etnomusicológico com a cara do Brasil. Esse fazer, insere-se nos próprios caminhos que os estudos etnomusicológicos brasileiros⁸¹ tomaram desde sua implantação em 1990, na UFBA,⁸² em nível de Pós-Graduação. Foram caminhos bem diferentes da etnomusicologia estadunidense e europeia.

[...] diferente do cenário europeu, o constante crescimento da área de etnomusicologia no Brasil não passou por uma fase de “adormecimento”, ao contrário, ela começou a construir logo seu caminho próprio. (LÜHNING, 2014, p. 13).⁸³

⁸¹ Ao longo de mais de 120 anos a disciplina etnomusicologia foi se construindo. Inaugurada com o termo “Musikologie” em meados de 1880, com o tempo migrou para o termo “comparative musicology”, isso em meados de 1950, daí para “ethno-musicology” e em pouco tempo o termo aparece sem o hífen: “ethnomusicology”, tornando-se assim em uma disciplina independente.

⁸² Universidade Federal da Bahia.

⁸³ Temas emergentes da etnomusicologia brasileira e seus compromissos sociais Angela Lühning (UFBA). Música em Perspectiva: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da UFPR – v. 7, n. 2, Pg 13 (dez. 2014) – Curitiba (PR): DeArtes, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/love220/Downloads/1963-204-PB%20(1).pdf.

Na trilha deste caminho, proponho criar pontos de partida e conexões possíveis para buscar diálogos com temas de extrema relevância social, que colaborem significativamente para a ampliação dos estudos que atendam as novas/outras demandas da sociedade brasileira contemporânea.

[...] temas emergentes e relevantes são todos aqueles que apresentam este compromisso social, educacional, independente dos seus temas, digamos, mais especificamente acadêmicos em si. Menciono algumas questões para deixar mais claro o que quero dizer: temas emergentes são os temas que lidam com tradições ou expressões musicais em constante diálogo com as pessoas envolvidas nelas, o que pode ocorrer em contextos urbanos comunitários em situação de vulnerabilidade social, grupos minoritários. [...]. (LÜHNING, 2014, p. 19).

Estudos dessa natureza podem/devem colaborar na tradução/ampliação de uma etnomusicologia com a cara do Brasil, e possibilitam a ampliação da percepção da composição da sociedade musical brasileira, incluindo agora, a perspectiva de quem está em situação/contexto de rua.

[...] a etnomusicologia brasileira dialoga desde o início idealmente com as demandas da sociedade contemporânea [...] e aceita desafios em relação à análise e compreensão de contextos culturais socialmente e geograficamente complexos nas suas diferenças e até contradições. [...] Mas quais seriam então os desafios atuais da etnomusicologia brasileira? Acredito que seja a continuação deste caminho que delineei, com temas sempre mais amplos na sua dimensão de questionamento, de contribuição para a discussão de temas que abordem a composição da sociedade brasileira, a inserção de segmentos sociais, identidades, questões de gênero, políticas educacionais e culturais, direitos coletivos de propriedade intelectual ou conhecimentos tradicionais e do uso de tecnologias (LÜHNING, 2014, p. 14).

O que investiguei mais amplamente nesta tese, foi como ocorreram e/ou se caracterizaram os processos de interação musical de pessoas em situação/contexto de exclusão e vulnerabilidade social, a partir de suas práticas musicais, em meio às questões sociais postas, tendo em vista um recorte sobre as práticas culturais que emergiram desses encontros, pois:

[...] O estudo de práticas culturais expressivas como a música e a dança de diferentes sociedades podem nos ajudar a alcançar um equilíbrio entre a

compreensão da diferença cultural e o reconhecimento de nossa humanidade comum. (TURINO, 2008, p. 03).⁸⁴

2.3. Estar junto

Por isso a importância do estar junto, essa foi a metodologia que mais deu certo, ou seja, encontrar e ficar juntos, rir juntos, discutir e questionar juntos. O estar junto fomentou desejos e sentimentos de transformações. Foi a partir daí que ampliamos as discussões sobre o espaço social, as sociedades, o dia-a-dia, as oportunidades, os desafios.

Por muito tempo fiquei a refletir em como faria para traduzir nesse texto os sabores, êxitos, cores e desafios que vivenciamos juntos, falo do sabor que é/foi estar junto e poder fazer música, poder ler e discutir um texto, uma letra de música, refletir sobre si mesmo, sobre o coletivo, dialogar sobre temas como o racismo, a violência urbana, preconceito, machismo, homofobia, dentre outros.

Talvez não consiga traduzir todas as experiências num texto, mas posso compartilhar que o estar junto e fazer música, possibilitou a construção de um tempo-espaço de compartilhamento de saberes sobre música, e a partir da música. Assim, pudemos adentrar nas composições, roteiros e arranjos, no entanto, também dialogávamos sobre política, economia, saúde, moradia, ou seja, com o tempo, criamos um espaço seguro de trocas, transmissões e percepções.

— *Professor, como se canta?*

— *Como se pronuncia esta palavra no ritmo?*

Foram momentos de aprendizagem musical, de risos, olhares, entrega, desconfiança e novamente entrega. O fazer música ultrapassava as barreiras, e a cada encontro estávamos mais juntos, mais fortes. Abraçávamo-nos, emanávamos energia positiva e nos enxergávamos como pessoas pertencentes a um propósito, a um grupo, ou seja:

— *Estar junto e fazer música!*

Com isso, sentíamos-nos bem, com dignidade, inseridos em algo, cidadãos exercendo a cidadania através da prática musical, da interlocução, aceitação, entrega, agradecimento e pertencimento. Sabíamos que não estávamos sozinhos neste mundo.

Sueli Oliveira uma das atuais líderes do MPR, era uma participante assídua e ativa dos encontros musicais, em uma das tardes de práticas musicais, ela me disse:

⁸⁴ [...] Study of expressive cultural practices like music and dance from different societies can help us achieve a balance between understanding cultural difference and recognizing our common humanity. (Turino, 2008, p. 03. trad. nossa).

— *A oficina de música é autoestima, falo autoestima porque duas vezes ano passado, que eu participei das aulas eu não estava bem, de repente, já através da oficina eu volto, o astral elevou, então... autoestima. E é isso aí.*

O interlocutor Antônio Ferreira Cardoso, também presente nesse dia, completou:

— *[...] essa oficina tá sendo uma das coisas que mais na minha vida sempre marcou, que é a música. e aí tá sendo muito gratificante.*

Conversamos por um bom tempo após a oficina, e percebi que para Antônio, estar junto com todos no MPR e participar de uma atividade musical era um compromisso de busca por transformações, algo estava novamente em transformação, em trânsito.

Todos esses encontros foram marcados por muitas subjetividades, afetos e descobertas, mas também, em alguns momentos, alguns desconfiavam, tinham medo de se aproximar, mas com o tempo chegaram e integraram a roda musical. Esse ponto de encontro entre o investigador e os/as interlocutores/as da pesquisa, possibilitaram reflexões sobre as diferenças.

Todos nós somos diferentes, e cada um carrega seus marcadores sociais, suas angústias e medos, mas também seus desejos e aspirações, daí a importância em determinar meu lugar de fala neste trabalho, e com isso, refletir sobre meus privilégios. O que posso e devo falar, com quem e para quem devo e posso falar.

2.4. Lugar de fala

Antes de adentrar na descrição do campo e nas experiências vividas, percebo a importância em evidenciar de onde falo e quem sou. Essa postura foi/é fundamental no corpo deste trabalho. Situo-me inteiro neste todo processo, pois, quem escreve este texto também tem coração, vos fala de algum lugar, no meu caso, um homem, pesquisador, *brancoafroíndio*, hétero, galego esquina de periferia, cana verde, periférico de pele branca, músico, feiticeiro, pai, ativista, nagô, tupinambá canibal, nordestino, baiano, soteropolitano, filho de sergipano com pernambucana, religioso, rimador, musical, jogador, louco por natureza, @reidamata40,⁸⁵ dentro da cisgenaridade, mas fora dos CISTemas criados pela imposição das ordens construídas e perpassadas a força.

Comecei o doutorado com a bolsa CAPES e no meio do processo tornei-me professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – If Baiano, (2018). Realizei

⁸⁵ *Instagram.*

um estágio na Cesmeca – Unicach, San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México, com a bolsa Capesprint de doutorado sanduíche (2019). Além disso, dentre outras atividades, sou músico, compositor, ou seja, uma pessoa com privilégios.

Portanto, este texto surgiu a partir do encontro com as pessoas, mas também a partir do meu lugar de fala, surgiu a partir de questionamentos, inclusive o processo de questionar meus próprios privilégios, e como colocá-los a serviço da luta antirracista, antissexista. Com isso, essa tese nasceu das minhas experiências de vida e reflexões, pois: “[...] quem escreve ordena a reflexão coletiva, relata o que foi deixado à solta, seleciona, arredonda, acrescenta, analisa, conclui ... vai além do que é verbalizado”. (ESPINOSA, 2017, p. 32).

Numa pesquisa genealógica da minha estrutura familiar, encontrei diversos antepassados negros/as e oriundos de nações indígenas. Daí me percebo como um *brancoafroíndio*, mas minha cor de pele, aos olhos de outra pessoa, principalmente em Salvador/Ba, é branca. Como essa cidade é racista, eu carrego em meu corpo privilégios compulsórios, são privilégios que se mantêm devido ao preconceito racial e efeitos devastadores dos processos de racialização que sofremos a séculos. São os privilégios construídos somente pela cor da pele.⁸⁶

Lembro da minha avó paterna, Josefa Cardoso, mulher, indígena sergipana, cigana, pobre, em sua cozinha no distrito de Sagüim, Indiaroba-Sergipe, fumando seu cachimbo de cócoras num pedaço de madeira ao lado do fogão à lenha. Lembro-me das suas histórias que narrava quando íamos até a sua casa em épocas de férias escolares. Sua mesa cheia de latas vazias, papéis e cacarecos. Trago comigo essas lembranças e percebo a cada dia que tenho sangue de cigana, mas isso não será revelado a partir da cor da minha pele, ou seja, como eu sou lido.

Eu, como já dito, apesar de também morador de periferia, trago em meu corpo privilégios. Privilégios compulsórios de uma sociedade racista como a baiana/brasileira, na qual a pigmentocracia impera e os classismos e as etiquetas dos ditos e impostos “bons costumes” introduzidos pela branquitude patriarcal, hegemônica, ocidental e colonialista, determinaram/determinam condutas e olhares standardizados pelas elites capitalistas.

Sou lido como branco, e como disse, percebo-me como um *brancoafroíndio*, no entanto, minha cor de pele aos olhos de quem me vê, é branca, ou parda, não sei ao certo. Mas sei que poder transitar, em optar ser branco e não branco, também é um privilégio das pessoas brancas, e por experiência, também sei que a cor da minha pele normalmente faz diferença

⁸⁶ Pigmentocracia.

numa abordagem policial, em que a probabilidade de eu ser parado numa blitz é muito menor do que uma pessoa negra, dentre inúmeras outras situações. Ou seja, a branquitude é um lugar de privilégios compulsórios.

[...] na branquitude se configura o vitalismo como signo que se consubstancia na maior expectativa de vida, nos menores índices de mortalidade e morbidade como consequência de seu acesso privilegiado aos bens socialmente construídos. (CARNEIRO, 2005, p. 78).

Assumir o lugar de fala, torna-se uma das chaves deste trabalho, afinal, não estou pesquisando um mero “objeto de pesquisa”, mas sim, proponho interlocuções políticas, afetivas e alteradoras possíveis com outras vidas, como dito, para (re) pensar também o meu lugar de privilégios. Neste sentido, minha meta foi/é/será colaborar, a partir das minhas possibilidades e privilégios, na luta antifascista, antirracista, antimisógena, antissexista, uma luta contra os feminicídios, os transfeminicídios, epistemicídios.

Jamais poderei falar pelos povos/nações indígenas, pelas pessoas negras, pelas LGBTQIA+, pela população em situação/contexto de rua, e por tantas outras pessoas transpassadas por outros diversos marcadores sociais diferentes dos meus. Nem poderei falar por outras interlocutoras e interlocutores que compõem a grande categoria de pessoas em processo de exclusão e vulnerabilidade social.

São minorias/maiorias marginalizadas que integram o contexto das interlocutoras e interlocutores deste trabalho. Portanto, não posso, não devo e não irei falar por elas e eles, pois não passo pelas situações que as mesmas passam e sentem na alma, no corpo e na pele, mas tenho fé, de que posso colaborar com as discussões sobre esses temas, e com essas pessoas, a partir do meu lugar de fala.

[...] todas as pessoas possuem lugar de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social, consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados. (RIBEIRO, 2017, p. 86).

Ser branco no Brasil é sinônimo de privilégios compulsórios, o que não significa normalizar esses privilégios advindos da cor da pele, mas imprimir esforços diários e firmar um compromisso ético e estético para questionar o *status quo* vigente.

Acredito que com o exercício cotidiano de refinamento e aprimoramento dos sentidos,

com humildade, paciência, assumindo meus defeitos e qualidades, esta etnografia musical pôde adentrar estes universos, e colaborar com essas problemáticas e situações nestes contextos exclusivos e urbanos, num processo de reflexão teórica, sensorial, musical e espiritual, a partir da música, em diálogo com as pessoas, e com os (nossos) marcadores sociais da diferença.

[...] o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder [...]. (RIBEIRO, 2017, p. 69, 70).

A proposta foi me debruçar nestes temas de estudos a partir das epistemologias localizadas (HARAWAY, 1995), compreender também outras perspectivas de materialidade musical, ou seja, a música não é só uma ideia, ela está impregnada em nossos corpos. A gente ri, a gente chora, a gente dança, canta. Tudo isso é concreto, é real, e está presente em nossas vidas.

— *Quando fevereiro chegar, saudade já não mata a gente. A chama continua, no ar o fogo vai deixar semente, a gente ri, a gente chora, ai ai, ai ai, a gente chora, fazendo a noite parecer um dia, faz mais, depois faz acordar cantando, pra fazer e acontecer, verdades e mentiras, faz crer, faz desacreditar de tudo, e depois, depois do amor ô ô ô ô. Ninguém, ninguém verá o que eu sonhei. Só você meu amor, ninguém verá o sonho que eu sonhei. Um sorriso quando acordar, pintado pelo sol nascente, eu vou te procurar, na luz de cada olhar mais diferente, tua chama me ilumina, me faz virar um astro incandescente, teu amor faz cometer loucuras, faz mais, depois faz acordar chorando, pra fazer e acontecer, verdades e mentiras, faz crer, faz desacreditar de tudo, e depois, depois do amor, amor, amor.* (Quando Fevereiro Chegar. Geraldo Azevedo).

Para realizar este trabalho, reabasteci minhas ações, a partir dos afetos e das subjetividades na produção do conhecimento, com/para/pelas pessoas em situação/contexto de rua. Nestes relatos trago experiências de vida, numa escrita corporificada, localizada, engajada e situada, de acordo com as epistemologias feministas, que tem:

[...] a função de oferecer uma outra forma de escuta e olhar, questionando a produção de conhecimento que prioriza a racionalidade, o distanciamento, e atrelado a ele o mundo masculino, heteronormativo, branco, ocidental. (ROSA e NOGUEIRA. 2015, p. 51).

Ao dialogar por meio das epistemologias feministas e localizadas, percebi o quão foi importante compreender mulheres e homens em igualdade na produção dos saberes, pois, na maioria dos casos, o que existe é uma:

[...] produção de conhecimento heteronormativa, branca, sexista, classista que nega e exclui a existência das mulheres enquanto criadoras, pensadoras, pessoas. O que se configura numa verdadeira tentativa de extermínio de seus feitos e de sua existência. (ROSA e NOGUEIRA. 2015, p. 26).

Esta tese também foi construída por meio do meu exercício diário como pesquisador, de não somente adotar os termos teóricos metodológicos como arautos do saber, mas também, por adentrar nos termos éticos e políticos, e com isso, colaborar de maneira eficaz e coletiva com um processo, no qual foi possível aprender com os sentidos e sobre os sentidos, por meio de práticas culturais e musicais diárias de pessoas em situação/contexto de rua.

O exercício da aprendizagem sociocultural para compressão e desenvolvimento do trabalho etnográfico – a compreensão da cultura – faz com que o pesquisador-etnógrafo reaprenda, reavalie, desconstrua, reconstrua os seus próprios valores e entendimentos do que é ser um sujeito social e suas realizações. (MACEDO, 2016, p. 76).

2.5. Olhares contemporâneos

A partir do olhar sobre o “estado da arte” no tema, destaco alguns trabalhos no Brasil que realizaram ações, abordaram e discutiram sobre pessoas em vulnerabilidade social.

Destaco o trabalho: “*Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal?*” Pesquisa realizada pelo Projeto Axé em parceria com a Universidade Federal da Bahia, com o Movimento Nacional da População Rua e a Defensoria Pública do Estado da Bahia com a coordenação de Juliana Prates⁸⁷. A pesquisa apresentou as mais diversas situações de violações de direitos, além de apresentar um mapeamento e contagem da população em situação/contexto de rua em Salvador/Ba.

A pesquisa foi realizada entre janeiro e novembro de 2017 e estimou que existem entre 14.513 e 17.357 pessoas em situação de rua na capital baiana. Foi entrevistada uma amostra de 1.447 pessoas, de várias idades, gêneros e cor da pele e feito um relatório que caracterizou os modos de vida e da população de rua em Salvador. Os dados apontaram que 58,2% se declararam

⁸⁷ Doutora em Psicologia.

negros/pretos, 34,6% pardos, 5,5% brancos, 0,8% amarelos e 1% indígenas. No relatório, foi constatado que a maioria da população de rua de Salvador é formada por homens (82,6%). As mulheres compõem 15,9% deste grupo e 1,5% queer.(Correio da Bahia).⁸⁸

Este trabalho foi muito importante para a realização desta tese, pois revelou e atualizou dados estáticos sobre a população de rua de Salvador. Com o acesso a esta pesquisa, o direcionamento da minha investigação ganhou um novo aporte. Com os dados postos, foi possível compreender de forma mais assertiva os problemas e demandas que passam a população em situação de rua de Salvador. A pesquisa Cartografia dos desejos e direitos:

[...] teve por objetivo descrever a população em situação de rua na cidade de Salvador, caracterizando todos os segmentos geracionais (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos). Esta caracterização enfocou aspectos sócio demográficos, trajetórias e modos de vinculação/conexão com a rua, condições de saúde, habitação/moradia, educação, trabalho, acesso a instituições de atendimento pertencentes ao Sistema de Garantia de Direitos (SGD), e conseqüentemente as violações de direitos a que esta população está submetida. (Cartografia dos desejos – Sumário Executivo, 2017).⁸⁹

Fui convidado por Maria Lúcia para o lançamento da pesquisa, que aconteceu no auditório do antigo colégio 2 de julho, Av. Leovigildo Filgueiras, Garcia, Salvador/Ba. Estavam presentes no auditório muitas pessoas em situação/contexto de rua, colaboradores e militantes. Ao final da manhã Maria Lúcia me convidou para almoçar com todos num restaurante localizado no Garcia. Ao final fui pagar meu almoço e ela me disse:

— *Não, você é nosso convidado.*

Depois de relutar para pagar, ela completou:

— *[...] tem comida pra todos, não se preocupe.*

Almoçamos e conversamos muito sobre a importância da pesquisa Cartografia dos desejos e direitos. Neste dia ela me encaminhou por mensagem os gráficos da pesquisa.

Assertivamente essa pesquisa deu um lastro quantitativo importante, pois revelou números que podem auxiliar na construção de novas/outras políticas públicas. Esse é um dos pontos centrais para a elaboração de políticas eficientes, atualmente a falta de censo pelo IBGE da população em situação de rua, compromete a elaboração de políticas públicas, pois se não

⁸⁸ Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/numero-de-moradores-em-situacao-de-rua-em-salvador-pode-chegar-a-17-mil/>. Acesso 27/08/2018.

⁸⁹ Ver anexo H.

existe contagem, não tem como pensar políticas direcionadas a essa população. Falaremos disso mais adiante no texto.

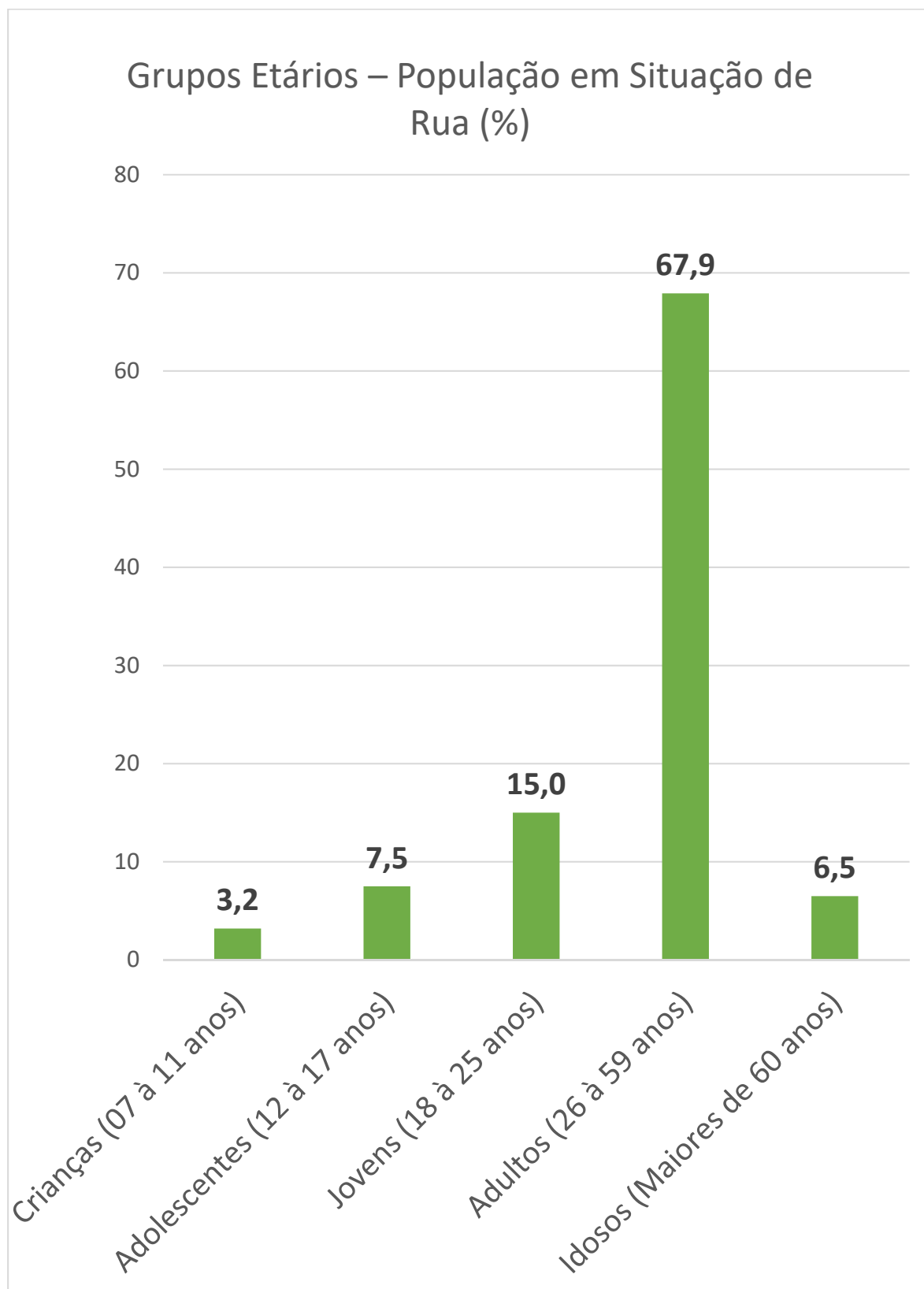
A minha participação no Seminário “*Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal?* ” Foi uma das minhas primeiras iniciativas de campo. A pesquisa-ação apresentada no seminário, constituiu-se como uma excelente referência bibliográfica para meus estudos, pois trouxe dados estatísticos sobre a caracterização das situações de violações de direitos vividas pela população em situação/contexto de rua, sejam crianças, adolescentes, jovens e famílias, na cidade de Salvador/Ba.

Dentre os vários gráficos⁹⁰ da Cartografia, compartilho seis que revelam: A idade das pessoas que atualmente estão nas ruas, idade que normalmente as pessoas chegam às ruas, tempo de experiência de rua, divisão em gênero da população em situação de Rua (%), Cor/Raça autodeclarada e observada (%) e os motivos para acessar os serviços/instituições que compõem o SGD⁹¹ – População em Situação de Rua (%). Seguem os gráficos:

⁹⁰ Fonte de todos os gráficos: *Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal?* Seminário realizado pelo Projeto Axé, Movimento de População de rua e Universidade Federal da Bahia. Pesquisa financiada pela da Defensoria pública da Bahia, 2017.

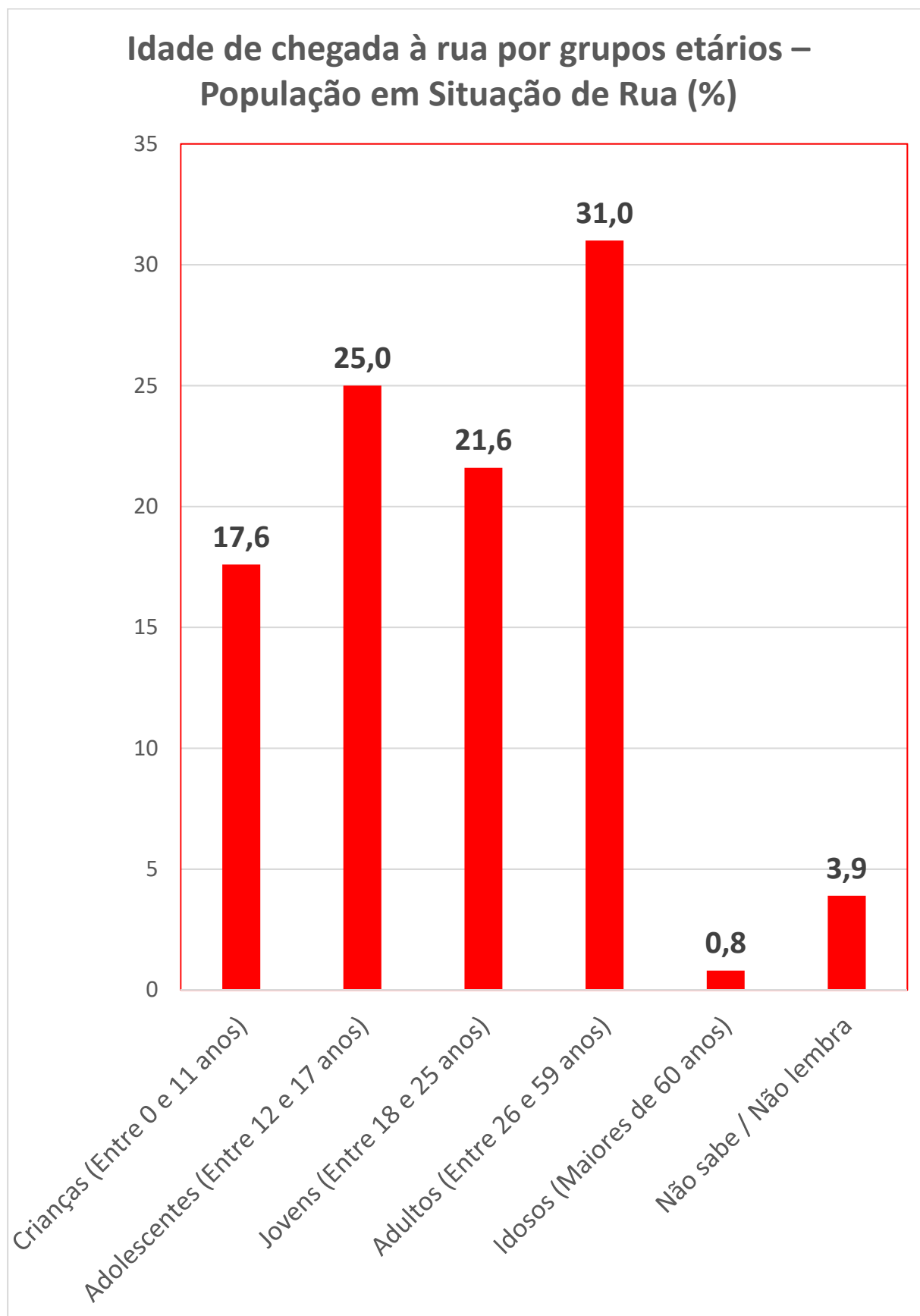
⁹¹ Sistema de garantia de direitos.

Gráfico 1. Grupos Etários – População em Situação de Rua (%).



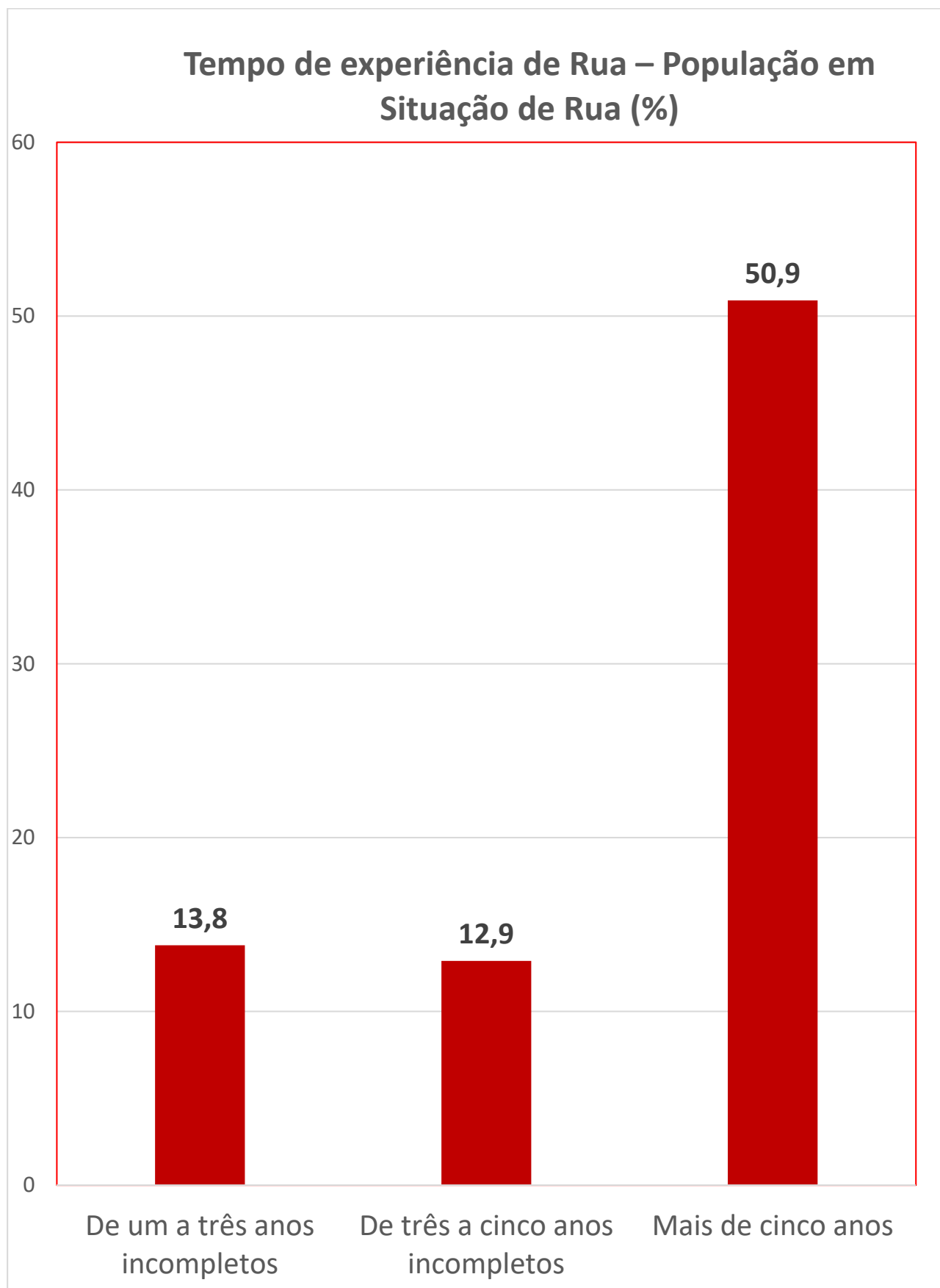
Fonte: Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal? 2017.

Gráfico 2. Idade de chegada à rua por grupos etários (%).



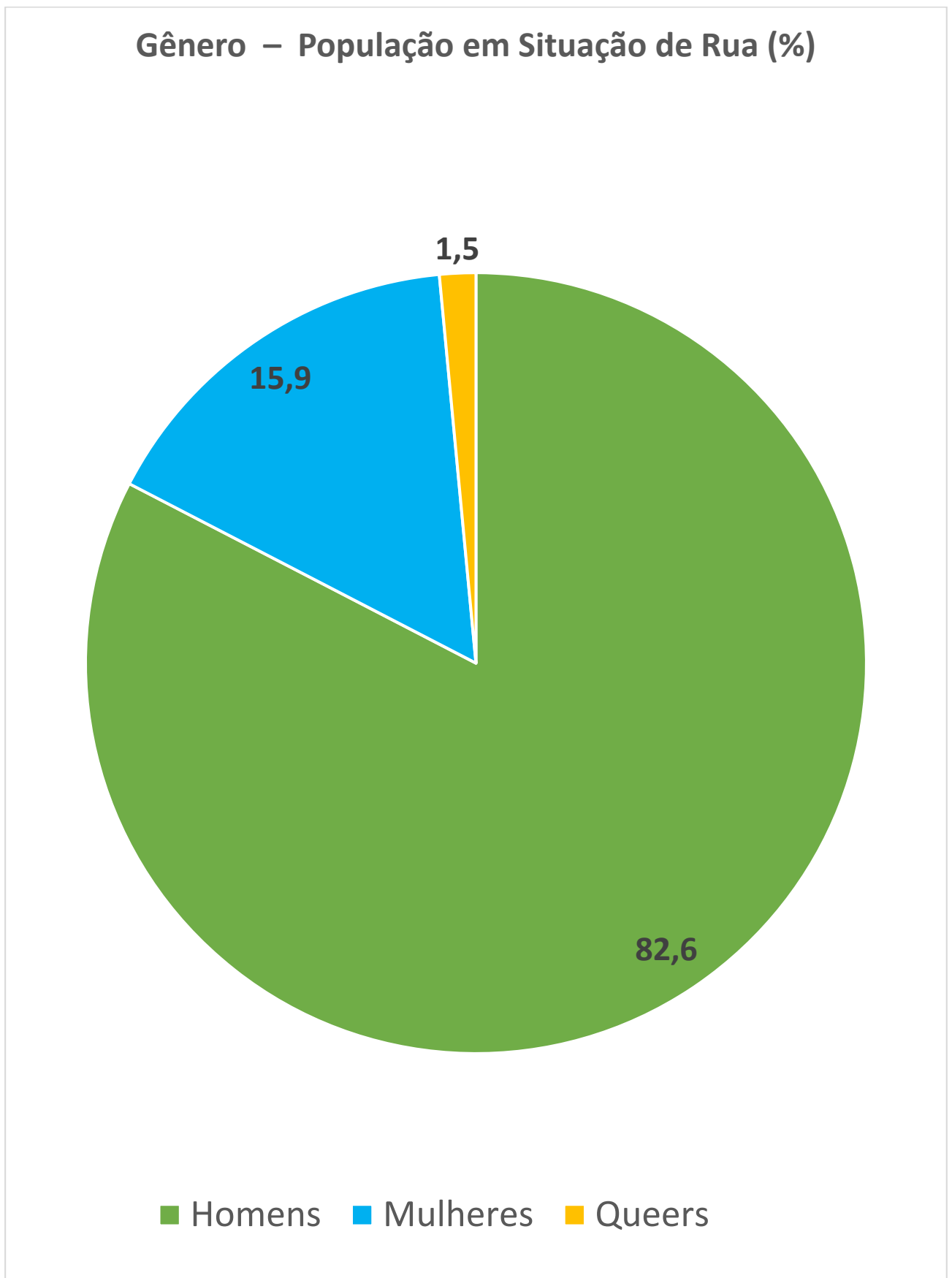
Fonte: Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal? 2017.

Gráfico 3. Tempo de experiência de Rua (%).



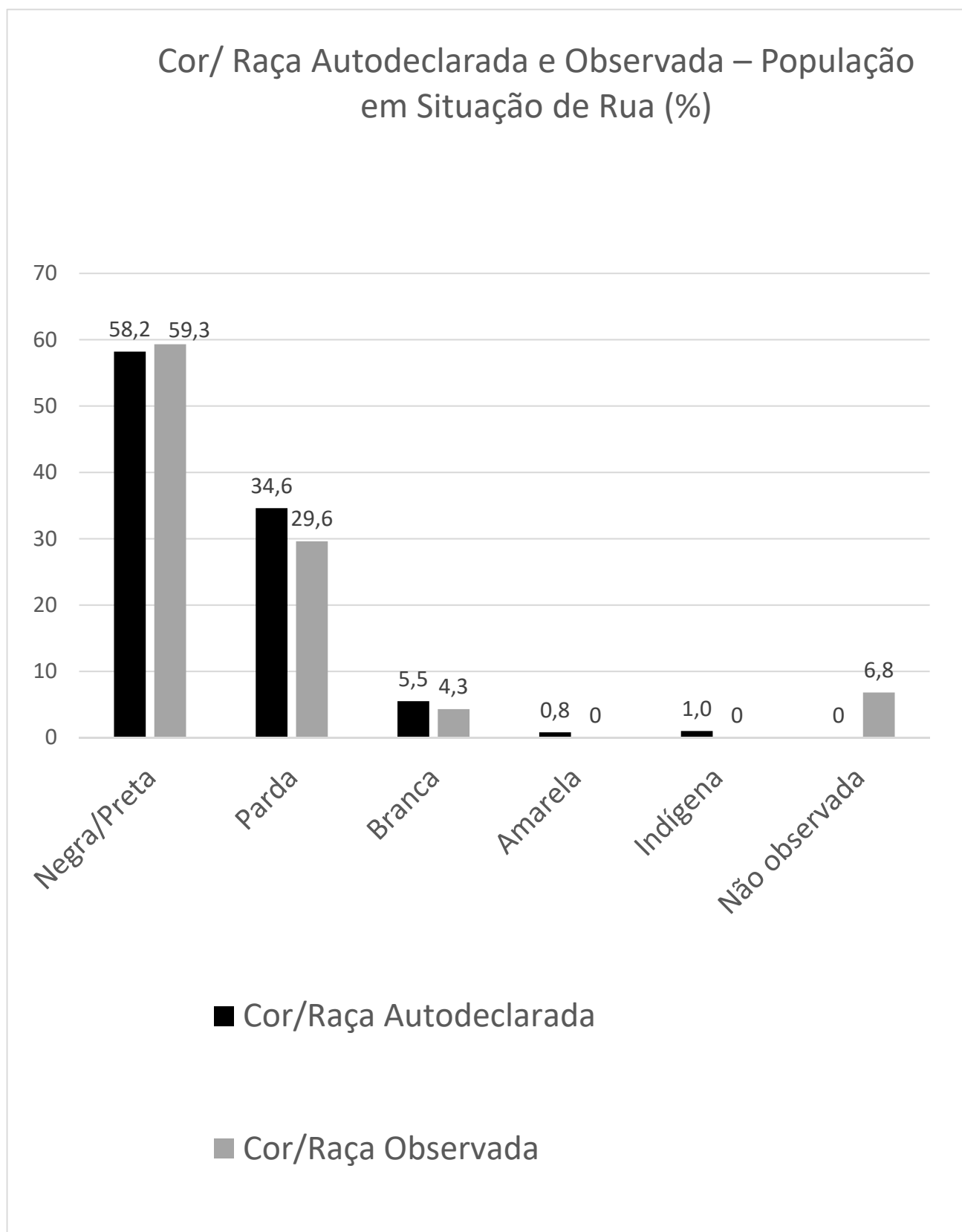
Fonte: Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal? 2017.

Gráfico 4. Gênero – População em Situação de Rua (%).



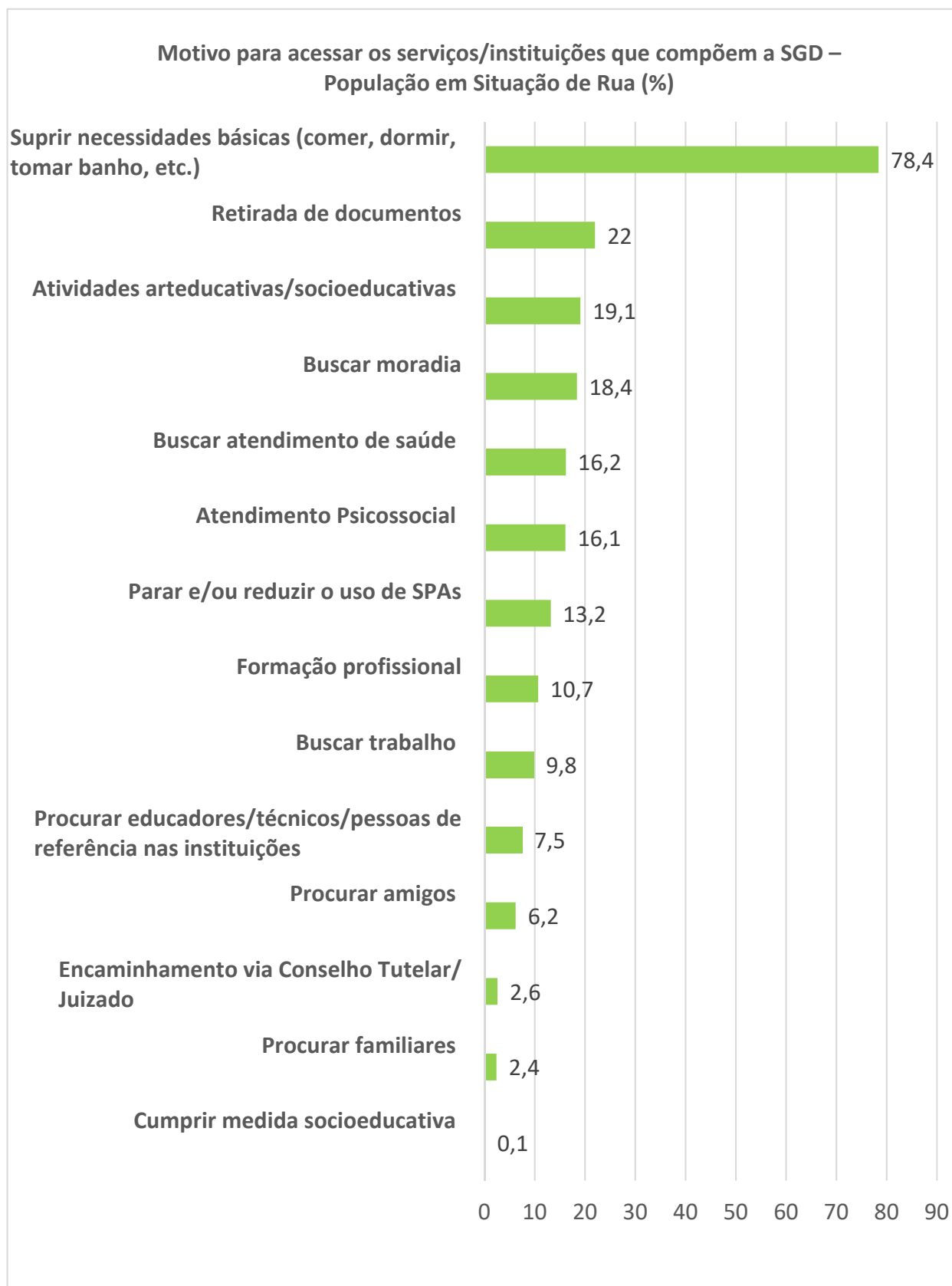
Fonte: Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal? 2017.

Gráfico 5. Cor/ Raça Autodeclarada e Observada (%).



Fonte: Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal? 2017.

Gráfico 6. Motivo para acessar os serviços/instituições que compõem o SGD (%).



Fonte: Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal? 2017.

Um dos dados da Cartografia que me chamou muita atenção, foi que, dentre os motivos que uma pessoa procura uma instituição em busca de seus direitos, a busca por atividades arte-educativas e socioeducativas, estava a frente, por exemplo, da busca por moradia. Este dado me mobilizou a estar mais perto dessas pessoas e me impulsionou para colaborar com o crescimento artístico e social das mesmas.

A compreensão das práticas musicais enquanto articulações socioculturais permeadas de formas e conteúdos simbólicos se refletem no fluxo e refluxo da organização social e no modo de ser dos respectivos grupos, em que a construção de identidades individual e coletiva tem seu lastro no processo histórico rememorado e reconhecido pelos atores sociais. Trata-se, portanto, de uma construção e reconstrução das identidades sociais e culturais de grupos sociais em que a diversidade cultural implica a formação/configuração dos mesmos. (KLEBER, 2008, p. 02).⁹²

Outro trabalho de ponta, que destaco, é/foi realizado por Wagner De Angeli Ferraz, psicólogo do Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira⁹³ e coordenador do *Bando Flores da Massa*, grupo musical formado por pessoas com transtornos mentais. Wagner também atua como músico integrante do Bando e toca bateria. No mesmo Hospital, destaco também o trabalho idealizado e dirigido desde 2010 pela atriz e psicóloga Renata Berenstein, trata-se do grupo: *Os Insênicos*, uma companhia de teatro formada também por pessoas portadoras de transtornos mentais. Juntos, os dois grupos conceberam e apresentaram o espetáculo: *Quem está aí?* O qual tive a oportunidade de participar como músico, numa pequena temporada no teatro Gregório de Matos, em Salvador/Ba. Este espetáculo é/foi um projeto de pesquisa e experimentação teatral, na qual as narrativas revelam os dramas do enclausuramento. São pessoas marcadas pelo estigma da loucura, que atuam de forma reflexiva, e nesse processo, dialogam com o público sobre as memórias dos momentos em que estiveram internados em hospitais psiquiátricos.

[...] neste trabalho, os dois grupos de encontram pela primeira vez, experimentando a música na cena, e a cena na música. Neste musical, o público é convidado a conhecer e sentir as histórias que habitaram o manicômio, levando à reflexão sobre a real função destes espaços na contemporaneidade. Nosso trabalho se faz urgente enquanto discurso político, afirmativo, pelo fim dos manicômios e investimento na rede substitutiva de

⁹² Práticas musicais em ongs: possibilidade de inclusão social e o exercício da cidadania. Universidade Estadual de Londrina – UEL. Magali Oliveira Kleber (Docente de Música no Departamento de Música e Teatro na Universidade Estadual de Londrina. Mestre em Música/Artes pela UNESP/ São Paulo e Doutora em Educação Musical pela UFRGS Disponível em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF15/Artigo_08_ABRIL-MAIO-JUNHO_2008_Magali_Oliveira_Kleber.pdf.

⁹³ Localizado na Av. Edgard Santos, S/n - Tancredo Neves, Salvador - BA, 41205-022.

saúde mental. De quem ou do que nos protegemos com os muros altos da clausura? (Renata Berenstein).⁹⁴

Os Insênicos e o *Bando Flores da Massa*, são grandes exemplos de trabalhos com música, dança, teatro e artes visuais em Salvador, com pessoas que se encontram na categoria de exclusão social. No palco as atrizes se revelam e nos contam, através de suas performances, suas histórias, desejos e desafios. Eu, mesmo tendo tido a oportunidade de ensaiar e participar do espetáculo, nunca sabia de fato até quando ia a atuação/encenação, na verdade, era/foi uma atuação sobre verdades, mas o teatro é o teatro, existe magia. Presenciei essa magia acontecer, ao tocar com essas pessoas incríveis, repletas de possibilidades e talentos. No palco explodiam as angústias, medos, mas também, desejos e vitórias. Uma realização de êxito e um dos trabalhos que mais me inspiraram para a realização desta tese.

Também destaco a pesquisa: “*População de rua em Salvador/Ba: Reflexões sobre o espaço urbano e o direito à cidade*”,⁹⁵ de Nadja Conceição de Jesus Miranda⁹⁶ e Gilberto Corso Pereira,⁹⁷ uma pesquisa de 2015 que se insere no campo da Geografia Urbana, e que teve como objetivo compreender as práticas espaciais, as territorialidades e o uso do espaço pela população em situação/contexto de rua no espaço urbano de Salvador. Ainda de Nadja Conceição de Jesus Miranda, destaco sua dissertação de mestrado de 2006: “*Espaços públicos de Salvador: uso e apropriação pelos moradores de rua – uma análise do espaço concebido, vivido e percebido*”. Esta dissertação analisou a relação das pessoas em situação/contexto de rua e os espaços públicos de Salvador, quais políticas públicas municipais foram implantadas para essa população no âmbito espacial da cidade desde o século XIX ao XXI.

“*População em situação de rua de Salvador: uma reflexão sobre vulnerabilidade familiar e qualidade de vida*”⁹⁸ de Daisy Guerra Kitaoka,⁹⁹ Gezilda Borges de Souza¹⁰⁰ e Renata Meira Veras.¹⁰¹ Este trabalho apresentou a realidade das pessoas em situação/contexto de rua de Salvador, com o foco nas condições de vida e os motivos que levaram pessoas a viverem nas ruas.

⁹⁴ Disponível em: https://www.catarse.me/quem_esta_ai. Acesso em 27/08/2018.

⁹⁵ Disponível em <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/8/253.pdf>.

⁹⁶ Doutoranda do curso de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia.

⁹⁷ Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia.

⁹⁸ Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/Popula%C2%8D%C2%8Bo-em-situa%C2%8D%C2%8Bo-de-rua-de-Salvador-uma-reflexa%C3%83%C3%89o-sobre-vulnerabilidade-familiar-e-qualidade-de-vida.pdf>.

⁹⁹ Graduada do Bacharelado Interdisciplinar em Artes.

¹⁰⁰ Graduada do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades.

¹⁰¹ Professora Adjunto do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde.

“Pessoas que vivenciam situação de rua sob o olhar da saúde”.¹⁰² Ano 2017, de Paula Hino, Anderson da Silva Rosa¹⁰³ e Jaqueline de Oliveira Santos.¹⁰⁴ Este trabalho teve por objetivo conhecer a produção científica brasileira de 2007 até 2016 sobre as pessoas que se encontravam em situação/contexto de rua, sob o olhar da saúde.

“Políticas para a população adulta em situação de rua: questões para debate”.¹⁰⁵ Ano 2015, de Lila Cristina Xavier Luz.¹⁰⁶ Este trabalho foi um estudo qualitativo sobre os obstáculos e os problemas enfrentados no atendimento da população em situação/contexto de rua, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

“De olho na rua: o Axé integrando crianças em situação de risco”, 2003, de Fernanda Ma. Gonçalves Almeida. Este trabalho discute como a criança e o adolescente em situação de risco é visto e tratado por instituições, através de novos paradigmas de intervenção social.

“População em situação de rua: desafios dos profissionais nos serviços de saúde mental”. Dissertação de Mestrado, ano 2018, de Rayoni Ralfh Silva Pereira Salgado.¹⁰⁷ Este trabalho teve como objetivo, compreender os desafios vivenciados pelos trabalhadores dos dispositivos de Saúde Mental no município de Limeira/SP, no atendimento e acompanhamento a população em situação de rua.

“Mulheres adultas em situação de rua e a mídia: histórias de vida, práticas profissionais com a população de rua e representações jornalísticas”. Tese doutorado, ano 2017, de Suzana Rozendo Bortoli Este trabalho é um estudo sobre mulheres adultas em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro, sobre os profissionais que cuidam delas e como é realizada a cobertura jornalística sobre essa temática.

“Entre sacizeiro, usuário e patrão, um estudo etnográfico sobre consumidores de crack no centro histórico de Salvador” de Luana Malheiro.¹⁰⁸ Este trabalho foi uma investigação sobre pessoas que conseguiam administrar o consumo da droga e refletir sobre as adversidades existentes em seus territórios. Ainda de Luana Malheiro, destaco o trabalho *“Tornar-se mulher usuária de crack: trajetória de vida, cultura de uso e políticas sobre drogas no Centro de Salvador/Ba”*. Recente trabalho (2018), quando Luana obteve seu título de Mestre em Antropologia. Um estudo etnográfico que investigou a cultura de uso de crack entre

¹⁰² Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reben/v71s1/pt_0034-7167-reben-71-s1-0684.pdf.

¹⁰³ Ambos da Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Enfermagem.

¹⁰⁴ Universidade Paulista, Departamento de Enfermagem.

¹⁰⁵ Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v18n1/1414-4980-rk-18-01-00074.pdf>.

¹⁰⁶ Universidade Federal do Piauí.

¹⁰⁷ Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas.

¹⁰⁸ Bacharel em Antropologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH/UFBA), especialista em Saúde Coletiva/ Mental pelo Instituto de Saúde Coletiva da UFBA e mestra em Antropologia pela UFBA.

mulheres que vivem nas ruas do Centro da cidade de Salvador/Ba. O trabalho de Luana Malheiro trouxe a compreensão da violência cotidiana direcionada a essas mulheres, enviesada pela atual política de drogas que utiliza a estratégia de guerra às drogas, no que se transformou numa espécie de guerra contra as mulheres. A pesquisa retrata o uso abusivo de crack por essas mulheres como método para aliviar o sofrimento de violências raciais e de gênero sofridas ao longo de suas vidas. Luana Malheiro apresentou estratégias políticas de resistência, proteção e mobilização entre mulheres, e fomentou construção do campo do feminismo antiproibicionista que tem organizado politicamente mulheres afetadas pela Guerra as Drogas. Dentre outros.

Todos estes trabalhos auxiliaram-me na produção desta tese, que traz como diferencial, as reflexões sobre as práticas musicais realizadas por pessoas em vulnerabilidade social. Foi a partir do movimento do encontro e do fazer música coletivamente em meios a questões sociais em jogo, que pudemos ampliar e desenvolver nossas sociabilidades e nossas afinidades. Assim, (re) descobrimos nosso corpo e nossa voz como elementos constitutivos das práticas musicais, e com isso, nutrimos o sentimento de estar presente e integrados a algo. Falo do estar junto, do criar rotinas por meio das práticas musicais, ou seja, construir espaços seguros para trocas de saberes, conversas, sentimentos e muita música.

3. ETNOGRAFIA MUSICAL

3.1. Campo de pesquisa

Tudo que nós fazemos é música.
John Cage

Aqui descrevo o meu momento de retorno às epistemologias da rua, os encontros e os desejos construídos em conjunto com algumas das interlocutoras e interlocutores desta tese.

Nossos relacionamentos foram marcados por convergências e divergências, fosse de ideias, comportamentos e atitudes. As diferenças políticas, sociais e econômicas interferiram no processo, pois eram diferenças no modo de ser, sentir, pensar e agir, principalmente nas questões mais subjetivas e nas situações que envolveram relações de poder.

Mas foi a partir das próprias diferenças que pudemos nos observar mais e nos conhecer melhor, (re) conhecer nossos limites e nossas possibilidades, com isso, aprendemos a tirar proveito das situações divergentes e discordantes. As diferenças fortaleceram os processos, pois forneceram novas/outras possibilidades nas metodologias do encontro.

O trabalho de campo forneceu todo o enredo desta tese, foi a partir da entrega ao fenômeno que pudemos construir nosso percurso. A cada dia, um novo acontecimento, uma nova interação. Com isso, ficou evidente que:

Os estudos das práticas musicais em geral e das práticas musicais das culturas populares de forma mais específica têm no trabalho de campo uma importante referência, haja vista que tal abordagem investigativa permite a imersão do pesquisador no âmago das manifestações musicais estudadas em contexto, possibilitando uma compreensão acurada de tais fenômenos. (QUEIROZ, MARINHO, 2017, p. 64).

Em diálogo com os objetivos esperados da pesquisa, nos subcapítulos a seguir, descrevo minha ida ao campo e apresento um relato sobre as práticas musicais das pessoas que participaram dos encontros.

Descrevo meu encontro com Maria Lúcia, líder do Movimento de População de Rua, relato a apresentação do bloco “Os invisíveis” no carnaval de Salvador/Ba,¹⁰⁹ além dos momentos de práticas musicais no Movimento de População de Rua e no Programa Corra pro Abraço. Descrevo também sobre a gravação do Cd do Programa Corra pro Abraço, nossos encontros, performances musicais, e sobre todo o período de aprendizagem. Sobre o campo

¹⁰⁹ No dia 07 de janeiro de 2018, no Pelourinho, Salvador/Ba.

realizado no CAPS Gregório de Matos, apresentarei a etnografia no subcapítulo: 3.2.2. Pós-campo.

3.1.1. Maria Lúcia

Toda a potência desta tese (re) começou por meio da incrível força de Maria Lúcia. Eu já conhecia Maria Lúcia Santos Pereira, a partir dos projetos em que trabalhei anteriormente, como o Ponto de Encontro. Mas, por diversos motivos, eu ainda não tinha conseguido me aproximar da sede do Movimento de População de Rua.

Maria Lúcia foi moradora de rua durante muito tempo, e nos últimos anos, dedicou toda sua vida em prol das pessoas em situação/contexto de rua, na perspectiva de garantir acesso a cidadania e direitos para essa população.

Fundadora e líder do Movimento de População de Rua na Bahia, possuía uma brilhante interlocução com seus pares, desde as articulações com as entidades governamentais, até a diálogos contundentes com a sociedade civil. Maria Lúcia sabia como ninguém lutar pela garantia de direitos da população em situação/contexto de rua, uma população que ainda hoje, necessita de políticas públicas eficientes, através de um olhar mais cuidadoso, carinhoso, afetoso.

Nessa busca por garantias de direitos, dentre as suas várias ideias e propostas, uma delas era que fosse construído um banco de dados sobre a população em situação/contexto rua pela Prefeitura de Salvador, a fim de executar políticas públicas mais eficientes para essa população. Em uma de suas falas Maria Lúcia disse:

— *Se não existe a contagem, não existem essas pessoas, nem a verba para trabalhar com elas.*

Ou seja, se não existe um banco de dados e um censo pela Prefeitura, Estado ou Federação, como promover políticas públicas e garantias de direito direcionadas a essa população?

Maria Lúcia recebeu em 2016 a medalha Zumbi dos Palmares, pela Câmara de Vereadores de Salvador, e no mesmo ano, o título de cidadã baiana. Coordenou o Movimento em âmbito nacional, foi produtora de conhecimentos situados sobre a população em situação/contexto de rua, fomentou e lutou diariamente pelos direitos de muitas pessoas que se encontravam em situação/contexto de vulnerabilidade social.

Em muitos dos nossos encontros, dentre outros temas, fomentamos a possibilidade de buscar editais abertos que disponibilizassem verba para projetos nas áreas da saúde, educação e cultura. A ideia era escrever projetos direcionados à população em situação de rua, captar o

financiamento e executar os planos de ação de cada projeto. Essa ideia tinha a perspectiva de movimentar a sede do MPR com atividades educativas, artísticas, pedagógicas, inclusivas, musicais, ou seja, criar ações e investir na/com/para a população em situação de rua. A sede do MPR, além de se manter como um espaço de interlocução política, também seria um espaço para encontros, atividades sócio educativas, artísticas, musicais, culturais, tecnológicas, um espaço de criação e fruição com cursos e disciplinas. Seria uma Universidade da rua, com uma diversidade de ofertas, além da biblioteca, sala de informática, cozinha. Estes planos seguem até o momento. Universidade da rua, ou Universidade Maria Lúcia.

Nos diversos momentos que estive com Maria Lúcia, percebi que suas falas caminhavam na direção da desconstrução das hegemonias ainda vigentes, tanto nas relações sociais e políticas, como nas relações dos afetos e sociabilidades. Extremamente amorosa e determinada, Maria Lúcia transbordava conhecimento e com maestria conduzia e resolvia todas as demandas que envolviam pessoas em situação de rua na cidade de Salvador/Ba. Por meio das suas parcialidades e dos seus saberes localizados, Maria Lúcia rechaçava o conhecimento “CISTemático” que ainda é produzido pelo pensamento cartesiano, positivista e heteronormativo. Haraway comenta sobre essa visão:

Estou argumentando a favor de políticas e epistemologias de alocação, posicionamento e situação nas quais parcialidade e não universalidade é a condição de ser ouvido nas propostas a fazer de conhecimento racional. São propostas a respeito da vida das pessoas, a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo. (HARAWAY, 1995, p. 30).

Infelizmente Maria Lúcia Santos Pereira veio a falecer em 25 de abril de 2018, uma triste quarta-feira, e deixou uma lacuna enorme na liderança do Movimento de População de Rua. O velório aconteceu no dia 26 de abril de 2018, às 16h, no Cemitério Campo Santo, em Salvador.

Maria Lúcia foi uma mulher determinada e a frente do seu tempo. Com um incrível poder de liderança, sonhava com um mundo melhor para as assistidas e assistidos do MPR.

— *A rua não é opção de vida, a rua é falta de opção. A rua, na realidade, é falta de políticas públicas, falta de uma conscientização das nossas gestões, seja municipal, estadual, federal.*¹¹⁰

¹¹⁰ Fala de Maria Lúcia Santos Pereira. Disponível em: <https://jornaldachapada.com.br/2018/04/25/bahia-movimento-de-populacao-de-rua-perde-maria-lucia-amigos-lamentam-seu-falecimento/>.

Muitas instituições, representantes do governo e pessoas da sociedade civil se solidarizaram neste momento difícil para o MPR. Dentre algumas notas que saíram na imprensa sobre o falecimento de Maria Lúcia. Destaco a fala da vereadora de Salvador/Ba, Aladilce Souza:

— *Com grande pesar, recebemos a notícia do falecimento de Maria Lúcia, liderança do Movimento da População de Rua. Uma grande perda de uma mulher lutadora que dedicou a sua vida por uma causa urgente e necessária para os que buscam construir uma sociedade que respeite os direitos e a dignidade humana. Mas a sua luta não morre, continuará viva através de muita gente.*¹¹¹

Em nota¹¹² a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do Estado da Bahia (SJDHDS) também lamentou o ocorrido:

— *Mulher negra, desafiadora e ícone de resistência, Lúcia sempre acreditou na capacidade das pessoas em alcançar seus sonhos e lutou para dar mais dignidade à vida das pessoas em situação de rua. Grande parte das pessoas assistidas pela iniciativa em Salvador e em Feira de Santana também fazem parte do Movimento e possuem afeto e inspiração pela liderança. Sempre disposta a defender os direitos da população de rua, Maria Lúcia colocava as suas opiniões de forma precisa e lutou para contribuir na melhoria dos serviços públicos para aqueles que mais precisam.*

A vereadora Marta Rodrigues comentou:

— *Ela merece muitos aplausos pela sua luta, mas, mais do que isso, ela merece o reconhecimento e o compromisso de todos nós, que lutamos por justiça social, pela continuidade do seu trabalho.*

Em nota o Programa Corra pro Abraço comentou:

— *É com grande tristeza que o Programa Corra pro Abraço, da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do Estado da Bahia (SJDHDS), recebeu, na tarde desta quarta-feira (25), a notícia do falecimento de Maria Lúcia Pereira, líder do Movimento de População de Rua da Bahia (MNPR-BA). Mulher negra, desafiadora e ícone de resistência, Lúcia sempre acreditou na capacidade das pessoas em alcançar seus sonhos e lutou para dar mais dignidade à vida das pessoas em situação de rua. Maria Lúcia esteve em diálogo direto com programas da SJDHDS, como o Programa Corra pro Abraço, voltado para pessoas que fazem uso de substâncias de drogas e estão em contextos de vulnerabilidade social. Grande*

¹¹¹ Disponível em: <https://jornaldachapada.com.br/2018/04/25/bahia-movimento-de-populacao-de-rua-perde-maria-lucia-amigos-lamentam-seu-falecimento/>.

¹¹² Idem.

parte das pessoas assistidas pela iniciativa em Salvador e em Feira de Santana também fazem parte do Movimento e possuíam afeto e inspiração pela liderança. Sempre disposta a defender os direitos da população de rua, Maria Lúcia colocava as suas opiniões de forma precisa e lutou para contribuir na melhoria dos serviços públicos para aqueles que mais precisam. (Corra pro Abraço, 2018).¹¹³

O Movimento de População de Rua, neste momento, segue com uma liderança feita por um Colegiado, composto por quatro pessoas, (Renildo da Silva, Edson da Silva, Luiz Gonzaga e Maria Sueli Oliveira). O momento é/foi de transição, no qual é preciso estabilidade emocional, paciência, amor e carinho para lidar com as demandas que chegam a todo momento na sede do MPR.

Maria Lúcia deixou o legado:

— *Conhecer para lutar!*

Com sua postura firme, porém amável e fraterna, abriu caminho e direcionou ações para que as novas lideranças do Movimento de Rua possam seguir e continuar a luta. Após o estremecimento natural devido ao seu falecimento, as bases do Movimento começaram a se articular novamente, dando continuidade ao legado de Maria Lúcia. Foi a partir das memórias de suas falas e da lembrança da sua presença ativa e carinhosa, com seus discursos empoderados, que renovamos nossas esperanças e desejos por mudanças significativas no dia-a-dia da população em situação/contexto de rua.

A luta é diária por políticas públicas eficientes, e o desejo é que elas realmente cheguem até quem mais precisa. O que fizemos nesse momento difícil, foi dar continuidade aos encontros musicais na sede do MPR, isso colaborou significativamente para o fortalecimento emocional de todos e todas e para a (re) formulação de ideias e planos de ação em prol da luta do MPR. Nossas práticas musicais instigaram novas/outras ações, geraram novas/outras parcerias e colaboraram com as ações do MPR. Como já dito, esta tese é dedicada à sua memória. Agradeço a Maria Lúcia por todo amor e aprendizado compartilhado.

3.2. Chegando ao campo

Tomando como ponto de partida as experiências anteriores, nos trabalhos desenvolvidos entre 2010 e 2014 no CETAD,¹¹⁴ Ponto de Encontro, Projeto Saúde de Cara na Rua, Centro de Acolhimento e Tratamento de Alcoolistas (CATA) e Centro de Convivência

¹¹³ Disponível em: <http://corraproabrac.org/2018/04/nota-de-falecimento-maria-lucia-pereira-da-silva/>

¹¹⁴ Centro de estudos e terapias do abuso de drogas.

Irmã Dulce dos Pobres, retornei ao encontro com as pessoas em situação/contexto de rua através do Movimento População de Rua, do Programa Corra pro Abraço e do CAPS Gregório de Matos.

Em julho/agosto de 2017 comecei a reabertura de campo no intuito de desvendar uma produção musical invisibilizada, uma produção invisível para a sociedade baiana.

— *Quem produz essa música? Onde produz? Quais as suas representatividades?*

Uma das questões importantes para este encontro, além do meu lugar de fala, foi o cuidado ético nas relações. Apesar de já conhecer muitas das interlocutoras e interlocutores, toda atenção e respeito com o próximo foi importante, e sempre será importante. Para tanto, elaborei um termo de consentimento livre e esclarecido,¹¹⁵ um termo de autorização,¹¹⁶ e também, cartas de apresentação¹¹⁷ feita pela Escola de Música e assinada por minha orientadora Laila Rosa.

Minha contrapartida social e meu engajamento, iniciaram-se no momento que cheguei ao campo. Foi a partir dos encontros musicais que desenvolvemos, que pude adentrar no universo de práticas musicais de pessoas em situação/contexto de rua e exclusão social.

No encontro com estas pessoas nesses espaços de cuidado e garantias de direitos, ressaltei na carta apresentação que era bolsista CAPES,¹¹⁸ com isso posto, coloquei-me como impossibilitado de manter vínculo empregatício com os campos de pesquisa, sendo assim, as atividades foram oferecidas gratuitamente sem nenhum ônus para as pessoas participantes e instituições.

A relação que estabelecemos com os/as interlocutores/as de pesquisa é orientada por um local de poder hierarquizado que deve ser considerado no projeto etnográfico. Se, no ambiente acadêmico, nós antropólogas vivemos uma relação relativamente simétrica, quando vamos a campo precisamos nos mover em meio a outras relações de poder. O desafio que se coloca é situar o nosso lugar em meio às relações sociais desenvolvidas em campo e, desta forma, como representar o outro? Qual o modo de se fazer ciência a partir das relações colocadas em campo? Autores como Boaventura de Souza Santos (1989) e Geertz (1997) trazem em seus textos questões epistemológicas importantes referentes ao modo de se fazer ciência levando em consideração a realidade vivida pela/o pesquisadora/o em interação com o contexto de pesquisa. De um lado, Boaventura nos alerta, de maneira mais ampla, falando da ciência de modo geral, do perigo do conhecimento científico em transformar alguns grupos sociais preferencialmente em objetos sociais e outros grupos, os/as cientistas em sujeitos sociais detentores de um saber que lhes atribui poder. A questão trazida por Geertz nos aponta para um debate

¹¹⁵ Ver anexo E.

¹¹⁶ Ver anexo F.

¹¹⁷ Ver anexo C.

¹¹⁸ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

eminentemente da construção do conhecimento antropológico e da sua natureza de ir em busca do ponto de vista dos nativos. Aderindo à proposta da segunda ruptura epistemológica, sugerida por Boaventura, afirmo que o conhecimento científico deve se destinar a transformar o senso comum e transformar-se nele. Ao problematizar e, dessa forma, estranhar o conhecimento científico, seu sentido, sua validade como quadro de verdade, faz uma reflexão do sentido da ciência e exige então que a epistemologia seja submetida à reflexão hermenêutica no sentido de trazer a interpretação múltipla e as múltiplas verdades. (MALHEIRO, 2018, p. 56, 57).

No processo de estranhar os procedimentos e conhecimentos científicos como arautos da verdade, e com desejos de entrelaçar as teorias que estava desenvolvendo com o que acontece na vida real, percebi que precisava dar vazão às epistemologias localizadas, com isso, voltei minhas intenções para o engajamento social, político, para a crítica social e o compromisso ético necessário para atuar no campo.

A sorte foi lançada, não podia mais ficar dentro de salas de aula, era hora de ir para rua. Após um ano já envolvido nas teorias da Etnomusicologia, meu desejo de ir a campo corroía meu corpo, estava exatamente na fronteira da ação, precisava de fato sair das salas da Escola de Música e mergulhar no campo de pesquisa, considerando que: “a dificuldade em estabelecer parâmetros absolutos a serem seguidos no trabalho de campo está relacionada ao fato de que “[...] o trabalho de campo etnomusicológico [e, acrescento, do educador musical], além de ser um tipo de atividade científica, é também uma arte” (NETTL, 1964: 64).” (QUEIROZ, 2010, p. 124, 123).

Com essas angústias fervilhando em minha cabeça, estava em frente à Escola de Música da UFBA, no bairro Canela, em Salvador/Ba, com minha filha Luiza Flor, na época¹¹⁹ com cinco anos de idade. Tinha levado ela para conhecer a Escola e saímos rapidamente para comer um lanche numa banquinha que fica em frente ao CETAD, lugar que, como já dito, também foi escola para minha formação em trabalhos com pessoas em situação/contexto de rua, e/ou com uso abusivo de álcool e outras drogas.

Foi quando pela minha frente, passou uma pessoa vestida com a camisa do Movimento de População de Rua. Eu sei que vestir essa camisa não é para qualquer um, a camisa não é dada, e sim, conquistada. Num pulo da cadeira, imediatamente abordei a pessoa. Era a senhora Maria Sueli Oliveira, coordenadora do Movimento. Mas que sorte a minha! Ela estava indo participar de uma reunião na Defensoria Pública, órgão que fica situado ao lado do CETAD. Neste momento pudemos conversar um pouco e pude lhe explicar por alto qual era minha

¹¹⁹ 2017.

proposta de pesquisa. Trocamos telefones e algumas semanas após este encontro, conseguimos marcar nossa primeira reunião.

Já no Movimento, no dia marcado, com a presença de Maria Lúcia e outros profissionais, como as assistentes sociais do Movimento, eu apresentei minha proposta de pesquisa e fui aceito pela Associação para desenvolver as oficinas de música, o trabalho de pesquisa de campo e toda a etnografia musical, social e visual que pretendia.

A conversa com Maria Lúcia e os profissionais presentes foi muito saudável e encorajadora. Ao final, abraçamo-nos e senti que a parceria seria forte. Depois deste momento, tivemos diversos outros encontros, nos quais sempre conversávamos bastante sobre o futuro do Movimento e das possíveis ações que poderíamos realizar juntos. Como uma grande equipe e família, comecei a atuar como professor de música na sede do MPR, colaborando com outros serviços prestados pelo Movimento.

Depois de abrir o campo no Movimento de Rua, dirigi-me até o Programa Corra pro Abraço. Para o contato eu tive a grande ajuda de meu colega e também doutorando Sérgio Brito, que me concedeu o telefone de Jamile Soares, na época, coordenadora geral do Programa. Marcamos uma reunião em agosto de 2017 e lá também, tive oportunidade em conhecer Trícia Calmon, na época, coordenadora pedagógica e atualmente coordenadora geral do Programa. Em reunião com as duas coordenadoras apresentei meu projeto “Música (in) visível” e também fui aceito como pesquisador.

Pronto, agora sim estava começando a grande viagem e tudo ficou, digamos, mais suave, pois sentia que eu estava num inferno astral por não ter de fato ainda adentrado/retornado ao campo. Depois de um tempo de intensas leituras na universidade, eu me sentia saturado. Foram muitas leituras acadêmicas e sentia/sabia que o momento era da prática de campo, o momento era de realizar uma etnografia musical, intensa e viva. Sentir os gostos, cheiros e sabores, olhar nos olhos das interlocutoras e interlocutores, saber e sentir sobre seus desejos, suas intenções, suas expectativas em relação a tudo, e principalmente, à música.

Os estudos etnográficos se aproximam dos estudos que envolvem os processos educativos pelo fato de ambos trabalharem com o conhecimento individual, respeitando a identidade de cada sujeito social, ou seja, a singularidade de cada indivíduo, instituições, grupos ou programas. A etnografia busca conhecer os fatos em profundidade, de maneira densa, a fim de compreendê-lo enquanto unidade no contexto de suas inter-relações, possuindo assim, amplo interesse na descrição da cultura de um grupo social. (BORBOREMA, 2015, p. 3).

Voltei a atenção para as experiências, afetos e subjetividades das interlocutoras e interlocutores, corri longe das epistemologias hierarquizantes e das epistemologias purificadoras (OCHOA GAUTIER, 2006). A proposta foi uma busca pelas práticas musicais espontâneas, pelos saberes localizados, pelas epistemologias desenvolvidas na rua e nos espaços de vínculos sócio afetivos, em meio às diversas dificuldades de estar em situação/contexto de rua.

A ideia foi produzir conhecimentos situados. Foi a partir das práticas musicais que começamos a romper com a invisibilidade das vozes constantemente ignoradas, pois, “[...] não é mais razoável admitir que a ciência moderna ocidental seja a única capaz de contar uma história verdadeira sobre a organização da natureza”. (HARDING, 2007, p. 166).

Iniciei os encontros tanto na sede do MPR quanto na sede do Programa Corra pro Abraço e percebi que os desejos das interlocutoras e interlocutores eram muitos, desde tocar um instrumento, a poder cantar suas composições, ou de somente estar junto e coletivamente participar dos encontros musicais, passar o tempo, mexer o corpo, cantar e discutir sobre arranjos, letras e ideias musicais, emitir suas opiniões. Desde uma levada rítmica diferente, ou em colocar uma parte da letra em outro lugar da forma musical, cantar as melodias das músicas, trabalhar a respiração, a atenção, ou quando parar para o outro começar a cantar.

Foram movimentos integrativos e participativos, que elevaram naturalmente o bem-estar social e fortaleceram a autoestima. Em tempo, o ato de fazer música também instrumentalizou as pessoas envolvidas em suas práticas, fosse na execução de um chocalho, com o qual a pessoa imprimia o ritmo, colocava suas intenções e mantinha a pulsação, fosse no ato de cantar, na experimentação de linhas melódicas, da análise das letras, da forma da música, do arranjo. Um fazer musical que foi crescendo aos poucos, e com o passar do tempo, percebemo-nos com intenções em ver e ouvir nossas produções executadas nas redes sociais, em outros espaços, por outras pessoas, outras interlocutoras e interlocutores.

Outro tema importante a ser explicitado se refere ao meu envolvimento com as interlocutoras e interlocutores e com todos os aspectos da investigação. Definitivamente para a realização desta pesquisa, o engajamento não podia ser pela metade, como já dito, ou você está dentro e envolvida, ou não está. Não dá para pensar só em música e no fazer musical, sem estar conectado com as pessoas e com tudo que os encontros desencadearam. O importante é/foi estar envolvido com as pessoas nas diversas situações, um processo colaborativo de construções e de enfrentamentos políticos em prol das pessoas que fazem parte da população em situação/contexto de rua.

Nas ações no MPR, desde o primeiro dia de campo, já fui convocado a participar de inúmeras reuniões que tratavam de diversas questões, desde a reformatação do Fórum permanente da população de rua, à participação em assembleias, seminários e ações que foram/são promovidas por outras instituições, como: Defensoria Pública, Assembleia Legislativa e outros grupos e parceiros da rede que atendem a população de rua, fosse por parte da sociedade civil ou governamental.

Na prática de campo no MPR, eu me envolvi diretamente com as questões básicas como moradia, emprego e saúde, e principalmente com os cuidados com o corpo por meio da prática cotidiana da redução de danos, ferramenta indispensável no cuidado no dia-a-dia de pessoas com problemas de uso/abuso de drogas. Todas essas interações fizeram parte dos encontros, das práticas musicais e dos aprendizados semeados nestes espaços.

Com as intervenções musicais na sede do Movimento, e também, com as intervenções de outras profissionais, como psicólogas e assistentes sociais, (re) começamos a oferecer e desenvolver atividades de transmissão (ensino/aprendizagem) para as pessoas que frequentavam a sede do MPR, fosse na área das Artes, Política, Saúde, Ciências Humanas, Ciências Sociais.

No MPR, os encontros começaram a acontecer às sextas feiras, a partir das 15h, a partir de janeiro de 2018, mudamos para às quartas feiras, às 14h. Posteriormente tive que (re) programar os encontros para as quintas-feiras, às 14h, pois no meio de todo meu trabalho de campo, em março de 2018, como já dito, eu fui efetivado como professor EBTT¹²⁰ no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IF Baiano, no Campus Governador Mangabeira, Bahia.

No Programa Corra pro Abraço os encontros aconteceram as terças-feiras, lá já existia um professor de música, seu nome é Adailson Paixão da Silva, 29 anos (2018), carinhosamente conhecido por Dainho Xequerê. Atualmente (2018) estuda no curso de licenciatura em música da UFBA.¹²¹ É professor de capoeira, educador social, redutor de danos e idealizador da Orquestra de Berimbaus Afinados (OBADX).

No Programa Corra, eu participei como pesquisador, e como colaborador nas oficinas de música. Antes do horário das oficinas eu realizava uma atividade mais localizada e individualizada com cada participante, elegendo repertórios e desenvolvendo a criação musical através de práticas de composição. Com o auxílio do violão e de meu arcabouço harmônico,

¹²⁰ Ensino básico, técnico e tecnológico.

¹²¹ Entrou na escola de música em 2016.

experimentávamos sonoridades e harmonias diversas que contemplavam a composição musical de cada participante.

Esse processo colaborou com o trabalho junto ao professor Xequerê, pois, relaxávamos e praticávamos antes da oficina, um pouco de técnica vocal, além de adentramos na leitura das letras já compostas pelos interlocutores e interlocutoras.

Até dezembro de 2017 conseguimos juntos formatar 4 músicas¹²² para trabalhar e ensaiar. Foram elas: “Maloqueiro não” (coletiva e Joilson Oliveira), “Sou a rua” (coletiva), “Correria” (coletiva) e “Um gesto de amor” (Jedilson dos Santos).

Sendo assim, basicamente nestes dois espaços de encontro, desenvolvi práticas musicais que foram desde a apreciação musical, exibição de filmes, conversas sobre usos e abusos de substâncias psicoativas, introdução a elementos musicais como ritmo, melodia, harmonia, discussão de temas diversos, dentre outras práticas musicais em que foi possível cantar e tocar todos juntos.

Algumas interlocutoras e interlocutores se fizeram presentes na maioria dos encontros, outros chegavam e saíam, houve uma rotatividade grande, mas ao mesmo tempo, um alcance enorme, pois estávamos firmes nas práticas musicais, criamos vínculos afetivos e repertórios de estilos variados.

Os encontros normalmente começavam com uma roda de bate papo, onde fazíamos uma reflexão da semana que havia passado, solicitava que cada participante comunicasse para o grupo três coisas boas¹²³ que aconteceram durante a semana. Essa atividade era incrível, pois muitas pessoas só se lembravam de coisas ruins, e quando percebiam que vivenciaram coisas boas, o clima mudava, o sorriso chegava, e o compartilhamento das boas novas enchiam o espaço de leveza e tranquilidade.

Após este momento, caso não houvesse nenhuma outra demanda, seguíamos para uma prática corporal de relaxamento e respiração profunda, seguido de exercícios rítmicos e mnemônicos que colaboraram para o desenvolvimento de diversos parâmetros musicais. Ao final de cada encontro, sempre terminávamos com práticas musicais, cantávamos e tocávamos os temas que iam aparecendo a partir das escolhas individuais e também a partir de algumas sugestões que eu trazia para a roda.

Em 24 de outubro de 2017, comecei o dia com uma reunião no Movimento População de Rua, essa reunião reativou o Fórum da população de rua. Estiveram presentes inúmeros

¹²² Todas as letras encontram-se no anexo B.

¹²³ Dicas certeiras de Laila Rosa.

parceiros, desde o movimento LGBTQIA+, como o Movimento dos sem Teto de Salvador, Coletivo dos Catadores e Recicladores do Estado, dentre outras pessoas, com o intuito de criar estratégias de enfrentamento das questões sociais em jogo.

Pela tarde fui até o Programa Corra pro Abraço, cheguei às 14h e já haviam alguns usuários do serviço no fundo da casa. Quando me viram e avistaram o violão, se animaram e me convidaram para fazer parte da roda de conversa. Prontamente tirei o violão da capa e sem me preocupar muito com o que tocar, puxei um Samba, uma levada ao violão. Como já disse, muitas das interlocutoras e interlocutores já me conheciam devido aos trabalhos anteriores que realizei, mas ao mesmo tempo, eu ainda era um desconhecido para muitas, então a proposta foi criar e/ou aumentar os vínculos a partir do fazer musical, neste processo fui conversando com eles/elas sobre minha pesquisa, que até este ponto, começava a pegar fervura.

O fato é que, na retomada do campo, apesar das experiências anteriores e das minhas intenções como pesquisador, muitas das vezes me perguntei o que realmente eu iria pesquisar, ou seja, apesar de ter traçado meus objetivos, no momento do encontro eu só conseguia tocar e estar junto com todas e todos, um processo de fruição musical, a ideia era tocar, e eu me sentia totalmente incluído quando estávamos cantando, ou esboçando alguma ideia ou tema musical. A minha viagem então se deu em perceber os ânimos, os gostos e desejos musicais, o que era mais atraente? Que música chegava mais no coração destas pessoas? Qual instrumento tinha maior aceitação?

Neste processo, ou bem participava, ou bem observava, foi aí que ficou mais evidente o que se tratava uma pesquisa participante. O interessante foi que comecei a sair do quadrado da proposta de pesquisa e atuei por muitos espaços da rede de atenção, numa espécie de interlocução e mediação sócio política musical, comecei a participar de todos os eventos ligados a população em situação/contexto de rua.

Em 31 de outubro de 2017, pela manhã, o campo foi na Assembleia Legislativa de Salvador, onde ocorreram falas diversas de muitas pessoas em situação de rua, e de pessoas tanto da sociedade civil, quanto do governo.

As discussões foram sobre os investimentos do governo nas instituições que trabalham com usuárias/usuários de drogas. Foi discutido sobre o atual modelo das comunidades terapêuticas que obrigam seus usuários a participarem de práticas religiosas. Este é um problema sério que perpassa a população em situação/contexto de rua, que sim, precisa de cuidados, mas não deve ser submetida a pregações e tratamentos, nem que sejam obrigados a participarem de práticas religiosas. O estado é e deve ser laico.

Outras questões apresentadas na Assembleia trataram da importância de criar uma Lei estadual, que possibilite a existência de redutores de danos em todos os serviços que atendem a população em situação/contexto de rua. Foi exigido um orçamento público para os redutores de danos.

Já na parte da tarde, fui até a sede do Programa Corra pro Abraço, e iniciamos o encontro às 15h, haviam no local 12 pessoas. Após uma roda de conversa começamos a trabalhar algumas células rítmicas na percussão (utilizamos: surdos, bacurinhas e caixas). Desenvolvemos 02 composições: “Correria” (composição coletiva), gênero musical funk e o Rap intitulado “Sou a rua” (composição coletiva). Todas estas duas composições são produtos das interlocutoras e interlocutores que fazem parte desta pesquisa.

No ensaio das músicas, Jedilson dos Santos, 35 anos (2018), jovem compositor beneficiário do Programa Corra pro Abraço, e frequentador do Movimento de População de Rua e de outras instituições, falou da importância de cada participante se concentrar no seu instrumento e na sua célula rítmica.

Jedilson dos Santos também é capoeirista e já trabalhou como motorista e jardineiro (sic). Com a observação de Jedilson dos Santos em função da execução musical, foi possível organizar melhor a massa sonora e assim conseguimos manter o ensaio até o fim. Na ocasião trabalhamos células e levadas rítmicas do Samba-Reggae, do Rap e do Funk.

Em 17 de novembro de 2017 cheguei a sede do Movimento População de Rua às 14h. Desde o primeiro dia, eu sempre estacionava na rua do Tijolo. Essa rua é uma rota de acesso ao Centro Histórico e também passagem de várias pessoas que transitam entre a Avenida J.J Seabra e o Centro da cidade. Ao subir mais um pouco, dobro a esquina pela direita e chego na Ladeira da Rua de São Francisco.

Na subida, avistei acima, já na porta do Movimento, Evandro de Jesus Messias da Silva, 23 anos (2018). Ele traz como meta voltar a estudar e aprender a tocar (sic). Revelou-me que gostaria de ser professor de português, e desenvolver mais a leitura e a escrita, além de atividades como artes marciais e artes. (sic). Evandro de Jesus Messias da Silva me disse que participa do Programa Corra, do Movimento de População de Rua, além de outros dispositivos da rede de saúde.

Ele estava na porta da sede do Movimento com o violão nas costas e com camisa preta de banda de metal. Felizes nos encontramos, e adentramos a sede. Desde o primeiro encontro com Evandro de Jesus Messias da Silva, que aconteceu no Programa Corra, na data 14 de novembro de 2017, ele demonstrou muito interesse em desenvolver as técnicas do violão. Fumamos um cigarro na porta do Movimento, nos entreolhamos e começamos a falar da vida.

Adentramos a casa, falamos com os presentes e começamos a arrumar o espaço para as práticas musicais.

Em seguida chegou D. Conceição Cardoso e junto com ela veio o senhor Almir Bispo de Jesus, 63 anos (2018), ele me disse que já exerceu atividades como torneiro mecânico, encanador, pintor e motorista. Almir Bispo de Jesus é uma pessoa muito carinhosa e extremamente atenciosa. Me informou que deseja voltar a estudar e gostaria de fazer um vestibular. (sic). Os dois estavam numa aula de inglês que acabaram de participar no Centro de Atenção Psicossocial Gregório de Matos.

Neste dia de oficina na sede, apareceram quatro estagiárias de psicologia e realizamos a primeira oficina com todos presentes. Afinal a ideia era, e sempre será incluir e participar. Começamos com relaxamento, seguido de respiração profunda e alongamentos. Sentamos em círculo e nos apresentamos. Cada um narrou suas trajetórias. A cada história de vida, uma emoção diferente, uma reflexão.

Um estagiário começou a perguntar, interrompendo a interlocutora D. Conceição Cardoso enquanto ela nos contava sua história. Eu tive que interceder e solicitei que deixasse ela falar somente o que ela desejasse falar, sem interrupções, afinal era o momento dela, a sua história. A situação não chegou a ser um desconforto, mas ele percebeu que aquele momento não era para tantas perguntas, e sim, para deixar as histórias chegarem à tona.

Quando as interlocutoras e interlocutores terminaram, solicitei aos estagiários e estagiárias que também se apresentassem. Achei curioso que todos se colocaram na postura profissional de psicólogos, eu interrompi e solicitei novamente:

— *Conte sua história, seu percurso. Se você se sentir confortável em fazê-lo, claro. Todos nós estamos aqui agora compartilhando nossas trajetórias, as mais íntimas... você se sente confortável em compartilhar?*

Rimos da situação e tudo correu bem. Mas a última estagiária ao se apresentar, em sua fala, ela mudou de assunto. Sentimos que ela não queria compartilhar, e nos entreolhamos com um pequeno sorriso no rosto. Mas essa atitude também é natural, cada pessoa é uma pessoa. Nesse primeiro momento avaliei como oportuno a presença destas estagiárias, pois foi interessante dialogar com e a partir das diferenças, independente se você está numa posição de profissional da área, as psicólogas, por exemplo.

A questão é que nos encontros de música, todas as pessoas estão a desfrutar de momentos de trocas e de aprendizagem musical, são interlocuções e saberes localizados, subjetividades que emergem e se traduzem em gestos e mudanças de comportamento. Seja você uma pessoa em situação/contexto de rua, ou não, na hora da prática musical o que vale é

sua presença, suas histórias, seus conteúdos, suas dúvidas e sua capacidade em querer aprender, construir e desenvolver algo, neste caso, música – sonoridades.

Nós, como ouvintes e críticos podemos ouvir muito do que os corpos musicais fazem, e em ouvi-lo mais plenamente identificamos melhor a resolução mente/corpo que a música promete, mesmo se sabemos somente com as nossas mentes. (CUSICK, 1994, p. 21).¹²⁴

Foi quando Evandro de Jesus Messias da Silva pegou o violão e começou a tocar, despertando os olhares e a atenção das futuras psicólogas. Terminamos a oficina e solicitei as estagiárias que poderiam convocar outras pessoas da população em situação/contexto de rua para participar dos encontros. Neste dia começamos conhecendo o violão, e houve muito interesse em descobrir como funcionava o instrumento.

Em 30 de novembro de 2017, a atividade no Corra foi trabalhar o tema: “A bola da vez”, música de Joccylee e Toinho do Vale, interpretada pelo Ilê Aiyê. Foi uma sugestão do professor Dainho Xequerê. Neste tema pudemos trabalhar o Samba-Reggae e o Rap. A letra é muito forte. É uma das canções que seguramente representam muitas interlocutoras e interlocutores desta pesquisa. Neste encontro, Alan da Silva Teixeira, 35 anos (2018), estudante e redutor danos, disse-me que prestou o Enem em 2017 (sic). Revelou-me que fez seu curso no Instituto cultural beneficente Steve Biko,¹²⁵ e que no Programa Corra pro Abraço já participou de 4 cursos, inclusive o de redução de danos. Alan da Silva também frequenta outros dispositivos da rede de atenção psicossocial, como os CAPS e o Levanta-te e Anda.¹²⁶

¹²⁴ “We as listeners and critics can hear much of what musical bodies do, and in so hearing we more fully know the Mind/Body resolution which music promises- even if we know it only with our minds. (CUSICK, 1994, p 21). Tradução nossa.

¹²⁵ O instituto cultural Steve Biko foi fundado em 31 de julho de 1992, por iniciativa de professores e estudantes negros e negras que - de forma pioneira - criaram o primeiro curso pré-vestibular voltado para negros no Brasil. [...] O instituto surge, então, buscando a inserção dos negros no espaço acadêmico como estratégia para sua ascensão social e o combate à discriminação racial. A educação do instituto nasce já diferenciada, a partir do resgate dos seus valores ancestrais de seus estudantes, baseado no movimento de consciência negra difundido pelo sul-africano Bantu Stephen Biko na África do Sul. Daí o nome instituto cultural beneficente Steve Biko, escolhido em homenagem a um dos mais ferrenhos combatentes contra o regime de segregação racial do apartheid. Em sua pedagogia, o instituto diferencia-se pela disciplina cidadania e consciência negra – ccn -, que pauta em sala de aula, a autoestima e as lutas do povo negro no combate ao racismo. Na disciplina, estudantes são levados a resgatar a cultura afro-brasileira, destacando a religiosidade, a ancestralidade e trajetória de ativistas referências na luta contra as desigualdades. Com isso, a Biko busca influenciar a postura e pensamento dos jovens negros. Disponível em: <https://www.stevebiko.org.br/sobre-nos>. Acesso em 01/03/2018.

¹²⁶ O Levanta-te e anda é uma ação desenvolvida pela ASA “A ASA – Ação Social Arquidiocesana de Salvador é uma associação, vinculada à Arquidiocese de São Salvador da Bahia, de caráter filantrópico, sem fins lucrativos, de natureza eclesial, vinculada à Arquidiocese de São Salvador da Bahia, voltada para a promoção humana das populações pobres, realiza atividades sociais voltadas para a articulação de entidades e comunidades com vínculo eclesial, dentro da área de abrangência da Arquidiocese. Foi criada formalmente, no mês de janeiro de 2001”. Texto disponível em: <http://levantate.asasalvador.org.br/quem-somos>. Acesso em 01/03/2018.

Na oficina, Alan da Silva ficou no vocal enquanto eu e Xequerê separávamos o grupo em dois: de um lado os percussionistas e do outro um pequeno grupo vocal. Neste dia não utilizamos o violão, e sim, somente os tambores e voz, no verdadeiro estilo do Ilê Aiyê. Aos poucos fomos organizando os naipes e ensaiamos a música por partes. Ao final do ensaio, Jedilson dos Santos me apresentou outra composição. O mais interessante é que os textos de muitas das composições revelam o espaço do Corra pro Abraço como um espaço de acolhimento e pertencimento, e de fato, as atividades propostas colaboram para a socialização e o protagonismo das pessoas envolvidas.

Ao final da oficina, um dos interlocutores, Josuel de Jesus Oliveira, 54 anos (2018), elogiou-me e disse que está gostando das minhas intervenções nas músicas que a galera da rua está fazendo. Josuel de Jesus Oliveira também é frequentador do Programa Corra, e também de outros dispositivos da rede. Em entrevista Josuel de Jesus Oliveira me disse:

— [...] fui menino de rua, tive meu pai presente somente até os 06 anos de idade [...] depois eu fui criado na escola de menores de Paripe, a vila de menores Edson Tenório, cheguei nessa vila aos 10 anos. [...] hoje eu vivo do bolsa família e do aluguel social. [...] Graças ao Corra e ao Caps Gregório de Matos, eu concluí meu ensino médio no colégio Central (noturno). [...] eu não tinha dinheiro pra comprar a roupa da formatura e o pessoal do Caps me deu minha roupa.

Josuel de Jesus Oliveira atualmente não está em situação/contexto de rua, ele mora, através do aluguel social, numa casa na região central da cidade, e paga um valor mensal de 220 reais (sic). Ele me disse que deseja ter mais autonomia, e que deseja ter uma vida tranquila e boa.

— [...] quem me ajudou foi o pessoal do Abrigo de Roma¹²⁷, em 2012, 2013, por ai...

Passados alguns dias de reflexão, eu cheguei à conclusão de que a descrição do campo não é tarefa fácil, é um processo lento e denso, pois a subjetividade rege os encontros, os gestos e olhares. São muitas as sensações e experiências vividas a cada encontro.

Novas perspectivas sobre como se produzir música na rua, da rua e para a rua, se desdobram quando nos entreolhamos e sem dizermos uma só palavra, trocamos sensações de alegria e de realização no fazer musical. São encontros de realidades distintas, cada um com sua trajetória de vida.

A partir das diferenças, nós fazemos/fizemos música, falamos sobre música, sentimos música. As oficinas se transformaram num espaço mágico de aconchego, por meio das quais,

¹²⁷ Rua Frederico Lisboa, Roma. Salvador/BA. CEP:40444-070.

pessoas queridas se conectavam ao encontro, pessoas que apesar das inúmeras questões sociais em jogo, entregaram-se ao fazer musical. Seres musicais que fazem parte da população em situação/contexto de rua. São conceitos que se reestruturam e se refazem.

No dia 05 de dezembro eu cheguei no Programa Corra as 14h e só encontrei o senhor Zeferino Pereira Nascimento, carinhosamente conhecido como “Passarinho”, tem 61 anos (2018), ele me abordou e me disse:

— [...] eu quero ser comediante (sic) [...] Eu quero trabalhar na televisão, no programa “A Praça é nossa”.

O senhor Zeferino Pereira Nascimento não tem profissão (sic), revelou-me:

— [...] sou aposentado como maluco, tomo remédio todos dos dias, e eu moro aqui no centro. [...] eu fui muito namorado, mas sempre usei camisinha, eu me preocupo muito com doenças.

Zeferino Pereira Nascimento adora participar das oficinas, gosta de música, de interpretar, sorrir e de dançar. Eu perguntei se ele tocava algum instrumento e ele começou a batucar no corpo, gesticulando as mãos e fazendo diversos sons com a boca, além da sua risada inconfundível. Me chamou no canto novamente e me disse:

— [...] o importante é saber ouvir e escutar, evite julgamentos.

Ao final do dia apareceu Jedilson dos Santos e ensaiamos duas músicas com ele: “Um gesto de Amor” e “A cultura está em nós”. Todas as duas músicas são composições de Jedilson dos Santos. Conseguimos registrar o áudio no celular do professor Xequerê.

Ao final do dia começamos a esboçar outra música, chamada “Canto a Vida” composição do Sr. Anatólio Cruz Píton, um jovem senhor de 76 anos (2018), que em entrevista me disse que trabalhou com cosméticos na casa “Niasi beleza dos cabelos” e também com a marca “Nívia” (sic). Revelou-me que trabalhou no laboratório “Medir farmacêutica”, e é frequentador do Programa Corra. O sr. Anatólio Píton me disse:

— [...] aqui é a mais doce família, é a família que eu escolhi.

Dia 16 de janeiro de 2018 foi o primeiro encontro após o recesso de fim de ano. Neste retorno ao campo, encontrei na casa do Corra 14 pessoas envolvidas com a oficina de música. A partir deste momento, todo o nosso esforço como facilitadores foi em se concentrar para a apresentação no carnaval da Bahia, que aconteceu no dia 07 de fevereiro de 2018, com o bloco “Os Invisíveis”. Em entrevista o professor Dainho Xequerê comentou:

— [...] estou como arte educador do Corra pro Abraço, do Programa Corra pro Abraço, e desenvolvo atividades de música, oficinas de música na casa do Corra pro Abraço. Existe um processo onde essas pessoas, as pessoas assistidas, que são as pessoas em situação

de rua, passam por essas atividades, e no dia 07 de fevereiro de 2018 nós teremos uma banda pra tocar no carnaval.

Para o ensaio acontecer colocamos à disposição das interlocutoras e interlocutores, instrumentos como surdos, bacurinhas e caixas. Cada um foi pegando seu instrumento e se localizando ao fundo da casa, bem perto da mangueira, que por sinal, estava repleta de mangas maduras. Durante o nosso ensaio as mangas iam caindo no chão e o alvoroço se instalava para ver quem pegava a melhor manga. Mesmo com essa distração gastronômica, construímos uma primeira linha de graves com os surdos maiores, num esquema pergunta e resposta. Pensamos em levadas das marchinhas de carnaval, já que a proposta era tocar com um naipe de sopros no dia da folia, em pleno circuito carnavalesco do Pelourinho.¹²⁸

Depois de experimentarmos algumas levadas rítmicas, começamos a pensar em pequenas convenções para conduzir melhor o tema. Aproveitando a sonoridade da marchinha, focamos no tema musical de autoria do Sr. Anatólio Píton. Iniciamos o ensaio com a música “Canto a vida”, um tema que traz no texto, além da prevenção da gravidez indesejada, propostas de práticas redutoras de danos. Em cima da ideia deste tema começamos o ensaio. Este tema foi o tema carro-chefe na apresentação do carnaval.

Para o trabalho dar certo, percebemos, eu e Xequerê, que a metodologia deveria ter como base a prática da transmissão oral do conhecimento. A Oratura (literatura oral). Ou seja, as levadas rítmicas eram cantadas com a boca por Xequerê e passadas por partes para as interlocutoras e interlocutores. A partir da comunicação oral, as frases rítmicas foram sendo transmitidas e reconfiguradas nos instrumentos. Cantar as frases e depois executá-las se mostrou muito mais eficaz do que a contagem dos tempos. A dinâmica foi o processo experimentar os diversos jeitos de tocar, no esquema de tentativas erro/acerto, o desafio foi conseguir entrar no tempo certo, ou seja, entrar no primeiro tempo do compasso, ou em fazer as pequenas convenções no andamento determinado.

A adaptação do sensorial foi incrível, e muito mais funcional. Já estava impregnada nos corpos as sensações rítmicas. O movimento da transmissão oral se mostrou como um processo de aprendizagem muito eficiente, repleta de afetos e descobertas. Toda vez que adentrava um pouco de teoria musical o fazer música se perdia. A onda era escutar e tocar. Um dos desafios desse dia, foi em executar todas as ideias que tivemos em movimento, ou seja, caminhado pelo espaço da casa carregando os instrumentos a tira colo, pois no dia do desfile, seria dessa forma que aconteceria, caminhado, cantando e sonorizando as ruas.

¹²⁸ Centro histórico, Salvador/Ba.

No dia 22 de janeiro de 2018 ocorreu outra reunião no Movimento de População de Rua, com a presença de diversos representantes da sociedade civil e governamental. Estiveram presentes aproximadamente 25 pessoas, dentre elas: Representantes da Defensoria Pública, a Sra. Carla Pinheiro do Ministério do Trabalho, Sra. Luana Malheiro da RENFA (Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas), Sra. Jeane Freitas, professora da Escola de Enfermagem, Sra. Tânia Nogueira da Rede de Enfrentamento da Violência Contra a Mulher, além das pessoas do MPR. Esta reunião foi o encontro do Fórum da População em situação de rua. Neste dia conseguimos o apoio do Conselho Federal de Psicologia, que apoiou não somente o fórum, mas também o MPR.

As discussões foram se desdobrando em propostas de ações a serem implantadas e realizadas junto à população em situação/contexto de rua, além de criarem uma maior articulação do fórum com as pessoas que vivem nas ruas. No decorrer da reunião chegou-se a seguinte pergunta:

— *Quais ações significativas o Ministério Público está realizando em apoio às pessoas que estão na rua hoje em dia?*

Junto a essa questão foi pensado em se criar uma promotoria especializada para a população de rua. Ou seja, um centro de defesa dessa população e também dos trabalhadores de reciclagem - os catadores. Foi discutido também a representação do MPR, ou seja, articulação com os novos atores sociais.

Na época, Maria Lúcia, líder do MPR, apresentou uma possibilidade da realização de dois seminários para a população em situação/contexto de rua. O primeiro seria para se discutir sobre as mulheres grávidas que estão em situação/contexto de rua, que quando vão para as maternidades públicas do Estado, têm seus filhos retirados compulsoriamente dos seus braços e estes são entregues para adoção. Este é um problema grave e que precisa ser discutido.

A outra proposta de seminário seria a criação de um selo social para empresas que desejassem colaborar com a causa, ou seja, empresas que pudessem colaborar com as pessoas em situação/contexto de rua, gerando ofertas de emprego e renda. Poderiam ser empresas governamentais e/ou privadas. Foram propostas que visaram colaborar para que as pessoas que estão ainda em situação/contexto de rua, melhorem suas condições sociais através da geração de emprego e renda, ou seja, dignidade para as pessoas. Em 24 de fevereiro de 2018, Maria Lúcia disse:

— *[...] eu pude sentir de perto o preconceito da sociedade. Eu cheguei às ruas adolescente, aos 16 anos, e não é bonitinho, nem engraçado, acordar debaixo de chuva, ou*

acordar com os jatos de agua da prefeitura, ou ser espancada por pessoas da sociedade dita normal.

No dia 24 de janeiro de 2018, pela tarde, a atividade no Corra pro Abraço foi uma roda sobre masculinidade. Esse encontro foi tão importante quanto o fazer musical. Neste dia foi possível dialogar sobre questões que envolvem o cotidiano dos homens que fazem parte da população em situação/contexto de rua na cidade de Salvador. Como os homens enxergam as mulheres? A discussão expandiu, e cada um apresentou seu ponto de vista sobre em como exercer sua masculinidade em nossa sociedade baiana.

Neste dia, ocorreu grande reflexão sobre o gênero feminino, e outros. O que elas e eles passam? Quais privilégios se tem em ser homem? E a mulher? E o transexual tem privilégios? Elas e eles têm os mesmos privilégios que os homens? Nesta roda de conversa estavam presentes aproximadamente 25 homens, incluindo eu e Xequerê.

Pudemos falar mais sobre o machismo, sobre relações de gênero, música e sobre as continuidades coloniais. Como atividade complementar solicitei que todos os participantes trouxessem músicas, nas quais as letras apresentassem condutas e questões relativas às relações de gênero.

06 de fevereiro de 2018, foi o último ensaio antes da apresentação no carnaval da Bahia. As expectativas eram muitas. Eu cheguei na casa um pouco atrasado devido ao trânsito congestionado. Ao adentrar na sede do Corra, já fui escutando as levadas rítmicas e a melodia da música “Canto a vida”, do Sr. Anatólio Píton, executada por um saxofonista convidado por Xequerê. Ao fundo da casa, numa roda, estavam todas as pessoas que iriam participar do desfile. Estavam alegres e confiantes de que tudo daria certo, afinal de contas, era o carnaval da Bahia, maior festa popular do mundo. A entrega ao trabalho foi contagiante.

Ensaíamos exaustivamente a marchinha do sr. Anatólio Píton. A proposta foi deixar a parte percussiva forte e tocar com segurança. Tocamos e andamos pela casa com os instrumentos e nos preparamos para o desfile. Ficamos no ensaio até o horário de fechamento do Corra. Ao final, como sempre, todas receberam seus lanches e marcamos para nos encontrar às 14 horas do dia 07 de fevereiro de 2018, na Praça do Elevador Lacerda, Centro Histórico de Salvador.

Dia 07 de fevereiro de 2018, o grande dia. Saio de casa com minha filha Luiza Flor, na época com 6 anos de idade, e juntos fomos participar do bloco “Os invisíveis”. Passei de carro pela frente do elevador Lacerda e só enxerguei a turma do Projeto Axé, que também integraria o desfile. Segui mais a frente em busca de algum estacionamento e na passagem ví

minha turma reunida perto da estátua em homenagem a Zumbi dos Palmares, no Pelourinho, Salvador/Ba.

Parei rapidamente o veículo, cumprimentei todas as pessoas e fui estacionar. Quando voltei, tinha acabado de começar. Me posicionei junto ao grupo e acompanhei o desfile. Todos e todas participantes saíram tocando pelas ruas do Terreiro de Jesus, Salvador/Ba.¹²⁹

Na frente do desfile, estava a turma do Corra: Percussionistas e o naipe de sopros convidado por Xequerê para a ocasião. Ao fundo do desfile veio a banda do Projeto Axé. Neste momento não houve uma boa sintonia, pois eram dois grupos diferentes, projetos diferentes, músicas diferentes e educadores e educadoras diferentes, mas que, naquele momento estavam juntos no mesmo bloco: Os invisíveis.

O fato é que inicialmente não houve entrosamento e isso gerou um certo desconforto a todos, ocorreu um desencontro musical, um desconforto rítmico, quase uma disputa em quem tocava mais forte, com maior volume. Enquanto a banda do Corra tocava a marchinha do Sr. Anatólio Pítton a banda do Projeto Axé tocava outra levada completamente diferente e também seguia forte no volume sonoro.

Nessa hora um dos colaboradores do Corra, Ramon Pereira, veio me pedir para falar com Xequerê sobre a possibilidade em juntar os grupos, mas isso não seria possível naquele momento, e não aconteceu. A solução foi os grupos se afastarem a uma certa distância, e somente assim foi possível cada grupo tocar seus repertórios.

Quando estávamos adentrando a Praça do Terreiro de Jesus, começou a chover. Não foi chuva fraca, foi sim um verdadeiro toró, mas a música não parou, o grupo seguiu forte. Acredito que a chuva veio para acalmar os ânimos e deixar as coisas mais suaves, ao mesmo tempo, acredito que fortaleceu o grupo e isso gerou uma força musical incrível, repleta de expressão musical e sentimentos colocados em cada batida no bumbo.

A música “Canto a Vida” foi executada pelos sopros e por vozes espalhadas na multidão. Seguimos para outra praça do Pelourinho, a Praça Quincas Berro d’Água.¹³⁰ Pelo

¹²⁹ “Nos primeiros anos da década de 1550, na época da fundação de Salvador pelo Governador-Geral Tomé de Sousa, os jesuítas receberam do governador uma área a norte da nova cidade, na qual os padres da ordem liderados por Manuel da Nóbrega construíram uma primeira capelinha de taipa e o primeiro edifício do Colégio dos Jesuítas da cidade. Devido à presença dos padres da Companhia de Jesus, o largo em frente passou a ser conhecido como “Terreiro de Jesus”. O edifício do colégio da companhia foi concluído em 1590”. Praça Terreiro de Jesus, Pelourinho, Salvador – Bahia. Fonte: <http://www.pelourinhodiaenoite.com.br/terreiro-de-jesus>. Acesso em 04/03/2018.

¹³⁰ Inspirado no nome do protagonista de “A Morte e a morte de Quincas Berro d’Água”, do escritor Jorge Amado, o largo dá espaço a apresentação de shows e espetáculos de diferentes gêneros. R. do Açouguinto, 12, Pelourinho, Salvador - BA, 40025-180. Fonte: <http://www.pelourinhodiaenoite.salvador.ba.gov.br/largo-quincas-berro-dagua>. Acesso em 04/03/2018.

percurso apareceram turistas, transeuntes, visitantes e moradores do bairro, que aos poucos foram entendendo a proposta musical atrelada aos programas sociais. Fixei minha atenção também na receptividade do público, e percebi o interesse de muitas pessoas em saber o que estava acontecendo ali. Ouvi algumas perguntas:

— [...] *quem são essas pessoas? O que estão tocando?*

Perguntavam entre elas e eles:

— [...] *são moradores de rua?*

Sim, são pessoas em situação/contexto de rua, e/ou alguns, usuários de drogas, que frequentam o Programa Corra pro Abraço, o Movimento de População de Rua e outros dispositivos da rede e que ali estavam fazendo a alegria de toda uma população carnavalesca.

A chuva não parou, mas a percussão também não. Os músicos percussionistas se mantiveram firmes e a turma do sopro não se intimidou, e tocaram com expressão. Na praça, destino final do desfile, em plena chuva, enfim ocorreu a união musical entre os projetos. Isso deveria ter acontecido no início do desfile, mas o fato é que se não foi no início, fiquei feliz que tenha acontecido ao final.

Na praça aconteceu a integração musical entre os dois projetos sob a regência do professor Xequerê. As melodias do Corra se juntaram ao som do Projeto Axé. Sim, foi lindo de se ver, de ouvir e de sentir. Eu e minha filha Luiza Flor, a essa altura já estávamos ensopados de água de chuva, mas a felicidade foi completa e não parávamos de dançar. Ao final do desfile todos receberam lanches e os integrantes da banda do Corra receberam uma ajuda de custo, no valor de 50 reais. Esse momento foi celebrado, pois ninguém sabia que iria rolar um dinheiro.

Depois da explosão de sonoridades da rua para a rua, os olhares e expressões dos/das integrantes eram de felicidade e de alegria por terem participado e realizado um desfile no carnaval da Bahia, uma ação significativa em meio a tantas dificuldades diárias que elas e eles passam, não tenho palavras para descrever a emoção, ou melhor, as emoções. Ao final, o projeto levou todos e todas para a sede do Corra e de lá cada um se encaminhou para seus territórios.

Nos dias 20 e 27 de fevereiro de 2018, concentramo-nos na sede do Corra para realizar uma avaliação da atividade do desfile do carnaval. Alan da Silva comentou:

— [...] *olha, três ensaios, não é nada, mas aconteceu né? Mas a gente precisa ter mais condições pra fazer coisas como essa acontecer. Falo de alimentação, comida de verdade... suco de caixa e merenda não sustenta ninguém, você tocar andando carregando tambor. [...] falta também o transporte.*

Josuel de Jesus Oliveira, completou:

— [...] *O serviço precisa ampliar a oferta, eu sei que houve evolução, sim, houve evolução, houve melhorias no fazer a música, os ensaios... Mas somos diferentes, tem gente aqui que nunca teve pai e mãe, já nasceu na rua, você está me entendendo?*

O professor Xequerê comentou sobre questões burocráticas, institucionais e sobre as demandas e dinâmicas que são geridas e realizadas pelo Programa. Uma das demandas, seguramente seria o registro das músicas trabalhadas nas oficinas num Cd autoral. Após o desfile no carnaval da Bahia esse desejo começou a ficar mais perto de ser realizado.

Foi um desejo que se misturou perfeitamente com meus objetivos de pesquisador no Programa Corra pro Abraço, quando, desde minha chegada, apresentei à coordenação geral minhas intenções de realizar um registro audiovisual de todo o processo. Inicialmente a gravação de um disco e posteriormente um documentário etnográfico. A possibilidade do registro audiovisual ficou para um acerto futuro, no entanto, o registro fonográfico se apresentou como uma realidade próxima.

Desde o início da minha participação no Programa, instiguei a possibilidade em gravarmos um álbum musical, inicialmente pensei que poderíamos fazer através de editais, mas acabou acontecendo através de parcerias institucionais.¹³¹

Portanto, após o desfile, o desejo de registrar as músicas num Cd aflorou. Xequerê falou do engajamento necessário para realizar e continuar produzindo conhecimentos com/para pessoas em situação de rua e seguiu reforçando que sim, que iríamos gravar as composições dos/das integrantes num Cd com 8 faixas musicais, todas composições autorais.

O Sr. Anatólio Píton pediu a fala e discorreu sobre a importância do Cd como um veículo de divulgação para mostrar para a sociedade valores que estão escondidos. Silvano Santos de Oliveira, 38 anos (2018) um dos integrantes que também frequenta o CAPS Gregório de Matos, o Corra, e os encontros no MPR revelou:

— [...] *A galera teve compromisso, todo mundo chegou no horário apesar da dificuldade em ter que tocar na chuva, né? Mas deu tudo certo! Eu quero dizer que já fui integrante do bloco Muzenza e também do Ilê Aiyê, atualmente toco no grupo Tambores do mundo. [...] olha... morador de rua também tem conhecimento, a gente tem trajetória, a onda é saber se dar com o outro, e parar com as reclamações.*

Eu também fiz a avaliação. Primeiramente dei parabéns a todas as pessoas que se dedicaram a realizar esse feito e depois comentei sobre a importância em nos mantermos fortes

¹³¹ Apresentarei esses relatos no subcapítulo “3.2.1. Silêncio no estúdio... Gravando”.

nos encontros musicais, tanto no Programa Corra pro Abraço, quanto no Movimento População de Rua.

Avaliei como produtiva a participação no carnaval, e que sim, elevou muito a autoestima dos que fizeram parte do evento. Como músico profissional, falei das dificuldades de tocar na cidade e que quando aparece uma boa oportunidade, temos que agarrar e fazer o melhor possível.

A dedicação e o empenho foram ferramentas importantes para a transformação. Somente com afino e determinação o grupo pode realizar o desfile musical no carnaval da Bahia, e seguramente essa ação fomentou a real possibilidade em adentrarmos um estúdio de gravação e realizar a confecção do Cd do Corra pro Abraço.

A proposta é a construção de um Cd que possa revelar em sua sonoridade, afetos e subjetividades de pessoas que estão em vulnerabilidade social. Um fazer musical localizado e sensível que pode colaborar como interlocução política e como crítica social. Que possa nos fazer refletir e repensar os lugares de privilégios, que colabore com a luta antirracista, antissexista. Músicas que adentrem nossos corpos, ideias e espírito. Acredito que a gravação deste primeiro Cd fortalecerá mais ainda todos os nossos vínculos. Nós fazemos música, nós dançamos, sorrimos, cantamos, compomos, somos a materialidade musical.

Depois do carnaval de 2018, continuamos a ensaiar as músicas e nos preparamos para a comemoração do aniversário do Movimento de População de Rua que aconteceu no dia 21 de março de 2018 na praça Marechal Deodoro, popularmente conhecida como “Praça das Mãos”¹³², em Salvador/Ba. O evento contou com a presença de diversas outras entidades, além de representantes do Ministério Público da Bahia.

No dia anterior, 20 de março, cheguei a casa do Programa Corra pro Abraço às 14h:30min e já haviam no local 14 pessoas aguardando o início da oficina. Obviamente a proposta era ensaiar os temas e criar uma performance musical para a festa do Movimento População de Rua.

O melhor de tudo é que a galera adora os instrumentos de percussão, ou seja, se tem instrumentos, todo mundo quer tocar. Isso é muito bom, pois assim conseguimos manter uma

¹³² Em 2000, a Praça ganhou o Monumento das Nações, uma escultura de mãos entrelaçadas, com referência ao elo cultural entre a América do Sul e Central e a Península Ibérica. É uma homenagem da Associação Ibero-americana de Câmaras de Comércio (AICO). O trabalho é do artista plástico Kennedy Salles, feito em granito e fibra de vidro, com 3,9 m de altura. A Praça funciona atualmente como terminal de ônibus e é ocupada por vários moradores de rua. Disponível em: <http://www.salvador-antiga.com/comercio/cais-ouro/cais.htm>.

boa vibração e uma fonte sonora forte, com expressão e sonoridade. Neste dia ensaiamos as composições e combinamos de nos encontrarmos na “Praça das Mãos” no dia 21 de março.

Dia 21 de março, cheguei na praça às 9h da manhã e já estava lotada de pessoas. Gente de diversos territórios ali estavam para homenagear o Movimento de População de Rua. Foi reservado um pequeno palco para nossa performance. No entanto, houve uma pequena desorganização no evento e com isso muita demora para a nossa apresentação.

Não contávamos com caixas de som adequadas, tínhamos somente a percussão e uma caixa amplificadora que trouxemos do Corra. Eu levei minha guitarra e pude plugar nesta caixa, mas a potência era muito baixa para atender uma praça daquele tamanho. Pelo menos, a voz, conseguimos que saísse de um sistema de som que foi organizado para outra banda/grupo. Apesar da desorganização, apresentamo-nos e fomos até o final com nossa performance. Tocamos todas as músicas propostas e finalizamos o evento com dignidade e alegria.

Já na semana posterior recebemos uma notícia que nos deixou muito animados, soubemos que iríamos gravar o tão sonhado disco do Programa Corra pro Abraço. Todo mundo foi pego de surpresa, enfim, a perspectiva de se produzir um disco era real. A notícia em gravar o disco do Programa Corra pro Abraço, enfim, consolidou-se.

3.2.1. Silêncio no estúdio... Gravando

Após quase treze meses de oficinas recebemos a notícia que iríamos gravar as músicas que trabalhamos nos encontros musicais, através de uma parceria efetivada entre a Secretaria de Justiça do Estado da Bahia e o estúdio do Bloco Ilê Aiyê. A alegria em receber a notícia contagiou a todos e todas envolvidas, por fim, poderíamos materializar e divulgar em formato físico e digital as músicas que tanto embalsamaram as tardes de oficinas com o professor Xequerê, educadores/as sociais, técnicos/técnicas e os/as beneficiários/as do Programa Corra pro Abraço.

As gravações aconteceram entre os dias 02 e 13 de abril de 2018. A expectativa de todos e todas estava alta. Ansiedade, euforia e um pouco de nervosismo, mas isso é natural em qualquer trabalho musical que se tem desejo de realizar. Adentrar o estúdio do Ilê Aiyê, na Senzala do Barro Preto, no bairro do Cururu/Liberdade¹³³ parecia um sonho. Com amor e dedicação as pessoas que fizeram parte das oficinas de música adentraram um novo universo, o estúdio do Ilê Aiyê, para gravar suas composições e registrar suas práticas musicais.

No dia 02 de abril de 2018, antes do meio dia, cheguei ao estúdio para auxiliar o

¹³³ Salvador/Ba.

técnico de som Israel Barão a arrumar o local, ou seja, montagem e passagem de som. Escolhemos os microfones, os posicionamos na sala e testamos todas as vias de comunicação e monitoramento que seriam necessárias para realizar a gravação. Depois de ter deixado tudo pronto, os/as aguardei na entrada principal, um corredor que leva até o estúdio, que fica aos fundos do prédio da Senzala do Barro Preto/ Ilê Aiyê.

A turma chegou no período vespertino junto com os educadores sociais e redutores de danos, além de uma assessora de imprensa do Programa. Já na chegada percebi o entusiasmo estampado nos rostos dos/das participantes, era a alegria e orgulho de poder materializar/registrar todo um trabalho que foi cuidadosamente e carinhosamente desenvolvido nas oficinas.

Já no estúdio eu e o professor Xequerê descemos até a sala de gravação e fomos apresentando as dependências. Explicamos tudo sobre o estúdio e sobre o processo de gravação. Apresentamos os microfones, falamos sobre acústica e sobre a importância de se ter salas isoladas com materiais acústicos. Apresentamos os fones de monitoramento e discutimos sobre como seria a melhor forma de executar os tambores na hora da gravação.

O objetivo foi encontrar a suavidade, precisão, leveza, harmonia, sincronicidade rítmica, groove,¹³⁴ balanço e transformar tudo isso em estruturas sonoras de poder. Estávamos ali para registrar parte do processo que trabalhamos e desenvolvemos nas oficinas, não necessitávamos de arranjos elaborados, a proposta foi gravar com a maior organicidade possível as práticas musicais vivenciadas.

Se a afinação não chegava ao ponto certo, essa seguramente não foi uma preocupação, pois estávamos ali realizando um registro de vida, no qual a participação efetiva e afetiva era/foi mais importante que a nota alcançada dentro de um sistema tonal de afinação. Não estávamos produzindo algo para a indústria musical, muito menos estávamos registrando algo dentro de conceitos standardizados, por certo, as cantoras e cantores do disco não são músicos profissionais, mas lá estavam criando e vivenciando um ambiente de participação musical e artística. *Musica participativa*. (TURINO, 2008).

Foram os/as beneficiários/as do Programa que executaram os instrumentos de percussão, para tanto, foi fundamental explicar sobre a relação de “força” na hora de executar um instrumento, na hora do ataque. Nesse momento, trabalhamos dentro do estúdio a precisão

¹³⁴ “É bastante usada no contexto da música, indicando quando os sons encaixam ou combinam de forma satisfatória. No caso específico da bateria, o groove é descrito como um padrão rítmico. Um dos exemplos mais comuns de groove é a combinação da bateria com um baixo”. Disponível em: <https://www.significados.com.br/groove/>.

do toque e a sensibilidade. Explicamos que os bons microfones que ali estavam e os pré-amplificadores fariam o trabalho de amplificação.

Com os tambores afinados e regulados, as sessões de gravação ficaram definidas em: três surdos, bacurinha, duas caixas e timbal. Construímos uma performance de execução baseada em perguntas e respostas. Eu e Xequerê conduzimos os/as músicos/as e aos poucos a energia foi ficando cada vez mais forte e todos e todas mais confiantes. Conseguimos criar uma onda de sintonia fina no processo da execução para gravar. Ou seja, o entendimento e diferenciação de que tocar na rua, no carnaval de Salvador, era uma coisa, lá precisava ser forte, mas gravar no estúdio necessitaria o estabelecimento de uma nova relação, isso exigiu maior sensibilidade e gerou possibilidades de aprendizado fino sobre as dinâmicas de intensidade e também sobre dinâmicas de andamentos.

No primeiro dia conseguimos gravar duas guias com voz e gravamos as percussões com os assistidos e assistidas tocando. Foi incrível ver a maturidade e o entendimento sobre o processo de gravação. Pessoas que nunca adentraram um estúdio na vida, comportaram-se como músicos experientes, generosos e delicados, pois entenderam a relação microfone e amplificação e souberam executar os toques nos tambores de tal forma, que a captação ficou com excelente qualidade. A energia foi contagiante, durante essa semana gravamos mais de seis temas musicais, basicamente percussão, violão e voz.

No decorrer da semana definimos¹³⁵ os detalhes dos arranjos e os andamentos. Apesar de já termos boa parte dos arranjos prontos, algumas mudanças aconteceram na hora da gravação, mas esse é um processo natural e faz parte do trabalho. A energia estava lá, sorrisos e autoestima em formas de batidas e harmonias musicais. Fizemos uma linha de percussão com dois graves, bacurinha e caixas, no bom estilo Olodum/Ilê Aiyê. Executamos os temas com paciência, dinâmica e precisão rítmica. Claro que em alguns momentos a sensação rítmica flutuava um pouco, mas era momentâneo, depois de algumas vezes passando a música junto ao metrônomo, os corpos se adaptavam e mantinham a pulsação. Vale salientar que muitas vezes músicos profissionais não tem uma boa relação com o metrônomo, imagine pessoas que nunca tocaram com um metrônomo? Acredito que o encontro com este equipamento foi um dos grandes desafios na hora da produção das músicas, mas o desejo e a sensibilidade falaram mais alto e tudo deu certo. Para a satisfação de todas e todos presentes no Ilê Aiyê a parte rítmica ficou brilhantemente gravada, afinada e cheia de balanço.

¹³⁵ Os/as músicos/as e os produtores musicais do disco: Eu, o professor Xequerê e Israel Barão.

Eu e Xequerê chegamos à conclusão de que vivenciamos um lindo e intenso processo de educação musical. Um processo conquistado no dia-a-dia, através das oficinas, conversas, escutas, olhares, práticas musicais localizadas e sensíveis, que deram a direção do trabalho e que nortearam todo o processo de ensino/aprendizagem e gravação. Muitas vezes, eu e Xequerê nos olhávamos e comentávamos com o técnico Israel sobre a execução dos tambores e dos outros instrumentos de percussão. Comentávamos que a pulsação e a dinâmica estavam tão boas, que no processo de ouvir o que gravávamos, sentíamos uma vibração como se estivéssemos gravando com músicos experientes, parecia que estávamos diante de músicos profissionais, habituados em gravar, experientes em estúdio. Uma intimidade natural foi desenvolvida de forma muito espontânea. O desejo de registrar as obras musicais energizou o ambiente. Perguntas como:

— [...] *ficou bom?*

— [...] *posso fazer de novo?*

— [...] *acho que posso fazer melhor!*

— [...] *quero repetir essa voz!*

— [...] *somos nós aí tocando? [...] eu não acredito!*

Essas perguntas e situações emergiram nos momentos da gravação.

Durante as gravações eu transitei entre a sala de gravação e a sala técnica, eu e Xequerê decidimos ser melhor que ele conduzisse a parte da percussão na sala de gravação e eu e Israel ficássemos na técnica desenhando as ideias musicais e sentindo como o som ficaria registrado. Toda a gravação se baseou no processo de sentir a pulsação, o encontro com o metrônomo, o andamento, a tonalidade, a forma, as expressões ao cantar, ao tocar, as dinâmicas de intensidade. Enquanto tudo isso acontecia, simultaneamente nos olhávamos enquanto tocávamos, era o processo de ouvir e sentir como ficaria melhor, ou seja, tudo que envolve uma produção musical.

Repetimos várias vezes as faixas até encontrarmos o registro ideal. Não foi uma busca pela perfeição, mas sim, por um trabalho que demonstrasse além de toda dignidade já inerente, apresentasse uma linda performance musical. Na sala técnica, também executei a parte harmônica com o violão, e acompanhei os/as cantores/as. Gravamos juntos as guias: voz e violão com a percussão para criar uma pulsação contagiante. O processo de construir a guia de cada música foi fundamental, ela nos ajudou com os arranjos, com a forma da música, com os andamentos e principalmente com as tonalidades. Com a estrutura desenhada de cada música, ficou mais tranquilo prosseguirmos com as gravações. Foram duas semanas de intensa

produção musical e também de geração de conteúdo para a vida dessas pessoas. Utilizamos em média 40 horas de estúdio para gravar 8 faixas.

Além das pessoas que participaram das oficinas na sede do Programa, também gravamos os jovens assistidos pelo Programa em Itinga, na cidade de Lauro de Freitas. Estes jovens construíram uma música que foi considerada como o hino do grupo. Esta foi a única faixa em que não toquei o violão na gravação, já que, um dos jovens já havia construído toda a linha harmônica e estava presente na hora da gravação. Obviamente optamos em gravar com ele tocando o instrumento. Para esta faixa fizemos arranjos vocais e gravamos diversas vezes até ficar bom para o resultado final.

Durante as gravações do disco eu aproveitei o momento e chamei amigos e amigas parceiras que trabalham profissionalmente em Salvador com captação de imagens, a Sow digital e Apoena Serrat, para me auxiliarem na captação do audiovisual. A imprensa local, Tv Educadora e Rede Bahia, também fizeram registros e publicaram matérias sobre a gravação. Na página do Programa Corra pro Abraço também se encontra uma matéria sobre esse momento. Abaixo, encontra-se a matéria.¹³⁶

[...] se engana quem pensa que morar na rua é um impedimento para o despertar da criatividade humana. Muito pelo contrário. Prova disso são as pessoas em situação de rua assistidas pelo Programa Corra pro Abraço, da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social da Bahia (SJDHDS), que realizam neste mês de abril um grande sonho: a gravação de um álbum com canções compostas por elas. São letras sobre os desafios enfrentados nas ruas pela “maloca”, mas, sobretudo, sobre como mesmo com a invisibilidade imposta pela sociedade, conseguem driblar as adversidades e sobreviver no “mundão”. Os 20 – agora – arte, que se dividem nas tarefas de percussionistas e cantores, estão gravando nesta primeira quinzena de abril no estúdio do Bloco Afro Ilê Aiyê, que, por meio de um diálogo com as Superintendências de Políticas sobre Drogas e Acolhimento à Grupos Vulneráveis (SUPRAD) e de Direitos Humanos (Sudh), topou entrar na parceria para registrar através da arte da música, as realidades e cotidianos destas pessoas. “O estúdio é de qualidade internacional. Vai ficar muito bom o CD que terá oito faixas, sendo algumas de composição coletiva e outras exclusivas”, adianta Trícia Calmon, Coordenadora Geral do Corra pro Abraço. Uma das faixas será preenchida pelos jovens assistidos pelo Programa em Itinga, em Lauro de Freitas, que também compuseram uma canção considerada o hino do grupo em 2017, primeiro ano de atividades. A juventude é um dos públicos acompanhados pelo Corra em Salvador e Lauro de Freitas, além das pessoas em situação de rua e das encaminhados das audiências de custódia. Entre as faixas escolhidas estão: “Maloqueiro Não”, “Correria”, “Sou a rua”, “Um gesto de amor”, “Meio da rua”, “Canto a vida”, “Tributo a Salvador”, e uma ainda a ser definida. “A possibilidade do registro é fantástica, porque as falas dos assistidos nos mostram como eles tomam

¹³⁶ Disponível em <http://corraproabraco.org/2018/04/pessoas-em-situacao-de-rua-assistidas-pelo-corra-pro-abraco-gravam-album-no-estudio-do-ile-aiye/>.

consciência de que não precisam aceitar serem rotulados como usuários de drogas ou sofrerem com estigmas e coisas correlatas. Essa ação é também uma estratégia de redução de danos. Eles e elas aprendem coisas novas, utilizam o tempo para coisas produtivas, revelam talentos e reafirmam para a gente o quanto vale a pena fazer um trabalho desse e investir”. “As emoções estão à flor da pele. A galera está super encantada com tudo! Com o estúdio, com o metrônomo, com o fone que coloca no ouvido e consegue ouvir a pessoa na outra sala, que tem um vidro que impossibilita a passagem de som. De se ouvir depois de ter gravado e dizer ‘rapaz, parece até o som do Olodum, do Ilê Aiyê’. Muito massa! A galera está amando o momento, com bastante paciência que é necessário”, conta Dainho Xequerê, músico e arte-educador do Corra pro Abraço responsável pelo apoio na organização do álbum com os assistidos. Para Lidineia De Oliveira, de 36 anos, a experiência está sendo inexplicável. “Nunca imaginei gravar um CD em um estúdio. Músicas que contam a realidade da maloca, da favela mesmo, da galera da rua. Uma mistura! Que esse álbum alcance e mude a vida da galera. Que chegue nos ‘grandão’ também né, que sabem que a gente vive na rua e precisa ter visibilidade e quer vencer”, disse a vendedora de picolé que está no grupo da percussão. [...] está sendo acompanhada pelo Corra pro Abraço há sete meses. “Fiquei na rua alguns meses, mas agora Deus mandou o Corra. Minha vida melhorou. Não estou ficando mais na rua. Tô com a cabeça sempre ocupada”, revela a assistida que está morando com uma tia e também é acompanhada por um Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS). Para CBS, 42 anos, acompanhado pelo Corra pro Abraço há quatro anos, compositor de uma das canções do CD, essa é uma oportunidade também de contar a ação feita no Programa. “A existência de vocês para nós, o desenvolvimento que vocês tão fazendo a gente ter aqui. Nem todos os projetos tem isso que aqui tem e o respeito que temos aqui com vocês. Foi por isso que escrevi ‘chegamos para somar, multiplicar, não diminuir. No meio da rua, a nossa história. Não diga que não tem nada a perder, porque existe um dom dentro de você’ ”. Com apoio da iniciativa, ele já conseguiu auxílio aluguel e, também, voltar aos estudos, por meio de parceria do Corra com a Secretaria Municipal de Educação. “Agora a tendência é melhorar. Voltei a estudar. Estou na sexta série. Está sendo bom, às vezes tenho alguns empecilhos, mas tenho que persistir”, conta o compositor. A intenção do Corra pro Abraço é lançar o álbum no segundo semestre deste ano, com um livro sobre as práticas estratégias de redução de danos utilizadas pelo Programa em três cidades: Salvador, Lauro de Freitas e Feira de Santana. A iniciativa tem como objetivo promover cidadania e garantir direitos de pessoas que fazem uso abusivo de drogas em contextos de vulnerabilidade, ou afetadas por problemas relacionados a criminalização das drogas, baseado nas estratégias de Redução de Danos físicas e sociais, aproximando seus beneficiários das políticas públicas existentes uma vez que o estigma e as desigualdades interferem em suas capacidades de busca, acesso e acolhimento pelos serviços públicos. (Beatriz Lima, Corra pro Abraço, 2018).¹³⁷

¹³⁷ Disponível em <http://corraproabraco.org/2018/04/pessoas-em-situacao-de-rua-assistidas-pelo-corra-pro-abraco-gravam-album-no-estudio-do-ile-aiye/>. Acesso em 21/07/2018.

Figura 1. Dia da gravação do Cd do Corra pro Abraço.



Foto: Colaborador do Programa Corra pro Abraço.

De acordo com a informação que me foi passada pelo técnico de som Israel Barão, esta foi a primeira vez que o estúdio do Ilê Aiyê, após anos de seu funcionamento, abriu as portas para outro projeto social, fora do âmbito do próprio Ilê Aiyê. E fiquei feliz em perceber que essa iniciativa aconteceu junto as pessoas em situação/contexto de rua.

A feitura deste Cd possibilitou (trans) formações que colaboraram para o aumento da autoestima e bem-estar das pessoas envolvidas e seguramente se transformou numa importante realização para o projeto de vida de muitos e muitas assistidas pelo Programa.

Todos e todas exerceram um papel importante no processo, minha atuação foi de forma colaborativa, engajada e afinada com os pressupostos epistemológicos da Etnomusicologia que me banho e proponho, ou seja, colaborar desde o início da pesquisa com devolutivas engajadas. Participei do Cd como músico, produtor, arranjador e diretor musical nas horas de gravação junto ao amigo, parceiro e também produtor e diretor musical Xequerê. Colaborei nas oficinas na construção dos arranjos, harmonias, formas musicais, na escolha das tonalidades, andamentos, texturas, jeitos de se fazer, de cantar, de tocar, respirar, relaxar, jeitos de gravar. Me senti muito realizado e orgulhoso com essa produção.

Figura 2. Primeiro dia de gravação no estúdio do Ile Aiyê.



Foto: Colaborador do Programa Corra pro Abraço.

Ao final do mês de julho de 2018 recebi a ligação de Xequerê para retomarmos as gravações. Neste segundo momento, dedicamos nossa atenção para gravar as peças que faltavam, ou seja, a guitarra, o violão, as percussões finas, o baixo e/ou alguma ideia que acontecesse na hora e que ficasse legal. Desta vez as gravações aconteceram no estúdio pessoal do técnico de gravação Israel Barão, localizado no bairro do Santo Antônio Além do Carmo¹³⁸. Nos encontramos nas duas primeiras semanas de agosto de 2018,¹³⁹ foram dias intensos e produtivos.

Durante o processo, escutamos tudo que havíamos registrado no estúdio e partimos para finalizar o trabalho com um pensamento que avaliamos ser condizente com a proposta, ou seja, não criar nada muito elaborado, ou muito complexo. A ideia foi deixar tudo o mais próximo possível da intenção construída durante as oficinas. Fiz as linhas de violão, contrabaixo e guitarra em quase todas as faixas, além de um sintetizador/moog em algumas faixas. Xequerê gravou o pandeiro, o berimbau e efeitos diversos de percussão. Israel, que também é músico, acabou participando e executou o baixo e o sintetizador/moog em uma das faixas. Finalmente chegamos ao produto final.

¹³⁸ Salvador/Ba.

¹³⁹ Juracy do Amor, Dainho Xequerê e Israel Barão.

Seguramente será importante fazer um lançamento desta realização. Mas a questão agora é que entramos na fase de eleições no Brasil, (outubro de 2018) tudo parou, inclusive o Programa Corra pro Abraço, que teve que dar aviso prévio aos seus colaboradores, e trabalha atualmente (2018) em modalidade de contrato especial. Mas tudo aos poucos foi voltando ao normal e agora aguardo as próximas decisões do Programa Corra pro Abraço para dar continuidade ao processo.

Uma questão apareceu durante o processo, algumas músicas gravadas começaram a circular como mensagem entre os/as colaboradores/as do Programa Corra pelo aplicativo *Whatsapp*. Israel Barão liberou algumas faixas para apresentar aos/as técnicos/as e colaboradores/as do Programa Corra pro Abraço, e lógico que chegou até os ouvidos dos/as compositores/as e participantes da gravação, e daí surgiu a pergunta:

— *Por que eu não posso ter essa gravação?*

Perguntou-me Jedilson dos Santos em uma das oficinas que realizei no Movimento de População de Rua de Salvador. Eu lhe disse que apesar dele ser o compositor, interprete e músico de algumas das faixas do disco, ele não é o produtor fonográfico do Cd, ou seja, quem financiou o Cd. Portanto, o Programa Corra pro Abraço, junto com a Secretária de Justiça são os proprietários do fonograma. Com isso posto, comentei que só nos restava aguardar o lançamento oficial, e a partir de aí, divulgar o trabalho.

No dia 08 de novembro de 2018 retornei até a sede do Programa Corra pro Abraço para conversar com o professor Dainho Xequerê e com a coordenadora geral do programa Trícia Calmon. Neste encontro fui informado sobre a possibilidade de lançarmos o Cd com um show em dezembro de 2018.

Saí da sede do Programa Corra com esperanças de lançar o disco ainda no ano de 2018, antes de chegar até o carro, recebi um convite para assistir ao espetáculo “Novembro Negro”¹⁴⁰, encenado pelo Bando de Teatro Olodum, no Teatro Castro Alves (TCA), em Salvador/Ba. A questão é que apesar do convite ter sido feito por um dos interlocutores desta pesquisa, não tinha mais nenhum ingresso disponível para a venda na bilheteria do teatro, o espetáculo estava lotado. Cheguei mais cedo ao teatro na tentativa de comprar, mas não deu certo.

Fui com Almir Bispo de Jesus, estávamos juntos na sede do Programa Corra e dei uma carona para ele até o TCA. Quando lá chegamos, nos encontramos com outros dois

¹⁴⁰ Este evento teve a participação do cantor baiano Lazzo Matumbi, e os ingressos estavam a preços populares, custaram R\$ 1 (inteira) e R\$ 0,50 (meia).

interlocutores, Jedilson dos Santos e Alan da Silva Teixeira, eles chegaram cedo e me informaram que estavam esperando as outras pessoas do Corra, que elas chegariam com o carro do Programa. Jedilson dos Santos me disse:

— [...] espere aqui com a gente que vai rolar o convite, nem sempre todo mundo vem, relaxe aí!

E relaxado fiquei aguardando. Neste meio tempo convidei a turma para comer algo na praça do Campo Grande. Todos optaram por suco e cachorro quente.

Mais ou menos umas 18h:30min o carro do Programa Corra chegou com os/as convidados/as para assistir a peça, e por sorte consegui meu convite. Adentramos o templo baiano do teatro e seguimos para os assentos e aguardamos o terceiro sinal. Merry Batista, que é uma das educadoras do Corra, também faz parte do Bando de Teatro Olodum. Foi muito bom para os/as assistidos/as do Programa vivenciarem este momento de inclusão e participação social, ainda mais tendo como referência artística sua própria professora de teatro em cena.

Figura 3. Gravação no estúdio do Ile Aiyê.



Fonte: Foto colaborador do Programa Corra pro Abraço.

Após este dia cheguei a conclusão de que como desejo escrever junto, pretendo continuar com os encontros na sede do Movimento de População de Rua, onde não existe outro educador social e musical até o momento disponível para realizar um trabalho com música.

Portanto, depois do lançamento oficial do Cd do Programa Corra pro Abraço, finalizei a pesquisa de campo no Corra e me concentrei nos encontros no MPR e posteriormente no CAPS Gregório. Finalizar um dos campos foi importante para me debruçar mais na escrita performativa, e adentrar nas subjetividades dos encontros vividos, em consonância com as atividades que venho desenvolvendo desde a reabertura do campo.

No dia 06 de dezembro de 2018 realizei o penúltimo encontro do ano de 2018 no MPR, este dia foi um dia de ensaio para o dia 07 de dezembro de 2018, dia que aconteceu a festa de encerramento das atividades de 2018 do MPR. Ensaiamos 5 músicas: Asa branca (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira), Xote das meninas (Luiz Gonzaga e Zé Dantas), Não chores mais (Gilberto Gil), Eu só quero um xodó (Dominguinhos e Anastácia) e uma autoral de Jedilson dos Santos. A comemoração foi uma celebração de fechamento de ano, uma comemoração natalina com muita comida para todos e todas presentes. Muita gente colaborou para que a festa acontecesse, cada um deu o que pode e a mesa estava farta. Tivemos a presença em peso da maioria das pessoas que estão em situação/contexto de rua e que habitam o centro da cidade e arredores. Em média 80 pessoas participaram da festa.

Fizemos as músicas ensaiadas e como era de se esperar improvisamos muitas outras músicas. Dona Edlúcia Soares chegou e puxou logo a música “Canto das três raças” de Paulo Cesar Pinheiro e Mauro Duarte, aí não parou mais. Para a ocasião levei uma guitarra, um pequeno amplificador, microfone, cabo e disponibilizei os instrumentos que compartilhamos nos encontros: Um surdo, dois pandeiros, dois triângulos e uma série de percussões finas, como caxixis, blocks.

O Samba “comeu no centro”, e teve muita dança, alegria e momentos de protagonismo e pertencimento. Todos e todas participaram com imensa satisfação. Depois da festa uma constatação chata, um dos pandeiros havia sumido, mas seguro dos vínculos construídos, solicitei a alguns dos interlocutores que ali ainda estavam, principalmente a Robson da Hora e Jedilson dos Santos, que me ajudassem a (re) encontrar o instrumento. Em menos de uma hora o pandeiro¹⁴¹ apareceu na sede, intacto e ainda energizado pela tarde sonora.

São atitudes e respostas positivas como essa, que fortaleceram o desejo de continuar praticando música com essas pessoas. Os vínculos construídos a partir das práticas sócio musicais se apresentaram extremamente fortes. Esta situação trouxe uma certeza, de que as práticas musicais proporcionam vínculos afetivos e efetivos, com isso, proporcionam a resolução de problemas, situações e conflitos.

¹⁴¹ O pandeiro já havia sido, trocado, vendido a outra pessoa, mas em pouco tempo retornou a sede do MPR.

Em 10 de dezembro de 2018 recebi uma mensagem do professor Xequerê me informando que o lançamento do Cd finalmente seria no dia 18 de dezembro de 2018, na sala Walter da Silveira, às 17 horas, na Biblioteca Central dos Barris, Salvador/Ba.¹⁴²

Nos dias 13 e 17 de dezembro me encontrei na sede do Programa com o professor Xequerê e com as interlocutoras e interlocutores participantes do disco que iriam apresentar o Cd no lançamento oficial. Foram dias de (re) encontro e ensaio das músicas para a apresentação. No dia 13 de dezembro sentimos falta de algumas pessoas no ensaio, ficamos um pouco preocupados, mas animados com o dia do lançamento de disco. Na sexta-feira dia 14 de dezembro fui até o CAPS Gregório de Matos e lá encontrei algumas interlocutoras e interlocutores que participaram do disco. Convidei-as para o ensaio do dia 17/12 e comentei que seria importante estarem presente na realização. No dia 17 de dezembro de 2018 começamos o ensaio na sede do Corra, às 15 horas, dessa vez muita gente apareceu e conseguimos definir o roteiro da performance.

Durante o ensaio, Alcides Ribeiro D' Vinllen`s, autor da música “Tributo a Salvador”, comentou que sua voz no disco não tinha ficado boa, pegou o violão e começou a tocar e a cantar, olhava-me e dizia:

— [...] *tá vendo professor, eu tô cantando bem! Por que não tá assim no disco? Eu acho que tô cantando bem melhor, não? Acho que no disco tá bom, mas eu poderia fazer melhor, você não acha?*

Neste momento ele foi interrompido por Josuel de Jesus Oliveira, que comentou:

— [...] *você realmente está tocando melhor e cantando melhor, mas é porque você está praticando bastante, não? Você começou isso depois da gravação, é, ou, não é?*

Neste momento Alcides Ribeiro D' Vinllen`s sorriu e comentou:

— [...] *sim, é verdade, estou cantando melhor, sinto isso... por falar nisso... Juracy como é esse acorde aqui?*¹⁴³

Com o violão no colo foi tocando e me apresentando os desenhos dos acordes. Alcides Ribeiro D' Vinllen`s seguramente já se encontrava em outro nível de prática e discussão sobre

¹⁴² Localizada no bairro de Barris, em Salvador/Ba, a Biblioteca Central dos Barris é a primeira do Brasil e da América do Sul, e a maior do estado da Bahia. Criada por Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco, em 1811, a biblioteca abriga hoje um acervo de 120 mil livros, duas salas de cinema (Walter da Silveira e Alexandre Robato), galeria Pierre Verger, Teatro Espaço Xis, biblioteca infantil, Diretoria de Imagem e Som da Bahia, além de um acervo de mais 600 mil periódicos”. Disponível em: <https://www.guiadasemana.com.br/salvador/arte/estabelecimento/biblioteca-central-dos-barris>. Acesso em 10/12/18.

¹⁴³ Perguntou-me sobre a diferença entre Sol maior e Sol maior com sétima maior. Executou experimentando os dois acordes e optou pelo Sol Maior. Depois me perguntou sobre qual acorde era melhor, se o Ré com sétima ou o Ré com sétima e nona.

música e teoria musical, já estava escolhendo os caminhos a serem tomados, (re) harmonizando e (re) construindo saberes sobre sua própria prática musical. Ao final do ensaio, combinamos às 15 horas do dia 18 de dezembro de 2018, na frente da Biblioteca Central.

Enfim chegou o dia do lançamento do Cd¹⁴⁴. Cheguei um pouco mais cedo, as 13 horas e estacionei o veículo na frente da Biblioteca Central. O primeiro que chegou foi Alcides Ribeiro D' Vinllen`s, e logo depois, Jedilson dos Santos, Lidineia de Oliveira Lima, Silvano Santos de Oliveira, Cledson Braga Santos, Josuel de Jesus Oliveira, Robson da Hora, Almir Bispo de Jesus e D. Heloína Souza de Jesus. Logo também chegaram o professor Dainho Xequerê e os profissionais do Programa Corra pro Abraço. Começamos a arrumar tudo, desde o palco até os comes e bebes que aconteceram ao final do evento. Concentrei-me com Xequerê e com o grupo na parte da arrumação do palco, passamos as músicas, vestimos os figurinos e aguardamos ansiosos o momento da execução musical. O evento começou as 17 horas e após as falas iniciais da coordenadora do Corra, Trícia Calmon, do beneficiário do serviço e músico Robson da Hora, da superintendente da SUPRAD, Denise Tourinho e do presidente da COMVIDA, subimos ao palco e executamos sete músicas das oito que gravamos no disco.

Foi uma noite de muita emoção, amor e afetividade, a alegria tomou conta da Sala Walter da Silveira. Os Cds foram distribuídos para todas as pessoas que participaram do evento, e cada integrante da banda recebeu dez discos para distribuição. Vivenciamos um lindo musicar local (REILY, 2016; FINNEGAN, 1989; SMALL, 1998), desde a criação das composições, os arranjos, as aulas, encontros e oficinas de música em si, em que o ponto alto do trabalho musical no Programa Corra pro Abraço foi a gravação deste Cd. De fato, uma produção sensível de música por pessoas que muitas vezes não tem o que comer, o que vestir, não possuem uma casa, nem uma cama para dormir, mas realizaram um lindo trabalho musical, crítico, atemporal e altamente comprometido, engajado social e politicamente.

A partir dessa experiência, acredito que avançamos nos caminhos para a (re) socialização de pessoas em vulnerabilidade social por meio da música e suas práticas. Espero que este relato de experiência possa reverberar em outras pesquisas, e fomentar a estruturação de novos trabalhos vinculados a práticas musicais engajadas, inclusivas e participativas. Que possa colaborar com outros grupos sociais menos favorecidos, pois existem sim outros caminhos possíveis. Está tudo aí! Para ouvir o disco basta acessar o link ou fotografar o QR code. Escute alto e com amor!

¹⁴⁴ A fábrica que fez a prensagem do disco só conseguiu entregar os mil discos praticamente no dia do evento, então estava tudo meio que cronometrado e dando certo. A parte gráfica foi idealizada pelo designer do Programa Corra pro Abraço.

https://www.youtube.com/watch?v=_xo11Y6K5wQ



3.2.2. Pós-campo

Antes de 2019 posso dizer que vivenciei dois anos de produções sensíveis de música por pessoas que, como já dito, muitas vezes não tem o que comer, o que vestir, não possuem uma casa, nem uma cama para dormir, mas que foram capazes de realizar um trabalho musical, crítico, consistente e comprometido.

Ao final de 2018, finalizei o campo de pesquisa. No Programa Corra pro Abraço, o fechamento, como dito, se deu após o lançamento do disco. O Programa definitivamente se apresenta/apresentou como um excelente espaço de criação artística, musical, de convivência e de sociabilidades. Suas ações, além de estimularem práticas redutoras de danos por meio da criação artística dos seus/suas assistidos/das, atuaram na prevenção ao uso abusivo de drogas, e promoveram o resgate da autoestima. O Corra colabora/colaborou eficazmente para o bem-estar das suas beneficiárias, num processo de articulação de ações que direciona o/a sujeito para a (re) construção de um projeto de vida.

[...] A iniciativa estadual também se tornou um importante instrumento de promoção do acesso à Justiça, através de um trabalho de articulação entre os usuários acompanhados e a rede judiciária. Funcionando como uma “ponte”, contribui na articulação da rede de atenção psicossocial e na formação político-cidadã de seus assistidos, por meio da participação em seminários, conferências, audiências públicas, bem como a realização de debates sobre direitos, intersecções de gênero e raça, acesso à justiça e à saúde, entre outros temas. (Site COMVIDA).¹⁴⁵

No Movimento de População de Rua continuei o trabalho, não mais como pesquisador, pois também precisei finalizar o campo, muito em função da estruturação da pesquisa em si e da escrita desta tese, mas continuei a desenvolver as práticas musicais com

¹⁴⁵ Disponível em: <http://www.comvida-ba.org.br/programa-corra-pro-abraco/>.

os/as frequentadores/as do Movimento. Além do mais, sua localização próxima ao CAPS Gregório, também dinamizou a interlocução das pessoas envolvidas na pesquisa no pós-campo de investigação, já que se estabeleceu como um outro espaço possível para praticarmos música.

Com o fim do campo de pesquisa no Programa Corra pro Abraço e no Movimento de População de Rua, novos/outros desafios surgiram. Novas demandas, e novos espaços, começaram a se configurar como novos/outros campos de investigação, ou seja, novos/outros campos se abriram no decorrer da pesquisa.

Um dos novos possíveis campos surgiu quando recebi um convite da SEAP/BA - Secretaria de Administração Penitenciária e Ressocialização do Estado da Bahia, para trabalhar com música nos presídios de Salvador, ou melhor, foi-me disponibilizado o acesso aos presídios para que eu realizasse uma proposta de trabalho com música. Outra possibilidade veio junto com o grupo Multiplicação do Bem, grupo de pessoas que ajudam financeiramente o Movimento de População de Rua de Salvador. Com este grupo, fomentei a possibilidade da construção de cursos atrelados a arte e ao esporte, por meio do quais faríamos um trabalho de formação continuada com pessoas em situação/contexto de rua, para que eles mesmos pudessem ministrar, a partir de seus saberes localizados, cursos formativos para outras pessoas em situação/contexto de rua. Este seria um trabalho remunerado para osicineiros, e o plano seria desenvolver processos de transmissão de saberes (ensino e aprendizagem) em música, capoeira, e outras áreas artísticas em geral e construção de instrumentos musicais, no entanto, apesar destes campos e propostas, configurarem-se dentro do grande campo da exclusão social, e se revelarem como possíveis campos de trabalhos com música, percebi que abriria em demasido o campo de atuação desta investigação. Portanto, posterguei essas duas possibilidades de intervenção para um possível trabalho atrelado a uma investigação de Pós-Doutorado.

No entanto, o convite que aceitei, veio por meio de um dos interlocutores desta tese, Robson da Hora. Ele há tempos me comentava da necessidade de um trabalho com música no CAPS Gregório de Matos. Ainda durante a pesquisa de campo no Corra e no MPR, cheguei a conversar com algumas pessoas no CAPS para darmos prosseguimento a esta ideia de Robson, mas de fato, isso só foi possível após a finalização do campo nos outros espaços. Sendo assim, meu pós-campo se iniciou no finalzinho de 2018. Foram outras possibilidades em poder continuar a fazer música com pessoas em situação/contexto de rua em Salvador.

No dia 10/12/2018, pelo período matutino, comecei o trabalho musical no CAPS Gregório. Minha tarefa neste novo campo de pesquisa foi auxiliar Robson da Hora na formação

de uma banda com as beneficiárias e beneficiários do serviço. Iniciamos os trabalhos com dois encontros por semana, segunda e sexta, ambos pelas manhãs, sendo que, nas segundas a proposta se configurou como um dia de encontro somente entre os/as integrantes da banda e nas sextas, após os ensaios, abríamos espaço na banda para que as frequentadoras e frequentadores do CAPS pudessem participar das práticas musicais.

Este trabalho foi muito importante, pois os/as beneficiários/as do CAPS, por meio das práticas musicais, começaram a atuar também no cuidado uns dos outros. Isso foi levado para a direção/coordenação do CAPS, e aos poucos, ganhamos terreno e começamos a construir um espaço de práticas musicais com perspectivas artísticas, mas também de cuidado para com o próximo, ou seja, prática musical como redução de danos.

Importante ressaltar que em 2012, quando eu estava desenvolvendo um trabalho musical no Projeto Ponto de Encontro, O professor da Escola de Música da UFBA, Joel Barbosa e seus alunos, desenvolveram um trabalho com música no CAPS Gregório, trabalho este reconhecido não só pela instituição CAPS, mas principalmente pelos usuários do Serviço. Portanto, a formação da banda Tambores da Alegria também é fruto de um trabalho iniciado em 2012 pelo professor Joel Barbosa, trabalho esse que marcou a vida de muitos dos interlocutores e interlocutoras desta tese, e que seguramente facilitou meu trabalho com práticas musicais neste espaço de convivência e tratamento.

O CAPS Gregório é um serviço de baixa exigência, e durante toda a pesquisa neste campo, pude perceber que ele se configurou no ambiente mais desafiador, não só porque as pessoas que lá estavam já possuíam seus conflitos internos, a final de contas, todos nós temos nossos conflitos, mas aquele espaço, ao mesmo tempo em que se configurava como um oásis no meio da babilônia que é Salvador, em algum momento, em segundos, tudo poderia se transformar, poderia estourar um estopim, e o ambiente logo se transformava num lugar de conflitos¹⁴⁶, e logo mais, oásis novamente. A dinâmica era intensa.

Ao meu ver, esta instituição é o primeiro degrau no cuidado com quem está com problemas com o abuso de drogas. Apesar dos conflitos localizados, muita coisa boa aconteceu, principalmente nos dias música. Passamos por todos esses desafios juntos, dialogamos e refletimos sobre cada problema, sempre com o objetivo de chegar no campo da paz e sabedoria.

Normalmente os conflitos surgiam quando alguém ficava sem almoço, ou quando inimigos, ou desafetos de territórios distintos ali se encontravam, ou porque alguém se revoltou

¹⁴⁶ Ver o anexo A — Relatório nº 20 - Relatório Ponto de Encontro / Salvador, dezembro de 2012. Neste relatório descrevo algumas situações de conflito que ocorreram no Projeto Ponto de Encontro.

com o atendimento prestado, aí começava uma gritaria e xingamentos sem fim, além das ameaças reais e tudo mais que envolve situações deste tipo. Foi um campo de pesquisa desafiador no tocante ao cuidado dessas pessoas, mas o que posso dizer é que sempre quando começava a prática musical os ânimos se acalmavam.

Desenvolvemos o trabalho por todo o ano de 2019, quando tivemos oportunidade de participar em diversos eventos. Primeiro na Câmara de Vereadores de Salvador, onde participamos de uma homenagem feita a Maria Lúcia, depois deste evento, começamos a praticar com maior frequência, e integramos a Marcha de Salvador da População de Rua. Caminhamos tocando do bairro do Canela até a Praça da Piedade, e ali fizemos uma performance musical para os/as transeuntes.

O outro momento musical foi no Seminário Maria Lúcia, promovido pelo Movimento de População de Rua. Este dia foi um dos mais fortes, haviam representações do Movimento de várias cidades do país, muita energia e vibração em homenagem novamente a Maria Lúcia. Iniciamos o seminário com música e finalizamos com música. Atuamos no evento/confraternização do grupo Multiplicação do Bem, como já dito, grupo que atua junto ao Movimento de População de Rua de Salvador, e garante alguns recursos para manutenção do Movimento.

Após essas apresentações intensificamos nossos ensaios, até que chegou a oportunidade de nos apresentarmos pela Prefeitura da cidade de Salvador, no projeto: “Vozes da rua”, que foi uma realização do Gabinete da Casa Civil da Prefeitura de Salvador com a SEMPRE: Secretaria Municipal de Promoção Social de Combate à Pobreza.

Ao longo do ano de 2019, no pátio do CAPS Gregório, construímos um espaço de vivências compartilhadas que colaboraram para a construção, formação de repertórios, e fomentaram a composição musical. Foi a partir de práticas musicais engajadas e comprometidas principalmente com o bem-estar das pessoas envolvidas, que conseguimos restaurar possibilidades que estavam adormecidas em muitas pessoas. Isso se deu, quando percebi muitas interlocutoras a dedicar mais tempo a banda, e com isso, veio uma diminuição significativa no abuso de drogas. Ou seja, a formação da banda Tambores da Alegria foi um grande estímulo a todos e todas que frequentavam o CAPS, todas e todos queriam participar da banda, tocar, estar junto, participar de algo. Com isso, naturalmente, estar na banda se transformou num lugar a ser alcançado, desejado.

Certo de que muitas pessoas não sabiam tocar, mas e daí? A ideia era incluir, portanto, as sextas-feiras o ensaio era aberto a todas as pessoas. A participação era geral, o tambor chamava as pessoas para se aglomerarem a sua volta, e assim, a participar das práticas musicais.

Importante frisar que os instrumentos eram todos do CAPS, este também foi um desafio, no entanto, a coordenação sempre liberou a saída dos instrumentos para que pudéssemos participar de eventos externos ao CAPS.

Aos poucos, a direção do CAPS começou a enxergar cada vez mais as práticas musicais, como uma excelente ferramenta de convivência e redução de danos. Por experiência, nós já sabíamos disso, mas quando a instituição cravou o entendimento da importância do projeto “Tambores da Alegria”, começamos a alcançar novas etapas, com isso vieram também as responsabilidades em ter uma banda, ensaiar, aprender as letras, criar arranjos, elaborar uma forma musical para cada canção, a organologia e disposição dos instrumentos, as convenções, a criação de repertórios, um roteiro musical.

Nossa característica sonora foi o gênero musical “Samba-Reggae”¹⁴⁷ e no mais, um pouco de Rap. O que fazíamos era colocar tudo que a gente queria tocar e cantar no estilo Samba-Reggae. Tocávamos Djavan, Clara Nunes, Ponto de Equilíbrio, tudo em Samba-Reggae. Isso foi bom por vários motivos, primeiro porque o Samba-Reggae já faz parte do DNA dessas pessoas, muitas delas nascidas e criadas no Pelourinho, Salvador/Ba. Isso não quer dizer que todo menino/a do Pelô, sabe tocar tambor, não se trata disso, não estou essencializando, mas considero pertinente que o território sonoro do Pelourinho, proporciona/proporcionou uma experiência sonora diferenciada. Aí nasceu o Samba-Reggae, território de Neguinho do Samba, inventor do gênero. Segundo, porque o Samba-Reggae, em si, é um ritmo excitante, poderoso e extremamente funcional para os processos de transmissão (ensino e aprendizagem) em música, ainda mais quando colocávamos outras canções que originalmente não eram tocadas em Samba-Reggae, e percebíamos que tínhamos o poder de tocar qualquer música nesse gênero. Isso virou a marca da banda. Terceiro porque os instrumentos que tínhamos acesso são/eram instrumentos da formação de uma banda de Samba-Reggae, então tudo casou perfeitamente, as intenções com a praticidade.

¹⁴⁷ “Entre os principais grupos difusores do samba-reggae estão os blocos afro da capital, como Olodum, Didá, Muzenza e Ilê Aiyê. A gestora da Didá – banda exclusiva de mulheres, criada por Neguinho do Samba –, Vivian Caroline, considera o ritmo uma referência cultural. “O samba-reggae é um marco histórico, resultado de uma série de investidas do Neguinho do Samba, porque Neguinho era um intelectual orgânico, alguém que dedicou a vida a perceber de um outro modo, e devolver para a sociedade um patrimônio imaterial. O samba-reggae, na história da Didá é essa trilha fundamental e fundadora”, pontuou Vivian. Há divergências sobre o ano em que o samba-reggae foi criado, apesar dele ter surgido entre as décadas de 1980 e 1990. A concordância é de que o samba-reggae se tornou conhecido em 1986, quando o mestre Neguinho do Samba regia a bateria do Olodum”. (Itana Alencar, G1 BA, 16/02/2020). Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/carnaval/2020/noticia/2020/02/16/samba-reggae-dez-anos-apos-morte-do-mestre-neguinho-do-samba-genero-segue-como-pilar-do-carnaval-de-salvador.ghtml>.

Um dos temas que mais ensaiamos foi o “Samba do Caps”, composição de Antônio Pereira “sem fronteira”. Em entrevista, Pereira me contou como, e em que situação ele compôs essa música:

— [...] eu tinha a música na cabeça, né? Eu tinha a música na cabeça, mas não me controlava, nem nada, né? Sobre drogas. Aí eu falei uma vez assim, poxa eu vou parar de beber, chamei por Deus, e vou entrar num centro de recuperação, aí eu disse, eu sou músico, eu tenho uma arma, uma “presença” pro Caps, eu vou fazer o samba do Caps. Aí eu subi todo sujo, fraco de tudo, subindo a ladeira do Pelourinho, fui fazendo o samba do Caps, entende? Eu digo: eu não tomo cachaça, não fumo crack, porque isso tudo eu já fiz antes, né? Entende? Era pitilho e tudo, né? Aí eu disse: — vou parar com isso! Chamei por Jesus e disse, não bebo cachaça, não fumo crack, é do Caps, aí eu fiquei cantando, não bebo cachaça, não fumo crack, é do Caps, mas aí eu... eu não tinha evolução nenhuma, né? Aí quando cheguei lá (no Caps), eu peguei um tambor e comecei a tocar o tambor com essa música, justamente tava Hans, tava professor Joel, tava professor Celso, e tava outro professor japonês da filarmônica da Ufba, aí tava lá, né? e começou a fazer o arranjo, o arranjo, né? Aí me acompanharam com o estilo do samba, e aí meu irmão, a gente fez o samba, Aí Hans anotou logo a letra tudo meu irmão, aí tinha um professor, tinha um também que morreu, seu Petrônio, que cantava todo mundo, né? Cantava todo mundo e justamente seu Petrônio morreu, a outra moça morreu, entende? Esses cantores, morreram, e aí ficou eu, que cantava eu e eles, mas a música eu que fiz, era um grupo, né? Mas um participante que cantava comigo, seu Petrônio, morreu, né? Que tocava na filarmônica tava aprendendo a tocar, entende? E depois aí eu segui, né rapaz, não bebo cachaça, não fumo crack é do Caps. Cocaína..., cocaína era uma coisa que eu usava, né? Botei também na música, cocaína não é açúcar, crack não é rapadura, só que a gente cantava essa música com todo mundo, era só sopro, instrumento de sopro. (Faz o arranjo com a boca: — Pam pam pam pam pam pam pam pam pam pam...). Depois ela foi se transformando e depois ficou fixo. O samba do Caps foi eleito o hino do Caps. Eu fiz a letra, a base toda é minha e a música, depois eu chamei uma galera, pra cada um botar sua parte de uma voz, entende? Só que aí a galera não levou fé, não levou fé, se abriu, que nada! Não sei o que... e eu com o pensamento lá na frente, com o pensamento lá na frente, né? E o pessoal tudo desistiram e me deixaram plantado. Aí eu comecei a ir pro Caps e cantava mesmo o samba do Caps, cantava sozinho, tinha um tambor, eu tocava com tambor, aqueles surdos, né? No surdo sozinho, não tinha muita gente pra tocar e eu levei em frente sozinho, fiz o show sozinho meu irmão, com o tambor, o surdo, e eu fiz o samba do caps (canta mais uma vez o refrão da música) Aí professor Joel botou a base no cavaquinho, um cavaquinho que tinha lá no

Pelourinho, no Caps. Aí ele botou a base no cavaquinho, acompanhou meu ritmo, Celso acompanhou meu ritmo, o japonês que é brasileiro, acompanhou meu ritmo, que era professor da Ufba, e aí rapaz saiu tudo de boa, tudo de boa, depois a gente foi separando, eles me ajudaram também, né? O Hans anotou pra mim tudo, porque essa época eu não sabia fazer nem o ó com o copo, não sabia ler porra nenhuma, entende? Aí eu fui quebrando a cabeça, quebrando a cabeça, aprendendo o samba do Caps, porque eles fizeram no computador e eu fui lendo, mesma coisa que eu tô fazendo agora, lendo devargazinho. Aí o samba do Caps saiu. Ele levava a gente pra tocar lá na Ufba, várias vezes eu toquei lá no campus da Ufba, vários lugares, ondina, jornal, televisão, que foi a abertura do Caps, assim, musical, não tinha ninguém que fazia musica lá ainda, não tinha ninguém. Aí depois eles botaram o pessoal da filarmônica pra ir dar aula pra gente. Professor Joel veio, Celso veio, Mila Paraná veio, veio até professor de lá do sul, entende? Veio. E o pessoal com ignorância xingava o professor, não sei o que... A banda Flores da Massa do Juliano Moreira vinha e me acompanhava com a banda, e eu tocando o samba do Caps, não era uma coisa concreta, certa, né? Mas na minha cabeça ia ficar concreto, aí foi ficando, foi ficando. As universitárias começaram a me dar apoio, começou a me levar pros lugares pra fazer show, eu sei que eu fiz mais de 150 shows com esses pessoal por aí tudo, mas era social, não ganhava um real, nada, mas ali eu tava querendo me recuperar, e isso foi minha terapia, eu deixei de tomar cachaça pra ir fazer música, eu sentia Jesus abrir meu coração, dizendo assim, não beba mais, não cheire mais, não fume pitilho de crack mais. Aí eu fiz essa música meu irmão, e em três anos no centro de recuperação, tomei os remédios controlados, de boa, tranquilo, muito tempo, tendo recaída, aí o pessoal falava:— olha o cantor do Caps, e eu fudido ainda, né? Eu sei que depois eu fui parando de acordo com a medicina e o samba do caps. A gente fez uma banda grande, tinha sopro, tinha tambores, tinha... a gente fez um grupo de samba, entende? Depois, eu, seu Carlos, Petrônio, pouca gente entende? Um grupo de samba, porque os professores, tudo acabou o expediente deles ficarem lá dando aula, dando aula lá, entende? Aí eles foram embora, e eu fiquei sozinho, lá catando lixo, mas eu pegava o tambor fazia minha terapia ali cantando, Hans falava: — pode fazer Pereira sua terapia. Ele trouxe um rapaz da voz do Brasil, que passa de noite, é uma rádio, aí veio me fez uma entrevista, como eu fui parar no Caps e eu expliquei a situação sobre álcool e drogas e a partir daí meu irmão, eu fui reduzindo as drogas, não vou lhe mentir, não foi de vez, não foi fácil. E tive três anos fazendo esse samba do Caps, e me cuidando, né? Me cuidando das recaídas, e recaídas, o pessoal ia me buscar, pra me colocar na enfermaria, pra me cuidar, porque o pessoal via que eu tinha o talento musical, né? E terminei me apaixonando pela música mesmo, e comecei a tocar, tocar, tocar, e disse: A partir

de hoje eu não vou mais beber, não vou cheirar, não vou mais nada e comecei a levar o negócio a sério, mas sempre não foi fácil, sempre chegava um pra querer me derrubar, querer passar na minha frente, mas não tem problema... O Hans que metia a frente, falava a música é de Pereira, ele vai cantar. Aí ficou samba do Caps, composição José Pereira, eu fiz essa música lenhado da cabeça, fudido, eu não tinha noção de nada ainda, eu tinha transtorno, eu bebia, cheirava de tudo meu irmão, e terminava de sair do Caps, eu ia pra cachaça, parecendo uma coisa assim meu irmão, me levando pro buraco, mas eu chamei por Deus e deixei disso. Vários foram morrendo e fui olhando pra aquilo ali, e aí eles me botaram psicóloga, entende? Me colocou o giro cultural, coisas pra levantar a mente, me levava pra praia, pro zoológico pra ver os macaco lá dentro, me levava pra giro cultural na Ribeira, giro cultural lá depois da Ribeira, um monte de lugar, na Ufba, nas feiras de tudo, e os pessoal começaram a me dar valor, porque eu era diferente das outras pessoas... a malandragem, né velho? De cachaceiro de rua..., eu não, eu fiquei na minha plantado, o pessoal começou a me adorar, começou me ajudar, entende? Foi, o pessoal do Caps começou a me judar, tinha os universitários, eles me mandavam eu ficar dentro de um quarto, tirava a roupa e tudo me revisava, olhava onde doía de tudo, estudava o corpo humano, muitos estudantes, aí eu fiquei lá nessa, né? Como se diz, cobaia, cobaia da medicina, porque era todos os estudantes que ia se formar que passava por mim, tinha que fazer um check-up em mim, onde doía, tirava pressão de ponta a cabeça, fiz mais de trinta vezes isso, eu era o cara escolhido lá pro pessoal que tava se formando, aí ia fazer perícia comigo, porque eu era diferente, eu falava o que sentia, que bebia, falava que tava doendo a perna, a coluna, e depois o negócio foi pra frente, eu sei que depois de três anos eu nunca mais eu bebi, fiz uma jura pra Jesus, mas o remédio já tava por dentro do corpo, né? Aí eu deixei de beber mesmo e pronto meu irmão, mas assim mesmo, fui muito humilhado lá dentro do Caps, não pelo pessoal do Caps da Ufba, mas pelos próprios pessoal de rua, porque eu tinha outro carácter, eu era educado, eu não era igual a eles, eu não metia quentinha na cara de profissional, entende? Eu não pegava faca pra furar profissional, eu não batia em profissional, jamais! Eu era o cara mais tranquilo de lá, papá, então todo mundo me abraçou meu irmão, até hoje, você precisa ver, todo mundo! Então eu tenho o Caps, assim como um PAI, abaixo de Deus, e como MÃE, porque tinha mulheres e tudo, e eu me comportava bem e respeitava, e aí você está vendo onde eu cheguei, eu tenho transtornos, mas eu tomo remédios controlados, mas não era como antes o transtorno agora é pouco, entende?

Com base neste relato, fica evidente o poder que a música teve na vida de Pereira, que mesmo com os problemas com o abuso de drogas e os transtornos, pôde compor o samba do

Caps, que como já dito, tornou-se o hino do CAPS Gregório de Matos. Abaixo segue a letra do Samba do Caps de Antônio Pereira “sem fronteira”:

— *Não tomo cachaça, não fumo crack, é do Caps, não tomo cachaça, não fumo crack, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps. Venha, venha minha gente, venha, venha se educar, com a mente ocupada, nas drogas não vai pensar. Venha, venha minha gente, venha, venha se educar, com a mente ocupada, nas drogas não vai pensar. Não tomo cachaça, não fumo crack, é do Caps, não tomo cachaça, não fumo crack, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps. A música é magia, as drogas não são drops, união e alegria, o caminho é pelo Caps. A música é magia, as drogas não são drops, união e alegria, o caminho é pelo Caps. Não tomo cachaça, não fumo crack, é do Caps, não tomo cachaça, não fumo crack, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps. Cocaína não é açúcar, crack não é rapadura, drogado fora do Caps, tá com pé na sepultura. Cocaína não é açúcar, crack não é rapadura, drogado fora do Caps, tá com pé na sepultura. Não tomo cachaça, não fumo crack, é do Caps, não tomo cachaça, não fumo crack, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps. Para o Caps venho andando, com a música aprender, a meus filhos ensinando, como é bom o bem viver, para o Caps venho andando, com a música aprender, a meus filhos ensinando, como é bom o bem viver. Não tomo cachaça, não fumo crack, é do Caps, não tomo cachaça, não fumo crack, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps. Eu vivia triste e deprimido, aqui eu mudei minha vida, eu vivia triste e deprimido, aqui eu mudei minha vida. Não tomo cachaça, não fumo crack, é do Caps, não tomo cachaça, não fumo crack, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps, é do Caps. E o crack é barril!* (Samba do Caps – Antônio Pereira “sem fronteira”).

Essa letra diz muito sobre renascer, sobre vencer os desafios e criar outros sentidos para/com a vida. Um processo de cura e de transformação, que por meio da música, Antônio Pereira pôde renascer e manter uma vida mais equilibrada e organizada. A partir do desejo profundo de transformação, Pereira construiu outra perspectiva em relação a sua própria vida, e esse processo vem/veio junto com o fazer musical, ou seja, a partir, e por meio da música. Com disciplina e entrega, Pereira inspirou outros/as beneficiários/as do CAPS, e com isso, também colaborou para a transformação de outras pessoas. O Samba do Caps é uma composição que proporciona reflexão no uso de drogas.

— *Cocaína não é açúcar, crack não é rapadura...*

Ou seja, não vá pensando que é doce, tenha cuidado, observe, respeite. Todas essas reflexões colaboram/colaboraram para a melhoria da qualidade de vida de pessoas com

problemas no uso de drogas. A compreensão da letra de Pereira está diretamente ligada aos processos de transmissão de saberes e conhecimentos, de histórias de vida e de situações reais. Situações estas que envolvem continuamente processos de ensino e aprendizagem. (Transmissão).

Em nossas práticas ficou acertado que quem sabia mais ensinava quem sabia menos, assim construímos um espaço de troca de saberes, que facilitou os processos de aprendizagem e cuidados entre os/as usuários/as do serviço. Portanto, aquelas pessoas que não possuíam uma performance musical mais desenvolvida para estar numa banda, por meio dessa metodologia, teve a possibilidade de poder participar e interagir com a banda Tambores da Alegria.

Essas atividades se mostraram muito eficientes no dia-a-dia do CAPS e se apresentaram como excelentes e eficientes caminhos metodológicos de intervenção nestes contextos. São pessoas em vulnerabilidade social, usuários/as abusivos de drogas, e/ou pessoas em situação/contexto de rua que promoveram o próprio bem-estar, (re) criaram seus processos de transmissão (ensino e aprendizagem) e fomentaram a participação ativa e cidadã de todas as pessoas envolvidas, por meio de práticas musicais.

Essas experiências apontam para outros caminhos possíveis de cuidados com/para essas pessoas e atestam a eficácia de cuidados por meio da música. As práticas musicais fomentaram possibilidades/oportunidades para que os/as usuários/as destes dispositivos pudessem atuar como coparticipes do seu próprio tratamento dentro dos próprios dispositivos, ou seja, não somente atuar como uma beneficiária do serviço, mas atuar também como um agente multiplicador, um agente de transformação social, que auxilia o profissional da saúde, que (re) cria possibilidades de intervenção no cuidado de/com outras usuárias e de si mesmo. É usuário que cuida do usuário, que promove propostas de organização e propostas de possíveis planos de trabalho (artístico e terapêutico).

Então aqui se distingue dois campos de atuação bem distintos da música nestes contextos. Enquanto processo integrativo e participativo, como educador, pesquisador e observador, só tive boas experiências, momentos de inclusão social, de prática cidadã, de elevação da autoestima com momentos de alegria e prazer, descontração e lazer, e obviamente, de ensino e aprendizagem. No entanto, quando começamos a ensaiar com perspectivas de um trabalho artístico e remunerado, outras questões começaram a aparecer.

A visibilidade da banda começou a ganhar força, e o fato é que, muitas pessoas da rede de atenção psicossocial e de saúde de Salvador, ficaram sabendo da existência da Tambores da Alegria, e com isso, convites começaram a aparecer. Nesse processo, fui comunicado por Aduino Leite, pesquisador, parceiro e militante da causa do Movimento de

População de Rua, que a Prefeitura da cidade de Salvador estava com intenções em formar um coral com pessoas em situação/contexto de rua.

Esta ideia surgiu a partir da Casa Civil de Salvador e teve uma reverberação, em especial, no Projeto “Levanta-te e Anda”, e na “Pastoral de rua da Arquidiocese de Salvador”. Essas duas entidades informaram aos seus respectivos beneficiários da possibilidade de participarem de um coral feito por pessoas de rua. No entanto, para além do coral, a existência da banda Tambores da Alegria já era uma realidade, e assim, chegamos aos ouvidos da assessoria de imprensa da Prefeitura de Salvador.

Nossa primeira reunião aconteceu na sede da SEMPRES - Secretaria de Promoção Social e Combate à Pobreza. Neste dia estavam presentes as coordenadoras da SEMPRES e a assessoria da prefeitura da cidade de Salvador. Para este encontro, convidei Robson da Hora e Antônio Pereira, fundadores da banda, e avalei ser pertinente convidar Carlita Moraes Bastos, uma das líderes da Pastoral Nacional da População em situação de rua, núcleo Bahia, e que também já estava inserida no projeto “Vozes da rua” com as assistidas da Pastoral. Convidar Carlita foi muito importante, primeiro para garantir maior transparência no processo, já que o Movimento de População de Rua, solicitou-me o não envolvimento com projetos oriundos da prefeitura, e por motivos óbvios, a luta é cotidiana para garantir políticas públicas eficientes, e seguramente não seria interessante vincular a imagem do Movimento com uma gestão pública.

O primeiro desafio já surgiu na entrada do prédio, pois Robson da Hora e Antônio Pereira tinham ido de shorts, e por “motivos administrativos” (preconceitos) não se pode adentrar em prédios públicos de shorts. Por fim, após alguma espera, conseguimos uma liberação e subimos até o andar onde se localiza a SEMPRES. A reunião foi realizada no auditório e tivemos a oportunidade de apresentar o trabalho que desenvolvemos juntos ao CAPS Gregório, aproveitei e compartilhei alguns resultados dessa pesquisa de doutorado.

O primeiro evento seria no “natal de luzes”, com o lançamento da iluminação da Praça do Campo Grande, Salvador/Ba, pela prefeitura. Já que as comemorações seriam para essa data festiva, durante a reunião nos foi solicitado um repertório natalino, no entanto, lhes disse que faríamos o nosso repertório que construímos ao longo de quase 1 ano, e que sim, seria possível encaixar algum tema natalino, mas nada além disso, pois o objetivo da nossa participação era apresentar o que estávamos desenvolvendo nos encontros. Nesse momento, a assessoria da Prefeitura de Salvador nos solicitou uma apresentação impecável, além de sugerir algumas músicas. Tive que novamente intervir e lhes explicar que a banda era composta por pessoas em tratamento no CAPS Gregório, e que iríamos fazer o melhor possível, mas que não éramos uma banda profissional, e não tínhamos esse objetivo. Nosso objetivo era mostrar que, apesar da

situação de risco e vulnerabilidade social, eramos capazes de produzir música, e que é possível realizar coisas bonitas, saudáveis e artísticas, e apresentar para outras pessoas, a constatação de que a música auxilia, ajuda e revigora no processo de reconstrução de vidas. Por fim, a assessoria nos disse que isso deveria ser explicado ao público antes das apresentações. Nesse momento, ainda dentro da secretaria SEMPRE, perguntei-me em voz baixa:

— *Será que realmente isso é necessário?*

Ou essa explicação serviria para aplacar a imaginação social coletiva, que cotidianamente constrói uma imagem sobre essas pessoas a partir das crenças e valores, muitas das vezes deturpados? Assim, lhes disse:

— *Não se preocupe, iremos apresentar a banda e explicar toda a situação.*

O que ficou acertado nessa reunião é que estaríamos junto ao coral como outra atração, e que os/as integrantes da banda também poderiam participar do coral. Já nessa primeira rodada de acertos, conversamos sobre a possibilidade de um cachê para os/as participantes. Inicialmente seria três mil reais por três apresentações, mas que com muita paciência e diálogo, conseguimos subir o valor para cinco mil reais, as três apresentações. Após alguns dias, passada esta reunião, eu, Carlita Moraes, e agora toda a banda, num total de 8 integrantes, participamos da reunião com as possíveis pessoas interessadas em fazer parte do coral, essa reunião aconteceu na sede do projeto “Levanta-te e Anda” e contou com a participação das assistidas e profissionais do “Levanta-te e Anda”, as assistidas da “Pastoral de Rua de Salvador”, e os/as integrantes da banda Tambores da Alegria, além dos/as profissionais da SEMPRE.

Após essa reunião ficou decidido que definitivamente teríamos duas performances artísticas distintas, uma seria o coral “Vozes da rua”, que contou com um repertório construído pelo professor de música Danilo, profissional que já atuava no Levanta-te e Anda, e na outra ponta, a banda Tambores da Alegria. Juntos tocaríamos no mesmo palco. Ficou acertado três apresentações para o mês de dezembro de 2019.

A primeira apresentação aconteceu no lançamento do natal de luzes da cidade de Salvador, na praça do Campo Grande. A outra apresentação aconteceu no Porto da Barra, também em Salvador e a terceira apresentação não aconteceu.

Essa parceria com a SEMPRE foi importante, e nos fez acreditar que sim, é possível a partir e por meio da música sair dos muros institucionais, e se fazer presente na cidade com um trabalho musical engajado e comprometido, mas como já dito, foi um período de imensos desafios.

A partir do momento que fechamos a parceria com a SEMPRE, uma outra situação se manifestou. O compromisso de tocar em um palco para muitas pessoas na cidade de Salvador,

apresentou-se como um grande e bom desafio, e que trouxe responsabilidades e atitudes salutares, como o compromisso de ensaiar, tirar as letras corretas, estudar as formas musicais, os repertórios, as tonalidades, as levadas rítmicas, questões de figurino, posicionamento no palco, aquecimento vocal e percussivo, empatias, sincronicidade, enfim, estávamos a fazer música.

Mas com isso também vieram os egos, como:

— *O grupo é meu, foi eu que criei, [...] são as regras de papai!*

Ou questões como:

— *Porque ele canta três músicas e eu só canto duas?*

Além de outras questões pertinentes, muitas das vezes, a grupos profissionais de música. Sendo assim, nos momentos em que as práticas musicais não tinham pretensões artísticas (performance) ou apresentacionais, eu posso dizer que tudo deu mais que certo. Indiscutivelmente foi a partir do fazer musical que foi possível resgatar a esperança de muitas pessoas, o fazer música colaborou para relações mais significativas, mais efetivas e afetivas, foi por meio da música que outras/novas experiências surgiram, no entanto, ensaiar para se apresentar teve problemas estruturais.

Um dos fatos mais (in) tensos que aconteceu, foi quando, pela manhã de uma sexta feira, fui acordado com um telefonema da equipe de filmagem da prefeitura da cidade de Salvador, quando uma produtora me informou sobre uma gravação no CAPS Gregório com a banda Tambores da Alegria. Eram mais ou menos 7 da manhã e eu disse a produtora:

— *Por favor me espere as 10h no CAPS e lá conversamos e veremos se é possível fazer o registro.*

A questão foi que quando deu 9h:30min, um dos colaboradores do CAPS, ligou-me e disse:

— *[...] Juracy, tudo bem? Você está sabendo de alguma gravação hoje aqui no CAPS, é que tem uma equipe aqui já filmando a banda e isso está gerando alguns problemas.*

Eu imediatamente fiquei estressado, como a produtora pôde começar uma gravação, já que havíamos combinado às 10h para ver sobre a possibilidade da mesma? Incrivelmente eles começaram a gravar e obviamente diversos problemas aconteceram, como por exemplo, outros usuários, muitos deles com problemas com a justiça, ficaram indignados em ter uma câmera de cinema ali realizando imagens sem sua autorização, outra questão, é que a direção do CAPS não foi informada dessa gravação, mas a equipe chagou a todo vapor.

Outros problemas aconteceram entre os integrantes da banda, que até aquele momento, por desejo em fazer o melhor acabaram brigando entre si, A discussão começou com

quem iria estar a frente das filmagens, quem apareceria mais, ou seja, questões que poderiam ser equalizadas, além de outros temas que foram se reproduzindo naquele espaço, devido essa intrusão.

Quando cheguei, o colaborador do CAPS que me contactou, já totalmente indignado me chamou no canto e chamou também a produtora e numa pequena reunião nos perguntou:

— *O que está acontecendo?*

Eu lhe disse:

— *Permita-me a contar a história, como dito, solicitei que ela me esperasse antes de realizar as filmagens...*

Neste momento a produtora me interrompeu e disse:

— *Eu recebi uma demanda de trabalho pela prefeitura, me mandaram vir filmar e eu vim.*

Ou seja, ela não assumiu a responsabilidade pelo fato de estar filmando em uma instituição sem autorização e muito menos, sem consentimento das pessoas, além disso, ela não me esperou para que eu pudesse fazer/construir o diálogo entre a banda e produtora, ou seja, realizar a mediação sociocultural.

Isso tem a ver também com um imaginário cruel que se tem sobre essas pessoas em vulnerabilidade, e talvez, o que querem, é ainda reproduzir/perpetuar, ao alimentar e produzir determinadas imagens, pois imagino eu, que se participo de uma banda e sei que vou realizar uma filmagem num determinado dia, eu iria me arrumar, preparar-me, e me pré-dispor ao acontecimento. Mas não, a demanda surgiu do nada e nos avassalou de maneira abrupta, ou seja, integrantes da banda sem saber de nada, sem ter a oportunidade de se preparar para uma demanda como essa. Eu também não sabia de nada, muito menos o CAPS. Ou seja, parecia que estavam construindo (reafirmando) uma representação de um imaginário perverso que cotidianamente é reforçado pela ignorância, e que aloca essas pessoas como miseráveis, sujas e sem perspectivas. Não é porque as pessoas estão numa situação de vulnerabilidade que não podem estar arrumadas, felizes e de bem com a vida, organizados, aptos a realizar uma gravação, animados com isso. Bem, deveria ser assim, e não com esse olhar descompromissado e momentâneo, que por vezes, segrega e cria imagens que não correspondem as realidades locais.

Com essa invasão inesperada, as/os integrantes da banda a essa altura já estavam alvoroçadas, e claro que com muita energia para fazer o melhor, mas sem uma boa comunicação nada pôde dar certo, ademais, todo cuidado é pouco na lida com o sofrimento alheio. A filmagem criou um ambiente de desavença entre os integrantes da banda, e também

com outros/outras usuárias/os do dispositivo, que, como já dito, não queriam ser filmados, e assim, por conta dessa filmagem, o clima foi ficando pesado e um mal estar generalizado foi tomando conta do ambiente.

A equipe de filmagem foi embora rapidamente, mas o estrago já estava feito, muita gritaria, xingamentos e nervosismo. Com isso, os responsáveis do CAPS, naquele momento, na flor da confusão, adotaram uma estratégia de pontuar alguns tópicos, dentre eles, o que mais causou frisson, foi o comentário de que os instrumentos eram do CAPS e que se continuassem dessa forma, o CAPS não iria mais emprestar os instrumentos para a banda. Essa afirmação gerou uma nova onda de fúria e raiva por parte de alguns integrantes da banda, ao ponto de um deles dizer:

— *Você quer estragar nosso sonho? Eu vou te matar...*

Esse “*eu vou te matar*” não foi uma ameaça boba, foi uma diretiva e ameaçadora forma de dizer não corte minha onda, não destrua o que estou construindo. A situação foi ficando cada vez mais tensa, até que um dos integrantes da banda¹⁴⁸ foi com tudo pra cima de um dos colaboradores do CAPS e arrancou seus óculos do seu rosto com extrema violência. Olhou em seus olhos e quebrou os óculos com muita raiva, estilhaçou na frente dele e jogou no chão. Todos nós ficamos atordoados, o que mais iria acontecer?

Nesse momento, numa atitude rápida para acalmar a situação e também de chamar a atenção do agressor, tive a ideia em jogar meu violão no chão, causando assim um certo espanto, com isso, chamei a atenção do agressor e lhe disse:

— *Tô jogando no chão o que pra mim é sagrado, é assim que vamos continuar, quebrando as coisas, destruindo nossos sagrados? Vamos ser violentos e agredir pessoas?*

Enfim, meu violão quebrou, e que bom que quebrou, pois foi necessário que quebrasse, pois precisava mostrar que algo também quebrou na nossa relação em ser banda. Continuei:

— *Pra que a gente se encontrou e ensaiou por tanto tempo pra acabar nisso? Com agressão e violência?*

Continuei e lhe perguntei:

— *Isso tudo é pelo dinheiro que você vai receber por essas apresentações? Fazemos assim, quanto é seu cachê? Eu vou pagar do meu bolso pra não trabalhar mais com você, é isso que você deseja? Porque se for só pelo dinheiro, o que realmente estamos fazendo aqui?*

¹⁴⁸ Não é necessário revelar o nome da pessoa que cometeu esse ato, até porque foi um momento e não é correto marcar uma pessoa por uma atitude isolada e posteriormente resolvida.

Obviamente não era só pelo dinheiro, mas precisei reforçar esse ponto, para lhe mostrar que o mais importante era estarmos juntos e em paz. Com minha intervenção e de outras pessoas, esse integrante foi se acalmando, porém teve que sair do CAPS, recebeu uma falta, digamos administrativa, pois assim funciona por lá, quem cria confusão fica sem acesso ao serviço, no entanto, garantimos que tivesse acesso a alimentação, pois seria demais também tirar o prato de comida do dia-a-dia. (Essa é uma política que os CAPS, em geral no Brasil precisam rever, pois não se pode punir o usuário do serviço lhe privando o alimento).

Toda essa situação, de certa forma, foi decorrente devido à falta de acertos e precipitações por parte da equipe de filmagem da prefeitura, ou seja, não houve cuidado, nem a sensibilidade em perceber que ali é um local de tratamento. Para tentar resolver a situação, minha postura foi conduzida pela minha experiência que obtive em projetos anteriores, e nessa dinâmica, sei que muitas vezes, em momentos de crise, o enfretamento é necessário. Ter a linguagem específica, o lidar com as várias formas de viver nas ruas e as diversas formas de ser de cada um, permeadas muitas das vezes, pelas diversas violências. O que desejo dizer é que a partir do vínculo e de uma intervenção precisa, diria até, cirúrgica, é/foi possível atenuar os problemas.

Depois do ocorrido, encontrei-me com ele na rua, nas escadarias da igreja que fica ao lado do CAPS Gregório e conversamos sobre o ocorrido. Ele já mais calmo e disposto a pedir desculpas. Nesta conversa, outros usuários do dispositivo estavam presentes. Conversamos por longas horas, olhei em seus olhos e perguntei:

— *Você deseja acabar com o projeto da gente? É isso que você quer? Pois, para continuarmos, você precisa rever o que você fez e pedir desculpas a todas as pessoas envolvidas e principalmente ao colaborador que você cometeu a violência.*

Com os ânimos mais calmos, e eu resguardado por nossos vínculos, segui e lhe disse:

— *Sei que você é uma pessoa violenta, mas acalme seus leões, segure sua onda, não é assim que se resolve as coisas, a violência irá acabar com nosso projeto, reflita.*

Após longa conversa, alinhamos o dia das desculpas, no entanto, o colaborador que sofreu a agressão pediu demissão do CAPS, após longos 7 anos de serviço, e me comentou que chegou a hora de se dedicar a outra coisa. Foi um baque muito grande, pois este colaborador era o técnico de referência do seu agressor no processo de tratamento, e ao meu ver, deve ter sido por isso, que somente foi quebrado os óculos, ou seja, poderia realmente ter acontecido algo pior. A violência como linguagem atua constantemente nestes espaços e é necessário compreender até que ponto é possível lidar com ela como uma epistemologia localizada, territorializada, e que assume diversas facetas a depender das situações postas.

Seguramente esse foi o preço que pagamos por uma falta de cuidado dessa equipe de filmagem com os/as assistidos/as do CAPS e banda. É necessário compreender que no CAPS Gregório, as pessoas estão em processo de tratamento, é um espaço que ultrapassa a ideia de convivência, é um espaço de tratamento e de cuidados intensivos. Sendo assim, qualquer ação que envolva pessoas diferentes do ambiente e que envolvam filmagens, fotos e atividades, devem ser muito bem articuladas, não só com a gestão e direção do CAPS, mas principalmente com os/as usuários/as do serviço.

Após esse grande desafio, os ânimos se acalmaram, e aos poucos, de forma bem lenta, a paz foi reinando no terreiro do CAPS. Em tempo, peguei-me chorando e perguntando porque isso tinha acontecido, parecia que meu trabalho de união e integração por meio da música tinha sido ferido, atacado, ou foi somente uma outra face que apareceu nesse diálogo social por meio da música? Foi aí que tive a certeza de dois caminhos com características bem distintas no processo do fazer música nestes contextos, de um lado, um fazer musical atrelado ao bem-estar, com práticas musicais que se entrelaçaram basicamente com os processos de descobertas, da alegria de participar de algo, dos processos de ensino e aprendizagem (transmissão), do lazer. Do outro lado, em contraponto a essa dinâmica, um fazer musical que agora se destinava a participar e realizar apresentações e performances para um público em geral, ou seja, com isso, outras demandas surgiram, como o medo de se apresentar, os egos dentro do próprio trabalho, a questão da remuneração, quem ganha mais, quem ganha menos? As percepções diferentes, os interesses mais voltados para a monetização financeira do que para algo que estávamos construindo. Essa outra faceta das relações musicais é um processo complexo que também existe no ambiente profissional da música, e no nosso caso, apareceu quando começamos a ensaiar com fins apresentacionais. (TURINO, 2010).

Após esse fato ficou inviável ensaiar para uma apresentação no pátio do CAPS. Algumas horas depois do ocorrido, liguei imediatamente para a SEMPRE, e nervoso disse:

— *Não posso destruir um trabalho de construção de afetos e conscientização por meio da música, somente para atender a uma demanda de uma Secretaria do município, ou vocês nos dão melhores condições para ensaiarmos e apresentarmos nosso show, ou não vamos participar. [...] se a banda quiser participar, tudo bem, eu não respondo por todos, e sim, por mim. [...] não posso continuar dessa forma, ou melhoramos, ou nada feito.*

Chegamos a um acordo, e após uma reunião no CAPS com a direção, colaboradores, usuários/as e a SEMPRE, decidimos que iríamos ensaiar na sede do NUAR (Núcleo de Ações Articuladas para População em Situação de Rua), além disso, também garantimos o almoço para 10 pessoas integrantes da banda. O CAPS por fim liberou os instrumentos para os ensaios

e organizamos nossos encontros para as segundas e sextas pela tarde. Como a sede do NUAR fica no bairro do Comércio, só precisávamos descer o plano inclinado com os instrumentos e ir direto para a sede do NUAR, uma caminhada de 5 minutos. Após tantos problemas, conseguimos uma sala com ar condicionado, almoço e definitivamente um ambiente mais adequado para elaborarmos o roteiro do show.

Foram dias de trabalho e dedicação, nos quais além de decidirmos sobre o roteiro musical, conversamos e acertamos questões de figurino, movimentação no palco, o que dizer entre as músicas, quem canta primeiro, quem vem depois. Obviamente tudo melhorou após as desculpas entre os/as integrantes da banda e as desculpas do agressor com CAPS, foi a partir daí que surgiu a possibilidade de continuarmos o trabalho.

Ensaíamos na sede do NUAR por semanas, até chegar o dia da primeira apresentação. A rotina era a seguinte, os integrantes da banda pegavam os instrumentos no CAPS, desciam pelo plano inclinado até o NUAR, após o almoço e pequeno descanso iniciávamos o ensaio. Em média trabalhamos 10 músicas para essas apresentações, dentre elas: “Alecrim dourado” (música tradicional portuguesa) “Canto das três Raças” (Paulo Cesar Pinheiro e Mauro Duarte), “Quero ser feliz também” e “Liberdade pra dentro da cabeça” (Natiruts), Samba do CAPS (Antônio Pereira “sem fronteira”), “Meu mundo e nada mais” (Guilherme Arantes), “O castelo e a rua” (Isaac Jesus Santos), “Guerrilheiros da Jamaica” – Rumpilé (Banda Mel), “Tambores da Alegria” (Everaldo Santos Silva) e uma instrumental com os tambores no bom estilo Samba-Reggae.

Apesar de estarmos num local mais apto para ensaiar, obviamente existiram problemas, um deles foi a ausência de uma caixa de som e microfones para que Edlúcia Soares, Isaac Jesus Santos, Everaldo Santos Silva e Antônio Pereira “sem fronteira” pudessem ouvir suas vozes em meio a força dos tambores. Resolvemos essa equação com o microfone de Pereira e a caixa de som de Robson. Após exaustivos ensaios e lapidação do repertório, ficamos prontos para a apresentação que aconteceu na praça do Campo Grande no lançamento do natal de luzes da cidade de Salvador/Ba. Neste evento estavam presentes boa parte das autoridades municipais, e o prefeito ACM Neto.

Iniciamos a apresentação com a banda Tambores da Alegria, tivemos exatos 30 minutos para apresentar todo nosso roteiro, obviamente não deu para tocar todas as músicas, mas consegui encaixar os quatro cantores e tudo saiu bem. Entre as músicas, falas contextualizadas dos integrantes, explicitando os problemas de quem vive nas/pelas ruas, para todo um público presente na Praça do Campo Grande. A emoção tomou conta de todos e logo após a banda Tambores da Alegria, tivemos a apresentação do Coral “Vozes da Rua”, sob a

regência do professor Danilo. Os integrantes da banda Tambores da Alegria também fizeram parte do coral. A experiência foi singular, presenciar homens e mulheres, muitos deles em situação de rua, todos em vulnerabilidade social, cantando para um público ativo em plena praça, foi muito gratificante, foi um ato de resistência política que trouxe a certeza de que com e por meio da música podemos colaborar com transformações possíveis e reais.

Após a apresentação, paguei a todos os/as integrantes a primeira parcela do cachê. Todos felizes com a realização artística e valorizados não só pela qualidade do que apresentamos, mas também por receber um pagamento, fruto do trabalho, dedicação e empenho.

Após a primeira apresentação, demos um tempo dos ensaios e retomamos logo quando soubemos do dia e local da segunda apresentação. Porto da Barra, lugar boêmio de Salvador. No dia do evento fizemos nossa concentração na sede do NUAR, quando aproveitei e paguei a segunda parcela do cachê da banda antes mesmo da apresentação. A SEMPRE também aproveitou e pagou aos integrantes do coral. Todos felizes, e com seus valores em mãos, partimos para nosso compromisso musical.

Chegamos todos juntos num ônibus contratado para nosso transporte. Chegamos antes do pôr do sol, comento que houve desorganização por parte da equipe de prefeitura, tanto no primeiro evento como nesse segundo, falo de questões básicas de sonorização que não foram contempladas e tivemos que nos adaptar ao cenário.

Além dos problemas técnicos, neste dia tivemos mais um dilema, alguns músicos não compareceram, como de se esperar, ou melhor, eu já esperava por isso, mas não perdemos os ânimos, e nos viramos com quem estava presente e com vontade de realizar. Dessa vez nos apresentamos após o coral “Vozes da rua” e depois de outros corais que a Prefeitura contratou e ajudou a organizar. Finalmente estávamos inseridos no cenário da cidade, não mais vistos somente como pessoas em situação de rua, mas sim, como artistas que levaram sua arte a toda uma população que se aglomerou para ver as apresentações. Nesta ocasião, devido ao horário que acabou excedendo, tocamos somente metade do repertório e com isso, tivemos que adaptar o roteiro. Após o evento, despedimo-nos e cada um seguiu para seu território.

Essa sempre foi a parte mais complexa após os eventos que participávamos, pois alguns já se mantinham através de algum suporte, seja o aluguel social, ou alguma ajuda de amigos e colaboradores, e com isso tinham um espaço mínimo para chegar e dormir, mas outros/as, o destino era algum lugar possível para ficar e passar a noite. O outro lado da história, também era/foi “esticar” a noite e ver no que ia dar, com seus usos, talvez alguns abusos, mas

assim está/estava o sujeito e nesse diálogo fomos nos reinventando, realizando, fazendo e sendo o possível a cada dia, o amanhecer de cada dia.

Ficamos no aguardo da decisão da SEMPRES sobre a última apresentação, mas como já dito, nunca aconteceu, no entanto, eles depositaram a terceira parcela do cachê e eu paguei a todos os/as integrantes que compareceram e ensaiaram para a segunda apresentação com a Tambores da Alegria. A divisão da parte financeira foi decidida por todos em reunião. Para recebermos os valores, tivemos a ajuda nessa parte burocrática do Sr. Luiz Gonzaga, um dos líderes do MPR de Salvador/Ba, ele “emprestou” sua empresa como microempresário individual para que fosse possível recebermos os valores da Prefeitura. Os pagamentos foram realizados através de uma empresa contratada pela prefeitura de nome Agogô.

A avaliação de todo o processo foi realizada pelos integrantes da banda de forma dialógica, quando apontaram os benefícios e também os estragos dessa empreitada. Dentre os benefícios ficou bem marcado que foi muito bom tocar e receber um cachê, ter tempo para elaborar as músicas e ensaiar. Tudo foi muito proveitoso, no entanto, a parte negativa foi exatamente a competitividade e os egos que afloraram durante o processo, isso desgastou um pouco o prazer de tocar.

Neste processo, ficou óbvio que quando estávamos juntos em nossos encontros, voltados simplesmente ao ato de fazer música, não por uma obrigação, mas por vontade e prazer, tudo parecia ser mais leve, mais divertido, não havia o peso de uma apresentação formal, nem o peso de um contrato. Ou seja, ficou evidente que fazer música como ato de resistência política, de (re) existências, recreação, e/ou pelo simples fato de participar de uma atividade musical, configura-se em uma equação bem distinta da que envolve uma obrigação real de uma apresentação. O compromisso de tocar gerou a preocupação de ter uma performance bem executada, e o compromisso de estar no dia e local para fazer música. Claro que existe a parte positiva dentro dessa bolha que se formou, e é exatamente a percepção das integrantes da banda de que música é trabalho e dá trabalho fazer bem feito, precisa organização.

A dedicação dos integrantes superou as expectativas, realizamos apresentações para um público diverso, heterogêneo, e com isso, outras/novas perspectivas se construíram a nossa frente, e que de certa maneira, são bem naturais na profissão de um músico profissional, inclusive as questões de competitividade e egos. O se preocupar com uma boa performance ronda a execução musical de qualquer músico, mas estar em situação de rua com vários outros problemas postos e ainda se preocupar com todas essas questões estéticas-éticas-êmicas, geraram alguns distúrbios no processo. Mas tudo foi descoberto, aprendizado, desafio.

Avaliamos que ensaiar para tocar em algum lugar, ou seja, assumir um compromisso, pode ser muito desgastante em função das demandas pessoais e situação de cada pessoa nesse processo de exclusão social, ainda mais quando os convites para tocar, vinham sem nenhuma, ou quase nenhuma ajuda, fosse o lanche após o show, o transporte, e/ou uma ajuda financeira de custo.

— *Vocês podem tocar?*

— *Sim, mas e a contrapartida?*

Não é porque é uma banda oriunda de um centro de atenção psicossocial que não deva receber um cachê! Afinal, tivemos trabalho até chegar na maturação, ao ponto de receber convites para tocar. São/foram vários dilemas, o fato é que, se para um músico profissional¹⁴⁹, já é desgastante tocar na noite sem nenhuma certeza de proventos, como os atuais “pague quanto puder” ou “colaboração voluntária, consciente”, estar numa situação de vulnerabilidade social e fazer música, ao ponto de ser convidado para tocar em algum evento, e não ter uma moeda de troca, fez-me perceber que também é uma forma de exclusão/violência.

Obviamente nós tocamos em muitos espaços sem exigir nada, ou no mínimo, um lanche, mas o fato é que as instituições poderiam/podem colaborar mais com/para trabalhos como esse, pois estávamos a produzir música e existe valor nisso. Tocar e se apresentar é uma forma de inclusão a partir e por meio da arte, e isso poderia/deveria ser remunerado como todo trabalho.

Outro exemplo, é que muitos usuários dos diversos dispositivos da rede de atenção psicossocial, formaram-se em cursos de redução de danos promovidos por estes mesmos dispositivos, no entanto, esses usuários raramente são/foram absorvidos pelas instituições como colaboradores, nem que fosse por um período de experiência, ou seja, são vários outros temas que surgiram no processo da pesquisa, e que, de certa forma, configuraram-se como violências,¹⁵⁰ mas encarei todos os desafios com prazer, muitas vezes, caminhando pelos erros e acertos.

Um dos acertos foi perceber que no desenrolar desta pesquisa, aconteceram benefícios significativos na vida de algumas pessoas e obviamente, aí me incluo com todas as certezas. Dentre os interlocutores eu destaco Antônio Pereira, nosso Pereira “sem fronteira”. Pereira teve um ganho significativo, ao ponto de, atualmente (2020), apesar da pandemia do Covid-19, está

¹⁴⁹ Atualmente (2020) devido a pandemia, a classe musical ficou totalmente desamparada, e os músicos que já tinham vínculos frágeis no mercado de trabalho, ficaram totalmente sem renda, entrando assim em processos de exclusão social.

¹⁵⁰ No capítulo 6. Análise estrutural, comentarei sobre outras violências que ocorreram durante a pesquisa.

dedicando seu tempo para a produção de seu disco solo. Por mensagem Antônio Pereira me disse:

— *Oooo Juracy eu comentei com essa menina, Carlita (Pastoral de Rua), ela aceitou, entende? Fazer o orçamento todo e falar pra ela quanto vai sair a capa do Cd, quantas cópias vai ser, entende? E ela vai criar, a parte e colocar o nome Pastoral, aí não precisa botar o nome, só é... Caps Gregório de Matos, né? Eu vou botar só o “Samba do Caps”, que é uma música que eu fiz, composta por Pereira, entende? “Samba do Caps” que foi composto por Pereira, no período de recuperação no Caps. Então... é isso, eu vou botar, entende? Pequeninho e o nome Pastoral. É porque ela vai bancar a capa do Cd, né meu irmão? O Caps não vai me bancar nada, tá ligado? Só isso. O Caps só vai me bancar se eu tiver doente, uma injeção, se eu tiver um pé quebrado, uma é...uma é curar é, de boa, né? Mas o Caps já tá de boa, que tá o “Samba do Caps”, velho, que tá lá dentro, não precisa nem botar título do Caps, botar pra Pastoral mesmo, que a Pastoral já é uma coisa a mais, é outro sabor, tá ligado? Me pegar lá com Carlita. Aí quando Carlita chamar, tiver que fazer uma festa, que chamar pra tocar, aí a banda vai pápá! Dou R\$100,00 a cada músico, entende? E aí quando Carlita começar, e é..., e depois aí vou correr atrás de projeto das prefeituras, já a parte, né? A parte de Carlita, entende? Só alegria!*

Pereira planeja e articula suas intenções, projeta ideias e ações para a realização de seu fonograma. Toda essa potência e desejo que Pereira demonstra, é/foi fruto da sua autoestima elevada e desejo de realizar e seguir com sua música. Se organiza, busca apoios, planeja e direciona ações em função dos seus objetivos. Em outra mensagem ele me disse:

— *Eu não perco tempo aqui Juracy, eu pego minhas congas, eu não tenho só essas duas congas não, eu tenho uma estante aqui de percussão guardada, tá ligado? Aí eu pego as congas, boto a música aqui no som aqui, e fico tocando por cima irmão! Éééé, pegando, porque não se escuta legal por causa desse microfone, mas aí, fico na minha, vários toques. Esse toque aí que tô tocando mesmo é um toque tranquilo, entende? Suave, mas eu tenho minhas paradas todas jhow, sou organizado irmão, graças a Deus, na paz de Deus, aqui ó, tranquilidade, valeu irmão, só alegria, energia positiva!*

Pereira está muito organizado e pretende assumir a produção musical e executiva do seu disco, ele me comentou que todas suas economias estavam voltadas para a feitura do disco, mas com a pandemia, os projetos pararam, em verdade, tudo agora (2020) está parado, é necessário mais cuidados e precaução. Mas mesmo com tudo isso, Pereira me disse que deseja pagar o cachê dos músicos e as horas de estúdio. Obviamente toda essa produção deverá ser a

baixo custo, mas sim, envolve dinheiro. A ideia é/foi buscar apoiadores e ele já faz um bom trabalho de captação junto a apoiadores, projetos, militantes, políticos e a Pastoral.

O fato é que tem um custo, e Pereira sente-se animado de poder, de alguma forma, pagar pelo seu disco, ou colaborar de alguma forma também com essa parte executiva. Esse fator é um desafio para Pereira, já que seu sustento depende de sua aposentadoria, mas mesmo assim, ele encarou com prazer a demanda e deseja pagar pelo que é seu, é uma conquista, uma realização, um feito, pois o disco não será dado de presente, mas sim, alcançado pelo trabalho, dedicação e investimento pessoal de Pereira e apoiadores.

Pereira me comentou que está atualmente estudando, dentre outras canções, a música “Alagados” dos Paralamas do Sucesso, comentou-me:

— *Juracy, estou tendo dificuldade com essa parte da letra (começa a cantar) - Traz do sonho pro mundo quem já não queria, palafitas, trapiches, farrapos, filhos da mesma agonia... Rapaz essa parte é difícil viu? Parece que os compositores escrevem pra gente cantar errado (risos). Você sabe que minha leitura melhorou? É... tô lendo mais rápido, pápá, ler essas letras tá me ajudando!*

Pereira está envolvido nos estudos para a gravação do seu disco, escolhe repertórios, comenta sobre gêneros musicais, arranjos. Falou-me que deseja a capa com as cores da bandeira do Brasil e da Jamaica, uma foto do Pelourinho e ele no centro da foto. Muito significativo e intenso perceber Pereira envolvido na articulação do seu projeto. Pereira teve em seu histórico, problemas com o uso abusivo de substâncias psicoativas, fez tratamento no CAPS, e hoje, como ele diz:

— *Estou liberto das drogas!*

Ele começa a conceber toda a cadeia produtiva que envolve gravar um disco, ou seja, desde a escolha das músicas, até a concepção da arte da capa do CD. Além disso, Pereira sempre me comenta sobre as possibilidades de captação de recurso via Prefeitura, Câmara de Vereadores, pessoas que ele já identifica como possíveis parceiros.

Como dito, todo esse movimento de Pereira é fruto da sua elevada autoestima e de seu desejo de realizar sua música, de materializar em fonogramas suas interpretações e composições. De janeiro a julho de 2020 me comunico todos os dias com Pereira. Juntos compartilhamos desejos, aspirações e inspirações, sendo assim, a seguir, apresento algumas falas de Pereira que surgiram durante nossas longas conversas pela madrugada. Nossas conversas fortaleceram a compreensão de que, nossas práticas musicais exerceram influência direta em nossas vidas, em nossa existência.

— [...] *Juracy, vá logo fazendo o arranjo aí do Samba do Caps (composição de Pereira), tá ligado? Um reggae roots massa, entende? Que seja no refrão do Samba do Caps, entende? (Começou a cantar) – “Não bebo cachaça, não fumo crack (tham, tham - faz com a boca uma levada de guitarra), é do Caps, não bebo cachaça não fumo crack (continua a fazer a guitarra com a boca), é do Caps. Cocaína não é açúcar, crack não é rapadura, drogado é fora do Caps, tá com pé na sepultura, cocaína não é açúcar, crack não é rapadura, drogado é fora do Caps, tá com pé na sepultura. Não bebo cachaça não fumo crack, é do Caps, não bebo cachaça não fumo crack, é do Caps” (continua a fazer a guitarra e o baixo com a boca). Aí você já faz um arranjo aí, meu irmão! Faz um arranjo, copia um baixo bem bom aí pra gente meter nessa música, que a voz assenta, tá ligado? Uma base de reggae que ninguém conheça por aqui, uma base mesmo, de botar pra quebrar. Você mete a base, essa no Samba do Caps tocando ela com a melodia igual, entende? Bote a base que eu meto a letra, aí já foi meu papá! É isso aí! Valeu Juracy? Faça isso agora aí, que quando você chegar aqui já tá com a base do Samba do Caps, entende? Que não vai ser como a gente tocava lá não! (Refere-se ao Caps Gregório e banda Tambores da Alegria), vai mudar. É reggae roots, reggae mesmo, aí ela fica famosa rapidinho papá.*

Pereira me disse que deseja gravar outra canção: “Sobre a Saudade”, de Marcel. Escrevi a letra para ele, enviei via *Whatsapp*, e ele em áudio comentou sobre o processo de leitura e outras articulações:

— *Agora eu botei fé na parada meu irmão! Agora é ensaiar mesmo, legal mesmo, agora botei fé aí, né meu irmão? Eu tô aprendendo, tô aprendendo, tô lendo e cantando, entende? Cantando... porra já tô assim, já... daqui a uma sema...comecei hoje de manhã, aí já tô lendo essa daí que mandei pra você (refere-se ao áudio, ele cantando), foi lendo e cantando, entende? Porque como já treinei ela cantando de ouvido, agora pra ler fica mais fácil, porque eu já sei a palavra. Só tem uma palavrinha que eu errei aí no final, mas isso aí eu vou consertar, que eu já, corri, já olhei meu erro aí na música, e já vou fazer certo, entende? Mas essa primeira gravação que eu tô fazendo agora de manhã, já fiz uma, eu fiz errado, apaguei, tá aí no seu celular. Mas aí não tá no tom da música ainda, só tô lendo pra pegar a letra da música, aí depois é que eu vou botar no tom, tá ligado? Que é no tom com a voz e tudo, com a base, eu vou botar no tom da base, mas aí é outra coisa, mas agora é importante eu aprender a letra pra não cantar errado, eu só tô fazendo isso! Eu nem tomei café, meu primeiro café da manhã foi isso aqui, agora vou escovar os dentes e vou tomar café e depois vou ensaiar de novo e vou mandando pra você ir olhando as letras, porque eu quero cantar certo essa música, cara! Essa música aí as mulheres gostaram... [...] eu tava quebrando a cabeça e aprendendo, agora tô*

com a letra, vou aprender a ler mais ainda e cantar ela, porque no palco, eu vou cantar sem ler, eu vou ler em casa, entende? No palco é sem ler, nada de ler no palco, você é doido? (risos)... E essa música vai ser sucesso da gente rapaz, eu vou até pra televisão com essa música aí, é Bokão, e aquela mulher também que fez propaganda da gente, tá ligado? Vamos correr atrás desse pessoal agora, e eles tem obrigação de botar a gente pra tocar, porque eu com meu histórico, todos eles ajudaram ano passado e ACM Neto vai querer ser governador, tá ligado? E você é o diretor artístico, entende? E agora elas vão correr atrás também entende? (Refere-se a Carlita, da Pastoral de rua, e a Valéria Figueira do grupo Multiplicação do Bem). Vão correr atrás! Mas elas correndo atrás de show, elas têm que conversar com você, eu não quero saber de nada, tá ligado? Só quero chegar no palco lá e tocar na paz. Esse negócio aí é com você, Carlita e Valéria, meu irmão! E ACM Neto. Eu tô fora. (Fala do processo de produção executiva).

— [...] *essa banda tem tempo entende? Esse Cd foi gratuito que deram assim e já tá registrado e tudo né? (Pereira se refere ao Cd no qual consta a canção “Sobre a saudade”). Mas igual, eu vou botar ela pra frente (a música), você entende? É fulano de tal e canta Pereira “sem fronteira”, qualquer pepino aí, direitos autorais, a gente dá aos caras, é nenhuma, é mas não sei se vai pintar isso, né? Mas, é nenhuma cara, entende? Os tambores que você disse vai botar também aí, colocar algum tambor pra tocar também (no disco), mas outras pessoas, tá ligado? O Caps lá, tá fechado. (Devido a pandemia Covid-19) e infelizmente a galera de lá, tá tudo no crack, largado, roubando, é máquina e cordão de ouro. Eu não! Eu tô em casa! Aqui de boa, tranquilo, porque eu soube aproveitar o Caps, não fui pro Caps pra ficar de bobeira, fui pro Caps pra fazer meu letramento, como eu tô lendo aqui agora a música e mandando pra você, e evidentemente eu tô aqui em casa, ensaiando, fazendo minha quarentena e cantando pra poder, quando você chegar aqui, fazer um trabalho bom né? A galera vai ver esse Cd, vai ver que é outra pegada, entende? Agora algumas músicas que vai em Samba-Reggae, alguma coisa você pode botar com os caras, com os tambores também, mas não pode deixar o baterista sozinho, né velho? Que o baterista, ele faz também o Samba-Reggae na bateria, entende? Eu não sei como é que sai, mas ele disse que faz, se ele faz, ele se encarrega de fazer tudo, né? Aí só você chegando aqui pra ensaiar, pra perguntar a ele, né? Pra ver como é que vai ser, e é assim meu irmão.*

— [...] *Você tem o telefone daquele pessoal da Tv? Porque eu vou precisar, pra eles divulgar o Cd, tá ligado? Sobre meu histórico que eles me filmaram também na Barra, escondido, se você não sabe, filmaram na Barra e filmaram em vários lugares o show da banda. Eu vi os caras lá (refere-se a equipe de filmagem que estavam gravando o*

documentário sobre música e população de rua de Salvador, para uma Tv Estatal). Eu que não dizia nada... a Tv tem um trabalho da gente meu irmão! Entende? (risos) Rapaz, vai ser uma história doida viu meu irmão, já tô vendo... (começou a cantar). “Hoje me bateu saudade daquelas que destrói o coração, me desesperei... Tá vendo? que lendo já é mais fácil? Juracy do Amor, guitarrista e direção artística da banda, como é o nome? Segredo Nativo. Essa música vai pegar! Só alegria! E depois a gente vai agitando pra ver se chega uma pessoa, porque como é social, consegue de graça, tá ligado? É tudo na mão agora papá!

— [...] eu tenho só que aprender as letras legal, entende? Pronto! Registrar o nome da banda que eu botei, Segredo Nativo, vou registrar o nome da banda Segredo Nativo, entende? Meu lance vai ser social, então já acordei hoje cedo, ensaiando minha parada certo, só errei no final, uma letrinha aí, mas não tem problema não, vamos fazer certo, e quando tiver com a banda meu irmão, eu já vou estar afinado, eu, eu já tô lendo e é bom porque eu tô... eu lia quando era pequeno, muito tempo, né? Depois fui pra rua e abandonei colégio e tudo, mas agora eu tô me lembrando de novo, das minhas paradas, então tô lendo já, e cantando papá! E assim que vai, oxe! Eu aprendo as duas coisas, a ler e a cantar e ainda botar no tom com a banda meu irmão! Essa música vai pegar! (Começou a cantar novamente, agora a letra toda): “Hoje me bateu saudades, daquelas que destroem o coração, me desesperei. Pra te falar a verdade, assim que te deixei dormindo no seu quarto, chorei, sei que reclamar da distância não muda o tamanho da estrada, mas queria te ter mais perto. Amo aos fins de semana poder deitar na sua cama, e te abraçar nem que seja olhando pro teto. Na segunda eu me desespero, na terça me encontro cego, na quarta procuro sentido pra vida, na quinta o frio me vem a barriga, na sexta eu sou todo euforia, acordo gigante de tanta alegria, só quero cheirar seu cabelo loiro, beijar sua boca e ser feliz de novo [...].

Foram muitos meses de conversa, e não cabe transcrever tudo nesta tese, no entanto, o que ficou/fica evidente, foi/é a determinação, desejo e vontade de Pereira de fazer seu trabalho. É perceptível toda sua articulação, projeção e planejamento para a realização de seu disco. Esta produção de Pereira segue curso, enquanto o mundo enfrenta a pandemia do Covid-19. Óbvio que neste momento (2020), o mundo está parado, e a produção do disco vai esperar um pouco, no entanto, as articulações possíveis, ou seja, a pré-produção está em curso.

Escrevo esta parte do texto desde San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México, onde tive a oportunidade de realizar meu doutorado sanduíche. Escrevo com a sensação de que fui um dos últimos bolsistas no Brasil desse período de governo. O Brasil encontra-se em crise

total¹⁵¹, desesperante a situação. Foram muitos desafios até chegar a Sancris, como carinhosamente é chamada¹⁵² esta cidade.

Cheguei em 13 de janeiro de 2020, com a perspectiva de colocar em prática um plano de trabalho que colaborasse para o aprofundar de questões teórico-metodológicas do/no campo das Etnomusicologias SUL-SUL (Brasil-México). Um momento que foi possível refletir sobre a pesquisa e perceber acertos e erros no processo, uma observação do percurso do investigador em sua própria investigação. No caso, um momento em que pude tecer minhas críticas sobre meu próprio texto, criticar o trabalho e enxergar as vulnerabilidades na escrita. Perceber o momento e ter a certeza do “não fim”. Este trabalho não tem fim.

Com essa certeza, a cada dia, a tese foi ficando velha, reescrevi muitas vezes parágrafos que acreditava que não estavam bem feitos, mas por fim, percebi que não existem amarras, o texto também fala do tempo, e através dele. Portanto, preservei escritas por acreditar na força do momento e inspiração. Foi um trabalho escrito ao longo do tempo, ao longo de quatro anos, no qual, fazer diferente foi a ordem. Organizei e desorganizei tanto este texto, que a subversão foi deixar alguns trechos como foram imaginados, ou seja, em alguns casos, como dito, optei por não editar, não reescrever, e sim, deixar registrado o momento, ou seja, deixei fluir no texto as teorias que povoaram meu campo de pesquisa num determinado momento, e com isso, apresentar quais leituras me fizeram escrever determinado trecho nesta tese.

Como esta pesquisa não tem fim, o trabalho continua para além da investigação, seguramente no Movimento de População de Rua de Salvador e com alguns interlocutores, como Isaac Jesus Santos e Antônio Pereira “sem fronteira”. O que fica nesta tese é um recorte temporal de um tempo de encontros repletos de práticas musicais.

Para cumprir o ritual acadêmico é/foi necessário ter um corte na escrita, ou seja, tese não termina, e sim, se abandona, mas um abandono cuidadoso, um até logo consciente, com humildade de perceber que realizei uma escrita que se fez presente num tempo e espaço repleto de emoções e música. Todas essas novas/outras reflexões surgiram a partir do momento que cheguei a Sancris.

Até este momento o mundo não sabia nada do Covid-19, instalei-me e comecei a frequentar a Universidade Cesmecca – Unicach, iniciei diálogos com professores, alunos e comunidade chiapaneca. Elaborei uma oficina e ministrei palestras durante a estadia, e assim,

¹⁵¹ 2020.

¹⁵² Ou também por “Sai si puedes de Las Casas” – Pueblo mágico.

através de um período de estágio de 6 meses de doutorado sanduíche, pude realizar interlocuções com a Cesmecca, comunicar e discutir sobre o tema da pesquisa.

Nos primeiros meses, antes da pandemia, pude acompanhar as atividades da Red Napiniaca de Etnomusicologia, além de eventos sobre música, como o simpósio do ICTM Lat-Car, em março de 2020, na cidade de Tuxtla Gutierrez, Chiapas, México. Aprofundei os estudos e pesquisa através do acesso que tive a biblioteca da Cesmecca, onde, a partir de referências teórico metodológicas mexicanas e latino-americanas sobre etnomusicologia, decolonialidade, exclusão, migração e fronteiras, pude ampliar as reflexões críticas sobre esta pesquisa. Este estágio possibilitou minha percepção sobre a potência desta tese: De colaborar para a ampliação de temas pertinentes sobre pessoas em situação/contexto de rua e suas práticas musicais.

O pós-campo foi tomado por reflexões, recordações e lembranças do período da pesquisa. Em 14 de maio de 2020, estava em Sancriis/México, revisitando as memórias, e recordando dos congressos e encontros que tive oportunidade de comunicar e discutir sobre a pesquisa. Destaco os dois encontros da Associação Brasileira de Etnomusicologia – Abet, que aconteceram respectivamente no Rio de Janeiro em 2017, e em Campinas/Sp, em 2019. Os dois encontros do ICTM Lat-Car, primeiro em Salto, Uruguai, em 2018, e posteriormente em Tuxtla Gutiérrez, México, em 2020, o colóquio “*Música en la calle y encuentro de músicos callejeros*” em León de Guanajuato, México, em 2017, além do encontro mundial do ICTM, que ocorreu em Bangkok, Tailândia, em 2019. Todas essas experiências fortaleceram a investigação, pois os congressos se configuraram em espaços, nos quais foi possível comunicar e discutir com e para a comunidade acadêmica o processo da investigação, além de apresentar alguns resultados.

Com o campo e pós-campo finalizados, constatei mais uma vez que foi a partir dos encontros, diálogos e práticas musicais, que puderam surgir possibilidades de transformação de pessoas. Foi por meio das práticas musicais e das reflexões críticas que construímos durante o processo, que acredito que este trabalho pôde se inserir no plano de colaborações possíveis para criação, formulação e implantação de novas/outras ações e políticas pessoais e públicas para/com pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social.

3.2.3. O músico e suas práticas na área da saúde: Outras epistemologias etnomusicológicas

Após percorrer o campo de pesquisa junto com as interlocutoras/es do Programa Corra pro Abraço, do Movimento de População de Rua de Salvador, do CAPS Gregório de Matos e

de outros projetos, nos quais trabalhei antes de adentrar no doutorado em Etnomusicologia, compreendi que tudo que fiz, instiguei, divulguei, refleti, (re) elaborei e (re) aprendi, foram a partir dos encontros permeados pelo fazer musical. Foi no dia-a-dia, nas conversas e principalmente por meio das práticas musicais que foi se configurando as epistemologias e metodologias do encontro, e assim, fui desenhando minha própria atuação e jeitos de estar, ouvir, falar e cuidar. Um processo de (auto) cura e de aprendizagem. Digo autocura, pois também me (re) abasteci de afetos, de amor e de cuidados, pude ampliar minhas sensibilidades que estavam esquecidas ou amornadas, foi a partir dos encontros e vivências musicais nos campos de pesquisa que (re) comecei a cuidar melhor de mim mesmo.

Em minha atuação como músico junto com pessoas em vulnerabilidade social, pude perceber que o fazer musical proporcionou um tempo e espaço de aprendizado, trocas, sorrisos, inspirações, desejos e principalmente manteve a minha/nossa conexão no tempo presente. As práticas musicais trouxeram a materialidade, do chorar, do rir, do se surpreender, proporcionou reviver memórias e lembranças que afloravam muitas vezes no decorrer do encontro, fosse uma música que alguém se lembrou de quando era jovem, ou uma letra que marcou sua vida.

Os encontros proporcionaram o estar presente em corpo, mente e espírito. Essa (re) criação musical acontece/aconteceu principalmente nos espaços nos quais pude intervir como músico no campo da saúde coletiva, saúde mental e assistência social. Espaços em que o fazer musical evocou/evoca a vida, facilita/facilitou descobertas, instiga/instigou outros saberes, além de proporcionar momentos de lazer, bem-estar e de ensino e aprendizagem.

O acontecimento musical traz em si, epistemologias que transgridem lugares e conceitos, pois revelam outras possibilidades de enxergar a si e o/a outro/a como potência e partícipe de todo o processo, ou seja, espaços e tempos de comunhão, de coletividade, mas também de individualidade, de representações e apresentações, de encontros e despedidas, tudo isso entrelaçado no acontecimento dos fenômenos e práticas musicais.

Este estar presente na rede de saúde como músico, de certa forma advém da luta do Movimento antimanicomial¹⁵³, que dentre outras perspectivas, promoveu possibilidades de transformação dos métodos tradicionais de tratamento, com isso, surgiram novas/outras práticas terapêuticas no processo do cuidar. Nestes novos/outras modos de tratamento se

¹⁵³ O Movimento da Luta Antimanicomial se caracteriza pela luta pelos direitos das pessoas com sofrimento mental. Dentro desta luta está o combate à ideia de que se deve isolar a pessoa com sofrimento mental em nome de pretensos tratamentos, ideia baseada apenas nos preconceitos que cercam a doença mental. O Movimento da Luta antimanicomial faz lembrar que como todo cidadão estas pessoas têm o direito fundamental à liberdade, o direito a viver em sociedade, além do direito a receber cuidado e tratamento sem que para isto tenham que abrir mão de seu lugar de cidadãos. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/ultimas-noticias/2721-18-5-dia-nacional-da-luta-antimanicomial-2>. Acesso em 10/06/2019.

incluem aí as práticas musicais e artísticas como estratégias imprescindíveis no cuidado de pessoas que se encontram em sofrimento psíquico e vulnerabilidade social. Nesta onda de transformações, a grande área da saúde mental, saúde coletiva e assistência social, (re)configuraram-se como espaços que mais agregaram/agregam expressões musicais e artísticas na lida do cuidado com pessoas em vulnerabilidade social.

[...] a partir do processo da Reforma Psiquiátrica Brasileira, buscou-se a promoção de movimentos sociais e aprovação de projetos de lei, sobretudo a Lei nº 8080, que dispõe do Sistema Único de Saúde que fortaleceu a implantação desses novos métodos. Outros marcos na implantação de políticas de atenção à saúde mental são: a criação do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), [...] e a Lei 10.216/2001, também conhecida como Lei Paulo Delgado, que regulamenta os direitos dos pacientes em sofrimento psíquico e propõe que os tratamentos no campo da saúde mental sejam os menos invasivos possíveis. [...] a utilização da arte como forma de tratamento ganha respaldo na lei. [...] A arte, neste contexto, tem papel fundamental, pois auxilia na integração e no restabelecimento do paciente, bem como na sua relação com a sociedade, criando espaços de diálogo e laços de solidariedade (HIRDES, 2008 e GUIMARÃES ET AL., 2010; BEZARRA, 2007).¹⁵⁴

O fato é que não se trata uma pessoa através somente da dicotomia saúde x doença, os cuidados extrapolam totalmente essa equação, falo de bem-estar, lazer, bom convívio, sentir-se vivo, único e integrante de algo.

A saúde mental das pessoas está intimamente relacionada com a sua saúde física e social, refletida na definição que a OMS propõe, onde a saúde é considerada “não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade”, mas como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social” Segundo a OMS (2001a). (CONTENTE, 2012, p. 02).¹⁵⁵

Aqui cabe comentar sobre Ulysses Pernambucano que foi um dos precursores ao escrever, em 1923, o seu trabalho de conclusão do curso de Medicina: “Manifestações

¹⁵⁴ In A Relevância da Arte como Terapia para Pacientes Portadores de Sofrimento Mental no Século XXI - Entre Novos Métodos Terapêuticos após Reforma Psiquiátrica no Brasil. Texto de F.S.Z. COELHO, A.P. SOUSA, E.M. NUNES e F.O. LIMA. Julho de 2016. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-da-saude/a-relevancia-da-arte-como-terapia-para-pacientes-portadores-de-sofrimento-mental-no-seculo-xxi-entre-novos-metodos-terapeuticos-apos-reforma-psiquiatrica-no-brasil>.

¹⁵⁵ CONTENTE, Paulo Frederico de Melo Quadros Vieira. Bem-estar, Qualidade de vida e Saúde Mental: Estudo Descritivo na cidade da Horta. Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias, no curso de Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de Psicologia. Lisboa, 2012. Disponível em: http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/5049/TeseMestrado_PCContente-Bem-estar%2C%20Qualidade%20de%20vida%20e%20Sa%C3%BAde%20Mental.pdf?sequence=1. Acesso em: 20/02/2019.

artísticas nos alienados”, este trabalho abordava a conexão entre a arte e a terapia. Também destaco Nise da Silveira, mulher pioneira na área da psiquiatria, cursou a Faculdade de Medicina da Bahia, onde se formou como a única mulher entre 157 homens da turma de 1931. Nise em 1946, contrariando os métodos da época que eram o eletrochoque, a lobotomia, e o choque insulínico, fundou a Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação, no qual, tinha como objetivo, estimular os pacientes a se expressarem por meio da arte. Foi através do contato com as artes plásticas que os pacientes (clientes) esquizofrênicos graves de Nise, começaram a se comunicar. As obras produzidas por estas pessoas revelaram diversos conflitos internos que não podiam ser expressados verbalmente. Em 1952, fundou o Museu de Imagens do Inconsciente.

A atividade artística é uma coisa que não depende, pois, de leis estratificadas, frutos da experiência de apenas uma época na história da evolução da arte. Essa atividade se estende a todos os seres humanos, e não é mais ocupação exclusiva de uma confraria especializada que exige diploma para nela se ter acesso. A vontade de arte se manifesta em qualquer homem de nossa terra, independente do seu meridiano, seja ele papua ou cafuzo, brasileiro ou russo, negro ou amarelo, letrado ou iletrado, equilibrado ou desequilibrado. (Mário Pedrosa, 1947).¹⁵⁶

Portanto, no Brasil, desde Nise da Silveira e Ulysses Pernambuco, a área da saúde já compreende a necessidade da arte em suas práticas terapêuticas e de cuidados. As pessoas precisam da arte, do lazer, bem-estar.

[...]. Formulado em 1986, na 8ª Conferência Nacional de Saúde, um conceito pode ajudar a entender o que existe por trás dos milhares e milhões acima - é o conceito ampliado de saúde. Aprovado pelos delegados da conferência, o conceito inclui alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde como condições necessárias para se garantir a saúde. "É, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida". (Site da Agência Fio Cruz, Raquel Júnia, 2011).¹⁵⁷

A ampliação do entendimento da área da saúde para além da dicotomia saúde e doença, proporcionou a utilização da música e suas práticas, no cuidado diário com pessoas em

¹⁵⁶ Trecho da conferência Arte, Necessidade Vital pronunciada por Mário Pedrosa (1900-1981) na ocasião do encerramento da exposição de pintura dos pacientes do Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro, realizada em 1947, no salão do Ministério de Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, e publicada no mês seguinte no jornal "Correio da Manhã". Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/arte-e-psiquiatria>.

¹⁵⁷ Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/conceito-ampliado-de-sa%C3%BAde-pode-ajudar-a-saber-se-uma-popula%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-saud%C3%A1vel>. Acesso em 12/03/2019.

sofrimento social e psíquico, com isso, surgiu uma nova demanda de trabalho, e de certa forma, uma oportunidade de renda para os/as profissionais do entretenimento e educação musical, que começaram a se dedicar em atividades voltadas ao cuidado de pessoas, seja nas ruas, nos centros de convivência, nos centros de atenção psicossocial, nos programas governamentais, associações, abrigos, dentre outros.

Nestes espaços de convívio as atividades artísticas e musicais se configuram muito mais do que meras ferramentas para o convívio e fortalecimento de vínculos, autoestima e realização. As práticas musicais contribuíram/contribuem para a ampliação dos sentidos, ajudam a decifrar e traduzir o mundo ao redor e trouxeram/trazem o poder de dar sentido às relações, as pessoas, as coisas, pois abordam outras/novas sensações que trazem sentido à própria vida, (re) abastece a chama amornada, tempera a vida quando ela fica sem sal. A música (re) media a alma com outros/novos significados, e assim a vida novamente acontece, (re) conexões afloram.

Estudos apontam e comprovam o efeito terapêutico da música atuando diretamente no sistema nervoso, sistema imunitário, sistema cardiovascular e sistema límbico das pessoas. Atua na dor, na motricidade e também no desenvolvimento de outras capacidades do nosso complexo sistema. (BERNARDI et al., 2009; BERNATZKY et al., 2004; GOLDSTEIN, 1980; SPINTGE; DROH, 1983; THAUT et al., 1999). Dentre outras atividades artísticas, a música se apresenta com efeitos terapêuticos que merecem atenção: Estímulos musicais em pacientes com doença de Parkinson, podem colaborar para a melhoria do quadro geral, ou em alguns casos, atuam como tratamento alternativo ao uso de substâncias tradicionais (BERNATZKY et al., 2004). Já no desenvolvimento motor, os estímulos rítmicos auditivos podem colaborar consideravelmente para um melhor desempenho da motricidade do indivíduo. Sabe-se também que estímulos musicais estão associados à redução dos altos níveis de ansiedade em pacientes com problemas cardíacos. (BRISCOE et al., 2003).

[...] Pesquisa realizada no Cognitive Brain Research Unit, da Finlândia, demonstrou os efeitos positivos da escuta musical em pacientes que sofreram acidente vascular cerebral (AVC) na região da artéria cerebral média (SÄRKÄMÖ et al., 2008). O estudo foi realizado para determinar se haveria uma otimização no processo de recuperação cognitiva e no estado de ânimo nesses indivíduos quando eram submetidos a um estímulo musical diário. Os grupos testados receberam estímulo musical, ou estímulo da linguagem ou nenhum estímulo, no caso do grupo controle. A memória verbal e a atenção focal foram marcadamente aprimoradas no grupo estimulado musicalmente, havendo uma diferença significativa quando comparadas aos outros pacientes

testados. Também o grupo testado apresentou menor índice de depressão e estado confusional pós-avc. (TÉLIZ, 2012, p. 36, 37).¹⁵⁸

Está evidente o poder terapêutico e de cura da música, o que precisa agora é estruturar/organizar um caminho para a atuação do profissional da música nestes espaços de cuidados.

3.2.4. Primeiros passos

Minha primeira interação entre música e saúde de deu em 2010, no CETAD, no Projeto Saúde de Cara na Rua, quando atuei como músico e redutor de danos. Aprendi no dia-a-dia com as saídas para trabalhar e observar as ruas e pessoas de Salvador e também a partir dos encontros com Dr. Antônio Nery e Dra. Patrícia Flach, com Luana Malheiro, Jamile Soares, Aline Soares, Mabel Jansen, Livia Ribeiro, Rose Boaretto e toda a equipe.

O projeto “Saúde (de Cara) na Rua”¹⁵⁹ foi concebido no Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas– CETAD, serviço especializado da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB/UFBA), e tem como objetivo realizar ações informativas, educativas, preventivas e de redução de danos relacionados ao uso de substâncias psicoativas junto à população de Salvador. A equipe transita na cidade como um espaço alternativo, criativo e diferenciado que promove a possibilidade da discussão crítica do tema, destituindo as substâncias e seus usos de imaginários equivocados e, principalmente, de responsabilizações únicas pela violência urbana tão evidente nos dias atuais. Aliás, esta é uma das características do projeto: desconstruir o lugar comum e confrontar o imaginário social sobre as substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, na tentativa de provocar modificações de pensamento e comportamento em relação à temática. (Guia do projeto consultório de rua, 2011, p. 94).¹⁶⁰

A equipe do Projeto Saúde (de Cara) na Rua é constituída por profissionais de diversas formações: a coordenadora do projeto, que é terapeuta ocupacional e os demais integrantes: duas psicólogas, um músico, uma artista plástica, uma pedagoga, uma administradora (com experiência no campo artístico), uma redutora de danos e um motorista. O processo de seleção considerou os seguintes critérios: experiência com o trabalho no território, concepção da temática a partir do referencial da saúde coletiva, conhecimento na utilização da estratégia da redução de danos consequentes do uso abusivo de substâncias psicoativas e experiências artísticas que favorecessem a interação com a comunidade. Após a seleção da equipe, foi iniciado o

¹⁵⁸ In TÉLIZ, Marco André Morel. Educação musical e promoção da saúde: uma proposta de leitura interdisciplinar. 2012. 52f. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

¹⁵⁹ Esta atividade, tanto quanto o Consultório de Rua, surgiu a partir das reflexões do Prof. Antônio Nery Filho, fundador e ex-coordenador do CETAD/UFBA.

¹⁶⁰ Guia do projeto consultório de rua / organizadores: Antônio Nery Filho, Andréa Leite Ribeiro Valério, Luiz Felipe Monteiro. – Brasília: SENAD, Salvador: CETAD, 2011. 160 p.

processo de discussão/construção da metodologia do trabalho, com orientação e acompanhamento da supervisão, e do idealizador do projeto, Prof. Antônio Nery Filho, processo permeado pela capacitação/formação dos profissionais para a implementação do projeto. Em face da diversidade dos componentes da equipe, foi necessário integrar os diferentes saberes e práticas, a fim de possibilitar o diálogo e a construção conjunta dos processos de trabalho. Assim, desde o primeiro momento, a formação da equipe tem sido permanente, através de estudos dirigidos, discussão de situações vividas no contexto da rua e supervisão do trabalho realizada regularmente. (Idem, p. 95).

O trabalho foi um desafio, pois como dialogar com práticas redutoras de danos por meio da música? Enfim, as atividades foram acontecendo e as dificuldades não foram só minha, outros profissionais também encontraram desafios. Como já dito, a equipe era composta por uma terapeuta ocupacional, psicólogas, um músico (eu), uma pedagoga, uma artista plástica, uma administradora, uma redutora de danos e um motorista.

Em face da diversidade de experiências dos componentes da equipe, uma das questões mais importantes no processo foi de estarmos numa espécie de formação continuada, digo isso, pois no decorrer do trabalho, todas nós interagíamos com nossos saberes, e aos poucos fomos aprendendo e desenvolvendo práticas coletivas, nas quais aí se incluía a música, as brincadeiras, os jogos, o teatro e outras atividades, que também foram alicerçadas e dinamizadas por meio de estudos dirigidos, discussões sobre as situações vividas no contexto da rua e também pela supervisão do trabalho, principalmente as orientações do idealizador do projeto, Prof. Antônio Nery Filho¹⁶¹, que sempre nos exigia a pensar na etnografia como uma ferramenta para as práticas na rua.

A experiência obtida no “Saúde de Cara na Rua” possibilitou ampliar a percepção de que é possível integralizar diferentes práticas e saberes, no intuito de fomentar o diálogo e a construção coletiva de trabalhos ligados a arte em geral, aplicados nos contextos da saúde coletiva, saúde mental e assistência social. Dentre algumas atividades, desenvolvíamos práticas

¹⁶¹ Diplomado médico pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia em 1970. Especialização em psiquiatria e eletrencefalografia no Centre Hospitalier Ste-Anne, em Paris (1973-1977). Psiquiatra clínico. Psicanalista. Ex-Psiquiatra do Hospital Judiciário da Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos da Bahia. Ex-Perito Médico-Legal - Departamento de Polícia Técnica-Instituto Médico-Legal da Secretaria da Segurança Pública da Bahia. Médico da Secretaria da Saúde do Estado da Bahia. Professor de Psiquiatria Forense (Medicina Legal- Deontologia e Diceologia Médica) da Faculdade de Medicina da Bahia - UFBA. Professor de Ética Médica (Eixo Ética Médica, Bioética e Conhecimento Humanística) da Faculdade de Medicina da Bahia-UFBA. Professor de Bioética da Faculdade Ruy Barbosa (Curso de Psicologia). Ex-Conselheiro do Conselho Regional de Medicina da Bahia. Consultor eventual sobre questões relacionadas com o consumo e abuso de substâncias psicoativas: Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas-Senad. Ministério da Justiça, Coordenação Nacional de Saúde Mental do Ministério da Saúde, Secretaria da Saúde de Salvador-BA. Fundador e Coordenador Geral do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas-Cetad - Faculdade de Medicina da Bahia - UFBA (1985-). Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/antonio-nerly-filho-9a632059>.

musicais na rua, com o violão, pandeiro, e/ou com um megafone, interagíamos por meio de diversas dinâmicas e expressões artísticas, além de informar e discutir sobre políticas de drogas, realizar encaminhamentos, apresentar um programa de redução de danos para a população soteropolitana. Essas eram algumas das tarefas que a equipe realizava. Uma equipe transdisciplinar e artística, uma equipe de saúde.

Ser um educador sócio musical neste campo de trabalho é/foi uma tarefa complexa e que exige/exigiu criatividade para a atuação. As dificuldades foram muitas, primeiro exigiu de mim um aprendizado de um mundo que eu só conhecia como usuário, ou seja, estudar sobre as substâncias psicoativas, seus usos, suas formas de redução de danos aplicadas ao uso de cada substância, vivenciar situações, nas quais algumas vezes, pessoas confundiam nossas ações como apologia ao uso de drogas, e não como prevenção e informação.

Essas questões fazem parte do imaginário que muitas pessoas têm sobre os usos de substâncias psicoativas. A falta de informação, associado ao descaso e ao extremo preconceito, colabora/colaborou para o surgimento das demonizações dos usos, e com isso, uma espécie de demonização das pessoas (usuárias). Daí o que seria/é um problema de saúde pública, muitas das vezes, transforma-se em caso de polícia para muitas usuárias/os de SPA's que se encontram em desvantagem social.

O “Saúde de cara na Rua” foi um trabalho experimental e pioneiro no Brasil na área da saúde coletiva, saúde mental e assistência social, e que abriu espaço para a percepção da importância da inserção de músicos na vida diária com populações em vulnerabilidade social. No entanto, a falta de uma legislação que proporcione segurança e legitimação da atividade artística no campo da saúde, ainda é um entrave para a prática desses profissionais nessa área. A falta de diretrizes dificulta a contratação de músicos como pessoas habilitadas a trabalhar na área da saúde, este tema carece de atenção. Essa é uma demanda que precisa ser debatida, pois na realidade atual, já existe a atuação desses profissionais em muitos espaços de cuidado, porém o que falta agora é uma sistematização e regulamentação da atividade, para que o trabalho se expanda de forma significativa.

Muitos espaços, digo, alguns coordenadores e dirigentes, já compreendem a importância da música na área da saúde, e com isso, a necessidade de contratação de músicos para atuarem em suas equipes. Estes espaços, para suprir a demanda e a necessidade, tem por muitas das vezes, procurar por entre brechas, alternativas possíveis para a contratação destes profissionais. Comento uma das minhas contratações em que tive que assinar como psicopedagogo, sendo que, minha formação é de Licenciado/Mestre em música. Mas era a única alternativa para garantir minha participação na equipe e também ser incluído na folha de

pagamento. Portanto, a necessidade fala/falou mais alto e como só havia esta possibilidade para ser contratado, abracei a alternativa e assinei o contrato.

Avalio que o mais importante foi atender as demandas das pessoas que estavam nas ruas, e com isso, saber interagir e compartilhar com todo esse processo. Enquanto não se formalizar um caminho possível para que músicos sejam contratados e estejam presentes nas equipes de saúde, essas estratégias sempre ocorrerão, e as compreendo como estratégias de guerrilha.

O que posso dizer é que minha atuação como músico fez diferença no dia-a-dia nos trabalhos que desenvolvi com a equipe nas ruas da cidade de Salvador/Ba, ao mesmo tempo, durante o processo, também desenvolvi novas/outras funções, olhares, perspectivas, conteúdos e atuações, que (re) forçaram o meu entendimento de porque eu estava ali inserido numa equipe de saúde.

A falta de uma legislação com critérios definidos para a contratação de músicos para atuarem na rede de saúde, é um dos desafios a serem ultrapassados, com isso, urge a necessidade de uma (re) formulação, a partir do entendimento de que é importante, e talvez, imprescindível a participação de um/uma músico atuando em equipes da área da saúde.

Foi a partir deste trabalho que comecei de fato a desconstruir o lugar comum e confrontar o imaginário social sobre as diversas vulnerabilidades e sobre os usos e abusos das substâncias psicoativas. Nada foi fácil, pois não existia e não existe um protocolo ou uma sistematização do trabalho com música nestes contextos, e talvez não deva existir, pois muito decorre das epistemologias acontecimentais (MACEDO, 2016), tudo vem/veio por meio do encontro, do momento, ou seja:

- *Quem são as pessoas?*
- *Onde estão?*
- *Como estão?*
- *O que desejam?*

Instituições como o CETAD, Projeto Axé e Circo Picolino já desenvolveram metodologias que deram resultados, baseadas principalmente no diálogo, no processo do ouvir o/a outro/a e na construção coletiva de saberes e competências. Essas experiências, inclusive os resultados obtidos com meu Mestrado sobre educação musical no circo Picolino, forneceram-me caminhos possíveis em como desenvolver trabalhos com e por meio da música, nas ruas, nos abrigos e nos espaços de convivência, no entanto:

- *Como atuar com a música nestes contextos e com essas pessoas?*

Essa pergunta foi sendo respondida com a própria prática do trabalho, quando o estar presente, fez toda a diferença. O que sei por experiência é que a música transforma, (re) cria afetos e desejos que vão além das produções artísticas, e essas transformações podem acompanhar uma pessoa por toda uma vida.

3.2.5. Chegando ao Ponto de Encontro

Depois do Projeto “Saúde de Cara na Rua” fui trabalhar no projeto Ponto de Encontro. Para mim foi uma escola, na qual aprendi a desenvolver trabalhos com música junto a pessoas em situação/contexto de rua. O desafio de realizar práticas musicais ganhou outro nível, pois agora não estava mais nas ruas, e sim, dentro de uma casa com pessoas que estavam em situação/contexto de rua. Interagíamos através da música, da prática do violão, da percussão, do canto, com aulas e oficinas de música.

Foi a partir dos encontros e por meio da escuta sensível e principalmente da construção dos afetos e vínculos, permeados por sons e silêncios, que conquistamos juntos um fazer musical que ampliou nossas competências. Com a mudança do Ponto de Encontro para o Centro de Convivência Irmã Dulce do Pobres, comecei também a realizar anamneses¹⁶².

Utilizar a escuta sensível, em processos de pesquisa-ação, significa compreender por empatia e estabelecer uma relação de confiança com o grupo de pesquisa. A perspectiva científico-clínica da escuta sensível, segundo Barbier (1994), acontece durante a avaliação inicial do grupo, visando diagnosticar suas necessidades, e considera os sujeitos de forma holística, em suas dimensões física, mental e espiritual. (CANCHERINI, PONTES, 2011, p. 76).

Ou seja, a minha prática e atuação na rede de atenção e assistência social, fez-me adquirir competências, como a prática da anamnese. Por outro lado, muitos profissionais da saúde já utilizam a música e o fazer musical em suas práticas terapêuticas, daí em contraponto, não estranhe a capacidade de um músico se especializar, aprender e realizar uma anamnese, e logo após, por meio das práticas musicais, expandir o processo terapêutico deste/a beneficiário/a.

¹⁶² “[...] é uma entrevista realizada pelo profissional de saúde ao seu doente, que tem a intenção de ser um ponto inicial no diagnóstico de uma doença, ou uma resposta humana aos processos vitais no caso do profissional Enfermeiro. Em outras palavras, é uma entrevista em que o profissional de saúde ajuda o paciente a relembrar todos os fatos que se relacionam com a doença e à pessoa doente. A anamnese é também referenciada como Anamnese Corporal, Ficha de Anamnese ou Anamnese Corporal Completa”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Anamnese_\(sa%C3%BAde\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Anamnese_(sa%C3%BAde)). Acesso em 29/10/2018. Todas as Anamneses que realizei estão guardadas nos arquivos do CCIDP.

Apresento uma das dificuldades que um músico pode encontrar ao trabalhar na rede de saúde mental, saúde coletiva, e/ou assistência social. A primeira dificuldade é a falta de regulamentação para desenvolver sua atuação. Essa questão me parece ser de ordem jurídica e legislativa, pois, de fato, falta regulamentação, falta por exemplo, um código na tabela SUS,¹⁶³ que caracterize e justifique a atuação de um músico nestes espaços que ofertam cuidados e garantia de direitos a pessoas em vulnerabilidade social.

Em um dos lugares que trabalhei, fui registrado em carteira de trabalho como educador social, exatamente como todas as/os outros/as colegas de trabalho, que apesar das diversas profissões, também foram registrados como educadores sociais. No entanto, sempre que eu terminava alguma atividade que exigisse relatório, ao final da minha assinatura, sempre outro profissional, normalmente um/a psicólogo/a, assinava o procedimento em conjunto. Ou seja, ao final do encontro, para protocolar e arquivar o documento gerado, necessitava de uma assinatura de um profissional da área da saúde, ou seja, um psicólogo/a, ou uma enfermeira/o, pois como os serviços eram cobrados através da tabela SUS, deveria conter um código para validação e faturamento do serviço prestado.

Mas ainda não existe um código na tabela SUS que justifique a atuação do profissional da música na área da saúde, sendo assim, todas as atividades que necessitavam de serem redigidas e protocoladas para faturamento, desde um simples atendimento, ou uma escuta, uma conversa, uma anamnese, atividades ligadas a arte, ou qualquer outra atividade, por mais que fosse eu que realizasse os procedimentos, e por mais que tivesse sido contratado como educador social, assim como todas as/os outras profissionais, a condição de ser músico e ter formação em diploma de Licenciatura/Mestre em música, não me dá/dava lastro suficiente para atuar livremente como músico e educador social na rede de saúde e assistência social. Digo especificamente, atuar nestes casos e nessas questões burocráticas, no entanto, como já dito, as atividades foram desenvolvidas por mim, assim como são/foram desenvolvidas por muitos outros músicos que atuam na área da saúde e assistência social. Ou seja, não existe na legislação vigente um código para o profissional da música realizar determinados procedimentos intrínsecos a seu trabalho, muito menos um código na tabela SUS para que ocorra o faturamento.

Na Portaria Nº 145, de 11 de janeiro de 2017 o SUS determina alguns procedimentos que estão disponíveis, e seus respectivos códigos:

¹⁶³ Sistema único de saúde.

01.01.05.006-2 Sessão de Arte terapia: “Práticas que utilizam a arte como base do processo terapêutico, faz uso de diversas técnicas expressivas no cuidado à saúde. Pode ser realizada de forma individual ou em grupo.”¹⁶⁴ 01.01.05.007-0 Sessão de Meditação: “Prática presente em diversas culturas e tradições, que por meio de um conjunto de técnicas visa harmonizar o estado de saúde da pessoa. Pode ser realizada de forma individual ou em grupo.”¹⁶⁵, 01.01.05.008-9 Sessão de Musicoterapia: “Prática que utiliza a música e seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia), num processo para facilitar e promover os objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. Pode ser realizada de forma individual ou em grupo”.¹⁶⁶ E por fim, 03.09.05.010-3 Sessão de Reiki: “Prática de imposição de mãos que usa a aproximação ou o toque sobre o corpo do sujeito com a finalidade de estimular os mecanismos naturais de recuperação da saúde”.¹⁶⁷

Todos estes procedimentos estão inseridos nas categorias: “007 - Práticas Integrativas e Complementares, 008 – Ações Comunitárias, 010 - Atividades Educativas, Terapêuticas e de Orientação à População”.¹⁶⁸ Na busca, não encontrei nenhum código para a categoria prática musical, ou oficina de música.

Importante frisar que no processo de ser músico, educador musical, social, redutor de danos e o que precisasse ser no momento dos encontros, tive que, muitas vezes, observar minhas próprias práticas e (re) aprender modos de interagir, ser e estar, ou seja, muitas coisas aconteceram de forma empírica, através da tentativa, erro e acerto, no entanto, os encontros e os vínculos criados fortaleceram e naturalmente apresentaram caminhos possíveis para desenvolver práticas musicais com pessoas em vulnerabilidade social.

No meu caso, não passei por nenhum curso, ou formação na área da saúde, fui da vida de educador musical e músico, para (re) conhecer em mim meu potencial de ser um educador social, um redutor de danos, um músico com práticas voltadas à saúde e aos cuidados das pessoas e muito mais. A reflexão que trago é que existe um campo de atuação gigantesco na área da saúde para músicos, e que, por afinidade com o trabalho e também por uma oportunidade de renda, podem se dedicar a cuidar de outra pessoa e também se auto cuidar por meio da arte.

¹⁶⁴ Disponível em: <http://www.brasilsus.com.br/images/portarias/janeiro2017/dia13/portaria145.pdf>.

¹⁶⁵ Idem.

¹⁶⁶ Idem.

¹⁶⁷ Idem.

¹⁶⁸ Disponível em: <http://www.brasilsus.com.br/images/portarias/janeiro2017/dia13/portaria145.pdf>.

Nesse campo de trabalho as atividades ultrapassam o fazer artístico musical e ganham outros sentidos e significados, pois apontam para outras possibilidades voltadas ao enfrentamento das desigualdades sociais e colaboram com a busca de garantias e direitos por meio de ações sociais, artísticas, pedagógicas e terapêuticas.

Um dos desafios para o/a profissional que se forma numa Escola de Música, Artes, Dança ou Teatro e busca estes espaços de cuidados para trabalhar é não estar completamente apto/a para desenvolver atividades musicais e artísticas nestes contextos. Aqui vale uma crítica aos currículos das Escolas de Música, Teatro, Dança e Artes, e faço a pergunta:

— *Será que a contemporaneidade não pede uma revisão e ampliação desses currículos?*

Na conjuntura atual, a não ser a musicoterapia¹⁶⁹ ou arte-terapia, não existe nenhuma formação específica que habilite e/ou desenvolva competências para o trabalho com música na área da saúde. Segundo Bárbara Carvalho, “O objetivo do musicoterapeuta é utilizar da música e de todos os seus elementos (ritmo, som, melodia) para fins terapêuticos. Segundo ela, o profissional pode “ajudar” no tratamento e até na cura de pacientes com alguma necessidade específica, seja emocional ou de reabilitação”.¹⁷⁰

Mas na minha prática não propus nenhuma competência da musicoterapia, primeiro porque não enxergava ninguém doente precisando de cura, ou seja, nunca pensei em fazer terapia com as pessoas, e sim, em fazer música. Sim, práticas musicais. Essas práticas, no entanto, de maneira natural, converteram-se, transformaram-se, e se configuraram em práticas de convívio, tolerância, percepção, e em práticas de sociabilidades através da construção de vínculos afetivos, possibilitados pelos processos de transmissão, nos quais aí se incluem também os processos de ensino e aprendizagem de música. Ou seja, não atuei como músico terapeuta, nem como arte terapeuta, e sim, atuei por meio de práticas musicais inclusivas, que no decorrer do trabalho, as compreendi também como práticas de saúde.

¹⁶⁹ O musicoterapeuta usa a música e seus elementos – som, ritmo, melodia e harmonia – para a reabilitação física, mental e social de indivíduos ou grupos. Emprega instrumentos musicais, canto e ruídos para tratar pessoas com distúrbios da fala e da audição ou deficiência mental. Atua, também, na área de reabilitação motora, no restabelecimento das funções de acidentados ou de convalescentes de acidentes vasculares cerebrais. Auxilia estudantes com dificuldade de aprendizado e contribui para melhorar a qualidade de vida de idosos e pacientes de doenças crônicas. Também promove a reabilitação de dependentes químicos e a reintegração de menores infratores. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/musicoterapia/>. Acesso 24/02/2019.

¹⁷⁰ Bárbara Carvalho, musicoterapeuta graduada pela UFMG em entrevista ao Cifraclub News. Disponível em: <https://www.cifraclubnews.com.br/especiais/120928-queiro-ser-musico-o-que-faz-um-musicoterapeuta.html>.

José Davison da Silva Júnior¹⁷¹ em seu artigo: *Educação musical terapêutica: um novo conceito em educação musical?*¹⁷² Apontou para uma educação musical terapêutica e comentou que: “A educação musical terapêutica não se confunde com a musicoterapia nem com a educação terapêutica, mas é uma prática realizada pelo educador musical, que sempre terá a aprendizagem musical como principal objetivo”. (DA SILVA, 2016, p. 01).

Apesar da minha prática se assemelhar muito mais com essa perspectiva, ainda vejo diferenças, pois não exatamente estava ofertando aulas terapêuticas de música, e sim, vivenciando práticas musicais. Não desejo criar uma briga com os rótulos, a ideia foi/é liberar essa disputa, mas ao mesmo tempo, compreender meu campo de atuação nestes contextos, o que poderia chamar de uma possível musicoterapia antropológica, mas ainda prefiro compreender o processo como encontros permeados por práticas musicais.

Num primeiro momento, no início do campo de pesquisa, imaginei em ofertar aulas de música, mas logo percebi que não precisava ensinar nada a nenhuma interlocutora, mas sim, provocar possíveis descobertas por meio das práticas musicais, um processo de expansão das memórias afetivas por meio da música. Com isso veio o tocar, cantar, dançar, conversar, improvisar, rir, chorar. Sendo assim, comecei a perceber que naturalmente poderíamos aprender e desenvolver conteúdos diversos, inclusive conteúdos musicais. Foi a partir dos conhecimentos prévios de cada pessoa, e/ou por meio de novos/outros aportes que trazíamos para os encontros, que os conhecimentos foram gradativamente sendo adquiridos e desenvolvidos por homens e mulheres que interagiam entre si. Fica, portanto, a certeza: Onde existem práticas musicais, existem processos de ensino e aprendizagem (transmissão).

[...] as práticas de educação musical, escolares ou não escolares, são espaços de criação e recriação de significados, e, portanto, de cultura. Nesse sentido, educação musical deve ser muito mais do que aquisição de competência técnica, ela deve ser considerada como prática cultural que cria e recria significados, que conferem sentido à realidade. (ARROYO, 2000, p. 19).

Percebi durante esses 10 anos de atuação, que minha inserção nestes contextos extrapolou a prática da musicoterapia, da arte-terapia, da terapia ocupacional, e da educação musical terapêutica, pois abrangeu dimensões permeadas por outras perspectivas, nas quais os desejos, afetos e vínculos oriundos dos encontros musicais foram os alicerces do encontro.

Foi por meio das práticas musicais e das atividades sócio integrativas, que construímos

¹⁷¹ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco.

¹⁷² Artigo apresentado no seminário nacional de psicologia da música e educação musical: interfaces, perspectivas e ações pedagógicas. Feira de Santana, 9 a 11 de março de 2016.

e dinamizamos vínculos, vivenciamos e (re) criamos significados, movimentamos experiências reais de vida por meio do acontecimento e dos fenômenos que afloraram a partir do encontro musical.

Toda atividade de ensino da música requer o desenvolvimento de práticas que devam se caracterizar como expressões musicais significativas e não simplesmente como num conjunto de exercícios para a assimilação de aspectos técnicos estruturais. [...]. Compreendo assim que para se estabelecer propostas de ensino e aprendizagem, que possam não só desenvolver habilidades, mas, sobretudo concretizar um ensino musical da música, é preciso caracterizar performances que tenham sentido, significado e expressão, pensados como produtos oriundos de experiências reais de vivência da música que possam estabelecer processos significativos e fundamentais para a educação musical. (QUEIROZ, MARINHO, 2005, p. 55).

Para finalizar essa explanação, proponho algumas questões. Começo pelo debate sobre o/a educador/a que sai da Universidade - Escola de Música/Dança/Teatro, este profissional está preparado (a) para atender essa crescente demanda de trabalho na área da saúde e assistência social? Retomo a questão do currículo:

— *Os saberes eleitos como formativos por essas escolas servem para quem exatamente? Para o quê?*

Dentro da lógica de uma sociedade de classe, a arte sempre foi vista como privilégio de seletos grupos. Então qual o papel da arte na saúde mental? Na saúde coletiva? Na assistência social? Nos abrigos, centros, presídios e na atualidade? Pergunto-me qual o papel da música nas escolas públicas, por exemplo? Seria para garantir uma formação em música, ou para atender/colaborar com a demanda crescente de sensibilização do ser humano nestes espaços desiguais de ensino e aprendizagem? Como garantir que um/a educador/a sócio musical possa dar conta dessas demandas e desenvolver atividades com música com pessoas em vulnerabilidade social? Como fazer?

O como fazer não tem uma receita única e talvez nenhum curso de formação continuada possa dar o lastro suficiente e necessário, para poder atender as crescentes demandas, e fazer com que profissionais da música possam atuar nestes contextos, pois o encontro cria suas próprias dinâmicas e carrega consigo suas próprias metodologias/epistemologias (acontecimento). Mas isso não quer dizer que, a partir de experiências anteriores, não se possa construir um espaço/campo de estudo e pesquisa que possa atender as demandas de novos/outros profissionais da música, que pretendam trabalhar nestes contextos.

O que pretendo instigar é uma mudança de paradigmas, uma ampliação de currículos, e uma ampliação da visão e atuação profissional de músicos nestes espaços/contextos. É necessário que desenvolvamos reflexões críticas, e cheguemos a um consenso de que é importante existir práticas musicais nos processos integrativos/terapêuticos na área da saúde. Essa questão me acompanhou/acompanha durante os anos em que trabalhei nos diversos dispositivos da rede como músico, educador social e redutor de danos.

A prática cotidiana de música nesses contextos, muitas das vezes conflituosos, não possui um único jeito de se fazer, existem diversas possibilidades que podem aflorar a partir do acontecimento. É o acontecimento como fonte criativa de saberes que faz a roda girar. Foi a partir do acontecimento (MACEDO, 2016), que me debrucei no fazer música nestes espaços e contextos, desde levar o violão para a rua, a fazer vinhetas e pequenas músicas/composições, a interagir com a cidade e com as pessoas por meio de jogos e brincadeiras musicais e artísticas. Ou seja, no meu caso, não tive escola, nem curso, e assim como outros/as profissionais, aprendi na prática.

No entanto, mesmo sem um caminho metodológico delineado, a prática desse trabalho nos espaços em que atuei, foram alicerçadas por uma formação continuada/compartilhada, mas ainda não sistematizada, através de estudos dirigidos e reuniões semanais, inclusive reuniões clínicas para a discussão de possíveis metodologias¹⁷³ e recursos técnicos a serem utilizados. Neste sentido, o estar junto com diferentes pessoas em diferentes territórios, proporcionou um vivenciar de experiências que delinearam possíveis intervenções metodológicas, permeadas por diálogos a partir da música.

Certo de que cada experiência é única, torna-se complexo sistematizar o encontro, talvez impossível, mas as experiências obtidas por meio da música podem gestacionar ou indicar caminhos possíveis de intervenções e cuidados com pessoas em processos de vulnerabilidade social. A possibilidade de criação de cursos, eventos e/ou seminários de formação continuada, para músicos e também para os não músicos, mas que trabalham com música em seus processos terapêuticos e sócio integrativos, podem desencadear novas/outras frentes de atuação e novos/outros jeitos de cuidados para/com outra pessoa.

Uma formação continuada implica em aprofundar visões através de atividades, vivências e leituras direcionadas a atuação do músico nestes espaços de convívio. O que se vê na prática é uma crescente demanda de atuação de músicos nestes contextos de cuidados, em

¹⁷³ Ver o anexo A — Relatórios nº 01, 07, 08, 11, 12, 20, 23, 24, 29, 30, 33. Nestes relatórios comento sobre possíveis metodologias e recursos técnicos que foram utilizados entre 2010 e 2014.

verdade, muitos músicos já se encontram desempenhando atividades em diversos centros de convivência, hospitais, instituições, programas e projetos de assistência social, mas, assim como eu, aprenderam através da sensibilidade e da prática cotidiana, em como atuar nestes espaços. O fato é que a demanda de trabalho continua crescente, então, faz-se necessário que pensemos numa mínima formação e/ou ampliação dos currículos, para que músicos e não músicos, possam desempenhar com maior segurança as atividades com música na área da saúde. Se não existe uma metodologia para se desenvolver o trabalho, que pelo menos nos situemos no campo de atuação e tentemos organizar melhor nossas práticas.

Ao refletir sobre o papel do músico nesses espaços de cuidados, e devido a importante atuação em prol do bem-estar psíquico e social das pessoas envolvidas, compreendo que poderíamos considerar o músico também como um profissional da saúde, ora, saúde também é lazer e bem-estar, e nós educadores sócio musicais, nestes contextos, atuamos exatamente nesse sentido. É o poder (potência) da música como prática de saúde:

Considerada pelos antigos uma poderosa força mágica e hoje, à luz de avançadas pesquisas científicas, uma força de ação fisiológica e psicológica, a música constitui ferramenta auxiliar da educação, da mesma forma que participa de diferentes tratamentos de recuperação, integrando programas de desenvolvimento de condições físicas e mentais do indivíduo, sem prescindir da conclusão racional de outras disciplinas, médicas, paramédicas e psicológicas. (SEKEFF, 2007, p. 69).

Aqui aponto para a construção e o reconhecimento deste campo de trabalho do músico. Instigo para a possibilidade de criação de outras/novas políticas públicas e possíveis regulamentações, na qual (re) conheçam legalmente a atuação desses profissionais nestes espaços de convívio e promoção de saúde. Não falo somente de oficinas de música, mas de encontros entre homens e mulheres que podem desenvolver trabalhos com música por meio da convivência, criação e manutenção de vínculos afetivos, sociais e sonoros.

São atividades sócio musicais integrativas que proporcionam uma (r) evolução e apontam para uma *Musicaliza-Ação social*. Daí a necessidade de reconhecer o músico como profissional importante e atuante na área da saúde. Um profissional que colabora com a promoção de reflexões críticas, processos de ensino e aprendizagem (transmissão), além do bem-estar e lazer, fundamentos imprescindíveis a qualquer pessoa, tudo isso entrelaçado por afetos e vínculos que podem durar por toda uma vida.

Como já dito, mesmo atuando por meio de práticas musicais sem nenhuma perspectiva terapêutica, posso antecipar algumas conclusões e afirmar que compreendo as práticas musicais

nestes contextos, como práticas sócio integrativas, terapêuticas, educacionais e reflexivas, pois de certa forma, convergiram-se e se configuraram como práticas de saúde. Ou seja, nestes contextos pesquisados, as práticas musicais podem e devem ser compreendidas como práticas de saúde.

3.2.6. Redução de danos

A redução de danos é um conjunto de políticas e práticas de saúde, na qual a pessoa que faz uso de alguma substância psicoativa pode se utilizar para minimizar os riscos e danos causados pelo uso/abuso. A prática de redução de danos é indispensável para quem faz uso abusivo de alguma substância, pois tem o foco na prevenção.

Os Programas de Redução de Danos- PRD se constituem como estratégia central para a abordagem a usuários de drogas em situação de exclusão social em diversas partes do mundo, tendo alcançado sucesso por possibilitar a aproximação do profissional de saúde ao contexto de vida do usuário de drogas. As ações de Redução de Danos se conduzem para a atuação nos territórios de consumo de drogas, diretamente com os seus consumidores na abordagem face-a-face, promovendo uma articulação entre os serviços de saúde e assistência social até populações que possuem difícil acesso a estes dispositivos. (Blog do Ponto de Encontro).¹⁷⁴

A proposta da redução de danos é promover cuidados e evitar que as pessoas sejam prejudicadas pelo uso, ou por práticas indevidas de uso. Um exemplo bem evidente é sobre o uso de crack. Normalmente se usa com um cachimbo, mas a depender do contexto, às vezes algumas pessoas, pela fissura do uso, não estando com seu cachimbo em mãos, podem, por exemplo, pegar uma lata vazia de cerveja de alumínio no lixo, e utilizar a lata como um cachimbo, mas se essa lata estiver infectada pela urina de ratos que andaram pelo lixo, o que poderia acontecer? Essa pessoa poderia contrair leptospirose, o que em si, é um problema muito mais sério do que o uso do crack, e conseqüentemente, seu tratamento muito mais oneroso ao Estado. Então a prática de redução de danos vem informar para que cada pessoa tenha o seu próprio cachimbo e que não o compartilhe com mais ninguém. Esse é um exemplo de uma prática de redução de danos direcionada para o uso de crack, mas cada substância tem sua redução de danos específica.

A redução de danos caracteriza-se como uma abordagem ao fenômeno das drogas que visa minimizar danos sociais e à saúde associados ao uso de

¹⁷⁴ Disponível em: <https://blogpontodeencontro.wordpress.com/o-programa-de-reducao-de-danos>.

substâncias psicoativas. O início destas intervenções foi marcado por ações no campo da saúde, que hoje tem se ampliado da esfera do direito à saúde para a do direito à cidadania e dos Direitos Humanos. As práticas de redução de danos buscam a socialização política de usuários de drogas de maneira crítica, no sentido de tornarem-se protagonistas, de promoverem o autocuidado com a saúde e a busca por direitos, pela discussão de políticas governamentais e políticas de estado, numa perspectiva que passa pelo individual e também pelo coletivo. A atuação em redução de danos hoje tem uma perspectiva mais ampla, de promoção de direitos individuais e sociais de usuário de drogas, mas sua origem data de 1926, na Inglaterra, com a publicação do Relatório Rolleston, a partir do qual se indicava a prescrição médica de opiáceos para dependentes químicos de heroína, como forma de prevalecer os benefícios desta administração frente aos potenciais riscos da síndrome de abstinência. Já a primeira iniciativa comunitária, surgiu na Holanda em 1984, como reivindicação de usuários de drogas injetáveis, que preocupados com os elevados índices de Hepatite B entre si, por conta do compartilhamento de seringas, demandaram ações do governo para a contenção da epidemia, e a partir de então foi criado o primeiro programa de distribuição e troca de agulhas e seringas (site É DE LEI).¹⁷⁵

O tema é amplo, e no processo de se fazer redução de danos, às vezes, algumas pessoas não informadas, confundem como apologia ao uso, como já comentado no subcapítulo: 3.2.3. “O músico e suas práticas de saúde: Outras epistemologias etnomusicológicas”, no entanto, na área da saúde, entende-se que ao fornecer meios seguros para uma pessoa praticar o uso de substâncias, garante-se uma redução dos efeitos nocivos colaterais que esse uso poderia causar ao se infectar por exemplo com uma lata que foi pega no lixo.

Vejamos o que diz o site do Ministério da Justiça e Segurança Pública Federal sobre redução de danos:

Redução de Danos: A promoção de estratégias e ações de redução de danos, voltadas para a saúde pública e direitos humanos, deve ser realizada de forma articulada inter e intra-setorial, visando à redução dos riscos, as consequências adversas e dos danos associados ao uso de álcool e outras drogas para a pessoa, a família e a sociedade. Diretrizes: Reconhecer a estratégia de redução de danos, amparada pelo artigo 196 da Constituição Federal, como medida de intervenção preventiva, assistencial, de promoção da saúde e dos direitos humanos; Garantir o apoio à implementação, divulgação e acompanhamento das iniciativas e estratégias de redução de danos desenvolvidas por organizações governamentais e não-governamentais, assegurando os recursos técnicos, políticos e financeiros necessários, em consonância com as políticas públicas de saúde; Diminuir o impacto dos problemas socioeconômicos, culturais e dos agravos à saúde associados ao uso de álcool e outras drogas; Orientar e estabelecer, com embasamento científico, intervenções e ações de redução de danos, considerando a qualidade de vida, o bem-estar individual e comunitário, as características locais, o contexto de vulnerabilidade e o risco social; Garantir,

¹⁷⁵ Disponível em: <http://edelei.org/pag/reducao-danos>. Acesso em 20/02/2019.

promover e destinar recursos para o treinamento, capacitação e supervisão técnica de trabalhadores e de profissionais para atuar em atividades de redução de danos; Viabilizar o reconhecimento e a regulamentação do agente redutor de danos como profissional e/ou trabalhador de saúde, garantindo sua capacitação e supervisão técnica; Estimular a formação de multiplicadores em atividades relacionadas à redução de danos, visando um maior envolvimento da comunidade com essa estratégia; Incluir a redução de danos na abordagem da promoção da saúde e prevenção, no ensino formal (fundamental, médio e superior); Promover estratégias de divulgação, elaboração de material educativo, sensibilização e discussão com a sociedade sobre redução de danos por meio do trabalho com as diferentes mídias; Apoiar e divulgar as pesquisas científicas submetidas e aprovadas por comitê de ética, realizadas na área de redução de danos para o aprimoramento e a adequação da política e de suas estratégias; Promover a discussão de forma participativa e subsidiar tecnicamente a elaboração de eventuais mudanças nas legislações, nas três esferas de governo, por meio dos dados e resultados da redução de danos; Assegurar às crianças e adolescentes o direito à saúde e o acesso às estratégias de redução de danos, conforme preconiza o Sistema de Garantia de Direitos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei n.º 8.069/1990); Comprometer os governos federal, estaduais e municipais com o financiamento, a formulação, implementação e avaliação de programas e de ações de redução de danos sociais e à saúde, considerando as peculiaridades locais e regionais; Implementar políticas públicas de geração de trabalho e renda como elementos redutores de danos sociais; Promover e implementar a integração das ações de redução de danos com outros programas de saúde pública; Estabelecer estratégias de redução de danos voltadas para minimizar as consequências do uso indevido, não somente de drogas lícitas e ilícitas, bem como de outras substâncias.(site do Ministério da Justiça e Segurança Pública Federal).¹⁷⁶

Infelizmente o governo conservador atual (2020), precisamente no dia 11 de abril de 2019, assinou e publicou o decreto 9.761, em que ficou estabelecido novas diretrizes para a política nacional sobre drogas, essa alteração substituiu a política que vinha sendo adotada, diga-se de passagem, com sucesso, desde 2002. Muito se fala da influência da indústria farmacêutica nesta decisão, a partir dos seus avanços no que se diz respeito aos tratamentos da dependência química. Com isso, a redução de danos deixou de ser uma política de Estado, abrindo espaço para a indústria farmacêutica promover medicamentos, em busca de uma abstinência total do usuário de substâncias.

Essa postura caminhou em movimento contrário ao pensamento de boa parte da sociedade brasileira, que busca, a partir de pesquisas e estudos, iniciativas possíveis que promovam a legalização das drogas, principalmente no que diz respeito ao uso de substâncias que hoje ainda são ilícitas, para tratamentos de doenças e uso em terapias alternativas. Como é o caso do uso de uma substância presente na Cannabis para tratamento de vários tipos de

¹⁷⁶ Disponível em: <http://justica.gov.br/sua-protecao/politicas-sobre-drogas/prevencao-e-tratamento/reducao-de-danos>. Acesso em 20/02/2019.

câncer, Alzheimer,¹⁷⁷ glaucoma,¹⁷⁸ epilepsia,¹⁷⁹ dentre outras doenças graves. Esse retrocesso implicou diretamente nos processos de estigmatização social e o possível retorno a uma lógica manicomial, indo de contra a realidade atual, ampliando o sofrimento de muitas pessoas, que sem poder se beneficiar das políticas de redução de danos, vê sua dignidade sendo rasgada e sua cidadania colocada a margem.

No fluxo da pesquisa de campo, e com vontade de participar sobre as discussões que se tem sobre os cuidados de pessoas em vulnerabilidade social, no dia 12 de setembro de 2018 fui ao terceiro encontro nacional dos consultórios de/na rua. O evento aconteceu nas instalações da UFBA – Escola Politécnica, Escola de Arquitetura e Escola de Ciências sociais e Antropologia, todas localizadas no bairro da Federação, Salvador/Ba. Muitas pessoas oriundas de diversas cidades e instituições, pessoas em situações de vulnerabilidade social, além dos diversos profissionais dos consultórios de/na rua estiveram presentes.

Aconteceram muitas falas importantes, e para esta tese, eu destaco a fala de Trícia Calmon, atual coordenadora geral do Programa Corra pro Abraço. Trícia falou sobre promoção de direitos, principalmente para os jovens oriundos das periferias, que na maior parte são pessoas com escolaridade fundamental incompleta e que precisam de suporte, pois além das dificuldades diárias, enfrentam o sério problema do racismo que desumaniza as pessoas. Trícia comentou:

— *Não tem como viabilizar políticas públicas eficientes se você não enxerga o outro como ser humano.*

Trícia revelou que os caminhos ou descaminhos que levam à morte, tem mais a ver com as matrizes da desigualdade, pois muitas das vezes as casas desses indivíduos não dão conta dos problemas e a rua surge como uma possibilidade de vida. Nesse sentido, surge a

¹⁷⁷ “É uma doença neurodegenerativa crônica e a forma mais comum de demência. A doença manifesta-se lentamente e vai-se agravando ao longo do tempo. O sintoma inicial mais comum é a perda de memória a curto prazo, com dificuldades em recordar eventos recentes”. Disponível em: https://www.google.com/search?ei=l8n_XNeLILGW0Ab4pqfADA&q=alzimer&oq=alzimer&gs_l=psy-ab.3..0i10110.32093.33556..33781...0.0..0.153.1029.0j7.....0....1..gws-wiz.....0i71j0i131j0i10i3.nWGaiM4hpnM.

¹⁷⁸ “É uma doença ocular causada principalmente pela elevação da pressão intraocular que provoca lesões no nervo ótico e, como consequência, comprometimento visual. Se não for tratado adequadamente, pode levar à cegueira. Disponível em: https://www.google.com/search?ei=usn_XJqUBYSP0Aa5pZPIAG&q=glaocoma&oq=glaocoma&gs_l=psy-ab.3..0i10110.97186.99090..99299...0.0..0.190.1260.0j8.....0....1..gws-wiz.....0i131j0.2QpPXomBLM.

¹⁷⁹ “Afecção que se manifesta por crises de perda da consciência, acompanhadas de convulsões, que surgem em intervalos irregulares de tempo”. Disponível em: https://www.google.com/search?ei=MMr_XJr4J4Ob5OUPj4Gx8AQ&q=epilepsia&oq=epilepsia&gs_l=psy-ab.3..014j0i131j0i5.109799.109799..110228...0.0..0.140.140.0j1.....0....2j1..gws-wiz.J9jR9vrvv1Y.

necessidade de garantir os direitos dessas pessoas, além de colaborar com a melhoria da autoestima. Trícia finalizou:

— *Temos fome, temos fome de muita coisa!*

A outra fala que achei importante trazer para esta tese, foi a de Vilma Reis,¹⁸⁰ Ela iniciou sua fala explicando como a sociedade brasileira é misógina. Apresentou-se com seu nome e sobrenome e disse que é importante dar o nome e sobrenome em qualquer situação, para que o racismo não coloque o nome que ele quiser.

Trouxe a importância da leitura e apresentou aos ouvintes, o livro “Necropolítica” de Achille Mbembe.¹⁸¹ Vilma Reis trouxe uma perspectiva importante para esta tese, pois não se trata de pessoas vulneráveis, mas sim, de pessoas injustiçadas, que foram surrupiadas, que tiveram suas vozes roubadas. Pessoas que vivem atualmente no mercado da morte, com e sob as políticas da morte. Então:

— *Como se organizar?*

O conceito da Necropolítica apresentado pelo historiador, filósofo, teórico político e professor Achille Mbembe, relaciona-se diretamente com o racismo. O conceito propõe a discussão sobre políticas de segurança pública, no qual, apresenta um Estado que adota políticas de morte e de extermínio. Essa discussão, evidencia que existem pessoas e lugares que são/foram subalternizados, e apresenta um Estado que tem a licença e o poder para matar.

— *E quem morre?*

Quem morre tem endereço certo: pessoas negras. Vide casos atuais (2020), das violentas mortes no Rio de Janeiro e das mortes diárias na cidade de Salvador. Atualmente, com o compartilhamento e divulgação em massa de vídeos nas redes sociais da atuação da polícia, é perceptível a diferença no trato, na hora da abordagem policial nos diferentes bairros das cidades. Nas periferias das cidades, a polícia toca o terror, e nos bairros ditos nobres, a conduta policial é completamente diferente. O Estado deveria prover vidas e não escolher quem vive e quem morre. Essa soberania e poder de decisão, de escolher quem deve morrer e quem deve viver, é a Necropolítica.

Vilma Reis revelou que é preciso compreender que se passaram 130 anos de uma falsa abolição, ou seja, de 1888 até 2018. Recordou que a constituição de 1988 está sendo sangrada até os dias atuais e apontou o censo¹⁸² como uma ferramenta social de possibilidades de

¹⁸⁰ Socióloga e ativista brasileira. Defensora dos direitos humanos, das mulheres, negros e LGBTQIA+, ocupa desde 2015 o cargo de Ouvidora-geral da Defensoria Pública do Estado da Bahia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vilma_Reis. Acesso em 13/10/2018.

¹⁸¹ Considerado um dos maiores pensadores da atualidade.

¹⁸² Devido a pandemia de covid-19, o censo de 2020 foi adiado para 2021.

resistências políticas. Com isso, devemos exigir que o censo inclua as pessoas que estão em situação/contexto de rua na sua contagem, pois não se constrói/faz políticas públicas, sem os indicadores oficiais do censo.¹⁸³ A questão é/será:

— *Qual será a metodologia aplicada para a população não domiciliada no país?*

Este será um dos grandes desafios políticos, pois como emitir um cartão do SUS sem endereço? Ao final da sua fala, explicou sobre a necessidade em constituir uma comissão para elaborar um documento, que deve ser encaminhado ao Ministério do Planejamento. É preciso chamar o IBGE para a responsabilidade social.

Neste encontro dos consultórios de/na rua, eu fiquei a maior parte do tempo com dois dos interlocutores desta pesquisa, Jedilson dos Santos e Everaldo Santos Silva.¹⁸⁴ Ficamos juntos durante os três dias de evento, participando, interagindo e dialogando com outras pessoas sobre as necessidades do povo da rua. Principalmente sobre a temática redução de danos. Creio ser essa, uma das frentes mais importantes no trabalho com pessoas em situação/contexto de rua. Redução de danos é um ato de amor, de respeito, cuidado e de carinho.

Foi muito importante ouvir as diversas falas deste encontro, principalmente das mulheres da RENFA - Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas, que nos fizeram perceber cada vez mais que somos querentes de muitas coisas, e que precisamos nos organizar e manter a resistência através de ações, interlocuções e articulações sociais e políticas. Fazer-se presente e atuante, interagir com os pares dessa caminhada em prol da garantia dos direitos de muitas pessoas que foram injustiçadas e alocadas num grau de vulnerabilidade compulsória. É preciso muita luta atrelada a esperança, ou melhor, perseverança.

Estar com Jedilson dos Santos e Everaldo Santos Silva em meio as discussões e debates, foi importante para ver florescer neles o desejo da participação ativa e de interlocução política. Nestes três dias de encontro, participamos juntos e refletimos sobre as discussões e temas apresentados. Ao final do evento ocorreu a eleição para formalizar o núcleo nacional dos consultórios de rua, e foi muito bom Jedilson dos Santos estar presente, pois o mesmo pleiteou uma vaga e atualmente faz parte da direção nacional dos consultórios de/na rua.

Nesta pesquisa, o que posso garantir é que as práticas musicais nos contextos do MPR, CAPS e Programa Corra pro Abraço, configuraram-se como práticas redutoras de danos, pois a cada encontro, além de fazermos música e discutirmos sobre música, falávamos sobre os usos e abusos de drogas, e com isso, um maior entendimento no processo de usar alguma substância

¹⁸³ Essa pauta também era de Maria Lúcia, em outros momentos, pude estar presente em suas falas, na qual discutia sobre a necessidade do censo para a população em situação de rua.

¹⁸⁴ Infelizmente Everaldo Santos Silva faleceu em junho de 2020.

ficava mais evidente. Além de que, durante os encontros, raramente alguém participava sob influência de alguma substância, obviamente sempre chegava alguém com os estados alterados, mas isso foi mudando a partir da participação ativa, progressivamente os encontros musicais foram colaborando para a redução no uso de substâncias.

Essa percepção foi crescente, ao ponto dos/as participantes começarem a se aproximar das oficinas, mais organizadas e mais interessadas em aprender e em compartilhar assuntos e temas diversos, desde as experiências obtidas nas ruas, como as experiências obtidas a partir dos encontros e práticas musicais.

3.2.7. Drogas: que onda é essa? Será que dá som?

Talvez quase toda a população brasileira use drogas, desde o cafezinho pela manhã para aguentar o dia, ao chocolate pela tarde para segurar a energia. Pela noite tem o rivotril para dormir, ou a cannabis para diminuir a ansiedade, ou ampliar a criatividade. Também tem o vinho tinto, o suave, o digestivo após as refeições, tem para todos os gostos. Mas a grande questão/problema é sobre a legalidade do uso das substâncias e a guerra às drogas no Brasil, que ao longo de anos, só causou mortes e prisões de homens e mulheres que foram criminalizados pelos usos de determinadas substâncias, e com isso, são/foram alocadas como marginais.

O que se vive no Brasil é um massacre e genocídio de pessoas específicas: negros e negras e populações excluídas, que em geral vivem afastadas das atividades econômicas formais. São pessoas criminalizadas pelos seus usos, e alocadas numa condição de fora da lei, sendo consideradas pelo Estado como pessoas tóxicas e nocivas.

Com a postura de guerra às drogas, o Estado criminalizou a pobreza e dificultou o surgimento de outras possibilidades de construção de algo diferenciado no cuidado de pessoas com histórico de abusos de substâncias psicoativas.

O consumo de substâncias psicoativas popularmente referidas como “drogas” é fenômeno recorrente e disseminado em diversas sociedades humanas e em diferentes momentos de suas histórias. Do ponto de vista do campo de estudos da cultura e da política, no seu sentido mais amplo, a existência e o uso de substâncias que promovem alterações na percepção, no humor e no sentimento são uma constante na humanidade, remontando a lugares longínquos e a tempos imemoriais. Ao mesmo tempo, porém – e isso é crucial –, os múltiplos modos pelos quais essa existência e esses usos são concebidos e vivenciados variam histórica e culturalmente. “Drogas” não são somente compostos dotados de propriedades farmacológicas determinadas, que possam ser naturais e definitivamente classificadas como boas ou más. Sua existência e seus usos envolvem questões complexas de liberdade e

disciplina, sofrimento e prazer, devoção e aventura, transcendência e conhecimento, sociabilidade e crime, moralidade e violência, comércio e guerra. [...] Poucos fenômenos remetem a tamanhas e intrincadas redes de significações históricas e culturais comparáveis e, ao mesmo tempo, têm se prestado a formas extremadas de simplificação conceitual e manipulação política como o uso de “drogas”. Deve-se ressaltar que mesmo entre os próprios especialistas das ciências biomédicas não há acordo no que diz respeito ao sentido preciso do termo “droga”. Na linguagem mais técnica, “droga” serve para designar amplamente qualquer substância que, por contraste ao “alimento”, não é assimilada de imediato como meio de renovação e conservação pelo organismo, mas é capaz de desencadear no corpo uma reação tanto somática quanto psíquica, de intensidade variável, mesmo quando absorvida em quantidades reduzidas. Nesse plano, estamos falando de substâncias tão diferentes como a cerveja, a cocaína, a jurema e o diazepam. “Psicoativo” é um dos termos cunhados para referir às substâncias que modificam o estado de consciência, humor ou sentimento de quem as usa – modificações essas que podem variar de um estímulo leve, como o provocado por uma xícara de café, até alterações mais intensas na percepção do tempo, do espaço ou do próprio corpo, como as que podem ser desencadeadas por alucinógenos vegetais, como a ayahuasca, ou “anfetaminas psicodélicas” sintéticas, como o MDMA, popularmente conhecido como ecstasy. Ao lado das significações atuais mais costumeiras de “medicamento” e de “psicoativo”, encontra-se nas línguas europeias uma utilização mais antiga do termo para designar ingredientes empregados não só na medicina, mas também na tinturaria e na culinária, provenientes de terras estrangeiras distantes, como as especiarias do Oriente e, posteriormente, o açúcar, o chá, o café e o chocolate (Goody, 2001). Na linguagem mais comum, por fim, “drogas” significam substâncias psicoativas ilícitas (maconha, cocaína, crack, heroína, LSD, ecstasy, etc.), cujo uso é tido necessariamente como abusivo e que são alvo dos regimes de controle e proibição. (SIMÕES¹⁸⁵, in LABATE...[et al.], (orgs) 2008, p. 13, 14).

No entanto, as práticas musicais nestes contextos surgiram como possibilidades de (re) fazer algo novo e diferente. Tocar, cantar e participar de encontros sócio integrativos por meio do fazer música, gerou perspectivas, por meio das quais o uso de substâncias psicoativas foi paulatinamente substituído pelas práticas musicais, nossos sentidos e sentimentos se conectavam com o fazer musical, com isso, o tempo investido nas oficinas se configuraram como um tempo de redução de danos, pois ali estávamos integrados, ativos e conectados com o fazer musical.

Evidente que sempre chegava alguém em uso de alguma substância e que participava das oficinas, o uso mais corriqueiro era o álcool e a cannabis, mas a ideia sempre é/foi incluir, e mesmo com os estados de consciência alterados, instigava-os/as a participar das oficinas. Em verdade o problema nunca foi o uso e sim o abuso de determinadas substâncias.

¹⁸⁵ Júlio Assis Simões - Professor do Departamento de Antropologia da USP e pesquisador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre psicoativos (NEIP). In Drogas e cultura: novas perspectivas / Beatriz Caiuby Labate ... [et al.], (orgs). - Salvador: EDUFBA, 2008.

Ao final dos encontros agradeciam os momentos com comentários, como:

— *Professor você é barril,¹⁸⁶ você sabe que tô em alta né? Mas tá valendo, estar aqui me ajudou, já estou algumas horas sem beber e valeu pelo lanche!*

Essa fala foi de um dos interlocutores da pesquisa. Muitas outras pessoas com essa mesma temática/situação apareceram durante as oficinas, principalmente nas aulas ministradas no Movimento de População de Rua. Foram falas como essa que reafirmaram a música como uma prática redutora de danos.

Finalizo com a reflexão de que a guerra as drogas foi/é um fracasso, não funciona, não funcionou e não funcionará. Portanto, torna-se urgente ampliarmos o debate acerca das substâncias psicoativas e seus usos. Chega de mortes, já é tempo de se discutir a legalização e a regulamentação das drogas em nossa sociedade, e com isso, implantar novas/outras políticas públicas que dialoguem com e para a vida.

Com intenções de apresentar um complemento ao capítulo 3. Etnografia musical, proponho que antes de começar o capítulo 4. Referencial teórico, dê uma pausa na leitura e acesse o QR code abaixo para visualizar alguns vídeos e imagens que fizeram parte do processo de investigação. O desejo é que o registro audiovisual possa trazer outras cores, sabores e sensações atreladas à escrita desta tese.



¹⁸⁶ A gíria baiana barril, significa algo muito bom, algo perigoso ou uma situação complicada. Vai depender muito do contexto que ela é utilizada. Disponível em: <https://sotaqueando.com.br/giria-baiana-barril>.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. Abordagem metodológica

A razão pela qual o antropólogo estuda a história é que somente em retrospectiva, depois de observar a estrutura e suas transformações, é possível conhecer a natureza da estrutura.
Bernard S. Cohn, 1987¹⁸⁷

Em minha análise, dentre diversas perguntas, as que mais se aproximaram de uma perspectiva etnográfica, ou melhor, de uma etnografia musical (SEEGER, 2008), foram:

— *Como se delineiam as práticas musicais de grupos de pessoas que vivem cotidianamente processos de exclusão e vulnerabilidade social? Como as práticas musicais podem auxiliar no dia a dia dessas pessoas?*

Para responder estas perguntas foi necessário adentrar ao campo através da participação ativa, da interação e da observação atenta das situações vividas. O certo é que sem intimidade, sem construção de vínculos, sem entrega e participação engajada, não seria possível adentrar nesse universo.

Chegar, cumprimentar, conversar, ouvir os “causos” e histórias do dia, colaborar com as demandas diárias de cada um, e principalmente sensibilizar a atenção para o fazer musical.

Interagir:

- *O que você está cantando?*
- *Que som é esse?*
- *Por que você está aqui nessa oficina de música?*
- *Qual música você mais gosta?*
- *Com qual gênero musical você mais se identifica?*

Essas questões transformaram-se em pontes de acesso ao fazer musical. Importante também revelar o caminho do reconhecimento das nossas ignorâncias no processo do encontro, falo do reconhecimento do “não saber”, este caminho colaborou para a busca de diálogos possíveis e também pela busca de novos/outros conhecimentos acerca de nossa temática central: práticas musicais. Começar pelo que não sabíamos, foi um caminho que de certa forma nos aproximou, e assim, a partir das dinâmicas de cada encontro, foi possível vivenciar processos de transmissão (ensino e aprendizagem) de ambos os lados.

¹⁸⁷ In SAHLINS, Marshall David. Cultura na prática. Tradução Vera Ribeiro. 2 Ed. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2007, p. 501.

Assim, constituí-me não só no professor de música, mas também em uma pessoa de confiança, alguém com alguma coisa boa para compartilhar, trocar e experimentar junto, aprender e escutar junto, e também desfrutar momentos de música e recreação. Busquei a etnografia como suporte de escrita, e assim, como Macedo (2016),¹⁸⁸ compreendo:

[...] a etnografia como uma opção epistemológica, metodológica e política, como uma atitude de pesquisa implicada, assume a posição de uma experiência aprendente que busca uma nova inflexão, pois coloca ciência e tradição, ou os cientistas e os “intelectuais da tradição (ALMEIDA, 2000), numa condição de equidade diante do saber e da criação de saberes. (MACEDO, 2016, p. 76).

Vozes que não podem, nem devem ser caladas, e sim, ouvidas e atendidas em suas afirmações, explicações, integralidades e intensidades. A cada dia, os vínculos foram se fortalecendo e as relações se ampliaram para novas direções. Sistematizar o processo foi muito mais complexo que vivenciá-lo. Foram tantas informações, sentimentos, observações, tantas atividades e situações, que, como já dito, admito ser impossível registrar tudo num texto. Faltarão as cores e os sabores, os olhares, e as risadas, mas tentarei traduzir a partir da escrita, neste sentido, a experiência etnográfica revelou-se como uma experiência de vida.

A etnografia da música não deve corresponder a uma antropologia da música, já que a etnografia não é definida por linhas disciplinares ou perspectivas teóricas, mas por meio de uma abordagem descritiva da música, que vai além do registro escrito de sons, apontando para o registro escrito de como os sons são concebidos, criados, apreciados e como influenciam outros processos musicais e sociais, indivíduos e grupos. A etnografia da música é a escrita sobre as maneiras que as pessoas fazem música. (SEEGGER, 2008, p. 239).

Importante salientar que neste processo, não me fechei na minha masculinidade, mas sim, com paciência e entrega, também utilizei nos encontros uma abordagem feminista acerca das questões expostas, problematizando através dos marcadores sociais da diferença as questões sociais colocadas em jogo.

As epistemologias feministas apresentaram excelentes caminhos metodológicos para as discussões sobre o fazer musical de grupos esquecidos socialmente, pois desenvolvem modos e caminhos alternativos na construção do conhecimento, além de estabelecer críticas pertinentes e fundamentais ao modo dominante de produção do conhecimento científico. São

¹⁸⁸ MACEDO, Roberto Sidnei. A pesquisa e o acontecimento compreender situações, experiências e saberes acontecimentais / Roberto Sidnei Macedo. Salvador: EDUFBA, 2016.

epistemologias que trabalham com multiplicidades temporais, com as diferenças e as subjetividades, contrapondo a ideia de uma linha evolutiva inerente aos processos históricos. (RAGO, 1998).

Na vida não existe uma verdade absoluta, e no fazer etnografia muito menos. São impressões e sensações que explodem a cada momento, e que, como pesquisador, tento colocar no papel, na câmera, no vídeo, ou em algum formato possível. Daí, pensei: não existe somente um caminho, “Não é fácil, porém temos que inventar caminhos”. (FREIRE, 1989, p. 24).

Uma das ações mais presentes nesta pesquisa foi me atentar na maior fonte de dados possíveis de coleta, como a observação e interação com as interlocutoras e interlocutores nos encontros musicais. Perceber o que eles e elas traziam de conteúdo musical, quais músicas fizeram/fazem parte dos seus repertórios, e o que eles e elas desejavam aprender e praticar. Estávamos a praticar as sensibilidades através da música.

No MPR, a cada encontro quase sempre surgia um novo participante, que por ventura, nunca mais voltaria, seja porque viajou para outra cidade, seja porque não quis mais frequentar o espaço onde ocorriam os encontros, ou porque não era seu território e não tinha como frequentar. Durante o processo, conheci pessoas extremamente musicais, mas que nunca mais voltaram para os encontros, ao passo que, ao mesmo tempo, algumas participantes sempre marcaram presença. Foi durante os encontros que pude perceber como os sujeitos dialogavam por meio das práticas musicais, e a partir de suas histórias, contextos e territórios.

Observei como foi construído o processo de composição musical e o que foi cantado, composto e tocado. Observei como foram realizadas as práticas musicais e quais gêneros musicais foram mais trabalhados. As observações colaboraram para o processo de análise e descrição etnográfica das situações. Com isso, colhemos bons frutos e andamos por bons caminhos, mas também passamos por desafios, problemas e perrengues que tivemos neste processo etnográfico.

Os encontros foram pautados pela entrega total ao fenômeno e ao acontecimento que se apresentava a minha/nossa frente. Muitas das vezes, tanto no Programa Corra pro Abraço, no Movimento de População de Rua, ou no CAPS Gregório, peguei-me desenvolvendo trabalhos a partir das demandas que foram aparecendo, como por exemplo, a interlocutora Edlúcia Soares F. de Menezes Souza, que me solicitava sempre que tocasse o violão para ela cantar, desde temas do cancionário afro popular como as obras interpretadas por Elis Regina, até obras musicais de cantoras como Clara Nunes, Dona Ivone Lara, dentre outras cantoras e compositoras.

Nos encontros tivemos a oportunidade de trabalhar músicas como “Alguém me avisou” (Dona Ivone Lara) “Sorriso Negro” (Adilson Barbado, Jair de Carvalho e Jorge Portela), “Sonho meu”, (Dona Ivone Lara e Délcio Carvalho) “Canto das três raças” (Paulo Cesar Pinheiro e Mauro Duarte), “O bêbado e a equilibrista” (João Bosco e Aldir Blanc), “Vitoriosa” (Ivan Lins), “Asa branca” (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira), “A paz” (Gilberto Gil e João Donato), dentre outras obras. Todas essas músicas apareceram como sugestões das interlocutoras e interlocutores. O processo foi o seguinte: Começávamos a cantar e juntos íamos definindo, a tonalidade, a forma, o andamento. Quando eu não sabia a música, recorria para a tecnologia e acessava a internet através do celular, buscava a letra e a harmonia em algum site de música e juntos íamos praticando as músicas.

Sempre trabalhávamos o corpo¹⁸⁹ por meio da respiração profunda, alongamentos e relaxamentos. Trabalhávamos a voz, por meio de exercícios de técnica vocal e praticávamos a leitura dos textos das músicas, com isso, gradativamente foi aumentando a concentração necessária para se realizar uma atividade musical.

Por meio de uma escuta sensível (BARBIER, 1998), percebi um aumento das percepções e a cada dia fomos fortalecendo o encontro consigo mesmo e com o/a outro/a. Estávamos a escutar os sons intencionais e não intencionais, a partir da presença (sons) e da presença da ausência (silêncios). Nesta perspectiva, a cada dia de encontro fomos nos aprimorando e nos desenvolvendo por meio das práticas musicais. Num dos momentos de oficina, perguntei a Robson da Hora o que ele esperava sobre sua atuação como músico no bloco Os Invisíveis no carnaval da Bahia de 2018, ele me respondeu:

— *Faço parte desse lindo projeto... Programa Corra pro Abraço, e meu objetivo amanhã é levar alegria pra rapaziada e conscientizar as pessoas que tem que ter o respeito as mulheres, independente da roupa que ela esteja vestida, olhe mas não toque, e também falar sobre a prevenção, né? Sem camisinha eu não vou. A gente vai começar na frente do elevador Lacerda até a Praça da Sé, provavelmente o pessoal do Projeto Axé vai dar continuidade junto com a gente, minha expectativa é a melhor possível.*

Ou seja, o fazer musical se entrelaçou com o social, a preocupação de Robson da Hora não estava somente em executar bem seu instrumento na festa do carnaval, mas sim, em levar alegria para as pessoas e colaborar com um programa de redução de danos. Ele estava atento as questões sobre a violência contra a mulher e sobre a necessidade em usar o preservativo

¹⁸⁹ Novamente agradeço a minha orientadora Laila Rosa, por sempre pontuar e realizar antes das suas aulas, exercícios de yoga e respiração profunda. Seguramente levei essas práticas aos campos de pesquisa e auxiliou-me bastante em todo o processo.

numa relação sexual. Com isso, percebi que a sua participação por meio das práticas musicais, colaborou para o aumento dessa sensibilidade, um aumento do cuidado com o outro.

Perguntei a outro interlocutor¹⁹⁰ o porquê ele fazia música, e em entrevista ele me respondeu:

— *Eu faço música como forma de desabafo, ou se não é... pra pensar no que vivo, uma forma também de relatar o que eu vivo... distorcidamente, e sei lá, as vezes até pra somar onde eu tô, porque onde eu tô, rola, e eu acabo falando com poucas palavras o que eu vivo e o que eu vejo, por isso que eu faço música.*

Quando perguntei sobre minha atuação como educador ele respondeu:

— *Sim, tá massa, você tá somando com a galera, tá trazendo conhecimentos, e é isso aí! A gente precisa mais e mais!*

Portanto, acredito que os encontros colaboraram para essa mistura de horizontes, nos quais intencionalmente desenvolvemos juntos uma comunicação performativa, subjetiva, prática, intensa, intuitiva, nervosa e explosiva, mediada muitas das vezes, pela anarquia, mas que naturalmente trouxeram novas/outras ações, e espero que ainda tragam algumas boas consequências.

Os campos em que realizei a pesquisa, não oferecem abrigo para dormir, são espaços de convivência, de cuidados, de busca de garantias de direitos e de enfrentamento das desigualdades sociais. No entanto, eu, ao final do dia, retorno para minha casa, mas, muitas das pessoas que horas antes estavam em interação na oficina de música, seguem para as ruas, dormem em papelões, em baixo marquises, pontos de ônibus, viadutos.

— *[...] Rios, pontes e overdrives - impressionantes esculturas de lama... Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue e a lama come mocambo e no mocambo tem molambo e o molambo já voou, caiu lá no calçamento bem no sol do meio-dia o carro passou por cima e o molambo ficou lá. Molambo eu, molambo tu, molambo eu, molambo tu [...]. (Rios, Pontes & Overdrives - Nação zumbi).*

O que me instigou e fortaleceu foi estar junto com o grupo, e como grupo. Neste processo, eu também fui me entregando aos encontros e me descobrindo. Para tanto, precisei ser ao máximo flexível, revendo e reavaliando minhas concepções, conceitos e também minhas limitações. (FREIRE, 1989, p. 16). A certeza que tive, foi que, na convivência, novas perspectivas foram se modelando: Novas descobertas a partir do fazer musical.

¹⁹⁰ Este interlocutor solicitou-me não revelar seu nome.

Os desafios de atuar com música nestes espaços e com essas interlocutoras e interlocutores, indicaram possibilidades de estudos e análises sobre como acontecem as práticas musicais na vida destes grupos de pessoas que são invisibilizadas socialmente, e quais relações, produções e situações podem emergir nesses contextos.

Nesse sentido, o que mais se destacou nas oficinas de música foi o respeito ao próximo, o respeito a fala do outro, o respeito à proposta musical do outro. A escuta e o senso de colaboração com as pessoas nos momentos do fazer musical, estimularam as trocas de experiências e favoreceram novas descobertas de outros valores significativos. Nos dedicamos a uma relação aberta, sem condicionamentos (FREIRE, 1989).

E foi dessa forma que a música transitou por/atraves (d) essas interlocutoras e interlocutores nos seus espaços de convivência. Sabendo que "[...] todas as estruturas sonoras musicais são socialmente estruturadas em dois sentidos: existem através da construção social, e adquirem significado através da interpretação social." (FELD, 1994, p. 85).¹⁹¹ Busquei a partir da interação e participação construir em conjunto, uma relação de confiança e de intimidade musical.

Através de uma etnografia musical e da escrita performativa, gravação de áudios, entrevistas e gravação de pequenos vídeos das oficinas, pude constatar como aconteceram as práticas musicais com esses grupos de pessoas em situação/contexto de exclusão e vulnerabilidade social, em diálogo constante com questões sociais, culturais, familiares e políticas, que emergiram destas dinâmicas.

Para isso acontecer, abracei as várias possibilidades de direções que apareceram, retirei a rigidez da escrita e eliminei as visões convencionais, como trajetos norteadores dos/aos resultados da pesquisa, pois:

[...] devemos nos perguntar até que ponto é cabível hoje em dia, após décadas de argumentação contundente de correntes pós-marxistas, estruturalistas, modernas, coloniais, feministas, "gueis" e inúmeras outras, a defesa de visões convencionais acerca da efetiva isenção do mundo acadêmico em relação às pressões da vida mundana em geral e das lutas sociais em particular. (ARAÚJO. In *Etnomusicologia no Brasil* / Angela Lühning, Rosângela Pereira de Tugny, Organização. Salvador. EDUFBA, 2016, p. 13).

O rigor em obter respostas não foi o enredo protagonista desta tese, pois várias outras perguntas apareceram no caminho, ainda mais se tratando de questões e características que

191 [...] all musical sound structures are socially structured in two senses: they exist through social construction, and they acquire meaning through social interpretation. (FELD, 1994, p.85). Tradução nossa. Todas as traduções apresentadas ao longo do texto são "nossa".

envolvem pessoas em situação/contexto de rua, inseridas neste caldeirão efervescente que é a cidade de Salvador/Ba. Ou seja, o rigor não ficou acima da relevância, isso não significa que não propus coerência na abordagem, não se trata disso. A questão foi a capacidade de dialogar com as pessoas, com o contexto e com o acontecimento, através de ações pertinentes que foram lançadas durante todo o percurso da pesquisa.

O método só está pronto depois. Essa é uma afirmação de Edgar Morin com uma potente ressonância em relação ao seu esforço para criar condições epistemológicas para que a pesquisa não repita o *habitus* secular de expulsar o acontecimento da sua *démarche* heurística. O acontecimento não cessará de nos desafiar, no provocar, de nos impor aporias e a necessidade de superá-las, porque os encontros não marcados continuarão a acontecer enquanto pesquisas sejam necessárias, enquanto pesquisas vivam a aventura pensada que são. Assim, sem o surpreendente e a criação não há pesquisa heurísticamente fecunda. No caso da pesquisa-com o acontecimento, (re) inventar o método é um imperativo. [...]. Faz-se necessário dizer, ademais, ajudado por Dosse (2013, p. 7), que o interesse renovado pelos fenômenos singulares garante uma nova centralidade à noção de acontecimento e uma visão outra de método de pesquisa. [...]. É preciso, portanto, criar rigores outros, porquanto o horizonte da qualidade na pesquisa pede tanto refinamento no rigor quanto novas formas de reconstituí-lo e superar a ideia de rigor que aprendeu a expulsar ou pasteurizar o acontecimento, em nome de um purismo teórico-metodológico corporativista e standardizado. Esse *ethos* de pesquisa fez caminhos que o distanciaram das especificidades da emergência complexa das realidades humanas que, por sua especificidade, resistem às simplificações explicativas. (MACEDO, 2016, p. 113, 114).

Portanto, como já exposto em outros momentos, esta tese situa-se dentro dos referenciais da pesquisa qualitativa e também se aproxima da abordagem da Fenomenologia, do acontecimento, da pesquisa participativa, da pesquisa-ação dialógica, ética, compartilhada, engajada, colaborativa, integrativa e interativa.

Obviamente estes são conceitos que tentam traduzir os caminhos trilhados pelo investigador no campo de pesquisa, mas não conseguem traduzir toda a realidade. São conceitos amplos que trazem uma referência ao se construir uma pesquisa etnográfica.

A vertente fenomenológica destaca a importância da subjetividade como fundamento constitutivo do social. A pesquisa qualitativa me ajudou a trabalhar com o universo das motivações, valores, crenças e atitudes, adentrando e aprofundando-se no mundo dos significados das ações e relações humanas. (MINAYO, 1994).

Macedo (2000) apresentou contribuições significativas em relação à perspectiva qualitativo-fenomenológica de pesquisa, cuja ótica apontou ser impossível entender o comportamento humano sem estudar o quadro referencial e o universo simbólico dentro dos

quais, os sujeitos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. Neste sentido, retoma o sentido da descrição etnográfica enquanto “escrita da cultura”, ao dizer que a mesma: "não consiste somente em ver, mas fazer ver, isto é, escrever o que se vê, procedendo à transformação do olhar em linguagem, exigindo-se uma interrogação sobre a relação entre o visível e o dizível". (MACEDO, 2000, p. 145).

A Fenomenologia abrange o estudo das vivências, por serem intencionais, existe intenção em tudo que fazemos. Nossa consciência é caracterizada pela intencionalidade, porque ela é sempre a consciência de alguma coisa, de algo que está por vir. Estas orientações me auxiliaram a compreender e a abordar a música como prática e fenômeno social, como prática redutora de danos e como prática construída por sujeitos situados em contextos que os produz e ao mesmo tempo é produzido nas/pelas interações sociais.

A criação e produção de música na rua e nos espaços de convívio, podem ser compreendidos como processos de conhecimento vivenciados na interação entre as interlocutoras e interlocutores, e podem ser entendidos como comportamentos e processos de produção de saberes e sentidos, que compõem um contexto sócio histórico e cultural.

Fundamental dizer que da perspectiva de uma etnografia como criação de saberes e processos de aprendizagem acontecimental, bem como de uma etnopesquisa implicada, questões de vida necessariamente se tornam questões de pesquisa. Abre-se à coragem e ao risco de tornar a implicação um modo de criação de saberes. Funda-se, assim, como especificidade, o campo das etnografias implicacionais, um campo de experimentações de rigores outros. (MACEDO; GALEFFI; PIMENTEL, 2009, in MACEDO, 2016, p. 90).

A busca de articulações nestes contextos mobilizou em mim como pesquisador, questionamentos sobre práticas musicais e sobre os modos de vida e produção musical destas pessoas. Essas articulações colaboraram para ampliar perspectivas de aprofundamento do conhecimento musical em relação à qualidade destas experiências, tanto para mim, como para os sujeitos envolvidos, e seguramente para outros atores sociais.¹⁹²

Não é possível alcançar compreensivamente o acontecimento por métodos standardizados. Por outro lado, se compreendermos como Morin que o método só se faz depois, porque se abre ao acontecimento e vive no seu âmago experiências acontecimentais, podemos nos convencer de que dispositivos metodológicos assim orientados nos preparam e nos colocam em condições de acolher e compreender o acontecimento enquanto evento estruturante de realidades. Ademais, é importante que possamos entender que o próprio método é a possibilidade do pesquisador prolongar sua capacidade de

¹⁹² Redutores de danos, coordenadores dos projetos e outras pessoas que participaram das oficinas de música.

interferir na realidade a ser compreendida. Portanto, dessa perspectiva, não há lugar para neutralismos metodológicos, mas para opção competente, responsabilidade técnica e ética e capacidade de autocritica, bem como de retomada diante das escolhas. Nesses termos, qualificar o saber acontecimental implica em qualificar o método escolhido para tal, desde a concepção do objeto de pesquisa. Nunca é tardio se dizer, como Lévi-Strauss insistia com seus alunos, sobre o fato de que a qualidade da pesquisa passa necessariamente pela compreensão do pesquisador das ciências antropológicas e de que seu objeto de pesquisa é da mesma natureza dele próprio, o pesquisador. Isso traz a necessidade de assumirmos que as experiências humanas e sua complexidade são o desafio fundante do trabalho de pesquisa. Nesse âmbito, está o acontecimento como evento que estrutura todas as formas de vida da humanidade. Dessa maneira, desobjetificar e desessencializar o método é condição para se alcançar, pela pesquisa, o acontecimento. (MACEDO, 2016, p. 91, 92).

A investigação possibilitou que o conhecimento construído fosse expandido significativamente, através de outras pessoas, educadoras e educadores, pesquisadoras e pesquisadores, contribuindo para promover temáticas ainda pouco exploradas e sistematizadas, como as que envolvem as relações entre música, saúde, cidadania, educação musical e educação social.

Também utilizei a abordagem Multirreferencial, que é compreendida por vários autores¹⁹³ como um caminho para abordar a complexidade dos fenômenos sociais, e:

[...] apresenta contribuições significativas aos estudos que visam à inter e transdisciplinaridade e que se propõem a incluir a dimensão da subjetividade, dentro dos mapas que configuram seus objetos de estudo, caracterizados não por um único foco, mas pelo entrelaçamento, pelas conexões que compõem dinamicamente um fenômeno. (DO AMOR, 2007, p. 68).

O conhecimento construído na análise Multirreferencial é tecido a partir da conjugação de diversas disciplinas, de forma que as mesmas não se reduzem umas às outras, isso rompe com a ortodoxa fidelidade do investigador a um único problema/paradigma epistemológico/metodológico. “Tal postura é articulada à ampliação dos campos de pesquisa, bem como dos temas que se colocam à investigação social”. (Idem). O conhecimento que advém da análise Multirreferencial “se estabelece a partir da convivência, do diálogo, trans, pluri, interdisciplinarmente” (MARTINS, 1998, p. 23).

Os recursos metodológicos abordados por Burnham (1998) pressupõem a assunção/reconstrução de uma rede de referenciais, a partir dos quais seja possível analisar a

¹⁹³ Refiro-me aos autores do livro Reflexões em torno da abordagem Multirreferencial, organizado por Joaquim Gonçalves Barbosa, EdUFSCAR, 1998.

prática, compreendendo-a como processo social. Assim, as proposições da abordagem Multirreferencial revelaram-se bastante coerentes com essa temática de estudo. Burnham destaca a importância de “penetrar o e no” espaço que se pretende pesquisar, “a partir de e com os sujeitos que ali interagem, procurando investigar do ponto de vista destes, os múltiplos referenciais que orientam as suas ações, quer enquanto sujeitos individuais ou sujeitos sociais” (BURNHAM, 1998, p. 47).

A abordagem transdisciplinar (ALMEIDA FILHO, 2005) também se fez necessária. É uma transgressão das barreiras entre as disciplinas, e traz como principal objetivo a compreensão do mundo presente, no qual é fundamental a unidade do conhecimento.

Sendo assim, a pesquisa teórica contribuiu para a construção de uma rede de referências que sustentou o aprofundamento de discussões acerca do tema, bem como a análise dos dados apoiou a problematização sobre as concepções de educação social, música, saúde, cidadania, e os processos de conhecimentos musicais, bem como as relações que se deram através das práticas musicais por pessoas em situação/contexto de rua.

A análise buscou sistematizar aspectos descritivos acerca dos modos de existência e das concepções musicais que permearam o trabalho realizado com pessoas em situação/contexto de rua, além de articular os conteúdos advindos da pesquisa de campo com os referenciais teóricos, de modo a promover a construção de “leituras” sobre os processos de práticas musicais existentes nestes contextos urbanos.

Desde já, alguns eixos me auxiliaram na organização desta tese, a saber: *Contextualização*: Aspectos histórico-musicais relativos as pessoas em situação/contexto de rua em geral; Relação entre o que se entende/compreende por música e como se faz música nos espaços escolhidos para esta pesquisa; *Reflexões*: Especificidades sobre os processos de (re) conhecimento artístico, com destaque na área da música; Implicações nos processos de interação entre linguagem musical e o cotidiano de pessoas em situação/contexto de rua; Processos de ensino/aprendizagem - transmissão:

—*Como se trabalha com música com pessoas em situação/contexto de rua?*

4.2. Compromisso ético

Para a realização desta tese, foi necessário um comprometimento ético rigoroso. Como pesquisador, estive em contato com pessoas, interlocutoras e interlocutores em seus contextos sociais. São vidas que precisam ser respeitadas, e que toda e qualquer situação exige o compromisso ético da pesquisadora e do pesquisador. Optei por assumir a conduta do código

de ética¹⁹⁴ da ABA,¹⁹⁵ no qual constam os direitos dos antropólogos e das antropólogas enquanto pesquisadores e pesquisadoras, e aí me incluo como etnomusicólogo.

No Brasil, não se tem até o momento uma definição concisa sobre o que é ética em pesquisa. Trata-se de entendimentos e procedimentos que norteiam o campo das pesquisas que envolvem seres humanos, ou seja: pessoas, (direta ou indiretamente) em seus projetos.¹⁹⁶ No entanto, existe uma plataforma do Governo chamada Plataforma Brasil, que é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos, mas a maioria dos comitês de ética são das áreas das Ciências Biomédicas, então como é feita a análise e emissão de parecer ético¹⁹⁷ para projetos das áreas das Ciências Sociais, Humanas e Artes por essas comissões? Como projetos de pesquisa em Etnomusicologia podem/devem ser analisados?

Por meio das autoras: (ALMEIDA W, 2003), (ALVES, 1980), (BASTIDE, 1946, 1983), (CAROSO, 2004), (DINIZ, 2007), (GOLDIM, 2004), (HEILBORN, 2004), (KUBIK, 2010), (QUEIROZ, 2013), (SLOBIN, 1992), e alguns tópicos das resoluções em ética 196/96, 466/12 e 510/16, buscarei apresentar o porquê (ou não), no Brasil, existe a necessidade de um parecer de um comitê de ética em pesquisa.

Para os antropólogos que trabalham na área da saúde o tema da ética adquire grande relevância por conta das injunções específicas dessa inserção profissional. Dilemas éticos há em qualquer trabalho antropológico, mas aqueles que se deparam com a área de pesquisa interdisciplinar se veem compelidos a certas circunstâncias que a conformação do campo impõe. Cada vez mais há antropólogos trabalhando em Institutos de Saúde Coletiva ou de Medicina Social e que estão sendo bastante afetados pelas orientações advindas do CONEP. O debate não deve ficar restrito a eles e deve envolver toda a comunidade científica. Tais injunções advêm de um lado das regulamentações oriundas do CONEP, órgão atrelado ao Ministério da Saúde e que ordena de maneira geral as regras da pesquisa em seres humanos e, de outro, de uma série de agências internacionais e de revistas acadêmicas que condicionam seus financiamentos ou eventual publicação de resultados à submissão do protocolo de pesquisa a instâncias avaliadoras de procedimentos éticos em pesquisa (CEP). Ressalta em particular o procedimento denominado de consentimento informado. O termo de consentimento livre e esclarecido representa, segundo as intenções do CONEP, um instrumento de garantia de informação e de cidadania para os sujeitos envolvidos em determinado empreendimento de investigação. Contudo, as orientações vêm marcadas por um forte compromisso com um dado entendimento do que é pesquisa e, sobretudo, com aquelas emanadas da área da saúde e de uma compreensão do humano que possui um inarredável viés biologizante. Cabe à comunidade dos cientistas sociais, e em especial a dos antropólogos, por conta da especificidade do seu fazer intelectual, discutir

¹⁹⁴ Ver anexo D.

¹⁹⁵ Associação Brasileira de Antropologia

¹⁹⁶ Sejam projetos de curso de graduação, especialização, mestrado, doutorado, etc.

¹⁹⁷ Ver anexo G.

detalhadamente as implicações e as múltiplas leituras que a exigência da ética em pesquisa comporta. (HEILBORN, 2004, p. 57).

4.3. Ética(s) na(s) pesquisa(s): A ética serve para quem mesmo?

"AS DUAS ÉTICAS: a ética que brota da contemplação das estrelas perfeitas, imutáveis e mortas, a que os filósofos dão o nome de ética de princípios, e a ética que brota da contemplação dos jardins imperfeitos e mutáveis, mas vivos -a que os filósofos dão o nome de -sabem sobre as estrelas que alguns dizem já ter visto por revelação dos deuses. Como os homens comuns não veem essas estrelas, eles têm de acreditar na palavra dos que dizem já as ter visto longe, muito longe.... Os jardineiros só acreditam no que os seus olhos veem. Pensam a partir da experiência: pegam a terra com as mãos e a cheiram.... Vou aplicar a metáfora a uma situação concreta. A mulher está com câncer em estado avançado. É certo que ela morrerá. Ela suspeita disso e tem medo. O médico vai visitá-la. Olhando, do fundo do seu medo, no fundo dos olhos do médico ela pergunta: "Doutor, será que eu escapo desta?" Está configurada uma situação ética. Que é que o médico vai dizer? Se o médico for um adepto da ética estelar de princípios, a resposta será simples. Ele não terá que decidir ou escolher. O princípio é claro: dizer a verdade sempre. A enferma perguntou. A resposta terá de ser a verdade. E ele, então, responderá: "Não, a senhora não escapará desta. A senhora vai morrer..." Respondeu segundo um princípio invariável para todas as situações. A lealdade a um princípio o livra de um pensamento perturbador: o que a verdade irá fazer com o corpo e a alma daquela mulher? O princípio, sendo absoluto, não leva em consideração o potencial destruidor da verdade. Mas, se for um jardineiro, ele não se lembrará de nenhum princípio. Ele só pensará nos olhos suplicantes daquela mulher. Pensará que a sua palavra terá que produzir a bondade. E ele se perguntará: "Que palavra eu posso dizer que, não sendo um engano -"A senhora breve estará curada...!-, cuidará da mulher como se a palavra fosse um colo que acolhe uma criança? "E ele dirá: "Você me faz essa pergunta porque você está com medo de morrer. Também tenho medo de morrer..." Aí, então, os dois conversarão longamente -como se estivessem de mãos dadas ...- sobre a morte que os dois haverão de enfrentar. Como sugeriu o apóstolo Paulo, a verdade está subordinada à bondade. Pela ética de princípios, o uso da camisinha, a pesquisa das células-tronco, o aborto de fetos sem cérebro, o divórcio, a eutanásia são questões resolvidas que não requerem decisões: os princípios universais os proíbem. Mas a ética contextual nos obriga a fazer perguntas sobre o bem ou o mal que uma ação irá criar. O uso da camisinha contribui para diminuir a incidência da Aids? As pesquisas com células-tronco contribuem para trazer a cura para uma infinidade de doenças? O aborto de um feto sem cérebro contribuirá para diminuir a dor de uma mulher? O divórcio contribuirá para que homens e mulheres possam recomeçar suas vidas afetivas? A eutanásia pode ser o único caminho para libertar uma pessoa

da dor que não a deixará? Duas éticas. A única pergunta a se fazer é: "Qual delas está mais a serviço do amor? (Rubem Alves).¹⁹⁸

No Artigo escrito por Rubem Alves para o Jornal a Folha de São Paulo, em 04 de março de 2008,¹⁹⁹ Alves apresenta questões ontológicas.

— *Qual ética seguir?*

A ética de princípios, ou a ética contextual. Citando Rubem Alves:

— *Qual delas está mais a serviço do amor? A serviço de uma relação saudável, sustentável?*

Através da auto-observação, percebi que meus princípios e meu entendimento como pessoa e pesquisador, jogaram-me sempre para viver/expressar/dialogar com a realidade e com a liberdade, ou seja, estar do lado dos fatos.

Mas pensando por outra ótica, que princípio ético deve/pode sustentar uma situação ou relação quando a realidade é/será destruidora, determinante e implacável? Será esse o único caminho? O caminho se faz ao caminhar, então que fazer? Devemos nos afastar da verdade absoluta e refletir sobre as "*quase-verdades*" (ALMEIDA, 2003), ou devemos/podemos pensar, sentir e agir a partir dos fatos e da experiência? Devemos ser eticamente rígidos e nada mais do que a realidade, tida como "verdade", para se estabelecer uma conduta ética? Ou poderíamos nos apoiar em metodologias anti-epistemicidas, anárquicas e libertárias?

Ao refletir sobre o tema, percebi que agir pelo princípio da ética contextual, poderia colaborar para omissões de possíveis informações, como por exemplo, não revelar toda a realidade latente que cerca um campo de pesquisa, no entanto, essa configuração em certos casos, apresenta-se como um tratamento ético adequado, sendo assim, tudo depende do contexto, das pessoas envolvidas e das situações. Neste embate do acontecimento, onde e como está a ética? Serve para quem?

Um exemplo de como a ética se disfarça aos nossos olhos e ouvidos: Moro na Boca do Rio, bairro de Salvador/Ba, antigo lugar de encontro dos "Novos Baianos" e do "Tropicalismo". Lugar onde já aconteceram/acontecem diversas manifestações culturais. Um bairro situado na orla de Salvador, mas ao mesmo tempo, tido como periférico, local onde se vive em comunidade, onde habitam muitas famílias marcadas por diversas matrizes da desigualdade.

¹⁹⁸ Artigo escrito por Rubem Alves para a Folha de São Paulo. Terça-feira, 04 de março de 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0403200804.htm>.

¹⁹⁹ Artigo escrito por Rubem Alves para a Folha de São Paulo. Terça-feira, 04 de março de 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0403200804.htm>.

São muitos os marcadores sociais da diferença (LENCIONI, 2008), (SILVA, 2007), (GARCIA, 2010), que se contrastam em inúmeras vidas e estilos diferentes de se viver.

Ao andar pelas ruas da Boca do Rio com a percepção atenta, entre minhas idas e vindas para a universidade e meus campos de pesquisa, percebi que o bairro onde vivo parece ser/estar numa eterna construção civil, ou seja, um grande canteiro de obras. Em cada rua sempre tem alguma obra em andamento. Desejo tomar como exemplo uma situação que ocorreu quando estava indo para a Escola de Música da UFBA.

Perto da minha casa observei pessoas preparando o concreto para "bater a laje" da casa do vizinho. Era um vai e vem de pessoas ajudando no processo. Sob o bloco, tijolo, sob o concreto, areia e brita. Suor e calor se misturavam na massa. O sol a pino do meio dia parecia instigar ainda mais as pessoas, e de repente escuto alguém gritar:

— [...] ôôôô Nego, ô rapá! cê já botô a cerveja pá gelá, pai? Ôôô véi vai ficar nessa, é? “Castelando”²⁰⁰ aí, é? Tá na hora da gente acabar logo! Bora sacana, joga logo a porra dessa massa no balde que o concreto aqui já tá acabano... aqui em cima porra! [...] vem cá! Sua mãe já fez o feijão? Vai rolar, né? Se não tiver pronto quando acabar aqui, vou ficar pirado, viu! Larica dos inferno... ôô Tinho mudando de assunto... cadê sua irmã? Ela vai chegar, né? Tô afim dela véi, eu vou pegar ela viu pai... me arme aí, vá cunhado!

Como já estava a refletir em como atuar no campo por meio de possíveis metodologias anárquicas, refleti sobre o que seria ético nas relações interpessoais. Pelo caminho, comecei a questionar:

— *Tal conduta e termos utilizados naquela fala estavam eticamente adequados ao local de trabalho?*

— *Que tipo de conduta era/foi aquela?*

A princípio estavam realizando um trabalho em que pressupostamente exige-se alguma conduta ética, mas logo percebi que eram amigos trabalhando, os vi dando risada com o acontecimento. Percebi também que eles estavam anarquizando o método de trabalho, a partir de conhecimentos e consentimentos delineados e acordados, era como eles se comunicavam, brincavam e se relacionavam, um tipo de afinidade localizada e de certa forma, libertária.

Para os envolvidos, todo o acontecimento no campo ético estava resolvido. Anarquicamente (livremente), relacionavam-se sem atrito, sem fricção. Nesse âmbito, ficou evidente que as relações e os contextos determinaram o campo ético e metodológico. São/foram

²⁰⁰ Ficar sem fazer nada.

muitos/diversos espaços éticos. Entre aqueles que "batiam a laje", fazer "gozação" uns com os outros fazia/faz parte do "tratamento interno", do "tratamento ético" acordado.

Alguém poderia dizer que ali não houve tratamento ético adequado, e que, metodologicamente, não havia/houve organização nas tarefas, que ocorreu ali uma conduta inadequada no ambiente de trabalho, ou que desrespeitaram pessoas que passavam e ouviram certas conversas inapropriadas. Mas, acredito que para os envolvidos, eles não enxergaram nada dessa forma, pois é/foi natural se tratarem assim, óbvio que nem sempre assim, mas no contexto ritual do "bater uma laje", seguida de feijoada e provavelmente cerveja, pôde/pode ser assim. Pelo menos no bairro da Boca do Rio é/foi assim. É comum a "brincadeira", na qual a "gozação" é/ou parece ser permitida, negociada, sendo assim, os/as atores/atrizes sociais jogam/jogaram entre si.

São os diversos contextos, os vários mundos ocultos para uns, e evidentes para outros. Cada um com suas estratégias, métodos e éticas. Com isso, compreendo que as diversas formas de diálogo e ações em cada contexto podem determinar também o que é ético, e qual metodologia pode/poderá ser utilizada. Nesse fluxo, existem várias éticas, várias metodologias e várias formas de ser e estar no mundo, com - o - mundo, com o/a outro/a. Mundos diferentes e jeitos de pensar, sentir e agir diferentes.

No entanto, quando se realiza uma pesquisa, a academia exige um tratamento ético, digamos, diferenciado. O certo é que existe um percurso a se fazer, um caminho a percorrer. Em uma pesquisa o/a pesquisador/a acadêmico/a precisa configurar seu tempo, espaço, intenções, desejos e poder de realização, a partir do contexto em que irá realizar a sua investigação. Isso não significa se enrijecer a partir de métodos fechados em si, mas sim, abrir para as possibilidades várias, e a partir daí, construir estratégias, o que aqui chamo de metodologias/estratégias anarco-éticas. Que possa existir confidencialidade e o respeito total e integral ao próximo, que o encontro favoreça a criação e manutenção de vínculos afetivos e efetivos, que os objetivos e métodos da pesquisa possam ser explicados, esclarecidos e os resultados devolvidos aos interlocutores, interlocutoras, além de toda a comunidade. É importante que a pesquisadora ou pesquisador, permita-se a promover uma liberdade metodológica para que sua conduta ética possa com-viver-com o próximo e com o mundo.

A pesquisa com base na perspectiva da liberdade metodológica contribui para o desdobramento de afetos, colaborações, aprendizagem e em benefícios para todos e todas, inclusive para a comunidade. É preciso ter muito amor, carinho e respeito ao próximo. Com isso, cheguei à conclusão de que a metodologia anarco-ética escolhida, além da etnografia, seria a metodologia ética-anárquica do AMOR.

— *Amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói, e não se sente, é um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer, é um não querer mais que bem querer, é um andar solitário entre a gente, é nunca contentar-se de contente, é um cuidar que se ganha em se perder, é querer estar preso por vontade, é servir a quem vence, o vencedor, é ter com quem nos mata, lealdade, mas como causar pode seu favor, nos corações humanos amizade, se tão contrário a si é o mesmo Amor?*²⁰¹

Sem amor no encontro, fica complexo construir vínculos, e é/foi a partir da criação e fortalecimento dos vínculos e entrega total aos processos da pesquisa, que florescem/floresceram as condutas éticas e se inicia/iniciou a reflexão sobre possíveis métodos anárquicos. Para isso, fui (re) visitar os conceitos sobre o entendimento do que seria de fato uma pesquisa científica.

Rubem Alves, em seu livro: *"Conversas com quem gosta de ensinar"*, explica que devemos melhorar nossa compreensão sobre o uso rigoroso de um método científico. De acordo com o autor, não deveríamos usar o rigor científico como critério "inicial e final" para a formulação de uma pesquisa, pois, muitas questões irrelevantes podem ser tratadas através do rigor metodológico.

[...] introduzo o problema do método logo de saída, porque frequentemente a ciência é definida em função do seu método. Pensa-se que produzir conhecimento científico é a mesma coisa que produzir um conhecimento metodologicamente rigoroso, ignorando-se totalmente a significação ou relevância do conhecimento produzido. Michael Polanyi, numa discussão deste assunto, cita o caso do físico alemão Friedrich Kohlrausch (1840-1910), que declarou, numa discussão acerca dos objetivos das ciências naturais, que ele estaria perfeitamente feliz em simplesmente determinar com precisão a velocidade da água que se escoava pelo esgoto. "Ele se equivocou totalmente acerca da natureza do valor científico", observa Polanyi, "pois a precisão de uma observação não a torna automaticamente de valor para a ciência (Michael Polanyi, *Personal knowledge: towards a post-critical philosophy*, New York, Harper & Row, 1964, p. 136, in ALVES, 1980, p. 66).

"A obsessão com o método pode ter consequências desastrosas" (ALVES, 1980, p. 67). Neste sentido, pesquisas no campo das Ciências Humanas, Sociais e Artísticas, deveriam ter como critério principal o entendimento de que cada situação ou problema que surge, encontra-se numa "conjunção de uma série de fatores heterogêneos". (Idem, p. 67).

A partir de uma análise interdisciplinar, um pesquisador ou pesquisadora situada, engajada e contextualizada em suas ações, perceberá que a rigidez não deve ser o ponto forte

²⁰¹ Luís de Camões. Disponível em: https://www.pensador.com/poema_amor_e_um_fogo_q_arde/.

de sua pesquisa, irá perceber que o rigor metodológico deve/poderia ser mais "frouxo". Mesmo sabendo que para determinadas situações é imprescindível um certo rigor, mas sabemos também que o rigor não se aplica em todos os casos. A universidade precisa repensar que rigor é esse que ela tanto precisa.

Com isso, muitas pesquisadoras e pesquisadores deixam de se interessar por temas realmente relevantes, e acabam por se dedicar a temas, em que o rigor (nesse caso, a rigidez) científico aparece como um dos pontos fortes da pesquisa. Parece-me que talvez esse percurso possa ser mais prático, ou mais rápido para se alcançar uma titulação acadêmica. Nestes casos, muitas propostas de pesquisa acabam por se enquadrar numa espécie de fôrma pronta, tipo uma fôrma de "bolo acadêmico" - o mercado da educação. Isso "força o/a pesquisador/a a abandonar possíveis problemas importantes (são muito complexos) e a eleger problemas triviais que são passíveis de um tratamento metodológico fechado". (ALVES, 1980, p. 68). Ou seja, neste embate, percebo que o problema em si não é o rigor, e sim, a rigidez. Na busca por novas/outras formas de (re) pensar sobre métodos e rigores, percebi que ainda carece na universidade a poesia como método científico e o amor como fonte de vida das epistemologias anárquicas.

Será que o senhor se esquece que a sociedade é formada de homens, isto é, de seres pensantes? O senhor se esquece, uma vez que falou em Durkheim, de que com a simples reunião de homens pensantes aparecem fenômenos novos, originais? Estamos, nesse ponto, num domínio em que se podem reduzir as coisas a conceitos. O real os ultrapassa de todos os lados. Se o sociólogo se limitar a fazer entrar as coisas em certos quadros, a pregar etiquetas, a colar papel gomado, em lugar de nos dar uma imagem exata do que quis estudar, não nos dará mais do que uma visão de museu, o social ficará empalhado dentro de uma vitrine. Não quero uma ciência que cheire a inseticidas. A física tende a matematizar o universo, a sociologia a desmatematizar. O sábio só descobre as leis do universo sob a condição de decompor o mundo em sistemas fechados, de distinguir nesses sistemas fechados uma hierarquia de condições e de chegar, finalmente, por meio de análises, à condição necessária e suficiente do fato que é objeto de suas pesquisas, o sociólogo, ao contrário, encontra-se em presença de fenômenos no qual o total é diferente do conjunto das partes, em que tudo, reage sobre tudo, além disso, é ele levado pela corrente do tempo, de modo que, quando separa, mutila, e quando acaba de formular as várias relações, essas relações já mudaram. Não deverá ele, pois, proceder um pouco como o mergulhador que se joga no mar para conhecer, ao menos aproximadamente, a riqueza líquida? A poesia é esse mergulho [...] (BASTIDE, 1983, p. 83).

Eu como indivíduo, um ser ativo e pensante, um músico pesquisador, *brancoafroíndio*, galego esquina de periferia, optei por vivenciar experiências de vida reais, com respeito às diferenças, às alteridades e a tudo aquilo que diz respeito a condutas éticas para com outras pessoas. Na busca por um campo ético saudável, preferi e ainda prefiro colocar poesia na ética,

poesia na pesquisa, poesia como método anárquico. Anarquia, amor e poesia. Parafraseando Roger Bastide:

[...] trata-se, para o Sociólogo²⁰², de não se colocar fora da experiência social, mas vivê-la, senão totalmente, pois não podemos ser *Frególis*²⁰³, transformando-nos sucessivamente em operário e patrão, empregado de banco e malandro, entregador de loja e missionário, mas nos aproximando deles pelo menos por um esforço de simpatia, por espécie de naturalidade instintiva. (BASTIDE, 1983, p. 83).

4.4. A(s) ética(s) no Brasil

No Brasil a questão ética ganhou corpo no desenvolvimento de pesquisas em várias áreas do conhecimento, a cada dia, novos espaços de discussões surgem acerca do tema, principalmente sobre os direitos das participantes nas pesquisas, sobre a devolutiva das investigações para a comunidade, e sobre as condutas da pesquisadora e/ou pesquisador. Ou seja, a pesquisadora e o pesquisador devem realizar sua pesquisa sempre através de um "tratamento ético", mas qual seria esse tratamento?

Esse "tratamento ético" surgiu como um dos desafios bem atuais em nossa contemporaneidade. Desde a década de 80, muitas pesquisas, principalmente nos Estados Unidos, vêm discutindo o tema da ética:

[...] foi nesse período que as primeiras regulamentações nacionais de ética em pesquisa com seres humanos surgiram internacionalmente, provocando uma controvérsia sobre sua legitimidade para campos que não as Ciências Biomédicas ou mesmo sobre sua pertinência para as metodologias qualitativas. (DINIZ, 2007, p. 418).

Apesar de muitas instituições governamentais de financiamento à pesquisa não incluírem entre suas exigências um parecer ético sobre projetos (CAROSO, 2004), atualmente a legislação brasileira exige que o pesquisador tenha um parecer quando envolve seres humanos (direta ou indiretamente) em suas pesquisas. Mas afinal, a ética serve para quem mesmo? (SLOBIN, 1992), para as/os participantes, para a pesquisadora/pesquisador, ou para as universidades e/ou instituições que financiam as pesquisas?

²⁰² Meu grifo: No texto Roger Bastide usa "Sociólogo", mas seguindo o pensamento, poderia usar o termo "Etnomusicólogo".

²⁰³ Mímico célebre por suas transformações rápidas.

Nas resoluções disponíveis, (196/96, 466/12 e 510/16), os temas mais recorrentes são os cuidados para com os/as sujeitos/as da pesquisa, e nesse trato incluem: questões como o consentimento livre e esclarecido, benefícios para as pessoas pesquisadas e/ou comunidade, explicações sobre confidencialidade no processo da pesquisa e na obtenção dos resultados, além da obtenção do consentimento informado²⁰⁴ de cada participante, bem como sua autorização, além de questões que envolvem danos material, imaterial, moral, discriminação, estigmatização.

A partir destes pressupostos, pensar num sistema anarco-ético em uma pesquisa musical, exigiu de mim uma abordagem qualitativa e um não engessamento através de prescrições rígidas de “procedimentos éticos”. Não tenho como apresentar uma receita e creio que não exista uma bula, o que existe na área das Ciências Humanas, Sociais e Artísticas são caminhos diversos e possíveis para se conduzir uma pesquisa. No meu caso, a ética se construiu e se estabeleceu no contexto, por meio dos vínculos e afetos construídos e fortalecidos durante todo o processo. Compreendi que todas as questões que vivenciei, perpassaram por uma possível compreensão do que seria ético, pois eu estava inserido em processos de trocas e compartilhamento com pessoas, a todo instante.

[...] os sujeitos da pesquisa são concebidos e tratados como pessoas, isto é, entidades socioculturais, e não apenas como seres humanos, isto é, entidades biológicas. A definição preliminar do interesse deste campo de conhecimento demanda outra concepção ética, uma vez que os antropólogos não interferem nos corpos, mas os exploram a partir das concepções dos seus interlocutores. A tradição etnográfica do trabalho de campo, preponderantemente baseada na observação participante, permanência prolongada e entrevistas em profundidade, é o meio através do qual os antropólogos obtêm o material básico para suas interpretações. A ética da pesquisa antropológica tem como parâmetros fundamentais a tradição de respeito pelas pessoas e grupos humanos, pelos seus costumes, comportamentos e práticas, pela diferença, pela alteridade. (CAROSO, 2004, p. 140, 141).

Portanto, pensando numa pesquisa em música:

A ética filosófica (formal e universalista) não pode, paternalisticamente, dizer o que o indivíduo deve fazer, prescrevendo ações, ela não pode se constituir em um receituário para a conduta cotidiana dos indivíduos, nem servir de desculpa para justificar seu agir mediante motivos puramente externos. A justa medida requerida pela ética não é extraída por intermédio de fórmula

²⁰⁴ A tradição de consentimento informado vem de 1757 ou 1758. É claramente uma tradição ligada à área do direito, no sentido de garantir, por um lado, que o paciente seja adequadamente informado sobre riscos e benefícios, mas por outro, fica cada vez mais claro, que o objetivo é isentar o profissional da responsabilidade pelos atos que ele assumir. (GOLDIM, 2004).

alguma, ela é medida qualitativamente, e isso exige cautela, conhecimento, capacidade crítica, bom senso, respeito ao próximo, às produções musicais e aos músicos e, de maneira geral, respeito à vida humana. (QUEIROZ, 2013, p. 16).

Ao refletir sobre a ética profissional, perguntei-me: ela deveria realmente ter uma abordagem setorizada? Ou seja, de acordo com cada campo de atuação? Como etnomusicólogo, busquei praticar os princípios básicos do código de ética do antropólogo e da antropóloga da ABA.²⁰⁵ Essa foi uma decisão anárquica, já que este código informa que o pesquisador ou pesquisadora tem o direito de publicação e divulgação dos resultados do trabalho, porque assume antes de tudo, e a partir das relações sociais que se estabeleceram, princípios éticos intrinsecamente ligados à área, e aos/as participantes da pesquisa.

[...] enquanto para muitos pares a questão da ética se resume a formulações técnicas de procedimentos de pesquisa, para os/as etnomusicólogas a discussão se pauta na responsabilidade social do/da pesquisador/a e nos enfoques dados por ele/ela a partir do diálogo com seus interlocutores. (LÜHNING, TUGNY, 2016, p. 41).

Observe que quando pessoas são o “objeto/sujeito de uma pesquisa”, a depender da área que se estude, as abordagens e manejos deveriam/devem ser diferentes, pois são vários olhares e percepções. Uma delas, por exemplo, é a percepção a partir da visão ética da área da Saúde, outra coisa é a visão ética a partir da área das Artes e das Humanas.

Um dos problemas enfrentados é que os procedimentos de avaliação e da acreditação dos Comitês de Ética em Pesquisa são regulamentados pela Resolução do Conselho Nacional de Saúde. As especificidades éticas das pesquisas das áreas das Ciências Sociais, Humanas e Artes não estão/são totalmente contempladas nas resoluções complementares. O que se fala na resolução 510/2016 no capítulo VII das disposições transitórias é que:

Será instituída instância, no âmbito da Conep, para implementação, acompanhamento, proposição de atualização desta Resolução e do formulário próprio para inscrição dos protocolos relativos a projetos das Ciências Humanas e Sociais na Plataforma Brasil, bem como para a proposição de projetos de formação e capacitação na área. Parágrafo único. A instância prevista no caput será composta por membros titulares das Ciências Humanas e Sociais integrantes da CONEP, representantes das associações científicas nacionais de Ciências Humanas e Sociais, membros dos CEP de Ciências Humanas e Sociais e de usuários. Art. 30. Deverá ser estimulado o ingresso de pesquisadores e demais profissionais atuantes nas Ciências Humanas e Sociais nos colegiados dos CEP existentes, assim como a criação de novos

²⁰⁵ Concebido pela Associação Brasileira de Antropologia, criada em 1955.

CEP, mantendo-se a interdisciplinaridade em sua composição. Art. 31. Os aspectos relacionados às modificações necessárias na Plataforma Brasil entrarão em vigor quando da atualização do sistema. (Resolução 510/2016).²⁰⁶

A ideia dessa resolução é que se estimule o ingresso de pesquisadores/as das Ciências Humanas e Sociais nos colegiados dos CEP existentes, ou que se criem novos CEP. A resolução ainda indica que o CONEP deverá respeitar a equidade dos membros indicados pelos CEP entre a área de Ciências Humanas e Sociais e as demais áreas, essa premissa visa exatamente garantir a representação equilibrada das diferentes áreas (Resolução 510/2016), mas na prática, ainda existe uma brecha muito grande em como se avaliar projetos que tenham como ponto de partida conteúdos musicais e métodos antropológicos, como é o caso da Etnomusicologia.

Como etnomusicólogo, estou em contato com pessoas e com seus processos sociais, musicais, cognitivos e performativos. Suas/nossas angústias e problemas cotidianos, com movimentos, sons, sentidos e sonoridades²⁰⁷ (cultura)²⁰⁸ dessas pessoas. Cotidiano de inúmeras complexidades.

Uma pesquisa que se propõem ter uma abordagem ética, pressupõe estabelecer uma “aparente” evidência nos acordos com as situações e pessoas pesquisadas. Digo o termo “aparente”, pois existem variantes a serem discutidas e quase nunca tudo fica muito à tona, pois existem diferentes pontos de vista e diferentes soluções no campo da ética. Numa pesquisa da área de música, por exemplo:

[...] Muitas das questões que permeiam a área de música também envolvem outros campos de pesquisa, mas há, também, aspectos específicos que são encontrados, sobretudo, no estudo e abordagem dos fenômenos musicais em seus diversos contextos [...] exigiria um exaustivo aprofundamento em matrizes que definem cultural, epistemológica e metodologicamente os diferentes campos de estudo científico musical. (QUEIROZ, 2013, p. 11).

²⁰⁶ In BRASIL. Resolução 510/16. Publicada no DOU nº 98, terça-feira, 24 de maio de 2016 - seção 1, páginas 44, 45, 46.

²⁰⁷ Falando-se de antropologia do som, ou sonora, dois elementos surgem à primeira vista: o som enquanto fenômeno físico e, simultaneamente, inserido em concepções culturais, e, do outro lado, a música propriamente dita, isto é, o som "culturalmente organizado" pelo homem (humanly organized sound, cf. Blacking, 1973). Os dois parâmetros, a acústica e a cultura, ou seja, o som e as sonoridades, respectivamente, estão presentes na pesquisa etnomusicológica do século XX. (PINTO, 2001).

²⁰⁸ Importante compreender a cultura não como um monte de fenômenos materializados, mas sim como uma organização cognitiva dos fenômenos materializados. (KUBIK, 2010), por exemplo: Como a música se organiza na mente de uma pessoa? Como diferentes pessoas organizam e usam sua cultura? Como cada pessoa vê e enxerga o mundo? (Idem).

O que pretendo aqui, é colaborar com o entendimento de que não se deve aplicar soberanamente o entendimento ético da área da Saúde para a área das Ciências Humanas, Sociais e Artes, e vice-versa, pois o entendimento ético da Saúde tende a ser diferente da conduta ética de um/uma pesquisador/a em Etnomusicologia. Precisamos nos apoiar em outras/novas metodologias, para colocar em evidência que os problemas de pesquisa destes campos, são/serão naturalmente distintos e suas abordagens, portanto, diferentes.

[...] a ética não será conquistada a partir de um conjunto de normas absolutas que determinem as nossas formas de agir como pesquisadores. Nesse sentido, uma conduta ética só ocorrerá se os indivíduos encontrarem saídas plausíveis, racionais e humanas para suas ações, relações e posturas. (QUEIROZ, 2013, p. 16).

A perspectiva dos CEP, apesar da proposta de equidade dos membros titulares e suplentes indicados entre as áreas, ainda é biomédica, daí surge a grande questão, que é:

— *Como submeter as pesquisas das Ciências Humanas e Artes às adequações das exigências éticas desses comitês?*

Neste ponto, surge o desafio de dialogar com essas instâncias institucionalizadas, e buscar outras formas de avaliação mais específicas e adequadas, relativas as áreas em questão, além de possibilitar a ampliação dos procedimentos de obtenção do consentimento informado. O artigo 26, do capítulo V, do procedimento de análise ética no sistema CEP/CONEP diz:

A análise ética dos projetos de pesquisa de que trata esta Resolução só poderá ocorrer nos Comitês de Ética em Pesquisa que comportarem representação equânime de membros das Ciências Humanas e Sociais, devendo os relatores serem escolhidos dentre os membros qualificados nessa área de conhecimento. (RESOLUÇÃO 510/16).

A Resolução tenta buscar equidade na avaliação e indica que o/a pesquisador/a deve/deveria estabelecer um campo no qual as interlocutoras e interlocutores participantes da pesquisa não sejam/serão prejudicados/as, ou expostos/as a situações que interfiram na sua integridade física, mental, cultural, social e diria também espiritual. Ou seja, a questão básica é sobre o cuidado com o próximo, o respeito às diferenças, o respeito aos modos de ser do/a próximo.

[...] o principal desafio de uma avaliação ética de um projeto de pesquisa em Ciências Humanas não deve ser o de enquadrá-lo na matriz de análise já existente, mas entender que cada desenho metodológico pressupõe uma nova sensibilidade ética. É preciso reconhecer que não há uma fórmula de

juízo da ética em pesquisa que seja metadisciplinar. (DINIZ, 2007, p. 421).

4.4.1. Deveres do/da pesquisador/pesquisadora

De acordo com a resolução (510/16), ao/a pesquisador/pesquisadora exige-se antes de iniciar a pesquisa, apresentar o protocolo ao CEP ou à CONEP e aguardar a decisão de aprovação pelo comitê de ética. O/a pesquisador/a deve assumir o compromisso em desenvolver o projeto conforme delineado, além de elaborar e apresentar os relatórios parciais e final. Sempre que solicitado deverá apresentar os dados ao CEP ou a CONEP e deve manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa e encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores/pesquisadoras associadas e ao pessoal técnico integrante do projeto, além de justificar perante o CEP ou a CONEP a interrupção do projeto, ou a não publicação dos resultados.

Fica estabelecido que os casos não contemplados pela atual resolução, prevalecerão os princípios éticos da 466/12. Portanto, de acordo com a resolução 466/12, o/a pesquisador/pesquisadora fica obrigado a entregar as documentações comprobatórias de aprovação do projeto pelo sistema CEP/CONEP às agências de fomento à pesquisa e aos editores das revistas científicas.

— *Mas será que todos os projetos de pesquisa das áreas das Ciências Sociais, Humanas e Artes necessitam/deveriam ser avaliados por comitês colegiados?*

Débora Diniz²⁰⁹ argumenta que existe uma boa quantidade de projetos de pesquisa em Ciências Humanas que não necessitam de uma avaliação por um colegiado, no entanto, necessitam de pelo menos uma avaliação de um dirigente de algum comitê, que neste caso, responsabiliza-se por avaliar os aspectos éticos e emitir um parecer. Esses casos, segundo Diniz são intitulados de casos de “*expedited review*”.²¹⁰

Entretanto, tentar traçar a discussão sobre a ética em pesquisa no Brasil somente balizada pela história interna das discussões que envolvem o Sistema CEP - Conep, e sobretudo da Resolução nº 510/2016, seria criar um campo

²⁰⁹ Professora da Universidade de Brasília e pesquisadora da Anis - Instituto de Bioética. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4728397Y1>.

²¹⁰ Revisão rápida. Os casos de expedited review abarcam a maior parte dos projetos de pesquisas qualitativas e são capazes de rever as regras gerais pensadas para as Ciências Biomédicas de acordo com as particularidades das Ciências Humanas". (DINIZ, 2007, p. 423).

de discussão que se forma a reboque das exigências governamentais de regulação, como aponta Strathern (2006). Ou seja, se a discussão sobre a ética em pesquisa for somente balizada pelas discussões de documentos e resoluções que vêm sendo discutidos de forma tensa com a Conep, estaremos limitando a ética da pesquisa antropológica àquela preconizada pelo Sistema CEP - Conep e impediremos a promoção de um alargamento das necessárias reflexões sobre a ética em pesquisa. Assim como corremos o risco de não produzirmos o debate sobre os desafios em como criar mecanismos para minimizar os impactos negativos da prática da pesquisa nas populações estudadas, ou mesmo na criação de estratégias para a prática reflexiva do pesquisador na contemporaneidade. Afinal, é característico à antropologia a constante inserção da reflexão de seus procedimentos de pesquisa e pressupostos teóricos no modo como se produz conhecimento científico. (HARAYAMA, 2017, p. 26).

4.4.2. Deveres dos Comitês de ética em pesquisa

Aos CEP competem, dentre outras funções, analisar e emitir pareceres objetivos e detalhados sobre a decisão do colegiado em prazo estipulado em norma operacional. De acordo com as resoluções, os/as pesquisadores/pesquisadoras devem encaminhar relatórios semestrais²¹¹, sobre as estratégias de pesquisa, avaliando sempre os riscos inerente à pesquisa. No capítulo IV da Resolução 510/16, o Art. 18 explica que para projetos da área das Ciências Humanas e Sociais, a definição e a gradação do risco decorre da apreciação da metodologia aplicada e como essa atuação poderia causar danos ao participante. Caso ocorra algum dano resultante de sua participação na pesquisa, seja ele previsto ou não no Registro de Consentimento Livre e Esclarecido, o participante tem direito a assistência e direito a buscar alguma indenização. O mais intrigante é que fica autorizado aos CEP o poder em modificar ou suspender a pesquisa, caso a mesma não esteja de acordo com as “normas éticas exigidas” (e quais seriam elas se tudo depende do contexto?). Além disso, os CEP não analisam projetos após iniciada a coleta de dados.

Como pesquisador, trago a reflexão para a ampliação de sensibilidades nas avaliações de projetos das áreas das Ciências Humanas e Artes, pois são muitas particularidades epistemológicas e metodológicas, neste ponto, há de se chegar a um consenso mais abrangente pelos CEP.

Devido a tanta "fervura" no assunto, inicialmente imaginei que realizar uma pesquisa sem um parecer de um comitê de ética da Plataforma Brasil poderia gerar problemas, mas qual

²¹¹ Na resolução 196 o envio era anual.

seria o real problema? Penso que submeter este trabalho a possíveis análises descontextualizadas também seria um problema. Daí me perguntei:

— *Ter uma publicação negada devido a falta de um parecer ético da Plataforma Brasil, poderia tornar minha pesquisa um fracasso?*

Certamente que não. Malheiro em sua dissertação de mestrado²¹², trouxe importante colaboração sobre o tema:

O trabalho de MacRae e Vidal (2006) nos revela as limitações de se refletir ética de pesquisa, tendo em vista a resolução 196/0625 que impõe o modelo biomédico para as pesquisas com seres humanos. No texto, os autores refletem a obrigatoriedade de alguns instrumentos e técnicas de pesquisa que dificultam e inviabilizam a realização do trabalho de campo etnográfico em cenas de uso de drogas. Via reflexões trazidas pelos autores neste texto, bem como em diálogos sobre o percurso de pesquisa com meu orientador Edward MacRae, foi possível perceber as limitações concretas que o modelo biomédico hegemônico impõe a realização de etnografias em cenas de uso de crack. A licença que eu precisava para realizar a pesquisa naqueles territórios não dependia da autorização de nenhum comitê de ética, mas dos acordos e negociações realizadas para a construção do trabalho de campo. Além disso, a minha experiência com a realização da etnografia sobre o consumo de crack no ano de 2009 me mostrou que a apresentação de um termo formal a ser assinado não é bem aceito na dinâmica interna. Muitas vezes os sujeitos vão ocultar o seu nome verdadeiro e outras informações sobre a sua história de vida se não se construir a confiança com o pesquisador. Durante o meu trabalho de campo em 2009 aprendi que ir a campo com um termo a ser assinado pode significar uma quebra de vínculo importante. (MALHEIRO, 2018, p. 38, 39).

Acredito que esta pesquisa colaborou para a melhoria das relações das pessoas envolvidas. Seguramente as oficinas e práticas musicais que foram realizadas, atreladas às diversas performances e reflexões vivenciadas nos campos de pesquisa, colaboraram significativamente para amenizar conflitos, reduzir riscos e danos no uso de substâncias psicoativas, além de amenizar dores causadas, muitas vezes pela violência exacerbada e pelo descaso social que essas pessoas passam, por estarem grande parte de suas vidas nas ruas.

Neste sentido, publicar em uma revista me pareceu/parece a coisa menos importante, contudo, não me eximi de realizar os procedimentos éticos que entendi como necessários para a condução deste trabalho. Anarquicamente não submeti minha pesquisa a nenhum comitê da Plataforma Brasil, mas quando surgiu a possibilidade da formação de uma comissão de ética no Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música da UFBA, eu percebi uma

²¹² MALHEIRO, Luana Silva Bastos. Tornar-se mulher usuária de crack: trajetórias de vida, cultura de uso e política sobre drogas no centro de Salvador/Ba. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em antropologia da Universidade Federal da Bahia. Orientador: Edward MacRae. Salvador, 2018.

coerência e segurança, pois sabia que não estaria submetendo a pesquisa a uma comissão da área da Saúde. Além disso, informei e expliquei aos/as participantes sobre do que se tratava a pesquisa, os objetivos, e sobre todo o trabalho que posteriormente desenvolvemos. Para isso, elaborei as cartas de apresentação, as autorizações e apresentei o termo de consentimento livre e esclarecido, contendo todas as informações referente a minha investigação, para que todas e todos pudessem ter a certeza em que tipo de pesquisa estariam se envolvendo²¹³. No entanto, esses procedimentos só foram possíveis depois de muito tempo de estreitamento dos vínculos, pois foi necessário desenvolver:

As estratégias para a entrada em campo, a sensibilidade de perceber qual a melhor forma de se comportar, quais as gírias que não podem ser faladas e quais são importantes incorporar, qual o momento de se colocar e o momento de ficar em silêncio apenas observando, toda essa gama de aprendizado nenhum manual de ética nos prepara: cada antropóloga desenvolve essas habilidades de acordo com a sua experiência construída em campo. MacRae e Vidal (2006) apontam que o/a antropólogo/a comumente antes do seu trabalho de campo, de maneira mais sistemática, faz algumas visitas a campo com o objetivo de avaliar a viabilidade de realização da pesquisa e pedir autorização à população local. O momento inicial, de registro das primeiras impressões em campo, é muito importante, pois é a percepção anterior ao mergulho etnográfico, quando a alteridade do pesquisador está ainda pouco contaminada com a cosmologia nativa. (MALHEIRO, 2018, p. 39).

Tenho dúvidas se um comitê da área da Saúde tem a total capacidade de julgar, avaliar e emitir um parecer que determine qual conduta ética será mais adequada para a realização de uma pesquisa em Etnomusicologia. No desenrolar desta pesquisa, percebi que não existe um único caminho, nem uma única ética, e por isso precisei me apoiar a partir de perspectivas metodológicas libertárias, ampliando outras formas mais sensíveis para lidar com os diferentes casos. Acredito que nenhum/a pesquisador/pesquisadora deseje elaborar uma pesquisa que venha a gerar problemas futuros, ou seja, possíveis problemas para o/a próprio/a pesquisador/pesquisadora, para as pessoas envolvidas, informantes e participantes da pesquisa, instituições pesquisadas, ou para as instituições e/ou universidades as quais representa.

O processo é/foi longo, delicado e exige/exigiu de mim, procedimentos diversos a fim de não deixar brechas para algum mal entendimento. Portanto, dialogar com as várias éticas, é permanecer num estado de liberdade metodológica que pode/deve colaborar para liberdades epistêmicas de atuação, nas quais seja possível compreender que sem entrega, sem amor, sem cumplicidade, sem liberdade, sem engajamento, e sem vínculos afetivos construídos e

²¹³ Ver anexos C, E, F e G.

fortalecidos, nada é/será possível. A metodologia vem depois do encontro, nunca antes.

Portanto, nesse embate ontológico a pergunta ainda persiste:

— *A ética serve para quem mesmo?*

5. DIÁRIOS DE CAMPO- LOCALIZANDO NOSSO(S) TERRITÓRIO(S) – OS PERCURSOS ENTRE PRÁTICAS ENGAJADAS E A PESQUISA TEÓRICO-METODOLÓGICA NO CAMPO DAS ETNOMUSICOLOGIAS

Este capítulo surge em formato de diários que escrevi ao longo do processo de doutoramento. Aparece como um emaranhado de assuntos que creio serem importantes para nos localizar nessa selva social (tropical). Comecei pelos processos coloniais e pós-coloniais, até as abordagens decoloniais e localizadas. Misturando a escrita acadêmica com a escrita performativa, com a perspectiva de trazer a tona, discussões sobre gênero e raça na cidade de Salvador/Ba.

A proposta foi criar um caldeirão performativo que forneça ao leitor/a, possibilidades de novos/outros pontos de ataque para as discussões sobre pessoas em processos de exclusão e vulnerabilidade social. Ao mesmo tempo, situar o/a leitor/a na compreensão de quais leituras (teorias e metodologias) eu estava apreciando durante a investigação. Como dito, estes diários foram escritos a partir das minhas leituras, intervenções e meu cotidiano no processo da pesquisa em Etnomusicologia. Eles performam o entrelaçamento da minha pesquisa bibliográfica com minha rotina de pesquisador, por onde andei, performei, quais trajetórias e percepções obtive sobre as pessoas, suas práticas e o entorno social.

Estes diários são o cruzamento de práticas etnomusicológicas, inquietações epistemológicas, teorias e conceitos que a rua e a academia nos oferecem. Conceitos estes, que muitas das vezes, transformaram-se em tentativas de tradução/explicação das nossas realidades dinâmicas, e que muitos deles, encontram-se dentro de “categorias zumbis” (BECK, 2002).

A academia cria e busca classificação, entendimento e explicação de realidades por meio de conceitos – são processos de construção e desconstrução que nos possibilita entender/refletir sobre as realidades atuais.

As “categorias zumbis” são categorias mortas-vivas que rondam por nossas cabeças e povoam nossa visão de realidades que não param de desaparecer [...] De fato, as categorias de zumbis vêm do horizonte experiencial do século XIX, da mencionada primeira modernidade e fazem que fiquemos cegos,

procedendo analiticamente - a priori à experiência e dinâmica da segunda modernidade. (BECK, 2002, p. 14).²¹⁴

O que Beck nos apresenta é uma outra compreensão sobre nossas sociedades atuais, por exemplo, quando se pensa no conceito de “modernidade”, é bom lembrar que existem de fato, várias modernidades. Beck revela o conceito de uma “segunda modernidade” para nos forçar a refletir sobre sociedades que surgiram por outros caminhos, como por exemplo, por meio dos processos de globalização, distantes dos conceitos dessa “primeira modernidade”, que ainda está atrelada a uma compreensão de sociedades construídas pela industrialização, com seus empregos e salários, ou seja, sociedades baseadas no modelo Estado-nação. Nesse sentido, quase tudo o que essa “primeira modernidade” alavancou, estaria atrelado a conceitos mortos-vivos, ou “conceitos zumbis”. Comentarei mais sobre este tema nos subcapítulos: “5.4. Cosmologia ancestral” e “5.5. No limite da atualidade”.

5.1. Diário#1 O navio das interseccionalidades²¹⁵

Salvador, 01 de março de 2017,²¹⁶ o relógio marca aproximadamente 16h:20min e começo a escrever esta parte do texto, como Viviane Vergueiro²¹⁷ introduz a sua dissertação de mestrado:²¹⁸ “Início este texto, a introdução deste trabalho, sentada em uma privada e lombrada”. (VERGUEIRO, 2015, p. 14).

²¹⁴ “Las categorías zombis son categorías vivas-muertas que rondan por nuestras cabezas y pueblan nuestra visión de realidades que no dejan de desaparecer [...] En efecto, las categorías zombis proceden del horizonte vivencial del siglo XIX, de la anteriormente mencionada primera modernidad, y hacen que nos volvamos ciegos, al proceder de manera analítica-apriorística a la experiencia y dinámica de la segunda modernidad (BECK, Ulrich. *Libertad o capitalismo. Conversaciones con Johannes Willms*, Barcelona, Paidós, 2002, p. 14). (Tradução nossa).

²¹⁵ “É uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, e as articulações decorrentes daí, que imbricadas repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis aos trânsitos destas estruturas. Infelizmente agora sofre os perigos do esvaziamento, pois caiu no gosto acadêmico das branquitudes. Fala-se muito de feminismo interseccional sem trabalhar o paradigma afrocêntrico, de forma desconexa da origem, fundamento e propostas epistemológicas das feministas negras”. (AKOTIRENE, 2018). Entrevista concedida a coluna Mulheres em Movimento. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/>. Carla Akotirene é bacharela em serviço social, mestra e doutoranda em estudos sobre mulheres, gênero e feminismo pela UFBA.

²¹⁶ As datas e os locais em todos os diários referem-se a momentos de relatos iniciais, o início da escrita. No entanto, a construção total dos textos foi realizada em outros momentos posteriores. “Ah, madrugada já rompeu você vai me abandonar eu sinto que o perdão você não mereceu eu quis a ilusão agora a dor sou eu [...]” (É preciso perdoar - João Gilberto).

²¹⁷ Pesquisadora e economista, com atuação nas áreas de Controles Internos e Finanças, com mestrado em Cultura e Sociedade (UFBA) e graduação em Ciências Econômicas (Unicamp). Tive a oportunidade em conhecê-la na casa de minha orientadora Laila Rosa.

²¹⁸ Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, 2015.

Em meus pensamentos surgem inquietações e desejos sobre meu (re) encontro com as pessoas que estão em situação/contexto de rua. Agora certamente com outro olhar, um olhar de um pesquisador em etnomusicologia.

Já após o primeiro semestre no curso de doutorado, eu comecei a escrever na tentativa de reduzir minha ansiedade. Talvez nem fosse ansiedade, mas sentia aquele frio na barriga, sensação semelhante a que tenho antes de adentrar um palco para tocar. Muito guiado por minha intuição, ou seja, a intuição como método (BERGSON, 1989), algo me dizia e ainda me diz que estava vivo e no caminho certo. Foram desejos que afloraram, irradiaram e iluminaram meu caminho como pesquisador ao (re) encontro com essas pessoas.

Durante o processo, percebi que em algum momento teria que transformar esses encontros e toda a subjetividade vivenciada, num possível texto etnográfico, em formato de tese/pesquisa acadêmica. Bem, eu precisei de fato colocar em prática minha subjetividade e escrever sem me preocupar necessariamente com a rigidez acadêmica.

Apesar do preocupante momento sócio político no Brasil,²¹⁹ eu precisava escrever, aumentar a autoestima e sair da apatia. Muitas vezes o ato da participação, observação, análise e escrita, configurou-se como um ato de (re) existência política, uma militância arte afetiva necessária que se insere nos pressupostos da Etnomusicologia brasileira - um campo de pesquisa sobre práticas sócio-culturais-musicais em perspectiva crítica. Sendo assim, este estudo Etnomusicológico se insere num:

Conjunto de investigações, estudos, ações e reflexões que, de forma interpretativa, envolvem práticas culturais em contextos relevantes para a sociedade brasileira, em especial no campo das artes, com prioridade para a reflexão sobre os esforços de transformação da própria universidade. Além disso, de forma mais específica, pesquisas etnomusicológicas no Brasil que abordem vivências musicais inseridas em amplos contextos sociais, históricos, educacionais e políticos como múltiplos processos de criatividade, transmissão, formação e reflexão crítica.²²⁰

Eu precisei me centrar como indivíduo e me localizar territorialmente e metaforicamente em minha cidade e no meu campo de pesquisa. Para isso, foi preciso reconectar minha existência nesta terra tropical - Brasil.

Comecei pela meditação, um caminho seguro para iniciar uma pesquisa. Encontrei meus desejos e em seguida os projetei. Surgiram as perguntas:

²¹⁹ Até aqui falo partir dos resultados das eleições presidenciais de 2018.

²²⁰ Disponível em: <http://www.ppgmus.ufba.br/linhas-de-pesquisa>.

— *Como fazer? O que fazer? Qual devolutiva imediata eu poderia entregar as minhas interlocutoras e interlocutores?*

Elaborei um plano de ação permeado de afetos e subjetividades. Inicialmente, oficinas de música ampliada, este ampliado significa que íamos para além do fazer música, conversávamos sobre redução de danos e uso de drogas, cuidados com o corpo, relações sociais, acontecimentos, o dia-a-dia. Nós meditávamos, respirávamos, fazíamos música e nos socializávamos a cada encontro.

Durante o percurso, eu me indaguei várias vezes:

— *Quem somos nós em meio a tantos desafios que interferem e influenciam nossas dinâmicas Tupinambás no cotidiano da terra Pindorama?*

Eu falo desde o Brasil, mais precisamente Salvador/Ba. Diretamente da Rua da Vala, Boca do Rio. Mas também do Candeal, do Santo Antônio, do Uruguai, do Aquidabã, do Campo da Pólvora, da Mouraria, do Tororó, da Baixa dos Sapateiros, do Pelourinho, da Cidade Alta e da Cidade Baixa, e de tantos outros lugares físicos e metafóricos. Nesses escritos performativos e etnográficos, senti a necessidade em localizar meu/nosso território e refletir sobre quais caminhos eu teria que tomar para adentrar este universo - Caminhos etnomusicológicos sócio tropicais.

A começar por onde moro, e como em quase toda a extensão territorial de Salvador, meus vizinhos e vizinhas, em maioria, são pessoas negras, pobres e trabalhadoras, que saem cedo de casa para ganhar o pão de cada dia. São pessoas repletas de sonhos, vontades e desejos de dias melhores. Boca do Rio, um bairro de classe média-baixa repleto de histórias de pescadores.²²¹

A maioria das pessoas que vivem em Salvador não são descendentes de escravos e escravas, são descendentes de prisioneiros de guerra²²² de origem africana, injustiçados e subalternizados ao longo do tempo, trazidos a força para uma terra estranha e aqui escravizados.²²³ Totalizando mais de três milhões de pessoas que aportaram no Brasil. Portanto, falo da cidade mais negra do Brasil, ex-colônia de Portugal, e atual colônia do capital financeiro global.

²²¹ “A Boca do Rio é um bairro de Salvador. Seu nome deriva-se do poluído Rio das Pedras, que possui foz nesse bairro. [...] Na década de 70 havia uma praia frequentemente visitada por muitos artistas baianos como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Gal Costa, Novos Baianos, dentre outros. Hoje, essa praia (conhecida como Praia dos Artistas)”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Boca_do_Rio. Acesso em 02/11/2018.

²²² Usarei a expressão prisioneiros de guerra. A expressão "escravos" será deixada no texto somente quando aparecer na fala de outros autores (citações).

²²³ Não podemos esquecer das pessoas oriundas das nações indígenas, que também foram submetidos à escravidão.

Não gosto de usar o termo neocolonial, não me parece fazer muito sentido. Sinto que está fadado a não trazer corretamente em sua escrita uma semântica autêntica, pois acredito que nunca deixamos de ser colônia. O que mudou foi a forma de colonizar. Não creio que vivemos numa nova colônia, percebo que ainda somos a continuidade do antigo sistema, da antiga colônia. O chicote foi substituído pelo salário mínimo e por um sistema de cerceamento policial análogo ao utilizado pelos capitães do mato, que foram treinados para matar pessoas e tudo isso atrelado a uma brutal carga de impostos. Ou seja, desde os tempos da casa grande, até hoje, são mínimas todas as condições dadas a população negra: A saúde é ruim, o transporte é ruim, a educação é ruim, e o trabalho não vai nada bem.

Conta Law Mathieson²²⁴ que os colonos ingleses latifundiários do açúcar, mesmo depois da abolição da escravatura da Jamaica, tentaram por todos os meios entravar o trabalho dos negros fora das plantações de cana e chegaram ao extremo de fixar descabidos impostos sobre as terras destinadas à produção de alimentos, obrigando, desta forma, os negros libertos a continuarem escravos dos miseráveis salários estabelecidos pelos senhores de engenho. (CASTRO, 1983, p. 125).

Pessoas foram desterradas e alocadas como miseráveis. Até a nossa alimentação o colonizador/opressor tentou controlar. Eu pergunto, o que seria de nós se não mantivéssemos nossas *(re) existências*, nossas músicas, nossas culturas, nossas culinárias? Provavelmente já teríamos sido dizimados antes mesmo do findar do século XIX.

Estar alimentado é/foi fundamental para a prática musical. Não tem como realizar uma oficina de música com pessoas com fome. No entanto, muitas das interlocutoras e interlocutores desta tese passam por privações em relação ao alimento, mas não só ao alimento, existem diversas outras privações e questões que se entrelaçam, e que foram determinantes para o fazer musical de pessoas em vulnerabilidade social.

Numa hierarquia de necessidades (MASLOW, 1970), as que se apresentavam com força mais intensa, eram as necessidades fisiológicas. Falo de comida, roupas, onde dormir. Em todos os encontros que realizei, tive a sorte de contar com apoiadores que me auxiliaram com o lanche ao término das atividades, quando não, os/as convidava para um lanche. No Corra pro Abraço e no CAPS Gregório, por serem programas do governo, o lanche após as atividades já era garantido. Já no Movimento de População de Rua, contei inicialmente com meus recursos e também com o auxílio do próprio Movimento, posteriormente contei com o auxílio do grupo Multiplicação do Bem, que além do lanche, também conseguiu alguns instrumentos musicais

²²⁴ MATHIESON, Law, *British Slavery and its Abolition*. Londres. 1926, in (CASTRO, 1983, p. 125).

para nossas práticas. O lanche após a oficina de música era sagrado. Finalizar com comida sempre foi o melhor jeito de terminar uma oficina.

Como os nossos encontros no MPR normalmente iniciavam as 14h, muitos ainda chegavam com o almoço em vasilhas plásticas ou quentinhas para comer na sede do Movimento. Após o almoço, aproximavam-se da oficina.

O que sempre me emocionava eram os simples gestos em compartilhar o alimento. Se alguém chegava com comida, normalmente compartilhava com quem estivesse com fome. Esse ato tão simples e de extrema importância, compartilhar com o próximo seu alimento e suas roupas, rondaram os encontros por todo o período em que estivemos juntos. Foram gestos e atitudes que foram/são praticados todos os dias por pessoas em situação/contexto de rua. As sensibilidades e os afetos também se constroem com comida. Aproveito aqui e agradeço a ancestralidade dos povos e nações indígenas, negros e negras, responsáveis pela maravilhosa diversidade da gastronomia baiana:

[...]. Famosa não somente pela excelência dos seus temperos, pelo sabor dos seus quitutes, mas também, [...] pelos corretivos que as suas criações culinárias encerram, capazes de entravar o aparecimento de várias avitaminoses a que estariam irremediavelmente expostas as populações locais, pelo uso dos alimentos preparados exclusivamente à maneira europeia. (CASTRO, 1983, p. 125).

[...] A interferência do negro no sentido de melhorar o padrão de nutrição do Nordeste fez-se sentir ainda, mais do que no campo da produção em escala econômica, através da introdução feliz de certas plantas africanas e do uso de certos processos culinários que se mostraram excelentes no aproveitamento dos recursos alimentares da região. É a contribuição da cozinha africana, dos processos culinários desenvolvidos pelas cozinheiras negras do Nordeste, principalmente do recôncavo da Bahia, dando lugar à hoje tão famosa cozinha baiana. (Idem, 1983, p. 125).

Outro aspecto importante a salientar, remete a outras necessidades para a prática musical. Dentro de uma hierarquia de necessidades, após as questões fisiológicas sanadas, aparece a questão segurança. Sendo assim, estar em um local seguro, como na sede do Programa Corra pro Abraço, ou na sede do Movimento de População de Rua, ou até mesmo nas praças e largos da cidade, junto aos redutores de danos e outros/as educadores/as sociais, facilitou o trabalho com música.

A sensação de segurança é/foi importante para a prática musical. Com isso, os encontros foram se configurando num espaço-tempo de humanidades e acolhimento. Foram momentos em que estávamos livres do medo, do perigo físico e da violência. Sentir-se seguro

num encontro musical é/foi fundamental para poder cantar e tocar livremente, assim, naturalmente fomos vencendo nossos medos e percebendo as práticas musicais, como práticas redutoras de danos no uso de drogas e redutora de outros riscos em diversos níveis.

Estando as necessidades fisiológicas e de segurança paliativamente resolvidas, a questão do envolvimento social ficava mais fácil de acontecer. A interação e a participação das pessoas nas atividades ganhavam outros sentidos, o processo de pertencimento nas práticas musicais favorecia maior aceitação no/pelo grupo. Todas as atividades e brincadeiras subsequentes foram determinantes para se construir um ambiente saudável, produtivo e polissêmico, no qual as relações se deram e os vínculos se fortaleceram.

Com isso, o processo da estima, ou seja, da autoestima foi ficando mais forte, falo de amor próprio, reconhecimento de si como sujeito histórico, parte de uma sociedade excludente e dos outros como tais, construção do respeito e autoconfiança. Estes elementos emergiram a partir do convívio com as práticas musicais. Fosse tocar um instrumento, ou cantar alguma música do cancionário popular (afro) brasileiro, estávamos a desvendar outras possibilidades de ser e estar no mundo.

Espaços de compartilhamento de saberes que favoreceram o processo de auto realização individual de cada participante, ou seja, construímos um espaço seguro, no qual cada um começou a (re) enxergar quem realmente era e o que era capaz de ser e fazer, possibilidades de tornar-se melhor, seja em diversos aspectos, especificamente musicais, e também no social, afetivo, interpessoal.

Durante os encontros consegui observar e constatar os efeitos positivos do convívio musical. As pessoas começavam a ficar mais leves a cada encontro, todos e todas mais conectadas com a realidade e mais sabedoras dos seus diretos. Como dito, as práticas musicais nestes contextos, favoreceram para a elevação da autoestima de diversas pessoas que puderam participar dos encontros. Mesmo vivendo num país desigual como o Brasil e numa cidade repleta de dificuldades como Salvador, nós procuramos nos articular a cada encontro, e a cuidar um do/da outro/outra.

Estávamos a cada oficina, a (re) contar nossas histórias a partir das letras e temas musicais. Esse movimento foi importante para conhecermos nós mesmos, nossas histórias e desejos. Estávamos por meio das práticas musicais a (re) conectar com nossos saberes e com nossos territórios sonoros.

Mas não nos esqueçamos que falo a partir de Salvador/Ba, uma cidade onde existe um imenso abismo racial e de gênero (GARCIA, 2010), e onde a força da segregação ainda é muito expressiva. São inúmeras pessoas, a maioria negras, que se encontram nas estatísticas dos

menores índices de escolaridade, com menores acessos a bens e serviços, além de que, ocupam os trabalhos mais desvalorizados e com os menores salários.

São essas pessoas que compõem a maioria das interlocutoras desta tese, pessoas que foram e ainda são (des) construídos, enviesados e atravessados pelas matrizes da desigualdade, causadas pelos modos de produção, pelo patriarcado e pelas hegemonias.

Mas como pessoas negras são desvalorizadas em Salvador? Como isso pode acontecer já que a maioria da população de Salvador é negra? Não deveria ser aqui pelo menos diferente? Isso acontece devido as diversas (des) continuidades advindas do período colonial explícito. Antônio Carlos dos Santos Matos, um dos interlocutores dessa tese, após uma oficina de música na sede do Movimento de População de Rua, comentou-me:

— *Ser negro nessa sociedade baiana é ser discriminado, é raciado, ... é preconceituoso pra alguns. Porque negro é ladrão, negro é pivete, negro é mau elemento. Pra sociedade é isso. Ainda hoje eu tava no ponto de ônibus com meu filho e outros meninos, e tinha uma mulher, não agravando da sua cor, olhando pra ele com mau olhar. Então eu falei, vou perguntar a ela, se ela tá achando que meu filho é ladrão? Já teve outra que ele passou por detrás e ela segurou a bolsa. Aí eu perguntei a ela se ela tava achando que ele era ladrão? Ela disse: — não, é porque lugar de bolsa é na frente. Mas ela inventou uma desculpa, né? E eu falei: — não, porque aqui ninguém é ladrão, entendeu? Enfim, nós somos simplesmente uma pessoa afastada da sociedade por algum problema, né? Que nem todo mundo que tá na rua, nem todo mundo que se encontra na rua, tá na rua porquê quer. Ou tá na rua porquê simplesmente acha lindo tá na rua, ou é ladrão. Tá na rua porque simplesmente teve um desafeto com a família, teve um problema psicológico, ou emocional, entendeu? Eu mesmo tô na rua porque minha família tá distante, mora em Feira, então... e a situação que eu falei, perdi 35 anos de vida, de coisa, então me encontro na rua e com meus filhos na rua e por esse motivo, mas já tou trabalhando, já ganhei trabalho, já pra levantar, já vou alugar um quarto que é pra poder botar eles dentro (filhos) e viver a vida. Tudo que eu quero da sociedade é a oportunidade. Não olhar pra gente como um mendigo, um favelado, mas olhar como uma pessoa que merece ter a mão estendida. Sei que tem muitos que tão no meio da gente, que muitas vezes, abusa dessa oportunidade, mas tem pessoas que a sociedade (neste momento algum fez muita zoada e ele reclamou) — eiiii olha a zoada aí, eu tô gravando aqui uma entrevista. (Ele retomou dizendo). Eu mesmo pego ônibus, eu vou de ônibus e volto de ônibus, um pouco preconceituoso até de encostar perto, eu crio esse preconceito dentro de mim, porque encostar perto de uma pessoa e ela achar que a pessoa é ladrão, né? Quer roubar e tal, e tudo. Então eu já tenho esse preconceito de encostar, então eu procuro ensinar ao meu*

filho do mesmo jeito, não encostar, entendeu? Já pra não ter esse tipo de coisa. É isso aí, precisa melhorar.

Ainda hoje vivemos a discriminação, a misoginia e o preconceito cotidiano, seja por raça, classe, orientação sexual, identidade de gênero, geração, acessibilidade, e/ou outros marcadores sociais. Parece que o ódio se institucionalizou nessa cidade e neste país, na forma principal do racismo, e isso criou um estado violento e punitivo, em que milhares de jovens (negras e negros em maior quantidade) são torturados e mortos em plena luz do dia e também na escuridão da noite.²²⁵

[...] a sociedade brasileira continua caracterizada pelas disparidades sociais vertiginosas e pela pobreza de massa que, ao se combinarem, alimentam o crescimento inexorável da violência criminal, transformada em principal flagelo das grandes cidades. (WACQUANT, 2001, p. 04, 05).

Em Salvador, com seus variados territórios, existe uma grande diferença de oportunidades quando o ponto de partida da discussão é sobre gênero e raça. Num possível cruzamento com a variável raça e gênero, fica evidente a estratificação socioeconômica dos soteropolitanos, em que indivíduos negros e negras (em especial), sofrem o racismo e todos os tipos de desvalorização e preconceito.

Dentro deste contexto de profunda e crescente desigualdade e exclusão social, se apresenta um fenômeno urbano, o aumento de mulheres chefes de família, que são a principal, se não, o único sustento econômico da família. (MASSOLO, 2002, p. 04).²²⁶

No quantitativo de pessoas que participaram dos encontros musicais, tanto no Programa Corra, CAPS Gregório, quanto no MPR, a maioria eram negras e negros numa estimativa de noventa por cento (90%).

²²⁵ “[...] O número de homicídios no Brasil, em 2015, ficou estável na mesma ordem de grandeza dos dois anos anteriores. Segundo o Ministério da Saúde, nesse ano houve 59.080 mortes. Trata-se de um número exorbitante, que faz com que em apenas três semanas o total de assassinatos no país supere a quantidade de pessoas que foram mortas em todos os ataques terroristas no mundo, nos cinco primeiros meses de 2017, e que envolveram 498 casos, resultando em 3.314 indivíduos mortos. O perfil típico das vítimas fatais permanece o mesmo: homens, jovens, negros e com baixa escolaridade. Contudo, nos chama a atenção o fato de que, na última década, o viés de violência contra jovens e negros tenha aumentado ainda mais”. (Atlas da violência 2017, IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 2017, p. 55). Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf.

²²⁶ “Dentro de este contexto de profunda y creciente desigualdad y exclusión social, se presentan el fenómeno sobre todo urbano del aumento de mujeres a cargo del hogar, quienes son el principal sino el único sostén económico de la familia”. Nesta tese, todas as citações em português que remetam para livros em língua estrangeira, é tradução nossa.

Momentos de esperança apareciam na oficina no MPR, quando uma das interlocutoras se fazia presente com seu filho pequeno de 5 anos, que também participava dos encontros à sua maneira, uma pequena bagunça total, mas criança é assim mesmo, tem que estimular. O pequeno aprendiz instigava as participantes, pois ele não parava de tocar, queria participar, estar junto e experimentar todos os pequenos instrumentos de percussão que se encontravam a disposição.

As participações femininas nas oficinas de música, junto com seus filhos, fizeram com que os encontros ficassem mais dinâmicos, isso facilitou o envolvimento de todos e todas com as práticas musicais. Esse se envolver cada vez mais com as oficinas, com o espaço e com as produções de conhecimentos localizados, colaborou para a escalada de uma retomada social, interferiu positivamente e gerou novas possibilidades de participação.

A luta pelo empoderamento social não é de agora, a população negra, apesar de todos os desafios, encontrou alternativas para resistir, (re) existir, e sobreviver a todas as formas de opressão. Isso exige de todos nós uma mudança de olhar e de paradigmas, faz-se necessário olhar de dentro para fora e definitivamente respeitar e aprender a conviver com as diversidades e alteridades.

Esta tese pretende colaborar com estas questões, ao trazer novamente esses problemas para a superfície e para o debate. Pois é função social e política de pesquisadoras e pesquisadores jogar a luz essas indagações para a sociedade, neste caso, a sociedade baiana. É inadmissível que a cidade mais negra do país, ainda hoje, seja uma cidade racista, preconceituosa e sem oportunidades para pessoas negras.

A constatação²²⁷ que principalmente as mulheres negras e na sequência os homens negros ocupam lugares menos valorizados socialmente, indica uma evidentemente hierarquização do espaço social. A análise de Garcia (2010) buscou compreender como o *tecido urbano* oferece uma visão da estrutura do espaço social, e neste caso, como a raça e o gênero influenciam totalmente as realidades observadas. Basta nos dedicarmos um pouco a observação da cidade de Salvador e seus espaços como bairros, escolas, restaurantes, espaços de cultura, dentre outros.

Faz-se necessário a construção de ações que favoreçam uma mudança de paradigmas, pois ainda hoje: “[...]. As ordens no trabalho empresarial continuam a ser dadas, em sua maioria, por descendentes dos antigos senhores de escravos ou por descendentes de imigrantes europeus. [...]”. (GARCIA, 2010, p. 09).

²²⁷ Censo IBGE 2000.

Por isso, é necessário que nos apropriemos de uma postura social mais crítica em relação aos conteúdos e análises dos produtos culturais que compartilhamos. É preciso cultivar em nossas práticas e em nossa consciência, uma efetiva busca afetiva por uma educação igualitária, na qual seja possível combater o racismo, o classismo, o sexismo, o fascismo. Pois o fato é que: “[...] não existe democracia racial no Brasil, os negros estão excluídos do mercado de trabalho, a noção de democracia racial foi uma invenção da elite branca e não passa de uma ideologia”. (BENTO, 2017, p. 54).

A temática social sempre foi ampliada em nossos encontros, muitas vezes levei clips de música e filmes nos quais em seus enredos traziam a temática social como tema principal. A exemplo da música “Minha Alma” do grupo O Rappa. Levei este clip e pudemos juntos assistir na sede do Movimento de População de Rua. A partir da apreciação surgiram vários questionamentos e falas, como a de Jedilson dos Santos:

— [...] *a gente passa isso todo dia aí que o vídeo tá mostrando, você viu? O menino ia devolver o dinheiro e o pessoal já pensou que ele estava roubando... é o preconceito, todo dia é isso aí.*

A apreciação deste clip musical, fez florescer na oficina, a percepção da potência da música como ferramenta para a crítica social. Juntos pudemos constatar que foi/é possível utilizarmos da música para realizar uma crítica para com a sociedade, para algo que desejamos alguma mudança. Percebemos que é possível, por meio da música, diagnosticarmos situações e interferir de forma mais ativa, artística, ou melhor, artevista no contexto social.

Após a discussão, partimos para a interpretação da letra através da leitura. Depois cantamos diversas vezes, alguns ainda lendo a letra, outros sabiam de cor, outros iam balbuciando partes da letra e assim foi. Após essa atividade questionamos sobre a violência urbana, principalmente no centro da cidade, e em como isso afeta nosso dia-a-dia. A discussão seguiu para as questões sobre raça, e em como as pessoas negras são discriminadas em nossa sociedade baiana. Durante as discussões, introduzi o termo pigmentocracia²²⁸, e partir dessa palavra fomos sintetizando o entendimento sobre o que seria democracia racial a partir da cor da pele, ou seja, como você é lido socialmente. A conversa foi se ampliando até que chegamos no campo do gênero.

²²⁸ “O colorismo ou a pigmentocracia é a discriminação pela cor da pele e é muito comum em países que sofreram a colonização europeia e em países pós-escravocratas. De uma maneira simplificada, o termo quer dizer que, quanto mais pigmentada uma pessoa, mais exclusão e discriminação essa pessoa irá sofrer”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/>.

Gênero representa uma categoria analítica para avaliar as relações sociais baseadas nas diferenças sexuais, assim como analisar as relações de poder (SCOTT, 1990, p. 167). Este se tornou um conceito relevante na fundamentação da recusa feminista de qualidades fixas de oposição binária (homem x mulher), visto que necessitamos de uma historicização e desconstrução para além das diferenças sexuais (SCOTT, 1990, p. 165. In ROSA, 2009, p. 33, 34).²²⁹

Se gênero é uma produção social, essa construção social acaba por resultar em categorizações, ou seja, um ser humano: homem ou mulher. Mas essa definição pela alteridade em gênero precisa ser ampliada/discutida. A discussão caminhou e transitou para além de gêneros biologicamente estabelecidos (homem x mulher) – ora, existe o transgredir, transmutar gêneros e os conceitos em ser e estar no mundo.

Seres humanos biologicamente são definidos como homem e mulher no momento do nascimento, mas seres humanos também são pessoas, ou seja, entidades que se constituem no processo sócio histórico e cultural, e com isso advêm as diversas possibilidades de ser e estar no mundo e com o mundo. As diversas possibilidades de ser/estar ultrapassam o binarismo biológico. Somos muitos de nós.

Discutir gênero é transitar por um conjunto de teorias e de concepções e explicações sobre o que é ser masculino e feminino. Eu tenho uma filiação teórica que é vinculada aos estudos *queer*, que fala que o gênero, a masculinidade e a feminilidade não têm nada a ver com a estrutura biológica. Portanto, não tem a ver com a presença ou ausência de determinadas genitálias, determinadas características sexuais secundárias. Gênero está relacionado a performance, à prática e ao reconhecimento social. Para que eu seja reconhecida socialmente como uma mulher, preciso desempenhar um conjunto de práticas, de performances que possibilitam esse reconhecimento. Nesse sentido a roupa que eu uso, o jeito que posiciono minha mão, a maneira como cruzo as pernas, são esses indicadores e visibilidades de gênero que fazem o gênero. Não existe gênero em uma estrutura corpórea, existe na prática. Nós fazemos gênero no dia a dia. (BENTO, 2017, p. 107, 108).²³⁰

No campo de pesquisa me encontrei com diversas pessoas carregadas de símbolos e significados que influenciam as percepções do ser. Todos nós carregamos nossas histórias e toda uma trama que dialoga com um jogo de construções sociais que se configura através de várias e diversas atribuições e imaginações do que é, de quem é, e quem seria o outro. Uma relação causa-efeito. — Eu versus o/a outro/a.

²²⁹ Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9151/1/Tese%2520Laila%2520Rosa%2520seg.pdf>.

²³⁰ BENTO, Berenice. Nós fazemos gênero no dia a dia. In: BENTO, Berenice. *Transviad@s, Gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador. EDUFBA, 2017, p.107-111.

O processo em enxergar o outro é carregado por sons, sentidos e imagens, as vezes em excesso, e com isso, acontecem as poluições/distorções imagéticas e conceituais que se formam e se constroem, muitas vezes, por meras atribuições/reproduções superficiais, seja a partir da aparência, da conduta, da cor da pele, do jeito de andar, ou falar. Elementos que afloram a partir da interação social.

Daí a necessidade de transgredir o nosso olhar e alimentarmos nossa capacidade de estranhar o que nos é comum. Este é um trabalho minucioso, instigar em nós mesmos e nas outras pessoas, a possibilidade de desfragmentar esse imaginário social perturbador e opressor que tenta nos alocar em categorias fixas.

Na tentativa de ampliar os estudos para observar e discutir o problema, as teorias sócio espaciais ainda “têm ignorado o gênero, a natureza da opressão sexual, assim como as ideologias sexista e racista tem, em geral, ignorado as desigualdades expressas no urbano”. (GARCIA, 2010, p. 03).

Ainda na discussão sobre gênero e nas diversas formas de ser e estar em/na sociedade baiana, peguei-me numa terça-feira, 28 de março de 2017, às 11h:15min de um dia ensolarado, saindo da biblioteca da Escola de Música da UFBA, local que separava alguns materiais para leitura. Enquanto traçava estratégias para adentrar ao meu campo de pesquisa, parei no refeitório da Escola de Música para um pequeno almoço. Nesse meio tempo surgiu uma discussão entre os funcionários do restaurante e um cliente.

A questão era a roupa da menina que acabara de passar pelo pátio. A menina usava uma roupa curta e aconteceu o comentário:

— *Mas tá muito curta, ela tá afim de onda.*

Subitamente minha atenção se volta para o enredo, e o cliente prosseguiu:

— *[...] é eu sei, não tá certo mexer com a moça, mas ela tava provocando, nossa sociedade é machista e não tem jeito, ela já deveria saber disso.*

Diante dessa situação eu rapidamente pensei no que eu queria dizer:

— *Olha aqui rapaz deixe de ser machista, e deixe a moça em paz, ela é dela, o corpo é dela e ela faz o que ela bem entender! Quem é você para julgar o tamanho da roupa de uma pessoa?*

O que eu deveria ter dito:

— *Você é machista, e eu não tô conseguindo comer ouvindo tanta merda saindo da sua boca.*

O que eu não disse:

— *Vamos manter a calma gente, ele é um retardado machista carregado de continuidades coloniais.*

O que eu disse:

— *Porra, não tô acreditando que tô ouvindo isso novamente! Cai fora machista!*

Essa cena mostrou-me como é importante não se calar²³¹ diante de episódios preconceituosos, racistas, misóginos e sexistas. Tudo aconteceu muito rápido, e eu entrei num processo de reflexão profunda sobre as continuidades coloniais que afloram no dia-a-dia nas diversas situações que vivenciamos. Ao retornar ao campo de pesquisa, peguei-me a refletir sobre as situações de desrespeito que ocorrem/ocorreram com as interlocutoras desta pesquisa.

Se cenas como essa acontecem dentro da Escola de Música da UFBA, imagine o que acontece com pessoas em situação/contexto de rua? Terminei o almoço com um longo suspiro e segui pensando em como traduzir questões como essa numa escrita. Daí lembrei-me de Pollock (1998), que trouxe a ideia de que a escrita performativa também exerce uma função social. Uma escrita e(a)fetiva, que não se cristaliza na forma, mas que traz ao leitor/leitora uma visão de mundo sistêmica e metafísica, recheado de metalinguagem.

Saí da Escola de Música, e escutei um grupo de jovens na rua ouvindo e dançando pagode. Um deles gritou pro outro:

— *Mete dança pai, mete dança!*

Preciso dizer que fiquei confuso, entre o *mete dança* e a metalinguagem. Mas a subjetividade que entrelaçava minhas ações, fez-me perceber que é preciso ter coragem, e também é preciso uma certa agressividade para evocar a vida, numa perspectiva de viver a ausência com a presença, a traição com a tradição, o rito com o ritual, o evento com a performance, a linha com o nó, e com a agulha.

A caminho do campo de pesquisa, recordei-me das dicas etnográficas dadas por Malinowski, em seu texto: *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*,²³² e outros tantos textos que despertaram em mim, vários pontos de partida. Sou muito grato as pesquisadoras que se dedicaram a escrever sobre pessoas e suas situações, e mais do que isso, eu tenho gratidão de poder ter vivenciado profundamente as situações como participe neste encontro com a turma da rua. Nesta busca por uma maior fonte de dados de coleta, seguramente eu priorizei o afeto,

²³¹ “O que me preocupa não é o grito dos maus, mas o silêncio dos bons”. Martin Luther King.

²³²

Disponível

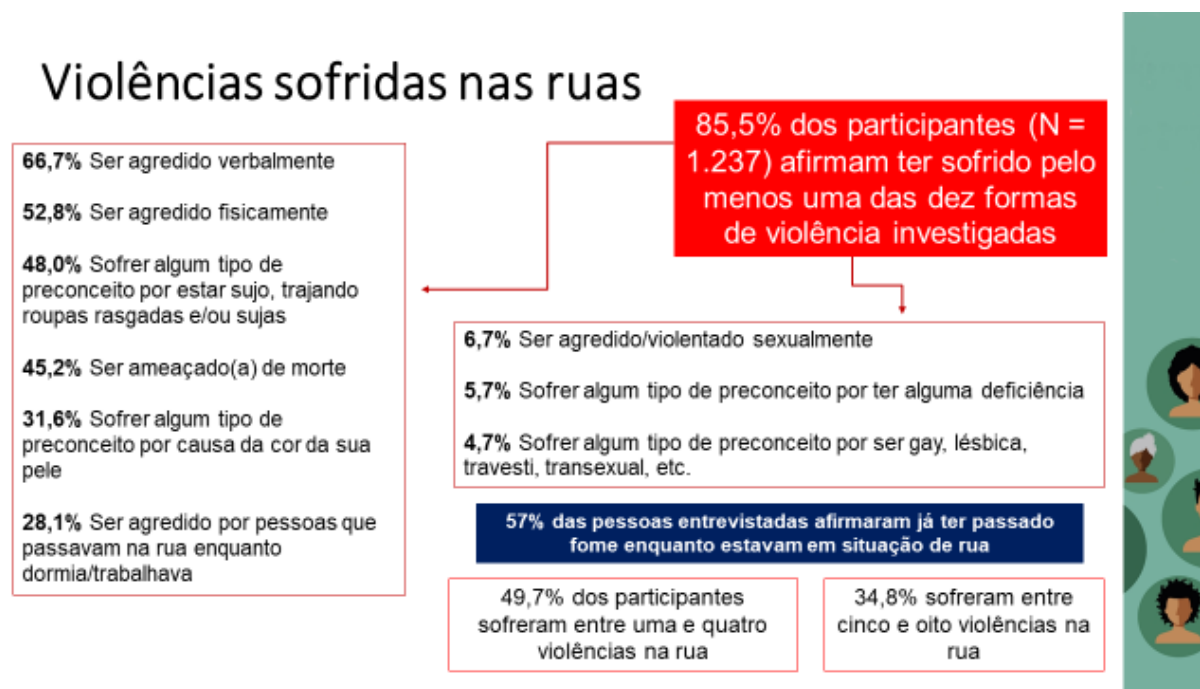
em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1032975/mod_resource/content/1/MALINOWSKI%20B%20-%20Argonautas%20-%20Introdu%20%C3%A7%C3%A3o%20objeto%20m%C3%A9todo%20e%20alcance%20desta%20investiga%C3%A7%C3%A3o.pdf.

coletar afetos. E tudo o que aconteceu e ainda acontecerá foi/é/será por meio de nossas práticas musicais.

Escrever esta tese nestes contextos conflituosos, movimentou em mim ações que fomentaram a necessidade de politizar e problematizar o próprio conceito do urbano e sobre as situações que acontecem na cidade com as pessoas que nela vivem. A ideia foi trazer à tona tudo o que se relacionasse com a vida na/da cidade e com os indivíduos em vulnerabilidade social, pois são sujeitos com falas distintas, são pessoas que vivem em determinados lugares, e que estão sujeitas a todo tipo de incertezas e inseguranças. São pessoas que vivem inseridas em contextos nos quais as violências geram mortes físicas e simbólicas, são pessoas perpassadas pelo preconceito e violência, como demonstra um dos dados da pesquisa: “*Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal?*”.

Gráfico 7. Violências sofridas nas ruas (%).

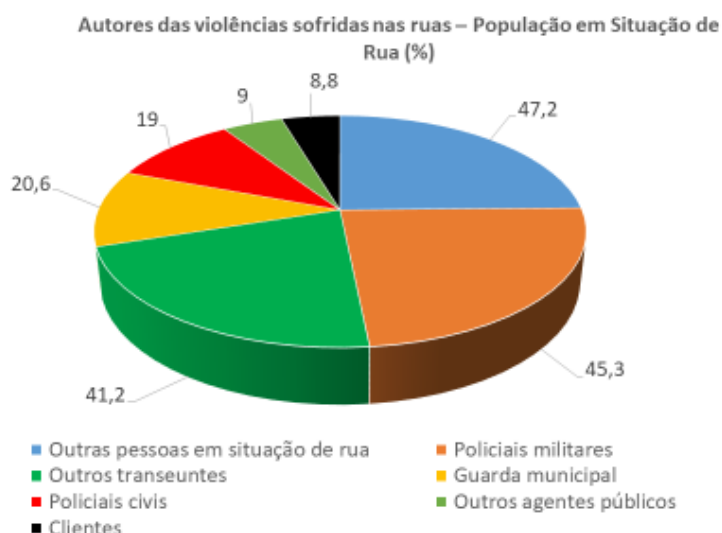


Fonte: Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal? 2017.

Outros dados da pesquisa são sobre quem promove essas violências com as pessoas em situação/contexto de rua, seguido dos dados sobre os acessos negados ou impedidos em instituições e/ou serviços públicos:

Gráfico 8. Autores das violências sofridas nas ruas (%).

Autores das violências sofridas nas ruas



Fonte: Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal? 2017.

Gráfico 9. Acesso negado/impedido em instituições/serviços (%).

Acesso negado/impedido em instituições/serviços

**28,0% (N = 399)
dos participantes
tiveram acesso
negado/impedido**

- 16,3% Unidade de Saúde (hospitais, postos de saúde, CAPS, etc.)
- 6,5% Delegacia
- 3,7% Centro POP
- 2,8% Escola
- 2,5% Defensoria Pública
- 2,2% Restaurante Popular
- 2,2% Abrigo/albergue
- 2,0% Centro Social Urbano
- 1,1% Casa de Passagem
- 1,5% CRAS
- 1,5% UAI
- 1,3% Ministério Público
- 0,8% Movimento Nacional da População de Rua
- 0,7% CREAS
- 0,7% Ponto de Cidadania
- 0,7% Conselho Tutelar
- 0,5% Consultório na Rua
- 0,2% Corra pro Abraço

Fonte: Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal? 2017.

Além dessas violências constatadas pela recente pesquisa, não posso deixar de comentar sobre os epistemicídios, configurando-se como um outro modelo de genocídio, ou: “[...] a supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena”. (SANTOS, Boaventura de Souza, 1998, p. 208).²³³ Para ficar mais evidente: “[...] a destruição de conhecimentos próprios dos povos, causados pelo colonialismo europeu” (Idem, 2010, p. 08).

O epistemicídio foi um grande problema, e ainda é até hoje, no qual, diversas pessoas, atores sociais, têm suas práticas e saberes tradicionais e singulares emudecidos e aniquilados por práticas pautadas na razão iluminista, atreladas às lógicas colonialistas e capitalistas que se desenvolveram no Brasil. (MACEDO, 2016).

[...] minha simples, talvez simplista, manobra obviamente não é novidade na filosofia ocidental, mas tem um gume feminista específico em relação a ela no que diz respeito à questão da ciência para o feminismo e às questões relacionadas de gênero como diferença localizada e da corporificação da fêmea. As ecofeministas talvez tenham sido as que mais insistiram em algumas versões do mundo como sujeito ativo, não como um recurso a ser mapeado e apropriado pelos projetos burgueses, marxistas ou masculinistas. (HARAWAY, 1995, p. 37).

Salvador, 02 de março de 2017, o relógio marca 07h:30min da manhã. Acordei pensando sobre a formação sócio econômica de Salvador. Me arrumo às pressas em movimento a aula do doutorado na Escola de Música no centro da cidade. Ao sair do contorno geográfico do meu bairro numa velocidade demasiadamente incerta, devido a tantas distrações e obrigações de um dia que estava a começar, deparei-me com um grande engarrafamento cotidiano das 8h. No trânsito ví pessoas dentro de seus carros, na maioria das vezes, uma pessoa por carro. Muitos carros e o engarrafamento era total.

Percebi numa fração de tempo que o espaço não comporta tanta gente, e parafraseando Aristóteles quando disse que: “a natureza odeia o vazio”,²³⁴ pude dizer que a cidade odeia o vazio. O concreto armado invadiu o natural. Tudo é incerto em nosso tempo, em nosso espaço. Vivemos todos num emaranhado real-imaginário e sistêmico, no qual a nossa formação econômica e social foi determinada pelos meios de produção. A demarcação do nosso espaço.

²³³ SANTOS, Boaventura de Souza, MENESES, Maria Paula. Introdução. SANTOS, Boaventura de Souza, MENESES, Maria Paula (orgs). Epistemologias do Sul. Edições Almedina, Coimbra, 2009, p. 10.

²³⁴Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG78696-8076-194,00-SOBRE+O+NADA.html>. Acessado em 14/04/2017.

Milton Santos discutiu exatamente sobre os aspectos das relações entre espaço e formação econômica e social. “As diferenças entre lugares são o resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares. [...] os modos de produção escrevem a História no tempo, as formações sociais escrevem-na no espaço”. (SANTOS, 1977, p. 87, 88). Lembrei-me de Élisée Reclus²³⁵ com sua célebre frase: “Geografia não é outra coisa que a História no Espaço, assim como a História é a Geografia no Tempo”²³⁶. (RECLUS, in DUARTE, 2006, p. 12). Mudar o olhar e pensar através da geografia social, favoreceu minha percepção para entender a transformação do espaço. O fato é que por muito tempo “[...] a geografia se interessou mais pela forma das coisas do que pela sua formação”. (SANTOS, 1977, p. 81).

Ao chegar no meu destino, percebi finalmente como o espaço se (trans) formou no tempo através da formação econômica e social. Os meios de produção. Vivemos o social, inseridos nas várias engrenagens sociais. Vivemos num espaço transformado continuamente pelas pessoas através do tempo, vivemos numa espécie de natureza transformada. “Natureza e Espaço são sinônimos, desde que se considere a natureza como uma natureza transformada, uma *Segunda Natureza*, como Marx a chamou”. (Idem, 1977, p. 82).

Já no bairro do Canela (por sorte encontrei uma vaga para o carro, sempre difícil estacionar no centro), segui para a Escola de Música, quando cruzei um grande quarteirão a pé. No caminho até chegar a escola, pude encontrar várias pessoas em situação/contexto de rua. Parei para conversar e as convidei para frequentar as aulas/oficinas de música no Movimento de População de Rua, alguns se animaram, mas destes que encontrei, nenhum apareceu até hoje. Segui olhando para as ruas de Salvador com novos olhares.

Como um raio que invade o céu, caiu a ficha na minha cabeça de porquê aqui não é uma favela, e sim, o bairro do Canela. Ruas limpas, prédios imponentes “As diferenças entre lugares são o resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares”. (Idem, 1977, p. 87).

Cheguei até a sala de aula com o objetivo de deixar fluir a quintessência que tanto preciso para os dias incertos. Pensar com Milton Santos nas diversas formações econômicas e sociais me ajudou a compreender em como o espaço se molda através do tempo, compreender a história da minha cidade e minha própria história narrada no tempo a moldando-se no espaço.

Este processo de conhecer a formação social e espacial da cidade de Salvador foi importante para compreender melhor os meios de produção e reprodução institucionalizados e

²³⁵ Geógrafo e anarquista francês.

²³⁶ DUARTE, Regina Horta. Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Elisée Reclus. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, n° 51, p. 11-24 - 2006, p. 12.

os processos que a fez se moldar dessa forma. As perspectivas teóricas de Santos estão no método marxista de modelos estruturais e nas distinções entre os modos de produção e formações sociais.

[...] encontramos à nossa frente tipos históricos definidos de sociedades. Isso significa que não há uma ‘sociedade em geral’, mas que uma sociedade existe sempre sob um invólucro histórico determinado. Cada sociedade veste a roupa do seu tempo. (BOUKHARINE, 1921, 1979, p.235 in SANTOS, 1977, p. 84).

Daí compreendi que o conceito de sistema social pode ser aplicado a qualquer forma de sociedade, e que o conceito de formação econômica e social está diretamente ligada aos meios de produção. Os meios de produção são as molas propulsoras das transformações e reproduções sociais, e conseqüentemente espaciais em nosso tempo.

Às 11h:45min saio da aula com o olhar invertido, sentia-me numa colmeia humana. Meu olhar novamente se voltava para a cidade e para as pessoas que estavam pelas ruas. Imagens, cheiros, cores e formas, permitiram-me como pesquisador a observar como tudo se (des) organizava e se (des) estabilizava.

Imaginar que a menos de 100 anos, ser antropólogo era ser especialista em culturas dos outros povos. Hoje pretendo olhar para dentro, para nosso próprio umbigo, para minha própria cidade com seus desafios e (des) afetos, sem fazer e/ou produzir “Macumba pra turista”.²³⁷ Desejo uma busca sincera, em que seja possível nos conectarmos neste longo processo de (re) conhecimento a partir dos pressupostos da Etnomusicologia.

A partir da leitura de textos de Franz Boas²³⁸ e Malinowski,²³⁹ comecei também a conceber novas formas metodológicas de como conhecer nossas sociedades. Através de um trabalho sistemático atrelado a pesquisa de campo e à observação participante, comecei a enxergar e compreender melhor as diver(c)idades.

Através desta perspectiva, comecei a me situar dentro de uma perspectiva da etnografia musical, com isso, comecei a perceber melhor algumas situações: Que lugar é esse?

²³⁷ Esse termo foi usado por Oswald de Andrade referindo-se aos produtos culturais que serviam como matéria prima bruta para serem exportados do Brasil. Disponível em: <http://tropicalia.com.br/ruidos-pulsativos/geleia-geral/antropofagia>. Acessado em 14/04/2017.

²³⁸ Foi um dos pioneiros da antropologia moderna e ficou conhecido como o “Pai da Antropologia Americana”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Franz_Boas. Acessado em 15/04/2017.

²³⁹ Um dos fundadores da antropologia social, tem como principal contribuição à antropologia, o desenvolvimento de um novo método de investigação de campo, cuja origem remonta à sua intensa experiência de pesquisa na Austrália, inicialmente com o povo Mailu (1915) e posteriormente com os nativos das Ilhas Trobriand (1915-16, 1917-18). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bronis%C5%82aw_Malinowski. Acessado em 14/04/2017.

Que rua é essa? Que cidade é essa? Quem são essas pessoas? Quais são suas histórias, suas subjetividades, texturas, cores, odores, sons, sentidos e enredos?

—*Tupy or not Tupy, that is the question.*²⁴⁰

Como etnomusicólogo, precisei enxergar para além da grande complexidade, dimensão, e heterogeneidade que caracterizam os grandes centros urbanos. Esse enxergar além só me foi possível por meio dos afetos, do sentir, do me debruçar sobre os fenômenos observados, do perceber, e do fazer, neste caso, participar de práticas musicais com pessoas em vulnerabilidade social. A proposta foi viver as alteridades por meio de atividades, nas quais fosse possível ampliar as possibilidades de acesso de pessoas em situação/contexto de rua por meio/com (d) a música e com o fazer musical. Possibilidades de dimensões que compreendem as experiências e os comportamentos humanos.

No meu percurso entre casa, universidade e campo de pesquisa, novas/outras rotinas e caminhos se configuraram. Nessa interação com a cidade e com o seu emaranhado de dinâmicas, percebi o rico e vasto campo de estudos que se apresentava a minha frente. Esses percursos e observações fortaleceram minhas opções de investigação, com isso, precisei ampliar minhas concepções sobre os diversos universos simbólicos e culturais que compõem essas pessoas nestes espaços de constantes transformações.

A todo momento refletia sobre como conduzir essa pesquisa, falo de metodologia e organização, mas o que aflorou por todo o processo foi amorosidade e sociabilidades, e assim, repensei os meus modos de interação com as interlocutoras e interlocutores desta tese, com as instituições, com a cidade, e com as situações que encontrei pela frente:

[...] A cidade é um dos palcos e desafios principais para essa busca de compreensão e conhecimento da sociedade moderno - contemporânea. (VELHO, 2009, p. 11). [...] A complexidade, dimensão e heterogeneidade dos grandes centros urbanos moderno-contemporâneos introduzem novas dimensões na experiência e comportamento humanos [...]. (VELHO, 2009, p. 13).

Fosse nas apresentações ou nas oficinas de música, a todo tempo aconteceram dinâmicas sócio existenciais, de fato, a interação com a cidade e com seus sujeitos foi constante, (permanente), desde o bom dia, até aos encontros e conversas mais aprofundadas, estávamos em constante metamorfose social. Nossas redes sociais, reais e virtuais, moldaram-nos dentro da cidade, e cotidianamente dinamizaram nossas identidades.

²⁴⁰ Oswald de Andrade.

Alan da Silva Teixeira, interlocutor da pesquisa, comentou sobre sua formação social e sobre sua interação com a cidade a partir de uma prova que ele realizou no ENEM²⁴¹ Em entrevista ele comentou:

— [...] tirei uma nota medíocre, mas que dava pra passar, daria. Meu negócio é minha possibilidade, querer não é poder. O povo vem com uma ideologia besta de que querer é poder, querer é poder pra quem tem condições, entendeu? Pra mim, querer não é poder não! Porque até que eu estudei, ó minha pontuação medíocre (ele me mostra as notas), até que estudei, mas não tive a possibilidade de me capacitar a ponto de passar e entrar na universidade, na Ufba. Eu necessito, não é só o meu sonho não, porque eu necessito da Ufba, porque lá as facilidades que eu teria, entendeu? Moradia, um auxílio alimentação, um custo, que outras faculdades, ainda que eu receba a bolsa, não vou ter, sem contar, sem levar em conta que eu vou ter que trabalhar pra me sustentar. E como é que eu vou estudar pra faculdade véio? se eu vou ter que estar trabalhando? Quando não estiver trabalhando vou ter que estar descansando. Ai tá foda!

Segui a entrevista e perguntei qual curso ele pretendia:

— [...] pô eu pretendia, ói eu pretendo ser muitas coisas, entendeu? Acho que é sonho de criança ainda, querer ser tudo, entendeu? Mas principalmente eu queria fazer três: psicologia, filosofia e teologia, se fosse de vir outra, viria, mas essas três logo... mas a primeira mesmo é psicólogo, porque tudo tá aqui (aponta para a cabeça), tudo tá na mente meu irmão!

Depois de um tempo indaguei sobre as práticas musicais que estávamos juntos realizando no Programa Corra pro Abraço e Alan da Silva Teixeira respondeu:

— Tudo daqui é bom véio, poucas coisas daqui eu discordo. Eu poderia falar alguma coisa contra, mas a maioria das coisas daqui é só pra... como é que eu posso falar... pra capacit... capacitação não, é bom pra pessoa porque a pessoa se intera, a pessoa tem conhecimento que não conhecia, para de refletir a mente do opressor, bem como deixar de ser machista, ou achar de que é mais do que a mulher, ou achar que tem é... achar que tem mais direito de que alguém pela cor da pele, ou por ter alguma coisa social e o Corra pro Abraço tá me dando tudo isso aos poucos, entendeu? Eu era uma pessoa, ainda que eu fosse limitado por esse sistema degenerativo que existe aqui no Brasil, mas eu refletia a mente do opressor, porque eu só aprendi isso, a refletir a mente deles, entendeu? [...] e o Corra pro Abraço tá

²⁴¹ Exame Nacional do Ensino Médio.

tirando isso, junto com a Steve Biko²⁴² é claro, junto com a Steve Biko. Mas no Corra pro Abraço eu tomo aula aqui de leitura e letramento, a professora me explica várias coisas também que eu não sabia, e é isso. Eu acho que é por isso que muitas pessoas falam que eu sou inteligente, porque eu só tenho os melhores profissionais ao meu redor, a começar por minha mãe, minha mãe super profissional. Minha mãe me ensinava as coisas, eu já chegava no colégio sabendo. (pausa) Glória a minha mãe!

Ainda no navio das interseccionalidades, chego no marcador social – classe. Domingo dia 12 de março de 2017, convidei minha filha Luiza Flor para ir ao cinema. O shopping estava lotado, cinema caro, mas graças ao meu curso de doutorado entro agora com carteira de estudante (mais um privilégio) e minha filha tinha 5 anos (outra meia entrada). Adentro ao espaço do shopping com Luiza Flor e vamos até a sala de cinema. De fato, não se trata de um espaço democrático, com sessões que custam em média 50 reais. Obviamente nem todos podem ver um filme na grande tela, pois, desde a chegada ao shopping,²⁴³ recordo-me que devo pagar o estacionamento na saída, tudo tem um custo, e neste caso, um alto custo.

Como uma pessoa em situação/contexto de rua poderia ter acesso ao cinema se não por meio dos projetos sociais que frequentam? Essa é uma realidade. Neste caso o shopping se configura como um espaço-território consumista repleto de violências simbólicas para aqueles que estão fora do sistema capitalista. De acordo com Rita Segato, território:

[...] é de uma ordem mais acessível, porque o termo já nasce como representação. É, por assim dizer, espaço representado e apropriado, uma das formas de apreensão discursiva do espaço. [...] Território é espaço apropriado, traçado, percorrido, delimitado. É um âmbito sob o controle de um sujeito individual ou coletivo, marcado pela identidade de sua presença e, portanto, indissociável das categorias de domínio e de poder. [...] o território é a dimensão econômico - política desta realidade imaginária, e implica em sua propriedade, administração e estratégias defensivas – campo da fantasia do domínio do sujeito e da ideologia patriótica ou nacionalista de um povo. [...]. (SEGATO, 2007 p. 76, 77).

Me proponho a encontrar o meu lugar dentro desses vários espaços e territórios que transito cotidianamente no meio urbano, e percebo que o território é cultural, é o espaço marcado pelos “emblemas identificadores de ocupação por um grupo particular”. (Idem, 2007,

²⁴² “O instituto cultural Steve Biko é, hoje, reconhecido em meio as principais organizações dos movimentos sociais na Bahia e no Brasil, já tendo recebido, inclusive, o prêmio nacional de direitos humanos (1999) e o prêmio cidadania mundial, outorgado pela comunidade Bahá’i do Brasil, em 2003. Todos seus projetos são financiados por meio de apoio com de instituições e empresas nacionais e internacionais, além de investimento social de pessoas físicas de diversos lugares no mundo”. Disponível em: <https://www.stevebiko.org.br/sobre-nos>. Acesso em 01/03/2018.

²⁴³ Templo do consumo.

p. 78). Sendo assim, a cidade deve ser reconhecida não pelo número de habitantes que possui, mas sim, por seus diversos grupos sociais que compõem seus diversos territórios no espaço urbano, volume, densidade e possibilidades de acesso a bens e serviços socioculturais e assistenciais.

Segato (2007) revelou estruturas oriundas de antigas sociedades reconhecidas como conquistadoras e cristãs, sociedades que se reinventaram e construíram infinitas formas políticas diferentes, num processo de transformação e ajuste social a sua maneira, na qual todas as suas estruturas jurídicas, tratavam as pessoas como parte de um grande rebanho e atuavam sobre elas com uma espécie de pastor que: “exerce seu poder sobre um rebanho, mais que sobre uma terra... reúne seu rebanho... seus indivíduos dispersos”. (FOUCAULT, 2003, p. 359 in SEGATO, 2007, p. 86).

Essa característica imprimiu ao Estado um poder sobre o indivíduo e sobre o coletivo, daí o termo “poder pastoral”. Mas esse pensamento totalitário se confundiu em nossa contemporaneidade quando o estado não mais “[...] administra a relação população e território”. (Idem, 2007, p. 87), pois o território é marcado pelas diversas identidades que o compõe. O território é instaurado pelas identidades, e são as diferenças que marcam um território. O território é marcado pelas estruturas culturais e por sua paisagem cultural. A paisagem cultural é a marca do povo em seu território.

Nessa retomada de territórios, o Programa Corra pro Abraço, no dia 30 de novembro de 2017, em celebração do Novembro Negro, promoveu no Campo da Pólvora, Nazaré, em Salvador/Ba, o evento “Poesia Marginal” — *Quem sou eu? Negritude nasce e gira arte!*

A ação aconteceu pelo turno da tarde na praça do Campo da Pólvora, e por lá passaram diversos artistas com suas músicas de protesto e suas expressões artísticas diversas. Ocorreu um recital de poesias, além de performances musicais e apresentação de artesanato feito por pessoas em situação/contexto de rua. Esse evento se caracterizou por possibilitar a visibilidade da produção artística de pessoas em vulnerabilidade social. Foram recitados diversos poemas e aconteceram diversas performances artísticas, revelando o quão é importante manter a resistência e apresentar artisticamente para outras pessoas os problemas vividos diariamente por pessoas em vulnerabilidade social. A voz surgiu como forma de protesto e de protagonismo social.

Este momento foi muito importante, pois ocorreu uma boa interação com os transeuntes da cidade. Com caixas de som ligadas e microfone aberto, o tema “A negritude nasce e gira arte”, possibilitou que muitas pessoas fossem até o microfone e pronunciassem suas ideias, suas músicas, seus sentimentos e seus desejos. Foi um momento em que os desejos

foram amplificados para a população local que transitava pelo bairro. Integrantes do Programa Corra, de Feira de Santana estiveram presentes e também cantaram suas músicas. O Rap foi o gênero musical mais executado naquela tarde.

No dia 29 de novembro de 2018, um ano após o primeiro evento, novamente o Programa Corra pro Abraço esteve no Campo da Pólvora. Desta vez foi o teatro e a moda que se fizeram presentes para a celebração do Novembro Negro.

Com objetivo de enfatizar a importância da memória ancestral da população negra através da afirmação racial, o Programa Corra pro Abraço realiza às 16h00 da quinta-feira, 29 de novembro, na Praça do Campo da Pólvora, em Nazaré, Salvador (BA), a Intervenção Urbana "Memórias Negras". O evento aberto ao público ocorre em alusão as comemorações do Novembro Negro. A programação contará com rodas de poesia, capoeira e maculele, apresentação do espetáculo Encruzilhada, "Papo Reto: Eu pareço suspeito?" com falas de Vilma Reis, Ouvidora Cidadã DPE/BA, Leno Sacramento, do Bando De Teatro Olodum, Helena Oliveira, coordenadora do UNICEF na Bahia e em Sergipe, Emanuelle Silva, Diretora de Redução de Riscos e Danos da SUPRAD/SJDHDS e Trícia Calmon, Coordenadora Geral do Programa Corra pro Abraço. O encerramento contará com desfile dos jovens da JP Models, de Plataforma, um dos coletivos vencedores do Prêmio Culturas Juvenis.(Facebook Corra pro Abraço).²⁴⁴

Em pesquisa pela rede social²⁴⁵ do Programa Corra, encontrei uma postagem com a fala de Vilma Reis²⁴⁶, este depoimento aconteceu em 29 de novembro de 2018:

— *Aqui temos um lugar de resistência, rebeldia e de cabeça erguida, bicando a diagonal pela nossa liberdade. Aqui no Campo da Pólvora, Luiza Mahin, no dia 24 de janeiro de 1835 ocupou, e controlou as armas com Manoel Calafate e Pacífico Licutã. O poder colonial ficou com muito medo durante muitas horas. Então, a Revolta dos Malês... Aqui é uma praça de resistência. Aqui é um lugar importante pra nós. [...] Quando o Corra pro Abraço se mobiliza pra fazer uma ação político-cultural tomando a praça com o nosso povo que está em situação de rua, primeiro a gente recorda quem somos nós [...] É muito poder a gente propor fazer a celebração do Novembro Negro com esses que estão destituídos da atenção da sociedade. Porque o que a sociedade muitas vezes faz é a indiferença. Impõe a indiferença pra quem está em situação de rua. E quem está em situação de rua? Esse sujeito político, mulher negra em situação de rua, homem negro em situação de rua. E o que esse sujeito político diz é: "eu sou a cara do desafio racial". Então a gente veio aqui cumprir uma agenda que é*

²⁴⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/corraproabraco/photos/pb.697885647023280.-2207520000.1544497864./1587016411443528/?type=3&theater>. Acesso em 10/12/18.

²⁴⁵ Facebook.

²⁴⁶ Ouvidora Cidadã DPE/BA.

histórica e lembrar quem somos nós e partir pra revolução. Viva a nós e viva a luta! (Depoimento de Vilma Reis, Ouvidora Cidadã da DPE/BA no evento Memórias Negras, realizado pelo Programa Corra pro Abraço).²⁴⁷

Em verdade, essa retomada de território sempre acontece quando os profissionais do Corra pro Abraço realizam suas intervenções pela cidade, em seus territórios (des) construídos pelo poder sócio capital. Seja na “Praça das Mãos”, ou no Aquidabã,²⁴⁸ ou em outros espaços de Salvador, quando existe arte e educação, existe transformação social. É o teatro, é a música, a dança, é o poder do encontro entre as pessoas, o desejo de conhecer, aprender, e passar um tempo juntas.

Todos esses processos fortaleceram os afetos, geraram questionamentos, instigaram a confiança, dinamizaram as relações sociais e instigaram a reflexões sobre identidades e pertencimento social, além de promoveram uma melhor percepção/visão crítica da sociedade soteropolitana.

Trícia Calmon, na época coordenadora pedagógica do Corra pro Abraço, e atual coordenadora geral do Programa, em entrevista para o portal Afro cultural de Salvador – Soteropreta, revelou que:

*— Um dos principais intuitos a ser alcançado com essa intervenção urbana é refletir sobre os sentidos da poesia marginal, partindo de onde vem e sua construção. [...] é importante fomentar a produção artística junto aos assistidos do programa, visibilizar a produção de quem já se expressa a partir da poesia e da música na rua e reunir artistas, poetas e músicos negros, junto a esses sujeitos, que a partir da rua vão contando suas histórias.*²⁴⁹

Depois desta intervenção sócio musical, eu refleti sobre as possibilidades de transformações dessas paisagens culturais sonoras, e assim, na criação de novos territórios sonoros. Neste momento de escrita, peguei-me sorrindo a refletir com Heráclito: “Nada existe de permanente a não ser a mudança”²⁵⁰. De certa forma, isso (re) confortava minhas mini (in) certezas sobre minha própria existência e meu trabalho de pesquisa em campo. Estar conciente da permanência das mudanças, ativou minha consciência sobre os modos de ver e perceber as (so)ci(e)dades e o meu fazer etnomusicológico.

²⁴⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/corraproabraco/photos/pb.697885647023280.-2207520000.1544497864./1591524187659417/?type=3&theater>.

²⁴⁸ Espaços urbanos de Salvador/Ba.

²⁴⁹ Disponível em: <http://portalsoteropreta.com.br/programa-corra-pro-abraco-promove-sarau-com-poetas-escritores-e-musicos-nesta-quinta-30/>.

²⁵⁰ Disponível em: <https://pensador.uol.com.br/autor/heraclito/>.

— *Agora eu vou cantar pros miseráveis, que vagam pelo mundo derrotados, pra essas sementes mal plantadas, que já nascem com cara de abortadas. Pras pessoas de alma bem pequena, remoendo pequenos problemas querendo sempre aquilo que não têm. Pra quem vê a luz, mas não ilumina suas mini certezas, vive contando dinheiro e não muda quando é lua cheia. Pra quem não sabe amar... Fica esperando alguém que caiba no seu sonho, como varizes que vão aumentando, como insetos em volta da lâmpada. Vamos pedir piedade, senhor, piedade, pra essa gente careta e covarde, vamos pedir piedade, senhor, piedade, lhes dê grandeza e um pouco de coragem. Quero cantar só para as pessoas fracas, que tão no mundo e perderam a viagem, quero cantar o blues, com o pastor e o bumbo na praça. Vamos pedir piedade, pois há um incêndio sob a chuva rala, somos iguais em desgraça, vamos cantar o blues da piedade. Vamos pedir piedade, senhor, piedade, pra essa gente careta e covarde, vamos pedir piedade, senhor, piedade, lhes dê grandeza e um pouco de coragem.* (Blues da Piedade – Cazuza).

5.2. Diário#2 (re) visitando o feminino

Quinta-feira, 23 de março de 2017, agora já são 00h:16min, e a velocidade dos meus pensamentos é inebriante. Estou em Cachoeira, no Recôncavo baiano. Fui apresentar um artigo no Enicecult²⁵¹. Já no hotel, muito cansado e deitado na cama, peguei carona no tempo e mergulhei numa viagem onírica sensorial.

Num vai e vem de pensamentos me tele transportei ao quarto de Glória Anzaldúa²⁵², e, como um viajante do tempo, peguei-me a observar como ela escrevia ferozmente com sorriso nos lábios, um cigarro a queimar no cinzeiro e um café que perfumava a casa.

Nas paredes observei anotações em lápis de cera e carvão, muitos desenhos, pinturas e livros espalhados pela sala. Comecei a desejar escrever parecido com ela. Meus olhos atentos e surpresos permitiram presenciar a emancipação profética e po (ética) da (s) mulher (es). Sim, é preciso, pois, atirar a flecha ao desconhecido, retomar o poder, e em meio a tantos desejos, reconhecer, engrandecer e situar através do poder da caneta, da tinta, da palavra, do texto, da música e da escrita. Através do espaço e tempo do ser. A transubstanciação do papel branco, em tramas de textos em preto por Anzaldúa, abordava sobre revelações e reflexões tenazes

²⁵¹ Encontro Internacional de Cultura, Linguagens e Tecnologias do Recôncavo. Promovido pelo Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), campus de Santo Amaro da Purificação.

²⁵² É uma estudiosa americana, Feminista, lésbica decolonial e antirracista que estuda a teoria cultural chicana, a teoria feminista e a teoria Queer.

sobre o que é ser mulher em tempos sombrios. Uma mulher fronteira, como ela mesmo se identificava.

Pois sim, era a tinta preta a gravar em papiros de celulose o poder feminino, e assim, mais um acerto de contas, um grito em alto volume, uma voz que parecia não existir, agora se fazia ouvir em sons de trovada de fonemas. É verdade que devido as incertezas da própria história da mulher, havia medo, mas em tempo real, já se sabia que não se tinha nada a perder, e assim, como uma mola que se comprime, era chegada a hora do (as) salto. Eu desejava entender o que aquela mulher estava escrevendo.

— *Como poderia traduzir essas sensações numa etnografia musical?*

Como as mulheres em situação/contexto de rua que frequentam as oficinas de música percebem a cidade de Salvador? O número de mulheres na oficina não era grande, em média 3 mulheres por encontro. São atrizes políticas, com ideias, atitudes, saberes, sensibilidades e diversas responsabilidades, principalmente quando o assunto é/era organização social. Devido a atual crise sócio econômica, são as mulheres que acabam por se tornar as principais provedoras dos recursos financeiros, dados a ausência do Estado, e do/da companheiro/a no lar. (GARCIA, 2010).

Tudo em movimento como música e dança, percebi que Glória trazia em seus textos o poder de muitas vozes.

— *Seria esse meu desafio? Trazer essas vozes nessa tese?*

O que ficou marcado é que não será uma, mas sim, muitas mulheres e muitos homens que caminharão contra a supremacia branca, e contra os infortúnios sociais e contra as ordinariedades impostoras, impositivas, demagógicas e ditatoriais do homem branco ocidental colonialista.

Minha atuação indicava que precisava destruir o ódio, destruir essa corruptela instaurada em tantos corpos. Transmagnetizar as ideias, pensamentos e ações para novos/outros olhares e percepções. Não quero repetir velhas fórmulas, é/foi necessário transcender, e cabe a quem tem voz falar, registrar, escrever e plantar bons frutos. Como um bom jardineiro, arrancar a erva daninha, neste caso: O opressor colonialista.

Vi Glória sair de casa. Neste momento eu invadi sua escrivaninha e lí seus textos em voz alta, daí percebi uma melodia que se desenhou no ar, nesse ponto, o entendimento de ser e estar, sem correr o perigo de vender a própria ideologia, surgiu como um dos pontos cruciais do fazer arte social, funcional: a arte da vida, a arte de viver e escrever.

Me estiquei da mesa empurrando a cadeira com os dois braços num só movimento. Extasiado levantei e gritei:

— *Preciso escrever assim!*

Lí mais uma frase de Glória: “O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como “outro” - o escuro, o feminino”. (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Nessa perspectiva, a escrita surgiu como uma forma de conexão, um retorno às origens do Eu. “A escrita é uma ferramenta para penetrar naquele mistério, mas também nos protege, nos dá um distanciamento, ajuda-nos a sobreviver”. (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Ao sentir que Glória retornava, pois escutei os passos pelas escadas e o barulhismo da fechadura da porta principal, em frações de segundos, teletransportei-me para o quarto do hotel em Cachoeira. Foi como um salto quântico no tempo-espaço.

Acordei cedo e percebi a necessidade de viabilizar a construção de saberes e buscar novos formatos de escrita. Surgiu a ideia de construir outras possibilidades de comunicação. Então deveria deixar fluir as palavras como água, e certo de que tudo faz parte do espírito humano, percebi que nosso corpo é o limite da nossa linguagem.

— *Mas será que existe a linguagem para além do corpo?*

Em vibrações de dentro para fora nascia o poder do verbo, o ar que penetrava os pulmões e precipitava-se em voz como explosão na escrita.

Pensei na importância de praticar a leitura e a escrita nas oficinas de música.

— *E por onde começar?*

Comecei pelas próprias letras de música, por meio de autores diversos, como: Bezerra da Silva, Gonzaguinha, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Clara Nunes, dentre outros que integraram as oficinas e as práticas musicais. Com isso, também pude discutir com o grupo sobre como o poder da escrita exerceu diversas formas de dominação, e como o poder sempre veio do argumento branco.

Em oficina dialogávamos sobre como o poder da escrita ficou tão forte ao longo dos tempos, e como povos que possuíam somente a oralidade e a oratura,²⁵³ como formas de comunicação, transmissão das memórias e organização social, foram tratados como povos aculturados, ignorantes, atrasados e tiveram suas histórias e produções tecnológicas e sociais apropriadas, portanto, na concepção da supremacia branca, merecedores e susceptíveis à submissão.

Se não podemos ainda mudar esse conceito, então mais do que tudo devemos nos apropriar da escrita como ferramenta imprescindível e seguir a produzir textos, mesmo que às

²⁵³ Literatura oral.

vezes sem vontades, mesmo com os subornos de pizza e do café que Anzaldúa se beneficiava. É importante acreditar na transformação, sentir e vibrar, pois, mesmo que ainda sejamos alocados como subalternos, as histórias precisam e devem ser contadas. “Não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos - chamo isto de escrita orgânica”. (ANZALDÚA, 2000, p. 234).

Busquei trazer essa organicidade para as práticas musicais, na tentativa de desconstruir e destruir modelos autoritários. A cada dia de oficina, pedia forças para conseguir respirar em paz em meio às (a) diversidades das tantas sociedades, seja em Salvador, ou no Recôncavo baiano, ou em qualquer lugar. O fato é que somos indivíduos únicos e espetaculares. Somos sujeitos ativos nesse mundo. Portanto:

Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas. Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. (ANZALDÚA, 2000, p. 235).

Esse movimento (pó) ético, estético e feroz que é escrever para a vida e com a vida, nasceu exatamente quando a arte assumiu o papel de servir as pessoas, principalmente quando se fez necessário contar as “*outras histórias*”. Sejam as histórias das mulheres e das pessoas negras do início do século passado, na luta por sua libertação, as histórias de pessoas e comunidades subalternizadas, nações indígenas, pessoas LGBTQIA+, ciganas. Ou seja, também as histórias sobre pessoas em situação/contexto de rua e vulnerabilidade social. O fazer artístico inspirou resistência e trouxe luz em meio as trevas da supremacia branca.

Em nossas práticas musicais também trabalhamos a composição de letras. Para isso, distribuía papel A3 e canetas, e instigava as interlocutoras e interlocutores a escreverem suas ideias, angústias, prazeres, desejos e sensações. Buscávamos na rima entre as palavras e estrofes, o aporte métrico, e tentávamos construir algo juntos com todas as letras, uma espécie de colagem/mosaico, uma composição coletiva. A cada dia percebia que a arte deve/deveria ser funcional, coletiva, e comprometida. (bell hooks, 2011), e deve exercer uma função política na luta ao desafiar os pensamentos e ações racistas.

Contradizendo a ideologia branca, o fazer artístico foi mais que necessário para a vida das primeiras pessoas negras que aportaram nas américas, e foi imprescindível nas oficinas realizadas com pessoas em vulnerabilidade social. Com a arte veio um pouco de alegria, do

prazer, e da beleza da (na) vida. Vida difícil, vidas que sofreram e sofrem privação material, ou melhor, sofreram e sofrem todo tipo de privação e preconceito.

Assim como a vida de D. Conceição Cardoso, mulher negra, inteligente, prestativa, organizada e extremamente simpática. Ela traz um histórico de violência doméstica muito forte. Tem aproximadamente 50 anos, e em entrevista me relatou o quanto sofreu com seu ex-companheiro. Depois de muita luta, me contou que conseguiu se livrar da violência que sofria. Me informou que hoje consegue falar com naturalidade sobre o acontecido, mas que todo o processo foi muito doloroso. Em um dos encontros no MPR, ela me solicitou a música “Vitoriosa” de Ivan Lins. Ela me revelou que essa música representa muito ela:

— [...] *na época das agressões, depois que consegui dar a queixa e ele foi preso, eu fui junto no carro, junto com os policiais, eu estava muito mal, [...] mas o policial só colocava pra tocar na viatura a música “Vitoriosa” de Ivan Lins, acabava a música e ele repetia de novo, naquele momento me ajudou muito ouvir essa música, sou vitoriosa!*

Em oficina tivemos a oportunidade de executar essa música, com a letra impressa e depois de algumas audições, começamos a cantar. Me surpreendi, pois, a maioria dos presentes neste dia, sabiam a letra de cor, o que facilitou bastante o trabalho.

— *Quero sua risada mais gostosa, esse seu jeito de achar. Que a vida pode ser maravilhosa.... Quero sua alegria escandalosa vitoriosa por não ter vergonha de aprender como se goza. Quero toda sua pouca castidade, quero toda sua louca liberdade, quero toda essa vontade de passar dos seus limites, e ir além, e ir além. [...] (Vitoriosa - Ivan Lins).²⁵⁴*

5.3. Diário#3 Etiquetas

Salvador, 09 de janeiro de 2017, 02h:22min, volto a escrever a partir dessa zona soteropolitana dita como periférica. Não escrevo desde Berlin, muito menos desde Nova York. Escrevo de um lugar onde as forças hegemônicas insistem em nos alocar como periferia, e sermos vistos como terceiro mundo, ou quarto mundo, o mundo dos seres subalternizados, marginalizados.

Aqui no Brasil, apesar de não termos passado pelas mesmas condições que foram impostas no processo colonial que aconteceu na África (condições diferentes), ainda vivemos num tipo de colônia disfarçada, somos um outro tipo de colônia. Desde a invasão portuguesa, até a presente data, estamos sob o domínio do terror e do capital hegemônico.

²⁵⁴ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ivan-lins/46452/>

Não sou europeu, e como anteriormente dito, sou galego esquina de periferia, e ao ampliar a discussão sobre o termo “terceiro mundo”, observei que ele traz em si, contextos de: “[...] desenvolvimento desigual, de economias pouco ortodoxas, de Estados falhados e de nações assoladas pela corrupção, pela pobreza e pela guerra”. (COMAROFF e COMAROFF, 2011, p. 01).

Para disfarçar a visão do que se entende por “terceiro mundo”, surgiu o termo Sul global, mas o análogo, o chamado Norte global, é quem ainda dita e escreve as teorias e regras do jogo, no entanto, o euro centrismo começou aos poucos a perder terreno, afinal de contas, nós também escrevemos e temos nossas histórias, e quem melhor para contar essas histórias se não, nós mesmos?

— *Como falar de nós, sem nós?*

Essa mudança se iniciou quando começamos a nos (re) conectar e prestar mais atenção às nossas próprias histórias, (re) existências e epistemologias.

Quando nossas “*periafricanias*” começaram a se revelar como centros importantes na produção intelectual e seguramente científica do conhecimento, começamos a interferir na produção científica por meio das nossas epistemologias localizadas. Sim, nós subalternizados também temos nossas epistemologias. Periféricas? Do Sul? Não gosto destes termos, pois me levam para outros lugares, parece que sempre estamos a deslocar nosso centro para outro lugar. O subalterno pode falar? (SPIVAK, 2010).

O certo é que produzimos conhecimentos situados e também devemos falar a partir dos nossos saberes, das nossas trajetórias e desejos, falar das nossas vidas, dos encontros e desencontros, das alegrias e angústias. No entanto, surge uma outra pergunta, será que seremos ouvidos, lidos?

No trabalho que realizei no MPR, apesar dos desafios constantes, percebi que ali foram compartilhados conhecimentos localizados, e que a todo momento me auxiliaram nas oficinas. Foram saberes construídos e compartilhados, a partir das diversas trajetórias de cada um que participava das oficinas. Numa quinta feira, dia 01 de outubro de 2018, durante a oficina de música no MPR, conversei com as interlocutoras e interlocutores presentes sobre o ato de fazer música. Muitas falas surgiram em relação ao fazer música e a estar na cidade de Salvador em situação/contexto de rua. Renato Dias Moreira Bispo falou:

— *A música é a melhor parte, a melhor coisa que eu gosto, gosto não, que eu amo, não vou mentir a você. Eu já fui aluno de Carlinhos Brown, e já tive umas certas desavenças na minha vida aí, aí eu dei uma caidazinha, mas música, percussão é o que eu mais gosto. Eu já fui pra Espanha, pra Amazonas e pra Petrolina com Carlinhos Brown. Eu tocava na groov*

ghetto no Candeal. [...] eu fui parar nas ruas agora, 2017, final de 2017, eu tive o desprazer de conhecer a droga, não vou mentir, porque a droga que... tipo, a droga não né veio? A nossa mente é que... situações que me levaram a usar a substância e situações que me levaram a rua, tá entendendo? É por isso que estou na rua, mas eu tenho a minha maior vontade de voltar a fazer o que eu fazia antes, tá entendendo? Tocar percussão! E hoje em dia eu não tenho aquele apoio, tá entendendo? Tô um pouco meio sozinho e eu queria tipo que voltar ao que era, é... como é que fala? É começar de novo. O que eu sei fazer que é tocar percussão. A música é tudo pra mim. Eu tô gostando demais daqui.

Segui a entrevista e perguntei:

— *Como a oficina de música poderia melhorar?*

— *Seria bom um melhor espaço porque você sabe que aqui não é um espaço programado para nós ter uma aula de música, tinha que ter mais cadeiras, mais instrumentos, mais educação.*

Eu falei que chegaram alguns instrumentos, e ele disse:

— *Chegaram, mas não chegaram os certos...*

— *E quais seriam os certos?*

— *Timbal, repique, conga. Minha especialidade é tudo de percussão, tudo de percussão eu tô bagaçando,²⁵⁵ menos instrumento de corda. É uma coisa que nós temos né véio? E nós não bota em prática, tamo botando em prática agora por causa do senhor que tá aqui, tentando ajudar, ajudando a gente e agora tá muito massa, só falta só resolver, só isso aí, arrumar instrumentos, o espaço, local, esse espaço não é adequado para ter aula de música, e se mudar isso vai ser mais foda ainda.*

Na fala de Renato Dias fica evidente seu desejo de voltar a tocar e a se apresentar, segundo ele, já foi a Europa com Carlinhos Brown. Uma das vezes que também fui a Europa, foi através do meu grupo de música *Hip Hop Roots*, grupo que Carlinhos Brown fez a direção artística, grupo também oriundo do Candeal Pequeno de Brotas. Renato Dias Moreira Bispo ressaltou a necessidade de um espaço voltado para prática musical. Essa foi a percepção de quem já passou por estúdios de música e que, de certa forma, aprendeu praticando, observando e repetindo, deixando a música percorrer seus sentidos.

A música me levou outras vezes a Europa, sempre fui a trabalho, e depois da primeira vez, sempre que ia, sentia a sensação de que por lá dificilmente alguém pretenda ter um

²⁵⁵ Botar pra quebrar, bagaçar tudo. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/baga%C3%A7ar/>

subemprego,²⁵⁶ e/ou se entender como uma pessoa subalterna (subalternizada). Todos procuram melhorar suas vidas e manter seus bons empregos, mas lá, diferentemente daqui, existem possibilidades.

Mas a crise é global e também chegou ao Norte. Dentre outros fatores, o deslocamento do capital das grandes corporações com suas fábricas, que começaram a procurar locais onde a mão de obra é barata, fácil e ordeira. Tenho a impressão que a utilização do termo Sul global nesse cenário atual do livre comércio (2018), soe mais refinado, parece-me uma maquiagem interessante, uma polidez que desintegra o antigo termo - terceiro, quarto mundo. Talvez o novo termo traga uma essência estética, e tenta minimizar os efeitos das continuidades coloniais e do capital selvagem e voraz, dociliza ideologicamente suas populações e fazem acreditar que não fazem parte do terceiro mundo, mas do Sul global, no entanto, os fatos falam por si.

Nessa polarização e inversão da ordem das coisas, os alicerces do Norte também começaram a mexer, isso se deve também a uma alavancada de uma produção intelectual e científica das pessoas que vivem no Sul. Por aqui, começamos a produzir uma escrita que começou a responder e apontar para as nossas necessidades, uma escrita mais criteriosa e mais intensa que as atuais produções europeias. É importante frisar que já a algum tempo começou a surgir uma mudança da produção da teoria para um lugar *ex-cêntrico*, cujas origens não se baseiam exatamente nos moldes do iluminismo ocidental.

Ainda sob os efeitos tardios da colonização, nós, pessoas subalternizadas, ainda temos dificuldade de perceber isso tão evidentemente, pois o opressor (hegemonia europeia), ainda insiste em nos alocar como novos colonos, transformando a miséria numa categoria social. Acredito que os caminhos começaram a se modificar e se apresentam hoje em dia (2018), como uma *mão dupla*, um ir e vir, apesar que ainda muito desigual.

O que quero dizer é que nossas epistemologias não vêm diretamente da era das luzes, era, que por sinal, carrega em si uma grande contradição, pois enquanto na Europa se propagava a ideia da liberdade, igualdade e fraternidade²⁵⁷, foi o mesmo período da colonização e opressão dos povos africanos. A simbiose desigual que ocorreu entre as metrópoles e as colônias, formou-se através de elementos co-constitutivos, como:

[...] um encontro que transforma as entidades díspares que iniciam num devir comum. Daí a afirmação hoje bastante comum de que as colônias constituíram importantes fontes de valor e de inovação para os modernos

²⁵⁶ Muitos imigrantes cumprem esse papel.

²⁵⁷ Para quem?

estados nação do Norte. (TOSCANO 2005, p.40, in COMAROFF e COMAROFF, 2011, p. 05).

As transformações ocorreram dos dois lados, obviamente de maneiras drasticamente diferentes. Esse convívio aterrorizante entre o Norte e Sul global, colaborou para o fortalecimento de uma modernidade capitalista violenta. Foi a partir desses encontros forçados e autoritários e da continuidade de um binarismo aterrorizante (colonizador-colono), que se construiu uma ideia de modernidade indissociável do capitalismo e das determinações de lógica social e capital.

No entanto, essa modernidade como se pode verificar, não favoreceu os estados pós-coloniais, pelo contrário, fez deles empresas subalternas e subsidiárias do ocidente colonialista. E assim, desde 1492, vem sendo construídos esses modelos de exploração e expansão sem escrúpulos, o que facilitou e promoveu um entendimento da construção do conceito de modernidade, como o momento histórico e mundial da desigualdade.

Ao longo do processo da modernização, o capital do Norte começou a se deslocar para o Sul, onde encontrou condições de exploração favoráveis para sua implantação. Ou seja, quanto mais miséria, melhor. Novamente o poder do dinheiro e o poder do crédito. Ao mesmo tempo, essa fuga do capital para outras margens, fez e ainda faz a Europa, mesmo que em mínimas proporções, sentir os efeitos da insegurança e da instabilidade que vivemos diariamente no Brasil.

O Sul inicia sua navegação da expansão capital, e torna-se um lugar estratégico para a expansão capitalista, onde novas possibilidades começam a aportar em terras *tupiniquins*, seja através do livre comércio informal, ou das novas indústrias que aqui fazem sua base para o mundo. Todo esse processo e suas dificuldades, implicaram num florescer de formas “engenhosas de sobrevivência” (COMAROFF E COMAROFF, 2011, p. 20), que são exportadas e retornam ao Norte global ocidental. Desde os testes e uso de tecnologia, até a produção de alimentos e vacinas.

[...] designado variegadamente de Mundo Antigo, Oriente, Mundo Primitivo, Terceiro Mundo, Mundo Subdesenvolvido, Mundo em Desenvolvimento e agora por Sul Global – principalmente como um espaço de sabedoria provinciana, tradições ancestrais, usos e costumes exóticos e, acima de tudo, de informação não processada. (COMAROFF E COMAROFF, 2011, p. 02).

Essa migração do capital tentou/tenta classificar o terceiro, quarto mundo, como Sul global, como um espaço do capitalismo contemporâneo, do neoliberalismo. Paralelo a essa

migração do capital, se existe algo de bom nisso, é que nós, vistos como subalternos, começamos a tomar a “liderança na produção de teoria na área das ciências sociais”. (COMAROFF E COMAROFF, 2011, p. 20). Pois começamos a falar a partir e por meio dos nossos saberes, contudo, vivemos ainda muitas desigualdades sociais, ou seja, o termo Sul global “não é determinado pelo seu conteúdo, mas pelo seu contexto”. (COMAROFF E COMAROFF, 2011, p. 21). O que se faz necessário agora, é que nós, vistos como os outros, como periféricos, comecemos a contar nossas histórias.

Por isso não devemos deixar de produzir conhecimento, nem de escrever sobre os nossos assuntos, este é um importante papel que devemos assumir. A cada dia, precisamos registrar nossos desconfortos e expor nossas (re) existências, para enfrentar com dignidade essa modernidade capitalista que nos consome como bocas famintas. Rogo pela celebração da inversão dos papéis:

[...] O que sugerimos, para além disso, é que os processos históricos mundiais contemporâneos estão a alterar visivelmente as classificações geográficas instituídas de centro e de periferia, deslocando para Sul não só alguns dos mais inovadores e enérgicos modos de produção de valor, mas o próprio impulso promotor do capitalismo contemporâneo enquanto formação simultaneamente material e cultural. (COMAROFF e COMAROFF, 2011, p. 07).

Ao refletir sobre o termo moderno, ou melhor, sobre as modernidades, percebi então que existem diversas “modernidades”. De um lado, as histórias e fatos que nos foram narradas, baseadas nas luzes da Europa, e do outro lado, as modernidades com suas próprias trajetórias. As epistemologias autóctones, nativas e localizadas. Histórias que precisam ser contadas e reproduzidas por seus próprios autores e autoras. Infelizmente a academia tem exercido um papel extremamente perverso neste ponto, produz-se muito conhecimento e pouco retorna para as populações pesquisadas. Esta pesquisa, a partir dos processos interativos, já proporciona uma devolutiva imediata.

O importante frisar é que a modernidade não é um fenômeno exclusivo da Europa, ela se deu a partir das relações muitas das vezes desiguais com outros povos e suas epistemologias nativas. Não somos alternativos, e sim, nativos, com desejos e esperanças de revelar nossas histórias em nosso tempo presente.

A modernidade é, para muitos (para Jürgen Habermas ou Charles Taylor, por exemplo), um fenômeno essencialmente ou exclusivamente europeu. [...] a modernidade é, de fato, um fenômeno europeu, mas constituída numa relação dialética com uma alteridade não europeia que é seu conteúdo final. A

modernidade aparece quando a Europa se afirma como o "centro" da História do Mundo que inaugura: O "periférico" que envolve este centro é, conseqüentemente, parte de sua auto definição. (DUSSEL, 1993a, in MIGNOLO, 2015, p. 161).

O conceito de modernização apareceu como uma ideologia particularmente ocidental e incidiu exatamente sobre visões e/ou territórios que puderam tornar-se capitalistas, socialistas e as vezes, facistas. Isso dependeu do lugar, e de como se aplicou o poder capital, a fim de criar novas margens e novos limites sociais, ou seja, criar pontos de exploração e extermínio.

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvincilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. (GIDDENS, 1991, p. 10).

Muito se discute sobre modernidade, cuja compreensão ao meu ver, parece se referir mais ao estilo de vida, ao estar no mundo, uma construção de sujeitos conscientes de si. “[...] modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. (GIDDENS, 1991, p. 08). Mas ao refletir sobre o povo da rua inseridos nesse emaranhado social, busquei compreender como esses termos e como a produção intelectual de teorias poderiam auxiliar na construção e na compreensão sobre os modos e jeitos de (sobre) viver nas ruas de Salvador. Este estar no mundo como pessoa em situação/contexto de rua, revela outros modos de estar no mundo. São outras modernidades construídas a partir dos contextos e territórios. Portanto, nessa construção de sujeitos conscientes²⁵⁸ de si, os significados sobre modernidades podem ser ampliados, ao ponto de se confundirem com a própria existência.

O seu significado depende do contexto e serve para colocar os povos de uma dada época e de um dado espaço mais longínquo ou mais próximo da grande linha divisória entre o mesmo e o outro: o presente e a pré-história, o geral e o particular, oposições essas que são utilizadas numa multiplicidade de registros — das teologias às plataformas partidárias, dos documentos sobre políticas às leis indiscutíveis, dos mapas do espaço social à classificação de populações. (COMAROFF e COMAROFF, 2011, p. 10).

²⁵⁸ Em (re) construção de si.

5.4. Diário#4 Cosmologia ancestral

Cultura não é apenas um modo de vida,
mas o todo das formas de vida, do
nascimento à morte, da manhã à noite
e mesmo em sonhos...
T.S. Elliot.

Salvador, 24 de janeiro de 2017, fugindo de abordagens hegelianas, e certo de que não devo esquecer dos nossos lugares, dos nossos territórios, sejam eles físicos ou metafísicos, territórios compostos há tempos por nações indígenas, mestiços e mestiças, pardos, brancos e brancas, negras e negros, além de héteros, gays, lésbicas, trans, pans, bi, ateus, cristãos, candomblecistas, judeus, mulçumanos, não devo, não devemos esquecer sobre a importância de uma educação antirracista, antimisógina, antissexista, antifascista, e mais um monte de “anti”, alicerçada na diversidade cultural (re) criada no Brasil e na América Latina.

Nos campos de pesquisa que atuei, foi notório a presença de pessoas em sua maioria negras, pobres e sem oportunidades de geração de renda e/ou moradia, mas que trazem/troxeiram importantes saberes oriundos dos seus processos formativos, suas metamorfoses. Portanto, foi importante conhecer (sobre) essas metamorfoses, mas sem esquecer que o perfil cultural das pessoas se compõe de diversos elementos que formam uma rede de conexões, que se transformam ao longo da vida, sempre assumindo novos elementos e abrindo mão de outros.

Kubik em seu texto:²⁵⁹ *Pesquisa musical africana dos dois lados do atlântico* (2008), revelou que o meio cultural do local de nascimento de uma pessoa é importante, mas isso talvez durante a infância, mas não necessariamente ao longo da vida, pois o perfil cultural do ser humano é mutável, tanto ao longo dos diferentes períodos de tempo, quanto a partir dos encontros multilaterais com outras pessoas. Kubik apontou que prender-se a estereótipos na caracterização de identidade cultural, em direção à etnicidade ou até mesmo a categorias raciais, significa estar fechado para qualquer tipo de maleabilidade que a cultura traz em si.

Numa dessas viagens, Kubik²⁶⁰ chegou a Salvador/Ba, e depois de algumas idas e vindas, ele percebeu que os elementos culturais de origem africana no Brasil, não se encontravam em vias de desaparecimento e muito menos se tratavam apenas de aculturações, nem de transculturações, mas sim, a música, por exemplo, que era produzida aqui no Brasil, como verdadeiras extensões culturais africanas, ao ponto de até precisar suas origens e funções.

²⁵⁹ Em KUBIK, Gerhard. *Pesquisa musical africana dos dois lados do atlântico: Algumas experiências e reflexões pessoais*. Tradução: PINTO, Tiago de Oliveira. REVISTA USP, São Paulo, n.77, p. 90-97, março/maio, 2008.

²⁶⁰ Idem.

Percebo isso quando em oficina praticávamos temas em que a linguagem percussiva tornava-se mais presente, a facilidade que as interlocutoras e interlocutores tinham ao tocar um instrumento de percussão era incrível. “A África por nós criada é em tudo mais africana que a África que perdura no continente negroide dos dias atuais”. (OLIVEIRA, 2012, p. 38). Nessa busca por uma epistemologia de origem, realmente talvez o Brasil seja mais africano que a própria África, mas os problemas daqui se configuram aqui, não tem como ser mais do mesmo, é igual, mas é diferente, é a mesma coisa e é outra coisa já reconfigurada, mesmo que numa representação, tudo é um processo.

Os fenômenos culturais são de tal complexidade, que me parece duvidoso que se possa encontrar qualquer lei cultural válida. As condições causais das ocorrências culturais repousam sempre na interação entre indivíduo e sociedade, e nenhum estudo classificatório das sociedades irá solucionar esse problema. A classificação morfológica das sociedades pode nos chamar a atenção para vários problemas, mas não os resolverá. Cada caso será redutível à mesma fonte: a interação entre indivíduo e sociedade. (BOAS, 2005, p. 107).

Neste ponto, a ancestralidade assume seu papel de retorno às tradições não ocidentais, e revela-se como uma epistemologia antirracista, e ao pensar nas tradições, e em suas distorções semânticas ao longo da história que nos foi contada, percebo que a ancestralidade nunca deixou de existir, (re) existe e resiste, mas sempre se reconfigurando e assumindo novas formas. Perceba que em África, muito do que acontece aqui no Brasil, já não existe lá. A questão é que estamos fadados a representar e apresentar estruturas de todas as formas possíveis, muitas das vezes, carregadas de continuidades coloniais, iluministas racionais e “modernas”.

Quando Oliveira (2012) comentou sobre a Diáspora como “signo de movimentos complexos, de reveses e avanços, de afirmação e negação, de criação e mimese, de cultura local e global, de estruturas e singularidades, de rompimento e reparação”. (OLIVEIRA, 2012, p. 29), não comentou do lugar da síntese do encontro disso tudo, que é a visão “cosmopolita” e complexa advindas das transformações, seja nos encontros autoritários, ou não, desiguais ou não, as transformações aconteceram, e nessa fusão, tudo se estruturou a partir dos (des) encontros.

Nessa mistura e neste sentido, como “identificar quem é o outro?” (OLIVEIRA, 2012, p. 35). Talvez uma das tarefas, seja:

[...] vislumbrar o que o reconhecimento da Forma Cultural Africana pode contribuir para uma crítica devastadora da tradição ocidental de pensamento

e, na outra face, construir/reconhecer experiências éticas da maior importância para o mundo contemporâneo. (OLIVEIRA, 2012, p. 36).

Aqui comento sobre o trabalho de Ricardo Mendes Mattos e Ricardo Franklin Ferreira: “*Quem vocês pensam que (elas) são? representações sobre as pessoas em situação de rua*”²⁶¹. Os autores trazem uma perspectiva crítica a respeito de como as pessoas em situação/contexto de rua ainda são vistas em nossa sociedade, muitas vezes, como loucas, sujas, perigosas, vagabundas e coitadas. No entanto, esse tipo de visão somente colabora com a legitimação da violência física e simbólica contra estas pessoas, com o descaso do Estado e com a perpetuação do abandono.

Por isso mesmo, surge a importância de evidenciar a riqueza que essas pessoas trazem a partir das suas experiências sonoras. As práticas musicais criaram pontos de resistência e colaboraram para a transformação social não só das pessoas em situação/contexto de rua, mas também colaboraram para a transformação desse imaginário que a sociedade construiu em relação a essas pessoas.

“O mundo não é mais o mesmo e não é o que pensávamos que fosse”. (OLIVEIRA, 2012, p. 37). Neste sentido, como combater a epistemologia do racismo? Como se promove a educação antirracista? É urgente que estejamos sempre conscientes das nossas trajetórias, sempre dispostos a renovar e revisitar nossas origens, e a banhar-se nas águas da ancestralidade. Oliveira comenta:

[...]. Nos jogos de corpo preservamos nossos sistemas de pensamento, na arte do povo, mantivemos nossos segredos e os publicizamos, na estética negra fabricamos nossa potência filosófica e científica, ao mesmo tempo, com tensão, mas sem conflito entre elas. Em nossas religiões desenvolvemos nossa medicina, nossa economia, nossas línguas e nossa política mui singular de relações com o Outro-Natureza, o Outro-Outro, o Outro-Simesmo. Invertemos a lógica do sagrado e do profano. Profanamos o sentido da religião hegemônica e profanamos nossa própria religião. Transformamos em festa os episódios da tragédia. Rimos da miséria e da violência. Reverenciamos nossos pactos com o contexto. Desdenhamos de estruturas estáticas. Enlouquecemos na diversidade que criamos e perdemos-nos nos labirintos que soubemos produzir, mas não soubemos resolver. Produzimos nossa própria África e nossa subjetividade nos regatos de fluxo e refluxo que não param de nos atravessar. (OLIVEIRA, 2012, p. 38, 39).

²⁶¹ MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. Universidade São Marcos. Psicologia & Sociedade, 16 (2): 47-58, maio/ago.2004.

Esse “fluxo e refluxo” esteve presente nas oficinas de música, tanto no Programa Corra pro Abraço, CAPS Gregório e no Movimento de População de Rua. Estávamos a todo momento a dialogar com nossas (in) certezas e ansiedades, com nossas alegrias e angústias. Nesse fazer musical, sempre tentei buscar a ancestralidade como ponto de partida.

A ideia de uma concepção ancestral foi/é fundamental, no meu caso, que estou numa universidade, sinto e sei que sou privilegiado para construir uma crítica social. O fato é que encaro o desafio com alegria, mas sempre questionando e muitas das vezes, discordando das etiquetas, dos termos:

— *Sem melhor substituto para um termo que desejo usar, como fazer?*

Talvez a saída seja usar o termo que esteja mais debulhado, ou o que traga visões ampliadas e mais próximas das realidades atuais sobre um determinado assunto. Um termo que não esteja, nem seja fechado em si.

Talvez assim poderei clamar em meu discurso localizado e situado, que os termos que usei/usamos, devem servir também às nossas políticas pessoais, aos nossos *selves*, as nossas insurgências urgentes por aflorar epistemologias que falem da vida, para a vida e com a vida, as epistemologias do AMOR. Por isso, dentro de uma cosmologia própria, inerente às ancestralidades, é que renovo os votos em (re) significar e (re) configurar termos cunhados unilateralmente pelos poderes hegemônicos e racistas.

Os muitos estragos ocorridos num passado não tão remoto, decorreram dos processos coloniais que ainda se afluam em boa parte do mundo. Fomos entregues ao dragão do capital, feroz e voraz: o dinheiro, o euro, dólar, real, mas que, em meio ao caos financeiro mundial, firmemente ainda (re) existimos e resistimos em nossas lutas diárias. Fico grato por Oliveira (2012) nos lembrar enfaticamente para nunca mais deixarmos de lado as questões relativas aos marcadores sociais da diferença em nossas pesquisas, ideias, textos e discursos. Precisamos reconfigurar nossas “mandingas”, e ventilar nossos pensamentos para podermos discutir abertamente os termos que a academia nos oferece, e assim, poder questiona-los a fim de dar-lhes novos e ampliados sentidos.

Num mergulho profundo compreendi que a modernidade é/foi um termo usado para designar todas as desgraças oriundas do processo industrial, mas também pode remeter ao ancestral, por que não? Penso no ancestral como ciclo, um ir e vir que (re) configura o presente e decodifica o passado. Homens e mulheres das estrelas, do sol, da terra, dos rios, do mar e do fogo. E por lembrar do fogo, lembro da minha ancestralidade, talvez pelas tantas rodas de música com a fogueira acesa em casa, e pelas viagens que fazia com a minha família quando

criança, sinto que o fogo é ancestral, mas sempre será moderno, está no limite da atualidade, ou seja, do fogo ao foguete.

Daí imagino que a ancestralidade é o pós-estrutural do moderno, o pós-tradicional. É quando a cobra morde o rabo, nessa cosmovisão, a ancestralidade é anterior, e posterior ao moderno, e subsequente a ele, pois é seu o início e também seu fim. A ancestralidade se (re) faz em suas atualidades.

É para estabelecer um signo do presente, da modernidade, que não seja o "agora" da imediatidade transparente, e para fundar uma forma de individuação social em que o sentido de comunidade não seja baseado em um tornar-se transcendente, que quero indagar acerca de uma contra modernidade: o que é modernidade nessas condições coloniais em que sua imposição é ela mesma a negação da liberdade histórica, da autonomia cívica e da escolha "ética" de remodelação? Estou colocando essas questões a partir do interior da problemática da modernidade devido a um deslocamento no interior das tradições críticas contemporâneas da escrita pós-colonial. Já não há uma ênfase separatista significativa na simples elaboração de uma tradição anti-imperialista ou nacionalista negra "em si mesma". Existe uma tentativa de interromper os discursos ocidentais da modernidade através dessas narrativas deslocadoras interrogativas do subalterno ou da pós-escravidão e das perspectivas crítico-teóricas que elas engendram. Por exemplo, a leitura que Houston Baker faz da modernidade do Renascimento do Harlem elabora estrategicamente uma "deformação da dominação", um vernaculismo, baseado na enunciação do sujeito como "nunca um simples passar a ser, mas uma libertação do ser possuído". A revisão do modernismo ocidental, sugere ele, requer tanto a investidura linguística do sujeito como também uma prática da performance diaspórica que é metafórica. O projeto de "cultura pública" que Carol Breckenridge e Arjun Appadurai iniciaram concentra-se na disseminação transnacional da modernidade cultural. O que se torna de fato urgente para eles é que as localizações globais "simultâneas" de tal modernidade não percam a percepção das locuções conflituosas e contraditórias dessas práticas e produtos culturais que acompanham o "desenvolvimento desigual" das trilhas do capital internacional ou multinacional. Qualquer estudo cultural transnacional deve "traduzir", a cada vez local e especificamente, de forma a não ser subjugado pelas novas tecnologias globais de transmissão ideológica e consumo cultural. Paul Gilroy propõe uma forma de modernismo populista que compreenda a transformação estética e política da filosofia e letras europeias por escritores negros, mas que também elabore as formas seculares e espirituais populares - a música e a dança - que lidaram com as ansiedades e os dilemas envolvidos em uma resposta ao fluxo da vida moderna. (BHABHA, 1998, p. 332, 333).

5.5. Diário#5 No limite da atualidade

Salvador 07 de fevereiro de 2017, não existe uma única visão ou versão sobre algo, alguém ou alguma coisa. Existem várias outras histórias, por exemplo: Na visão ocidental “[...] a modernidade nunca foi dissociável do capitalismo, das suas determinações e da sua lógica social” (cf. AMIN 1989 in COMAROFF E COMAROFF, 2011, p. 06). E que “A teoria social euro-americana, [...] tem tendido a tratar a modernidade como se esta fosse inseparável do emergir da razão iluminista”. (Idem, p. 02).

Mas será que esse termo só pode ter sentido se vinculado ao surgimento da era iluminista? Para sair desse caminho, podemos (re) começar a partir das cosmologias ancestrais. Sugiro uma inversão de comportamento e de olhar. Sabemos que o conceito do termo “modernidade” foi cunhado por vozes colonialistas, que ainda hoje nos alocam como periféricos, e nos insere num mundo não-ocidental. Mas penso que podemos ampliar o sentido do termo.

Porque não podemos dar outra semântica ao termo? O conceito de modernidade instaurado pelo capital e pela exploração, carregou ondas de destruição, em que outras modernidades não-europeias foram massacradas e dizimadas, subjugadas pela força da pólvora e pela escravidão.

No Brasil, para situar o momento atual, continuamos sendo regidos pelo poder exercido de três grandes frentes políticas. São três B's do Brasil: Bancada da bala, da bíblia, e do boi. São essas frentes políticas que regem nosso dia-a-dia, e colaboram para que pessoas em vulnerabilidade social continuem marginalizadas e criminalizadas, vez que, não possuem condições materiais para alcançar esse estado de modernidade impetrada pelo capital.

A partir da abordagem feminista, da perspectiva decolonial, e de um entendimento do ser e estar, muito mais próximo a uma cosmologia ancestral, e a um pensamento e atitude mais integrada com a vida, senti que era necessário buscar caminhos que colaborassem para o desfragmentar desse imaginário social perverso (novamente retomo o tema) que a sociedade tem sobre pessoas em situação/contexto de rua. Na rua tem música, tem vida, cultura e saberes socialmente construídos.

Começar a desfragmentar conceitos sobre os termos que regem nossos discursos, é/foi uma tentativa de ampliar a compreensão das alteridades sobre os diversos modos de ser e viver em nossa sociedade. O exercício é/foi inverter a ordem das coisas, num jogo de virar de cabeça para baixo as lógicas instauradas, e encontrar outros pontos de vista para melhor entender as

várias modernidades/ancestralidades que convivem nas ruas. Jeitos de ser que nunca passaram perto de uma razão iluminista.

— *E quem um dia irá dizer que existe razão nas coisas feitas pelo coração? E quem irá dizer que não existe razão?*²⁶²

Falo de conhecimentos oriundos das Nações indígenas e de diversas etnias dos povos africanos que para cá foram trazidos a força, falo de saberes nativos, e de epistemologias ancestrais, não necessariamente europeias, que nos auxiliaram na construção de uma percepção cosmopolita moderna/ancestral da nossa atualidade.

Os hábitos dos vários povos, e as variações dos processos identitários, construíram modernidades diversas. Só em constatar que a Europa foi colonizada por 8 séculos, não obstante, imagino quantas trocas culturais e (tentativas) de educação dos mouros para com os europeus aconteceram. Modernidades foram compartilhadas, mas também destruídas, negadas, alteradas transfiguradas, passaram por processos de transculturação.

Não pretendo falar sobre a história da Europa, esse seria um tema bem complexo, pois poderíamos começar antes da chegada dos árabes de um lado (península ibérica) e dos turcos do outro (leste europeu até a Áustria), onde aconteceram várias ondas migratórias, sejam invasões, ou ondas de negociação na Europa. Ou poderíamos ir mais fundo, só lembrar dos romanos no Norte da Europa a partir do primeiro século após Cristo, além de vários outros acontecimentos e épocas. Mas não cabe aqui nesta tese.

Dentro dos conceitos sobre a modernidade e a pós-modernidade, encontra-se o conceito cosmopolita.

— *Seria esse mais um conceito zumbi?* (BECK e GRANDE, 2006).

Creio que este termo pode ser ampliado, não somente para uma análise pós-colonial, de encontros forçados entre culturas e povos, ou de assimilação de hábitos de maneira imposta, mas de processos desiguais que se manifestaram e se resolveram à medida do encontro.

A ideia de cosmopolitanismo pretende superar as diferenças entre o que é local e que é global, numa tentativa de ver os “outros” como iguais e diferentes ao mesmo tempo, mas isso é possível? O conceito se afasta do Universalismo e do Nacionalismo, que se baseiam no princípio de ser “isto ou aquilo” (BECK e GRANDE, 2006). Mas esta visão cosmopolita tenta nos forçar a acreditar que as fronteiras culturais e territoriais podem se mesclar, o que sugere a seguinte observação feita por Ulrich Beck e Edgar Grande: “[...] na insegurança radical do mundo em que vivemos, todos são iguais e todos são diferentes” (BECK e GRANDE, 2006, p.

²⁶² Eduardo e Mônica. Legião Urbana. Álbum: Dois

34). O cosmopolitismo, de certa forma, exige/exigiu a existência de acordos ou normas universais que permitam compreender a relação com o diferente.

[...] Mas uma coisa é certa: se essas regras não existem, se não há critérios aceitos por todos ou maneiras regulamentadas de se relacionar com os diferentes, existe o risco de o cosmopolitismo degenerar em particularismo pós-moderno e / ou em pura violência. (BECK e GRANDE, 2006, p. 36).

Esses conflitos cosmopolitas insere a música e o fazer musical numa modernidade tardia, em outras modernidades, ou na sociedade de risco, “[...] a sociedade de risco é essencialmente caracterizada por uma carência: a impossibilidade de antecipar externamente situações perigosas. (BECK, 1998, p. 237). Neste sentido, os fazeres musicais foram rodeados por trans-forma-ções culturais, (des) constituídas a partir de hábitos comuns e de práticas compartilhadas através de grupos diversos e dispersos de pessoas. Uma espécie de cosmopolitismo deformado inserido no que Ulrich Beck chamou de “segunda modernidade”:

[...] a segunda modernidade, a (mão invisível) não leva nem ao equilíbrio nem à revolução. Antes, eles fluidificam e apagam os limites, os fundamentos e as distinções básicas das sociedades modernas. A lógica da univocidade, o princípio (ou isto, ou aquilo) na sociedade e na política, é substituída pela lógica da ambiguidade, pelo princípio de (não apenas isso, mas também) na sociedade e na política. (BECK e GRANDE, 2006, p. 55).

Neste sentido, o cosmopolita não tem lugar próprio, seria a adoção de estilos de vida dos diversos jeitos de ser e pensar, construídos através da força, ou do encontro natural entre pessoas.

— *E como se dá/deu a adoção/criação desses estilos de ser na rua? Como são os vários modos de se viver nas ruas?*

Em entrevista, perguntei a Antônio Carlos dos Santos Matos,²⁶³ um dos interlocutores dessa tese, quais são/foram os desafios de fazer música em situação ou contexto de rua.

— *[...] devido as violências que tá acontecendo entre os próprios companheiros, né? de rua... não é das pessoas que vem da sociedade não, é dos próprios companheiro de rua que tá um contra o outro, criando problemas e situações que (pausa) [...] como tem um no HGE em coma por causa de um simples pão, o cara deu de pedrada na cara do cara, entendeu? O cara tá em coma! Em coma! E isso entristece a gente por esse fato, né? Por que era pra tá todos nós unidos, procurando, né? Vencer, ganhar oportunidades de tá aqui ouvindo a música*

²⁶³ Entrevista concedida por Antônio Carlos em 08/11/18 na sede do MPR.

(praticando), ou participando dos passeios que nós faz, né? Os passeios ocupacionais que nós trabalhamos, não, tá no meio da violência, no meio das coisas que não são pra tá, e isso só gera violência, violência só gera violência. [...] pra fazer música é importante espaços como esse aqui, o espaço está encaixadíssimo a música tá acontecendo.

Antônio Carlos ressaltou a importância de espaços como o MPR para poder praticar música, ao mesmo tempo, afirmou que na rua tem muita música, assim como disse o professor Xequerê:

— *A rua é musical!*

Mas a insegurança e a violência que também rondam as ruas, dificultam esse fazer musical. Poder participar das oficinas de música dentro de espaços que promovem mais segurança e convívio, facilitou o trabalho com música.

Na sociedade baiana, várias vozes foram silenciadas e sufocadas, e por isso precisamos ampliar a discussão através de abordagens que favoreçam o despertar de outras formas de ver/enxergar as coisas. A música chega para transformar, e fazer música em meio as adversidades é/foi uma forma de resistência e ato político. Guerrilha! Música é a arma, como disse Fela Kuti. Portanto, precisamos de novas/outras abordagens que (re) leiam os velhos conceitos que negaram/negam as várias e diversas modernidades ancestrais, muitos desses velhos conceitos não dialogaram/dialogam com os ensinamentos e questionamentos sobre as ancestralidades e as alteridades advindas dos saberes localizados.

Assumir uma postura Decolonial, é reconhecer o surgimento do termo “modernidade” como aporte hegemônico que trouxe consequências terríveis desde a era das “luzes ocidentais”, e que: “assumiram-se, desde sempre, como origem do conhecimento universal, da Ciência e da Filosofia”. (COMAROFF E COMAROFF, 2011, p 01). No entanto, ao compreender essa postura, podemos também discutir e dialogar, a partir dos conhecimentos e epistemologias que foram/são subalternizados pelas ditas hegemonias.

Por isso, instigo a necessidade de dialogar com essas formas de poder instaurados, seja através das oficinas de música, nas quais podemos expandir nossos saberes localizados, seja através dos encontros com as interlocutoras e interlocutores, quando é/foi possível abrir um diálogo sincero sobre questões que nos transpassam/transpassavam cotidianamente, trocar ideias, ouvir os outros, saber como estavam se sentindo, se estavam alimentados, felizes, chateados, ou seja, uma busca por momentos de paz e encontro consigo mesmo e com o outro/outra. Tempo e espaço de *(re) existências políticas*, uma guerrilha musical.

Sendo assim, apesar do termo “modernidade” estar intrinsicamente ligado à Era da razão iluminista, o entendimento etimológico da palavra em um única concepção e direção, não abrange toda potência de sua extensão. “Modernus” significa limite da atualidade.

Podemos optar por uma inversão de olhar tão necessária em tempos temerosos, e peça licença para utilizar o termo modernidade livre de uma orientação euro centrada, e sim, a favor de saberes esquecidos e/ou negados, tidos como inferiores pelas hegemonias ocidentais. Para isso, convido-lhe a submeter o termo a outra análise, em que seja possível compreender que existem modernidades que não foram cunhadas pela ótica das “Luzes universais, da cristandade e da civilização, do Inglês shakespeariano e da razão científica”. (COMAROFF E COMAROFF, 2011, p. 08). Negar que existem modernidades em zonas não europeias, ditas como periféricas, ou na ampla zona chamada hoje de Sul Global, é fixar uma ideia exclusiva que só existe um caminho para o entendimento do conceito da modernidade. Acredito que existem outros caminhos.

Permitir que o termo seja somente utilizado para caracterizar um espaço privilegiado da Europa, e o seu conhecimento euro centrado, é entregar o termo ao colonizador, é se submeter novamente às suas teorias, cunhadas em torres de marfim, heteronormativas, homofóbicas, sexistas, racistas e que muitas vezes, flertaram com o fascismo.

O primeiro argumento é o de que a modernidade exterior à Europa não pode ser entendida como um derivado, um *Doppelgänger* ou uma contrafação de um "original" euro- americano. Pelo contrário, ela exige ser apreendida e interpelada por direito próprio. As modernidades africanas, por exemplo, têm uma história profunda, altamente consciente de si, como mostra o acadêmico sul-africano Ntongela Masilela (2003a), consistindo em combinações mutáveis de discursos e práticas, com base nos quais os povos de todo o continente têm, desde há muito, vivido as suas vidas. [...] em suma, as modernidades africanas têm tido, desde há muito, as suas trajetórias próprias que, a nível moral e material, configuram a vida quotidiana. Têm fornecido meios diversos, embora distintos, que lhes permitem compreender ao mundo, moldar seres e identidades, condicionar eficazmente as condições presentes. A África, por exemplo, gerou possivelmente os exemplos mais dinâmicos das formas icónicas da cultura moderna, tais como o cristianismo popular, formas musicais de massa ou géneros cinematográficos. [...] Modernidade remete para uma orientação sobre a forma de estar-no-mundo, para uma *Weltanschauung* diversamente construída e diversamente habitada, para um conceito da pessoa enquanto sujeito consciente de si, para um ideal da humanidade enquanto ser pertencente a uma espécie, para uma visão da história como construção progressiva, feita pelo homem, para uma ideologia de progresso através do conhecimento cumulativo e de aptidões tecnológicas, para a busca de justiça através de uma governação racional, para um ímpeto implacável para a inovação cuja iconoclastia acaba por gerar um anseio por coisas eternas (cf. Harvey 1989, 10) (COMAROFF e COMAROFF, 2011, p. 07 - 09).

Então, as diversas formas de ser e estar no mundo como um sujeito consciente de si, são espelhos das diversas modernidades que hoje em dia se conectam por meio dos encontros reais e virtuais, pessoas e tecnologia. Essa conexão ultrapassou as barreiras territoriais, e com isso, outras formas de pensar, ser e estar, começaram a dinamizar o mundo. As tradições se reinventaram, localizaram-se, expandiram e retraíram. Giddens apresentou o termo pós-tradicional.

Durante a maior parte da sua história, a modernidade reconstruiu a tradição enquanto a dissolvia. Nas sociedades ocidentais, a persistência e a recriação da tradição foram fundamentais para a legitimação do poder, no sentido em que o Estado era capaz de se impor sobre “sujeitos” relativamente passivos. A tradição polarizou alguns aspectos fundamentais da vida social - pelo menos a família e a identidade social - que, no que diz respeito ao “iluminismo radicalizador”, foram deixados bastante intocados. Importante observar que, enquanto “moderno” significou “ocidental”, a influência contínua da tradição dentro da modernidade permaneceu obscura. Cerca de cem anos atrás, Nietzsche já “chamou a modernidade à razão”, mostrando que o próprio Iluminismo era um mito, formulando perguntas inquietantes sobre o conhecimento e o poder. Entretanto, Nietzsche era a voz. Solitária da heresia. Atualmente, a modernidade tem sido obrigada a “tomar juízo”, não tanto graças a seus dissidentes internos, mas como resultado de sua própria generalização pelo mundo afora. As bases não investigadas da hegemonia ocidental sobre outras culturas, os preceitos e as formas sociais da modernidade não permanecem abertos ao exame. (GIDDENS, 1997, p. 22).

Atualmente (2017), os estudos etnomusicológicos realizados no Brasil passam por uma transição, ou seja, começamos a ter voz nos espaços privilegiados, como nas academias, universidades, nos congressos, simpósios e encontros. São mulheres e homens, trans, gays, negros, negras, povos indígenas, lésbicas, brancos pobres, e outras pessoas que foram alocadas como inferiores e subalternizadas, que agora começam a produzir e divulgar conhecimento.

Com efeito, o objectivo de muita teoria pós-colonial tem sido o de romper com o *telos* ocidental da modernidade, de perturbar as narrativas em que ela assenta, de “provincializar a Europa” (Chakrabarty 2000), de “renarrar” o império (Makdisi 1992) – e, como insiste Homi Bhabha (1994a, 6) - de deslocar o processo de produção da teoria para um “lugar ex-cêntrico,” a fim de conseguir captar a energia inquieta e revisionista de vastas áreas da população planetária, cujas genealogias não remontam directamente às Luzes europeias. (COMAROFF E COMAROFF, 2011, p. 04).

Ao mesmo tempo, as teorias hegemônicas também apresentaram contribuições assertivas, e delas busco/busquei os conhecimentos, mas sem deixar de lado a criticidade e a importância dos saberes localizados. O desejo é/foi aprender a aprender sobre nós mesmos,

pois guardamos em nossas primeiras instâncias, nossos saberes e nossas epistemologias nativas. Esse movimento se faz/fez presente quando utilizei da tecnologia que a modernidade ocidental dispõe, e que está/estava ao meu alcance para realizar as práticas musicais, fosse apresentar um vídeo, executar obras musicais com o computador, apreciar alguma música/clip através do *youtube*, ou outra plataforma digital, apresentar tecnologias aplicadas a música, como gravar uma música, editar, como executar um instrumento, essas foram algumas das tecnologias aplicadas ao encontro.

Na figura da testemunha de uma modernidade pós-colonial temos uma outra sabedoria: ela vem daqueles que presenciaram o pesadelo do racismo e da opressão na luz banal do dia-a-dia. Eles representam uma ideia de ação e agência mais complexa do que o niilismo do desespero ou a utopia do progresso. Eles falam da realidade da sobrevivência e da negociação que constitui o momento de resistência, sua tristeza e sua salvação, mas que é raramente mencionada nos heroísmos ou nos horrores da história. [...]. *Que se há de fazer em um mundo onde mesmo quando você é uma solução você é um problema.* Isto não é derrotismo. é uma encenação dos limites da "ideia" de progresso, o deslocamento marginal da ética da modernidade. (BHABHA, 1998, p. 351).

5.6. Diário#6 Somos diferentes

Salvador, 13 de março de 2017. Ando sentindo-me esquisito. Outro dia, transitando pelo meu campo de pesquisa, disseram-me que eu era estranho, talvez tenha sido pela minha aparência com a barba grande, somado aos olhos puxados. Nesse me sentir estranho, comecei a refletir sobre as mudanças e transformações culturais que o mundo passou, e adentrei no universo dos processos das transculturações, por meio das quais tudo mudou, e se reconfigurou a partir do encontro e do contato com o/a “outro/a”. Quem é o/a outro/a? Hábitos diferentes? Culturas diferentes? Neste sentido, o que seria cultura? Penso que existem muitas culturas, não é um conceito fechado em si.

Mas não precisei ir para longe, bastou olhar a minha volta, eu estava no Pelourinho, Salvador/Ba, lugar/território turístico, controverso e repleto de simbolismos, histórias. Neste ambiente urbano, encontram-se as pessoas dessa pesquisa. Pessoas, muitas delas, também vistas como exóticas, estranhas, seja pelo jeito de se vestir, ou não vestir, seja pela forma como se comunicam, ou não se comunicam. O que sei, é que são pessoas portadoras de um imenso potencial criativo. Quando estávamos nas oficinas de música, a criatividade se desdobrava em práticas musicais, tudo ganhava outros sentidos, outros/novos sabores que não causavam

estranhamento, e sim, (re) conhecimento. Estávamos a construir outras histórias, agora baseadas em/com nós, com nossas ansiedades, interesses e desejos. Estávamos fazendo música.

A cada dia de oficina sentia que eu aprendia muito mais do que ensinava, fosse através do olhar, do riso, do choro, estávamos celebrando a vida por meio da música, colaborando na construção de outras visões sobre pessoas em vulnerabilidade social, sobre suas formações sociais e trajetórias.

As histórias oriundas dos centros hegemônicos/colonialistas, que nos forçaram a aceitar uma única história, foram narrativas que o mundo ocidental construiu e definiu o/a outro/a, o não europeu, como o bárbaro, o primitivo. Daí apareceu a categoria *étnico*. Categoria que é uma herança do discurso colonial e que escreveu e inscreveu na história uma perspectiva do não europeu e do não branco como o subalterno, como um selvagem, exótico, estranho.

Sinto que até os dias de hoje (2017) o paradoxo do conviver ainda causa estranhamento, e que, infelizmente, muitas das vezes, ainda reproduzimos discursos coloniais, continuidades coloniais. Por fim, devemos estar atentos e exterminar do nosso discurso, e do nosso dia-a-dia todas as continuidades coloniais.

A proposta foi localizar os territórios, e a partir dos saberes musicais de cada um, colaborar por alterações possíveis. Expurgar a unilateralidade da visão eurocêntrica que tanto nos alocou como categorias sociais subalternas.

A história da ocidentalização do mundo é a história da produção e reprodução da imagem que o próprio ocidente tem de si mesmo, inventando-se eurocentricamente enquanto inventa seu outro, o selvagem, o primitivo, o bárbaro, o étnico ou o exótico. (DOS SANTOS, 2013, p. 638).

As heranças do eurocentrismo perverso, fizeram-me refletir sobre alguns problemas ainda vigentes, que estão na dimensão das relações autoritárias de poder ainda característicos dos processos coloniais. Nesse sentido, a produção do/a outro/a como exótico/étnico, fez-se, e se faz, em diversos níveis, e em várias situações, seja entre nações, entre estados, entre comunidades, logradouros, e entre as pessoas.

A elite ilustrada brasileira de finais do século XIX – especialmente desde a década de 1970 – e princípios do século XX, foi fortemente influenciada pelo ideário positivo – cientificista, onde o racismo científico que apareceu na Europa no século XIX ocupou um lugar muito importante nas ações dos intelectuais brasileiros da época. O princípio dessas ideias era que dentro da sociedade existiam diferenças e estas eram visíveis nas características físicas, em particular pela cor da pele. O lugar mais alto era ocupado pelos brancos, já o último, pelos negros. Esses preceitos filosóficos afetaram gravemente as

relações sociais no Brasil, especialmente quando os escravocratas perceberam que a abolição da escravatura já era um fato irreversível. (MOLINA In. SALLES, 2015, p. 97).²⁶⁴

Ao escrever esta tese, percebi que na cidade de Salvador, apesar de ser a cidade mais negra do Brasil, os outros, os exóticos e os estranhos, são as pessoas que fazem parte da população negra, indígena, são os não brancos, os pobres, os LGBTQIA+ e tantas outras minorias.

Em casa, eu segui até a minha pequena biblioteca e peguei o livro História da Música Ocidental, de Jean e Brigitte Massin. Um bom livro, mas estava na cara que as narrativas eurocentradas tiveram a missão de explicar o que acontecia na Europa, já o que acontecia fora do ocidente, foi cunhado a partir da perspectiva hegemônica e muitas vezes cristã.

E onde estamos nós, nossos ancestrais, todos os não europeus? Nossas práticas e epistemologias foram alocadas como os saberes inferiores. Mas quais foram os parâmetros para analisar e descrever o não ocidental? Os parâmetros se construíram através da perspectiva da narrativa única, construída através de especulações unilaterais, em que nossos opressores não só nos fizeram “[...] interiorizar a visão dominante sobre nós mesmos, mas estruturou nossos modos de pensar, agir e sentir, criando uma espécie de *habitus* colonizado que reproduzimos cotidianamente”. (DOS SANTOS, 2013, p. 636).

Nesse caminho, muito da literatura antropológica foi construída através de uma espécie de antropologia de poltrona, “[...] servindo-se das informações fornecidas por viajantes, missionários e administradores coloniais, intérpretes mais capacitados”. (Idem, 2013, p. 639). Ou seja, pesquisadores e pesquisadoras ouviam falar do/a outro/a, e assim, a partir das descrições, criavam o seu roteiro.

A antropologia evolucionista foi a base desse discurso, somente a partir da introdução do pesquisador/pesquisadora de campo, e com a introdução da etnografia, e da prática da pesquisa participante, é que se abriu algum espaço para que pessoas fossem conhecidas a partir de outras perspectivas não exclusivamente ocidentais. No entanto, este pesquisador ainda era o “homem, branco, europeu ou norte-americano”. (DOS SANTOS, 2013, p. 640).

Esse propagar de um “desconhecimento sistemático” (TODOROV, 1989, in DOS SANTOS, 2013, p. 641), fez criar lugares de alteridades subalternizadas, onde o outro, não civilizado pelas luzes, carregou e ainda carrega o termo exótico e/ou étnico. O perigo de uma

²⁶⁴ MOLINA, Monica Velasco. O racismo, a desigualdade e a exclusão: o caso Brasil. In. SALLES, Severo (coord.). A diversidade das lutas sociais. Salvador, EDUFBA, 2015, p. 97.

narrativa única, apresentada ao mundo por Chimamanda Adichie,²⁶⁵ já nos diz há muito tempo que é urgente combater essas discrepâncias, “torna-se necessário uma guerra de guerrilhas que, entre outras táticas, opere uma constante inversão de ótica”. (DOS SANTOS, 2013, p. 642), ou seja, vamos (re) começar por nossas outras histórias, as histórias contadas pelas nações indígenas, pelos negros e negras, pelos nativos e nativas das suas/nossas terras, assim, iniciaremos uma sequência de novos/outros caminhos com outras perspectivas completamente diferentes das que nos foram impostas, muitas das vezes, pela força da bala e pela prescrição da cultura e língua do colonizador.

Numa perspectiva mais crítica, penso que precisamos observar, identificar e transformar as características que foram associadas negativamente em nossas línguas, e em todo nosso complexo “*self*”. Foram características que alocaram nossas culturas e nossas línguas como subdesenvolvidas, como meros dialetos.

Para desconstruir as histórias que nos fizeram acreditar serem verdadeiras, precisamos cultivar uma “formação discursiva contra hegemônica” (DOS SANTOS, 2013, p. 642), com isso, fortalecer discursos em que não se perpetuem mais os conceitos do exótico, ou de um senso estético que os ocidentais europeus insistiram/insistem em chamar de primitivo, ou arte étnica - artesanato.

5.7. Diário#7 Fale minha língua

Salvador, 02 de abril de 2017, 8h da manhã, deitado na cama penso como o mundo se transformou a partir da colonização. Dormi com esses pensamentos e acordei intrigado pelo período que trouxe mudanças irreversíveis, e que as origens se reconfiguraram com base em outros modelos culturais e assim ganharam outros sentidos.

Tudo mudou a partir da colonização, principalmente nos países africanos, onde os hábitos culturais dos povos autóctones começaram a sofrer mudanças profundas. A colonização introduziu à força, novos comportamentos e jeitos de ser, e principalmente, uma nova língua. E é sobre essa prisão da língua que gostaria de comentar.

A colonização mais cruel foi a da mente, e para isso, a língua foi o veículo fundamental para fascinar e capturar a alma dos povos colonizados. A língua não é uma mera sucessão de palavras, ela tem o poder de sugestão que vai além do significado, vai além do léxico imediato.

— *Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões/Gosto de ser e de estar/E quero me dedicar a criar confusões de prosódias/E uma profusão de paródias/Que*

²⁶⁵ Escritora nigeriana.

encurtem dores/E furtem cores como camaleões/Gosto do Pessoa na pessoa/Da rosa no Rosa/E sei que a poesia está para a prosa/Assim como o amor está para a amizade/E quem há de negar que esta lhe é superior? E deixe os Portugais morrerem à míngua/Minha pátria é minha língua. Fala Mangueira! Fala!/Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó/O que quer/O que pode esta língua?/Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas/E o falso inglês relax dos surfistas/Sejamos imperialistas! Cadê? Sejamos imperialistas!/Vamos na velô da dicção choo-choo de Carmem Miranda/E que o Chico Buarque de Holanda nos resgate/E (xeque-mate) explique-nos Luanda/Ouçamos com atenção os deles e os delas da Tv Globo/Sejamos o lobo do lobo do homem/Lobo do lobo do lobo do homem/Adoro nomes/Nomes em ã/De coisas como rã e imã/Ímã imã imã imã imã imã imã imã imã/Nomes de nomes/Como Scarlet, Moon, de Chevalier, Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé/E Maria da Fé/Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó/O que quer/O que pode esta língua?/Se você tem uma ideia incrível é melhor fazer uma canção/Está provado que só é possível filosofar em alemão/Blitz quer dizer corisco/Hollywood quer dizer Azevedo/E o Recôncavo, e o Recôncavo, e o Recôncavo meu medo/A língua é minha pátria/E eu não tenho pátria, tenho mátria/E quero fráttria/Poesia concreta, prosa caótica/Ótica futura/Samba-rap, chic-left com banana/(Será que ele está no Pão de Açúcar?/Tá craude brô/Você e tu/Lhe amo/Qué queu te faço, nego?/Bote ligeiro!/Ma'de brinquinho, Ricardo!? Teu tio vai ficar desesperado!/Ó Tavinho, põe camisola pra dentro, assim mais parecez um espantalho!/I like to spend some time in Mozambique/Arigatô, arigatô!)/Nós canto-falamos como quem inveja negros/Que sofrem horrores no Gueto do Harlem/Livros, discos, vídeos à mancheia/E deixa que digam, que pensem, que falem. (Língua, Caetano Veloso, 1984).

Após apreciar Caetano, ainda deitado na cama, peguei-me a imaginar como seria uma criança africana do período colonial. Imagino ela antes da colonização, reflito sobre o ato de aprender através da sua língua nativa, certamente momentos fascinantes de descobertas, em que a compreensão das palavras, seus sons e matizes, alcançavam significados reais, ancestrais, culturais. Agora imagino essa mesma criança, indo para uma escola colonial. É obvio que toda a harmonia se rompeu. Ou seja, a língua que ela deveria desenvolver e utilizar não era mais a língua da sua cultura. Assim aconteceu com os/as africanos/as, e assim aconteceu com as nações indígenas brasileiras, catequizados por jesuítas e obrigados a força a aprender o português.

Quando uma criança precisou aprender a língua do colonizador, quando ela não mais reconhecia o mundo a sua volta através de sua língua materna, quando ela não mais (re)conhecia sua cultura, foi aí que os processos de transformação cultural exerceram maior

domínio. Agora era outra língua, outro idioma que perpassava pelos processos de ensino e aprendizagem. Quando a língua da educação de uma criança não mais representava a sua cultura, tudo se transformou. Me pergunto:

— *Para onde foi o mistério?*

O colonizador institucionalizou as línguas inglesa, portuguesa e francesa como parte do progresso da educação “formal” - uma educação colonial.

Pensemos em algumas características das línguas: Primeiro, é um meio de comunicação, é veículo (da) para a cultura humana. Como ferramenta de comunicação a língua dialoga com a vida real. Já a fala expressa as palavras, e elas surgem como elementos de mediação. Posteriormente, em algumas culturas, a palavra passou a ser escrita, transformando-se não só numa imitação da oralidade, mas também, configurando-se como elemento de poder e perpetuação.

A língua como cultura, assemelha-se a um banco de memória coletiva da experiência de um povo na história (WA THIONG'O, 1986). Neste sentido, a cultura e a língua são praticamente indistinguíveis, pois muito se transmite através da linguagem (Idem, 1986). Mas quais histórias podemos, devemos, e queremos contar? A cultura é o reflexo da comunicação entre humanos, e a linguagem como cultura, constrói as imagens e seus significados na cabeça de uma criança, a língua como cultura, media o eu comigo mesmo, e com os/as outros/as. (Idem). Wa Thiong'o explica que a linguagem como comunicação e cultura, são produtos interdependentes, ou seja, a comunicação cria a cultura e a cultura surge como meio de comunicação.

O colonialismo impôs o controle sobre a produção social da riqueza através da força, mas a área mais afetada foi a mente dos colonizados (Idem). O europeu exerceu o controle através da cultura, idealizou e construiu modos, sob os quais as pessoas percebiam-se a si mesma e suas relações com o mundo, a partir de uma visão eurocêntrica. Sem a imposição da língua, o controle político e econômico não seria total, nem efetivo. Foi somente através do domínio das mentes e das imposições culturais, que o europeu conseguiu dominar e escravizar vários povos, suas relações entre si, e com os/as outros/as.

Durante anos, a aprendizagem para uma criança africana, na era colonial, converteu-se numa atividade extremamente cerebral, deixou de ser uma experiência repleta de sentidos e significados. A alienação colonial fez criar mentes colonizadas. Mentes alienígenas em seus próprios mundos.

Uma libertação da alienação colonial que insiste em nos rodear, começará de fato, quando iniciarmos a contar nossas histórias em nossas línguas: Tupi, Macro-Tupi, Macro-Jê,

Aruak, ou, quando começamos a aprender, por exemplo, com os africanos da África do Sul.²⁶⁶ Por lá reconhecem 11 línguas oficiais: Zulu, Xhosa, Afrikaans, Sepedi, Inglês, Tswana, Southern, Sotho, Tsonga, Swazi ou SiSwati, Venda, Ndebele.

A Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, no intuito de incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, ainda não é aplicada no Brasil de forma eficaz, e assim, seguimos sem conhecer nossa história, nossa cultura, muito menos nosso processo formativo enquanto povo.

9h, levanto da cama com uma questão evidente: Para um regime colonialista, seu pior inimigo é um povo que dissemina e vive suas heranças culturais, sua oratura, suas línguas vernáculas, e suas crenças. Continuei o dia com intenções de ser subversivo. Passei o resto da manhã pensando que ser subversivo é uma missão, é um ato de guerra política.

Algumas escritoras africanas já começaram a escrever em línguas africanas, com essa atitude, elas se tornaram perigosas, pois ameaçam os poderes colonialistas, (CIS) normativos e opressores. É preciso que língua comece a falar diretamente da (e com a) vida das pessoas (WA THIONG'O, 1986).

No Brasil, além da imposição da língua portuguesa, ocorreu que a elite política intelectual, muito ainda influenciada pelas teorias raciais, desejou branquear nossa população. É só lembrar dos projetos de imigração que foram implantados e realizados no país.

[...] O Brasil é um país que vive o racismo estrutural sustentado na hegemonia da brancura. Isso marca privilégios por parte da população branca e inviabiliza o acesso da população negra, em amplo aspecto, aos territórios existenciais, políticos, econômicos e sociais. (MAIA, Kenia Soares e ZAMORA 2018, p. 283).

O processo de colonização da mente também se deu pelo silenciamento de vozes. Foram pessoas que tiveram suas vozes amputadas pelo poder hegemônico, racista e patriarcal. Hoje (2020) vivemos esse abismo econômico e social, além da guerra racial. Pessoas com muito e pessoas sem nada. A colonização portuguesa fez um excelente trabalho (na perspectiva do colonizador), num território tão vasto como o Brasil, eles conseguiram implantar a língua portuguesa como a língua oficial, e hoje somos o reflexo dessa estrutura de dominação que começou pela catequização da língua.

²⁶⁶ A maioria das pessoas falam de 3 a 5 idiomas.

A miséria como construção social foi perpetrada ao longo dos séculos por todas as formas de domínio. As diversas situações que fazem/fizeram muitas pessoas estarem em situação de rua foram/são consequências e reflexos dessas explorações, extorsões, assassinatos e aniquilamento social que sofremos ao longo da história. Precisamos de oportunidades, de comprometimento social e político.

5.8. Diário#8 Irreversível

Salvador, 04 de abril de 2017, 07h:40min da manhã, devido a tantas incertezas, eu acordei com a sensação de que ainda estamos vivendo o período colonial. Muitas das vezes que chegava no campo de pesquisa, eu me deparava com inúmeras situações e falas das interlocutoras e interlocutores:

— *Professor eu não vou fazer aula hoje, ontem eu me desorganizei muito, estou muito cansado.*

Outra fala:

— *Eu não quero ficar na roda não, tá de boa aqui, vou ficar olhando, tudo bem?*

Outra pessoa:

— *Não posso ficar, já estou de saída. Vou buscar comida agora, pois estou com fome, depois eu chego na aula.*

Todas essas falas fizeram parte do campo de pesquisa. São pessoas que tentaram participar, mas que pela correria do dia, não tiveram tempo de permanecer/participar, ou de manter uma rotina nos encontros.

Este é um ponto importante a ser esclarecido. Acredito que esta pesquisa conseguiu alcançar sua potência de ser realizada, pois as atividades que tinha para oferecer, coincidiram com os desejos das pessoas que frequentaram os campos de investigação. Um encontro entre demandas, eu interessado em investigar até onde poderíamos chegar com as práticas musicais, e as pessoas interessadas em aprender, tocar, cantar, participar de algo de seu interesse.

Muitas dessas pessoas, apesar das dificuldades cotidianas, são/estão organizadas, a sua maneira, mas, organizadas. Participam de diversos projetos sociais, sabem em que lugar podem encontrar apoio, abrigo para dormir, lugar para comer, muitos e muitas são assistidas por psicólogos, assistentes sociais, profissionais da Defensoria Pública, terapeutas e outros profissionais da área da saúde, ou seja, pessoas em vulnerabilidade social, porém organizadas e conectadas com os serviços dos dispositivos do sistema de garantias de direitos da cidade de Salvador.

Ao mesmo tempo, existe uma grande quantidade de pessoas que estão nas ruas, que ainda não acessaram este patamar de organização, mas acredito que, a partir de ações conjuntas dos profissionais da rede de saúde e direitos, e dos profissionais das artes, será/é possível aproximar essas pessoas dos seus direitos. O Programa Corra pro Abraço foi/é um exemplo disso, através da música, teatro, dança e outras atividades artísticas, aproximaram/aproximam o cidadão dos seus direitos.

Como já dito, é preciso refletir sobre a fome, complicado pensar, imagine tocar com fome? As necessidades básicas estão ligadas a questões de sobrevivência. Como já dito, só tenho a agradecer, pois durante a investigação no Programa Corra pro Abraço, todas as atividades foram seguidas do lanche, no Movimento de População de Rua, tive apoio dos lanches pelo grupo Multiplicação do Bem, e muitas vezes, pelo próprio Movimento. No CAPS Gregório, a instituição também disponibilizou a comida, assim como no projeto com a SEMPRE, quando garantimos o almoço durante os ensaios e o lanche nas apresentações. Em outros encontros, lanchávamos juntos numa lanchonete próxima a sede do MPR, que fica localizada na Rua do Tijolo, esquina com a J. J Seabra, conhecida por Baixa dos Sapateiros, local onde normalmente estacionava o veículo, ou em outros lugares pelas ruas. O ato de comer e tocar impulsionaram os encontros. Gastropolítica.

Nessa pluralidade de sentidos, muitas realidades conviveram ao mesmo tempo e construíram/ampliaram seus territórios, ideias, e percepções sobre o espaço social, político e subjetivo. Muitas das vezes, aconteceram momentos de produtividade e momentos agradáveis, outras não. Nosso contexto histórico (de cada indivíduo) em interação cotidiana com as matrizes da desigualdade e com nossos marcadores sociais da diferença, influenciaram toda a dinâmica dos encontros, e diria que da vida em geral.

No entanto, na conjuntura atual, as diferenças ainda persistem. Esse foi o ponto, refletir sobre as diferenças, conduziu-me a visualizar o surgimento de possíveis subversões ao antigo binarismo imposto pelo colonialismo (colonizado e colonizador), esse binarismo que fez surgir as diversas formas de controle. Essas formas de controle imprimiram nas pessoas diferenças gritantes. Vamos direto ao ponto, quais exatamente são/foram essas diferenças? “Que tipo de diferença é essa e quais as suas implicações para a política e para a formação dos sujeitos na modernidade tardia?” (HALL, 2003, p.101).²⁶⁷

²⁶⁷ Stuart Hall foi um teórico cultural e sociólogo jamaicano que viveu e atuou no Reino Unido a partir de 1951.

Ella Shohat²⁶⁸ trouxe argumentos em que o termo pós-colonial criou deslocamentos universalizantes e implicações despolitizantes. A crítica consistiu exatamente na ambiguidade teórica e política. (SHOHAT, 1992). O termo pós-colonial, “dissolve a política de resistência, uma vez que não propõe uma dominação clara, nem tampouco demanda uma clara oposição”. (HALL, 2003, p.102). Anne McClintock²⁶⁹ criticou o conceito pós-colonial, exatamente por sua linearidade. As duas autoras citadas por Hall, apontaram que o termo foi utilizado para determinar o final de um período, “como se o colonialismo e seus efeitos estivessem definitivamente terminado”. (Idem, 2003, p.102). Se o “Pós”, neste sentido, significa o que passou, o termo se tornou ambíguo, pois não se sabe ao certo se traz/trouxe uma característica epistemológica ou cronológica. Para Arif Dirlik²⁷⁰ o conceito celebrou o fim do período colonial, mas trouxe em si, discursos pós-estruturalistas.

Se o colonialismo pode ser comparado a coisificação, o pós-colonial pode equivaler ao culturalismo. “Preocupa-se com questões de identidade e sujeito e, portanto, não pode explicar o mundo fora do sujeito” (HALL, 2003, p. 122). Sendo assim, o momento posterior a descolonização apareceu como um movimento de críticas para um deslocamento das relações globais. Tudo ainda está muito enraizado, o que persiste, é que ficou mais evidente a identificação da colonização como o processo de expansão exploratória, ou seja, o modelo capitalista instaurado após 1942.

O termo não pode ser usado de forma universalista, já que existiram e existem diferentes momentos na história, sendo assim, é importante perceber que nem todas as sociedades são/foram Pós-coloniais, no entanto, “[...] o Pós-colonialismo repercute os problemas apresentados pelo capitalismo global, está “em sintonia” com as questões deste e, consequentemente, serve a seus requisitos culturais”. (HALL, 2003, p. 125).

O conceito pode colaborar na descrição e/ou caracterização das mudanças nas relações globais, quando essas se referem as tentativas do processo geral de descolonização, que, tal como a própria colonização, marcou de formas distintas, porém com igual intensidade nas sociedades colonizadoras e colonizadas.

Uma das principais contribuições do termo foi forçar-me a compreensão de que a colonização nunca foi algo externo as sociedades das metrópoles imperiais, mas sim, esteve diretamente ligado a elas. O termo sugere novas formas de poder e caracteriza uma transição

²⁶⁸ É professora de estudos culturais na Universidade de Nova York.

²⁶⁹ É professora afiliada ao Princeton Environmental Institute e ao Departamento de Inglês da Universidade de Princeton.

²⁷⁰ Historiador americano de origem turca que publicou extensivamente sobre historiografia e ideologia política na China moderna, bem como questões de modernidade, globalização e crítica pós-colonial.

da era dos impérios para o momento da pós-independência. Traz/trouxe a ideia de uma libertação do controle colonial direto pela formação de novos/outros Estados nação, mas instaura novas relações de dependência colonial com o mundo capitalista. São os efeitos secundários da colonização.

O poder da tradução pós-colonial da modernidade reside em sua estrutura performativa, deformadora, que não apenas reavalia os conteúdos de uma tradição cultural ou transpõe valores "trans-culturalmente". A herança cultural da escravidão ou do colonialismo é posta diante da modernidade não para resolver suas diferenças históricas em uma nova totalidade, nem para renunciar a suas tradições. É para introduzir um outro locus de inscrição e intervenção, um outro lugar de enunciação híbrido, "inadequado", através daquela cisão temporal - ou entre-tempo. [...]. As diferenças na cultura e no poder são constituídas através das condições sociais de enunciação: a cesura temporal, que é também o momento historicamente transformador, em que um entre-espaço se abre no intervalo da intersubjetiva "realidade dos signos... destituídos de subjetividade" e o desenvolvimento histórico do sujeito na ordem dos símbolos sociais. Esta transvaloração da estrutura simbólica do signo cultural é absolutamente necessária para que na renomeação da modernidade se dê aquele processo da agenda ativa da tradução O momento de "construir um nome para si", que emerge através da "indecidibilidade... [em ação] em uma luta pelo nome próprio dentro de uma cena de endividamento genealógico". Sem essa reinscrição do próprio signo - sem uma transformação do lugar de enunciação - há o perigo de que os conteúdos miméticos de um discurso ocultem a fato de que as estruturas hegemônicas do poder sejam mantidas em uma posição de autoridade através de uma mudança de vocabulário na posição de autoridade. Há por exemplo um parentesco entre os paradigmas normativos da antropologia colonial e a discurso contemporâneo das agendas de auxílio e desenvolvimento. A "transferência de tecnologia" não resultou na transferência de poder ou no deslocamento de uma tradição neocolonial de controle político através da filantropia - uma posição missionária bem conhecida. (BHABHA, 1998, p. 333, 334).

Depois da pesquisa sobre a abordagem do período colonial como momento devastador e transformador, voltei a pensar a música como vida social, e no quanto a música esteve/está inscrita na vida das pessoas em situação/contexto de rua. Gregory Bateson²⁷¹ trouxe a ideia de que "[...] as artes são essenciais para a sobrevivência humana porque servem à função de integrar diferentes partes do eu e integrar os indivíduos entre si e seu ambiente". (TURINO, 2008, p. 12). Pois era isso o que estávamos a fazer em nossos encontros:

²⁷¹ Estudou zoologia em Londres e biologia em Cambridge. Desenvolveu uma atenção especial às relações entre esquizofrenia e comunicação, que originou a Teoria do Duplo Vínculo (Double Bind). Em suas pesquisas sobre as interações humanas, a partir da investigação das formas animais de comunicação, como em estudos de caráter ecológico e etnográfico, sua preocupação era sempre epistemológica. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gregory_Bateson.

— *Bebida é água, comida é pasto, você tem sede de quê? Você tem fome de quê? A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte, a gente não quer só comida, a gente quer saída para qualquer parte. A gente não quer só comida, a gente quer bebida, diversão, balé, a gente não quer só comida, a gente quer a vida como a vida quer. Desejo, necessidade, vontade, necessidade, desejo, eh, necessidade, vontade, eh, necessidade.* (Comida: Arnaldo Antunes/Sérgio Brito/Marcelo Fromer, banda Titãs).²⁷²

Em nossos encontros estávamos rodeados de sons e sonoridades, silêncios e sentidos, desde a percepção dos sons ao nosso redor, como em nossas rodas de conversa, na qual chegamos a discutir que, até dormindo, vivenciávamos experiências musicais, seja a partir dos sonhos ou pesadelos, a música circunscreve nossos modos de agir, e de se relacionar com o mundo e com as pessoas. Nessa perspectiva, os encontros colaboraram para a percepção sócio musical do próprio entorno geográfico do centro de Salvador.

— *Quais são/foram os sons que ouvimos/ouvíamos em nossos trajetos pela cidade?*

Pensar/saber que música é movimento, que é expressão de um povo, e que tem em sua singularidade o poder de dizer muito sobre algo, ou alguém, fortaleceu-nos enquanto partícipes de algo. Nossas músicas nos auxiliaram a demarcar nossos territórios sonoros e nos colocaram em conjunto com outras formas de agir, sentir, e de pensar.

A música fez/faz parte dos processos da vida humana e se relaciona diretamente com as atividades e modos de se viver das pessoas. Não existe uma sociedade sequer que não tenha experimentado a música como ponto de partida para alguma relação social. “[...] a música não é uma simples forma de arte. [...] ela se faz presente através de várias práticas, onde objetivos, experiências, valores e funções sociais são extremamente variadas”. (TURINO, 2008, p. 20).

A música como vida social veio se transformando drasticamente ao longo dos anos. Em nossa contemporaneidade, principalmente nos centros urbanos, configura-se muito mais num fazer musical para apresentação e entretenimento, do que num fazer musical participativo, mas isso não é uma regra. No entanto, os encontros e as danças não deixaram de ser participativas, pois as pessoas interagiram/interagem, comunicam-se e trocam experiências.

As relações humanas ideais emergem apenas naqueles momentos especiais - da música e da dança, do amor, do trabalho esportivo e do *timing*, da conversa sem paralelo, dos silêncios compreendidos, dos rituais comunitários - e depois desaparecem. (TURINO, 2008, p. 20).

²⁷² Letra disponível em <https://www.vagalume.com.br/titas/comida.html>. Acesso em 26/02/2018.

Estávamos inseridos em um caldeirão efervescente, no qual se mesclava o aqui, e o lá, ou seja, depois das colonizações, as teorias pós-coloniais releeram o período anterior como um processo global de transculturação. O conceito do pós-colonial ajudou-me a compreender que o termo aponta para o crescimento do capital local e suas relações de dependência neocolonial com o mundo dito desenvolvido capitalista, ou seja, o Pós-colonial imprimiu novas/outras relações de poder. Essa reflexão conduziu-me para um campo diametralmente oposto, a partir daí foi possível pensar através de uma perspectiva Decolonial, que implica uma luta contínua contra poderes colonialistas.

Numa tarde na cidade de Santo Amaro, no I Enicecult, realizado pela Universidade Federal do Recôncavo Baiano, em 2017, apareceu a discussão sobre os termos Decolonial e Descolonial.

— *Qual a diferença entre os termos decolonial e descolonial?*

Fui buscar a explicação dos termos e encontrei as explicações de Colaço e Fanon:²⁷³

Preferimos utilizar o termo “decolonial” e não “descolonial”. O conceito em inglês é decoloniality, sobre esse termo existe um consenso entre os autores vinculados a essa perspectiva de estudo. Já com relação à tradução para espanhol e português não há uma posição unânime. Entretanto, preferimos o termo decolonial, pelos mesmos motivos que Walsh (2009, p. 15-16). A autora prefere utilizar o termo “decolonial”, suprimindo o “s” para marcar uma distinção com o significado de descolonizar em seu sentido clássico. Deste modo quer salientar que a intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua. (COLAÇO, 2012, p. 07, 08, nota de rodapé).

A descolonização, sabemos-lo, é um processo histórico, isto é, não pode ser compreendida, não encontra a sua inteligibilidade, não se torna transparente para si mesma senão na exata medida em que se faz discernível o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo. A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas que extraem sua originalidade precisamente dessa espécie de substantificação que segrega e alimenta a situação colonial. Sua primeira confrontação se desenrolou sob o signo da violência, e sua coabitação – ou melhor, a exploração do colonizado pelo colono - foi levada a cabo com grande reforço de baionetas e canhões. O colono e o colonizado são velhos conhecidos. E, de fato, o colono tem razão quando diz que "os" conhece. É O colono que fez e continua a fazer o

²⁷³Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/99625/VD-Novas-Perspectivas-FINAL-02-08-2012.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >.

colonizado. O colono tira a sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial. (FANON, 1968, p. 26).²⁷⁴

O processo de descolonização, foi/é um movimento que esteve associado às guerras anticoloniais, e apareceu como um processo de superação do colonialismo, já o aporte/postura Decolonial surgiu como uma abordagem que pretende ultrapassar historicamente a colonialidade, ou seja, uma abordagem que compreende que ainda existem continuidades coloniais.

A busca por um termo que ao mesmo tempo dialogue e liberte as epistemologias que foram cerceadas pela colonização, não é unânime, mas a opção de usar o termo Decolonial traz/trouxe possibilidades de enfrentamentos, no qual o pensamento Decolonial parece exercer a função de desconstrução do poder hegemônico e colonialista do conhecimento, isso favorece/favoreceu um florescer de outras/novas formas de conhecimentos, conhecimentos oriundos dos que foram alocados como subalternos e periféricos.

Parece que tudo está no limite, realizei ações no limite, estamos pensando no limite, e pensar no limite, sugere que: “o Pós-colonial não é a descrição de nada, nem de ninguém em particular, mas sim, um discurso que procura constituir o mundo na auto - imagem dos intelectuais que se veem ou passaram a se ver como intelectuais Pós-coloniais” (HALL, 2003, p. 121). O “Pós-colonial apresenta tanto ao colonizador quanto ao colonizado um problema de identidade” (Idem, 2003, p. 122), que também repercutiu nos problemas apresentados pelo capitalismo global em interação com o local.

Pensei na obra *O príncipe*, de Maquiavel, e ampliei minhas percepções sobre as dicotomias modernas da globalização: local *versus* global. O poder euro centrado, em oposição aos territórios (des) construídos nas cidades, em suas expressões locais (epistemologias subalternizadas), frutos de heranças sociais, comportamentos, estruturas econômicas, e das questões interseccionais.

Novas/outras formas de controle foram negociadas, e os críticos que se recusaram em romper com as barreiras disciplinares, criaram uma nova ordem capitalista. Com isso, instaurou-se uma incompatibilidade conceitual entre as dimensões temporal e crítica, em que o desmantelamento do paradigma colonial com o termo Pós-colonial, conduziu-nos a pensar no limite, ou além do limite. (HALL, 2003).

²⁷⁴ FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Prefácio de Jean Paul Sartre. Tradução de José Laurênio De Melo. Civilização Brasileira, 1968.

Portanto, o “Pós-colonial” surge/surgiu como um movimento que partiu de uma concepção de diferença para *differance*.²⁷⁵ No entanto, não existiu um *antes* e um *agora*, mas o termo conduziu a compreensão para entendermos: “os binarismos como formas de transculturação, de tradução cultural, destinadas a perturbar para sempre os binarismos culturais do tipo aqui/lá”. (HALL, 2003, p. 109).

Qual é a luta da tradução em nome da modernidade? Como nos apropriamos catacreticamente da genealogia da modernidade e a abrimos a tradução pós-colonial? O "valor" da modernidade não está localizado, a priori, no fato passivo de um acontecimento ou ideia de uma época - do progresso, da civilidade, da lei - mas tem de ser negociado no interior do poder "enunciativo" do discurso. O brilhantismo do relato de Claude Lefort sobre a gênese da ideologia nas sociedades modernas está em sugerir que a representação da regra, ou o discurso da generalidade que simboliza a autoridade, é ambivalente porque arrancado de sua operação efetiva. O novo ou o contemporâneo aparecem através do ato de cisão da modernidade como acontecimento e enunciação, época e cotidiano. A modernidade como signo do presente emerge nesse processo de cisão, nesse lapso, que dá à prática da vida cotidiana sua consistência como contemporânea. É porque o presente tem o valor de um "signo" que a modernidade é iterativa, um questionamento contínuo das condições da existência, tornando problemático seu próprio discurso não apenas "como ideias", mas como posição e status do locus do enunciado social. (BHABHA, 1998, p. 334, 335).

Os hábitos dos diversos grupos de pessoas ao redor do mundo, configuraram-se a partir das transformações, dialogaram com as consequências das transculturações, e por vezes, geraram acontecimentos perturbadores. Ao pensar nos acontecimentos perturbadores, em 04 de abril de 2017, enquanto escrevia este diário, fui ler as notícias na internet e vi o bombardeio químico que deixou 60 pessoas feridas e 58 mortos na cidade de Khan Shijun, no sul da província de Idlib, no norte da Síria. Todas as pessoas eram civis. Quando li essa notícia, deu-me imensa tristeza. Mais tarde constatei que os índices de homicídio no Brasil, superaram as estatísticas

²⁷⁵ “[...] O neologismo "differance", traduzido por vezes por "diferância", por vezes por "diferência"(dando conta do signo sempre como resultado simultâneo da "diferença" (*différence*), tal como a compreende Saussure, como do diferir (*différer*), onde o sentido do termo nos remete sempre para o que veio antes como o que vem a seguir, o eixo paradigmático como o eixo sintagmático, o sincrônico como o diacrônico, lançando-o incontornavelmente numa "semiose infinita" e impossibilitando radicalmente qualquer análise que o pudesse cristalizar numa "presença" a si. *Différence* joga assim com o fato da palavra francesa *différer* poder significar tanto "diferir" ("postergar" / "adiar", em termos diacrônicos, o que nos remete para uma temporalização, para atividade, para a fala, para o uso, para a gênese), quanto "diferenciar" (em termos Saussurianos, onde os termos se determinam reciprocamente na estrutura da Língua, não detendo um significado "em si", mas determinando-se pela relação diferencial que estabelecem com os demais termos, sincronicamente, o que nos remete para um espaçamento, para passividade, para língua, para esquema, para a estrutura)”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques_Derrida.

de guerra da Síria.²⁷⁶ Então, refletir sobre o que passou e o que se passa no mundo, e como isso influenciou/influencia nosso momento atual, pareceu-me importante para sistematizar este trabalho. Ou seja, trazer/compartilhar no texto, os percursos, ideias, situações, conceitos e teorias que vivenciei durante a investigação. Uma investigação que procurou seguir o lema/tema: “ame pessoas e use coisas”, e não o contrário.

Retomo este diário em 2020, em meio a pandemia mundial do Covid-19,²⁷⁷ somente para deixar registrado que fica evidente o quão necessário e urgente precisamos nos reabastecer dos afetos e das epistemologias do amor, do cuidado e da caridade. Os tempos atuais são sombrios, além da pandemia,²⁷⁸ o Brasil vive um (des) governo que intimida a sociedade, e avança pela lógica do terror, incita pessoas ao ódio, criam e divulgam ideologias perturbadoras, as “*fakenews*”, oprimem e fazem com que milhares de pessoas fiquem desamparadas. Os atuais atentados que a democracia no Brasil vem sofrendo, atrelado a falta de políticas públicas eficientes, demonstram-nos que é tempo de estarmos juntos.

— *Enquanto houver racismo, não haverá democracia!*

— *Ninguém solta a mão de ninguém!*

Finalizo esse diário com o desejo em compartilhar música e expandir os afetos. Mais amor por favor!

²⁷⁶ Entre 2001 e 2015 houve 786.870 homicídios, a enorme maioria (70%) causados por arma de fogo e contra jovens negros. Os números da violência no maior país da América Latina atingem dimensões ainda mais preocupantes ao se compararem com guerras internacionais deste século. Desde que começou o conflito sírio, em março de 2011, morreram 330.000 pessoas. A guerra de Iraque soma 268.000 mortes desde 2003. Brasil, com 210 milhões de habitantes, é o país que mais mata no século XXI. Disponível em: El País. Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 2017. https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/11/politica/1513002815_459310.html.

²⁷⁷ Ver anexo I — Nota técnica sobre a população em situação de rua em tempos de pandemia: um levantamento de medidas municipais emergenciais. Junho 2020.

²⁷⁸ Ver anexo J — Manifesto sobre as mortes das pessoas em situação de rua na pandemia em Salvador.

6. ANÁLISE ESTRUTURAL

Como já dito, de 2017 até dezembro de 2019 foram realizados mais de 150 encontros musicais, dos quais, aproximadamente 40 encontros aconteceram no Programa Corra pro Abraço, 60 encontros na sede do MPR, e mais uns 50 encontros no CAPS Gregório.

Trabalhamos diversos temas musicais, dentre os quais destaco: “Alguém me avisou” (Dona Ivone Lara) “Sorriso Negro”(Adilson Barbado, Jair de Carvalho e Jorge Portela), “Sonho meu”, (Dona Ivone Lara e Délcio Carvalho) “Canto das três raças” (Paulo Cesar Pinheiro e Mauro Duarte), “O bêbado e a equilibrista” (João Bosco e Aldir Blanc), “Quero ser feliz também” (Alexandre Carlo Cruz Pereira), “Vitoriosa” (Ivan Lins), “Asa branca” (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira), “Xote das meninas” e “Sabiá” (Luiz Gonzaga e Zé Dantas), “A paz” (Gilberto Gil e João Donato), “Não chores mais” (Gilberto Gil), “Vamos fugir” (Gilberto Gil e Liminha), “Pais e filhos” (Marcelo Bonfá, Dado Villa-Lobos e Renato Russo), “Que pais é esse?” e “Tempo perdido” (Renato Russo), “Amor Perfeito” (Michael Sullivan, Paulo Massadas, Lincoln Olivetti e Robson Jorge Roberto Carlos), “Caminhando e cantando” (Geraldo Vandré), “A bola da vez” (Jocyclee e Toinho do Vale), “Eu só quero um xodó” (Dominguinhos e Anastácia), “O que é, o que é? (Gonzaguinha), “Minha Alma - A Paz Que Eu Não Quero” (Marcelo Yuka), “Lilás” (Djavan) “Protesto Olodum” (Tatau e Paulo Moçambique), “Revolta olodum” (Domingos Sérgio e José Olissom), “Deusa do Amor” (Caetano Veloso e Moreno Veloso), “Faraó divindade do Egito” (Luciano Gomes), “Nossa gente - Avisa lá” (Roque Carvalho), “Beija-flor” (Xéxeu e Zé Raimundo) “Maracangalha” (Dorival Caymmi), “A semente” (Roxinho e Bezerra da Silva), “A fumaça já subiu pra cuca” (Adelzonilton, Tadeu do Cavaco e Bezerra da Silva), “Comida” (Arnaldo Antunes, Sérgio Brito e Marcelo Fromer), e as autorais que constam no Anexo B, dentre outras obras.

Praticamos meditação, yoga, consciência prânica, alongamentos, relaxamentos. Desenvolvemos a respiração, audição e percepção como princípios do fazer musical. Por meio da apreciação e prática musical foi possível perceber o desenvolvimento acerca da sensibilidade em música. Ampliamos o entendimento sobre os elementos musicais, como: ritmo, melodia, harmonia e parâmetros como: altura, intensidade, duração, timbre, além de discutirmos sobre andamentos, forma musical, dentre outros. As práticas musicais colaboraram para a construção de novas/outras texturas e arranjos nos temas trabalhados. Os temas/músicas que tratavam sobre diversidade, cidadania, lazer, educação e cultura, colaboraram para o desenvolvimento da prática de composição, improvisação e performance.

Os encontros musicais proporcionaram uma melhor consciência corporal, revelaram o corpo como vetor semântico e veículo de expressão e linguagem, seja no fazer o ritmo com palmas e pés, seja em se expressar com a voz e/ou por meio de movimentos corporais. Aprimoramos o conhecimento sobre pulsação, pulso musical, células e levadas rítmicas de diversos gêneros musicais, como o Samba, o Reggae, o Partido Alto, o Samba-Reggae, o Rock, o Rap e o Funk. Estes gêneros se configuraram como epistemologias localizadas, foram/são gêneros que fazem parte da vida das pessoas envolvidas.

Pude perceber que os objetos de estudo não foram necessariamente os materiais musicais em si, mas como eles foram organizados na cabeça de cada participante, a partir das suas trajetórias de vida. Nesta perspectiva os processos culturais não foram os materiais musicais, nem as músicas e temas trabalhados em si, mas a organização cognitiva destes fenômenos materiais na mente de cada pessoa. (KUBIK, 2010).

Com isso, todo o processo de aprendizagem se deu muitas das vezes por meio de processos mnemônicos,²⁷⁹ no qual, a partir de algum pulso musical, alguma pulsação, e respectivamente utilizando-se das divisões das sílabas de determinadas palavras, pudemos praticar diversos gêneros musicais. O Samba-Reggae, por exemplo:

— *Pão, café, pão, chocolate, pão / café, pão, chocolate, pão...*

— *Tum, tumtum, tum, tumtumtumtum, tum / tumtum, tum, tumtumtumtum, tum...*

Neste caso, “pão” corresponde a uma semínima, “café” a duas colcheias, e “chocolate” a quatro semicolcheias.

Percebi também que os fenômenos e comportamentos musicais estavam atrelados aos gêneros musicais mais apreciados por essas pessoas, com isso, o aprendizado ocorreu de forma extremamente prática, em que as relações de tempo e espaço na música ficavam ampliadas.

Exemplo:

— *Você está começando no lugar errado!*

Ou

— *Você poderia tocar mais rápido e aí entra certinho.*

Ou ainda:

— *Você poderia começar aqui.*

²⁷⁹ “É um conjunto de técnicas utilizadas para auxiliar o processo de memorização. Consiste na elaboração de suportes como os esquemas, gráficos, símbolos, palavras ou frases relacionadas com o assunto que se pretende memorizar”. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=mnem%C3%B4nicos&oq=mnem%C3%B4nicos&aqs=chrome..69i57j0l5.1993j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>.

Ou seja, tudo aconteceu de forma orgânica. Neste processo, pude perceber que as músicas que as interlocutoras traziam, com seus textos e melodias representavam muito elas mesmas, seus gostos, aspirações memórias e desejos. As interlocutoras e interlocutores carregam consigo suas sonoridades (o que ouve/escuta, o que toca, o que dança, como toca, como dança). Essas sonoridades são/foram parte fundamental de suas epistemologias localizadas, falo de epistemes profundas, por meio das quais se tramam/tramaram os sentidos e revelam/revelaram os significados de múltiplas referências históricas de suas experiências de vida, de seus corpos na sociedade.

As práticas musicais colaboraram como caminhos possíveis para a dinamização das identidades das pessoas. O aumento da autoestima e o envolvimento social ampliou os interesses individuais pela música e suas correlações. A prática musical colaborou para a expressão e (re) criação social de homens e mulheres. Neste sentido, estávamos todos e todas inseridas em processos formativos de ensino-aprendizagem (transmissão), reativando nossos gostos e interesses, interagindo a partir da dialética entre o indivíduo x coletivo e seu espaço/tempo psicossocial e musical.

Tudo começava e terminava no indivíduo. O seu “*self*”, ou seja, sua totalidade de hábitos específicos que dinamizaram seus processos identitários. Estas dinâmicas apareceram através dos hábitos de cada pessoa, ampliados através de práticas compartilhadas com/entre outros indivíduos. Tudo isso inserido num ambiente de musical, no qual foi possível destrinchar diferentes caminhos no processo de compartilhar os diferentes hábitos, através dos marcadores sociais de cada um. No entanto, os hábitos são dinâmicos e mutáveis, portanto, dialogávamos com/a partir das transformações e mudanças que aconteciam a cada encontro.

Estávamos todos e todas inseridos num fenômeno/acontecimento musical em que as práticas musicais colaboraram efetivamente para a socialização de homens e mulheres. O jeito de ser de cada um influenciou o fazer musical, mas, ao mesmo tempo, as práticas musicais também influenciaram os hábitos e jeitos de ser de cada pessoa envolvida. Essa dinâmica possibilitou a percepção de que somos muitos, somos seres transdisciplinares, ou seja, homens e mulheres em situação/contexto de rua, que são mães, pais, amigos, músicos, alunos, professores, comerciantes, ativistas, estudantes, educadores. Nesta análise, os hábitos e jeitos de ser de cada participante, influenciaram diretamente nas dinâmicas das práticas musicais e vice-versa, isso gerou aprendizado, amabilidades, socialização e entrega necessária para se fazer música estando em vulnerabilidade social.

Mas para que essa análise se torne mais densa, penso ser necessário adentrar na estrutura desta tese. Portanto, como um fractal, desejo apresentar e refletir sobre o que aprendi e desaprendi, o que tive que desaprender para aprender.

[...] a análise já não se define tradicionalmente por sua capacidade de recorte, decomposição, ou de divisão-redução em elementos mais simples, mas por suas propriedades de "compreensão", e de "acompanhamento" dos fenômenos vivos e dinâmicos. (ARDOINO, 1999, p. 177).

Como uma rede lançada ao mar e em que seu interior algo se agita, ou como o tear de uma aranha que pretende configurar seu espaço/tempo no entrelaçar de uma teia, pretendo aqui construir as costuras da tese. Não só refletir sobre os desafios do campo e pós-campo, mas ampliar e trazer essas experiências aos campos emocionais, pessoais e institucionais, ou seja, como as instituições também aprenderam e desaprenderam em seus modos de institucionalizar e formalizar seus espaços, quando muitas das vezes, encurralados em seus próprios processos assistenciais e formativos, acabaram formalizando e classificando normas e condutas, o que gera/gerou suas próprias rotinas, ideias, e jeitos de se fazer as coisas. Os diversos modos operantes de cada espaço, as ideias e ações de seus financiadores, suas gestoras e gestores, profissionais, técnicos.

Este desaprender/aprender proporcionou outras/novas formas de agir, tratar e se relacionar com os espaços institucionais e pessoas que estão em vulnerabilidade social, portanto, outras reflexões e críticas, surgiram a partir do questionamento das próprias estruturas vulneráveis, o que ampliou o entendimento da existência também das vulnerabilidades das estruturas (BASAIL RODRÍGUEZ, 2017; BUTLER, 2006, 2014; BECK, 1998; ALEXANDER, 2000), ou seja, as diversidades de ações e políticas institucionais que acercaram as formas e jeitos de realizar políticas, fossem elas públicas ou pessoais.

Infelizmente a tendência de institucionalizar o usuário é presente (gritante), e é um sintoma de grande parte da rede de atenção e assistência social soteropolitana. No entanto, essa pessoa, usuária dos serviços, é livre, e dialoga com as diversas instituições que fazem parte do SGD e outras. Para esse sujeito adentrar nessa circulação de espaços, é porque já existe, de certa forma, uma consciência política, nem que seja de cuidado pessoal, falo das micropolíticas do ser.

Mesmo com alguns abusos por drogas, ou faltas (não presença) nas diversas atividades propostas pelos inúmeros espaços, esse sujeito se articula, organiza-se e frequenta o que lhe convém, o que lhe apetece. Compartilha seus saberes, cria laços de amizade e vínculos pela

cidade. As instituições precisam compreender que os usuários não são delas, e sim, beneficiam-se das suas políticas assistenciais sociais e culturais.

Trago um relato de quando trabalhei no Ponto de Encontro, local onde inúmeras vezes tive que parar a atividade pois alguns beneficiários do serviço me diziam que precisavam sair mais cedo para dar tempo de chegar e participar de outras atividades em outros dispositivos da rede. Apresento aqui um dos diversos diálogos que aconteceram com usuários do Ponto de Encontro:

— *Professor, desculpa, mas tenho que sair agora.*

— *Mas, porque agora?*

— *Sabe o que é? Tenho encontro no CAPS com meu psicólogo.*

— *Ah legal, claro, pode ir, mas você vem amanhã?*

— *Professor amanhã eu não posso porque vou ter aula de inglês, lá no CAPS também.*

— *Venha depois da aula então...*

— *Olha não vai poder, porque vou me encontrar com o preparador físico lá do outro projeto, depois vou ter uma sessão de acupuntura e tenho que sair correndo pra pegar o rango e chegar no abrigo. Você sabe, tem hora pra entrar.*

A essa hora, já extremamente curioso se teria mais alguma atividade, perguntei:

— *E depois disso tudo, tem algo ainda pra fazer?*

— *Sim, vou na Defensoria Pública conversar sobre um caso, pedir orientação, sabe?*

Nesse momento percebi que essa pessoa, apesar dos problemas sociais postos, estava muito mais organizada do que eu. Eu não tenho psicólogo, preparador físico, sessões de acupuntura, aulas de inglês, muito menos, uma advogada. Então esse imaginário que perversamente insiste em colocar uma pessoa em situação/contexto de rua, como uma pessoa desarticulada, suja, ignorante, marginal, está completamente equivocado. Muitas interlocutoras e interlocutores desta tese, estão/são ativamente atuantes em seus processos políticos, dialogam com e a partir de seus desejos e também por meio das instituições que frequentam e mantêm seus vínculos, constroem outras formas de convivência com as ruas, instituições, com suas demandas, desafios, desejos e aspirações.

Essa e outras experiências fizeram-me perceber que muitas dessas pessoas já alcançaram um grau de articulação pessoal e institucional, e que não existem fronteiras/barreiras. Elas dialogam com as diversas formas possíveis de se viver e beneficiam-se das políticas públicas vigentes. Ademais, as instituições poderiam aprender muito com suas experiências e suas capacidades de agenciamento pessoal, são agentes da própria mudança, na/para busca e proteção dos seus direitos.

Ser uma pessoa em situação de rua é uma realidade que cresce no Brasil, mas não por isso, essa pessoa se enquadra nesse arquétipo de miserabilidades que o imaginário social perverso construiu/constrói. Existe muita vida, muito amor e esperança, muita beleza, talento e dons. São pessoas articuladas social e politicamente, que apesar dos desafios sociais e pessoais, conseguem manter a alegria e a força para seguir adiante.

Das instituições, não somente as pesquisadas, mas também, as que conheci e que tive a oportunidade de conviver e trabalhar, percebo a necessidade de transformação cotidiana, pois os desafios mudam, as políticas mudam, os políticos mudam, ou seja, urge manter e/ou construir a capacidade de desaprender e aprender através de novas/outras formas de interagir com as beneficiárias dos dispositivos e com a sociedade em geral, aí se incluem os diálogos institucionais, mas também os pessoais, pois como já dito, o pessoal é político.

Por todas as coisas que poderiam estar escritas neste trabalho, e que por questões diversas ficaram de fora, pois não é/foi objetivo aqui falar explicitamente dos egos institucionais, nem dos egos pessoais no cuidado e atenção com pessoas menos favorecidas. Não creio que caiba, mas desejo deixar registrado que enfrentei desafios pessoais e institucionais.

No entanto, foi por muitas vezes, a partir das vulnerabilidades das estruturas, que pude desenvolver projetos e trabalhos direcionados às estruturas vulneráveis, que são muitas, e em diversos níveis, como já dito, vulnerabilidade é um substantivo comum, comum a todos nós.

Pessoas em vulnerabilidade social que encontraram força para seguir em frente, a força para manter uma rotina e uma organização social, que posso chamar, a partir de minhas experiências em solo Zapatista,²⁸⁰ de experiências de guerrilha. Embora cada um tenha seu percurso, foi a força da necessidade e do desejo que movimentaram as dinâmicas e ações das interlocutoras desta tese.

Um das fundações deste processo de pesquisa, foi perceber a liberdade destas pessoas em trânsito pela rede de atenção psicossocial, e ao mesmo tempo, a visão institucionalizante dos espaços que atendem a essas pessoas. Essa questão precisa ser discutida, pois não existe ingenuidade institucional, as instituições querem colaborar, sim, mas também querem construir seus campos de atuação e possuir seus beneficiários (clientes), institucionalizando sua (re) vitimização. Mas as pessoas são mais que isso, elas se difundem e

²⁸⁰ Durante meu estágio de doutorado sanduíche na Cesmeca-Unicach. San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México, 2020.

se articulam a seu critério, estão aqui e ali, em todos os lugares possíveis que possam lhe trazer benefícios e também vivenciar atividades educativas, sociais, musicais, desportivas.

Ter elegido esses campos específicos em detrimento de outros, e inclusive, o contato direto nas ruas, deu-se através de alguns critérios básicos que desejo expor aqui e não na introdução, pois não teria esse sentido ampliado que desejo trazer e dialogar com você leitor/a. Portanto, a partir das minhas inquietações percebi que precisava interagir com pessoas de diversos territórios e diferentes realidades, pessoas que viessem dos lugares mais distintos da cidade de Salvador, portanto, estar nestes espaços institucionais, fez com que eu também me deslocasse do meu território até essas sedes, e da mesma forma, diversas pessoas oriundas de diversos territórios de Salvador também se deslocaram até as sedes destes espaços, sendo assim, estes espaços se configuraram como um âmago, um local de encontro de pessoas diferentes, com diferentes trajetórias, desejos e aspirações, vindas de diversos pontos da cidade e que ali nos encontrávamos para fazer música.

O segundo ponto importante foi que, dentre alguns resultados da pesquisa *Cartografia dos desejos e direitos*, já comentada anteriormente, o gráfico 6 apresentou alguns dos motivos que as pessoas buscam para acessar os serviços/instituições que compõem o Sistema de garantias de direitos (SGD), e dentre os diversos motivos, a busca por atividades arte educativas e sócio educativas estava acima da busca por moradia, portanto, esse dado quantitativo reforçou meu desejo de estar nestes espaços. Assim, com muita humildade, ofertei inicialmente as oficinas de música, que, como já dito, logo se transformaram em encontros permeados por práticas musicais. Constatei que, o que eu tinha para oferecer, seria bem recebido pelas pessoas beneficiárias destes espaços, e, portanto, coloquei-me a serviço do fazer música e do que poderia acontecer com essas práticas.

Saber que as pessoas que frequentavam estas instituições estavam em busca de atividades artísticas e musicais foi fundante para eleger esses espaços como campos de investigação, ou seja, juntou as minhas intenções de pesquisador, com a vontade das pessoas em desenvolver/aprender algo sobre música, assim, percebi que poderia colaborar significativamente com essas pessoas e com seus processos de ensino e aprendizagem, transmissão e mediação cultural.

E por fim, minha condição de ser homem branco, lido como branco, hétero e cheio de privilégios, como dito, não posso e não devo fugir da minha condição e da minha masculinidade, dos meus marcadores sociais. Portanto, foi a partir da minha própria existência e respeito às vidas que fizeram/fazem parte dessa investigação, que busquei estar nos espaços em que as pessoas queriam estar e desejavam compartilhar seus saberes e experiências. Assim,

pude tornar-me mais útil e fomentar junto com essas pessoas, possibilidades de transformação social a partir e por meio de práticas musicais.

A análise concluinte é que sem os vínculos firmados nada seria possível, e que, esta tese é/foi um recorte temporal desse tempo, no qual as práticas musicais se entrelaçaram com as demandas sociais das pessoas participantes. Foi a partir das práticas musicais que pude dialogar com outras pessoas e instituições. Juntos, (re) configuramos nossos modos de ser e dinamizamos nossos discursos, agora com um olhar mais atento para questões que antes se mostravam invisibilizadas, como questões de raça, classe, orientação sexual, identidade de gênero, geração, acessibilidade, questões sobre moradia, assistência social, arte e cultura, política, economia, saberes localizados e tudo o que foi possível viver, por meio das práticas musicais.

A análise é/foi temporal e carrega em si, a permanência e a constância das alterações, mudanças e transformações que são/foram possíveis durante o tempo de doutoramento. No final, o entendimento é que pesquisamos vida, das/com as pessoas, suas situações e demandas.

Na perspectiva de uma análise que contemple, compreenda e acompanhe os fenômenos vivos e dinâmicos, percebi que existem uma diversidade de formas de violências que vivenciei/vivenciamos no processo da pesquisa. Essas violências geram/geraram outras formas de convivências violentas. Como no caso citado no subcapítulo: “3.2.2. Pós-campo”, quando a equipe de filmagem da Prefeitura da cidade de Salvador, adentrou ao CAPS Gregório e iniciou a filmagem com os beneficiários do dispositivo, mesmo quando havíamos combinado de aguardarem minha chegada para uma possível interlocução e mediação pedagógica. Ou seja, essa ação foi/é uma forma de violência institucional, que obviamente, gerou todos os transtornos posteriores e outras formas de violências. Foram violências que desencadearam outras violências, inclusive, a física.²⁸¹

A sensação que transborda é que as instituições sentem-se donas dos espaços e das pessoas. O poder institucional com suas lógicas institucionalizantes, introduzem suas “regras”²⁸² e/ou “estratégias” de convívio, assim, cada espaço institucional, a partir de seus gestores, colaboradores e principalmente, financiadores, executam as suas próprias “regras”. Como dito, demorei meses para tirar a primeira foto nestes campos de pesquisa, mas a equipe de filmagem da Prefeitura já chegou com o equipamento ligado:

²⁸¹ Ver o anexo A — Relatório nº 24 - Relatório Ponto de Encontro / Salvador, setembro de 2013 e relatório nº 25 - Relatório Ponto de Encontro / Salvador, outubro de 2013. Nestes relatórios descrevo sobre outros episódios de violência.

²⁸² Ver o anexo A — Relatórios do Ponto de Encontro, nº 20, 23 e 24. Nestes relatórios aparecem as discussões sobre a criação das “regras” e “estratégias” de convivência no Ponto de Encontro.

— *Ação! gravando!*

São/foram violências como essa, que geram/geraram as pessoas e sonoridades excluídas, e aqui compreendo essas sonoridades, como as diversas formas de ser e estar, sentir e pensar de cada um. É mais do que música, trata-se de vidas. Percebo que no fundo, todos nós somos agentes de saúde, e portanto, todos nós devemos/deveríamos colaborar para potencializar horizontes menos conflituosos e mais amorosos. Afinal, é/foi a partir das práticas musicais que mantivemos nossos processos de mediação cultural, construímos, potencializamos, mas, principalmente mediamos nossos saberes e práticas. Portanto, as instituições deveriam muito mais mediar do que ditar os fins com as suas lógicas e regras.

No entanto, essas regras e estratégias fazem parte da sobrevivência das instituições, que dentre outras necessidades, precisam dos/as “seus/suas” usuários/as, beneficiários/as, clientes, e com isso, precisam provar em números os atendimentos realizados, disponibilizar os relatórios e dar conta de toda uma demanda de atividades e ações para garantir seu funcionamento dentro do Sistema de Garantia de Direitos. Ao meu ver, essas relações devem/poderiam ser melhor arquitetadas, pois as referências quantitativas não dão/darão conta da complexidade que envolve os diversos trabalhos ligados/direcionados a pessoas em vulnerabilidade social.

Como atualmente existem inúmeros espaços que desenvolvem ações direcionadas a pessoas em vulnerabilidade social, cabe comentar sobre as comunidades terapêuticas religiosas que exercem o trabalho, muitas das vezes, promovidas pelo Governo Federal no “combate” ao uso de crack, perceba, não é redução de danos, e sim, combate ao uso.

Como abordado no subcapítulo: “3.2. Chegando ao campo”, quando estive na Assembleia Legislativa de Salvador e participei das discussões sobre os investimentos do governo nas instituições que trabalham com usuárias/usuários de drogas. Aí discutimos sobre o atual modelo das comunidades terapêuticas que obrigam seus/as usuários/as a participarem de práticas religiosas. Essa situação, configura-se como uma forma de violência que perpassa pessoas com problemas relacionados ao abuso de drogas, e outras questões. A obrigação/submissão dos/as usuários/as desses serviços de participarem de cultos, pregações, tratamentos e práticas religiosas sem a sua vontade, faz parte das violências institucionais.

Ou quando fui impedido pela gestão de uma das instituições que compoem o SDG, de realizar um documentário audiovisual com os/as beneficiários/as que frequentavam este dispositivo. Na época, eu assinei um documento de que não o faria, exatamente para garantir a demanda da solicitação institucional. No entanto, meses depois, ví-me participando, dando entrevistas, e realizando mediações pedagógicas entre uma equipe de filmagem e pessoas em

situação de rua e vulnerabilidade social, para um documentário, que em uma de suas temáticas, apresentaria, de certa forma, assim como essa tese, as relações entre a música e pessoas em situação de rua. Este documentário, de acordo com as informações que me foram passadas pelo produtor, foi promovido/financiado pela televisão do Estado.

Em algum momento das gravações, perguntei a essa equipe de filmagem se existiu alguma resistência por parte da mesma instituição que negou-me a realização do documentário audiovisual, a equipe me informou que não, que não houve nenhum impedimento. Ou seja, a partir dessa informação, ficou evidente o poder da Tv do Estado, que pelo poder institucional que possui e exerce, pôde realizar as filmagens sem impedimentos, mas eu, como investigador, fui impedido.

Posteriormente, mesmo tendo participado das gravações e mediado muitas filmagens entre essa equipe e as pessoas em situação de rua, num determinado momento, quando solicitei algum material audiovisual ao produtor, para realizar comunicações e discussões acadêmicas, não obtive sucesso. Foi exatamente quando realizei meu estágio de doutorado sanduíche no México, que gostaria de ter tido a oportunidade de apresentar, não só as imagens e vídeos que capturei,²⁸³ mas também, outros/novos projetos e produtos audiovisuais que foram desenvolvidos durante o processo de pesquisa com pessoas em situação de rua. Solicitei outras vezes ter acesso as imagens, e novamente informei ao produtor que seria exclusivamente para fins acadêmicos, mas, mesmo assim, o produtor do filme não disponibilizou o material.

Compreendo as preocupações do produtor, que provavelmente assinou um contrato de exclusividade de imagens com a Tv, e sei que, de acordo com as lógicas do mercado, as imagens e vídeos são do financiador, neste caso da Tv.

— *Mas o que pesquisamos?*

— *Vida!*

Imaginei que apresentar algumas imagens captadas pela equipe da Tv estatal, nas comunicações desta pesquisa, que também é pública e que está vinculada a uma Universidade Pública Federal, seria uma coisa boa para todos, ou seja, estaríamos a promover visibilidade, é disso que se trata, criar cada vez mais espaços de visibilidade, e neste caso, também colaboraria na divulgação deste rico material que foi produzido pelas ruas e instituições de Salvador/Ba.

A negativa de acesso as gravações, nas quais colaborei como mediador pedagógico, cultural e social, caracterizou-se como uma forma de violência, pois não pude apresentar/comunicar/discutir com e a partir destes outros/novos olhares contemporâneos,

²⁸³ Acesso: <https://www.instagram.com/musicainvisivel>

situações/questões que envolvem práticas musicais e pessoas em situação de rua, nos congressos e seminários que participei, além dos/nos campos de pesquisa.

Ou como comentado no subcapítulo: “3.2.2. Pós-campo”, quando das três apresentações combinadas de serem realizadas com o patrocínio da Prefeitura da cidade de Salvador, somente conseguimos realizar duas, a terceira nunca aconteceu, o que gerou frustração entre os participantes do projeto, pois o que mais queríamos era tocar e apresentar nossa música, promover visibilidade, reforçando:

— *É disso que se trata!*

A impossibilidade de manter a terceira apresentação, e nenhum comunicado oficial do porque não foi possível realizar o evento, também foi uma forma de violência institucional. Os/as integrantes da banda Tambores da Alegria e alguns/as participantes do coral “vozes da rua” questionaram-me sobre o porque não haveria a terceira apresentação:

— *Professor o que aconteceu? Por que não vamos mais tocar?*

Simplesmente não ocorreu a terceira apresentação, pois não houve mais interesse por parte da Secretaria e da Prefeitura em manter o evento. Ou seja, são/foram as instituições que determinam o que acontece e o que não acontece, no entanto, da nossa parte, nós só queríamos tocar, o que mais queríamos era fazer música, e nos preparamos pra isso. Essas ações/decisões afetam/afetaram a vida de muitas pessoas, pois foram expectativas que não foram cumpridas, e sim, foram abandonadas, esquecidas. Como dito, a prefeitura pagou a terceira parcela do cachê, mas o dinheiro não aplacou a frustração que foi gerada.

— *O mais importante pra gente era tocar, ver e ser visto, apresentar nossas ideias e nosso roteiro musical que desenvolvemos com muita determinação e disciplina durante todo o ano de 2019.*

Ou, ainda no mesmo subcapítulo, para o mesmo evento, quando comento que nos foi exigido uma performance profissional, além de nos sugerirem músicas para nosso repertório. Como dito, tratava-se dos festejos de natal, então nos solicitaram um repertório natalino.

— *Então é natal, e o que você fez? O ano termina, e nasce outra vez. Então é natal, a festa Cristã. Do velho e do novo, do amor como um todo. Então bom natal, e um ano novo também. Que seja feliz quem, souber o que é o bem.* (Então é Natal. Versão da música “Happy Xmas (War Is Over)” de John Lennon por Simone).²⁸⁴

A questão é que, como já dito, éramos uma banda composta por pessoas em tratamento num centro de atenção psicossocial, nós já tínhamos nosso repertório, um roteiro construído

²⁸⁴ Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/simone/entao-e-natal.html>.

com esforço e dedicação, a partir dos desejos de cada participante. Ou seja, o que mais queríamos era mostrar nossa produção musical, ter visibilidade a partir da nossa construção musical, e não somente nos adequar as lógicas propostas para conseguir visibilidade, e/ou adentrar a determinados projetos.

São/foram essas outras faces das violências institucionais que permearam todo o processo da pesquisa, violências que nos cercearam/cerceam, nos impediram/impedem e nos invadiram/invadem com suas dinâmicas, muitas das vezes, impositivas, exclusivistas e determinantes.

A análise dos desafios e das violências, faz-se importante, pois nem tudo foram flores, houve também desencontros e desencantos, mas é/foi importante aprender com os desafios, aprender a questioná-los.

Trazer a tona essas questões nesta tese, revela a importância do debate para situações que, muitas das vezes, ficam/ficaram omitidas/escondidas e que não são/foram compartilhadas. Portanto, existem/existiram vulnerabilidades nas estruturas que dialogam/dialogaram com as estruturas vulneráveis, muitas das vezes, diálogos desiguais, no entanto, todo o processo é/foi de aprendizagem e crescimento.

Esta análise, portanto, configura-se como um recorte temporal desse momento, em que os desafios forçaram-me a construir, formular e ampliar meu próprio trabalho como músico, educador e pesquisador. A análise transforma-se em crítica social, e carrega em si, aspirações e desejos por transformações possíveis e sensíveis, que favoreçam a construção de uma sociedade mais igualitária, com maior equidade, justiça social e oportunidades para todos e todas. Somos música e somos vida.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início desta pesquisa tive como meta oferecer aos interlocutores e interlocutoras deste trabalho uma devolutiva, portanto, durante o processo de realização eu me apliquei não só como pesquisador, mas também como coparticipante, músico, parceiro, ouvinte, professor, mediador, redutor de danos, educador social, e sinto que colaborei com ofertas de aulas, oficinas e workshops de música, vivências e práticas musicais em interação real com as interlocutoras e interlocutores deste trabalho, suas vidas e situações cotidianas.

A devolutiva foi fundamental, pois essa etnografia musical só foi possível através das vivências e experiências obtidas junto as interlocutoras e interlocutores durante a pesquisa. Não me baseei na perspectiva que Geertz chamou de “mim antropólogo – você nativo” (GEERTZ, 2001, p. 91).

Carlos Sandroni em seu artigo: *“O lugar do etnomusicólogo junto às comunidades pesquisadas: “devolução” de registros sonoros como imperativo científico”*, exprime a necessidade da mudança do papel do etnomusicólogo junto as interlocutoras e interlocutores dos trabalhos:

[...] a distância que separava o pesquisador do informante parecia ser enorme, e só superada parcialmente, nos melhores casos, durante o trabalho de campo, que implicava um esforço financeiro e pessoal proporcionalmente grande e, por isso, necessariamente limitado no tempo. Nessas condições, é possível que o único consolo ético que restasse aos antropólogos fosse o de estar registrando amostras da diversidade cultural humana antes que elas desaparecessem. Pelas mesmas razões, era mais difícil aproveitar o potencial científico do retorno das informações. Mas hoje, como sabemos, as coisas mudaram. Com elas, têm mudado também os papéis dos etnomusicólogos junto a seus colaboradores. (SANDRONI, 2004, p. 50).

Música (in) visível colaborou para aflorar afetos, vínculos, subjetividades e outras materialidades musicais, como elementos importantes na construção e manutenção dos encontros musicais com pessoas em situação/contexto de rua. Foram pessoas em situação/contexto de rua, que atuaram no carnaval baiano, talvez a maior festa do planeta, gravaram um disco, atuaram nos palcos da Prefeitura pela cidade, frequentaram as oficinas de música, palestras, encontros, e toda uma rede de assistência social. Aprenderam, ensinaram, brincaram, riram e choraram.

Foram dias de performances e protagonismos. Durante todo o processo, o que também pude perceber foi em como as pessoas se uniram e se mobilizaram em prol do bem comum,

neste caso, o fazer musical que reverberou em outros fazeres coletivos. Acredito que as experiências vivenciadas expandiram para todas as dimensões das sociabilidades.

Muitas das vezes, ainda um fazer musical invisibilizado, alocado como marginal, periférico, sem valor. Muitas vezes subalternizado pelas grandes estruturas de poder normativas, classistas, racistas, sexistas, colonialistas.

Mas aos poucos fomos ganhando terreno, fomos ampliando o volume das vozes e abrindo espaço para outras sensações. Aí surgiu a importância de divulgar esta experiência para a maior rede de pessoas possíveis. Carlos Sandroni, em seu artigo (2004), revelou algumas ideias de Oneyda Alvarenga²⁸⁵ sobre o retorno das pesquisas para as comunidades:

Em qualquer ciência [...], as pesquisas são feitas para serem divulgadas, aproveitadas, exploradas [...] por quantos delas saibam usar e delas necessitem para a construção de algo mais amplo e mais fundo, que converta os dados obtidos que sempre com o auxílio da coletividade, em obra que reverta em benefício dela, de que ela possa usar largamente. (Oneyda Alvarenga, in SANDRONI, 2004, p. 51).

Fazer música com pessoas em situação/contexto de rua, inseriu-se no contexto da desconstrução das pedagogias hegemônicas de ensino e aprendizagem. Nossas músicas falaram de nós, falaram por nós, para nós e para as outras pessoas. Nossas práticas musicais revelaram muito sobre nós, de onde viemos, quem somos e para onde queremos ir. Elas colaboraram na demarcação de nossos territórios e nos colocaram em conjunto com outros sistemas e formas de ser, estar, agir, pensar e sentir.

Neste contexto urbano e conflituoso, muitas das vezes as relações de raça e gênero são gerenciadas pela cultura do ódio, foi exatamente aí que os fazeres musicais de mulheres e homens em situação/contexto de rua, transgrediram as barreiras epistêmicas hegemônicas de produção de conhecimento.

Todas as ações propostas e desenvolvidas com essas pessoas, colaboraram significativamente para o fortalecimento da participação dos mesmos em temas sociais emergentes e relevantes, e em suas possíveis transgressões, principalmente nas questões/situações que envolveram/envolvem o dia-a-dia dessas pessoas. Neste ponto vale

²⁸⁵ Oneyda Alvarenga discípula de Mário de Andrade, ocupou-se pelo acervo dos/das pesquisadoras paulistas que participaram em 1938 do projeto chamado: *A missão de Pesquisas Folclóricas*. Essa pesquisa durou aproximadamente cinco meses e durante o processo foi registrado um rico material sonoro nos estados da Paraíba, Pernambuco, Pará e Maranhão. Posteriormente Oneyda produziu discos e publicações sobre esta pesquisa e as enviou para universidades, instituições culturais e bibliotecas no Brasil e exterior. Oneyda especializou-se em crítica musical sendo uma grande referência na documentação da origem e do folclore da música Brasileira. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Oneida_Alvarenga. Acesso em 21/07/2018.

ressaltar como muitas interlocutoras e interlocutores reconheceram a importância dos encontros²⁸⁶ e trabalhos ligados a música.

Muitas interlocutoras e interlocutores começaram a investir mais tempo nas oficinas, maior dedicação, mais empenho e vontade de aprender mais sobre música. As propostas das atividades trouxeram reflexões sobre o contexto urbano:

— *Onde vivo?*

— *Quem eu sou?*

— *O que devo fazer para melhorar minha vida?*

— *O que poderíamos fazer juntos para melhorar nossa comunidade e nosso convívio?*

Aprendemos juntos, brincamos, tocamos, cantamos, conversamos, ouvimos as histórias uns dos/das outros/outras, desejos e aspirações. Sinto que como educador e pesquisador, colaborei com estas conquistas e com a realização destes sonhos. Estar presente e participar das ações fortaleceram a construção do nosso imaginário musical, das nossas emoções e sensibilidades.

Foram encontros de criação musical e que tudo, todas e todos estavam no mesmo barco, envolvidos e misturados. Os gostos musicais não nos separavam, pelo contrário, nos uniam, nos abraçavam. Cada um apresentou seus estilos, e suas aspirações ao fazer música. Neste processo, observamo-nos através de letras, ritmos, melodias, harmonias, gêneros musicais, e assim na alteridade, enxergávamos nós mesmos e os/as outros/as.

Uma canção pode dizer muito sobre alguém, uma canção pode dizer muito por alguém. Trata-se das sonoridades de epistemes profundas. Acredito este ser um excelente ponto de partida e de encontro para trabalhos desenvolvidos com pessoas que estejam em vulnerabilidade social²⁸⁷ e/ou em situação/contexto de rua.

A boa onda foi criar outros/novos olhares para os mesmos espaços e para outros que tivemos acesso. Começamos a (re) ler o mundo através da arte, filosofia, e ludicidade em diferentes contextos. Com isso, sinto que as interlocutoras e interlocutores começaram a se (re) conhecer cada vez mais como portadoras de ideias e conteúdos preciosos, pessoas mais responsáveis consigo mesmas e com as outras.

²⁸⁶ Ao andar pelas ruas do centro da cidade, que é o local mais frequentado pelos interlocutores e interlocutoras desta tese, eu fui inúmeras vezes reconhecido e valorizado como educador/professor.

²⁸⁷ Reforçando: Não nos esqueçamos que todos nós somos vulneráveis. A vulnerabilidade é um substantivo, não um adjetivo.

As práticas musicais desencadearam diversos processos que colaboraram para transformar e implantar no dia-a-dia das suas vidas, novas/outras ações voltadas ao cuidado pessoal, ao respeito entre as pessoas, além de instigar o cuidado com o espaço onde convivem.

A comunicação e forma de falar das interlocutoras e interlocutores também melhoraram muito, começaram a ter mais paciência uns com os outros e a respeitar a vez de cada um falar. Foi um processo de descoberta de novos/outros valores e jeitos de ser a cada instante.

Como educador, aprendi que o mais importante foi estar juntos e participar. O “estar junto” alimentou os processos de criação, e o sentimento de pertencer a um grupo foi incrível. No contexto das práticas musicais com pessoas em situação/contexto de rua, posso afirmar que juntos desenvolvemos a sensibilidade, a percepção, a atenção e a importância de saber ouvir/perceber o outro, aspectos associados à conquista de uma boa comunicação grupal.

Às vezes, não precisava de conteúdos elaborados, e sim, somente um olhar, um sorriso:

— *Bom dia, como vai você? Vamos tocar? Chega pra roda!*

Foi assim que se construiu e se deu o vínculo, as parcerias, e as possibilidades para novas perspectivas, novas formas de estar, sentir e ver o mundo.

Além dos desafios já expostos no capítulo “6. Análise estrutural”, tive o desafio de me despir de conceitos pré-elaborados e compreender que, como já dito, o mais importante foi estar junto e viver nossas possibilidades, isso pode se resumir em amor ao próximo e amor a si mesmo, saber ouvir/escutar, permitir-se a sentir, conversar e colaborar com o bem-estar de todos e todas, neste caso, colaborar por meio de práticas musicais contextualizadas, as quais simplesmente deixei acontecer e acreditei no que poderiam dar.

A oportunidade de interagir com diferentes pessoas, suas musicalidades/sonoridades e suas memórias afetivas, potencializaram novos/outros caminhos para a compreensão da imensa diversidade de modos de se fazer música em territórios urbanos, locais que, às vezes, não são/estão tão férteis, mas que, com paciência e sensibilidade, podemos ver aflorar novas/outras sensações e sentidos para/com a vida. O caminho dos acontecimentos, às vezes (in) tensos, ensinou-me a confiar no poder do encontro, com isso, os desafios, inclusive os institucionais, transformaram-se em incentivos, e em força para seguir adiante.

Percebi também uma melhoria significativa na qualidade emocional das pessoas envolvidas, obviamente, principalmente a minha. Apesar de ser uma percepção subjetiva, notei que as pessoas estavam mais confiantes. Ali se estabeleceu um espaço de trocas, de escutas, de compartilhamentos. Percebi que muitos começaram a cuidar mais de si e do espaço físico por

onde transitavam, começaram a ter mais cuidado com o próximo, como falar, pedir, perguntar, interagir.

Nos encontros sempre ocorreu o desejo e interesse de aprender algo, de participar de algo. Compreendi que essas atitudes e ações são/foram pequenas transgressões transdisciplinares na rotina dura de uma pessoa em situação/contexto de rua. Essas transformações foram possibilitadas por meio do encontro e fazer musical.

[...] o fazer musical em conjunto promove a convivência, o sentido de empatia, a ordem e harmonia em sociedade e o aprimoramento de faculdades emocionais e mentais. Também o sentido de coletividade, e não apenas este, mas sua ideia atrelada à importância de pertencer a um grupo, cada qual com funções e características próprias e individuais. Uma nova proposta de leitura interdisciplinar, que inclua a educação musical como uma via de acesso à promoção da saúde, integra novas perspectivas no âmbito da ciência, das políticas de saúde e dos programas de educação escolar básica. (TÉLIZ, 2012, p. 46).

Por meio das pedagogias do amor, do encontro e do desejo, construímos novas/outras possibilidades e sensibilidades no processo de estar junto. Fomentamos novas parcerias e pudemos ter acesso a outros materiais pedagógicos, em outros contextos e formas de se viver e ver o mundo. Foram epistemologias localizadas que marcaram e demarcaram nossos territórios sonoros (SEGATO, 2007; TORRES, 2011). Talvez não só marcaram, mas também ampliaram e liberaram nossas sonoridades.

Na prática, fazer a roda, chamar para perto, começar com uma música, tocar o violão ou pandeiro. Trazer à tona repertórios que circundam/circundaram o imaginário coletivo, como as obras de Luiz Gonzaga ou Olodum, músicas que já fazem parte da memória afetiva dessas pessoas. Chamar para cantar, interagir, sorrir, instigar a busca pelo conhecimento e pelos processos de transmissão.

O fazer musical por pessoas em situação/contexto de rua foi/é resultado de um longo processo de confiança, aceitação, agradecimento e entrega. Foram encontros de cocriações musicais, em que foi possível multiplicarmos nossos desejos e ampliarmos nossos limites. Aprender a ir além.

Foi a partir das trocas dos conhecimentos e experiências da/com pessoas em situação/contexto de rua sobre música, cidadania, saúde, redução de danos, relações de gênero, classe e raça, que conseguimos realizar nossas práticas musicais com maior intimidade, tudo isso envolto num ambiente urbano, porém desigual e conflituoso que é a cidade de Salvador/Ba.

Fazer música com pessoas em situação/contexto de rua, também revelou/apresentou a música como uma ferramenta de redução de danos no uso de substâncias psicoativas, pois quando estávamos envolvidos em nossas práticas musicais, não estávamos em uso, além do que, sempre conversávamos/dialogávamos sobre os usos e abusos de drogas, e isso seguramente ampliou nossas percepções críticas sobre o tema, o que gerou maior cuidado consigo mesmo e com o/a outro/a. A prática musical nestes contextos, funciona/funcionou como uma prática ativa, afetiva e efetiva na redução de danos no uso/abuso de substâncias psicoativas.

A partir das práticas musicais, foi possível constatar o aumento significativo da concentração, da atenção e do foco nas atividades, também percebemos uma melhora nas relações interpessoais, com ações e atitudes altruísticas das pessoas envolvidas nos encontros. O fazer musical se apresentou como atividade imprescindível no dia-a-dia em trabalhos desenvolvidos com pessoas em vulnerabilidade social, em que o musicar ampliou as sensibilidades, fez surgir outros diálogos, favoreceu o trabalho coletivo, promoveu o bem-estar e o lazer, incitou a discussão de textos, audição de músicas, despertou a busca por outros conhecimentos, movimentou a crítica social, comportamentos, ideias, ideais e perspectivas diferentes. Instigou mudanças de comportamento, e colaborou com a percepção e compreensão de situações inerentes no cotidiano de pessoas em situação de rua, como a violência, a fome, e a falta de oportunidades. A proposta a seguir é que surjam novos/outros pesquisadores/as com novos/outros olhares em prol da inclusão social e da luta antirracista, antifascista, antissexista.

Desejo ampliar a conclusão sobre o poder da música na resolução de conflitos. O fazer musical mostrou-se altamente eficaz, seja em discussões ou brigas mais intensas. Sempre quando o fazer musical estava em jogo, tudo se transformava para melhor.²⁸⁸ As relações ganharam outros sentidos, com menos violência e mais plenitude. Com isso posto, trabalhamos com outras dimensões do sentir, dimensões de paz, amor, serenidade, aceitação, compreensão, dimensão da poesia, dos afetos, música e subjetividades. Por meio das práticas musicais as pessoas se acalmavam, relaxavam, e aos poucos, sintonizavam na vibração somente para a música. Óbvio que após as oficinas e encontros, os problemas continuavam. Estar em situação/contexto de rua exige muita determinação e vontade para poder realizar qualquer coisa, inclusive música.

A etnografia como ferramenta de descobertas revelou um processo de encontro

²⁸⁸ Ver o anexo A — Relatório nº 29 - Relatório CCIDP / Salvador, fevereiro de 2014. Neste relatório apresento como as oficinas de música colaboraram nas atividades do CCIDP.

permeado por práticas de ensinamentos e aprendizagens musicais, sociais, interativos e diria também anárquicas, com perspectivas de descolonizar conceitos hegemônicos, pois aprendemos juntos, como já dito, a partir das nossas ignorâncias e de nossos saberes localizados.

Para mim, também integrante de todo este processo, as mudanças foram perceptíveis, melhorei meu jeito de falar, meu comportamento, minha forma de me relacionar com as pessoas, aprendi ser mais afetuoso, mais sereno e mais observador, humildade sempre, falar menos e ouvir mais. Aprendi a compartilhar mais, e a não desistir tão facilmente dos objetivos.

Como já dito, foi a partir da minha trajetória nestes contextos, que percebi um enorme campo aberto de trabalho para o profissional das artes, que é a grande área da saúde, principalmente a área da saúde coletiva, saúde mental e assistência social. Essa experiência colaborou para a ampliação do entendimento que não se cura o/a outro/outra somente com remédios, é necessário a poesia, a música, o lazer e o bem-estar. Este foi um caminho possível para se alcançar as subjetividades e os afetos, e assim a saúde foi discutida/ampliada por meio de práticas musicais, integralizando o corpo, a mente e o espírito.

A saúde precisa da arte, assim, como a arte da saúde. A grande área da saúde precisa de músicos comprometidos/as que possam integrar suas equipes multidisciplinares e compartilhar seu tempo e conhecimentos, (com amor ao próximo) no cuidado de pessoas. Rogo para que mais músicos possam ser contratados para trabalhar em projetos sociais, hospitais e espaços de cuidado para/com o/a outro/a. Rogo que esses profissionais também possam sensibilizar com essa área de trabalho, e com isso, dediquem mais tempo a/com outras pessoas. Em tempo, que estes profissionais também sejam valorizados como agentes de saúde e remunerados por isso. Sim, nós músicos também somos agentes de saúde, levamos e tocamos o remédio da alma, para a alma, com a alma, para o coração.

Os encontros musicais colaboraram para criação de novas amizades, fortalecimento de vínculos, criação de afetos, ampliação das subjetividades, além de viabilizarem a aprendizagem musical. O fazer musical pôde colaborar com mudanças significativas na vida das pessoas e pôde instigar ações em prol de melhorias na qualidade de vida, com mais autoestima e mais realização. As práticas musicais em meio a questões sociais em jogo, fortaleceram os desejos de transformação de homens e mulheres, com isso, ampliamos significativamente nossas relações e começamos a reconfigurar nossos territórios e espaços sonoros - Reativamos o nosso musicar e nosso autocuidado.

Apesar de ainda sermos alocados como periféricos, nós somos o centro do nosso conhecimento musical situado e localizado. Este trabalho transformou a minha vida e sinto que colaborei com/para transformações de pessoas, amigos e amigas que fiz durante o processo da

pesquisa. Sim, é possível empreender e transformar por meio do amor, da tolerância, da entrega, da amizade e de práticas musicais engajadas. Música (in) visível, música de rua, música na rua, música da rua, música pra rua, música pra vida. Sim, outros caminhos foram e são possíveis.

Por fim, esta tese cumpriu seu objetivo de contribuir para o campo dos estudos da Etnomusicologia, possibilitou a cocriação de metodologias de campo, fomentou a ampliação dos horizontes epistemológicos vigentes, propôs discussões sobre os marcadores sociais da diferença, questões sobre assistência social, arte e cultura, política, economia, saberes localizados e outros temas que foram possíveis de serem discutidos a partir das práticas musicais, como: Espaço urbano e territórios sonoros na cidade de Salvador/Ba.

A perspectiva da escrita performativa como possibilidade de escrita acadêmica, pôde revelar uma etnografia musical de/com pessoas em situação/contexto de rua e vulnerabilidade social. Pessoas estas, que apesar das dificuldades cotidianas e das questões sociais postas, puderam participar de práticas musicais engajadas, e assim, criar novos/outros horizontes menos conflitivos.

Como dito, as práticas engajadas e comprometidas situaram-se dentro dos referenciais da pesquisa qualitativa e da abordagem da Fenomenologia, da epistemologia do Acontecimento, da abordagem Multireferencial, da pesquisa-ação, participativa, dialógica, colaborativa, ética e compartilhada.

Todos os produtos e situações vivenciadas colaboraram para a visibilidades de pessoas, que por meio de práticas musicais, puderam transformar seus hábitos e melhorar suas relações sociais. Um trabalho delicado e sensível, que exigiu tempo e dedicação, um trabalho de/em eterna construção.

A potência deste trabalho também está na possibilidade de trazer para a discussão, seja no âmbito acadêmico, ou na/para a sociedade em geral, questões que envolvem pessoas em situação de rua, seus desejos, situações, aspirações, vontades e suas músicas, gostos, estilos, e jeitos de viver e fazer música.

Nas descrições dos nossos encontros e situações vivenciadas, ficou marcado o poder de realização que este trabalho teve ao longo dos últimos quatro anos.²⁸⁹ Participamos como grupo musical nas festas do carnaval da Bahia, gravamos o disco do Programa Corra pro Abraço, realizamos performances musicais pelos palcos da Prefeitura da cidade de Salvador/Ba, participamos de eventos, reivindicações, marchas, seminários, palestras e

²⁸⁹ De 2016 a 2020.

congressos, apresentamos nossa música na Câmara de Vereadores da cidade de Salvador, em festas e eventos realizados pela Pastoral de rua de Salvador, Movimento de População de Rua e grupo Multiplicação do Bem. Tocamos em eventos nos CAPS, na Defensoria Pública do Estado, dentre outras práticas e vivências que só foram possíveis, pois estávamos a tocar, imaginar, sonhar, pensar e a realizar algo em conjunto. Assim, ensaiamos, praticamos, arranjamos, estudamos, treinamos, tocamos, cantamos, choramos e rimos juntos, às vezes de alegria, às vezes de raiva e/ou tristeza, no entanto, foi assim que nos formamos como grupo, foi por meio das nossas práticas musicais que percebemos a completude do estar junto, e em como tudo isso nos fortaleceu como pessoas, e como partícipes da cidade de Salvador/Ba, ou seja, como cidadãos.

Esta tese tem/teve o fundamento no amor ao próximo e na (re) descoberta do amor próprio como elemento essencial e necessário para a vida, principalmente em tempos em que ainda transbordam diferenças, medos e angústias. Como já dito, as práticas musicais nestes contextos, configuraram-se como práticas de (re) existências afetivas, sociais e políticas, ou seja, como práticas de vida e de saúde. O fazer música exerceu influência direta e significativa nas transformações que foram possíveis na vida das pessoas.

Falo de organização individual, coletiva, social e política, de comprometimento, interação e assiduidade nas atividades musicais, mas também, na percepção de que essa construção da organização para se fazer música, colaborou para um melhor desempenho nas relações interpessoais e nas relações com outros compromissos pela cidade. Sendo assim, as práticas musicais configuraram-se como práticas de sociabilidades e de fortalecimento da autoestima, elementos necessários a todos e a todas, para a realização dos desejos e para a manutenção das esperanças por dias melhores.

O que fica/ficou marcado, é que é/foi possível por meio da música e do engajamento social, colaborar para transformações de realidades perversas em realidades menos conflituosas. Portanto, reafirmo que, as práticas musicais nestes contextos, podem/devem ser compreendidas como práticas de saúde, como práticas de guerrilha política, de mobilização e artevismo social e sonoro, como práticas de mediação cultural, de resistência e enfrentamento social, de luta por políticas pessoais e públicas eficientes, com sentido e significado.

O desejo é que esta tese possa ampliar as discussões de questões que envolvam pessoas em situação de rua, suas demandas, desejos e aspirações, que fomente a tão necessária desfragmentação do imaginário social perverso que insiste em alocar pessoas em situação de rua como desterrados, criminosos, e/ou miseráveis, e por fim, que fortaleça a luta antirracista e possibilite a criação de espaços de transmissão de conhecimentos e de (re) existências

possíveis por meio das políticas do amor, mas também, por meio das políticas de lutas e de enfrentamento, tão necessárias em nossa contemporaneidade.

Como diz Maria Lúcia:

— *Conhecer para lutar!*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Jeffrey C. **Sociología cultural. Formas de clasificación en las sociedades compleja.** Barcelona: Anthropos, 2000.

ALMEIDA FILHO, Naomar de. **Transdisciplinaridade e o paradigma pós-disciplinar na Saúde.** Saúde e Sociedade v.14, n.3, p.30-50, set-dez, 2005.

ALMEIDA, Fernanda Ma. Gonçalves. **De olho na rua: o Axé integrando crianças em situação de risco.** Salvador: EDUFBA, 2003. 255p.

ALMEIDA, Mauro W. Barbosa. **Relativismo Antropológico e Objetividade Etnográfica.** Montevideu. Campos. 2003.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar.** Coleção polemicas do nosso tempo. Cortez Editora, Editora Autores Associados, 1980.

ANZALDÚA, Gloria (1981). Speaking in tongues: a letter to Third World women writers. *In* MORAGA, Cherríe & ANZALDÚA, Gloria (orgs.). Tradução Édna de Marco. *In Estudos Feministas*, ano 8, 2000.

ARDOINO, Jacques. **El análisis multirreferencial. In Sciences de l'education, sciences majeures.** Actes de Journees d'etude tenues a l'occasion des 21 ans des sciences de l'education. Issy-les-Moulineaux, EAP, Colección Recherches et Sciences de l'Education. 1991, p. 173-181.

ARROYO, Margareth. **Um olhar antropológico sobre as práticas de ensino e aprendizagem musical.** Curitiba: Revista da Abem, nº 5, 2000.

AUBERT, Eduardo Henrik. **A música do ponto de vista do nativo: um ensaio bibliográfico.** Revista de Antropologia. vol.50 no.1 São Paulo Jan/June, 2007.

BARBIER, René. A Escuta Sensível na Abordagem Transversal. Tradução de Maria Amália Ramos *In*: BARBOSA, Joaquim G. **Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação.** São Carlos: EdUFSCar, 1998.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação.** Trad. Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.

BARBIER, René. **Sobre o Imaginário.** Em Aberto. Brasília: v. 14, n. 61, p. 15-23, jan/mar, 1994.

BARBOSA, Joaquim G. **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial.** São Carlos: Editora da UFSCAR, 1998.

BARROS, Lia Canejo Diniz. **Violência, criminalização da pobreza e os desafios para a constituição da cidadania.** V jornada internacional de políticas públicas. UFMA - Centro de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas, 2011.

BASAIL RODRÍGUEZ, Alain. **Naturaleza extraña.** Desastres, riesgos y conocimiento público en Chiapas. México: Juan Pablos Editor / Universidad de Ciencias y Artes de Chiapas, Centro de Estudios Superiores de México y Centroamérica, 2017, p.161-208.

BASTIDE, Roger. A propósito da poesia como método sociológico. *In* QUEIROZ, Maria Isaura (org.) Roger Bastide: **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

BASTIDE, Roger. **A propósito da poesia como método sociológico.** Diário de São Paulo, 1946.

BECK, Ulrich e GRANDE, Edgar. **La europa cosmopolita. Sociedad y política em la segunda modernidade.** Barcelona, Buenos Aires, México. Paidós, 2006.

- BECK, Ulrich. **La sociedade del riesgo. Hacia una nueva modernidade.** Barcelona, Buenos Aires, México. Paidós, 1998.
- BECK, Ulrich. **Libertad o capitalismo. Conversaciones con Johannes Willms.** Barcelona, Paidós, 2002.
- BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo.** Barcelona: Paidós, 1998.
- bell hooks. **An Aesthetic of Blackness-Strange and Oppositional.** Lenox Avenue: A Journal of Interarts Inquiry. Center for Black Music Research - Columbia College Chicago Vol. 1 1995.
- BENTO, Berenice. Nós fazemos gênero no dia a dia. *In:* BENTO, Berenice. **Transviad@s, Gênero, sexualidade e direitos humanos.** Salvador. EDUFBA, 2017.
- BERGSON, Henri. **Seleção de textos e tradução Franklin Leopoldo e Silva.** São Paulo: Nova Cultural. Coleção Os Pensadores, 1989.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, Editora Ufmg, 1998.
- BOAS, Franz. **Antropologia cultural / Franz Boas.** Textos selecionados, apresentação e tradução, Celso Castro. - 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BORBOREMA, Fernanda Cristina Agra. **Etnografia e educação: usos e contribuições.** II CONEDU – Congresso Nacional de Educação, 2015.
- BRASIL. **Guia do projeto consultório de rua.** CETAD. Antônio Nery Filho, Andréa Leite Ribeiro Valério, Luiz Felipe Monteiro. (Organizadores). Brasília: SENAD, Salvador: CETAD, 2011.
- BRASIL. **Resolução 196/96.** Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/arquivos/resolucoes/23_out_versao_final_196_ENCEP2012.pdf.
- BRASIL. **Resolução 510/16.** Publicada no DOU nº 98, terça-feira, 24 de maio de 2016 - seção 1, páginas 44, 45, 46.
- BRASIL. **Resoluções 196/96 e 466/12.** Disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/cep/resolucoes/resolucao-196-e-466-comparacao/view>.
- BRASIL. **Site da Agência Fio Cruz.** Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/conceito-ampliado-de-sa%C3%BAde-pode-ajudar-a-saber-se-uma-popula%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-saud%C3%A1vel>.
- BRINGEL, Breno e DOMINGUES José Maurício. **Teoria social, extroversão e autonomia: impasses e horizontes da sociologia (semi) periférica contemporânea.** Caderno CRH, Salvador, v. 28, n. 73, p. 59-76, Jan/abr. 2015.
- BRITO, Ronan Rebouças Caires de. **A Baía de todos os santos e o seu recôncavo imediato: Origens, identidades, percepções e utopia.** Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade). Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014.
- BURKE, Peter (org.). **A Escrita a história: novas perspectivas / tradução de Magda Lopes.** - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

- BURNHAM, Terezinha F. Complexidade, multirreferencialidade e educação. *In*: BARBOSA, Joaquim G. **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: Editora da UFSCAR, 1998.
- BUTLER, Judith. **“Repensar la vulnerabilidad y la resistencia”**. Conferencia magistral presentada en el XV Simposio de la Asociación Internacional de Filosofía - IAPh, Alcalá de Henares, España, 24 de junio de 2014.
- BUTLER, Judith. **Vida Precaria: El poder del duelo y la violencia**. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- CAMPA ÁLVAREZ, Reyna de Los Ángeles; VALENZUELA, Blanca Aurelia; GUILLÉN, Lúgigo, Manuela y CAMPA ÁLVAREZ, Martha Lucia. **Desafíos en la educación inclusiva de grupos vulnerables en primaria: perspectivas del profesorado de Sonora México**. Revista Inclusiones Vol: 7, num 1, (2020): 72-94.
- CANCHERINI, Ângela. PONTES, Rosana Aparecida Ferreira. **A escuta sensível como instrumento de gestão universitária**. Revista Eletrônica Pesquiseduca - v.3, n.5, jan/jun. 2011.
- CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. Tese (Doutorado em Estudos de Gênero, Mulheres e Feminismo). UFBA, Salvador, 2012.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CAROSO, Carlos. A imagem e a ética na encruzilhada das ciências. *In* Ceres Vítora, Ruben George Oliven, Maria Eunice Maciel e Ari Pedro Oro (organizadores). **Antropologia e Ética. O debate atual no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2004.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 10. ed. Rio de Janeiro: Antares, 1983.
- COLAÇO, Thais Luzia. **Novas Perspectivas para a Antropologia Jurídica na América Latina: o Direito e o Pensamento Decolonial**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012.
- COMAROFF, Jean, COMAROFF, Jonh L. **Theory from the South: Or, how Euro-America is evolving toward Africa**. Boulder: Paradigm Publishers. Tradução de Marina Santos, 2011.
- COMAROFF, Jean e John L. Comaroff. **Teoria vinda do Sul ou como a Euro-América está a evoluir em direcção a África**. 2011.
- CONTENTE, Paulo Frederico de Melo Quadros Vieira. **Bem-estar, qualidade de vida e saúde mental: Estudo Descritivo na cidade da Horta**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2012.
- CRENSHAW, Kimberle. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, feminist Theory and Antiracist Politics**. The University of Chicago Forum. HeinOnline -- 1989 U. Chi. Legal F. 139, 1989.
- CUSICK, Suzanne G. **Feminist Theory, Music Theory, and the Mind/Body Problem**. Perspectives of New Music. Vol. 32, No. 1 (Winter, 1994), p. 8-27.
- DA COSTA, Tony Leão. **Tecnobrega, territorialidades sonoras e a cultura popular da hipermargem**. Revista Estudos Amazônicos. Vol. X, n. 2 (2013), p. 01-45.

- DA SILVA, José Davison Júnior. **Educação musical terapêutica: um novo conceito em educação musical?** Seminário nacional de psicologia da música e educação musical: interfaces, perspectivas e ações pedagógicas. Feira de Santana, 9 a 11 de março de 2016.
- DAYRELL, Juarez. **Juventude, produção cultural e a escola.** Texto publicado na revista Caderno do professor, nº 9, Belo Horizonte: SEE-MG, 2002.
- DILTHEY, Wilhelm. **Introduction to the Human Sciences.** Edited by R. A. Makkreel & F. Rodi. Trad. Michael Neville. New Jersey: Princeton University Press, 1989.
- DINIZ, Débora. **Ética na pesquisa em ciências humanas - novos desafios.** Universidade de Brasília, 2007.
- DO AMOR, Juracy. **Música, Circo e Educação: Um estudo sobre aprendizagem musical na companhia de Circo Picolino.** Dissertação (Mestrado em Educação Musical). Programa de Pós-graduação em Música da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.
- DO AMOR, Juracy. **Músicas que nos representam: Um ponto de encontro a partir do som e sentido.** In: DE LA GARZA, María Luisa Chávez y BONFIM, Carlos (Org). **La música y los mitos. Investigaciones etnomusicológicas.** 1a. Ed.-Tuxtla Gutiérrez, Chiapas: UNICACH, UFBA, 2018, p. 393-423.
- DOS SANTOS, Rafael José. **O 'Étnico' e o 'Exótico': Notas Sobre a Representação Ocidental da Alteridade.** Revista Rosa dos Ventos, 5(4), p. 635-643, out-dez, 2013.
- DUARTE, Regina Horta. **Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Elisée Reclus.** Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 51, 2006.
- ESPINOSA, Gisela Damián. GONZÁLEZ, Esther Ramírez. TORRALBA, Amalia Tello. (Coord.). **Viver para el sucro.** Universidad Autónoma Metropolitana. Unidad Xochimilco. División de ciencias sociales y humanidades. 2017.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra.** Prefácio de Jean Paul Sartre. Tradução de José Laurênio De Melo. Civilização Brasileira, 1968.
- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Prefácio de Lewis R. Gordon. EDUFBA, Salvador, 2008.
- FINNEGAN, Ruth. **The Hidden Musicians: Music-making in an English town.** Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- FRANCO, Marielle. **UPP. A redução da favela a três letras: Uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Administração da Faculdade de administração, Ciências Contábeis e Turismo da Universidade Fluminense. UFF, Niterói, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 14ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa.** 35ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura).
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** em três artigos que se completam. 21ª edição. Cortez editora, coleção polemicas do nosso tempo, 1988.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** 26ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

- FREIRE, Paulo. **Educadores de rua uma abordagem crítica**. Alternativas de atendimento aos meninos de rua. Série metodologia programa regional menores em circunstâncias especialmente difíceis. Colômbia: Unicef, julho 1989.
- GARCIA, Antônia dos Santos. **Relações de gênero, raça, classe e desigualdades sócio ocupacionais em Salvador**. Fazendo gênero 9. Diásporas, diversidades, deslocamentos, 2010, p. 01-14.
- GARRIDO, Eugenio Martín. **Psicologia do encontro**: J. L. Moreno. Editora Ágora, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GIDDENS, Anthony, Beck, Ulrich., Lash, Scott. **Modernização reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP 1997.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Anthony Giddens. Tradução de Raul Fiker. - São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GILROY, Paul. **The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness**. Londres: Verso 1993.
- GOLDIM, José Roberto. Ética e pesquisa em antropologia. *In* Ceres Vítora, Ruben George Oliven, Maria Eunice Maciel e Ari Pedro Oro (organizadores). **Antropologia e Ética. O debate atual no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2004.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Linguagem, cultura e alteridade**: imagens do outro. Cadernos de Pesquisa, n. 107, Faculdade de Educação da UNICAMP, julho/1999 p. 41-78.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial, em Cadernos Pagu, n. 5, 1995, pp.07-41.
- HARAYAMA, Rui Massato. **Os novos desafios da etnografia: para além da resolução nº 510/2016**. Revista Mundaú, 2017, n.2, p. 22-37.
- HARDING, Sandra. **Gênero, democracia e filosofia da ciência**. RECIIS – R. Eletronica de Com. Inf. Inov. Saúde. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.163-168, jan/jun, 2007.
- HEILBORN, Maria Luiza. Antropologia e saúde: considerações éticas e conciliação multidisciplinar. *In* Ceres Vítora, Ruben George Oliven, Maria Eunice Maciel e Ari Pedro Oro (organizadores). **Antropologia e Ética. O debate atual no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2004.
- HERNÁNDEZ ROMERO, Nieves; MAIA, Ari F. **Músicas populares urbanas, relaciones de gênero y persistencia de prejuicios**. Análisis de la comprensión de seis canciones por jóvenes españoles y brasileños. 2013.
- HUSSERL, Edmund. **A Ideia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70. 1986.
- IMBERT, Francis. **A questão da ética no campo educativo**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JORGE, Luiz Eduardo. **Etnografia Imagética na Pesquisa de Campo**. Educativa. Goiânia, v. 12, n. 2, p. 253-263, jul/dez. 2009.
- KEIL, Charles and FELD, Steven. **Music Grooves: Essays and Dialogues**. The University of Chicago Press. Chicago and London, 1994.

- KILOMBA, Grada. **Plantation Memories. Episodes of Everyday Racism**. Münster: UNRAST-Verlag, 2010.
- KLEBER, Magali Oliveira. **Revista de História e Estudos Culturais Práticas musicais em Ongs**: Possibilidade de inclusão social e o exercício da cidadania. Abril/ maio/ junho de 2008 Vol. 5 Ano V nº 2.
- KOTARBA, Joseph. **Understanding society through popular music**, 2009.
- KUBIK, Gerhard. **Pesquisa musical africana dos dois lados do atlântico**: Algumas experiências e reflexões pessoais. Tradução: PINTO, Tiago de Oliveira. REVISTA USP, São Paulo, n.77, p. 90-97, março/maio, 2008.
- KUBIK, Gerhard. **Theory of African Music**, volume II. The University of Chicago press. Chicago and London, 2010.
- KUMAR, Hari Stephen. **Speaking in silences**. University of California Press, Vol. 2, No. 4, 2010.
- LABATE, Beatriz Caiuby, GOULART, Sandra Lucia, FIORE, Mauricio, MACRAE, Edward, CARNEIRO, Henrique. (Org). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008.
- LAING, Ronald D. **Eu e os outros**: relacionamento interpessoal. Petrópolis: Vozes, 1990.
- LÊ BRETON, David, 1953-**A sociologia do corpo**. 2. ed. Tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LENCIONI, Sandra. **Observações sobre o conceito de cidade e urbano**. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 24, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Musique et identité culturelle**. Inharmoniques, 2. Paris: IRCAM; Centre Georges Pompidou, 1987.
- LÓPEZ, Juana Ojeda de; QUINTERO Johana, MACHADO, Ineida. **La ética en la investigación**. TELOS. Revista de Estudios Interdisciplinarios en Ciencias Sociales. Universidad Rafael Bellosillo Chacín. Vol. 9 (2): 345 - 357, 2007.
- LÓPEZ-CANO, Rubén y Úrsula San Cristóbal. **Investigación artística en música Problemas, métodos, experiencias y modelos**. Barcelona, 2014.
- LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**: para além do autoritarismo. São Paulo: Cortez, 1998.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli, Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- LÚGICO, Manuela Guillén, VALENZUELA, Blanca, ROHÁN, Daniel Carlos Gutiérrez (Coordenadores). **Procesos de exclusión e inclusión social**: Indicadores, conceptos, contextos y significados. Hermosillo, Sonora, México, 2010.
- LÜHNING, Ângela. **Temas emergentes da etnomusicologia brasileira e seus compromissos sociais**. Música em Perspectiva: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da UFPR – v. 7, n. 2 (dez. 2014). Curitiba (PR): DeArtes, 2014.
- LÜHNING, Ângela; TUGNY, Rosângela Pereira de. **Etnomusicologia no Brasil**. Organização. Salvador: EDUFBA, 2016.
- LUZ, Laíze Lantyer. **Catadoras de luxo: heroínas (in) visíveis**. A Tarde, Salvador, p. A-3, 06 ago. 2019.

- MACEDO, Renato Filho; COSTA, Ana Alice Alcântara. A participação das mulheres no Movimento dos Trabalhadores Sem Teto em Salvador. *In*. SALLES, Severo (coord.). **A diversidade das lutas sociais**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **A pesquisa e o acontecimento compreender situações, experiências e saberes acontecimentais**. Salvador: EDUFBA, 2016.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2006, (série pesquisa v.15).
- MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas. **O Brasil e a Lógica racial: Do branqueamento à produção de subjetividade do racismo**. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 30, n.2, p. 265 – 286, 2018.
- MALHEIRO, Luana Silva Bastos. **Tornar-se mulher usuária de crack: trajetórias de vida, cultura de uso e política sobre drogas no centro de Salvador/Ba**. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia. Orientador: Edward MacRae. Salvador, 2018.
- MALINOWSKI, Bronisław. **Argonauts of the Western Pacific. An Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea**. London: Routledge, 2005.
- MARTINS, João Batista. Multirreferencialidade e educação. *In*: BARBOSA, Joaquim Gonçalves. (org.). **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.
- MASSOLO, Alejandra. **El espacio local: oportunidades y desafíos para el empoderamiento de las mujeres. una vision latinoamericana**. Jornadas sobre genero y desarrollo ayuntamiento de vitoria-gasteiz, País Vasco. 23-24 de mayo de 2002.
- MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. Orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 298 p.: Il. Color, 2011.
- MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. **Quem vocês pensam que (elas) são?** Representações sobre as pessoas em situação de rua. Universidade São Marcos. *Psicologia & Sociedade*, 16 (2): 47-58, maio/ago. 2004.
- MIGNOLO, Walter D. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política**. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, 2008. pp. 287-324.
- MIGNOLO, Walter D. **Trayectorias de re-existencia: ensayos en torno a la colonialidad/decolonialidad del saber, el sentir y el creer**. Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2015.
- MINAYO, Maria Cecília S. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MINAYO, Maria Cecília S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO, 1993.
- MIRANDA, Matheus Braga. **A Música e as Emoções: Os benefícios da educação musical amparados na neurociência**. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música). Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. UNIRIO, 2013.

- MOLINA, Monica Velasco. O racismo, a desigualdade e a exclusão: o caso Brasil. *In*. SALLES, Severo (coord.). **A diversidade das lutas sociais**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- MORIN, Edgar. **A Cabeça bem-feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: Unesco, 2000.
- MUÑOZ, Joaquín Guerrero. **El valor de la auto-etnografía como fuente para la investigación social: Del método a la narrativa**. Azarbe: Revista internacional de trabajo social y bienestar n. ° 3, Universidad de Murcia, 2014.
- NATALINO, Marcos. **Estimativa da População em situação de Rua no Brasil**. (Setembro de 2012 a março de 2020). Disoc - Diretoria de Estudos e Políticas Sociais. IPEA, Nº 73, junho de 2020.
- NETTL, Bruno. **The study of ethnomusicology. Thirty-one issues and concepts**. The Board of Trustees of the University Illinois press, Urbana and Chicago, 1983.
- NETTL, Bruno. **Theory and method in ethnomusicology**. Nova York: The Free Press, 1964.
- NIETO Carlos J; KOLLER Silvia H. **Definiciones de Habitante de Calle y de Niño, Niña y Adolescente em Situación de Calle: Diferencias y Yuxtaposiciones** Acta de Investigación Psicológica. UNAM Facultad de Psicología, 2015.
- OCHOA GAUTIER, Ana María. **Sonic Transculturation, Epistemologies of Purification and the Aural Public Sphere in Latin America**. Social Identities, vol. 12, n. 6, 2006, pp. 803-825.
- OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18: maio-out/2012.
- PASSARINI, Luisiana França; AOKI, Thiago; PREARO, Pablo de Moraes; ANDRADE, Andressa. A Educação Musical no desenvolvimento da criança: trilhas da musicoterapia preventiva. *In: XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*, 2012, Olinda. Revista Brasileira de Musicoterapia: UBAM, out. 2012.
- PEREIRA, Eric Hora Fontes. **Falas e sonoridades do blues em Salvador: uma identidade musical dos anos 80 até os dias atuais**. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Programa de Pós-Graduação em Música Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014, 168 f.
- PHILIPPINI, Ângela (Coordenação). **Contribuição da Arteterapia para a atenção integral do sus**. União brasileira de associações de Arteterapia e e associações regionais de arteterapia. Colaboradores: Eliana Nunes Ribeiro, Marcya Vasconcellos, Ralfh Ramos. Suporte digital: Lígia Diniz.
- PINTO SANTOS, Tarcísio Jorge. **A crítica bergsoniana ao método filosófico tradicional: repercussões epistemológicas, éticas e educacionais**. Poiésis - Revista do programa de pós-graduação em educação, universidade do sul de Santa Catarina, Tubarão. Número especial: biopolítica, educação e filosofia, p. 39 – 52.
- PINTO, Tiago de Oliveira. Cem anos de etnomusicologia e a “era fonográfica” da disciplina no Brasil. *In: Encontro Nacional de Etnomusicologia*, II, 2004. Salvador. Anais. Salvador: Edit. Contexto, 2005. p.103-124.

- PINTO, Tiago de Oliveira. **Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora.** Revista de Antropologia, vol.44 no.1 São Paulo, 2001.
- POLLOCK, Della. Performing Writinn. In Peggy Phelan and Jill Lane (eds) **The Ends of Performance.** New York: New York University Press, 1998.
- QUEIROZ, Luis Ricardo Silva; MARINHO, Vanildo M. **Contexturas: O Ensino da arte em diferentes espaços.** João Pessoa: Universitária, 2005.
- QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. **Ética na pesquisa em música: definições e implicações na contemporaneidade.** UFPB, João Pessoa, PB, 2013.
- QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. **Relato de pesquisa em etnomusicologia: implicações metodológicas de um trabalho de campo realizado no universo musical dos Ternos de Catopes de Montes Claros.** Revista EM PAUTA - v. 16 - n. 26 - janeiro a junho de 2005.
- QUEIROZ, Luis Ricardo Silva; MARINHO, Vanildo Mousinho. **Educação musical e etnomusicologia: lentes interpretativas para a compreensão da formação musical na cultura popular.** Opus, v. 23, n. 2, p. 62-88, ago. 2017.
- QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. **Educação musical e etnomusicologia: caminhos, fronteiras e diálogos.** Opus, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 113-130, dez. 2010.
- RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Org.). **Masculino, Feminino, Plural.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.
- RAYMOND, Salazar, M. B., GUEVARA, Icaza, M. F., MACHADO Alejo, O. A. **La importancia de la ética en la investigación.** Universidad y Sociedad. (2018). 10(1), 305-311.
- REILY, Suzel Ana. **Local Music Making and the Liturgical Renovation in Minas Gerais.** In R & D (Orgs.). The Oxford Handbook of Music and World Christianities, Oxford University Press. Pp. 315-39, 2016.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é: Lugar de fala?** Belo Horizonte, Letramento, 2017.
- RIBEIRO, Hugo L. **A análise musical na Etnomusicologia.** Disponível em: http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Ribeiro-analise_musical_etnomusicologia.pdf.
- ROHÁN, Daniel Carlos Gutiérrez y LOMELI, Elia Guadalupe Villegas, LÚGICO, Manuela Guillén, VALENZUELA, Blanca, ROHÁN, Daniel Carlos Gutiérrez (Coordenadores). **Procesos de exclusión e inclusión social: Indicadores, conceptos, contextos y significados.** Hermosillo, Sonora, México, 2010.
- ROSA, Laila. **As juremeiras da nação Xambá. (Olinda, PE): músicas, performances, representações do feminino e relações de gênero na jurema sagrada.** Tese (Doutorado em Etnomusicologia). Escola de Música, Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.
- ROSA, Laila; NOGUEIRA, Isabel. **O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: notas sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música.** Revista Vórtex, Curitiba, v.3, n.2, 2015, p. 25-56.
- RUSSO, Renato. **Dois.** Brasil: EMI-Odeon, 1986.
- SAHLINS, Marshall David. **Cultura na prática.** Tradução Vera Ribeiro. 2 Ed. Rio de janeiro: editora UFRJ, 2007.
- SALLES, Severo (coord.). **A diversidade das lutas sociais.** Salvador, EDUFBA, 2015.

- SANDRONI, Carlos. O lugar do etnomusicólogo junto às comunidades pesquisadas: “devolução” de registros sonoros como imperativo científico. *In* Revista do II encontro nacional da Abet – **Etnomusicologia: Lugares e caminhos, fronteiras e diálogos**. Abet, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Souza, MENESES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do Sul**. Edições Almedina, Coimbra, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Ediciones Trilce, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **La globalización del derecho: Los nuevos caminos de la regulación y la emancipación**. Bogotá. Isla, Universidad nacional de Colombia, 1998.
- SANTOS, Milton. **Sociedade e Espaço: Formação Espacial como Teoria e como Método**. Em Boletim Paulista de Geografia, núm. 54, junho de 1977, p. 81-100.
- SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da auto etnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p. 214-241.
- SCHAFFER, R. Murray. **O Ouvido pensante**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.
- SCHAFFER, R. Murray. **A afinação do mundo – uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: A paisagem sonora**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Trad. Heraldo Barbuy. Acrópolis, 2001. Livro IV.
- SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.
- SEEGER, Anthony. **Etnografia da música**. Tradução: Giovani Cirino revisão técnica: André-Kees de Moraes Schouten e José Glebson Vieira. Cadernos de campo, São Paulo, nº. 17, p. 237-260, 2008.
- SEGATO, Rita. **La nación y sus otros: Raza, etnicidad y diversidad religiosa em tiempos de políticas de la identidad**. 1º ed. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2007.
- SEIXAS, Rebecka Carocha. **A escrita performática como discurso político e a trilogia metadramatúrgica gogoliana**. Urdimento, v.2, n.29, p. 128-144. Outubro, 2017.
- SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da Música: seus usos e recursos**. São Paulo: Unesp, 2007.
- SENNA, Luiz Antonio Gomes. *In* MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de, e CASTRO, Paula Almeida de. Orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 298 p.: Il. Color, 2011.
- SILVA, Joseli Maria. **Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano**. 2007.
- SILVA, Laurisabel Maria de Ana da. **Os jazes na Salvador dos anos 50: uma análise social, cultural e histórica**. Dissertação (Mestrado em Música). Escola de Música, Programa de Pós-Graduação em Música Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013, 196 f.
- SLOBIN, Mark. Ethical issues. *In*: MYERS, Helen (Ed.). **Ethnomusicology: an introduction**. New York: W.W. Norton e Company, 1992. p. 329-336.
- SMALL, Christopher. **Musicking: the meanings of performance and listening**. Middletown, Ct: Wesleyan University Press, 1998.
- SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. Aeroplano, Rio de Janeiro, 2009.

- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2010.
- STEVENS, Denis. **Musicology: a practical Guide**. London: Macdonald. Futura, 1980.
- SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. São Paulo: Moderna, 2003.
- TÉLIZ, Marco André Morel. **Educação musical e promoção da saúde: uma proposta de leitura interdisciplinar**. 2012. 52f. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- TODOROV, Tzvetan. **Nous et les autres**. Paris: Éditions du Seuil, 1989.
- TORRES, Marcos Alberto. **Tambores, rádios e videocliques: Sobre paisagens sonoras, territórios e multiterritorialidades**. GeoTextos, vol. 7, n. 2, 2011, p. 69-83.
- TRAVASSOS Elizabeth. **Esboço de balanço da etnomusicologia no Brasil**. Revista eletrônica da Anppom. Opus, V 9, 2003.
- TURINO, Thomas. **Music as Social Life**. The Politics of Participation, The University of Chicago Press. Chicago and London. 2008.
- VELHO, Gilberto. Antropologia urbana. Encontro de tradições e novas perspectivas. In **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.º 59, 2009.
- VELOSO, Caetano. **Velô**. Philips. Brasil, 1984.
- VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Orientador: Prof. Dr. Djalma Thürler. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2016.
- VILAS BOAS, Alexandre Gomes: **A(r)tivismo: Arte + Política + Ativismo - Sistemas Híbridos em Ação**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015. 312p.
- WA THIONG'O, Ngũgĩ. **Decolonising the Mind: The Politics of Language in African Literature**, 1986.
- WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria**. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

ANEXO A — Relatórios do consultório de rua Saúde de cara na rua, do Projeto Ponto de Encontro e do CCIDP.²⁹⁰

01. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, julho de 2010

Nosso trabalho começou com a formação da equipe, e com a conscientização de que este processo é de contínua formação, pois, neste trabalho, não existe um lugar onde a equipe se engesse, pelo contrário, estamos sempre em movimento e em diálogo constante com nossas experiências e desejos, numa perspectiva em realizar o trabalho da melhor forma possível.

A equipe é heterogênea e em nossas reuniões o processo de *brainstorming*²⁹¹ funciona como uma fábrica de ideias, na qual liquidificamos nossos egos e proporcionamos através das nossas diferenças, um caminho ao melhor resultado para uma proposta de ação, capaz de transformar as pessoas, seus hábitos, seu cotidiano, e principalmente sua relação das pessoas com a saúde em nossa sociedade.

Assim nasce o projeto Saúde de cara na rua, e ganha força exatamente pela diversidade de ideias e ações conjuntas do grupo. A equipe é formada por pessoas incríveis, repletas de experiências diversas. Somos artistas plásticos, músicos, atores, psicólogos, redutores de danos, pedagogos. Somos uma equipe transdisciplinar, que a cada reunião, propõem metodologias, técnicas, planos e atividades que norteiam nossas ações nas ruas, nas escolas, nas praças, na praia, ou em qualquer lugar onde careça de intervenção.

Nosso trabalho na rua começa com a observação. Após as observações, em reunião, decidimos coletivamente como serão nossas intervenções urbanas. Utilizamos como instrumental para a promoção da saúde, a arte, as linguagens artísticas, muita atitude e modos diversos de intervenções na sociedade, sempre com a perspectiva na melhoria da qualidade de vida das pessoas, num processo de conscientização sobre o abuso de drogas, redução de danos, esclarecimento e desmistificação do imaginário social sobre as substâncias psicoativas.

Observamos não só o lugar e o que podemos fazer naquele espaço, mas sim, observamos as pessoas, seus jeitos, gostos, formas de agir e de se comunicar. Através da observação constante, objetiva e subjetiva, aprimoramos nossas ideias e ações. Realizamos

²⁹⁰ Todos os relatórios deste anexo são os mesmos que foram apresentados à gestão/coordenação dos respectivos projetos e instituições, com pequenas modificações para preservar os nomes das pessoas envolvidas.

²⁹¹ “É o nome dado à uma técnica grupal – ou individual – na qual são realizados exercícios mentais com a finalidade de resolver problemas específicos. Popularizado pelo publicitário e escritor Alex Faickney Osborn, o termo no Brasil também é conhecido como 'Tempestade de ideias'”. Disponível em: https://www.infoescola.com/administracao_/brainstorming/. Acesso em 29/10/2018.

diversas saídas para observação, e desde o início do projeto, observamos o que acontece na Praça da Piedade, Pelourinho, Praça da Sé, Cidade Baixa, Rio Vermelho, Nordeste de Amaralina e Porto da Barra.

Nesta primeira etapa do trabalho começamos a promover saúde sem falar em doença, o que já se demonstra uma tarefa difícil, mas não impossível. Após as intensas observações, optamos em realizar a primeira intervenção no Porto da Barra, e decidimos utilizar da encenação e da dramaturgia, para falar sobre a importância da utilização do preservativo nas relações sexuais. Elaboramos uma metodologia de intervenção urbana e registramos toda a ação em vídeo.

Ao final da intervenção distribuimos preservativos, o que foi de extrema importância para concretizar a ação. Com isso, naturalmente abriu-se espaço para outras conversas com a população. Assuntos como o abuso de drogas, surgiram após a intervenção, pois as pessoas se demonstraram confiantes e relativamente confortáveis para dialogar. Nossa primeira intervenção foi efetiva e recompensadora, e revelou a importância e a necessidade real do trabalho em nossa sociedade.

Salvador, julho de 2010. Juracy do Amor Cardoso Filho.

02. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, agosto de 2010

Este mês realizamos observação na Universidade Católica da Federação, posto de gasolina da Federação e entrada do Engenho Velho da Federação, Largo do Campo Grande, Passeio Público e ruas do Canela.

Realizamos intervenção com distribuição de preservativos pelo Mercado Modelo e adjacências do Comércio. Para este trabalho nos dividimos em duplas. Eu e Rose atuamos de forma direta e comunicativa, interagimos com perguntas como:

— *Você usa preservativo em suas relações sexuais?*

— *Qual a importância do uso do preservativo hoje em dia pra você?*

Aproveitamos e distribuimos preservativos para a população. Muitas pessoas confirmaram a importância e a necessidade real do uso do preservativo. As que informaram que não usam, geralmente assumiram ter e estar em algum relacionamento sério, ou eram casadas ou tinham um parceiro fixo. Nesta intervenção a oportunidade em falar sobre a importância dos usos do preservativo, abriu portas para se conversar sobre o uso de substâncias psicoativas, principalmente conversas sobre o cigarro e o álcool com taxistas, trabalhadores do Comércio, aposentados e pessoas que trabalham e estavam nas ruas (formas de uso das substâncias e possibilidades de redução de danos).

Iniciamos também nosso curso na Universidade Federal com o prof. Edward MacRae. O curso está possibilitando um conhecimento maior sobre Enteogenia, Política de drogas, Redução de danos, cultura da droga, sujeito droga e contexto, entre outros assuntos. Começamos também a confecção de cartazes e panfletos com a intenção de informar sobre as drogas. Informações sobre redução de danos e temas correlatos.

Salvador, agosto de 2010. Juracy do Amor Cardoso Filho.

03. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, setembro de 2010

Neste mês de setembro decidimos nos dedicar à feitura dos cards (pequenos folders) sobre redução de danos e riscos dos usos das substâncias (maconha, cigarro, álcool, ansiolíticos, crack e cocaína). Estes folders serão distribuídos em nossas intervenções e serão impressos com uma verba que temos para estes fins. Por questão de pouco recursos, fizemos um modelo que em uma folha A4, encontra-se 03 (três) diferentes mini-folders, com frente e fundo, todos em tons de cinza e branco e preto. Depois que estivermos com a matriz, iremos copiá-los, pois será mais em conta financeiramente, já que a verba está reduzida para estas atividades.

Ocorreram intervenções e apresentações no CAPS, local onde a equipe demonstrou através de performance artística, a importância do trabalho de redução de danos a partir de uma nova abordagem transdisciplinar.

Também demos início a composição de duas músicas sobre o tema redução de danos. Entramos em estúdio de gravação e começamos o processo de construção dos temas. São duas músicas sendo uma no estilo funk carioca, que aborda perspectivas da redução de danos e a outra uma vinheta de apresentação da nossa equipe consultório de rua II: *Saúde de cara na rua*.

Estamos planejando intervenções nos pontos de ônibus da federação, e posteriormente em outras localidades, com cartazes que confeccionamos sobre a importância do uso do preservativo, álcool e outras drogas.

Realizamos em reunião levantamentos das nossas ações e ferramentas metodológicas e descobrimos que estamos caminhando na direção certa, pois já possuímos inúmeras atividades.

Nosso próximo passo, será a confecção de pequenas dramaturgias sobre o tema do uso de substâncias psicoativas e pretendemos veicular em rádios comunitárias de Salvador. Serão pequenas dramaturgias em áudio, que gravaremos em estúdio, e todo o roteiro será criado pela equipe. Provavelmente esta será nossa próxima tarefa para o mês de outubro e novembro de 2010, somado às nossas intervenções nas ruas.

Neste mês, recebemos nossos uniformes e refizemos a lista dos materiais, de acordo com o site de compras fornecido pela instituição.

Realizamos reunião com toda a equipe do CETAD e consultórios de rua com os dirigentes do Senad.²⁹²

Salvador, setembro de 2010. Juracy do Amor Cardoso Filho.

²⁹² Senad - secretaria nacional de políticas sobre drogas.

04. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, outubro de 2010

Neste mês demos início às nossas capacitações, o que de fato, foi muito importante para o desenvolvimento de ações em nosso trabalho. Começamos com a oficina de Graciele,²⁹³ profissional que desenvolve um trabalho com as técnicas de Pichon-Rivière, na qual se trabalha com os grupos operativos.²⁹⁴ Esta oficina proporcionou uma união e um entendimento da equipe de forma muito sensível e interessante. Esta oficina fortaleceu a necessidade em aprender a aprender, a necessidade de nos formarmos em grupo, redefinir os modelos de aprendizagem nos quais temos nos configurado. Modelos antigos e muitos deles, passivos, receptivos, individualistas, competitivos e autoritários. Nesta oficina desenvolvemos técnicas de relações interpessoais e de percepção do outro enquanto ser humano, e também como colega e profissional de trabalho, que cria, descobre-se, e se desenvolve neste grupo operativo que é o *Saúde de Cara na Rua*.

A segunda oficina foi de Willians Martins,²⁹⁵ que nos apresentou as origens dos trabalhos com intervenção urbana, falou um pouco sobre história da arte e o surgimento das performances. Há alguns meses atrás nossa colega Rose, falou também com muita propriedade sobre o tema.

Desenvolvemos o olhar crítico sobre as várias estéticas e nos fortalecemos enquanto equipe, pois estamos desenvolvendo fundamentos teóricos para nosso trabalho em campo, ou seja, na rua. Novas ideias surgiram após esta oficina, como técnicas de *stencil*,²⁹⁶ adesivos, etc.

A terceira oficina foi com Ives Quaglia,²⁹⁷ artista plástico e inventor, que desde 2002 fabrica marcações, timbales, repiques, pandeiros, moringas, tamborins e muitos outros instrumentos, tendo como principal matéria-prima o papelão. Neste dia aprendemos a técnica

²⁹³ Liliana Graciela Chatelain, buenos aires, argentina. Formada em psicologia social. É vice-presidente e co-fundadora do Centro Interdisciplinar de Estudos Grupais Enrique Pichon Rivière (CIEG), organização não governamental fundada em 1995. A ONG é dedicada à compreensão das relações entre ser humano e meio social, e as relações dessa adaptação com a saúde mental das pessoas. Disponível em: <http://www.ciegepr.org.br/modules/news/article.php?storyid=41>.

²⁹⁴ Segundo Pichon-Rivière, entende-se por grupo um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes e que se reúnem em torno de uma tarefa específica, um objetivo mútuo, em que cada participante é diferente e exercita sua fala, sua opinião, seu silêncio, defendendo seu ponto de vista. E neste grupo o indivíduo constrói sua identidade introjetando o outro dentro de si, ou seja, mesmo quando uma pessoa está longe posso chamá-la em pensamento ou mesmo todo conjunto. Assim o sujeito constrói sua identidade na sua relação com o outro, estando povoado de outros grupos internos de forma que todos esses integrantes do nosso mundo interno estão presentes em nossas ações. (FREIRE, 2000). Disponível em: <http://www.artigonal.com/psicologiaauto-ajuda-artigos/grupos-operativos-pichon-riviere-2745421.html>.

²⁹⁵ Mestre em Artes Visuais na Escola de Belas Artes da UFBA.

²⁹⁶ “O termo estêncil, que provém do termo inglês “stencil” reporta-se para a técnica e o resultado destampar algo por meio de uma prancha que apresenta um desenho já recortado. O processo consiste em lançar a tinta através do recorte: deste modo, fica estampada a forma da prancha”. Disponível em: <https://conceito.de/estencil>.

²⁹⁷ Artista plástico idealizador do projeto Arte Educa Som.

de *papietagem*,²⁹⁸ o que pra nós foi muito interessante, pois agora possuímos esta técnica e desenvolveremos nossos porta copos com papelão reciclado e outros artefatos. A ideia do porta copos é colocarmos neles conteúdos advindos de nossa pesquisa sobre redução de riscos e danos e posteriormente faremos a distribuição nos bares e restaurantes da cidade.

A quarta oficina foi com Eugênia Nunes sobre vídeo, o que atende nossos interesses pois estamos começando a desenvolver ideias sobre a feitura de pequenos vídeos que abordem questões sobre álcool e outras drogas. Alguns destes vídeos serão produzidos pela equipe, outros serão recortes de vídeo e montagem (edição) e outros serão vídeos inteiros que tratam deste tema. Nossa intenção é reproduzir estes vídeos nas comunidades escolhidas.

Os nossos materiais de trabalho também chegaram este mês (lap top e projetor) o que agora viabiliza esta atividade proposta. Também continuamos com a feitura dos Cards sobre redução de riscos e danos, agora estamos no processo de pesquisa teórica para que os cards tenham fundamentação.

Este mês também realizamos a nossa intervenção nos pontos de ônibus da Federação. Colamos cartazes com os preservativos feminino e masculino, e observamos a demanda da retirada destes preservativos. Continuamos com a explicação sobre a importância do uso do preservativo, além de divulgarmos nosso trabalho sobre álcool e outras drogas.

Salvador, outubro de 2010. Juracy do Amor Cardoso Filho.

²⁹⁸ A Papietagem é uma antiga técnica de confecção de máscaras para o teatro. Hoje serve não apenas para a confecção de máscaras, mas para o feitiço de qualquer objeto, desde formas simples de uma só face como a papietagem de pratos até formas mais complexas que devem ser “papietadas” dos dois lados e depois unidas, como esculturas. Disponível em: <http://www.sonholilas.com.br/2008/01/05/papietagem/>.

05. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, novembro de 2010

Este mês de novembro foi um mês muito especial! Muitas atividades aconteceram e em especial os dois seminários (internacional e nacional) que foram de extrema importância para abrir as discussões sobre as drogas, e ao mesmo tempo desfragmentar nossos pensamentos acerca do tema!

Ficou claro nas discussões que a legalização de todas as drogas, eliminaria de fato vários problemas ligados à violência social que atinge toda nossa sociedade hoje em dia.

Nessa perspectiva, neste mês, aprofundamos nossas pesquisas em torno do imaginário social sobre as drogas e decidimos realizar duas grandes intervenções urbanas.

Para a primeira intervenção, visitamos o Mercado do Peixe e decidimos expor dois vídeos criados pela equipe sobre álcool. Com a perspectiva de redução de riscos e danos, projetamos os vídeos nas lonas que cobrem o Mercado do Peixe. A dinâmica foi interessante e bastante objetiva. As pessoas olhavam o vídeo e isso proporcionou uma natural possibilidade para se começar pequenas discussões nas mesas dos bares, sobre nossa intervenção. Após a exibição dos vídeos e depois de muitos olhares e conversas, fizemos distribuição de preservativos e aprofundamos melhor o bate papo com os frequentadores do Mercado do Peixe.

A segunda intervenção foi melhor do que esperávamos. Com um megafone emprestado de um amigo, a equipe saúde de cara na rua se motivou a ir novamente até o Mercado do Peixe e largo da Mariquita e abrir definitivamente a discussão sobre as drogas. Legaliza ou não legaliza? Realmente a experiência foi marcante!

As pessoas ficaram impressionadas, motivadas, e diferentemente da primeira intervenção, nesta aconteceu uma grande excitação popular. Nós chegamos com som, cartazes, confetes e serpentinas, e de cara na rua botamos a boca no trombone, ou melhor, no megafone. Abrimos a discussão sobre o uso das drogas, o que se entende por drogas e seus usos, e também questionamos sobre a legalidade do álcool e cigarro e porque não legalizar a maconha, por exemplo? Informamos sobre o site www.cetadobserva.ufba.br e começamos a difícil tarefa de desfragmentar a cabeça das pessoas sobre a questão das substâncias psicoativas.

Atitude e cara de pau! Assim defino essa intervenção! Muita raça, união e sentimento de equipe, fez dessa intervenção uma porta de entrada para muitas outras. Acredito que encontramos um caminho interessante para nossas ações nas ruas. Encontramos um viés de performance que mescla intervenção com informação, e o melhor de tudo, não agredimos e não invadimos ninguém, pelo contrário, as pessoas ficaram maravilhadas com nossa performance, muitos que assistiram vieram se solidarizar com nossa proposta, afirmando a necessidade de se abrir uma discussão verdadeira sobre o tema. Em cumplicidade com nossa

performance, muitos nos procuraram e expressaram seus desejos por políticas públicas mais justas e mais condizentes com o nosso tempo.

Salvador, novembro de 2010. Juracy do Amor Cardoso Filho.

06. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, dezembro de 2010

Este mês de dezembro foram realizadas duas intervenções muito interessantes. A primeira aconteceu no largo do Campo Grande, à noite, quando levamos nossos cartazes, mascaras e apetrechos que nós mesmos confeccionamos. Na praça nós perambulamos com os cartazes levantados e fantasiados com máscaras começamos a instigar a população presente a participar da discussão sobre o polêmico tema da legalização. Muitas pessoas se manifestaram, umas contra, outras a favor. O mais importante é que aconteceu um frenesi, e a discussão foi ampliada com naturalidade. À medida que realizávamos a intervenção foi perceptível observar que muitos mitos sobre o tema drogas iam sendo desfragmentados na cabeça das pessoas, ao ponto de conseguirmos depoimentos sobre a questão. Registramos tudo em vídeo e essa intervenção se mostrou importante no processo de levantamento da discussão sobre a legalização das drogas. Neste mês também continuamos nossa pesquisa em torno do imaginário social sobre as drogas.

A segunda intervenção aconteceu na estação da Lapa. Decidimos levar os mesmos cartazes, mas não levamos as máscaras, afinal de contas percebemos que somos o de cara na rua, então pra que as máscaras? Decidimos ir de cara limpa.

Estacionamos o carro em frente ao shopping Center Lapa e decidimos descer em comboio pela pequena rua (beco) que liga a entrada da Av. Joana Angélica com a estação da Lapa.

A confusão era total, gente subindo e descendo, pessoas vendendo de tudo, camelôs em plena atividade comercial. Nós descemos a rua lentamente e íamos posicionando os cartazes para que o público pudesse ler e exprimir suas impressões. Alguns vendedores das lojas possuíam microfones para vender seus produtos, nestas lojas, nós posicionávamos os cartazes e eles liam em voz amplificada para todos que passavam por ali. O melhor é que estas pessoas além de lerem os cartazes, eles emitiam suas ideias sobre o tema. Muitos apoiaram a legalização, discutindo a necessidade de existir um local apropriado para as pessoas dependentes usarem as drogas.

Antes de chegarmos na lapa de fato paramos na escadaria que liga essa rua com a estação, e lá abrimos nossa maleta repleta de preservativos e duas próteses penianas. A euforia foi total, assim como os vendedores da lapa, começamos a também exteriorizar os modos como eles se comportavam, só que, no nosso caso, distribuindo camisinhas e perguntando as pessoas sobre o tema da legalização. As pessoas ficaram impressionadas, motivadas, alucinadas com tanta energia que propagávamos nosso trabalho! Foi só alegria.

Logo após descemos as escadas e ficamos no patamar em que existe um grande fluxo de pedestres. Lá continuamos a distribuição e instigávamos as pessoas com frases como:

— *Neste natal proteja seu peru!*

Ou

— *Neste natal não dê mole pro papai Noel, use camisinha!*

Frases que descontraíam e deixavam as pessoas mais a vontade na aproximação e no diálogo.

Neste mês também nos articulamos com as supervisões com o Dr. Nery e Patrícia, contextualizamos nossas intervenções e passamos por um processo de escuta e entendimento do nosso trabalho, numa dinâmica em aprimorar nossas ideias sobre o como agir e como interferir nas ruas com o tema: substâncias psicoativas. Por fim, eu e Rose também atuamos com o consultório de rua 1, na ladeira da preguiça, numa confraternização de fim de ano.

Salvador, dezembro de 2010. Juracy do Amor Cardoso Filho.

07. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, janeiro de 2011

Locais: Comércio, Porto da Barra, Estação Mussurunga, Estação Iguatemi.

Pontos positivos:

Pessoas dispostas a dialogar: transeuntes e trabalhadores do comércio, pessoas que estavam na praia, na estação Mussurunga e Iguatemi. Nós não passamos despercebidos. Muitas pessoas ficaram atentas as placas e cartazes e também abertos para uma comunicação.

Pontos negativos:

Locais com muita sujeira, e mau cheiro. Nestes ambientes acontece muita exposição da equipe, não há segurança para a realização do trabalho.

Parecer:

As dificuldades sempre existirão, não me preocupo com sujeira ou mal cheiro, mas a questão segurança é fundamental, já que a equipe é composta com a maioria de mulheres, sempre procuro ficar atento às demandas do local.

Ida a campo:

Neste mês intensificamos nossas intervenções e dinamizamos o trabalho com ações objetivas e contato direto com o público. Abordamos assuntos de saúde como o uso adequado de preservativos e discutimos com as pessoas a questão da legalização das drogas, as consequências que a legalização traria, em contraponto ao estado atual do problema social.

Conversamos com transeuntes e também com autoridade policial. Na estação Iguatemi, quando chegamos, já saímos do carro com os cartazes em punho. Fomos em direção a estação de transbordo e pelo caminho muitos transeuntes iam lendo os cartazes e alguns emitiam suas opiniões sobre o assunto (contra e a favor) da legalização. Na estação caminhamos por todos os lados e conseguimos bons bate papos com as pessoas que chegavam até nós. Nesta intervenção conseguimos encaminhar pela primeira vez um usuário de crack. Também conversamos com um Manassés e interagimos muito bem, conseguimos discutir sobre o proibicionismo e as consequências negativas dele.

No Comércio intervimos com placas e cartazes. Dialogamos com os feirantes e transeuntes sobre a importância do uso do preservativo e também sobre a questão das drogas, ouvimos os depoimentos das pessoas. Houve um motorista que passou e nos chamou de vagabundos, porque estávamos com cartazes que questionavam a legalização ou não das drogas.

No Porto da Barra com a dinâmica do “passa a bola”. A equipe confeccionou as bolas estilizadas e íamos literalmente passando a bola da informação e discutimos a situação do usuário de drogas com as pessoas que estavam na praia. Pela primeira vez consegui conversar

com três policiais militares que estavam fazendo ronda pela areia. Eram dois Pms²⁹⁹ e uma Pfem³⁰⁰. Houve uma conversa franca e honesta sobre a questão dos usuários. Um dos policiais não compreendia porque estávamos ali falando sobre o assunto e distribuindo além de preservativos, panfletos que discutiam a real situação do usuário na legislação atual. (Os panfletos constam de informações sérias sobre como o usuário deve se comportar perante uma autoridade policial). De certa forma acredito que consegui desfragmentar um pouco o pensamento dos três em relação ao assunto, inclusive a Pfem agradeceu aos preservativos e falou que iria pensar mais no assunto do usuário, que iria se informar melhor.

Pontos positivos:

Disponibilidade do grupo na realização do trabalho, interatividade, distribuição de preservativos, bate papo com as pessoas que estão nas ruas sobre as questões que envolvem o uso e abuso de substâncias psicoativas. Neste mês acredito que atingimos umas 4000 (quatro mil) pessoas com as intervenções.

Desafios:

Falta de alguns materiais para a realização dos trabalhos. Na rua se faz necessário o uso de protetor solar, já que muitas vezes trabalhamos ao sol e uma vez por semana na praia, também acredito muito no megafone, com ele na equipe acredito que o trabalho seria muito mais impactante!

Reuniões de equipe:

Reunião todas as terças e quintas. Dia 20/01/11 houve reunião com Patrícia Flach, e discutimos sobre a falta de material que precisamos para realizar melhor o trabalho. Também discutimos a possibilidade de escrevermos artigos para publicação. Dia 24/01/11 nos foi apresentado este modelo de relatório, ao qual irei me adaptando aos poucos.

Pontos discutidos:

Materiais para o trabalho, metodologias de intervenção, escrever mais sobre as experiências de campo. etc.

Considerações pertinentes:

A falta de material adequado para a realização dos trabalhos realmente prejudica a equipe. Já estamos há mais de seis meses trabalhando com mínima estrutura. Sabemos que o trabalho pode ser realizado dessa forma, mas essa é a proposta? Acredito que não, portanto,

²⁹⁹ Policial militar.

³⁰⁰ Policial militar feminina.

percebo ser de extrema importância a aquisição dos materiais, como o megafone por exemplo, para que possamos atingir um maior número de pessoas nas ruas.

Salvador, janeiro de 2011. Juracy do Amor Cardoso Filho.

08. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, fevereiro de 2011

Locais: Campo Grande, Farol da Barra e Rio Vermelho

Pontos positivos:

No Campo Grande havia poucas pessoas, no Rio Vermelho uma multidão. Difícil dizer em qual lugar houve um melhor trabalho. Pois apesar de realizarmos a mesma intervenção, os contextos eram bem diferentes. No Campo Grande uma tarde comum, no Rio Vermelho a festa de Iemanjá. No Farol da Barra alguns turistas e famílias. É um local muito disperso.

Pontos negativos

No Rio Vermelho havia muita gente e também muita sujeira. O protetor solar na intervenção do Rio Vermelho realmente fez falta. Muito sol e calor. No Farol da Barra não apareceu boas oportunidades para realizar o trabalho, devido a só estarem no local famílias e turistas. Não percebemos uma boa disponibilidade deste público com a intervenção do “passa a bola”, além de que estava ventando muito e assim não dava para realizar o trabalho. Acredito que outra proposta de dinâmica seja mais efetiva neste local.

Parecer:

Os locais escolhidos são muito bons para se desenvolver o trabalho. No entanto, como neste mês ficamos sem motorista, ocorreu uma dificuldade de locomoção para realizar o trabalho. Nestas três intervenções fomos por conta própria até o local.

Ida a campo:

Neste mês intensificamos nossas intervenções com o contato direto com o público. Continuamos a abordar o uso adequado de preservativos. Na festa de Iemanjá o sol estava muito forte e havia muitas pessoas na rua. Encontramo-nos no largo da Mariquita e lá nós realizamos a intervenção. Montamos o Totem reciclado e armamos o varal informativo e começamos a distribuir os preservativos. Colocamos o Totem na faixa de pedestres e ficou muito visível. Chamávamos a atenção dos transeuntes para ler e ver o que havia no Totem e assim também distribuíamos os preservativos. No Campo Grande realizamos a mesma intervenção do dia 2 de fevereiro. Apesar de não haverem muitas pessoas no largo, conseguimos uma boa conversa com três policiais da “Choque” que faziam ronda pelo local. Também encaminhamos três homens para fazerem cadastro nos postos de saúde para retirarem preservativos, além de conversas com jovens e transeuntes do largo.

Pontos positivos:

Disponibilidade do grupo na realização do trabalho, interatividade. O totem de papelão ficou maravilhoso, também produzimos camisas personalizadas com o nome da equipe. Neste mês acredito que atingimos umas 5000 (cinco mil) pessoas com as intervenções.

Desafios:

A Falta de materiais para a realização dos trabalhos, implica numa proposta de reciclagem pela equipe de materiais encontrados nas ruas ou supermercados, como o papelão. Além disso neste mês compramos tintas e sprays com o dinheiro individual de cada participante da equipe. Já que não devemos ficar parados aguardando a chegada de materiais, estamos realizando nossas intervenções com o material que conseguimos obter.

Reuniões de equipe:

Dia 01/02/11. Ficamos no CETAD confeccionando os materiais para o dia 02 de fevereiro - festa de Iemanjá. 14/02 começamos a criar um blog da equipe, que será apresentado aos coordenadores quando estiver pronto. Reuniões para se discutir o livro Guia

Pontos discutidos:

Materiais para o trabalho, metodologias de intervenção, escrever mais sobre as experiências de campo e Livro Guia.

Deliberações:

Com papelão, tintas, pincéis, *stencil* feito pela equipe e tintas em spray, construímos um Totem informativo e um varal com informações. Pela urgência em se escrever para o Livro guia, neste mês ficamos mais focados na produção deste material. Intensificamos nossas reuniões e escritas sobre o nosso trabalho que será incluído no Livro guia da instituição.

Considerações pertinentes:

O megafone e outros materiais importantes chegaram! Isso sim é Boa notícia!!!!

Salvador, fevereiro de 2011. Juracy do Amor Cardoso Filho.

09. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, março de 2011

Neste mês de março de 2011, começamos as atividades com o carnaval. No dia 02 estivemos no Farol da Barra, junto com os outros consultórios de rua e fizemos o bloco da redução de danos. Distribuimos preservativos, panfletos, viseiras e informativos. Realizamos o cortejo até o bairro da Ondina.

No dia 03, fomos ao Pelourinho, na Praça da Sé montamos a tenda do CETAD e começamos a interagir com a população distribuindo preservativos, bandanas, e folders explicativos. Também oferecemos à população, copos de água mineral, em troca para cada lata de cerveja vazia. Nesta dinâmica, tentamos garantir uma redução de danos para os foliões que estavam ingerindo cerveja, atrelando informação sobre as questões que envolvem álcool e direção. Entre os dias 04 e 13, recesso de carnaval. Dia 14 houve reunião com Patrícia Flach quando discutimos os seguintes tópicos: Investigação e contato com os sindicatos dos alcoolistas, chamada de pessoas interessadas em trabalhar com nossa temática, para serem estagiários do nosso trabalho no De Cara na rua e realizar junto à equipe as intervenções urbanas, elaboração dos seminários de rua, e definição das oficinas que teremos.

Dia 17 gerenciamos coletivamente nosso Blog e dia 21 combinamos em trazer caixas de remédios vazias para uma futura intervenção. Dia 23 houve a reunião geral com Dr. Nery na qual foi discutido a necessidade da nossa equipe possuir um Blog.

Dia 25 houve a intervenção no Campo Grande, onde foi realizada uma encenação (o médico e o alcoolista), ocorreu também um trabalho informativo com a redução de danos, além da de ser disponibilizado à população a nossa biblioteca de rua (livros, informativos, folders, etc.).

Dia 28 criamos novas frases para a intervenção do “passe a bola”. Dia 29 realizamos a intervenção no Porto da barra, com a dinâmica do passe a bola, muitas pessoas participaram da dinâmica e tivemos um resultado satisfatório da intervenção, tudo foi registrado com a máquina pessoal de um dos integrantes. Dia 30 fomos fazer a intervenção do “passe a bola” na praia do Buracão, Rio Vermelho, mas chegando lá, havia na praia somente umas 8 pessoas, decidimos não fazer a intervenção e voltar no Buracão somente nos finais de semana.

Dia 31 tivemos a oficina de teatro com Leonardo Marinho no CETAD.

Salvador, março de 2011. Juracy do Amor Cardoso Filho.

10. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, abril de 2011

Neste mês de abril de 2011, foi um mês intenso de trabalhos e ideias. Começamos dia 01 com a finalização da oficina de teatro ministrada por Leo Marinho. Dia 04 planejamos nossas intervenções para o mês de abril.

A primeira intervenção foi no dia 07 na Praça da Piedade e a segunda dia 10 no Campo Grande. No Campo Grande observamos muitos jovens na praça, havia muito consumo de álcool, e outras drogas, como benzina, cocaína e cigarro.

A equipe se encontrou na praça. Decidimos ali realizar duas intervenções: a primeira com o palhaço Tororó falando uma língua que ninguém entende e Aline realizando a tradução simultânea, utilizando-se de dicas sobre redução de danos para os jovens que ali estavam. A dinâmica foi excelente, atingiu e físgou a atenção daquelas pessoas.

A segunda intervenção foi com o casaco de remédios. Membros da equipe vestiram casacos que continham caixas de remédios acomodadas na parte interna, quando chegávamos próximo ao grupo selecionado, expúnhamos os remédios e oferecíamos (como brincadeira) pra venda, e começávamos o diálogo. Logo após esta chegada conversávamos sobre o abuso de medicamentos, e questões que envolvem relações de atendimento médico. Neste dia a equipe se demonstrou muito eficiente e bem dinâmica na realização das tarefas, foi um dia em que a equipe se superou, todos bem atentos e afinados com a proposta de trabalho.

Dia 11 realizamos nossa reunião interna e deliberamos as atividades para a semana, dia 12 realizamos a oficina de música, e creio que esta oficina deva se estender nos meses seguintes, para que a equipe adquira ferramentas e técnicas musicais e de impostação vocal para melhor desempenho nas ruas. Dia 13 aconteceu a intervenção no Dique do Toróro (distribuição de preservativos), dia 14 fomos a um debate muito interessante sobre drogas na Uneb,³⁰¹ e dia 15 a equipe fez observação em frente ao shopping Iguatemi, onde muitas pessoas ficam depois do trabalho e há um consumo alto de álcool. Este local será palco de uma futura intervenção.

No dia 18 aconteceu a oficina de fantoches, no dia 19 reunião interna e dia 20 aconteceu a observação no bar Chuleta, local onde também realizaremos futuras intervenções. Seguiu-se o feriado da Páscoa.

Dia 25 fizemos reunião para fechar o roteiro da performance o anjo e demônio. Dia 26 - oficina com Rose. A oficina foi muito rica e criamos ideias para futuras intervenções. Dia 27 ocorreu reunião com Dr. Nery na qual apresentamos os vídeos e ouvimos suas dicas,

³⁰¹ Universidade do estado da Bahia.

retomamos a ideia da rádio novela e ocorreu ensaio. Dia 28 ensaiamos mais uma vez e dia 29 ocorreu a apresentação e intervenção no Campo Grande com a performance do anjo e diabo. Foi a primeira vez que Maud foi às ruas conosco, ela se saiu muito bem. Bem-vinda Maud! Nossa nova tripulante do barco saúde de cara na rua.

Salvador, abril de 2011. Juracy do Amor Cardoso Filho.

11. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, maio de 2011

Em 02 de maio começamos a desenvolver o planejamento da semana e a elaboração do calendário de maio, além de avaliações internas sobre as intervenções anteriores. No dia 03 discutimos sobre as idas as escolas e sobre a reunião que teremos com o consultório de rua sobre a intervenção na feira de São Joaquim. Dia 04 fomos até a escola Manoel Novais, que fica na mesma Rua do CETAD, no Canela. Lá fizemos uma observação das dependências da escola, com um olhar para as futuras intervenções. Também tivemos uma conversa muito boa com a vice-diretora, sobre nossa proposta de trabalho e tivemos uma boa aceitação, ficamos de elaborar uma metodologia que se torne atraente para esta intervenção e apresentar à escola.

Dia 05 tivemos uma reunião com o consultório de rua sobre a intervenção que faremos na feira de São Joaquim, discutimos sobre as possibilidades de intervenções. Dia 06 houve a intervenção do Anjo e demônio no Campo Grande, apesar da tarde chuvosa, conseguimos atrair olhares para nossa indumentária e ações. Realizamos a intervenção em três pontos da praça, na última conseguimos uma aceitação e receptividade incrível, foi muito bom.

Dia 09 tivemos a reunião de supervisão com Patrícia Flach e discutimos sobre a troca de materiais que chegaram errados. Além disso, discutimos sobre as deliberações da reunião, em que ficou acertada a possibilidade de convidarmos outras pessoas para integrar o trabalho que fazemos nas ruas.

Dia 10 ensaiamos a dinâmica “contra e favor” e começamos a construção das frases que compõem esta intervenção. Dia 12 ocorreu outra reunião com o consultório de rua, quando afinamos mais a metodologia da intervenção, ficou decidido pela intervenção do “anjo e demônio” com a assessoria de um terceiro personagem que será uma pessoa do próprio consultório para compor a cena. Dia 16 fizemos o planejamento da intervenção na câmara de vereadores. Dia 17 tivemos reunião com Ana Claudia.

Dia 18 realizamos a intervenção na Câmara de vereadores de Salvador. Nos posicionamos nas escadarias da câmara vestidos com camisa de força e por baixo vestidos como executivos. Adentramos a câmara lotada e fomos até a frente da bancada, ficamos ali por poucos minutos até chamarmos a atenção dos presentes, em tempo gritamos em voz alta: Queremos políticas anti- manicomiais já! Neste ponto despimos nossas camisas de força e saímos andando para fora do plenário. Foi muito desafiadora esta dinâmica, deu tudo certo! Fomos aplaudidos.

Dia 20 ocorreu a confecção das fantasias para a parada do orgulho louco. Dia 21 pela manhã ocorreu a parada do orgulho louco na Barra, com a presença da equipe fantasiada.

Dia 23 e 25 reuniões sobre as intervenções e avaliação das anteriores. Dia 26 aconteceu a intervenção dos Piratas no rio Vermelho junto à população e aos motoqueiros que ali estavam presentes.

Dia 31 ocorreu reunião com Ana Claudia, quando discutimos nossa vida na própria instituição, o processo do reconhecimento dentro do CETAD. Discutimos também sobre as reuniões da quarta feira pela manhã e começamos a elaborar a ideia da semana pedagógica nas escolas sobre o tema drogas.

Salvador, maio de 2011. Juracy do Amor Cardoso Filho.

12. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, junho de 2011

Em 01 de junho finalizamos as falas de cada personagem e começamos o ensaio da nossa pequena dramaturgia. Essa cena conta com 5 personagens diferentes entre si, mas que trazem em sua abordagem temas em comum, como: o proibicionismo, legalização, liberdade de expressão, etc.

No dia 02 tivemos reunião com Patrícia Rachel sobre como devemos agir em caso de encaminhamento e acolhimento de alguma pessoa aos serviços de saúde.

Dia 03 ensaiamos novamente nossa dramaturgia na área externa do CETAD. Foi muito interessante ver os outros profissionais que compõem o CETAD observarem nosso ensaio e admirarem nossas ações.

Dia 06 tivemos reunião interna e colaboramos com nosso Blog, inserimos as logomarcas da prefeitura e do CETAD.

Dia 07 aconteceu a primeira aula da oficina: O corpo na educação. Trabalhamos o corpo como forma de expressão e como linguagem, começamos a desengessar o corpo para uma boa dinamização do nosso trabalho nas ruas. O investimento financeiro para esta oficina foi custeado um terço pelo CETAD e os outros dois terços pelos integrantes da equipe.

Dia 08 tivemos reunião no CETAD sobre o projeto Escola Aberta, discutimos sobre metodologias, vínculos e riscos do projeto. Também apresentamos o nosso projeto Saúde de cara na rua aos profissionais do núcleo de ações comunitárias.

Dia 09 e 10 realizamos encontros no Campo Grande, observamos a movimentação das pessoas na praça, também discutimos sobre novas dinâmicas, como o cinema na praça e relembramos intervenções antigas que ainda não saíram do papel.

Dia 13 tivemos reunião com nossa supervisão Patrícia Flach e apresentamos a ela a dramaturgia que preparávamos para apresentar no CAPS em debate, realizado no Juliano Moreira.

Dia 14 e 15 tivemos mais ensaios com a intervenção que preparávamos, mas por motivo de força maior, decidimos realizar outra intervenção no CAPS em debate.

Dia 16 - intervenção no CAPS em debate no Juliano Moreira. Executamos o plano B. Fizemos a intervenção com Juracy (Timóteo Leri) e Rose (Palhaço Tororó). Esta intervenção foi excelente, logo no início do debate adentramos ao auditório e me apresentei como “Timóteo Leri” o inventor do LSD e estava ali para fazer a tradução simultânea de uma pesquisadora (Tororó) de Spa’s de um país distante. A pesquisadora veio dar dicas sobre o surgimento do proibicionismo e com isso o aumento da criminalidade. Apresentou também a relação drogas e seres humanos na história, desenvolvemos temas sobre educação, legalização, regulação e

descriminalização, etc. Todos os profissionais adoraram a intervenção, ponto positivo pro “De cara na rua”!

Dia 20 tivemos reunião com nossa supervisão Patrícia Flach.

Dia 21 tivemos nossa segunda aula da oficina o corpo na educação.

De 23 a 26 recesso junino.

Dia 27, reunião com nossa supervisão Patrícia Flach, foi discutido além de outros assuntos, a nossa presença nas reuniões de quarta pela manhã no CETAD.

Dia 28 tivemos nossa última aula da oficina o corpo na educação.

Dia 29 - reunião no CETAD pela manhã.

Dia 30, elaboração do kit para ser entregue nas ruas, também fizemos papietagem e pintura nos papelões que reciclamos, e que depois foram feitas as urnas para serem colocadas nas escolas.

Salvador, junho de 2011. Juracy do Amor Cardoso Filho.

13. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, julho de 2011

Dia 01. Iniciamos o mês com a intervenção no bar Chuleta, que fica próximo a faculdade de Educação da UFBA. Entregamos os kits confeccionados pela equipe com dicas de saúde e preservativos. Foi interessante, pois no momento em que chegamos, estava acontecendo uma comemoração de estudantes recém-formados em medicina, foi interessante levar e promover saúde aos que em breve estarão, na prática, realizando medicina.

Dia 04 confeccionamos mais kits, além de disponibilizarmos à nossa supervisora, vídeos e materiais para a sua apresentação em Vitória do Espírito Santo.

Dia 05, começamos a estudar a legislação do SUS para o concurso público que se aproxima.

Dia 06 tivemos a reunião geral do CETAD, onde foram apresentados casos clínicos. Daí surgiu a ideia de acrescentar em nossos kits os telefones dos serviços de emergência psiquiátrica.

Dia 07, intervenção no Porto da Barra. Distribuição de camisinhas e endereço dos serviços de saúde e dicas de saúde.

Dia 08 fizemos a intervenção na passarela do shopping Iguatemi, assim como no Porto da Barra, disponibilizamos preservativos para os transeuntes que se deslocavam pela passarela até a estação de transbordo do Iguatemi e rodoviária. Damos dicas de saúde e informamos sobre os serviços e sobre os CAPS.

Dia 11, reunião no CETAD. Dia 12, estudo da legislação do SUS.

Dia 13, reunião com o núcleo de ações comunitárias

Dia 14, confecção de matérias para as nossas intervenções.

Dia 15, novamente intervenção na passarela do Iguatemi.

Dia 18 elaboramos a intervenção para o dia 20 na reunião geral do CETAD

Dia 19, estudo da legislação do SUS.

Dia 20, apresentação do projeto Saúde de Cara na Rua, aos profissionais do CETAD. Nesta apresentação, abordamos duas intervenções, a do passe a bola, que realizamos sempre no Porto da Barra e a intervenção com o megafone, dando dicas de saúde e informando sobre os serviços de saúde e CAPS.

Dia 21, ideias para a intervenção nas escolas. Arrumamos os arquivos do computador do projeto e definimos a intervenção do dia 22.

Dia 22, Intervenção no Porto da Barra. Foi maravilhosa essa intervenção, o megafone é ferramenta fundamental de trabalho. A partir de frases e apresentações do projeto, como:

— *Somos o Saúde de cara na rua, uma equipe do Centro de estudos e terapias do abuso de drogas, em parceria com a Universidade Federal da Bahia. Estamos aqui hoje no Porto da Barra para promover informação e saúde! E saúde é o que interessa o resto não tem pressa!!! Depois desse sol maravilhoso, dessa praia gostosa, depois do acarajé e depois da cervejinha, não se esqueça de usar a camisinha! Sempre é bom ter uma no bolso, na carteira! Atenção ao prazo de validade! A camisinha te protege contra doenças sexualmente transmissíveis, como HIV/AIDS, além de muitas outras! E é um excelente contraceptivo! Pegue sua camisinha.*

E por aí vamos com o megafone distribuindo alegria e informação.

Dia 25, reunião no CETAD sobre a intervenção de na feira de São Joaquim

Dia 26, Intervenção na feira de São Joaquim. Esta intervenção foi interessante, pois fizemos a proposta do “anjo e demônio” com mais um personagem, ou seja, o sujeito e seus respectivos anjo e demônio. Fomos pelas vielas da feira dando dicas de redução de danos, além de dicas de higiene pessoal, alertando toda a comunidade que trabalha e que estava passando pela feira, da necessidade de uma mudança de comportamento, ampliando a visão sobre os usos de determinadas substâncias, como a maconha, o cigarro, o álcool e o Crack. Foi importante essa intervenção pois conseguimos realizar o trabalho conjuntamente com o consultório de rua, este foi um ponto bastante positivo, a interação das duas equipes em prol do trabalho. Dia 27 tivemos reunião no CETAD.

Dia 28 fizemos uma intervenção na Rua coqueiros da Piedade, rua central que liga o centro da cidade (shopping Center Lapa) com a estação da Lapa. Nesta intervenção distribuimos camisinhas e entramos em contato com a população dando dicas de saúde, além dos telefones dos CAPS para possíveis acolhimentos. A equipe trabalhou em conjunto e o trabalho foi realizado com eficiência.

Salvador, julho de 2011. Juracy do Amor Cardoso Filho.

14. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, agosto de 2011

Dia 01 teve reunião no CETAD e fizemos os cartões para o mural que será depositado nas escolas, também finalizamos o projeto para a escola Manoel Novaes.

Dia 02 houve a apresentação do projeto na escola Manoel Novaes.

Dia 03 tivemos uma boa reunião com a Superintendente da SUPRAD Sra. Denise, nesta reunião acertou-se as parcerias da SUPRAD com o CETAD

Dia 04 formatamos o trabalho a ser apresentado na escola Luiz Viana. Dia 05 confeccionamos os materiais para a escola Manoel Novaes. Dia 08 apresentamos uma intervenção na escola Luiz Viana, a apresentação foi boa, no entanto, a dinâmica da condução dos trabalhos foi ruim, devido a problemas técnicos, como leitor do computador que não rodava o Cd que havíamos levado, além de um microfone com um cabo muito curto que inviabilizou uma melhor explanação dos conteúdos, além de que houve uma pequena desconexão com o que esperavam da equipe e o que a equipe apresentou. Focamos no proibicionismo e nas questões que envolvem estes temas, assim como questões sobre redução de danos.

Dia 09 estudamos a legislação do SUS

Dia 10 aconteceu uma reunião com a Sra. Alba do núcleo de ações comunitárias, momento em que nos foi dado o feedback da nossa apresentação da segunda.

Dia 11 fizemos reunião interna e começamos a jogar o jogo que criamos o “perfil das drogas” houve também uma reunião com a associação dos moradores do Sto. Antônio. Dia 11 tivemos a intervenção cancelada devido às fortes chuvas.

Dia 15 fizemos a leitura da Portaria sobre a redução de danos além de ler a cartilha sobre o Crack dia 16 estudamos a legislação do SUS. Dia 18 tivemos reunião no CETAD, local onde ocorreu a apresentação das oficinas que serão ministradas por membros da equipe. Dia 18 fizemos o calendário e planejamos o resto do mês. Dia 19 tivemos uma reunião com Luana sobre os usos e abusos do Crack e as formas de atuação com os usuários.

Salvador, agosto de 2011. Juracy do Amor Cardoso Filho.

15. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, outubro de 2011

Em 03 de outubro fizemos a confecção dos brindes para o jogo que será apresentado quarta-feira no CAPS de Pirajá além da organização do Mês

Dia 04 elaboramos a intervenção para o CAPS Gey Espinheira e decidimos apresentar o jogo “perfil das drogas” para começar a divulgar nossa mais recente intervenção.

Dia 05, ocorreu a entrega oficial dois carros do projeto e fizemos a intervenção no CAPS de Pirajá. Foi uma intervenção rápida, que serviu somente para apresentar os trabalhos que nossa equipe vem desenvolvendo na cidade de Salvador.

Dia 06 aconteceu o seminário da Aliança de redução de danos Fátima Cavalcante e dia 07, seminário em São Lázaro

Dia 09 nossa colega Jamile, apresentou um pequeno seminário sobre as DST.³⁰²

Dia 11 aconteceu um trabalho com *stencil* na feira de São Joaquim

Dia 12 - feriado. Dia 13 aconteceu reunião interna e preparação do material informativo. Dia 14, intervenção no porto da Barra com a dinâmica do “passe a bola”

Dia 17 aconteceu reunião com Paulina e ao final fizemos algumas fotos juntos aos carros do lado de fora do CETAD para a SENAD

Dia 18, intervenção na feira de São Joaquim em parceria com o consultório de Rua. Dia 19, reunião interna no CETAD. Dia 20 ao dia 27 (7 dias) minhas férias. Dia 31 - avaliação do mês no CETAD.

Salvador, outubro de 2011. Juracy do Amor Cardoso Filho.

³⁰² O Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais passa a usar a nomenclatura “IST” (infecções sexualmente transmissíveis) no lugar de “DST” (doenças sexualmente transmissíveis). A nova denominação é uma das atualizações da estrutura regimental do Ministério da Saúde por meio do pelo Decreto nº 8.901/2016 publicada no Diário Oficial da União em 11.11.2016, Seção I, páginas 03 a 17 Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/departamento-passa-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst>. Acesso em 30/10/18.

16. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, novembro de 2011

Em 01 de novembro fomos pela manhã fazer as fotos com todos os consultórios de rua no Pelourinho em frente a casa Fundação Jorge Amado. O clima estava bom e descontraído e fizemos as fotos. Dia 02 foi feriado. Dia 03 houve uma reunião com nossa supervisora Patrícia Flach e com as estudantes de psicologia, e ficou acertado a definição dos horários do estágio e observação das mesmas.

Dia 04 houve o fórum no colégio ICEIA. Fizemos uma intervenção pontual com o palhaço Tororó. Assistimos o fórum e houve também uma representação teatral muito interessante dirigida pelo colega de trabalho Leo.

Dia 07, ocorreu a apresentação oficial das estagiárias ao nosso projeto e houve também a apresentação de Lívia sobre a reforma psiquiátrica lei 10216.

Dia 08 nos reunimos no CETAD e dia 09 - reunião da clínica.

Dia 10 fizemos observação no Costa Azul e Imbui o que foi muito bom, pois a equipe se demonstrou mais madura para a realização do trabalho, com mais segurança em administrar as demandas que apareceram no momento. Refletimos nas possibilidades de intervenções naquele local e planejamos algumas e intervenções nos bares situados no corredor central do Imbui.

Dia 14 foi suspensa as atividades (ponto facultativo) e dia 15 - feriado.

Dia 16 houve reunião interna no CETAD

Dia 18 ocorreu apresentação do projeto para americanos com Dr. Nery e Dra Paulina.

Dia 21 houve o Colóquio da Abesup em São lazáro. Foi muito interessante as discussões sobre as comunidades terapêuticas, além do lançamento do livro Maconha mitos e fatos.

Dia 22 e 23, fizemos reunião interna para discutir qual melhor intervenção faríamos no Ceeba. Dia 24 e 25, realizamos a intervenção no Centro de educação especial da Bahia. Foi muito bom estar neste centro e ter a possibilidade de troca com essas pessoas muito especiais, especiais em generosidade e afeto. Foi maravilhoso perceber que mesmo pessoas que tem algum comprometimento cognitivo se interessavam e realmente aprendiam sobre o que falávamos e o que mostrávamos, principalmente em reação ao uso de preservativos e proteção contra a Aids e Dst. Foi emocionante ver como o nosso trabalho assume características diferentes e como podemos cada vez mais adentrar em diversos espaços da sociedade levando sempre informação, cultura e promovendo saúde. Dia 28 - reunião no CETAD. Dia 30 planejamos o mês de dezembro

Salvador, novembro de 2011. Juracy do Amor Cardoso Filho.

17. Relatório Saúde de cara na rua / Salvador, janeiro, fevereiro e março de 2012

Começamos o ano letivo de trabalhos em prol da saúde dos baianos! Em 09 de janeiro, fizemos nossa reunião e abrimos os trabalhos para o ano, dia 10 iniciamos uma aventura pelo Pelourinho. Aproveitamos que às terças acontece por lá o show do artista Gerônimo. Chegamos e começamos com nossas intervenções, desta vez ainda não conseguimos montar o carro, mas mesmo assim, distribuimos camisinhas e aproveitamos a oportunidade e observamos a dinâmica do local no dia de terça e discutimos a possibilidade de fazermos deste local um ponto estratégico para nossas ações.

Dia 11 ocorreu reunião clínica do CETAD, dia 12 aconteceu a lavagem do Bonfim e dia 13 fizemos uma intervenção no Porto da Barra, pelas areias distribuimos preservativos e distribuimos os telefones dos serviços de saúde. Dia 20 fizemos uma observação na sinaleira do Rio Vermelho e dia 24 preparamos os nossos materiais.

Em fevereiro começamos o mês com uma grande intervenção na festa do dia 02, que é a festa de Iemanjá a rainha do mar, foi muito boa essa experiência, pois de fato conseguimos explorar o carro de uma maneira enxuta e eficiente. Fizemos o balaio dos desejos, no qual os transeuntes depositavam seus pedidos de paz e alegria. Falamos também sobre o álbum seriado que explica sobre algumas doenças sexualmente transmissíveis, além de distribuição de preservativos e cards informativos, para a população em geral.

O megafone ganhou espaço na rua e instigamos a população a chegar ao nosso carro e conhecer nosso trabalho. Nos dias que se seguiram ocorreu a greve da polícia em Salvador, o que dificultou nosso acesso à cidade de forma tranquila. Muitas atividades propostas foram canceladas devido a este acontecimento, no entanto, a lavagem de Itapuã no dia 08 foi uma beleza! Conseguimos trabalhar com calma e tranquilidade, e recebemos elogios da população que reconheceu a importância de um trabalho como o nosso nas ruas de Salvador.

Dia 16 iniciou-se o carnaval em Salvador e como sempre, fizemos o bloco de redução de danos por onde todas as equipes puderam desfilar e ocorreu distribuição de preservativos. Nos dias que se seguiram no carnaval as equipes se posicionaram na Praça da Sé e lá demos dicas de saúde, e fizemos as trocas de latas de cerveja vazias por copos de água, a população respondeu bem a esta iniciativa e fizemos um belo trabalho. Dia 27 fizemos uma avaliação interna do mês de fevereiro, e dia 28 realizamos nossa intervenção em Gerônimo.

Março começou com uma boa intervenção no Largo de Santana. Com o carro aberto e todas as nossas atividades em andamento: Distribuição de cards, bate papo com a população que transitava pelo local, distribuição de preservativos e conversas atentas sobre Dst/aids.

Dia 08 e 09 iniciou-se o curso de atualização em gerenciamento de casos e reinserção social no campo das Spa's. Dr. Nery fez uma brilhante aula e deixou claro a importância do nosso trabalho para a sociedade. Por que os humanos usam drogas? Muitas respostas e muitas questões surgiram, mas o mais importante foi saber que tudo está aí para ser trabalhado e desenvolvido. Dia 13 voltamos ao Pelourinho e voltamos a interagir com a população local. Muitos moradores de rua e pessoas em situação de rua chegaram até nós para conhecer e saber o que esse carro laranja está fazendo parado em plena terça de festa no Pelourinho. Dia 14 - reunião clínica e dia 15 - intervenção na Liberdade. Dia 16 fomos até a “calourosa” da UFBA, evento de recepção dos calouros à Universidade federal. Lá não pudemos adentrar com nosso carro, mas tínhamos um stand. Montamos nossa feira de informações e começamos o trabalho. Foi interessante perceber como muitas pessoas, principalmente alguns funcionários da própria instituição reclama sobre o proibicionismo imposto pela atual reitora, em proibir o consumo e comercialização de álcool dentro da Universidade, no entanto, foi perceptível que muitos estudantes nem entraram na festa, ficaram do lado de fora tomando sua cerveja, ou então, entravam com latas de cerveja escondidas nas bolsas. A “calourosa” mais se assemelhou a uma feira de ciências ou a um evento de intercambio estudantil. Muitos calouros sem desejos de interação, pouco fervilhamento cultural e político.

Dia 17 recebemos uma solicitação da Secretaria de saúde para uma intervenção em Fazenda Coutos. Chegamos bem cedo e montamos nosso carro. Prestamos diversos tipos de serviços para a população, distribuimos preservativos e falamos sobre as Dst. Fizemos um trabalho em conjunto com o consultório de rua e o hemóvel³⁰³- carro do Hemoba. Eu doei sangue! Dia 19 e 20 fizemos reuniões internas e dia 21 ocorreu a avaliação com Dr. Nery. Conversamos sobre a possibilidade em nos vincularmos ao observatório do CETAD pela possibilidade em gerar conteúdos para o site, além de utilizarmos o material do observatório como banco de dados para nossas intervenções.

Salvador, janeiro, fevereiro e março de 2012. Juracy do Amor Cardoso Filho.

³⁰³ Micro-ônibus adaptado que se desloca para atrair doadores de sangue.

18. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, outubro de 2012

Um olhar sobre o Ponto de Encontro: A inauguração oficial aconteceu no dia 14 de setembro de 2012 e contou com a presença da comunidade, do Governador Jacques Wagner e Ministro da Saúde Dr. Padilha. Os idealizadores do projeto Dr. Nery e Dra. Patrícia Flach, deram início às atividades com força total. A casa está aberta e em funcionamento das 13h às 19h e posteriormente das 13h às 24h. Alongar as atividades até o turno noturno é uma proposta que em breve a equipe colocará em prática.

A equipe que compõe o quadro de profissionais é composta de psicólogos, enfermeiras, redutores de danos, cientistas sociais, assistente social, músico, pedagogos e educador físico.

O público que começa a frequentar a casa, chega por curiosidade, visita ao serviço, ou realmente aparecem buscando ajuda para problemas ligados ao uso abusivo de Spa's, ou questões ligadas à vida em geral como dramas sociais e pessoais (abandono, desamparo, brigas familiares) ou questões outras como déficit de aprendizagem, problemas relacionado à vida social, doenças mentais, amizades erradas, falta de trabalho, de amigos, companheiros, parentes, etc. As demandas dos problemas são muitas e suas especificidades bastante heterogêneas.

Os acolhimentos começam a acontecer na medida em que conhecemos as pessoas e seus problemas, numa dinâmica de escuta atenta e paciente, olhando principalmente para o sujeito em sua essência, no que traz como referência e seu olhar de mundo, suas experiências pessoais.

Numa síntese o Ponto de encontro basicamente acolhe e oferece aos usuários de drogas, pessoas em situação de rua e comunidade e geral a possibilidade do diálogo, do encontro consigo mesmo e com o outro, através de atividades de baixa exigência, e intervenções breves entrelaçadas em práticas redutoras de danos, artísticas e educativas. A base do trabalho é o afeto, o carinho e a atenção e escuta do outro.

Importante salientar que antes da oficialização da casa, uma equipe formada por profissionais do CETAD e outras instituições realizaram encontros semanais para a discussão da implantação do Ponto de Encontro. Estes encontros foram de fundamental importância para o desenvolvimento das ideias e planejamento das atividades do serviço, além de aproximação com a comunidade do bairro do Santo Antônio, investindo na possibilidade de parceria e colaboração mútua, numa perspectiva de melhoria social e cultural do bairro.

O Ponto de encontro além de ser um local de encontro de pessoas que desejam conhecer e aprender sobre o serviço, também é um ponto de encontro da rede. Um local que

age como um âmago, um polo central que chama para si a dinâmica de encontro da rede de serviços de saúde hoje em dia em funcionamento na Bahia, seja ofertando o espaço físico da casa para as reuniões, e/ou integrando os projetos em parceria com outras instituições.

Projetos como a Escola Aberta e Consultório de Rua Saúde de Cara na Rua chegam para fazer parte do Ponto de Encontro, assim cria-se uma articulação poderosa na rede, e a dinâmica de trabalho se fortalece e gera novas perspectivas e possibilidades de ações (escuta das situações que aparecem, acolhimento e possibilidade de encaminhamento) que se tornam efetivas na construção dinâmica das identidades dos sujeitos envolvidos.

Nestes encontros com as pessoas, momentos de cidadania são cultivados, de reconhecimento dos seus direitos e deveres, de revisão das suas vidas, dos seus estados emocionais, questões sobre o momento em que estão passando, as situações, conflitos e soluções, suas dinâmicas, demandas, tristezas e alegrias.

Um novo paradigma: Numa casa em que primordialmente oferecem-se serviços de saúde, escuta e acolhimento, e encaminhamento profissional às diferentes demandas da população, uma pergunta se faz necessária. Como lidar com as situações que se apresentam somente com o olhar da saúde? Aqui se apresenta um novo paradigma, como criar novos caminhos e possibilidades para um projeto tão desafiador como o Ponto de encontro? A verificação da necessidade do desdobramento da saúde através de novas práticas do encontro, propicia o entendimento deste novo paradigma.

A necessidade da interdisciplinariedade e transdisciplinariedade se apresenta de maneira intensa, e o trabalho se desdobra em multireferências, numa nova oferta de serviços com perspectivas de trabalhos e atividades, oficinas e vivências ligadas a área das artes, como música, cinema, artes plásticas, teatro, atividades esportivas, além de jogos lúdicos. Utiliza-se a dinâmica da leveza, do afeto e do aconchego. O encontro com si mesmo, com o outro, com o mundo. A percepção da saúde não como ausência da doença, mas sim, num conjunto de sentidos, significados, e atividades que juntos compõem um indivíduo, são e pleno, inserido nos diferentes contextos socioculturais.

Nesta perspectiva a arte surge como veículo de transformação de suma importância para as atividades do encontro. Fortalece processos que contribuem para a subjetividade, e para a construção dinâmica de uma identidade, além de ofertar com naturalidade possibilidades de protagonismo nas pessoas.

Neste contexto do Ponto de encontro, as artes são compreendidas como formas de conhecimento, com um rico potencial para a promoção de transformações significativas na vida dos envolvidos no projeto. Tais transformações se referem ao direito ao desenvolvimento

parcial e integral, ou seja, o desenvolvimento de capacidades ou competências cognitivas, sociais, técnicas e emocionais, compreendidas de modo não-dualista, em uma perspectiva que não separa a percepção estética e o pensamento artístico da dimensão cognitiva, sociocultural e da noção de inteligência. A busca da compreensão do indivíduo de maneira integral desenvolve novos níveis de escuta e redimensiona as relações.

O dia a dia: Após cinquenta dias de trabalho as mudanças e as transformações começam a serem percebidas. Já existe uma demanda de usuários do P.E., e com isso, as relações começam a se estabelecer de forma mais intensa, os vínculos são construídos com base no afeto, na cordialidade e principalmente no olhar humano. O Ponto de Encontro se apresenta como um serviço humanizado, um lugar onde o ser humano tem a possibilidade de ser em suas mais diversas formas de ser.

Desde o dia da inauguração 14 de setembro, começaram as visitas à casa. Seja por curiosidade, ou por necessidade, os diversos acolhimentos foram feitos. Inicialmente a parte da frente da casa serviu para a finalidade do encontro, as pessoas chegavam e queriam saber do serviço.

— *O que é isso aqui?*

— *Aqui pode dormir?*

— *Tem comida?*

— *Tem roupa pra dar?*

— *Tem médico?*

Aos poucos compreendiam do que se tratava o serviço e iam se abrindo, falando das suas demandas, seus problemas e buscando ajuda. Caso necessário, ou solicitado, o atendimento seguia para uma sala reservada e continuava o acolhimento. Essa dinâmica se deu por inúmeras vezes e com isso as pessoas começaram a criar os vínculos, assim o público da casa começou a se formar e com isso as vivências e práticas artísticas começaram a acontecer.

A dinâmica do trabalho da equipe inicialmente está dividida em escalas. São seis horas de trabalho por dia, de domingo a domingo, em que os integrantes do projeto se dividem no atendimento pessoal. Nas quartas-feiras acontece a reunião geral com toda a equipe, quando são discutidos os casos e os deferimentos para a semana.

Pessoas em situação de rua e usuários de drogas em geral, são nossos principais usuários do serviço. Eles começam a ter a casa como referência, transitam pela casa todos os dias, seja pra tomar um banho, fazer a barba, lavar as roupas ou simplesmente para descansar e conversar, o convívio entre todos está sendo proveitoso e saudável.

Neste encontro as tristezas são compartilhadas e as alegrias também, e já é perceptível a mudança em algumas pessoas, nas quais se vê o aumento da autoestima, aparência começa a melhorar, já não chegam tão sujos quanto nas primeiras vezes, já trazem outras demandas, ou seja, não trazem somente mais as suas angústias e problemas pessoais, já chegam de um outro lugar, questionando outras coisas, como política, sociedade, usos e abusos de drogas, e situações diversas.

A partir das próprias experiências pessoais, fazem entre si uma redução de danos, explicando uns aos outros, numa conversa franca e informal um caminho melhor para se viver em paz consigo, e se possível longe das drogas e das ruas. A esperança ganha espaço, e onde havia só lamento, hoje já se escuta pequenos lampejos de liberdade.

Com um público efetivo comparecendo, já é possível a interação com a música, com as artes plásticas, os jogos lúdicos e com a poesia. Fato comprovado no dia 19 de outubro, quando realizamos um belíssimo sarau musical e poético na casa com *vernissage* de obras de arte dos usuários do serviço. Este dia foi um belo encontro com a comunidade, e aconteceu a apresentação da proposta de trabalho do P.E.

Assim as parcerias começam a se concretizar e a comunidade do bairro que inicialmente se demonstrou contra o serviço, por pura falta de conhecimento e preconceito, hoje em dia se aproxima da casa de forma construtiva, trazendo ideias e novas parcerias de trabalho para o desdobramento das atividades.

Muitos turistas, moradores e transeuntes que chegam por curiosidade se encantam com a proposta do trabalho, o ineditismo de um serviço como este no Brasil traz espanto e surpresa para algumas pessoas, que chegam desconfiadas, mas que aos poucos vai caindo a ficha, e se percebem num espaço no qual as pessoas realmente buscam reconstruir sua dignidade, estima e respeito. Cidadãos em pleno exercício de sua cidadania em uma sociedade que muitas das vezes, inclui as pessoas de uma forma perversa. O P.E. dialoga nesta possibilidade do convívio social, nessa ponte entre o invisível e o visível, a busca pela cidadania, os direitos, os deveres.

Salvador, outubro de 2012. Juracy do Amor Cardoso Filho.

19. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, novembro de 2012

Neste relatório desejo colocar minhas impressões e percepções principalmente sobre a autoestima dos usuários do Ponto de Encontro. É perceptível até este momento do trabalho, a melhoria no trato, no asseio, e principalmente nas relações interpessoais. A agressividade começa a dar espaço para a tolerância e as diferenças começam a ser respeitadas e compreendidas como elementos naturais da vida. O sentimento de grupo começa a florescer.

Os usuários já chegam com mais tranquilidade, muito mais gentis, sem tantos medos e sem muitas indagações do que realmente é este lugar. O processo de reconhecimento do espaço como uma extensão de uma verdadeira casa, de um espaço de convívio, de uma nova forma de lar, faz-se presente na construção cotidiana da instituição.

É muito importante esse sentimento de ser a nossa casa. Quando chega alguém ao serviço, a recepção com esta pessoa, é base e reflexo do sentimento que aqui é nossa casa. Se chegar visita, nós acolhemos, escutamos, apresentamos, e nos relacionamos. O trabalho é direcionado para que os usuários do serviço construam esse sentimento em cada um deles. A partir dessa perspectiva, criam-se responsabilidades, zelo, amor e vontade em passar juntos momentos agradáveis e construtivos.

Quando chega um usuário novo, imediatamente solicito a um mais velho que apresente a casa, e forneça informações sobre o funcionamento do serviço, com isso ganha-se confiança, autonomia e valor dentro do Ponto de Encontro.

Sob olhares ainda desconfiados novos formatos de convívio são agregados, aqui novas famílias se reconfiguram e se entrelaçam num espiral diferente. Percebo um movimento coletivo de respeito pelo espaço, e os atritos que acontecem na rua entre os próprios, aqui na casa se apagam pela tolerância. Nessa possibilidade de trégua, surge um brilho de esperança no olhar em busca de dias melhores.

As pessoas que transitam neste espaço começam a se conectar num processo dinâmico e intenso de transformação, em que uma nova e grande família se forma. Com isso, os problemas individuais começam a ser partilhados e de certa forma todos se ajudam na busca de uma melhor compreensão das situações experienciadas individualmente e/ou coletivamente.

Contudo os problemas persistem. O uso abusivo de álcool e outras drogas, as pequenas confusões entre os usuários por quase nada ou por birra e pequenos desafetos ainda continuam, mas em proporção bem reduzida. De algum modo os dramas pessoais começam a se dissolver em meio ao bom convívio e as boas relações que estão sendo construídas dia após dia no Ponto de Encontro.

Com tantas experiências vivenciadas e com o convívio saudável entre as pessoas, a equipe de profissionais que integram a casa se fortalece a cada dia, pois em sua dinâmica o processo da escuta se faz presente.

O afeto, o respeito, o entendimento e o reconhecimento profundo das diferenças fazem com que a equipe cresça. A partir deste ponto percebo a criação de uma rede de sentidos, teias de significados que começam a se entrelaçar pelas inter-relações de todos os envolvidos no projeto.

Esta melhora na autoestima é comprovada quando profissionais do CAPS Gregório de Matos indicam que os usuários que estão frequentando o P.E. chegam ao CAPS mais calmos, educados, mais tranquilos, mais esperançosos, com novas perspectivas de vida.

Assim o Ponto de Encontro começa a ganhar terreno terapêutico. A música, o cinema, as artes plásticas, os jogos, as leituras, as escutas, a cozinha, o banho, o estar juntos, abrem caminhos para uma percepção que o Ponto de Encontro é um lugar de convívio, e nosso parceiro CAPS um lugar de tratamento.

Uma das coisas mais interessantes que observei é o respeito uns pelos outros no serviço. Existe uma cordialidade entre os usuários e todos a seu modo sempre cedem, compartilham, emprestam, doam, ou presenteiam uns aos outros, seja com alimentos, roupas, cigarros, etc. O cuidado uns com os outros cresce a cada dia e isto é muito bonito de ver e sentir.

A sala aos fundos foi configurada como sala de cinema. Ela garante tardes tranquilas, e quem deseja, deita no sofá, no chão, ou na almofada e assiste a filmes diversos. Os olhares se cruzam, dialogam e discutem sobre o que assistem. Apesar de serem filmes comerciais, eles servem como recurso recreativo, mas ao mesmo tempo a partir desta constatação acredito que seria importante criarmos uma seleção, ou catálogo de filmes que ao mesmo tempo trabalhasse a parte recreativa, mas também trouxessem pontos de diálogos e reflexões mais importantes.

Filmes educativos, documentários, shows e filmes mais artísticos desenvolveriam ao logo do tempo um trabalho terapêutico muito interessante. Atualmente os filmes que rodam são filmes comerciais, e de certa forma a violência impera nas telas. Portanto, para trazer novas perspectivas na utilização deste recurso terapêutico, é de suma importância pensarmos numa seleção interessante de filmes, e exibi-los com o intuito em promover novas discussões, bate-papos, rodas de conversa, e promover a saúde de maneira ampla e sem restrições.

A música está presente todos os dias na instituição, seja no mp3 dos computadores, ou nas rodas de violão, ou nas dinâmicas de construção de rap. A música age como veículo construtor de possibilidades e de certa forma resgate de potencialidades, pois se trabalha com

o sensível, com percepções, ritmos, com a escuta de letras e poesias, formas musicais que dizem algo e naturalmente cria-se referenciais positivos no convívio.

Novamente percebo a importância do resgate do nosso sarau poético-musical. Creio na importância em a equipe se potencializar na parte artística, com as poesias e com atividades ligadas a arte, assim teremos mais ferramentas metodológicas e sensíveis para o trato com nossos usuários do serviço, além de fortalecer a equipe como grupo unido. Novamente me disponibilizo a integrar este grupo de trabalho, com dinâmicas, música e poesia.

Os jogos lúdicos como damas e dominó continuam a fazer parte da casa, e todo o crédito para estas atividades é para o frequentador assíduo da casa, nosso querido M. Ele sempre traz seus tabuleiros e se apresenta como um grande usuário do serviço. Em meu ponto de vista ele é um colega de trabalho, pois o que ele faz dentro da casa é maravilhoso, além dos jogos ele sempre dá dicas de saúde para os outros usuários, e recentemente doou um acervo de filmes para nossa Dvdteca.

Os trabalhos com artes plásticas se direcionam principalmente aos usuários ERO, GUG, e ELI, eles ocupam bem o tempo nas suas atividades de colagem, recortes e pintura. Atualmente ELI desenvolve interesse pelo violão.

A cozinha sempre bem movimentada se configura também em espaço terapêutico. Muita conversa acontece na cozinha, além obviamente comidas, água, chás e café, muito café. Assuntos diversos são compartilhados, divididos e contextualizados.

Muitas reuniões têm sido realizadas no P.E., seja com os policiais, outras instituições, associações ou com a comunidade local. Abre-se com isso oportunidades para o diálogo, para a construção coletiva de uma rede de serviços integrados, numa real perspectiva em colaborar com o indivíduo em sua redescoberta como ser humano social cultural e afetivo, profissional, familiar, transdisciplinar. Uma busca na melhoria das relações entre as pessoas, e entre os serviços públicos de saúde. É bom ver e sentir que começamos a caminhar na trilha certa, que venham agora os novos desafios.

Salvador, novembro de 2012. Juracy do Amor Cardoso Filho.

20. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, dezembro de 2012

Neste relatório desejo colocar minhas impressões e percepções sobre quem realmente é nosso público alvo? Normalmente estamos atendendo moradores de rua ou pessoas em situação de rua, usuários de drogas, pessoas com transtornos mentais, ou problemas sociais. No entanto, demandas diversas configuram o nosso público, existe uma clientela que começa a fazer parte da composição da casa, estes são ladrões e homicidas que começam a frequentar o serviço.

Em verdade muitos têm em sua trajetória de vida algum crime, ou casos de roubo, passagens pela polícia e/ou passagens em presídios. Estes históricos não trazem problemas no convívio da casa, mas quando esses históricos começam a ser reproduzidos, aí sim gera desconforto e instabilidade no dia a dia do serviço.

O clima de insegurança aparece porque furtos e ameaças começaram a acontecer. Este fato incide diretamente em atritos nas relações, promovem a discórdia e desconfiança entre as pessoas, e esses acontecimentos implicam numa dificuldade no processo de socialização.

Além disso, quando os usuários chegam alcoolizados, costumam não escutar, não respeitar e não aceitar limites na utilização do serviço. Se limites são impostos estes respondem com agressividade e certa violência.³⁰⁴ Dizem-se incompreendidos, injustiçados, etc. Agressões com palavras de baixo calão, dentre outras atitudes se tornam frequentes entre os usuários em estado de ebriedade.

Com isso os limites do bom convívio são ultrapassados. Temos aqui um bom problema. Como lidarmos com as situações de conflito, ou de perigo eminente? Como contorná-los sob a perspectiva de resolução de conflitos? Aqui cabe pensar na metodologia do próprio serviço, na interação com a comunidade em que o serviço se encontra, e nas implicações das relações no cotidiano dos técnicos e usuários do centro.

Nossos usuários são pessoas em situação de extrema violência interna e externa, que em seu histórico de vida possuem trajetórias complicadas e às vezes, inimagináveis por pessoas em situação de normalidade e estabilidade emocional e financeira. Pensemos uma pergunta, este serviço é para todos? Estamos caminhando na direção correta ou estamos criando nossos próprios calabouços e armadilhas? Como articular o serviço com essa demanda que aparece?

A falta de criação de regras claras de convívio dentro da casa faz com que o serviço comece a ficar sem uma estabilidade de trabalho. A sensação aparente é que aqui tudo pode e

³⁰⁴ Em determinadas circunstâncias técnicos do serviço foram agredidos verbalmente e já houve algumas tentativas de agressões físicas com facas, panela quente e garrafa quebrada.

assim eles começam a reproduzir o espaço da rua, dos viadutos, e das esquinas dentro do serviço.

O espaço destinado ao convívio começa a se transformar em espaço de intriga, fabulações e conspirações. Roubos aconteceram dentro da casa. Como contornar estas situações? Na minha humilde opinião, os ocorridos se transformam em um indicativo de como podemos melhorar as relações dentro da casa, aponta para uma construção mais efetiva de direitos e deveres em nosso convívio, e para a construção de vínculos mais enraizados em nossa realidade.

As reuniões gerais da equipe promovem um bom debate na tentativa de resolução dos problemas. Após os fatos ocorridos, pequenas regras foram criadas, como a guarda dos pertences dos usuários na sala de acolhimento, localizada bem na entrada do serviço.

Esta sala fica trancada a chave pela segurança, que etiqueta cada bagagem que chega com o nome do respectivo usuário. Como não trabalhamos com revista pessoal dos usuários, esta dinâmica faz com que evitemos a entrada no serviço de facas, álcool, dentre outros utensílios, além de apontar pequenos limites sobre a utilização do serviço. Com isso, evitamos também possíveis furtos dos pertences entre os próprios usuários e evitamos também a bagunça de coisas espalhadas pelo serviço. Eles só podem entrar com comida para fazer na cozinha, material de banho e a roupa que irá trocar após o banho.

Outro tópico importante discutido nas reuniões incide diretamente no respeito dentro da casa, reuniões posteriores foram realizadas com os usuários no pátio, e foi discutida a necessidade de respeito mútuo entre as pessoas, o bom convívio, e o cultivo de boas ações no serviço.

As consequências ligadas aos furtos ocorridos, como possível fechamento da instituição, foram claramente expostas a todos os usuários e foi solicitada a colaboração integral de todos para o bom funcionamento do serviço. Informações ligadas a furtos e roubos fora da casa, a turistas e transeuntes começam a chegar ao serviço. A comunidade aponta o crescimento deste tipo de sinistro devido à permanência do Ponto de encontro no bairro.

Ao mesmo tempo, a comunidade do Santo Antônio começa a se mobilizar de forma mais produtiva, e mesmo os que são contra a permanência do serviço no bairro começam a frequentar reuniões para discutir sobre o assunto. Alguns moradores se posicionam totalmente contra a permanência do serviço nesta comunidade. Trazem exemplos de aumento de violência, roubos e insultos aos passantes do bairro. A insatisfação toma conta de uma parte da população que pretende lutar para a retirada do serviço do Santo Antônio.

Esta inquietação da comunidade aponta para uma melhor estruturação do serviço, pois devemos acolher as insatisfações e elaborar um plano de trabalho mais efetivo, que abranja de forma mais ampla todas as questões que vivemos atualmente.

Um dos principais motivos dessa insatisfação incide diretamente sobre a permanência dos usuários na porta da Igreja do Boqueirão. O que acontece de fato é que eles se amontoam na porta da igreja a esperar a abertura do serviço, nessa espera acabam por reproduzir cenas de violência, de falta de respeito, além de sujeira que é gerada, pois acabam por jogar na rua restos de comida, transformando o local num ambiente sujo. Soma-se a isso a questão da aparência e da posição social em que eles se encontram, e aí pensemos na imagem.

Na medida em que a percepção do social se prende a princípios e a valores considerados universais, verdadeiros, legítimos e únicos que precisam ser relativizados, questiona-se o fato de a cultura e a alteridade se expressarem por linguagens nem sempre visíveis e explícitas, que exigem um olhar atento e aprofundado nas muitas realidades do campo social e no seu cotidiano como meio de compreender-lhes seus muitos significados.³⁰⁵

Pensando nas imagens das muitas realidades vividas é importante a ampliação do olhar numa abordagem *etnográfica*. A imagem do morador de rua de certa forma agride uma sociedade moralista, agride essa comunidade que de certa forma atua de maneira preconceituosa em relação aos fatos. Quando essa comunidade observa os usuários todos juntos na porta da igreja a esperar a abertura da casa, a imagem que se cria na cabeça é de um provável perigo iminente. Claro que tudo isso tem a ver com o “olhar” que se tem sobre as coisas e sobre as pessoas e situações. Larrosa discute o entendimento sobre as “imagens do outro”, e aponta que normalmente a imagem do outro somos nós que as criamos, e que aparentemente elas necessitam ser enquadradas em:

[...] Aparatos pedagógicos, assistenciais ou terapêuticos [...] têm como função fazer os loucos entrarem em nossa razão, as crianças em nossa maturidade, os selvagens em nossa cultura, os estrangeiros em nosso país, os delinquentes em nossa lei, os miseráveis em nosso sistema de necessidades e os marginalizados e deficientes em nossa normalidade. (LARA, 1998. p. 8).

Os pontos de vista são diferentes e diversos. Quem deseja ajudar, vê pelo lado da construção, do entendimento, do afeto. Quem vê pelo lado do medo e do preconceito, enxerga a exclusão, a limpeza étnica, etc. Daí a importância em invertermos nosso olhar. É necessário desfragmentar cotidianamente nossa cabeça, nossos valores e crenças, é preciso que

³⁰⁵ GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. Faculdade de educação da Unicamp.

entendamos a cultura e a alteridade como portadoras de linguagens às vezes invisíveis aos nossos olhos e ouvidos que comumente estagnam aprisionados em padrões que se dizem universais, morais, únicos ou verdadeiros.

A equipe técnica que compõem o Ponto de Encontro passou por uma verdadeira provação. Foram três meses de trabalho sem vencimentos, e sem garantias reais que o contrato de trabalho acontecesse. No entanto, mesmo com as adversidades, a equipe vestiu a camisa do serviço e colaborou dentro das possibilidades para o bom funcionamento da casa, para a criação dos vínculos com os usuários e interação com os mesmos. Essa atitude foi de fundamental importância para a criação dos pilares iniciais de sustentação do próprio serviço. Os recursos humanos.

O contrato de trabalho foi assinado em dezembro de 2012, e agora com os ânimos mais calmos e com a questão financeira dos profissionais resolvida, acredito que uma metodologia de trabalho deva ser incorporada de forma mais orgânica, uma metodologia que tenha mais intimidade com a realidade do Ponto de Encontro.

Novas formas de convívio precisam ser estabelecidas, regras começam a fazer parte do cotidiano da casa e este é um processo natural de crescimento profissional. No entanto, nestes três meses de trabalho apesar de todas as conquistas e vitórias, houve momentos de falta de conexão técnica no trabalho, nos quais os acertos coletivos resolvidos em equipe foram distorcidos e brechas no trabalho aconteceram.

Compreendo e creio ser muito importante que cada técnico possua sua personalidade e forma de interagir, isso é muito importante, pois cada caso é um caso e cada técnico deve exercer sua sensibilidade na resolução dos conflitos, ou sua experiência na condução de algum trabalho ou dinâmica. Mas nos pontos em comum a equipe deve se observar, e são nesses pontos em comum de atuação que devemos focar nosso trabalho de maneira conectada, principalmente nas questões coletivas.

Percebo que é importante dar afeto atenção e carinho, mas muitos usuários do serviço são tratados como se fossem crianças, ou bebês precisando de colo. E de fato não estou afirmando aqui que eles não precisem de colo, afinal de contas é importante dialogarmos sempre com nossa criança interior, mas também é importante não infantilizar o outro. Essa atitude pode ser perigosa. No entanto, posso também estar enganado e esse modo de agir pode ter algum resultado específico, pode ser um meio que algum técnico se sinta mais confiante em conduzir alguma situação. Afinal de contas estamos no processo de experienciar tudo. As carências são muitas, e a forma como dialogamos é fundamental para alcançarmos um novo modelo de atenção psicossocial.

Sobre a permanência do usuário na casa, acredito que deva existir uma homogeneidade no tratamento de todos. Uma igualdade nas ofertas para evitar transtornos e aborrecimentos futuros. A questão de um usuário ter algum privilégio e o outro não ter, é perigosa.

Aponto que devemos trabalhar para construirmos uma cumplicidade técnica entre os profissionais, principalmente quando tentamos viabilizar os acordos coletivos com os usuários do serviço. Às vezes, o que acontece é que resoluções tomadas em grupo não são praticadas simplesmente por falta de conexão técnica da equipe. Com isso a falta de controle das situações começa a se instaurar. A falta de respeito ganha força e a palavra do técnico tende a perder peso, pois a sensação entre os usuários é que com este técnico eu consigo o que eu quero, com este não. Essas são estratégias construídas pelos usuários na tentativa de burlar o andamento do serviço. Devemos ficar atentos e dialogar mais entre nós.

Carecemos de uma metodologia eficiente de trabalho, normalmente ficamos pela casa como cuidadores atrás de crianças rebeldes. Aposto em uma metodologia que traga atividades criativas, lúdicas, esportivas e artísticas para preencher esse vazio aparente, aposto em atividades que ultrapassem a ordinariedade do dia e promova paulatinamente uma ressignificação dos símbolos, das experiências e dos sentidos.

A formação de uma equipe é um processo dinâmico, exige entrega, cumplicidade e profissionalismo. Exige intimidade e percepção do outro, com o outro e para o outro. Aponto para uma formação continuada da equipe técnica, seja por meio de aulas, oficinas, textos e vivências diversas, nos mais variados assuntos e temas. Dinâmicas, jogos, palestras, oficinas, workshops, leituras e discussões construtivas sobre o serviço e sobre nós mesmos. O processo formativo irá colaborar efetivamente para a saúde da equipe como equipe.

Neste projeto precisamos trabalhar as relações interpessoais, a arte, o corpo, a mente, o convívio e principalmente o olhar, e quando digo o olhar, discuto sobre o aumento da percepção, do entendimento dos significados, dos símbolos, das questões diárias que surgem. Precisamos olhar o contexto, entender as demandas e dialogar com sabedoria. Precisamos de uma equipe sadia e em constante movimento de renovação de ideias, ações e atitudes.

Como proposta, penso que em nosso processo terapêutico podemos construir e realizar coletivamente, (todos nós e usuários), oficinas com temas que tratem de: casos de perda, furto, roubo, traição, discórdia, crime, drogas, etc. São temas que fazem parte do universo dos nossos usuários. Devemos explorá-los e investigá-los e aprender mais sobre isso. Pensemos em oficinas que sejam um desabrochar de situações, contextos e valores. Juntos, podemos colaborar na reconstrução de um novo ser em andamento.

E ao refletir sobre esses temas de conflitos, numa ampliação da percepção dos contextos, e com a perspectiva da inversão do olhar e das situações, em determinadas ocasiões busco uma aproximação entre as linguagens e formas de ser.

Quando um usuário traz a suavidade no diálogo, a simpatia, e a alegria no bom convívio, conduzo as situações com afeto e carinho, mas quando o usuário começa a gritar, a xingar, a colocar dedo na cara, a “alterar tudo” e a ameaçar, dentro do possível, continuo a trabalhar com o afeto e com o entendimento. Tento conduzir de forma pacífica, mas quando as situações são extremas coloco em prática a técnica do espelhamento.

Começo a espelhar essa imagem agressiva e revelar a ele como ele está atuando, porque muitas vezes pedir com calma que ele mantenha os ânimos não resolve e só piora a situação. É preciso desvendar essa linguagem, debulhar a situação, trabalhar com sensibilidade e percepção ativa, pois existe muito teatro nas ações dos usuários, um teatro do terror é claro, mas é somente uma forma deles chamarem atenção e de pedir ajuda.

Em minhas pesquisas descobri que a psicoterapia utiliza técnicas que promovem o autoconhecimento, a superação de obstáculos ou sintomas e mudam condutas para um melhor relacionamento interpessoal, através de práticas específicas.³⁰⁶ O psicodrama,³⁰⁷ por exemplo, associado a essas práticas, está ligado à arte teatral e leva os intervenientes a vivenciarem situações, com vista à resolução de conflitos.

Nesta perspectiva do espelhamento, quando possível, começo a atuar de forma parecida a eles. Faço também o meu teatro, entro na “onda” digamos assim. A intenção é que o indivíduo melhore a “auto percepção”. Transforme-se num espectador de si mesmo. Esta técnica proporciona visão de si próprio, sob a óptica do outro, agindo como fator de percepção de sua identidade.

Aqui aponto uma especificidade da minha atuação que envolve eu ser homem, ter certa compleição física e já ter vivenciado diversas situações de conflitos na rua. Trabalho com minha sensibilidade e sei até onde posso atuar nesse teatro do terror, pois a técnica tem seu

³⁰⁶ Há centenas de abordagens psicoterapêuticas ou escolas de pensamento. Exemplo: Aceitação e terapia compromisso (ACT), Psicoterapia Adaptive, Adlerian terapia, Terapia aventura, Psicologia analítica, Arte terapia, Terapia ataque, Anexo terapia baseada (crianças), Terapia apego, Anexo baseada psicoterapia, Auditoria, Treinamento autógeno, Modificação de comportamento, A terapia comportamental, Psicoterapia biodinâmica, A análise bioenergética, Biofeedback, Psicoterapia bionômicas, Psicoterapia corporal, Terapia breve, Psicoterapia Adlerian clássico, Characteranalytic vegetoterapia, Terapia de xadrez, Psicoterapia infantil, Centrada no cliente psicoterapia, Cliente-Dirigido Resultado-informado terapia, Co-aconselhamento, Cognitiva analítica terapia, Cognitiva terapia comportamental (TCC), Coerência terapia, Terapia colaborativo.

³⁰⁷ Psicodrama é uma psicoterapia de grupo, em que a representação dramática é usada como núcleo de abordagem e exploração da psique humana e seus vínculos emocionais.

valor, no entanto, mais importante que a técnica, é a sensibilidade ética em relação aos modos de ser, que faz a grande diferença.

Centrando-se no aspecto ético, e em minha sensibilidade ética, no sentido explicitado, afasto qualquer exigência "técnica", e percebo que talvez técnica alguma possa funcionar fora de uma consistente relação ética que se estabelece com os usuários do serviço.

Como disse Pascoal “duas coisas instruem o homem, qualquer que seja a sua natureza: o instinto e a experiência”. Portanto, não trago esta possibilidade como uma receita, nem como conduta a ser seguida, isso faz parte da minha pesquisa, na qual procuro diversas formas de atuação diante a situações de conflitos. Numa dinâmica consciente de percepção das situações, num processo investigativo deste universo.

Descobri que a técnica do espelhamento está enraizada na base da teoria do psicodrama e da teoria da espontaneidade³⁰⁸ e “*Está ligada dialeticamente à criatividade, compreende uma fenomenologia, uma metapsicologia, uma psicotécnica, uma psicopatologia e uma psicologia genética*”³⁰⁹. Este método de abordagem dos conflitos interpessoais no âmbito do grupo denomina-se método psicoterápico de grupo³¹⁰.

Bergson propõem em seus trabalhos a intuição, o contato imediato e experiencial. Segundo ele, esta conduta “*exprime, em nível filosófico, um novo paradigma baseado na consciência, adquirido pela cultura de seu tempo, das conexões entre a vida orgânica e a vida social e psíquica*”. Ele defende que devemos nos aproximar da realidade tal como é em si:

[...] volto à visão direta das coisas, para além de todos os símbolos figurativos, deço as profundezas íntimas do ser para surpreender suas pulsações de vida, em sua qualidade pura, a sua respiração interior em seu ritmo mais secreto (GARRIDO).

Venho debruçar sobre estes e outros teóricos na tentativa de auxílio ao meu processo de descoberta no cotidiano do nosso serviço. Proponho que tenhamos em equipe a possibilidade em estudar textos, principalmente os do mestre Claude Olievenstein, que tenho muito interesse em aprender.

Aposto na importância da heterogeneidade do corpo técnico e valorizo as especificidades de cada técnico na abordagem com o usuário. É fundamental que cada um

³⁰⁸ Conceito operacional: a espontaneidade é uma resposta nova a uma situação nova ou uma nova resposta a uma situação antiga ou circundante. A palavra vem do latim *sponte* que significa “de livre vontade” (Moreno). http://www.asbap.com.br/producao/principais_conceitos_tedi.pdf.

³⁰⁹ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Psicodrama>

³¹⁰ Jacob Levy Moreno

dentro da sua experiência de vida e grau de sensibilidade busque sua forma de agir e interagir. Ao mesmo tempo compreendo a importância do olhar coletivo para situações em que demandem a operacionalidade de todo o grupo.

No geral, a equipe técnica começa um processo de mudança, e a necessidade da percepção do outro e das situações se torna objetivo fundamental para alcançarmos êxito neste trabalho. O processo de união e transformação começa a entrar em prática.

Sobre o uso de álcool este ainda é um problema dentro da casa, os usuários forçam a barra a todo instante. Os esconde-esconde das bombinhas de álcool fazem dos técnicos, crianças numa dinâmica de jogo. Tudo parece uma grande brincadeira, em que a todo o momento os limites dos técnicos são testados, numa dinâmica perversa de jogo.

Eles compram as bombinhas de álcool na quitanda abaixo da ladeira, essa informação foi colhida e é necessário estarmos atentos para não acontecer o uso de álcool dentro da casa. A definição pela equipe e coordenação de utilizar a sala de acolhimento como guarda de mochilas e utensílios, já é um grande passo para a segurança do serviço e para diminuir a entrada de álcool na casa.

Importante salientar neste relato que esses ocorridos não são uma generalização. Alguns dos usuários desejam uma melhora de vida, e esperam por oportunidades, além de desejarem reduzir o uso de drogas, ou os danos causados pelo uso. Mas estes alguns ainda são poucos em relação à demanda da casa.

Aponto também a possibilidade de um grupo de trabalho tentar contatos com empresas e instituições que trabalhem com vagas de emprego. É de suma importância trazer para a casa uma possibilidade de independência financeira para nossos usuários. O trabalho é importante para a mudança de perspectiva e espero que possamos colaborar e fazer essa ponte com o mercado de trabalho.

Aqui aponto também a necessidade de cada técnico desenvolver de forma gradual suas especificidades, por exemplo, as assistentes sociais poderiam tratar do assunto das vagas de trabalho, nosso educador físico trazer elementos da prática esportiva, nossos cientistas sociais desenvolverem planos e estratégias de ações com a comunidade, nossos redutores de danos desenvolverem atividades que promovam o aprendizado técnico no uso das substâncias, os artistas desenvolverem trabalhos ligados à arte, nossos psicólogos atuarem mais no processo terapêutico, etc. Aponto também a necessidade dos outros projetos como o Saúde de cara na rua e o consultório de rua estar mais envolvidos com o projeto do encontro.

Ao mesmo tempo é fundamental estarmos todos misturados como um só corpo, extrapolando nossas funções e experiências, exercendo com uma totalidade nosso encontro

coletivo. E novamente citando Pascoal, *“Parece-me impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, bem como conhecer o todo sem entender particularmente as partes”*.

É preciso estar presente, seguro nas ações e forte na nossa especificidade profissional e ao mesmo tempo juntos na totalidade como grupo e equipe. Todos nós somos aprendizes. Vamos aprender a aprender.

Salvador, dezembro de 2012. Juracy do Amor Cardoso Filho.

21. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, junho de 2013

Em 15 de julho chegaremos aos 10 meses de vida. O quantitativo de usuários permanece equilibrado com os meses anteriores. Alguns deixam de frequentar o serviço, ou aparecem raramente, mas ao mesmo tempo, novos usuários chegam à casa. Estes que vão, não vão por completo, porque se construiu um vínculo, seja em qual dimensão, mas ficaram impregnados conexões que até hoje compartilhamos: Momentos, lembranças, ideias e principalmente desejos.

Os novos que chegam já encontram uma equipe mais segura e amadurecida, já chegam também sabendo um pouco o que é o Ponto de Encontro, pois já escutaram pelas ruas e viadutos o que o PE representa na vida de muitos, e chegam em paz. A comunicação da equipe já surte efeito e os acordos são sustentados, essa é uma bela conquista.

Na dinâmica de mudanças o convívio vem ganhando uma fluidez com paz e alegria. E não esqueçamos dos acolhimentos, das conversas, dos jogos, da música, do cinema e principalmente dos encontros.

A heterogeneidade é ponto forte na casa, cada um de nós com um jeito de ser, e de se expressar, com histórias e estórias. Neste percurso ainda ocorrem alguns pequenos conflitos no convívio, no entanto, em proporção significativamente menor do que nos primeiros cinco meses de casa. A tolerância ganha espaço, assim como o respeito entre usuários e equipe. Uma Equipe renovada e com muito trabalho pela frente. Vamos nessa!

Neste sistema de equações infinitas que o dia-a-dia e convívio nos permite, o P.E. surge como uma excelente forma de in(ter)venção social, um veículo onde a possibilidade da realização do desejo ganha uma nova dimensão. O banho, a cozinha, a batucada, o violão, o cinema, o dominó, as oficinas, os acolhimentos, os encaminhamentos, e o melhor: a dormida da tarde, que maravilha! (Depois do almoço então eu fico com inveja, rsrs). Estas e outras atividades, tornam-se expressões do convívio. São muitas histórias de vidas, e no encontro no P.E., a arte de viver nas ruas nos apresenta a vulnerabilidade de forma mais intensa.

Aqui já gostaria de comentar o texto apresentado por nosso supercoordenador Gabriel. Perceber e compreender que a vulnerabilidade é principalmente um substantivo e não um adjetivo, é entender que não há outro caminho a não ser nos ajudarmos nesta vida de finitude e fragilidade. O reconhecimento da vulnerabilidade como traço da condição humana abre caminhos para o (re) conhecimento do uso de Spa's. Compreender que ser vulnerável é condição inata ao homem, abre espaço para que as drogas talvez sejam o compensatório, uma troca justa na dinâmica da vida. Em alguns casos ou momentos, talvez uma recompensa para

poder seguir adiante. Amansar o sofrimento. E se aplica desde ao anti-inflamatório para a tendinite, quanto ao uso de Spa's de fato, o conceito acredito ser o mesmo.

Neste caminho percebo a redução de danos como ferramenta imprescindível às nossas vidas. Acredito que o saber e a prática da redução de danos deveria ser matéria escolar. Desde cedo aprenderíamos sobre os usos de Spa's e como evitar os abusos. Aposto que jogaríamos melhor com o advento da constatação (seja consciente ou inconsciente) da nossa condição de vulnerabilidade. Realmente todos nós somos vulneráveis. Aproveito e já lanço na rede este link abaixo. Este texto é de Natália Cruz Frickmann (Bacharel em direito)

<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/14310/14310.PDF>

Palavras chave: Modernidade, alienação, ação política, massas, trabalho, isolamento. Achei a leitura bacana pra ajudar a gente a elucidar o fenômeno de "alienação no mundo moderno".

Salvador, junho de 2013. Juracy do Amor Cardoso Filho.

22. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, julho de 2013

Começamos o mês de julho com mais uma edição do projeto “Com vida”. Em plena festa de comemoração do 2 de julho, a independência da Bahia, reunimos na casa músicos e produtores do movimento Hip Hop. A festa contou com um belo equipamento de som colocado nas janelas da casa e uma discotecagem repleta de reggae, Dub e Hip Hop. A interação com a comunidade e os participantes da festa foi magnífica. A casa serviu como verdadeiro suporte à comunidade e à própria festa. Vimos a cabocla e o caboclo passar pela lateral da casa, já que estamos no circuito do evento. Várias manifestações populares participaram da festa, a população este ano compreendeu o verdadeiro significado desta data e foi às ruas com o espírito de mudanças por dias melhores.

Na mesma semana houve a assinatura oficial do convênio realizado com as obras Sociais Irmã Dulce, que agora coadministra o P.E. Na quarta feira dia 03, aconteceu também a primeira reunião oficial com os novos técnicos e redutores de danos e o alinhamento do trabalho que já vem sendo desenvolvido na casa começou a ser estabelecido. Algumas questões e dúvidas sobre o próprio trabalho surgiram com a chegada dos novos funcionários, assim também com a chegada da nova administração. Questões diversas desde a ordinariedade do serviço quanto a questões mais ligadas a padrões burocráticos e dúvidas comportamentais que invisivelmente permeiam essa nova etapa do projeto.

Dar atenção às linguagens que vivenciamos neste projeto, seja a violência, a vulnerabilidade, dentre outras, é fundamental para realmente construirmos o verdadeiro escopo do trabalho. O desenvolvimento de um trabalho como este, demanda além de carinho, dedicação e afeto, requisitos técnicos e experiências profissionais transdisciplinares. Questões ligadas a bioética, estética, educação, política, cultura, artes e convivência devem ser observadas e desenvolvidas para que elevemos nosso conhecimento ao ponto que consigamos criticizar os problemas numa perspectiva desbravadora, empírica e ao mesmo tempo científica.

Não devemos nos entregar às falsas sensações moralistas que ainda permeiam nosso ambiente social. Às vezes essas sensações se instituem em nossas relações sem percebermos, e isso afeta o discernimento do que realmente é importante ao nosso trabalho. Essas sensações vigilantes ainda se apresentam em nossa contemporaneidade de forma muito ligada historicamente ao domínio intelectual, à hegemonia da escrita em detrimento a oralidade e a padrões elitistas e/ou religiosos de comportamento.

A inversão do olhar se torna fundamental em nosso trabalho, a compreensão de que este espaço do convívio transpassa e recria novos aspectos éticos e novas formas de relações baseadas nas relações culturais dinamicamente desenvolvidas por todos que frequentam esta

casa se torna imprescindível para a (re) co-criação de novos paradigmas e o entendimento de velhas questões.

Na semana do dia 08 iniciei a atividade do tênis de mesa na casa. A receptividade foi excelente, muitos usuários do serviço jogaram e se divertiram bastante. Esta atividade traz em si diversas questões a serem trabalhadas: a atenção, o movimento, a disposição, a competitividade, a recreação e interatividade, a concentração, a espera e paciência e principalmente a dinâmica de grupo que surge como elemento unificador e democrático neste processo educacional.

Muitos dos usuários não jogavam há anos o esporte e outros nem sequer tinham pegado numa raquete de tênis de mesa. A dinâmica desta atividade revela novas formas de convívio atreladas ao esporte. Praticamos na sala grande (arte e cultura) e já que não temos uma mesa apropriada, relocamos a mesa da sala de reuniões pra podermos jogar. Inicialmente as raquetes bolas e rede foram trazidas por mim, mas em breve, projetos serão escritos e teremos solicitações de material para esta atividade, como para outras atividades que já desenvolvemos como as aulas de música, as oficinas de vídeo, leitura e comunicação.

A atividade do tênis de mesa permanece cotidiana, mesmo nos dias em que não estou na casa, já que deixei as raquetes, rede e bola com Clécia. Assim todos os técnicos que desejem realizar a oficina poderão fazê-la. O usuário JCO é o principal interessado no ping pong e motivador para que outros usuários participem da dinâmica.

Sobre a dinâmica de funcionamento da casa, o quantitativo de usuários permanece equilibrado com os meses anteriores e a casa se fortalece como referência dentro da rede de serviços públicos ofertados às populações excluídas e comunidade em geral. Os usuários estão muito mais respeitosos e conscientes da importância da casa na facilitação dos seus projetos de vida.

As reuniões de equipe têm sido proveitosas, no entanto, devemos dar prosseguimento aos deferimentos tomados de forma mais prática, e tentar realizar junto aos usuários, atividades que sejam direcionadas aos desejos e às demandas que surgem. A possibilidade de tirar novos documentos é uma demanda que necessita de uma atenção especial, pois muitos usuários não conseguem estabelecer uma dinâmica de trabalho devido não possuir documentos de identificação. Dia 18/07 será realizado uma sessão de fotos $\frac{3}{4}$ para documentos dos usuários do serviço.

Sobre o atendimento individualizado dos usuários, gostaria de destacar o atendimento de Raimundo, grande músico e pessoa, inteligente e sensível. Possui uma trajetória de vida complicada, mas atualmente está no caminho para se restabelecer. Incrível como o retorno ao

instrumento possibilitou uma redescoberta do prazer. Prazer em tocar, em conhecer harmonia, em viver a música, que em seu caso surge como veículo de transformação e ao mesmo tempo finalidade. Atualmente foi direcionado ao Cata para tratamento.

“E”, nossa outra usuária do serviço, encontra-se presa por porte de 35 pedras de crack, mas já estamos dando prosseguimento junto a defensoria pública pra tentar libertá-la. Dia 16/07 fui até a defensoria pública situada no Buraco da Gia, ao lado do HGE. Conversei com O advogado Ubirajara, que foi muito atencioso (foi recomendação de nosso colega Fernando) O defensor revelou que neste momento é importante conseguir alguma identificação de “E”, seja carteira de identidade, Cpf, ou certidão de nascimento. Com a documentação fica mais fácil dar continuidade ao processo de liberdade. Como “E” encontra-se em situação de rua, acredito que seja coerente fazermos uma carta revelando que ela está sendo acolhida em nosso projeto, isso seria positivo ao processo.

Salvador, julho de 2013. Juracy do Amor Cardoso Filho.

23. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, agosto de 2013

Como dito no relatório anterior, no mês de julho iniciei a atividade do tênis de mesa na casa. A receptividade foi excelente, no entanto, a atividade foi suspensa e ficamos sem nosso tênis de mesa, por falta de uma mesa adequada e pela impossibilidade de relocarmos a mesa de reunião de uma sala para a outra. Desejo conseguir uma mesa adequada, além de outros dispositivos, como *totó* e uma mesa de *sinuca*. Estas ferramentas são magníficas para a magia do encontro. A integração, a atenção, o movimento, a disposição, a competitividade, a recreação, a interatividade, a concentração, a espera e paciência e principalmente a dinâmica de grupo, surgem como elementos unificadores, construtores, dinâmicos e democráticos no processo do convívio e nas práticas de ensino aprendizagem.

Nossa casa se apresenta como um espaço aberto de convívio, na qual os jogos, a música, o cinema e outras linguagens se tornam fundamentais para a prática salutar do convívio. Muitos usuários me solicitaram a volta da atividade do *ping pong*, além é claro de mais sessões de cinema que tanto enriquecem nosso tempo. Precisamos nos atentar para estas, atividades, precisamos dar mais atenção para estes veículos acolhedores. Vamos fazer deste espaço um verdadeiro centro de referência humanística mundial, onde todos independente de seus credos, raças e cores se encontrem e compartilhem o que podem, com muito respeito, carinho e cumplicidade.

Precisamos propagar mais arte e cultura, precisamos aproximar as pessoas para a casa, reorganizar nosso tempo/espaço e fazer articulações que convidem, e convoquem a comunidade a sentir que a casa rosa pertence a todos, ou seja, não só aos que são excluídos em nossa sociedade, ou melhor, aos que são incluídos de uma forma perversa, sendo assim esta casa é de todos e para todos.

Precisamos criar possibilidades em que o convívio seja democrático e que a casa mesmo com suas limitações, possa atender a diversos interesses da comunidade e sociedade. Acredito que essa atitude além de ser proveitosa será uma boa estratégia para aproximação de todos à nossa casa, um espaço de fruição em arte, cultura, saúde e cidadania, um espaço no qual todos possam ser acolhidos e possam desenvolver atividades diversas, principalmente as ligadas ao cultivo de bens culturais.

Precisamos também criar possibilidades por meio das quais o convívio seja mais pacífico e harmonioso. Muitas vezes não conseguimos conter os ânimos dos usuários, que chegam até a casa, muitas vezes já alcoolizados, ou com outras drogas em uso. Por motivos banais tudo pode acontecer, e agressões perigosas ganham tamanho. Muitas das vezes interagimos com os problemas e brigas, mas a cada dia se torna extremamente perigoso essa

ação dos técnicos do serviço. Aponto para a real necessidade de contratação de seguranças capacitados em agir e conter usuários em surto, pois está sendo muito perigoso estarmos expostos a todas essas situações dentro da casa, ambiente fechado, entre paredes, sem possibilidade de fuga (caso seja necessário e urgente) não devemos aguardar o pior acontecer para tomarmos posturas mais sérias em relação ao perigo que passamos na instituição. E isso interfere na dinâmica da casa.

Quais são as regras da casa? E quando acontecem as punições aos usuários por situações de briga ou roubo, ou outras questões, quais deferimentos realmente deveremos tomar? Que tipo de intervenção ou suspensão daremos e se daremos? Ou melhor, como faremos e como manteremos essas decisões? Como fica a permanência dentro da casa de usuários problemáticos que todos os dias que estão na casa criam confusão? Que relação estamos criando com nossos usuários e comunidade? Precisamos nos atentar a estes aspectos e seguir com os deferimentos em reunião. Lembro que nunca chegamos a discutir em reunião as regras que imaginamos para esta casa. Ter que conter fisicamente um usuário insano, ou ficar exposto a tentativas de agressão com facas ou pedras, xingamentos e opressões, além da intimidação constante, que em meu ponto de vista, é extremamente desgastante e cancerígena. Toda essa onda turbulenta faz do nosso trabalho um lugar terrível, e não é esse o espaço que desejamos construir. A compreensão de que nossos usuários estão em extrema vulnerabilidade e, por conseguinte carregam uma extrema baixa de tolerância, faz com que qualquer motivo seja motivo para grandes confusões, isso nós já entendemos, mas como profissional, apesar de ter conhecimentos em artes marciais, não me sinto habilitado a realizar contenções físicas a usuários extremamente violentos. Portanto, sugiro novamente que se contratem pessoas especializadas em tais ações.

Nos laptops que utilizamos atualmente para as atividades diversas da casa, encontro dificuldade para acessar a rede sem fio da instituição, não sei se existe algum bloqueio na rede, mas percebo que é fundamental que o acesso a internet seja liberado para as atividades com nossos usuários, além de que a inclusão digital faz parte de novas políticas públicas e trazem um pertencimento do nosso tempo, nossa contemporaneidade bebe desta ferramenta, e é preciso utilizar esta facilidade em nosso trabalho.

Trago como exemplo o *youtube*, que surge como ferramenta pedagógica, pois muitos filmes já se encontram disponibilizados na web, além de documentários e vídeos diversos, e o fácil acesso permite além da inclusão digital, a disponibilidade de termos uma grande biblioteca e cinemateca online. O *facebook*, por exemplo, é uma excelente ferramenta de convívio e inclusão digital e social, as pessoas se conectam, interagem e convivem. Tudo faz parte do

nosso trabalho. Trago como exemplos claros as sessões de cinema que vivenciamos e que tanto nos integra.

Na quinta feira dia 08/08 por exemplo, por algum motivo a professora do curso de direitos humanos não compareceu na parte da manhã. Decidimos então passar um filme, e esta atividade só foi possível, pois estava com meu computador pessoal, e assim acessamos o *youtube*, escolhemos democraticamente o que iríamos assistir e assim conseguimos realizar uma bela oficina com aproximadamente 15 pessoas conectadas com a atividade. Vamos apostar nessas ferramentas e teremos mais opções para trabalhar a inclusão dentro da instituição.

No mês de julho de 2013, inaugurou-se o Programa Corra pro Abraço, resposta do estado da Bahia ao enfrentamento do problema do abuso de Spa`s. estas oficinas de rua terão uma parceria com o P.E.

Muitas reuniões de nosso interesse também aconteceram neste mês, como a reunião da Ammia (saúde mental), além do fórum da população de rua, que aconteceu no Cieg no Rio Vermelho. Ocorreu também a Assembleia com usuários e técnicos do serviço na sexta, dia 19/07, não pude vir a esta reunião, pois ocorreu em um dia que era fora do meu plantão.

Gostaria de discorrer sobre as características especiais do nosso trabalho. É preciso que haja um melhor entendimento na questão carga horária X técnico X P.E. Precisamos ter uma gestão do nosso tempo de maneira mais autônoma em relação ao trabalho, só assim poderemos atender às demandas diversas que surgem deste fenômeno que é o P.E. Aqui tudo pode acontecer, não existe uma bula ou prescrição como uma receita médica de como devemos agir, pois existem demandas mil. Penso que nosso trabalho além dos acolhimentos e da escuta sensível é estimular e fortalecer a autoestima e estar com as pessoas, interagir brincar e dinamizar as escolhas, e descobertas, fazer que cada dia seja um dia melhor. Faz parte de nosso trabalho apresentar caminhos para os cuidados com a saúde, proporcionar ao sujeito que ele se sinta humano, vivo, importante, único e cidadão, ator social, ou seja, práticas de cidadania e convívio, inserindo-o na sociedade, mas agora com um novo olhar, um olhar mais humano, carinhoso, respeitoso, uma inserção com AMOR. Isso é uma pequena parte do nosso trabalho, e esse trabalho ultrapassa as paredes da casa rosa, ultrapassa a carga horária, pois vínculos foram e são criados a todo o momento. A gestão do tempo em nosso trabalho é um paradigma que precisamos solucionar, ou encontrar meios mais práticos para a gestão do nosso tempo em detrimento das necessidades do próprio trabalho fenômeno.

Preencher as tabelas de produtividade se torna um instrumento interessante, uma ferramenta que traz uma dinâmica de organização. Ao mesmo tempo não devemos burocratizar

ao ponto de esquecer do que realmente é importante, que é estar junto com nossos usuários, identificar a demanda e agir na medida certa.

A ideia em criar metas e/ou metodologias dentro da instituição é importante e creio ser fundamental para podermos em breve replicar nossa casa pelo Brasil e mundo. Precisamos nos atentar que estamos criando novas ferramentas metodológicas. Não devemos ficar aprisionados a padrões morais e/ou comportamentais, ou a fragmentações culturais. Precisamos seguir as novas tendências, precisamos estar e adentrar em nossa contemporaneidade por inteiro, permanecer atentos às novas demandas, desafios e principalmente interagir com os fenômenos. Compreender que apesar de existir uma lógica institucional, é urgente que se abra um novo leque de relações na equação trabalho X fenômeno, talvez isso gere um pouco mais de trabalho e indique uma reorganização específica no Rh da instituição em relação ao Pe. Mas isso também faz parte da mudança, a mudança dos paradigmas, a mudança do olhar. A construção dinâmica das nossas identidades e do nosso fazer.

A máquina de ponto aparece como instrumento de controle, que infelizmente se mostra necessário devido às diferenças do entendimento do trabalho pela própria equipe. Rogo por um entendimento fenomenológico por parte da nossa liderança, ou seja, entender que vivenciamos um modelo novo de auxílio ao próximo e rogo que consigamos criar um novo modelo de gestão capaz em atender as diversas demandas de nosso trabalho. As Ci's³¹¹ são uma boa ferramenta de comunicação e acredito que em tempo nos acostumaremos com esta metodologia.

As novidades da casa é que contaremos em breve com uma cozinha industrial, não quero comentar nada sobre isso, e sim somente depois de implantada e em funcionamento, daí relatarei sobre as atividades ligadas à gastronomia e culinária dentro da casa.

Em relação à produtividade na casa, ainda carecemos de materiais de trabalho. Muitos usuários comentam que precisam “ocupar a mente” com atividades diversas, seja filmes, aulas, oficinas, workshops, mas o desenvolvimento dessas ações está intimamente ligado com a disponibilidade de materiais como: Material de arte (tintas, sprays, telas, pincéis, papel cola etc.) instrumentos musicais (violão, percussão, equipamento de áudio, caixas amplificadas, microfones, etc.). Estes materiais não existem, e quando realizamos estas oficinas, muitas delas são com nosso material pessoal. Aponto também a necessidade de contratação de um professor de teatro pra realizar em conjuntos atividades de cunho interdisciplinar.

³¹¹ Circular interna.

Os projetos Consultório de rua e Saúde de Cara na rua precisam ser apresentados aos novos funcionários, principalmente aos redutores de danos e a alguns usuários para que eles participem destas atividades.

Neste momento precisamos nos preparar para a comemoração de um ano de vida do P.E. Quais atividades iremos desenvolver? Precisamos formar um comitê para deliberar as ações em função deste evento, que deverá acontecer entre os dias 13/09 e dia 21/09.

As reuniões de equipe seguem agora com apresentações dos casos, em que a explanação faz com que entendamos um pouco melhor cada um dos usuários que frequentam o serviço, com isso fica mais fácil atender as demandas que chegam e compreender um pouco melhor o que realmente acontece com a pessoa. Em tempo as reuniões precisam ser mais dinâmicas, as vezes saio das reuniões com a sensação de que não conseguimos resolver muitas coisas.

Sobre as evoluções de casos, visitamos “E” no presídio, proporcionamos o encontro com a mãe dela, além de conseguir a certidão de nascimento o que facilitará o processo de soltura. Agora temos uma declaração de que “E” é usuária do P.E. O defensor público utilizará esta declaração como um comprovante de residência, já que “E” vive em situação de rua

Visitamos também o projeto Abrigo Marta Maria, em Boiadeiro (subúrbio), lugar acolhedor, calmo e especial, vive de doações e pode abrigar 10 pessoas ao mesmo tempo, lá eles compartilham tudo desde a limpeza, ao cozimento dos alimentos. Neste espaço, todos desenvolvem uma vida simples e religiosa. Com esta atividade criamos a possibilidade em visitarmos todos os centros de acolhimento e assim fazermos um mapeamento in loco de todas as possibilidades de abrigo em Salvador e região metropolitana.

O trabalho na OSID começa a ganhar corpo. Acredito na unidade do serviço e na intrarelacão institucional. Este mês desenvolvi trabalho com os profissionais do CATA³¹². Construimos uma intervenção artística para o evento de premiação do profissional destaque da instituição. Foi muito proveitoso ver e sentir o envolvimento de todos os participantes, equipe coesa e afinada. Foi um prazer trabalhar em outro espaço da instituição e acredito que esta disponibilidade e possibilidade do trabalho só venham a acrescentar na produtividade da instituição. Aguardamos novas demandas!

Salvador, agosto de 2013. Juracy do Amor Cardoso Filho.

³¹² Centro de Acolhimento e Tratamento de Alcoolistas

24. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, setembro de 2013

Após um ano de trabalho retornamos aos mesmos aspectos que tanto nos oprimiram no início do projeto. E por quê? Com uma simples observação percebe-se que mudam as pessoas, mas os problemas persistem, são os mesmos. As brigas, as confusões, as agressões, os xingamentos, ameaças e intimidações ganham espaço novamente dentro da instituição. Infelizmente não conseguimos chegar a um porto seguro, admito que já vivemos muitos momentos de calma, e que para alguns usuários, aconteceram mudanças importantes, um processo de ressignificação do uso do espaço da casa, das relações interpessoais, do entendimento do convívio, do desenvolvimento das boas práticas salutares em prol da saúde e cuidados com o corpo, além do fortalecimento da autoestima e outros aspectos. Mas para muitos outros usuários, o convívio na casa impele uma relação de stress, de domínio, de poder auto instituído e que gera opressão e discórdia cotidiana ao serviço.

Técnicos, redutores e usuários estão sendo intimidados constantemente, e expostos a situações de total falta de controle. Até quando trabalharemos com esse nível de stress? Esperaremos o pior acontecer? Uma morte, uma agressão mais severa por parte de algum usuário em surto psicótico? Por que não conseguimos implantar regras básicas de convívio?

Aponto para a necessidade de elaboração de um estatuto do Ponto de Encontro. Precisamos admitir que vivemos e trabalhamos com um fenômeno, ou melhor, com fenômenos. Desenvolver uma visão oposta à escola positivista que analisa a realidade sempre com um ponto de vista individual, é buscar uma visão fenomenológica.

Neste trabalho estamos intimados a alcançar a intuição das essências, praticar a ciência Eidética.³¹³ As relações se configuram em tentar todos os dias interpretar o mundo através da consciência dos usuários, seus modos de vida, suas experiências e histórias, em interação com o convívio no P.E. Ou seja, trabalhamos com o subjetivo, com o invisível e muitas das vezes com o insensível. Uma atitude de reflexão acerca dos fenômenos e de como eles se apresentam para nós, exige uma abertura complexa nas relações e formas de ser. Nesta perspectiva, caminhamos em direção das relações saudáveis neste mundo. Toda nossa relação com o mundo não tem sentido e nem razão se não começarmos pela percepção, ou seja, pelos sentidos. Cabe a nós buscarmos o sentido daquilo que se mostra.

Então Como se mostra? O que é o ser humano? Como conhecê-lo? Estas perguntas foram elaboradas por Edmund Husserl³¹⁴ e se tornam questões norteadoras sobre a

³¹³ Que busca a compreensão da essência.

³¹⁴ Filósofo alemão (1859-1938)

fenomenologia. Essas questões também remetem a nossa perspectiva metodológica que é baseada no desejo. A palavra desejo advém do latim *desire*, que quer dizer: "seguir a direção", dirigir-se no mundo. Desejo: "*Dirigir-se a um meio conhecido ou imaginando, denunciando através de ações o que é intencionalizado e pretendido*". (LALANDE, A. 1996, p. 241). E o que desejamos para este convívio? Para sair da esfera do desejo e colocar as ações em prática exige-se tempo, dinheiro, atitude, compromisso e condições de trabalho que sejam compatíveis com nosso fenômeno. Precisamos através da prática da inversão do olhar e das atitudes compreender o que realmente se passa com nosso público. Por que na rua eles se comportam de maneira muitas das vezes mais social, e quando estão neste serviço, que seria o lugar de acolhimento e resolução para questões pelo menos básicas, (como o banho, a cozinha, o lavar as roupas), por que aqui eles se enfrentam tanto? Por que se gladiam, ameaçam, intimidam e fazem do dia-a-dia um campo de guerra? Qual a essência deste fenômeno? Precisamos acordar e estudar cientificamente esse objeto/sujeito de estudo. Não adianta exportarmos teorias psicanalistas, já que em verdade, para esta configuração de fenômeno, não existe uma literatura científica, ou seja, nós precisamos revelar esse fenômeno, debulhar essa essência, espiritualizar nosso processo de conhecimento.

Como educador social, sinto-me extremamente violentado quando tenho que fazer uma contenção física a algum usuário. Este lugar definitivamente não me agrada, pois não me sinto habilitado para isso. O perigo de acidentes sérios, ou risco de morte são constantes em nosso trabalho. Pedradas, facadas, e outras agressões novamente aumentaram no serviço. Muitos usuários refletem que este espaço me parece ser mais perigoso que uma cadeia, pois tudo aqui pode acontecer, e não há grades para conter ninguém. Não existe nenhuma segurança em nosso trabalho. Aqui a casa se transforma em terra de ninguém quando as coisas saem de controle. Todos nós estamos expostos cotidianamente a sermos agredidos a qualquer instante. Esta avaliação é uma explanação consciente do que se revela a nós, e infelizmente, apesar das reuniões de equipe, não conseguimos deferir, sustentar e desenvolver ações e práticas de convívio que realmente sejam salutares ao trabalho.

Falamos em suspensões, decide-se que este ou aquele usuário não pode adentrar a casa, etc. Como podemos tomar essas atitudes se não conseguimos nem ao menos discutir as possíveis regras, ou estatuto do P.E.? Por que um usuário é punido e outro que faz ou fez coisas terríveis ficam impunes na casa? Que tipo de relação estamos construindo?

Precisamos admitir que chegou a hora de reorganizarmos nossa casa. Chegou a hora de construirmos um espaço digno de convívio, um local onde possamos trabalhar com alegria, entusiasmo, e vontade de produzir boas ações. Quero chegar ao meu trabalho com o espírito de

transformação positiva, colaborar para o crescimento dos nossos usuários. Oferecer um serviço no qual seja possível protagonizarmos atitudes altruístas, de paz, amor, solidariedade e confiança.

A exclusão sociocultural é terrível. Estamos falando de pessoas, seres que igualmente possuem direitos e deveres, pessoas que necessitam de esclarecimentos e ajuda profissional para suportar as desgraças cotidianas. Históricos de vidas dilaceradas são expostos diariamente a nós profissionais. Como dialogar com tanto sofrimento? Como chegar aos nossos lares livres de pensamentos ruins que surgiram no decorrer do dia de trabalho? Surge também a urgência em trabalhar em nós profissionais a capacidade em filtrar essas energias que se abrocham no P.E. Precisamos estar fortes e preparados, psicologicamente, espiritualmente e emocionalmente. A luta é grande, os desafios são cotidianos e constantes, ou seja, cenas de violência que deveriam ser ações extraordinárias se tornam recorrentes e ordinárias. Estamos muito expostos a essa violência desregrada e sem medida.

Nós não queremos excluir, pelo contrário nosso objetivo é acolher, agregar e tentar suavizar a vida endurecida de tantos usuários do serviço. Mas ao mesmo tempo não podemos conviver com essa gratuidade de agressões que tanto afetam nossas trajetórias, ou melhor, todas as trajetórias. Precisamos viver em paz, seja no trabalho, em casa, na amizade, no amor.

Caminhar e dialogar nessa linha tênue entre mundos diferentes e complementares em que andamos, é praticar a resignação. Caminhar na corda bamba do convívio, dançar em busca do equilíbrio no picadeiro da vida exige calma, paciência, fé e coragem, mesmo que as vezes esse picadeiro se transforme num verdadeiro *freak show* (show de horrores).

Vamos fazer do nosso circo um lugar de alegria e não de tristeza, um espaço que seja facilitador de protagonismos individuais e coletivos, um espaço que projete o sujeito para uma verdadeira educação libertaria, pois como já disse Paulo Freire, quando não oferecemos e nem vivemos uma educação libertadora, o sonho do oprimido será sempre ser o opressor. Vamos refletir nisso.

Escuto meus colegas de trabalho e é claro na fala a preocupação com o serviço. Trabalhar com sensação de insegurança é um enorme desafio para todos nós. Desejo sair de casa para trabalhar com desejo de realizações, com planos para fazer do dia de trabalho, um dia de construção e elevação de valores, conhecimento, boas ações. Praticarmos o convívio com arte e cultura é um caminho gostoso para sentir o que é ser cidadão. Esse é um excelente caminho. Precisamos de mais infraestrutura e mais recursos materiais para criarmos uma metodologia que possa ser replicada.

Existem várias hipóteses que poderíamos nos debruçar sobre este trabalho. Uma delas, por exemplo, é a seguinte: Pessoas que atualmente vivem nas ruas, por diversas questões que as conduziram a esta trajetória, hoje se organizam dentro de uma casa, na qual o convívio gera situações novas a todo instante. Ressalto que muitos deles, nas ruas, nem se comunicam, mas aqui nesta casa se toleram. Surge então um novo espaço de interação nunca antes visto, pois apesar de existirem outros serviços com algumas similaridades com o nosso, em nenhum deles a porta fica aberta o tempo todo, e como não temos regras claras, e nem ao pouco, critérios claros para julgar uma conduta, ficamos afogados em nossa própria angústia, estampada em dissonâncias que ganham um volume simbólico ensurdecedor.

Aqui nos deparamos com pelo menos duas questões, uma de ordem filosófica e outra de ordem pragmática. Pelo lado filosófico discutimos sempre em como incluir, e quando pensamos em regras sempre imaginamos em não cerceá-los. Como deixar a polícia levá-los à delegacia e deixá-lo preso, sem uma intervenção? Tudo o que a gente quer, é incluir, é resgatar o sujeito e colaborar pra seu crescimento individual. Mas o lado prático aponta outra face da moeda. Existe por parte de muitos dos usuários uma falta de percepção da dimensão político simbólico do que é esse serviço. Associado à nossa angústia e a nossa incapacidade em admitir que neste momento, eles não conseguem possuir nem interiorizar a percepção dessa dimensão representativa.

A busca da satisfação pessoal e da resolução das necessidades básicas são os arautos das intenções dos usuários da casa. Como desenvolver algum trabalho com alguém com fome? Será que abraçarmos o assistencialismo completo, ofertando comida, por exemplo, conseguiríamos melhorar o convívio? O correto a afirmar é que desenvolver um trabalho cultural com pessoas em extrema necessidade é complicado, mas não é impossível.

As possibilidades devem ser construídas, e mesmo com as adversidades do dia a dia de trabalho é urgente entregarmos-nos às boas práticas e esperar sempre o melhor.

A partir da segunda quinzena de setembro as reuniões de equipe começaram de fato a serem mais resolutivas. Começamos a nos entender e aplicar as resoluções decididas na dinâmica da casa de maneira mais efetiva, isso fez com que nos fortalecêssemos como grupo e o trabalho fosse melhor articulado.

As comemorações de aniversário se iniciaram na sexta feira 13/09 e foram até o sábado dia 21/09 com a intervenção do coletivo GIA³¹⁵ e outros artistas, com o yakissoba coletivo, que foi produzido e distribuído para todos que estavam na casa. A festa se

³¹⁵ Grupo de Interferência Ambiental

desenvolveu com discotecagem de usuários na parte da recepção, e ao fundo, junto ao yakissoba, o Samba, quando todos participaram e tocaram os instrumentos com alegria.

Chegamos ao 1 ano de vida, e vejo como uma grande vitória. Às vezes nem acredito que conseguimos chegar até aqui, apesar de tantos desacertos, muitos acertos aconteceram, muitas vitórias foram conquistadas e seguimos com fé na melhora dos nossos usuários e também uma melhora as condições de trabalho para todos nós.

No meio disso tudo acontece ainda uma perda enorme ao nosso trabalho, Patrícia Flach, nossa coordenadora deixa o cargo. Ainda não conseguimos visualizar essa transição, pois a coordenação técnica de Patrícia era fundamental para o norte das condutas dentro da casa. Apesar de sua saída não implicar no afastamento do CETAD, acredito que neste momento estamos mais sensíveis as intempéries, pois todos nós estamos mais fragilizados e com muitas dúvidas em como realmente será nosso trabalho daqui pra frente.

Pessoalmente esperava um entendimento das coordenações, pois acredito que há muito trabalho e que seria interessante se fosse organizado uma divisão de tarefas e ações, mas infelizmente não houve possibilidade.

Fica então a máxima: criamos nossos filhos pro mundo, e é assim que é a vida, uns se vão, outros ficam, vivemos o transitório, um vai e vem sem cessar, novas formas e configurações sobre velhos problemas, além do enfrentamento dos novos problemas. Ao mesmo tempo tudo nessa vida é aprendizado. Eu acredito que apesar da saída de Patrícia, a OSID deve e precisa abraçar a experiência do CETAD e juntos na cooperação técnica caminhar para dar uma nova direção ao trabalho, e desejo que continuemos com nossa autonomia e que realmente possamos nos debruçar, apoiar e se embasar dos conhecimentos que a UFBA pode nos ofertar, ou seja, que essa parceria se mantenha e que assim possamos realmente adentrar no universo das substancias psicoativas e seus usos de forma profissional, coesa, amadurecida e verdadeira.

Salvador, setembro de 2013. Juracy do Amor Cardoso Filho.

25. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, outubro de 2013

Nossa casa começa o mês de outubro temporariamente fechada. Essa ação foi uma resposta preventiva às ondas de extrema violência que vinham ocorrendo em frequência acelerada. Depois de agressões mais severas entre os usuários do serviço foi necessário fechar a casa por quatro dias, para tentarmos criar uma melhor organização e criar possibilidades para a paz.

A perspectiva é que possamos organizar melhor o serviço a ponto de termos uma dinâmica de ofertas que seja atraente para os nossos usuários. Eles reclamam muito da ociosidade e a falta de atividades dentro da casa, no entanto, ofertas existem e muitos deles não querem fazer as atividades. Reclamam que estão cansados, com fome e com isso, impossibilitados para as atividades. Mas quais atividades ofertamos?

Atualmente ofertamos a oficina de redução de danos, oficinas de música, direcionado ao instrumento violão, a banda percussiva, dentre outros. As oficinas de arte resgatam a subjetividade e desenvolvem as relações mais insensíveis, ao ponto de (re)significar o convívio e aprimorar a qualidade das relações que se pretende com este projeto. Necessitamos também de cursos técnicos e profissionalizantes, pois estes implicam no cotidiano, seja curso de eletricista ou mecânico, o importante é estar em movimento.

A demanda para retornar ao mercado de trabalho é muita, existem desejos e aspirações que norteiam o processo de construção. O propósito é buscar melhorias na qualidade de vida. Nós percebemos que existe um desejo por mudanças, quase sempre fica claro na fala dos usuários, mas a vida dura nas ruas, muita das vezes faz com que tudo fique estagnado e ao mesmo tempo sem clareza.

O que devemos fazer para contornar estas situações? Fica clara a necessidade em ampliar a oferta dos cursos técnicos e profissionalizantes, e realizarmos uma busca ativa nas ofertas de emprego da cidade para os que já possuem uma profissão. Vejamos o caso de E. que através do belo trabalho da nossa colega Manuela, conseguiu o emprego de carteira assinada com todos os benefícios da CLT.

Devemos então propor uma articulação dos profissionais com instituições de fora que possam promover estes cursos dando oportunidades aos que necessitam, e desejam mudanças, com isso abriremos portas para a inserção no mercado de trabalho, e facilitaremos a inserção social.

Sobre o trabalho interno acredito que devemos criar um plano de trabalho mais conectado um com o outro, ou seja, cada profissional poderia oferecer ideias de trabalhos e oficinas e parcerias poderiam ser firmadas e em conjunto realizarmos intervenções mais

pontuais e com abrangência maior. Precisamos realizar a interdisciplinaridade em nossas práticas. Estar atento às necessidades do outro se torna uma boa ferramenta para nosso trabalho. Percebo que todas as atividades ligadas a arte têm uma boa recepção entre os usuários, as oficinas de violão e de pintura, por exemplo, são sempre bem-vindas entre eles.

Aponto para as melhorias alcançadas esse mês como, por exemplo, a reforma da cozinha. Esta atividade é fruto do trabalho de sensibilização feito ao longo do ano com todos os envolvidos, é uma representação física da subjetividade ampliada, dimensões simbólicas que exerce um poder positivo dentro da casa.

Sobre as atividades específicas, venho realizando oficinas de violão e de ritmo e poesia com usuários, e pretendo realizar uma oficina de alfabetização com os usuários, além de práticas interdisciplinares com outros técnicos e redutores na oferta de atividades.

Quinzenalmente venho realizando um encontro musical no P.E. com dois funcionários, que trabalham na OSID. Estamos desenvolvendo práticas musicais no intuito em fortalecer as relações pessoais e possibilitar momentos de descontração coletiva, autodescoberta e de relaxamento, com isso criamos espaço para conversamos sobre projetos de vida, e temas pertinentes a nossa contemporaneidade. São temáticas que ganham força de expressão e direcionamentos específicos através das práticas musicais.

Neste mês aconteceram algumas reuniões com grupos do bairro e associações sobre as questões da casa e questões da comunidade em geral, estas reuniões são importantes para reconhecermos e resignificarmos o nosso próprio trabalho e fortalecer nossas convicções de que nós não somos o gerador do problema, e sim, mais um dispositivo de solução de problemas sociais, somos a porta de entrada para outros serviços, somos nós que trabalhamos com os mais excluídos, com a mais baixa estratificação social.

Realizei acolhimentos, rodas de conversa e intervenções pontuais no cotidiano da casa. (Ver plano de trabalho individual).

Este mês tivemos a presença das reportagens midiáticas da cidade, muito alvoroço e muitas expectativas, além de muitos desacertos. Entrevistas foram dadas, mas como sabemos na hora da edição as emissoras só veiculam no ar, aquilo que é de interesse, portanto, precisamos ter cuidado com as entrevistas, pois tudo pode ser distorcido.

Sobre o telefone este mês houve abuso nas ligações o que acarretou numa fatura telefônica com um valor alto, a partir dessa questão criamos uma melhor gestão para o uso do aparelho.

Sobre o convívio na casa, posso dizer que brigas e desentendimentos ainda acontecem, e que, passam-se os dias, mas o trabalho continua a exigir muito de nós. A violência ainda é

um grande arauto no convívio, mas de certa forma faz parte do trabalho, pois vivenciamos um espaço de crise.

Salvador, outubro de 2013. Juracy do Amor Cardoso Filho.

26. Relatório Ponto de Encontro / Salvador, novembro de 2013

De mudanças em mudanças, tudo mudou. Agora o barco ganha outra cor e outro nome e também outra direção. Vai do rosa para o azul e do nome encontro só ficou os nossos encontros, pois agora se torna o Centro de Convivência Irmã Dulce dos pobres.

Nesta nova perspectiva de trabalho, surgem também novos desafios. Aproveito e já aponto para a capacitação da equipe com palestras, oficinas, vivências e workshops para podermos nos formar e nos informar mais sobre as novas dinâmicas que se apresentarão em nosso trabalho. Precisaremos nos debruçar com amor, carinho e técnica aos propósitos nobres em amar e servir.

Neste relatório de uma etapa do serviço e vibrando nessa nova configuração de mudanças, depois de tantas tempestades que vivenciamos juntos, vejo o retorno do nome do projeto original “Ponto de Encontro” ao CETAD como um ponto final, no qual se estabelece claramente que agora são dois projetos completamente diferentes, cada um com suas propostas, públicos, ideias e ideais.

De um lado, um projeto de baixa exigência e portas abertas que se firmou e se realizou como dispositivo original e audacioso, tecnológico em emoções e inovações, e do outro lado, uma nova proposta que se direciona a novas latitudes e longitudes na bússola da experimentação.

O que preciso relatar neste momento de transição é do que passou e do que ficou e tentar projetar o que poderemos realizar. Sobre o Ponto de Encontro, apesar de todas as dificuldades e turbulências eu acredito que nós conseguimos fazer do impossível o possível, trouxemos à superfície o que normalmente fica escondido, expusemos nossas feridas e o mais importante, dialogamos com elas, amamos e sofremos, passamos por momentos de alegria e tristeza. Foi uma verdadeira odisseia barroca de dualidades desafios e conquistas, afinal de contas tivemos muitas conquistas, não nos esqueçamos que tivemos a tarefa nobre em trabalharmos com o invisível, o insensível, o quase não tangível, elementos que fazem parte da nossa subjetividade e da nossa condição humana.

Aprendemos a conviver com nossos irmãos desamparados, muitos deles por escolhas erradas, outros por situações impostas pelo senhor destino, outras pelo desejo.

Na Inversão do olhar, na inversão dos papéis, e na percepção do protagonismo construído nestes 14 meses de vida do projeto P.E., precisamos lembrar que fomos e somos vencedores. Eu me orgulho disto. Tudo o que aconteceu foi importante para percebermos nossa potência enquanto seres humanos, enquanto equipe e profissionais em confronto diário entre a

ciência e a arte, a ética e a estética, a vida e a morte. Nós dançamos a valsa fenomenológica das ruas, das drogas, da “vida loka”. Tudo voraz, forte, intenso, e imensamente humano.

Conseguimos colaborar para que as margens sociais transgredissem o sistema e chegassem ao centro como milho no azeite quente. Isso foi impactante ao que ou a quem se interpreta como tradicional? Ou seja, aportamos numa comunidade rica culturalmente, mas ao mesmo tempo, fechada em seus valores e princípios, (...e quais seriam esses valores e princípios? Neste sentido, o que é ser tradicional? No momento pretendo não adentrar nessa discussão), na qual o novo sempre causa espanto, daí os confrontos aconteceram... E com essa demanda tocamos o barco ao mar do trabalho e pegamos as grandes ondas e correntes marítimas. E a esse barco só foi possível transgredir ao mar, porque nós estávamos nele.

Eu sempre tive fé que realizaríamos o inviável, e assim o fizemos. Foi com meus companheiros de trabalho e de luta e com os frequentadores do Ponto, que reforcei meu sentimento de que sempre é possível. Nós implantamos e vivenciamos um fenômeno. Uma força bruta poderosa que projetou o encontro de partes distantes de um todo, num centro histórico dos antigos paus-brasis.

Portanto, reforço neste relatório aos meus novos e antigos companheiros de equipe, que o que fizemos deu certo! Muito certo! Apontamos direções para os novos enfrentamentos, problematizamos a realidade e implantamos novas propostas de políticas públicas que em breve se desdobrarão em novas ofertas e novas possibilidades! Sim é possível!

Agradeço imensamente a oportunidade em estudar na prática na grande universidade que é o CETAD, no qual fui aluno, pois a pesquisa me guia e a leitura me azeita. Agradeço a Nery e a Patrícia, profissionais que amam o que fazem e isso me anima! Faz-me acreditar, cativa-me e me fortalece! Agradeço a essa equipe que hoje numa outra configuração, mas o carinho e o respeito permanecem fortes.

Com o mesmo entusiasmo e com mesma alegria agradeço a OSID, a minha nova universidade. Agradeço principalmente a Del Carmen que com maestria, dedicação e profissionalismo, conduziu o barco para a fora da tempestade e agora seguimos em busca do porto seguro. Agradeço a Osvaldo Gouveia e toda a equipe do CATA, que me acolheram com imenso carinho e amizade. Tenho certeza que realizaremos grandes feitos com nosso novo barco azul, juntos cresceremos e também apontaremos novas direções no cuidado com o próximo. Vamos juntos.

Como o encontro também precede ao desencontro, finalizo esta etapa com o sentimento de que conseguimos sim! Nós realizamos e lançamos nossa flecha ao desconhecido.

Com entrega, dedicação, técnica e amor, regemos a sinfonia do encontro com a batuta do próprio fenômeno, e assim o herói (P.E.) pode aventurar-se na odisséia babilônica.

Escrevemos uma verdadeira forma sonata, com todos os prelúdios e conduções até a exposição total do tema e reexposição final. E não nos esqueçamos da Coda (é a seção com que se termina uma música), que aponta novas direções e tentará o herói do encontro a novos desafios, novas aventuras, e que esta seja o desdobrar-se pelo Brasil. Sim é possível!

Nós fomos e somos o fenômeno, e não tem mais jeito, já estamos marcados até a alma, e impregnados pelo furor das possibilidades, não somos mais os mesmos e agora nosso barco azul irá desbravar novos mares de possibilidades e seguramente colaboraremos para a implantação de mais um serviço de excelência em qualidade OSID. Nosso CCIDP

Toda essa transgressão pedagógica me leva, eleva, revela e me faz até certo ponto relevar o que não pôde e o que pôde do jeito que pôde. Vivenciamos ao mesmo tempo, o mundo do possível e do impossível. Por isso, finalizo este relatório com uma carta de Rimbaud escrita ao final do século 19.

Nesta difícil tarefa em traduzir um pensamento, percebo-me em tempo de ser poeta, e assim tornar-me vidente, eu quase não poderia explicar-lhes. Trata-se de chegar ao desconhecido pelo desregramento de todos os sentidos. Os sofrimentos são enormes, mas precisamos ser fortes, ter nascido poeta, e eu me reconheci poeta. Não é absolutamente minha culpa. Está errado dizer: Eu penso. Deveríamos dizer: Pensam-me. Perdão pelo jogo de palavras. EU é um outro. Azar da madeira que se descobre violino, e danem-se os inconscientes que discutem sobre o que ignoram completamente. Dou-lhe isto: será sátira, como o senhor diria? Será poesia? É fantasia, ainda. – Porém, suplico-lhe, não sublinhe nem com lápis, nem demais com o pensamento: Eu digo que é preciso ser vidente, fazer-se vidente. O poeta faz-se vidente por meio de um longo, imenso e racional desregramento de todos os sentidos. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura: ele busca por si mesmo, procura nele mesmo todos os venenos e deles só guarda as quintessências – Pois EU é um outro.

Salvador, novembro de 2013. Juracy do Amor Cardoso Filho.

27. Relatório CCIDP / Salvador, dezembro de 2013

Com a casa fechada para reforma, montamos nossa base no CATA- Largo de Roma. Este momento de transição e mudanças coincidiu com as festividades de final de ano, mas mesmo assim conseguimos vivenciar um pouco a dinâmica do CATA.

Este encontro de profissionais, em meu ponto de vista, foi muito importante e produtivo para toda a equipe CCIDP. A equipe do CATA é um grupo muito entrosado e afinado no manejo e na condução do trabalho, isso é perceptível desde o momento em que se adentra o espaço do centro. Pacientes, usuários e profissionais inseridos numa dinâmica construtiva, produtiva e pacífica de trabalho.

Participamos das festividades, e realizamos uma boa festa dentro do CATA com muita música e alegria. Todos presentes participaram e muitos deixaram seus depoimentos registrados, um movimento de agradecimento e de celebração das conquistas.

Neste mês finalizamos os prontuários dos usuários do antigo projeto Ponto de Encontro. Este procedimento foi necessário pela mudança do próprio paradigma. Agora estamos com novas propostas e com novas perspectivas, sendo assim todos os prontuários foram devidamente finalizados e encerrados, contudo, todas as informações contidas nos respectivos prontuários poderão ser utilizadas pelo CCIDP, caso os mesmos usuários apareçam ao serviço.

A casa do Boqueirão ganhou uma nova energia, a cor azul invadiu nossos olhos e num cintilar reverberante com a cor do céu, estamos agora definitivamente vibrando a energia de Irmã Dulce. O clima já é outro. Por dentro a casa também ganhou novo visual com tons pastéis, verdes e marrons e também estamos recriando e resignificando os espaços.

A expectativa agora é disponibilizar as ofertas das oficinas/disciplinas, com as ementas necessárias para a realização do projeto. Como deixamos de ser um serviço de baixa exigência, agora para o usuário matricular-se na casa, este deverá apresentar o cartão do SUS, RG, CPF e comprovante de residência, portanto, também precisamos potencializar o trabalho dos redutores de danos em campo, para que eles possam direcionar possíveis usuários a se organizarem melhor e assim conseguirem participar do nosso projeto.

Aguardo também a participação mais efetiva da comunidade do Santo Antônio, espero que os moradores compreendam a importância deste serviço para a comunidade Baiana e apareçam na casa para colaborar com o aprendizado e com a construção de saberes tão imprescindíveis em nossa contemporaneidade. Somente com essa participação, interação e entrega poderemos construir um serviço de qualidade que tanto desejamos. Acredito que nosso

trabalho irá colaborar para a desfragmentação de um imaginário social muito enraizado em pré-conceitos.

A arte, a cultura e os serviços de saúde aqui implantados devem propagar boas novas, e sob a força, luz e amor de nossa matriarca Dulce, com certeza ultrapassaremos as barreiras e desenvolveremos nossas práticas pedagógicas dentro e fora do CCIDP.

Para que este encontro seja frutífero, aponto a necessidade em ampliar a divulgação do nosso centro com informativos, folders, panfletos, fanzines e mala direta, para que adentremos no imaginário comunitário e assim possamos ofertar nossos serviços com qualidade sem pressões desnecessárias e equivocadas por parte de alguns moradores.

Salvador, dezembro de 2013. Juracy do Amor Cardoso Filho.

28. Relatório CCIDP / Salvador, janeiro de 2014

Começamos a ter uma nova demanda de público, com seus interesses e gostos, desejos e ideias, essa transformação é perceptível e indica que novas transformações irão acontecer

Nesta nova fase, a mudança do perfil foi de 180 graus. A comunidade começa a aparecer e compreender de fato o que é este novo serviço, que atende não só a comunidade, mas qualquer cidadão que deseje desenvolver habilidades ligadas à arte, saúde e convivência. Esta mudança de perfil traz novas implicações nas relações cotidianas entre o serviço, os técnicos e os usuários do centro.

Somos um centro AD e questões relacionadas a este assunto aparecem na sala de aula de forma lúdica, espontânea, criativa e sem o peso que normalmente circunda o imaginário social sobre o tema. As oficinas são como elementos facilitadores dos processos dinâmicos de protagonismo, autonomia e compreensão do sujeito como um cidadão atuante na sociedade em que vive.

Para a realização desta nova etapa de trabalho foi necessário construirmos um protocolo de atendimento que compreende as seguintes etapas: Acolhedor do dia – apresentação da casa e ofertas das oficinas – encaminhamento à administração – encaminhamento ao atendimento individual – termo de compromisso, oficinas. Este procedimento surge também como facilitador do trabalho em si, apesar do processo ser um pouco burocrático a organização se torna mais eficiente e com isso a produtividade alcança novas metas. A mudança do nosso atendimento se dá pela ampliação do olhar através da abordagem *etnográfica*. Ou seja:

— *Quem são nossos novos usuários, como se comportam?*

— *Quais desejos?*

— *Qual histórico de vida?*

— *E qual ou quais os motivos que o fizeram aparecer no CCIDP?*

É perceptível a mudança em nossos usuários, agora em sua maioria são idosos ou maduros, digamos assim, ou jovens (adolescentes). Cada uma dessas pessoas traz para o CCIDP suas trajetórias e histórias de vida, seus gostos, suas manias e desejos, portanto, desfragmentar cotidianamente nossas cabeças, nossos valores e crenças, torna-se ferramenta de trabalho, pois é importante que entendamos a cultura e a alteridade como portadoras de linguagens às vezes invisíveis aos nossos olhos e ouvidos que comumente estagnam aprisionados em padrões que se dizem universais, morais, únicos ou verdadeiros. Cada pessoa é um universo a ser trabalhado.

Salvador, janeiro de 2014. Juracy do Amor Cardoso Filho.

29. Relatório CCIDP / Salvador, fevereiro de 2014

Na proposta da oficina de música, encontra-se inserido nos conteúdos a realização de atividades de alongamento e relaxamento corporal, exercícios de respiração e articulação, bem como noções de postura corporal.

Todas essas atividades compreendem cuidados com a saúde, e colaboram para um melhor entendimento do corpo e sua utilização como caixa acústica de ressonância, reverberação do som e como instrumento. Batendo os dedos e a palma das mãos nas pernas, no peito, no antebraço, na boca, nas coxas etc., vai-se descobrindo os sons, suas cores e densidades.

Os exercícios rítmicos e melódicos são de extrema importância para o desenvolvimento musical, portanto, o processo de musicalização se torna imprescindível para os usuários que tem pouca experiência com o universo musical. Eles precisam explorar e vivenciar as sugestões e variações rítmicas criadas em sala de aula, dentro de uma pulsação rítmica sugerida. A pulsação serve como fio condutor e sintoniza todos os participantes em um determinado andamento.

— *E como fazer isso?*

Existem diversas formas para se chegar a esse objetivo, no momento o trabalho tem como método a roda rítmica, na qual todos, no mesmo andamento, intencionalizam suas experiências rítmico-melódicas, aumentando o grau de percepção, desenvolvendo a pulsação e as possíveis subdivisões dentro do metro rítmico. A intenção é explorar as possibilidades do próprio corpo e proporcionar aos usuários uma percepção mais aguçada das diferenças entre os sons e seus timbres. Esta atividade além de educar o ouvido, desenvolve a independência rítmica, ou seja, a adequação motora a diferentes pulsações musicais e diferentes situações.

A oficina colabora para que os participantes conheçam melhor a si mesmos, a emoção, a parte física/motora, e a mente. A partir daí se tornasse possível descobrir como é o som da sua palma, seu timbre de voz, suas características e os seus desejos, o seu imaginário, torna-se possível enxergar os outros, as nuances e cores diversas. A proposta é valorizar as diferenças, e não buscar uma unidade padronizada em que todos sejam iguais, mas buscar conhecer-se como indivíduo para formar com muitos outros, o sentido de sociedade na qual todos buscam o bem coletivo.

Neste mês foi realizado o atendimento e preenchimento da ficha de acolhimento, bem como evoluções de alguns usuários, com isso, o serviço caminha na direção da estruturação e organização dos prontuários e mapeamento dos usuários.

A comunidade aos poucos começa a aparecer ao centro. Chegam em busca de informações e de atividades que dialoguem com suas necessidades, e que ao mesmo tempo, despertem novos direcionamentos. A demanda de público não é maior, pois ainda persistem muitas dúvidas sobre o que realmente é este espaço de convivência no bairro do Santo Antônio, ou seja, o serviço precisa de uma melhor divulgação para alcançar o seu funcionamento ideal.

Devido as circunstancias e aos acontecimentos ocorridos no projeto anterior, a imagem que a algumas pessoas da comunidade tem sobre a casa, ainda é de muita desconfiança e em certo momento, preconceito. Existe um imaginário construído pela comunidade que desfavorece a aproximação com a casa, e muitas dessas imagens negativas são reflexos desse passado. Mas, de fato tudo mudou, no entanto, o olhar da comunidade ainda está em processo de transformação.

Para trabalhar a desfragmentação do imaginário social, precisa-se de tempo e de maior clareza nas ações. Precisa-se articular melhor os veículos de ofertas, seja por meio da internet, cartazes, folder, etc. Um pouco de marketing seria interessante para potencializar as ofertas da casa azul, e assim o CCIDP desenvolveria meios mais eficientes em capitalizar mais usuários para o serviço.

Existem ainda muitas dúvidas sobre o que este centro representa para a comunidade, estas dúvidas só começarão a ser esclarecidas quando de fato a comunidade se apropriar do CCIDP. O centro precisa fazer parte da rotina dos moradores e colaboradores que apareçam e dialogam com a proposta, pois a convivência deve e pretende estender-se do centro CCIDP às ruas e às casas e vice-versa, um processo de interação e simbiose que implicará em uma transformação de sentidos, valores e expectativas sobre o que é realmente um centro de convivência inserido numa comunidade.

Após as festividades do dia 02 de fevereiro, o mês começou com muitos atendimentos na sala da recepção. Muitas pessoas, em sua maioria senhoras, têm vindo procurar os serviços ofertados, seja pela necessidade em ocupar o tempo com atividades recreativas e terapêuticas, ou aparecem com o desejo em qualificação técnica para o desenvolvimento da economia criativa e conseqüentemente geração de renda familiar.

As oficinas apresentam-se como excelentes ferramentas para atender estas demandas. A oficina com a Camapet, por exemplo, reúne em um só momento a necessidade atual da reciclagem, com as possibilidades em construir uma dinâmica de trabalho e geração de renda. A oficina de mosaico caminha na mesma direção.

É muito salutar observar como a economia criativa circunda o centro. Muitas atividades estão sendo desenvolvidas e muitos sonhos estão sendo aos poucos realizados. Passo

a passo a casa azul ganha terreno e abre espaço para novas conquistas na comunidade do Centro Antigo de Salvador.

As próprias atividades do centro já são instrumentos eficientes na divulgação do serviço. A informação boca a boca funciona. Os usuários do serviço começam a serem multiplicadores, e os mesmos potencializam a chegada de novas pessoas e criam possibilidades de convívio.

Neste mês a oficina de música ganha força, com novos alunos e novos acolhimentos. Diversos tipos de saberes vêm sendo desenvolvidos e compartilhados em sala de aula. Os alunos demonstram bom interesse e boa inteligência musical, são em sua maioria comunicativos e buscam a música não só como atividade cultural, mas também como ferramenta terapêutica. Ao mesmo tempo, experimentam vivências e práticas musicais em que ocorrem processos de ensino e aprendizagem. Assim, novos caminhos são experienciados e o aperfeiçoamento técnico aparece com maior leveza e clareza e tudo se transforma em energia de vida.

Existe uma complexidade em atender um público extremamente heterogêneo, pois são muitas formas de viver e ver o mundo. O diálogo com as diferenças demonstra-se muito eficiente na construção de saberes, que de certa forma estão alicerçados nos processos culturais, e aqui nesta casa ganham também valor terapêutico.

Portanto, a dificuldade de um usuário é a facilidade de outro, não há um caminho reto a ser trilhado, não existe uma bula, ou prescrição, o que existe, e/ou o que se busca, são oportunidades para ampliar as percepções das ações implantadas e em andamento. Assim, o CCIDP ao expandir as possibilidades de conexões, inicia o processo de convergência de diversas ações e interesses em busca da melhoria da qualidade de vida dos usuários do serviço.

As atividades propostas em sala de aula dialogam principalmente com as demandas e desejos dos nossos usuários. Para ser mais preciso segue alguns exemplos:

A usuária V. L. nunca estudou violão, mas adora cantar e em particular ama a cantora Laura Pausini. A partir dessa informação já fica mais fácil construir um planejamento pedagógico.

— *Quem é esta cantora?*

— *De onde vem?*

— *Quais aspectos culturais existem nas músicas que ela interpreta?*

— *Como são essas músicas?*

A estrutura, forma, altura, densidade, tessitura, tonalidade, encadeamentos, estilos, etc. Ou seja, a partir do desejo criam-se possibilidades em estudar música, seja através do violão

ou canto. Assim, constroem-se caminhos saudáveis e emancipatórios para vivenciar as práticas musicais.

O usuário D. B. chega com muita vontade em aprender música e desenvolver-se com o instrumento violão. Traz como referência o grupo Legião Urbana, suas músicas e atitudes. Portanto, a partir dessa informação criam-se possibilidades bem próximas da realidade vivida, ou seja, o desejo se torna ferramenta pedagógica, a informação transforma-se em possibilidades de planejamento estratégico com conteúdos claros e específicos.

A aula transforma-se em um momento de prazer e de descoberta de novos referenciais. Com esta dinâmica de trabalho procura-se afastar as distâncias que podem acontecer em um ensino tradicional de música. Assim, ao mesmo tempo, as aulas ganham aspectos terapêuticos e uma força específica nas tecnicidades inerentes ao estudo de música.

A usuária M. E. apresenta-se com muitas expectativas em relação às aulas de música, possui uma visão holística de mundo conectada com a natureza e desenvolve um trabalho focado em danças sagradas, e em danças circulares. Gosta de MPB (música popular brasileira) e pretende aprender a tocar e cantar. Com esta usuária pretende-se desenvolver pesquisa sobre os cantos de trabalho e aprofundar os conteúdos musicais direcionados às danças circulares.

O Usuário R. S. é compositor e chega à aula com o sentimento de resgate do seu poder criativo. Deseja aprender a improvisar nas músicas, e desenvolver o conhecimento sobre harmonia para as suas práticas composicionais. Com este usuário pretende-se desenvolver conteúdos que despertem sua criatividade e o ajude a compor cada vez mais.

Assim as oficinas de música ganham uma dinâmica diferenciada de trabalho e um direcionamento contemporâneo alicerçado em práticas musicais oriundas dos desejos, conhecimentos e demandas pulsantes de vida de todos os envolvidos no processo.

O segredo não é somente ensinar música, mas sim, ensinar COM música, isso faz grande diferença, pois não se trata só de aspectos técnicos que concernem à ciência musical, e sim, da elaboração de um plano estratégico no qual a música, ao mesmo tempo, possa ser a finalidade e o meio construtor de ideias, ações e intenções. Assim, as práticas musicais ganham um novo significado, não é só tocar, ou aprender uma música ao violão, e sim, viver a música, viver você mesmo, interagir, “com-viver-com” o mundo, os outros a sociedade, a comunidade, família, etc. Com uma metodologia participante e transdisciplinar, a oficina de música pretende colaborar com o desenvolvimento integral do usuário do serviço, abordando (vide planejamentos da oficina) não somente os fundamentos musicais, mas expandindo os conteúdos para a compreensão da cultura, da diversidade e dos processos de educação.

Salvador, fevereiro de 2014. Juracy do Amor Cardoso Filho.

30. Relatório CCIDP / Salvador, março de 2014

Neste mês aconteceram 08 acolhimentos, 09 atendimentos individuais, 08 oficinas de música, 03 atividades externas, 02 articulações institucionais, 01 encaminhamento.

Paralelo à proposta da oficina de música, muitas outras atividades acontecem no CCIDP. A interação, o convívio e a circulação das pessoas criam um espaço de intercâmbio de informações que fomenta atitudes altruístas de grande importância para o desenvolvimento das relações que se pretende estabelecer. Hoje a casa já recebe moradores tradicionais do bairro, são os mesmos que anteriormente falavam mal do projeto anterior, e que desejavam o fechamento da casa. Hoje eles admiram e se alegram em saber que existe em sua comunidade um projeto com este perfil.

A visita mais esperada aconteceu no dia 10 de março deste ano, quando o morador C., sua filha e genro, adentraram ao CCIDP para visitação. O serviço foi-lhe apresentado, e foi possível destacar as novas características e formato do projeto, além dos objetivos e as possibilidades de construção da proposta do convívio social de forma significativa junto à comunidade. Nesta visita C. declarou:

— [...] *tudo mudou mesmo, como está bonita esta casa!*

Era perceptível a alegria deste morador ao ver o centro com outra cultura de atendimento, e completou:

— [...] *era impossível a gente entrar aqui anteriormente...*

Explicou à filha. O morador C. é um dos maiores articuladores do bairro.

O CCIDP apresenta características de inovação em tecnologia humana, pois articula saberes e conteúdos que se propõem em dialogar com a comunidade através de práticas vivas de convívio. Sejam as aulas de música, ou de cerâmica, ou mosaico, o que faz este serviço acontecer é perceber como os usuários se completam na interação com a casa. Tudo tem um significado, um movimento muito sutil, terapêutico e extremamente eficiente quando se trata do assunto convivência. A usuária M.E. em oficina de música declarou:

— [...] *é maravilhoso poder estar aprendendo música aqui pertinho de casa [...] quero fazer outras oficinas, vale muito a pena fazer [...]*

Nesta perspectiva, novos paradigmas estão sendo construídos cotidianamente através de ações fundamentadas na convivência, atreladas à técnicas e metodologias próprias e fortalecidas pelo método simples de amar e servir.

A mudança que ocorre na rotina de trabalho, é que não é necessário agendar a entrevista ou acolhimento individual para um dia específico, e sim, se houver possibilidade, pode-se, ou melhor, deve-se realizar o acolhimento. Isso facilita o processo burocrático e

permite que o usuário tenha um acesso mais fácil aos serviços oferecidos. Este formato também se estende à assinatura do termo de compromisso, pois agora, na hora do acolhimento é possível que seja realizado o ritual do compromisso. Este documento é de extrema importância no sentido que se criam expectativas em relação às oficinas. Firmar o compromisso é deixar claras as intenções entre as duas partes, o CCIDP e os usuários. Muitos encaminhamentos começam a ser possíveis de serem realizados a partir das conversas tidas nas oficinas.

Escrever nos protocolos se tornou atitude necessária para assegurar a qualidade OSID, e mantêm o compromisso nas atividades e nos processos de encaminhamento, ou seja, é fundamental registrar as atividades em documento específico, para que facilite a entrada dos usuários do CCIDP em outros serviços da rede de saúde. A percepção de quem deve ser encaminhado, e/ou quais situações demandam o encaminhamento deve ser ampliada. Na própria oficina surgem conversas em que é possível destacar possíveis encaminhamentos.

Muitos usuários demandam de outros cuidados que O CCIDP não oferta, daí a importância em manter as conexões com outras instituições e manter os olhos e ouvidos bem abertos para as demandas que surgem nos momentos da aula e no convívio na casa azul.

Nos acolhimentos deste mês, destaca-se o caso da usuária S., filha da usuária V.

A usuária V. veio até o centro, foi acolhida e participou da oficina de violão no dia 11.03.2014. A mesma canta no coral da igreja Batista do Barbalho, é afinada e musical, e a partir desta aula, surgiu a possibilidade em trazer sua filha para também participar das aulas de música.

O acolhimento da filha da usuária V. foi realizado e ela participou da primeira aula. No entanto, seguindo as orientações da administração, menores de idade não poderão realizar as oficinas de música, salvo sob nova orientação da coordenação. Sendo assim, seguindo as diretrizes e protocolos da proposta de trabalho, a usuária S. não mais participará das oficinas.

No dia 18.03.2014 foi realizado encaminhamento da usuária S. para o posto de saúde, e lá, participará das atividades e deverá ser direcionada a outras atividades, como o grupo de adolescentes. Dia 25.03.2014 foi recebida a devolutiva do posto de saúde referenciando a usuária S. a participar das atividades do grupo de adolescentes ofertada pelo CCIDP.

Destaca-se também o acolhimento do usuário A.G. de 77 anos e ex-funcionário da OSID (sic). Acolhimento realizado em 31.03.2014. O usuário revelou que trabalhou como eletricista, durante 5 anos na instituição, mas não se lembra o período. Veio ao centro em busca de informações sobre saúde e se interessou pela oficina ministrada pela Educadora Social Fernanda. Mostrou-se muito religioso, e durante o acolhimento, retirou da carteira a foto de Nossa Senhora e declarou:

— [...] em primeiro lugar Jesus, depois Nossa Senhora e Irmã Dulce.

Revela-se devoto de Irmã Dulce. Comentou que no período em que trabalhava no Hospital Santo Antônio, já auxiliou Irmã Dulce algumas vezes, quando ela passava mal. Relata que já a carregou no colo até seus aposentos, auxiliando enfermeiras e pessoal de apoio. Revelou também que ficava abismado com a força de Irmã Dulce e revelou:

— [...] bastava ela melhorar um pouquinho, que já estava no meio dos mais necessitados [...]

Este depoimento é muito importante, pois revela um ponto de vista de uma pequena parte do cotidiano de Irmã Dulce, sua luta e paixão em amar e servir ao próximo. A Usuária M.E. destaca a importância da música nos trabalhos que realiza.

— [...] A música serve como atividade de recreação e conexão no trabalho [...]

Enfatiza. Esta usuária desenvolve atividades terapêuticas no projeto “Semente”. Assim, a oficina colabora de forma transdisciplinar com o trabalho da usuária M. E., pois transpassa o valor terapêutico, técnico e estético da arte musical e se transforma em ferramenta de trabalho para as atividades desta usuária.

A usuária M.L. desenvolve um trabalho nas igrejas. Ela acompanha com o seu violão as missas e atividades religiosas. Com as oficinas de música ofertadas no CCIDP, ela começa a se desenvolver melhor nas atividades cotidianas. O estudo da música vem colaborando para um melhor desempenho de sua performance. Revela:

— [...] preciso aprender a fazer logo a pestana, tem muitas músicas que tem pestana e com você estou aprendendo [...].

No dia 24.03.2014 foi realizado acolhimento do usuário J.A.P. Apareceu neste centro com a demanda e curiosidade em desenvolver as atividades na oficina de mosaico. Este usuário foi durante muitos anos, profissional de *silkscreen* (pintura através de telas em camisas e tecidos em geral). A partir do acolhimento e das identificações do usuário com as propostas do Centro, viu-se a possibilidade para que este usuário ministrasse sua arte e tecnologia (um minicurso na instituição, como voluntário), para outros usuários do CCIDP.

Seria interessante esta proposta acontecer, pois abre mais possibilidades de protagonismo aos usuários, e colabora para a meta do desenvolvimento de atividades com usuários e a participação da comunidade no CCIDP. Além de que, já surgiu a possibilidade dessa atividade ser ofertada pelo Centro. Assim como o Sr. M., que já articula as atividades do mosaico, este usuário poderia colaborar com o centro, e desenvolver uma atividade, que além de terapêutica, propõe-se à geração de renda.

Outra possibilidade para o usuário J.A.P seria participar das oficinas de pintura. O educador Social Silverino já foi comunicado sobre essa possibilidade, e em 31.03.2014, foi reforçada a informação para o usuário sobre a oficina de pintura. O mesmo mostrou interesse e revelou:

— [...] *será um prazer ajudar nas atividades [...]*

Seria uma boa oportunidade para o usuário compartilhar seus saberes com outros usuários e equipe.

Acredita-se que o desenvolvimento de atividades sociais, educativas, artísticas e redutoras de danos com os usuários no CCIDP possam e devam acontecer também por este caminho, na qual os saberes dos indivíduos que frequentam o Centro, intercambiam entre si. Este dinamismo colabora diretamente para o fortalecimento de processos que contribuem para a subjetividade, para a construção dinâmica de identidades e de possibilidades de protagonismo das pessoas. Ou seja, são atividades socioculturais que apresentam maior abertura e dinamismo em relação ao sistema formal de transmissão de conhecimentos ainda predominante.

Acredita-se que o CCIDP deva criar espaços que acolham as diversas produções dos envolvidos no projeto, como elementos constituintes de sua cultura, traços que não devem ser descartados e sim reconhecidos, podendo ser integrados aos processos de conhecimento e desenvolvimento que se visa promover coletivamente.

Nesta proposta surgem diversas ações que estão sendo implantadas em sala de aula, pois os usuários do serviço normalmente chegam com muitas demandas, não só as demandas pertencentes à oficina, mas, principalmente questões pessoais que acabam por serem discutidas em tempo de aula.

A oficina então perpassa as suas especificidades e ganha o cunho terapêutico tão importante na construção dinâmica das identidades e dos processos de inclusão sócio culturais. São diversas questões que chegam à sala de aula. Os projetos pessoais dos alunos, seus desejos, suas alegrias, angustias e sofrimentos. Situações que acontecem na ordinariedade do dia, e que, de certa forma, precisam ser escoados através do diálogo.

O Usuário J.F. em 18.03.2014, participou da oficina de música e ao final da aula destacou:

— [...] *eu estou muito feliz, feliz mesmo, sempre quis tocar violão. Observava as pessoas tocando nos bares [...], incrível como eu estou conseguindo colocar os acordes, o cérebro da gente é incrível [...]*

A proposta é estar disponível e ofertar uma escuta permanente e atenciosa, e que seja possível interagir com os problemas de forma técnica. Ou seja, ter cuidado e ética na emissão

de ideias e sugestões, mas ao mesmo tempo, estar presente na colaboração em direção à resolução dos conflitos.

No dia 19.03.2014 o usuário M. S. L. participou da oficina e destacou:

— [...] *tentei estudar música em outro lugar, mas era muita teoria [...] aqui eu começo a entender as coisas de forma mais prática [...]*

A usuária M.R.S. participou pela primeira vez da oficina de violão e declarou:

— [...] *Adorei da aula, é bem diferente, achava que aprender violão era só tocar músicas.*

No dia 17.03.2014, houve a articulação institucional e atendimento externo no encontro com a Ong³¹⁶ ACASA (Centro de Educação e Cultura) localizado em frente ao CCIDP. Nesta Ong encontra-se o Original estúdio musical. Neste estúdio está sendo produzido o Cd demonstração do memorial OSID. O Cd consta de 04 (quatro) músicas que representam uma pequena parte do imaginário e memória de Irmã Dulce.

A proposta de gravação destas músicas surgiu pela própria necessidade em expandir a memória de Irmã Dulce, (projeto do Memorial). São temas musicais que pertencem à memória imaterial da instituição, fazem parte de um legado, e o registro destas obras favorece a perpetuação dos valores da instituição.

No dia 17.03.2014, ocorreu a produção das bases das músicas a serem gravadas, e no dia 24.03.2014, ocorreu o encontro com a cantora da OSID, quando foi dada início às gravações. Finalizamos a segunda música “*Alecrim dourado*”, que agora passará pelo processo de edição e mixagem. O próximo encontro será dia 07.04.2014.

Dia 18.03.2014, foi realizada reunião, via telefone, com o líder do setor do meio ambiente da instituição. Nesta reunião articularam-se atividades para a promoção do encontro sócio ambiental cultural, na qual seria discutido o tema: água. Dia 21.03.2014 foi realizado a atividade externa de intervenção sócio artística e bate papo sobre a importância da água em nossas vidas e a importância da utilização da água na instituição. O encontro teve que ser remanejado para outra sala, devido a um choque na programação do auditório da instituição. Discutiram-se as necessidades em economizar a água potável e a ampliação da compreensão do uso adequado da água no dia a dia da instituição. Houve sorteio de um filtro para os presentes.

Na perspectiva em Mapear e articular a rede de serviços intersetoriais no Centro Histórico de Salvador, e devido à insipiente aderência dos usuários em algumas oficinas

³¹⁶ Organização não governamental.

ofertadas pelo Centro, surge neste mês novas propostas de oficinas, ou pelo menos, novas ideias que se apresentem mais atraentes aos usuários.

A oficina de Cinema, intitulada “Cine Centro”, começa a aquecer as manhãs de sábado. A proposta é realizar a exibição de filmes e workshop sobre os temas abordados pelo vídeo. Essa atividade apresenta-se como excelente ferramenta de inclusão sociocultural, com grande valor terapêutico e socioeducativo. Uma atividade transversal que é dinamizada pela interdisciplinaridade dos profissionais e pelo convívio com os usuários.

Além desta atividade, surgiram duas propostas novas. A primeira, um curso de informática básica, e a segunda, um curso de inglês básico. Estas atividades se propõem em desenvolver uma melhor articulação do Centro de Convivência com uma demanda social real e urgente. Além de que, os conteúdos programáticos das oficinas podem estar diretamente relacionados a questões sobre saúde, comunidade, trabalho, arte, rua, etc. Ou seja, oficinas transdisciplinares e transversais, em que os moradores e comunidade do CAS (Centro Antigo de Salvador) poderão desenvolver conhecimentos sobre a saúde coletiva.

Com a transdisciplinariedade em pauta, observa-se que através das propostas e intenções destas oficinas, pode-se também dinamizar ferramentas linguísticas e desenvolver conhecimentos em tecnologia da informação, numa articulação entre os moradores do CAS, o CCIDP e a rede de saúde.

Observa-se que são muitos turistas que a cidade recebe todos os anos, e em especial neste ano de 2014, este número aumentará significativamente devido a Copa do mundo de futebol. Com a implantação dessas oficinas, o CCIDP estaria colaborando para o desenvolvimento do usuário de forma ampliada. A implantação destas oficinas, colaboraria para uma possível comunicação em língua estrangeira, e construção de habilidades na área da internet, tudo isso ligado aos conteúdos da saúde e da cultura.

São propostas para ampliar as ofertas do CCIDP, em que moradores da comunidade, e trabalhadores que vivem no CAS, tenham maiores oportunidades de crescimento cultural, além de aprimorar as relações e encontros com uma demanda real da cidade de Salvador, que é o turismo. Em outras situações, estas oficinas também podem colaborar para auxiliar os comerciantes e guias de turismo, na conversação e informações gerais sobre os centros de saúde, hospitais, postos médicos, postos de polícia, etc.

As oficinas trazem na prática, dinâmicas e movimentos que influenciam no dia a dia das pessoas que vivem no CAS, pois colaboram significativamente para o desenvolvimento sociocultural dos envolvidos.

Para fundamentar a proposta:

Dirce Koga³¹⁷ afirma que “os direcionamentos das políticas públicas estão intrinsecamente vinculados à própria qualidade de vida dos cidadãos. É no embate relacional da política pública entre governo e sociedade que se dará a ratificação ou o combate ao processo de exclusão social em curso. Pensar na política pública a partir do território, exige também um exercício de revista à história, ao cotidiano, ao universo cultural dessa população que vive neste território (...). A perspectiva de totalidade de integração entre os setores para uma efetiva ação pública... vontade política de fazer valer a diversidade e a inter-relação das políticas locais (2013:25).

Nessa vertente o objeto da ação pública, buscando garantir a qualidade de vida da população, extravasa os recortes setoriais em que tradicionalmente se fragmentaram as políticas sociais e em especial a política de assistência social. (BRASIL. 2004).

Existem vários conceitos, já ampliados, sobre saúde. Por um aspecto entende-se que é o estado de normalidade de funcionamento do organismo humano, ou seja, ter saúde é viver com boa disposição física e mental. Ao mesmo tempo, trabalhos científicos e pesquisas indicam que a ideia da saúde como ausência de doença é uma matéria do passado, já que, além da boa disposição do corpo e da mente, a OMS (Organização Mundial da Saúde) inclui na definição de saúde, o bem-estar social entre os indivíduos.

A complexa teia social exige na contemporaneidade novas articulações, por meio das quais a saúde seja pensada como elemento constituinte da própria cultura. O bem-estar, o lazer, e a comunicação saudável entre as pessoas também devem ser compreendidos como aspectos da saúde.

A prática da tolerância, do bom convívio social, as práticas artísticas, a música, o teatro, as artes visuais, são práticas de saúde. Pensar a saúde na cultura não é um mero processo de reconhecer que uma coisa está dentro da outra, mas sim, de relacionar. Relacionar as práticas artísticas e culturais com as práticas da saúde, relacionar a vida com práticas sustentáveis, nas quais surgem processos de cidadania, e promoção sustentável da saúde e cultura.

A antropologia fornece a oportunidade da inversão do olhar, tão necessária neste trabalho. Portanto, numa compreensão ampliada, entende-se que práticas de saúde estão intrinsecamente ligadas às práticas culturais. Por isso é preciso compreender que, práticas culturais também são práticas de saúde e vice-versa. As práticas culturais, principalmente às ligadas à arte, precisam ser cultivadas e apresentadas aos usuários e à comunidade, como práticas de promoção de saúde.

³¹⁷ Dirce Koga é assistente social, doutora em Serviço Social pela PUC/SP e professora do Programa de Mestrado em Políticas Sociais da Universidade Cruzeiro do Sul (SP).

[...] acreditando como Max weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado [...] (GEERTZ, 1989, p. 15).

Refletir na perspectiva da cultura como uma ciência interpretativa à procura do significado, é dialogar constantemente com o cotidiano e com as demandas que aparecem no CCIDP.

Ao observar o cotidiano do trabalho do CCIDP, percebe-se que este centro não é simplesmente um equipamento assistencial, e/ou substitutivo, mas sim, um espaço de articulação com a vida cotidiana. A presença do CCIDP serve como uma ligação entre os usuários e a comunidade, através de diferentes ações realizadas pelos Educadores Sociais, Redutores de Danos, Oficineiros, Coordenação, Liderança e Administração.

As propostas são direcionadas para o desenvolvimento de estratégias de sensibilização dos usuários, para que sejam agentes multiplicadores de ações. A intenção é que o CCIDP além de acolher, possibilite transformações significativas na área afetiva, social, econômica, cultural e espiritual das pessoas, através de ações construtivas e participativas, diminuindo e integrando as diferenças, promovendo a prática de hábitos de saúde através de oficinas multi, inter e transdisciplinares para usuários e para a comunidade local de forma participativa. Assim o CCIDP ampliará suas ações e caminhará na direção da sustentabilidade do projeto, articulando alianças entre comunidade, mercado e poder público.

Orientar o usuário do serviço sobre o autocuidado e sobre os principais agravos a saúde em um Centro de Convívio é uma tarefa que ultrapassa o modelo asilar. É necessária uma ampliação dos sentidos para que seja possível construir programas com base na contemporaneidade dos problemas enfrentados. Ou seja:

[...] entende-se como reinserção social, a reconstrução das perdas e a criação ou o fortalecimento de uma rede de apoio, que promova o resgate da rede social comprometida, capacitando as pessoas para exercerem em sua plenitude o seu direito à cidadania, através de um processo longo, gradativo e dinâmico, onde seja possível a revisão de estigmas sociais estabelecidos [...] (OBID, 2007).

Nessa perspectiva, este Centro pode promover, desenvolver e criar ferramentas que colaborem com a formação integral do sujeito, despertando nele, desejos para uma construção dinâmica da autonomia, e protagonismo social, ampliando os conceitos sobre saúde, cidadania, arte e cultura.

Assim será possível construir uma rede semântica, que colaborará para o processo de desfragmentação de um imaginário social comprometido, principalmente quando se trata do tema de usos e abusos de substâncias psicoativas.

Referências:

BRASIL. Ministério da assistência social/ Coordenação de descentralização: Relatório final dos Encontros Regionais das Comissões Intergestores Bipartites, mimeo, novembro 2003. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/assistenciasocial/arquivo/Politica%20Nacional%20de%20Assistencia%20Social%202013%20PNAS%202004%20e%202013%20NOBSUAS-sem%20marca.pdf>.

BRASIL. Orientações Técnicas: Centro de Referência da Assistência Social –

BRASIL. Política Nacional de Assistência Social. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome/Secretaria Nacional de assistência social. Brasília, 2004.

BRASIL. Portaria nacional de assistência social – PNAS 2004. Norma operacional básica. NOB/SUAS

CASSIRER, E. O Homem animal simbólico. In: SANTOS, M.H.V., LUCAS, A.M.R. Antropologia, sábios e selvagens. Porto: Porto Editora, s.d.

CHAUI, M. S. Ideologia e educação. Educação e Sociedade, São Paulo, n.4, 1980.

CRAS. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. 1 ed. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009.

DAYRELL, Juarez. O Jovem como Sujeito Social. Universidades Federal de Minas Gerais, faculdade de Educação.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um Conceito Antropológico. Rio de Janeiro,

LARROSA, J., LARA, N.P. (orgs.) Imagens do outro. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

OBID. Observatório brasileiro de informações sobre drogas. Reinserção social: definição. Brasília 2007. Disponível em: <<http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/index.php>> Acesso em: 29/03/2014.

Portaria Nº 396 de 07 de julho de 2005. Disponível em: <<http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2005/PT-396.htm>> Acesso em: 29/03/2014

ZAHAR, 1986.

Salvador, março de 2014. Juracy do Amor Cardoso Filho.

31. Relatório CCIDP / Salvador, abril de 2014

Neste mês aconteceram 14 oficinas e 05 atendimentos individuais, 02 articulações institucionais e 03 atividades externa, 01 acolhimento, e 01 encaminhamento interno.

No dia 01.04.2014 foi realizado 02 (dois) atendimentos individuais. Primeiro o usuário O. J. Este Usuário chega à oficina já com alguma experiência ao violão, já toca algumas músicas, mas carece do entendimento técnico, além de necessitar desenvolver o aprendizado na teoria musical.

Este usuário necessita de maior atenção dos profissionais por se tratar de uma pessoa com idade avançada, além de que, ele está frequentando as aulas com mal cheiro e com odor urina. Sendo assim, precisa-se realizar um diagnóstico eficiente para detectar qual o real problema dele. É provável que possua incontinência urinária, mas até o momento não houve possibilidades para uma intervenção neste assunto. Solicito que outro profissional do serviço possa frequentar as oficinas de música, quando o senhor O.J estiver presente, para que se possa realizar uma melhor avaliação do caso, até que se possa efetivar uma intervenção salutar e que de resultados.

Na mesma data foi realizado o atendimento individual do usuário J.D., que chega ao serviço com imensa vontade em aprender violão.

Dia 07/04/2014 foi realizado atendimento individual com a Usuária R. S. que chegou para a oficina de música e trouxe sua filha de 15 anos para conhecer o serviço. No atendimento foi explicado que menores de idade não podem participar das atividades da casa. No momento, a única possibilidade para esta adolescente é ser encaminhada ao posto de saúde e lá ser direcionada para participar da atividade: Grupo de adolescentes, ministrada pelo educador Ozório.

No dia 22.04.2014 foi realizado acolhimento e encaminhamento do usuário R.C. para o serviço social. Este usuário relata forte abuso de Spa's e necessita de cuidados e orientações. No mesmo dia foi realizada oficina de música com a presença de 07 usuários. Neste dia houve a presença de 01 (um) aluno.

Dia 28.04.14 foi realizado atendimento individual com a usuária V.R.L foi abordado tópicos da aula de música, já que em aula a atenção é coletiva, neste atendimento pode-se trabalhar as singularidades da usuária, o jeito de cantar, a impostação vocal, bem como o entendimento da letra, da melodia e do arranjo.

No dia 01.04.2014 foi realizado a primeira oficina de música do mês, com 04 (quatro) participantes no turno matutino e 03 (três) no vespertino. A turma continua muito heterogênea e muitos saberes diferentes e complementares são compartilhados em sala. Com isso, no

momento da aplicação e discussão dos conteúdos, é necessário estar bem atento às demandas dos usuários, às suas dificuldades e dúvidas no entendimento das atividades propostas, bem como às questões que surgem no momento do encontro pedagógico. Em verdade, abre-se um espaço de construção humana, por meio da qual todos os presentes investem o seu tempo em busca de significados e sentidos.

Um olhar diferente, um movimento, um jeito na expressão facial, já são bons indicadores em como desenvolver as propostas das oficinas. Estas expressões são pequenos sinais do entendimento, ou não, do que está sendo discutido em sala. Facilitar e perceber a descoberta do conhecimento pelo usuário, é muito gratificante. Mesmo com as dificuldades em trabalhar com tantas diferenças, ao mesmo tempo, transforma-se num caminho saudável para fortalecer os laços afetivos, pedagógicos e técnicos na oficina.

Cada um possui uma história diferente, as necessidades são diferentes, o tempo de vida é diferente. São muitas escolhas e muitos desafios, em que a paciência e a leveza se tornam ferramentas imprescindíveis para o ensino de música no CCIDP. Além de que, muitas das vezes questões pessoais acabam por escoar em tempo de aula.

O usuário M.S.L. chegou à aula arrasado, pois 03 (três) pessoas de sua família vieram a óbito devido a um acidente automobilístico. Mas mesmo com essa dor, ele veio para a aula. Como articular uma aula com uma demanda dessas? É necessário e fundamental estar atento a tudo que chega aos ouvidos e como reverbera no corpo. Para isso, é importante ter habilidade e sensibilidade profissional para compreender as diversas situações, que fazem parte da vida e saber contorná-las, ou conduzi-las com tranquilidade e segurança.

Após bate papo e acolhimento individualizado, a aula aconteceu normalmente e ao final da aula o usuário revelou:

— [...] *me sinto bem melhor agora, precisava mesmo ter vinda pra aula, distrair um pouco [...]*

São depoimentos como este, que fortalecem e asseguram o valor terapêutico que uma atividade como a oficina de música, possui num centro de convívio. Ou seja, o conhecimento sobre qualquer área do conhecimento, deve se transversalizar e perpassar as questões humanas. Os saberes e as tecnologias aplicadas no CCIDP devem estar a serviço da comunidade, a serviço das pessoas. Devem fundamentalmente promover a melhoria da qualidade de vida das pessoas, devem promover o bem-estar social, cultural, afetivo, emocional e espiritual.

Na oficina de música, a linha imaginária que separa os aspectos técnicos e os aspectos terapêuticos é muito estreita. Toda a atividade é pensada numa articulação simbólica entre usuário, profissional, CCIDP e comunidade. São sentidos que são experienciados, e com isso,

constrói-se modos diversos para se chegar a algum lugar. Seja uma música nova, um acorde, uma melodia, uma levada rítmica, ou um acolhimento, uma escuta, ou um diálogo sem cobranças e sem imposições.

No dia 02.04.14 foi realizado oficina de música com três usuários presentes. O mês de abril começou com a adesão de três novos usuários nas oficinas de música. A demanda tende a aumentar, pois os próprios alunos começam a divulgar o serviço e as turmas começam a crescer. Com essa nova demanda surge a possibilidade em dividir as turmas pelo desenvolvimento dos alunos, ou seja, os mais iniciantes numa turma, e os mais avançados em outra. O número de usuários na oficina cresce a cada dia, fruto também da divulgação boca a boca, que começa a dar resultados.

Dia 08.04.2014, aconteceram 02 (duas) oficinas de música, pela manhã com 05 (cinco) usuários e pela tarde, 06 (seis). Com turmas a partir de cinco usuários, a oficina já se caracteriza como uma atividade de grupo. No tempo da oficina, são mundos diferentes que se encontram e dialogam entre si. Através dos desejos e demandas de cada um, constrói-se um plano pedagógico terapêutico diferenciado, abordando a música, cultura, artes, filosofia, matemática, física, metafísica, metalinguagens, semiótica, química, relações sociais, inter-relações, etc.

Na reunião do dia 02.04.2014 foi discutida a possibilidade em começar os processos de apresentação e discussão dos casos. Esta demanda apareceu devido ao próprio investimento do tempo e do percurso profissional junto aos usuários. Houve um natural investimento nas relações interpessoais protagonizadas na casa azul. Agora começa a existir uma maior intimidade social entre os profissionais e usuários, com isso, surgem possibilidades em aprofundar diversas questões apresentadas através do convívio na casa.

Usuários de outros serviços e projetos da rede de saúde de Salvador começam a aparecer na casa. Eles vêm por demanda espontânea, por encaminhamentos informais e/ou encaminhamentos formais. Paralelo a isso, os profissionais da casa continuam com as saídas institucionais, realizando visitas a projetos, como os Centros de atenção psicossocial, postos e serviços de saúde. Esta atividade pretende divulgar e articular o CCIDP com a comunidade.

Dos muitos direcionamentos tomados em reunião, surgem possibilidades para realização de atividades em campo, junto aos redutores de danos. Foi pensado inicialmente ser realizado o evento e/ou mutirão na Praça da Sé.

Dia 07.04.2014 aconteceu articulação institucional com a ong ACASA, situada em frente ao CCIDP. Ocorreu a gravação da terceira música do Cd para o memorial OSID com a cantora da instituição.

Na reunião do dia 09.04.2014 foi discutido a reformulação dos nomes das oficinas ofertadas, bem como os conteúdos programáticos das mesmas, além das visitas que devem ser realizadas também a centros de cultura do Estado como a Funceb,³¹⁸ o Liceu de artes e ofícios, a Fundação Gregório de Matos, etc.

Dia 14.04.2014 foi finalizado as gravações do Cd memorial OSID, que agora passará pelo processo de edição, mixagem e masterização.

No dia 15.04.2014 foi realizada oficina de música com a presença de 10 (dez) usuários. Infelizmente, devido a greve da polícia militar, a oficina teve que ser interrompida, e agendada para o dia 22.04.2014.

As oficinas estão acontecendo, no entanto, chega o momento da aquisição dos recursos técnicos básicos para a continuidade da oficina e não só isso, mas para a funcionalidade da proposta. Ou seja, agora que a oficina já se estabelece como oferta e ganha um corpo de usuários presentes, surge a necessidade de determinados recursos como: Violões, cadeiras sem braço, estantes de partitura, um amplificador para áudio, livros e cadernos de pauta, lápis, canetas, pastas e se possível, uma estante para guardar os instrumentos e livros.

Muitos usuários chegam à aula com muitas expectativas do que é um ensino de música, ou como se faz para aprender tocar o violão, mas eles chegam em sua maioria sem o instrumento, e como não há violões para todos, de certa forma, acontece um processo de exclusão. Por mais que se compartilhem os instrumentos, é de fundamental importância todos estarem com instrumentos em mãos. É uma questão prática e operacional, que além de viabilizar o processo de ensino e aprendizagem, traz confiança, segurança, e incentiva o usuário a permanecer na oficina, além de divulgar e incentivar, com entusiasmo, às outras pessoas a participarem dessa atividade.

O processo não formal da atividade musical neste centro precisa ser auxiliado pelos recursos técnicos, precisa-se construir e agregar ferramentas metodológicas na qual a aula seja além de informativa e terapêutica, seja também motivacional instigante e que projete o sujeito a ter novas perspectivas.

A proposta é criar um espaço diferenciado, aconchegante e funcional, que seja possível incluir sem excluir, compartilhar sem diminuir.

Em tempo será elaborado um texto com as necessidades específicas básicas e apresentado à coordenação para a aquisição deste instrumental básico.

³¹⁸ Fundação Cultural do Estado da Bahia

Dia 23.04.2014 houve curso de multiplicadores OSID, ofertado pelo memorial Irmã Dulce. Este curso visa fortalecer os laços com a instituição e com a comunidade baiana, brasileira e internacional, através da prática permanente da revitalização da memória de Irmã Dulce.

Neste curso, foi abordada a vida e obra de Irmã Dulce, sua trajetória de luta e amor ao próximo, seus percursos, falas, encontros, situações e acontecimentos marcantes que transformaram a vida de muitas pessoas. Todos os funcionários da instituição deveriam participar deste curso. Foi muito emocionante ouvir toda a história e perceber os colegas do curso com os olhos lacrimejando de tanta emoção. Devido ao curso a oficina de música não pode ser realizada neste dia. Sábado dia 26.04.2014 houve oficina de música com a participação do usuário U.S.G. este usuário vem demonstrando grande interesse pela atividade e tem se desenvolvido bem nas aulas. Este usuário faz parte da oferta da oficina de música aos sábados.

Salvador, abril de 2014. Juracy do Amor Cardoso Filho.

32. Relatório CCIDP / Salvador, maio de 2014

Neste mês aconteceram 06 oficinas com 17 participantes ao total, 04 atendimentos individuais, 02 acolhimentos e 03 atividades externas.

No dia 06.05.2014 foi realizada oficina de música com a presença de 08 (oito) usuários. Nesta oficina aconteceu uma roda de conversa em que todos puderam expor as expectativas sobre o caminho da própria oficina e o percurso no CCIDP. Quais as demandas? Quais desejos? O que esperar de um encontro musical?

Houve muitas falas interessantes, em que foi possível dialogar sobre o andamento das atividades. Destacam-se algumas falas: O usuário A.F:

— [...] *eu moro em cajazeiras e estou aqui, preciso lhe dizer mais? As aulas me ajudam no meu trabalho de evangelização que já realizo na igreja. É muito bom estar aqui. [...].*

A usuária R.S. destacou:

— [...] *é muito interessante ter a oportunidade em aprender e criar. Vamos fazer uma oficina de composição? Que vocês acham? Eu tenho várias músicas e quero compor mais [...].*

Em outros encontros aconteceram os seguintes relatos. A usuária V.R.L.:

— [...] *adoro cantar, quero cantar. Você sabe... Adoro a língua italiana, cantar músicas em italiano é maravilhoso [...].*

A usuária V.O. relatou:

— [...] *eu já canto na igreja, e quero muito poder tocar violão. Vamos continuar com o violão, claro, além de cantar [...].*

O usuário A.C. disse:

— [...] *estou na gestação da música, como você sabe minha praia é a escrita, na música nem cheguei a nascer ainda, eu estou na barriga, mas a pedagogia é ótima, com seu jeito holístico, hindu, indiano [...] (sic).*

Observa-se nestes relatos o dinamismo de possibilidades e o alcance que as oficinas de música têm nas suas infinitas formas de acontecer. São muitas expectativas que são construídas com o grupo e a partir do grupo, numa comunhão de saberes que proporcionam demandas bem diferentes. Exatamente a partir das diferenças que surgem em sala, é que acontece um rico encontro de histórias de vidas, que cruzam em um encontro musical e sócio pedagógico.

Através de exercícios de respiração, relaxamento, alongamento e técnica vocal, conteúdos sobre história da música e da arte, conhecimentos sobre harmonia, melodia e ritmo aplicados ao canto, ao violão e ao corpo, através de descobertas sobre andamentos, texturas,

formas, arranjos, e através de implicações sobre educação, cultura e diversidade, constrói-se cotidianamente bons momentos de convívio sócio musical.

Operacionalizar em grupo as diversas questões inerentes à oficina, ou questões que aparecem por vias diferentes, torna-se fundamental para o sucesso das atividades em andamento. A escuta se faz necessária, e por muitas vezes há a necessidade em se programar atendimentos individuais.

Como as propostas pedagógicas são construídas em grupo, as trocas entre facilitador e aluno, ganham outro nível, pois se cria um vínculo maior e com significado real. O trabalho fica mais eficiente, menos complexo, objetivo e prazeroso.

As músicas que os alunos trazem para a aula, os desejos, e as descobertas, facilitam todo o trabalho, além de que, com o olhar e ouvidos atentos, pode-se também ofertar outros conteúdos que se reverberam, apoiam-se e transversalizam-se nos desejos dos alunos. Isso demonstra que é necessário existir um processo de simbiose e vínculo entre educador e educando. Sendo a escuta e a troca de saberes um aspecto fundamental.

Essa abordagem metodológica, e essa prática de convívio estão subsidiadas pela psicologia social de Pichon Rivière:

[...] A aprendizagem centrada nos processos grupais coloca em evidência a possibilidade de uma nova elaboração de conhecimento, de integração e de questionamentos acerca de si e dos outros. A aprendizagem é um processo contínuo em que comunicação e interação são indissociáveis, na medida em que aprendemos a partir da relação com os outros. [...] (BASTOS, Psicólogo informação. Ano 14, nº 14 jan. /dez. 2010).³¹⁹

Para Pichon:

[...] O objeto de formação [...] deve instrumentar o sujeito para uma prática de transformação de si, dos outros e do contexto em que estão inseridos. Implica ainda que [...] aprendizagem é sinônimo de mudança, na medida em que deve haver uma relação dialética entre sujeito e objeto e não uma visão unilateral, estereotipada e cristalizada [...].³²⁰

Através desta prática é possível perceber que aprender em grupo é alcançar uma leitura crítica da realidade, através de numa busca investigatória, com abertura para novas dúvidas e inquietações.

³¹⁹ Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PINFOR/article/viewFile/2348/2334>.

³²⁰ (BASTOS, 2010).

O sujeito contextualizado a partir das suas interações constantes entre a sua estrutura social e sua vida psíquica, são as bases dos estudos da psicologia social. Essa trama acontece como uma espécie de jogo simbólico repleto de sentidos, por meio da qual desponta uma contradição interna, pois o sujeito precisa:

[...] pra satisfazer suas necessidades, entrar em contato com o outro, vincular-se a ele e interagir com o mundo externo. Deste sistema de relações vinculares emerge o sujeito, sujeito predominantemente social, inserido numa cultura, numa trama complexa, por meio da qual internalizará vínculos e relações sociais que vão constituir seu psiquismo [...]. (BASTOS, 2010).

Dia 06.05.2014 o usuário J.D. apareceu à oficina bem arrumado, com a barba e cabelo aparado, e muito mais atento na sala de aula. Este usuário quando começou as atividades, apareceu em sala de aula muito desorganizado. Possuía um aspecto de sujeira, além de ficar muito disperso na atividade. Hoje se verifica mudanças reais e positivas. Acredita-se que a oficina de música tem exercido um valor terapêutico de enorme importância. É um lugar para vir, e se comprometer como ser atuante e sujeito da situação. O usuário relatou em aula:

— [...] *estou me sentindo bem melhor, me sinto mais vivo!*

Dia 07.05.2014 houve atendimento individual do usuário L.C.M. Ele é usuário do CAPS Gregório de Matos e faz uso de Spa's. Revela que atualmente faz o programa de redução de danos, que é fotógrafo, gosta do violão, faz faculdade e está muito animado com a nova fase da vida. L.C.M. já participa da oficina de música e se demonstra bem interessado em desenvolver a música.

Dia 12.05.2014 foi realizado atendimento individual com o usuário U.S.G. este veio tirar dúvidas sobre os conteúdos da oficina de música. Nesta oportunidade os assuntos foram novamente aplicados e houve um reforço nas questões técnicas acerca do instrumento.

Em reunião no dia 07.05.2014 dentre outros deferimentos, ficou acordado em Ata, que se iniciaria a discussão dos casos. Houve um levantamento dos usuários e chegou-se a conclusão para iniciar o trabalho com a apresentação do caso do usuário A.C.C. devido às questões apresentadas através dos documentos institucionais: relato de acolhimento e evoluções.

Após eleito o caso, foi deferido em reunião e solicitado aos educadores Juracy, Elaine e Daniele que preparassem o caso. No dia 12.05.2014 houve a preparação do material para apresentação de caso no CCIDP e dia 13.05.2014 foi realizado atendimento individual com o usuário A.C.C. no sentido em aprofundar as questões pertinentes para apresentação do caso.

Vale ressaltar que este movimento é de extrema importância para o desenvolvimento das ações na casa azul. É muito importante manter as discussões dos casos em dia, para que todos os profissionais do CCIDP tomem conhecimento de quem realmente são estes usuários. Quais seus sofrimentos? Quais demandas? A partir das discussões encontrar-se-á caminhos saudáveis para viabilizar as resoluções e possíveis encaminhamentos dos usuários para os serviços da rede de saúde. No entanto, ainda não houve a possibilidade para apresentação de casos no CCIDP.

Atenta-se que, para uma melhor articulação e contextualização do trabalho e da prática do convívio que se pretende estabelecer, torna-se necessário por em pauta de reunião os casos da casa Azul. Muitos usuários frequentadores da casa estão passando por situações delicadas e sofrimentos passíveis de intervenção profissional. O CCIDP cumpre com sua característica em promover o convívio, mas acredita-se que seja de extrema importância dialogar em equipe sobre as pessoas que fazem parte do processo de convívio.

Quem realmente são essas pessoas? Qual histórico? O que o CCIDP pode fazer no sentido em possibilitar transformação salutar desse indivíduo?

Urge adentrar nas discussões de caso, pois assim, elaborar-se-á um verdadeiro panorama dos usuários, um mapa crítico dos frequentadores da casa, além dos que já são atendidos na rua.

Ao pensar neste mapa semântico, surge uma nova proposta a ser discutida com a equipe, que é a de também desenvolver um acolhimento escrito dos usuários que são atendidos na rua.

Mesmo sabendo da velocidade e dinamismo que a rua apresenta, quando surgir uma possibilidade, é interessante traçar os perfis destes usuários atendidos em documento para uma futura avaliação, discussão e evolução dos casos. Que assim como os da casa, também devem ser discutidos. Ou seja, o usuário que é atendido na rua, também é passível, possível e recomendado que se faça um relato de acolhimento, e que este seja apresentado aos outros profissionais para discussão clínica.

Sendo assim, a proposta é que sendo o usuário frequentador da casa, ou atendido na rua pela equipe de redutores de danos, faz-se necessário à equipe, conhecer quem são essas pessoas, quem realmente são os usuários atendidos na totalidade pelo programa do CCIDP.

Em tempo, é sabido da importância e necessidade em cumprir as metas estabelecidas para este projeto, e mesmo com as dificuldades pertinentes ao trabalho, está acontecendo uma bela transformação social graças ao comprometimento dos educadores sociais, dos técnicos do programa PRD, da coordenação, administração e da liderança. Todos estes esforços têm

fortalecido os cumprimentos destas metas e objetivos, e com fé, amor e perseverança este projeto ainda tornar-se-á referência e modelo para replicação em todo o território nacional.

Dia 05 e 06.05.2014 houve ensaio com os músicos do memorial OSID para evento realizado nos dias 09 e 13.05.2014, no refeitório do hospital Santo Antônio (em comemoração ao dia das mães) e no memorial ACM, em função das comemorações pelo centenário de Irmã Dulce, respectivamente. Estas atividades fortalecem os direcionamentos que a OSID propõe para o fortalecimento da instituição como um todo.

As atividades socioculturais desenvolvem os aspectos subjetivos e dinamizam as pessoas como sujeitos atuantes, protagonistas na vida social, além de que colaboram eficientemente no fortalecimento do sentimento de grupo.

No dia 09.05.2014 a apresentação no refeitório da OSID foi gratificante. Todos os funcionários da instituição que foram almoçar tiveram a oportunidade em ouvir os temas que fazem parte da memória imaterial de Irmã Dulce. Foi uma grande comemoração ao dia das mães. No dia 12.05.2014 houve ensaio com a cantora da OSID, para apresentação no dia 13.05, no memorial ACM. A apresentação no Memorial ACM foi muito interessante. Teve a participação de autoridades e foi revelado pelo prefeito ACM Neto a disponibilização de uma verba para reforma da área no entorno do Hospital Santo Antônio.

Referencias:

BASTOS, A. B. B. Interações e desenvolvimento no contexto social da creche à luz de Henri Wallon. 1995. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

BASTOS, A. B. B. A escuta psicanalítica e a educação. Revista Psicólogo inFormação, São Bernardo do Campo, ano 13, n. 13, p. 91-98. Jan /dez. 2009.

Salvador, maio de 2014. Juracy do Amor Cardoso Filho.

33. Relatório CCIDP / Salvador, agosto de 2014

Neste mês aconteceram 08 oficinas com 34 participantes ao total, 11 atendimentos individuais, 02 acolhimentos e 06 atividades externas.

Nos dias 06.08 e 14.08.2014 aconteceu o Bazar de ideias. Na primeira data com a palestrante Lilia e na segunda com o funcionário da OSID o psicólogo Ricardo (CATA). O Bazar de ideias surge como evento importante para a construção de saberes e tecnologias que poderão ser aplicadas no trabalho e nas atividades externas do CCIDP, principalmente nas atividades do programa de redução de danos.

Em 11.08.2014 foi feita articulação com Jorge Oliveira do CER-4 (OSID) para um próximo Bazar de ideias. O foco desta palestra seria sustentabilidade, saúde mental e meio ambiente. A proposta desencadeia um esboço de projeto a ser estruturado em breve: A OSID (re) conhece a OSID. Ou seja, a proposta seria uma articulação interna, na qual os profissionais da instituição possam vir ao CCIDP e apresentar suas tecnologias no cuidado com o próximo, e como o trabalho de cada profissional é desenvolvido dentro da própria empresa.

Jorge Oliveira, por exemplo, trabalha há mais de 20 anos na instituição e tem vasta experiência no manejo de hortas e plantas, atrelado aos cuidados com pessoas com necessidades especiais e problemas mentais. A articulação intra-institucional é de grande valor, pois fortalece a associação como um todo, cria novas perspectivas de trabalho e colabora para a construção de novos referenciais dentro da instituição. Esta dinâmica propõe ainda um processo gradativo de valorização e reconhecimento profissional, além de ampliar conteúdos e conhecimentos sobre temas diversos.

Dia 06.08.2014 ocorreu atendimento individual da usuária S.G. quando foi possível dialogar sobre as atividades da casa e sobre o retorno das atividades musicais no CCIDP. Neste mesmo dia, ocorreu também o atendimento individual do usuário J.A. Este usuário veio participar da oficina de música e demonstrou bastante interesse em aprender violão. Vale ressaltar que o mesmo participou do bazar de ideias no período da manhã e pela tarde, após o atendimento individual, participou da oficina de música com mais 02 usuários. Muito entusiasmado revelou:

— [...] *agora eu vou aprender a tocar, agora sim!*

No dia 11.08.2014 ocorreu o acolhimento da usuária M.C.B. No momento do acolhimento foi possível conversar e dialogar sobre as necessidades da usuária, suas perspectivas e interesses no convívio no CCIDP. A mesma matriculou-se na atividade de mosaico. Neste mesmo dia, no período vespertino, ocorreu o acolhimento da usuária B.M.S. A usuária procurou o CCIDP em busca de tratamento para tabagismo e depressão. Houve muita

conversa acerca dos temas, e no momento do acolhimento, foi possível apresentar a ela algumas técnicas de redução de danos para o uso abusivo de tabaco, além de dicas saudáveis para a melhoria da qualidade de vida.

Como esta usuária é uma fumante compulsiva há mais de 40 anos, a técnica aplicada foi a perspectiva de uma construção de um programa de administração do tempo, ou seja, criar a consciência de quantos cigarros fuma por dia. Qual o intervalo em horas ou minutos entre um cigarro e outro? Qual o momento do dia que tem mais fissura em fumar? Com essas informações cria-se um plano estratégico de redução do uso. Para os sintomas de depressão, foi abordado sobre a necessidade de movimentar o corpo, visitar amigos e realizar atividades em que a usuária possa se sentir útil, ativa e consciente, protagonista das ações.

No dia 12.08.2014 aconteceu atendimento individual com o usuário O.D.J. Neste atendimento o usuário trouxe a demanda em estudar violão em atendimento individual, já que o mesmo frequentava o grupo, mas não estava conseguindo se desenvolver. Neste atendimento foi abordado conteúdos da oficina de música e trabalharam-se principalmente as questões rítmicas. E de acordo com a nova escala de trabalho, foi marcado atendimento e reservado horário todas as segundas a partir das 10h. Neste mesmo dia aconteceu a oficina de música com a presença de 01 usuário.

No dia 13.08.14 não houve a oficina de música, devido aos participantes terem chegado em horários alternados, mas para viabilizar o andamento do trabalho, foram realizados atendimentos individuais, nos quais foram abordados os conteúdos da oficina. Foram atendidos os usuários V.O.B, que veio certificar-se dos horários e planejamentos da oficina, além de explorar conteúdos já abordados em sala.

Em seguida o usuário M.S.L. que também retorna às aulas após um pequeno afastamento, pois o mesmo se encontrava ausente devido estar residindo em bairro distante. Agora se mudou para o bairro Caminho de Areia e retornará às atividades musicais no CCIDP. (sic)

Neste mesmo dia ocorreu atendimento da usuária R.S. A mesma trouxe dúvidas em relação a utilização de um aparelho de DVD Karaokê para práticas musicais.

Dia 18.08.14 foi realizado atendimento individual com o usuário O.J. e posteriormente com o usuário M.S.L. Nestes atendimentos foram abordados conteúdos da oficina de música, como: dedilhados, levadas rítmicas, acordes, articulação das mãos no braço do instrumento, noções de intervalo e percepção musical. Em geral, os usuários começam a retornar às atividades da oficina de música.

Nas reuniões de equipe realizadas sempre às quartas feiras, já é possível discutir os casos, ou pelo menos, já surge um início de um esboço de apresentação de casos.

Ainda sem um formato definido e conduzido muito pelas observações e vivências de cada educador com cada usuário em questão, as discussões de casos vêm ganhando espaço nas reuniões, vide a real necessidade em expandir os conhecimentos sobre cada usuário, com a perspectiva em melhorar os vínculos e proporcionar ao cidadão/usuário uma melhor articulação com a rede de saúde. Esta dinâmica facilita e amplia os objetivos do CCIDP em colaborar para melhorias significativas das pessoas atendidas.

Discutir os casos é dialogar sobre o convívio, e essa dinâmica faz com que todo o corpo técnico do CCIDP possa aprender com esses sujeitos e ajudá-los em seu trajeto, localizando neles elementos que permitam certos cálculos na direção de seu tratamento, dicas de caminhos que possam favorecer a melhoria da qualidade de vida dos mesmos.

De certa forma o CCIDP é fruto do movimento nacional da reforma psiquiátrica, iniciada no final da década de 70, momento em que começou a se estruturar um modelo substitutivo, que agora se pode chamar em “rede aberta de serviços de complexidade diversificada”.³²¹ Esta rede se propõe em acompanhar o usuário em sua trajetória histórica e clínica, com vistas a sua inserção sócio familiar. Portanto, trabalhar neste Centro de Convivência se torna um desafio cotidiano, pois se faz necessário interagir, compartilhar, conviver, articular e facilitar a vida das pessoas que buscam ajuda na rede de saúde pública.

Originalmente os Centros de Convivência foram concebidos, segundo LOBOSQUE e ABOUYD (1998), para desenvolverem um trabalho que transgrida o mero tecnicismo ainda presente em tantas concepções da área da saúde mental. O CCIDP ao mesmo tempo colabora para construir novas perspectivas e novos termos nas relações entre cultura, arte e saúde. O CCIDP aos poucos vai se tornando um espaço de produção artística e cultural, que transpassa todos os modelos substitutivos presentes na rede de saúde atual.

Portanto, a implantação e a efetivação das discussões de caso no CCIDP colaborarão para o desenvolvimento de projetos que criação de metodologias inovadoras acerca do convívio e dos processos de ensino-aprendizagem, e tudo isso com foco no sujeito protagonista das suas ações.

Criar é fundamental. É preciso produzir, viver e se relacionar. Neste sentido se torna interessante fomentar a prática das discussões de caso para a produção, e busca de possíveis acertos e resoluções acerca de cada usuário.

³²¹ Disponível em: <http://www.psicolatina.org/Cinco/reforma.html>

[...] A metodologia de estudos de caso é uma excelente maneira de trazer uma abordagem holística e interativa para o ensino e a aprendizagem (FEAGIN, ORUME SJOBERG, 1991). Sua principal vantagem é adotar uma abordagem orientada para perguntas e não baseada em soluções. Um caso apresenta a pergunta em contexto específico que frequentemente envolve conflito ou a necessidade de reconciliar ou equilibrar muitas variáveis [...].³²² (GRAHAM 2010).

Em prática, será a partir das discussões técnicas que tornar-se-á possível conhecer melhor as pessoas que frequentam o CCIDP. Este processo facilitará também a capacitação da equipe para a elaboração de novas ofertas, atrelado ao uso de estudos de caso como ferramenta metodológica, bem como a construção de um ambiente saudável para o convívio. “Um dos principais benefícios da abordagem de estudos de caso é estimular o diálogo e o conflito em busca da solução”.³²³

O tempo não para, e a cada dia novas pessoas chegam até a casa azul, sendo assim, a prática da discussão dos casos é muito importante, pois o CCIDP poderá evoluir e ampliar os conhecimentos sobre os usuários, e possibilitará construir uma rede semântica repleta de símbolos sobre cada usuário em questão, ampliando os sentidos e percepções sobre cada um. Dia 13.08.2014 aconteceu missa em homenagem a Irmã Dulce.

[...] A arte é peculiar na cultura porque costuma nascer das brechas, do descontínuo, ali onde se estende a uniformidade. Todavia, esse rasgo no uniforme não a impede de fazer registrar-se no social, criando outros laços, formas e dizeres. Uma reconstrução pode seguir-se ao corte, que não consiste em cerzi-lo nem denegar seus traços: este não é um exercício de arte? O louco, que porta a marca de uma ruptura psíquica, encontra na produção artística novas manobras de produzir-se, ao mesmo tempo que inicia sua reinscrição na cultura (LOBOSQUE e ABOUYD, 1998, p. 255-256) [...].

A oficina de cinema surge como exemplo factual da importância das artes neste centro. No dia 16.08 foi realizada a oficina de cinema, e foi exibido o filme *Avatar*. Após o filme houve uma roda de conversa, em que foi possível ouvir as falas dos usuários do serviço. Muitas falas descreveram as sensações perpassadas pelo filme, principalmente o espírito de união, solidariedade, e sobre a atitude de não desistir nunca dos seus sonhos e ideais. Nesta oficina foram realizados três atendimentos individuais com os respectivos usuários: R.G, J.M, A.V.

³²² ENAP Estudos de Caso: Como escrever e usar estudos de caso para ensino e aprendizagem no setor público. Andrew Graham. Pg. 37. 2010. Brasília. Disponível em: http://casoteca.enap.gov.br/attachments/article/4/Separatta_cap3.pdf

³²³ Idem, pg. 52

No dia 23.08.14 aconteceu mais uma oficina de cinema, com o filme: *De Volta para o Futuro*. Participaram desta oficina 04 usuários. Após o filme foi possível dialogar numa roda de conversa os assuntos perpassados no filme. Foi interessante perceber a descontração e alegria dos usuários ao ver o filme, muitas risadas aconteceram na sessão e a atividade foi satisfatória.

Acredita-se que a oficina de cinema tem se demonstrado uma excelente ferramenta metodológica para a prática do convívio, pois além de ser uma atividade coletiva, ela agrega as pessoas e expande os conhecimentos acerca da cultura e da arte.

Dia 20.08.14 aconteceu a oficina de saúde, na qual foram abordados temas importantes nos cuidados da saúde do homem. Foram exibidos filmes educativos sobre saúde, dentre os quais, destaca-se o curta que abordou técnicas de ressuscitamento através de massagem cardíaca. Foram vídeos explicativos e educativos, que trouxeram ao público do CCIDP conhecimentos específicos sobre saúde. Participaram desta atividade 04 usuários. Todos eles puderam praticar as técnicas apresentadas pelo vídeo e assim ganharam conhecimentos específicos e de grande utilidade pública. Nesta mesma data ocorreu a oficina de música com a presença de 03 usuários.

Dia 25.08.14 aconteceu oficina de música com o usuário O. J. Trabalhou-se o sistema CAGED de cinco posições no braço do instrumento, além de audição de músicas e estudo teórico musical.

Dia 26.08.14 foi realizada oficina de música com a presença de 02 usuárias. Nesta oficina foi possível dialogar sobre a importância do estudo individual e da proximidade com o instrumento.

Dia 25.08 foi articulado junto ao educador social Fernando Martins a oficina Dois dedos de prosa. A oficina aconteceu no Largo de Santo Antônio, onde houve o atendimento de 16 usuários. Nesta oficina foi possível realizar aferimento de pressão, vivenciar práticas musicais, além de uma roda de conversa sobre cuidados com a saúde e redução de danos. Nos dias 11,12,19 e 21.08.14 aconteceram os ensaios para a apresentação do programa OSID profissional destaque. A interação entre as equipes foi intensa e o resultado final apresentado no dia 22.08 foi maravilhoso. Como já esperado, aconteceu uma linda festa na área verde do CER-4, onde ocorreu a premiação do profissional destaque OSID.

Referencias:

LAURENT, Eric (1999). “O analista cidadão”. *Curinga*. Belo Horizonte, EBP/MG, n. 13, set., p. 12-19.

LOBOSQUE, Ana Marta (2003). “Clínica em movimento: o cotidiano de um serviço substitutivo em Saúde Mental”. *Clínica em movimento: por uma sociedade sem manicômios*. Rio de Janeiro, Garamond, p. 17-40.

LOBOSQUE, Ana Marta e ABOUYD, Míriam (1998). “A cidade e a loucura: entrelaces”. CAMPOS, César Rodrigues (org.). *Sistema Único de Saúde em Belo Horizonte: reescrevendo o público*. São Paulo, Xamã, p. 243-264.

Salvador, agosto de 2014. Juracy do Amor Cardoso Filho.

34. Relatório CCIDP / Salvador, setembro de 2014

Nos dias 03.09.2014 aconteceu o Bazar de ideias. O palestrante Mestre Timbó trouxe para os presentes uma vivência intensa da capoeira na vida cotidiana, e como a capoeira pode influenciar e modificar a vida das pessoas. Muitas histórias foram reveladas, desde o trabalho realizado com idosos, bem como com pessoas com maiores necessidades ou necessidades especiais. Mestre Timbó caracteriza perfeitamente o entrançamento, ou melhor, a tessitura que compreende a cultura popular, e a erudita. O dia a dia vivendo para a capoeira e como ele mesmo diz:

— [...] vivo para a capoeira, mas também preciso viver da capoeira [...]

Revela a necessidade em ser valorizado financeiramente e explicita em como a capoeira, assim como a música está presente na vida das pessoas.

Dia 02.09.2014 ocorreu acolhimento da usuária K.L. quando foi possível dialogar sobre as atividades da casa e ouvir seu relato de vida, suas angústias e sofrimentos. A usuária chega até a casa por curiosidade e também por necessidade em melhorar a qualidade de vida.

No dia 03 09.2014 aconteceu atendimento individual com o usuário L.M. Neste atendimento o usuário solicitou atendimento para aula de música. Discutiu-se sobre os horários e conteúdos musicais. Foi apresentado pelo usuário ao educador livros de música. No momento do atendimento foi possível aplicar exercícios, com base nos livros apresentados e foi marcado horário específico para os futuros atendimentos, pois o mesmo faz faculdade e deseja conciliar o horário para participar das oficinas.

Neste mês a agenda de escala foi modificada, ampliando as ofertas de serviços e possibilitando tanto aos educadores, quanto aos usuários, uma melhor articulação e aproveitamento do tempo. Esta alteração traz uma perspectiva em melhorar os vínculos e proporcionar ao cidadão/usuário uma melhor articulação com o CCIDP. Este processo facilita e amplia os objetivos do centro em colaborar para melhorias significativas das pessoas atendidas.

Em 02.09.2014, ocorreu Oficina de música com a presença de 02 usuários. Nesta atividade foi possível dialogar sobre aspectos técnicos da música e sobre técnicas de respiração e relaxamento. Nesta oficina apareceu um novo usuário, muito animado após a aula revelou:

— [...] estou muito feliz, que bom ter aula de música aqui”

Salvador, setembro de 2014. Juracy do Amor Cardoso Filho.

ANEXO B — Letras das músicas do Cd do Programa Corra pro Abraço

01. Sou a rua

(Composição coletiva – Praça das Mãos)

Sou a rua, morador de rua!
Aprenda a viver na rua, a verdade é nua e crua
Sou a rua, morador de rua
Aprenda a viver na rua, a verdade é nua e crua
Moro na rua mas sou cidadão, batalho todo dia pra ganhar o pão
Não sou delinquente, vivo honestamente
Não olho pra trás, irmão.
Sigo em frente
Sou a rua, morador de rua!
Aprenda a viver na rua, a verdade é nua e crua
Sou a rua, morador de rua
Aprenda a viver na rua, a verdade é nua e crua
Moro na rua, tô no sofrimento
A união prevalece apesar do relento
Tenho fé em Deus, sigo no talento
Que Deus nos ajude a viver bons momentos
Sou a rua, morador de rua!
Aprenda a viver na rua, a verdade é nua e crua
Sou a rua, morador de rua
Aprenda a viver na rua, a verdade é nua e crua.

02. Canto a vida

(Anat3lio Cruz P3ton)

Vista camisinha Vista camisinha
Proteja preciosa e a sua malandrinha
Sem camisa eu n3o vou...
N3o vou, n3o vou, n3o vou N3o vou, n3o vou
Aids pega mais que resfriado
IST n3o combina com amor
Prevenir 3 o tema combinado
Canto a vida sem terror
Prevenir 3 o tema combinado
Pra fazer amor
Amor, amor, amor, amor, amor
A vida 3 bela
3 preciso ter cuidado.

03. Tributo a Salvador

(Ribeiro D' Vinllen`s)

Samba pra eu te amar
Me chama que eu vou
Vou conhecer a cidade de Salvador
Baixa de Quintas, brilhou o sol
Ali viveu o campeão Popó
Filho do saudoso Senhor Babinha
E de Dona Zuleica
A eterna rainha
Jorge, Zélia Gattai
Escritores afamados, amados
Jamais se viu
Caetano, Gilberto Gil
É Bahia, Salvador, é Brasil
De Amaralina ao Marechal
Vem meu amor
Vem vê que é carnaval
Do Campo Grande à Praça da Sé
Vem meu amor
Vem vê como é que é
Olha o Forte Santa Maria
Bem ao lado o farol
Olha o Forte de São Pedro
Protegendo esta nação
Este Gueto
Bahia, ô Bahia
Bahia, capital São Salvador.

04. Um gesto de amor³²⁴

(Jedilson dos Santos)

Um gesto de amor eu sei
Revela quando o Programa passar
É lindo! Você vai ver
Eu vejo quando o Corra chegar
Será que a emoção vai aguentar
Você se chega num lugar
Que a atividade vai começar
E é só você se aproximar
Que essa vontade vai
Vai, vai , vai ,vai
Mas quando o Corra chegar é pra você ficar colado em mim

³²⁴ Gravamos essa música, no entanto, ela não foi disponibilizada no link do *youtube*, pois depois que o Corra mandou pensar a primeira edição do disco, percebemos que Jedilson dos Santos, interlocutor, compositor e participante do disco, neste caso, fez uma paródia/releitura/adaptação da música: Colado no chiclete, do Álbum Tabuleiro Musical, 2007, da banda Chiclete com Banana. Por questões de direitos autorais e talvez possível acusação de plágio, o Programa Corra pro Abraço decidiu não veicular essa gravação.

Ô, ô, ô, ô, ô
Na Bahia desse jeito você vai ter que viver assim
Ô, ô, ô, ô, ô
Venha logo pode crer que vai ser muito legal
Ô, ô, ô, ô, ô
Meu irmão chegue mais perto, pois eu quero te abraçar.

05. Vacilão

(Composição coletiva – Corra juventude Itinga)

Pense atitude, bote o dread na cabeça
Use a consciência curta o reggae não se esqueça
A mente pensa mais...
A mente pensa mais... thururururu
Não seja vacilão
Bote o livro na mão
Joga fora o treizoitão
Bote essa ideia na cabeça, não se esqueça. Thururururu
A gente está no mundo cheio de terror
Vamos transformar em amor
A gente está no mundo cheio de terror
Vamos transformar em amor
Tudo que é ruim temos que dispensar irmão
A vida é feita de opção
Tudo que é ruim temos que dispensar irmão
Não pisa na bola não
Tudo que é ruim temos que dispensar irmão
E andar com deus no coração.

06. Um dom

(Cledson Braga Santos)

Esse é o som, escuta só o tom
Não sei se é rap, nem funk ou hip hop
Mas eu só seeeei
Que essa composição, formada foi
Exatamente para todos nós participantes, dessa união do Corra
Um grupo histórial
As famílias da Pracinha, e aí?
Aquidabã tudo é! Também Ebal
Pela Porco, Mares, Também a Baixa do Fiscal
E nós chegamos para multiplicar, para somar e não diminuir
No meio da rua nasce (nossa) história.
Não diga que você não tem mais nada a perder, hã?
Porque ainda existe um dom dentro de você!
Não diga que você não tem mais nada a perder, hã?
Porque ainda existe um dom dentro de você!
Receba um abraço de um órgão federal

Ele só quer ver você com um som musical
Um dom teatral, ele quer mudar você
Te fazer profissional com um som musical
E um dom teatral, isso é sensacional
Vamos todos juntos num dom teatral.

07. A cultura está em nós

(Jedilson dos Santos)

A cultura está em nós, ruuuá
Ela mostra o que é! Ruuuá
É bom, é verdade que nós é cultura, ruuuá
É liberdade é amor, ôôô
É que estamos todos prontos iguais ao exército rá!
Cultural e também social
É que estamos todos prontos iguais ao exército rá!
Cultural e também social
É por isso que estamos no Corra pro Abraço
Um programa sensacional ô lálálá
Agora vá lá, áá, se orientar áá
Agora vá lá, áá, auto ajudar, áá

08. Maloqueiro não

(Composição coletiva – Joilson Oliveira e Praça das Maões)

Maloqueiro não! Pegue a visão
Maloqueiro não! Pegue a visão
Sou ser humano, com direito, alma e coração
Sou ser humano, com direito, alma e coração
Irmandade da fé, donos da casa sem bloco
Na família do sereno o problema é nosso
Maloqueiro não! Pegue a visão
Maloqueiro não! Pegue a visão
Sou ser humano, com direito, alma e coração
Sou ser humano, com direito, alma e coração
Gente faminta de moradia trabalho e justiça
Gente oprimida pelo preconceito e pela polícia
Maloqueiro não! Pegue a visão
Maloqueiro não! Pegue a visão
Sou ser humano, com direito, alma e coração
Sou ser humano, com direito, alma e coração.

09. Correria³²⁵

(Composição coletiva)

A maloca aqui do Corra
São sempre os guerreiros
Sai na correria, para ganhar o seu dinheiro
A maloca aqui do Corra
São sempre as guerreiras
Sai na correria, para ganhar o seu dinheiro
Com bala de 1 real ou reciclar latinha
Subo e desço do buzu, fazendo a correria
Vou cedo para a feira pra pegar a batatinha
Esse é meu corre pra ajudar minha família
A maloca aqui do Corra
São sempre os guerreiros
Sai na correria, para ganhar o seu dinheiro
A maloca aqui do Corra
São sempre os guerreiros
Sai na correria, para ganhar o seu dinheiro
Saio bem cedo procurando uma faxina
Fortalece o pão e minha cidadania
Eu sou mecânico e faço hora extra
Trabalho desde cedo, concerto motocicleta
A maloca aqui do Corra
São sempre os guerreiros
Sai na correria, para ganhar o seu dinheiro
A maloca aqui do Corra
São sempre os guerreiros
Sai na correria, para ganhar o seu dinheiro
Acordo bem cedo e saio do trabalho
Subo pro Pelô, pra olhar os meus carros
E é lá, que eu ganho um cascalho
Mas minha profissão é carpinteiro e faço armário
A maloca aqui do Corra
São sempre os guerreiros
Sai na correria, para ganhar o seu dinheiro
A maloca aqui do Corra
São sempre os guerreiros
Sai na correria, para ganhar o seu dinheiro.

³²⁵ Trabalhamos essa música em diversos encontros na sede do Programa Corra pro Abraço, no entanto, ela não entrou no disco pela associação com o apelido do Governador do Estado da Bahia, Rui Costa, que é/era chamado de “Rui Correria”. No dia 26 de janeiro de 2017, Bruno Dauster, na época Secretário da Casa Civil do Governo da Bahia, em entrevista à Rádio Metrópole, associou o apelido “Rui Correria”, com a celeridade com que ele tenta cumprir as metas do governo. Com todo esse burburinho, a música “Correria”, poderia, de certa forma, ser/estar associada a imagem do governador. Como o Programa Corra pro Abraço é um Programa do Governo do Estado da Bahia, a música não fez parte do fonograma “Outros caminhos são possíveis”.

ANEXO C — Cartas de apresentação



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA ESCOLA DE MÚSICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

Rua Araújo Pinho, 58 – Canela

E-mail: ppgmus@ufba.br

Tel– 3283-7904

40110-150- Salvador/Bahia

Salvador, 09 de outubro de 2017.

À coordenação geral do Programa Corra pro Abraço, Jamile Carvalho

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Venho, por meio desta, apresentar o doutorando e pesquisador Juracy do Amor Cardoso Filho, RG 0569051061 e CPF 88635325591, devidamente matriculado na Universidade Federal da Bahia, no curso de doutorado em música deste Programa, sob a matrícula nº 2106124221. O seu projeto de atividade: “Música (in) visível: Pessoas e sonoridades excluídas”, pretende ser realizado junto ao projeto Corra pro Abraço, como contrapartida social e engajada de sua pesquisa de doutorado sobre práticas musicais de pessoas em situação de rua e exclusão social que vem sendo desenvolvida sob minha orientação, desde o seu ingresso no referido Programa em 2016. Ressalto ainda que o doutorando é bolsista CAPES, estando impossibilitado de manter vínculo empregatício, portanto, sua atividade será oferecida gratuitamente sem nenhum ônus para vossa instituição.

Me coloco ao dispor para qualquer informação adicional.

Atenciosamente,

Profª Dra. Laila Andresa C. Rosa

Musicista e Dra em Etnomusicologia Profª Adjunta da Escola de Música/ Programa de Pós-Graduação em Música - PPGMUS UFBA Programa de Pós-Graduação em Estudos sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – PPGNEIM/UFBA Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher - NEIM/UFBA Coordenadora da Feminaria Musical: grupo de pesquisa e experimentos sonoros (NEIM/UFBA) Colaboradora do grupo de pesquisa: Gênero, Corpo e Música (UFGRS) Tels. (71) 99957-68431 emails: lailarosamusica@gmail.com ou larosa@ufba.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE MÚSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

Rua Araújo Pinho, 58 – Canela

e-mail: ppgmus@ufba.br

Tel– 3283-7904

40110-150- Salvador/Bahia

Salvador, 09 de outubro de 2017

À coordenação geral do Movimento População de Rua, Maria Sueli

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Venho, por meio desta, apresentar o doutorando e pesquisador Juracy do Amor Cardoso Filho, RG 0569051061 e CPF 88635325591, devidamente matriculado na Universidade Federal da Bahia, no curso de doutorado em música deste Programa, sob a matrícula nº 2106124221. O seu projeto de atividade: “Música (in) visível: Pessoas e sonoridades excluídas”, pretende ser realizado junto ao Movimento da População de Rua, como contrapartida social e engajada de sua pesquisa de doutorado sobre práticas musicais de pessoas em situação de rua e exclusão social que vem sendo desenvolvida sob minha orientação, desde o seu ingresso no referido Programa em 2016. Ressalto ainda que o doutorando é bolsista CAPES, estando impossibilitado de manter vínculo empregatício, portanto, sua atividade será oferecida gratuitamente sem nenhum ônus para vossa instituição.

Me coloco ao dispor para qualquer informação adicional.

Atenciosamente,

Profa Dra. Laila Andresa C. Rosa

Musicista e Dra em Etnomusicologia Profa Adjunta da Escola de Música/ Programa de Pós-Graduação em Música - PPGMUS UFBA Programa de Pós-Graduação em Estudos sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – PPGNEIM/UFBA Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher - NEIM/UFBA Coordenadora da Feminaria Musical: grupo de pesquisa e experimentos sonoros (NEIM/UFBA) Colaboradora do grupo de pesquisa: Gênero, Corpo e Música (UFGRS) Tels. (71) 99957-68431 e-mails: lailarosamusica@gmail.com.

ANEXO D — Código de ética da ABA³²⁶

CÓDIGO DE ÉTICA DO ANTROPÓLOGO E DA ANTROPÓLOGA

Criado na Gestão 1986/1988 e alterado na gestão 2011/2012.

Constituem direitos dos antropólogos e das antropólogas, enquanto pesquisadores e pesquisadoras:

1. Direito ao pleno exercício da pesquisa, livre de qualquer tipo de censura no que diga respeito ao tema, à metodologia e ao objeto da investigação.
2. Direito de acesso às populações e às fontes com as quais o/a pesquisador/a precisa trabalhar.
3. Direito de preservar informações confidenciais.
4. Direito de autoria do trabalho antropológico, mesmo quando o trabalho constitua encomenda de organismos públicos ou privados.
5. O direito de autoria implica o direito de publicação e divulgação do resultado de seu trabalho.
6. Direito de autoria e proteção contra o plágio.
7. Os direitos dos antropólogos devem estar subordinados aos direitos das populações que são objeto de pesquisa e têm como contrapartida as responsabilidades inerentes ao exercício da atividade científica.

Constituem direitos das populações que são objeto de pesquisa a serem respeitados pelos antropólogos e antropólogas:

1. Direito de ser informadas sobre a natureza da pesquisa.
2. Direito de recusar-se a participar de uma pesquisa.
3. Direito de preservação de sua intimidade, de acordo com seus padrões culturais.
4. Garantia de que a colaboração prestada à investigação não seja utilizada com o intuito de prejudicar o grupo investigado.
5. Direito de acesso aos resultados da investigação.
6. Direito de autoria e coautoria das populações sobre sua própria produção cultural.
7. Direito de ter seus códigos culturais respeitados e serem informadas, através de várias formas sobre o significado do consentimento informado em pesquisas realizadas no campo da saúde.

Constituem responsabilidades dos antropólogos e das antropólogas:

1. Oferecer informações objetivas sobre suas qualificações profissionais e a de seus colegas sempre que for necessário para o trabalho a ser executado.
2. Na elaboração do trabalho, não omitir informações relevantes, a não ser nos casos previstos anteriormente.
3. Realizar o trabalho dentro dos cânones de objetividade e rigor inerentes à prática científica.

³²⁶ Disponível em: <http://www.portal.abant.org.br/index.php/codigo-de-etica>. Acesso em 18/07/2017.

ANEXO E — Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)

Meu nome é Juracy do Amor Cardoso Filho, sou estudante no programa de pós-graduação em Música da Universidade Federal da Bahia, sob a matrícula nº 2106124221 no Doutorado em Música/Etnomusicologia, sob orientação da Professora Dra Laila Rosa. Estou convidando você a participar de uma pesquisa sobre música e exclusão social, intitulada: “Música (in) visível: Pessoas e sonoridades excluídas”. A sua Participação neste estudo é voluntária. Estou interessado em investigar e descrever através de uma etnografia musical colaborativa, engajada e participativa, como se configuram as práticas musicais de grupos excluídos socialmente, sejam pessoas em situação/contexto de rua, usuários de drogas, e pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social. Desejo aprofundar conhecimentos sobre as relações de interação entre a linguagem musical e o cotidiano dessas pessoas, investigar os modos de construção de conhecimentos, além de observar e descrever as práticas musicais realizadas nas instituições selecionadas para estudo de campo, O trabalho final será em formato de tese acadêmica, registro fonográfico, registro áudio visual, livro, seriado, filme, programa, entrevista, reportagem, e/ou outros formatos disponíveis. Lhe convido para compartilhar o seu conhecimento. Eu e minha equipe precisamos usar um gravador de áudio digital e câmera de vídeo e fotos a fim de preservar os dados obtidos na pesquisa. A duração da pesquisa levará aproximadamente dois anos. Caso deseje, você tem a opção em omitir qualquer informação identificável para esta pesquisa. Você também tem a opção em criar um nome ou me permitir usar o seu nome, que irá identificá-lo pessoalmente. Os riscos em você participar neste estudo é que você pode ter algum desconforto falando sobre certas experiências ou ideias para mim, portanto, compartilhe apenas o que você está confortável em compartilhar. A vantagem em participar nesta pesquisa é que ele fornece um espaço seguro para que você possa compartilhar suas experiências e conhecimentos com outras pessoas. Se você não quiser participar, você tem o direito de recusar a participar, sem penalidade. Caso deseje, abaixo encontra-se o termo de autorização para participar da pesquisa “Música (in) visível: Pessoas e sonoridades excluídas”. Dúvidas e esclarecimentos: (71) 999699918 / doamor@msn.com.

ANEXO F — Termo de autorização do uso de imagem, voz e som

Eu, abaixo assinado e identificado, **Autorizo** expressamente ao pesquisador **Juracy do Amor Cardoso Filho**, CPF: 88635325591, a utilizar e veicular minha imagem, voz, sons e demais características físicas, e os dados e registros de campo obtidos e captados durante a pesquisa: Música (in) visível: Pessoas e sonoridades excluídas. Eu tenho tem pleno conhecimento quanto ao formato e características da pesquisa e nada tenho a opor à pesquisa. Tenho ciência que toda a sua pesquisa acadêmica será transmitida para qualquer território em formato de tese acadêmica, registro fonográfico, registro áudio visual, livro, seriado, filme, programa, entrevista, reportagem, e/ou outros formatos disponíveis, em qualquer uma das modalidades de comunicação ao público. A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, *vídeos* e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, “home video”, DVD (“digital video disc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo. Esta autorização é concedida a título gratuito, por tempo indeterminado, nada sendo devido ao autorizante por Juracy do Amor Cardoso Filho ou por quaisquer terceiros, ainda que parceiros, e/ou associados.

Sim eu autorizo minha participação na pesquisa, mas desejo omitir meu nome no trabalho final

Sim eu autorizo minha participação na pesquisa e veiculação do meu nome no trabalho final

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

_____, _____ de _____ de _____

Nome: _____

RG: _____ CPF: _____ Telefone: _____

Endereço: _____

Assinatura: _____

Profissão: _____

ANEXO G — Parecer da comissão de ética do PPGMUS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA ESCOLA DE MÚSICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA Comissão de Ética

Parecer 2/2017

Referente:

Projeto: Música (in) visível: Pessoas e sonoridades excluídas

Juracy do Amor Cardoso Filho (doutorando – pesquisador)

Laila Andresa Cavalcante Rosa (orientadora)

Instituições envolvidas: Movimento de População de Rua/ Programa Corra pro Abraço

Parecer da Comissão de Ética do PPGMUS

A comissão, composta pelos professores José Maurício Brandão, Flávia Candusso e Angela Lühning, fez uma análise detalhada da documentação encaminhado, composta pelo projeto em si, um protótipo do questionário a ser aplicado no decorrer da pesquisa e o TCLE, ressaltando os seguintes pontos:

A pesquisa proposta por Juracy do Amor Cardoso Filho sob a orientação da Professora Laila Andresa Cavalcante Rosa, será realizada durante o doutorado, realizado no Programa de Pós-Graduação em Música, na área de Etnomusicologia. Trata-se de uma etnografia sobre práticas musicais de pessoas que se encontram em situação/contexto de rua, de exclusão e vulnerabilidade social em Salvador, Bahia, Brasil. Ela pretende investigar o papel da música e das práticas musicais na construção de uma reflexão crítica a respeito das situações vivenciadas, contribuindo desta maneira para o aumento da autoestima de pessoas em situação/contexto de rua em Salvador, contando com parcerias de instituições que dialogam diretamente com o público alvo, o Movimento de População de Rua e o Programa Corra pro Abraço. Pretende ainda demonstrar como práticas musicais se tornam atividades imprescindíveis no dia a dia de uma população em vulnerabilidade social e como o fazer musical pode atuar como ferramenta auxiliar na busca e aumento da atenção e concentração, pode fomentar mudanças de comportamento, ampliar sensibilidades, permitir novos conhecimentos, proporcionar a crítica social e ideias, diálogos e perspectivas diferentes. Além disso, as práticas musicais podem ser compreendidas como práticas redutoras de danos e de resolução de conflitos, que instigam o trabalho coletivo, o bem-estar e lazer. A pesquisa conta com a aprovação das pessoas e dos profissionais envolvidos em ambos os campos e visa contribuir para a compreensão do processo de utilização de repertórios musicais diversos no atendimento e no trabalho de reconstrução de autoestima e valorização pessoal. Os

procedimentos da pesquisa estão bem explicitados e detalhados a partir do processo metodológico e da bibliografia detalhada.

No nosso entender o projeto proposto não configura uma pesquisa nas áreas da saúde/ ciências biológicas/ médicas *stricto sensu*, apenas tangenciando-as, por lidar com questões de bem-estar social e físico, embora não na área clínica, mas no contexto sociocultural, não propondo ou prevendo nenhum tipo de procedimento invasivo. Pelo contrário, pretende-se compreender os processos de valorização de conhecimentos e práticas culturais/musicais e a busca de uma melhora condições de vida, constituindo, assim, procedimentos bem diferentes dos casos típicos de pesquisas na área médica.

Ressaltamos que entendemos que a presente pesquisa, mesmo envolvendo seres humanos e seus hábitos socioculturais, o que aparentemente a torna susceptível às normas vigentes na área de saúde que concentra os códigos de ética que regulam os procedimentos em relação aos seres humanos, deve ser vista de forma diferenciada. Para isso lembramos que a área de ciências humanas/ sociais há tempo está buscando ampliar os conceitos vigentes, inicialmente constituído pela resolução 196/1996 que regula procedimentos **em** seres humanos (no sentido de algum tipo de intervenção, testes com remédios, tratamentos invasivos ou não etc.). Ao contrário, a antropologia e outras áreas de humanas e artes entendem que existem outros formatos e propósitos de pesquisas que realizam pesquisas **com** seres humanos enquanto seres sociais, o que leva a outros entendimentos e procedimentos, posteriormente destacados pela resolução 466/2012 que levaram, finalmente a Resolução nº 510/2016 que reconhece as especificidades da área de humanas, nas quais a área de artes também se enquadra.

A partir deste raciocínio, ressaltamos que a pesquisa de Juracy do Amor está situada neste campo mais sócio cultural das pesquisas com seres humanos e, portanto, a nosso ver, se enquadra nas recentes discussões lideradas pela Associação de Antropologia – ABA - e outras associações, o que levou a já mencionada resolução 510/2016. Neste sentido aprovamos a pesquisa submetida à comissão, destacando que não oferece risco à integridade das pessoas que dela participam. Acreditamos que os resultados do trabalho certamente serão de grande importância para os estudos sobre música, envolvendo pessoas invisibilizadas como a população em situação de rua.

Atenciosamente.

Angela Luhning

José Maurício Brandão

Flávia Candusso

Salvador, 05 de abril de 2017.

ANEXO H — Sumário Executivo da pesquisa Cartografia dos desejos e direitos: Quem são as pessoas em situação de rua, afinal?

Para ter acesso ao Sumário Executivo da pesquisa Cartografia dos desejos e direitos, acesse o link ou fotografe o QR code:

http://www.projetoaxe.org/brasil/wp-content/uploads/2020/09/carvalho-santana-pereira-e-vezdek_2017_sumario-executivo-etapa-2-_pesq.-cartografias-dos-desejos-e-direitos.pdf.



**ANEXO I — Nota técnica - População em situação de rua em tempos de pandemia:
um levantamento de medidas municipais emergenciais**

Para ter acesso a nota técnica do IPEA, acesse o link ou fotografe o QR code:

https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200610_nt_74_diset.pdf



ANEXO J — Manifesto sobre as mortes das pessoas em situação de rua na pandemia em Salvador



MOVIMENTO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA - BAHIA

MANIFESTO SOBRE AS MORTES DAS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA PANDEMIA EM SALVADOR

O Movimento Nacional da População em Situação de Rua/Ba, vem através deste documento manifestar sua indignação frente às mortes no contexto da Pandemia, dos/as companheiros e companheiras em situação de rua em Salvador. Afirmamos que para além do Coronavírus, essas mortes são cheias de estigmas, preconceitos, discriminação, violações de direitos que já eram vivenciadas pelo povo da rua e foram agravadas neste período.

Queremos averiguação quanto a assistência dada ao companheiro Everaldo (que veio a óbito dentro de uma unidade de acolhimento) e agora nossa companheira Assucena (mulher trans, negra, que faleceu em uma UPA na Cidade Baixa) ambos/as representados/as por este movimento, por serem pessoas em situação de rua.

Cobramos ao Município e ao Estado o registro de mortes de pessoas em situação de rua com COVID-19, entendemos que esses dados precisam se tornar visíveis a toda a sociedade, para que as cobranças sejam feitas ao governo e ele cumpra a sua responsabilidade em atuar no sentido de conter a disseminação do Coronavírus entre as pessoas em situação de rua, porque são os mais prejudicados/as neste contexto e porque não possuem recursos para cumprir as recomendações sanitárias indicadas nos protocolos Nacionais, Estaduais e Municipais, e não conseguimos “ficar em casa” de modo a garantir o isolamento em condições de salubridade, porque “não temos casa” e o isolamento que nos é ofertado, é coletivo e não previne o contágio.

Solicitamos a intervenção imediata dos órgãos de justiça: Ministério Público, Defensoria Pública, no sentido de acompanhar estes fatos e na adoção de providências para que, com a justificativa da pandemia, não ocorram mais violações de direitos humanos da população em situação de rua, como estão ocorrendo. **“Vidas negras importam e as vidas nas ruas também”!**

04 de Julho de 2020.

Coordenação Nacional do MNPR-BA

Maria Sueli Sobral Oliveira.

ANEXO K — Cartografias dos Desejos e dos Direitos: Mapeamento e Contagem da População em Situação de Rua na Cidade do Salvador, Bahia, Brasil.

Para ter acesso ao Mapeamento e Contagem da População em Situação de Rua na Cidade do Salvador/Ba, acesse o link ou fotografe o QR code:

http://www.projetoaxe.org/brasil/wp-content/uploads/2020/09/carvalho-santana-e-vezdek_2017_sum%C3%A1rio-executivo-etapa-1-_pesquisa-cartografias-dos-desejos.pdf.



ANEXO L — Fotos

Figura 4. Oficina de música na sede do Movimento de População de Rua.



Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 5. Alcides Ribeiro D' Vinllen's praticando o violão.



Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 6. Descontração na antiga sede do Programa Corra pro Abraço.



Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 7. Dia de oficina de música da sede do Movimento de População de Rua.



Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 8. Oficina de música no Movimento de População de Rua, Salvador/Ba.



Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 9. Evandro de Jesus Messias da Silva, praticando músicas no violão.



Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 10. Praticando música na antiga sede do Programa Corra pro Abraço.



Fonte: Foto beneficiário do Corra.

Figura 11. Dia de oficina de masculinidades na sede do Programa Corra pro Abraço.



Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 12. Evento promovido pelo Corra pro Abraço no Campo da Pólvora, Salvador/Ba.



Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 13. Dia de oficina de música na sede do MPR.



Foto: Sr. Edson da Silva (um dos líderes do MPR).

Figura 14. Dia de gravação no estúdio do Ilê Aiyê, Salvador/Ba.



Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 15. Momentos da gravação do disco do Programa Corra pro Abraço.



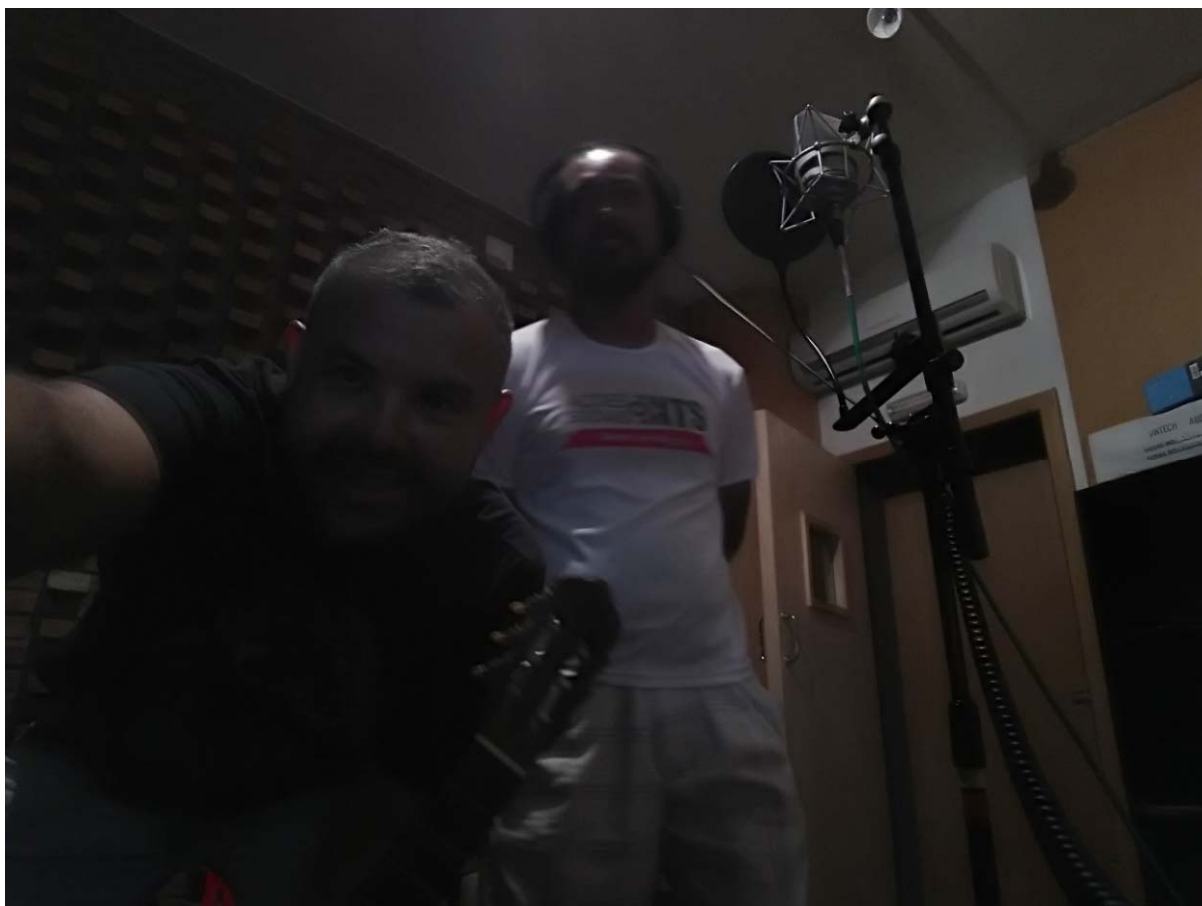
Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 16. Dainho Xequerê e os músicos do disco “Outros caminhos são possíveis”.



Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 17. Juracy do Amor e Jedilson dos Santos no estúdio do Ilê Aiyê.



Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 18. Músicos e compositores do disco “Outros caminhos são possíveis”.



Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 19. Práticas musicais na sede do Programa Corra pro Abraço.



Fonte: Foto beneficiário do Programa Corra pro Abraço.

Figura 20. Dia de oficina de música na sede do Programa Corra pro Abraço.



Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 21. Alongando o corpo nas oficinas de música, na sede do MPR.



Fonte: Foto da assessoria de comunicação do MPR.

Figura 22. Dia de oficina de música na sede do MPR.



Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 23. Cledson Braga Santos ensaiando sua composição na sede do Corra.



Foto: Beneficiário do Programa Corra pro Abraço.

Figura 24. Zeferino Pereira Nascimento e Juracy do Amor.



Fonte: Foto Juracy do Amor.

Figura 25. Movimentando o corpo nas oficinas de música, na sede do MPR.



Fonte: Foto da assessoria de comunicação do MPR.

Figura 26. Apresentando o violão nas oficinas de música, na sede do MPR.



Fonte: Foto da assessoria de comunicação do MPR.

Figura 27. Apresentando a escala musical nas oficinas de música na sede do MPR.



Fonte: Foto da assessoria de comunicação do MPR.

Figura 28. Oficinas de música na sede do MPR.



Fonte: Foto da assessoria de comunicação do MPR.

Figura 29. Violão e bandeira do MPR.



Fonte: Foto da assessoria de comunicação do MPR.

Figura 30. Maria Lúcia Pereira dos Santos.



Fonte: Foto da assessoria de comunicação do MPR.

ANEXO M — Autor

Brasileiro, baiano, pai, músico, educador, etnomusicólogo, compositor, redutor de danos, pesquisador, produtor, diretor musical e consultor. Graduação em Música, UCSAL, Pós-Graduação em Metodologia do Ensino Superior, Olga Mettig, Mestre em Educação Musical e Doutor em Música/Etnomusicologia, UFBA, com estágio no Centro de Estudos Superiores do México e Centroamérica - CESMECA, San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México. Professor do IF Baiano - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano e colaborador do Movimento de População de Rua de Salvador/Ba. Vencedor do prêmio nacional de estímulo à produção crítica em artes, FUNARTE, 2008. Publicou um capítulo no Livro: La Música y los Mitos - Investigaciones Etnomusicológicas, México, 2018. Como compositor foi finalista entre as 50 músicas do Festival da Rádio Educadora/Ba, nas edições: 2005, 2008, 2011, 2019. É membro do Circo Picolino, Fulanas Cia. de Circo e Feminária Musical - Grupo de pesquisa, ativismo feminista e experimentos sonoros.

Afiliação institucional:

UFBA — Universidade Federal da Bahia.

IF Baiano — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano.

E-mail: doamor@msn.com

Esta tese teve apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Fundação CAPES e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IF BAIANO.